

«Uma história de heroísmo e coragem durante a invasão soviética da Ucrânia na Segunda Guerra Mundial.»

KRISTIN HANNAH, autora *bestseller* de *O Rouxinol*

O ÚLTIMO VALE VERDE

MARK
SULLIVAN

Autor do *bestseller* #1 *Sob um Céu Escarlate*


cultura



“

Tenta ver a beleza de cada crueldade.

Isso liberta-te. Perdoa a mágoa, se quiseres curar um coração partido. Tenta ser grata por cada revés ou tragédia, porque, ao sobreviver a cada um deles, tornas-te mais forte.

o último vale verde

o último vale verde

mark sullivan

tradução de francisco silva pereira

TÍTULO ORIGINAL: *The Last Green Valley*

This edition is made possible under a license arrangement
originating with Amazon Publishing, www.apub.com,
in collaboration with Sandra Bruna Agencia Literaria.
Text copyright © 2021 by Suspense Inc

© Cultura Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

TÍTULO: *O Último Vale Verde*

AUTORIA: Mark Sullivan

TRADUÇÃO: Francisco Silva Pereira

REVISÃO: Paula Caetano

PAGINAÇÃO: Maria João Gomes

ADAPTAÇÃO DE CAPA: Ana Gaspar Pinto

DESIGN DE CAPA: Shasti O'Leary Soudant

FOTOGRAFIA DE AUTOR: Elizabeth Sullivan

ISBN: 978-989-9096-33-2

1.ª EDIÇÃO EM PAPEL: abril de 2022

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

Cultura Editora é uma chancela



*Para todos os refugiados agradecidos,
que todos os dias renovam esta nação.*

Com amor no coração,
não há nada que não possamos superar.

CHEN YENG

Prefácio

Diziam-me que nunca voltaria a encontrar outra história da Segunda Guerra Mundial ainda por contar como a de Pino Lella, o herói e base do meu romance histórico *Sob Um Céu Escarlate*. Todavia, eu acreditava sinceramente que sim e ia prestando muita atenção às dezenas de cartas e propostas que recebia de pessoas que me contavam outras histórias daquele período.

A seu modo, todas elas eram incrivelmente interessantes. Mas nenhuma correspondia aos meus critérios — que a história subjacente teria de ser inerentemente comovente, inspiradora e potencialmente transformadora para mim e, como tal, para os leitores.

Então, em novembro de 2017, fui convidado a falar sobre Pino no Rotary Club da minha cidade natal, Bozeman, Montana. Um dentista reformado procurou-me depois, para me contar uma história que um dos habitantes locais lhe relatara. E despertou imediatamente a minha atenção.

Dois dias depois, inseri o endereço do homem no meu GPS e vi que ficava a menos de três quilómetros do meu. Quanto mais me aproximava, mais estranho me sentia e não fazia a mínima ideia do porquê. Só quando entrei no acesso da casa dele e saí do carro é que percebi que não estava a mais de duzentos metros da casa onde ouvira pela primeira vez a história de Pino Lella, quase onze anos antes. Aquela história mudara a minha vida.

Dirigi-me à porta, bati e a minha vida mudou novamente.

Quinze minutos depois de ouvir os pormenores da história da família Martel, eu estava mais do que interessado. Passadas duas horas, acreditava ter uma história para contar que seria uma digna sucessora daquela que inspirara *Sob Um Céu Escarlate*. E ouvira-a no mesmo pequeno bairro onde ouvira pela primeira vez a história de Pino. Quais eram as probabilidades?

Durante os quinze meses que se seguiram àquele primeiro encontro, entrevistei sobreviventes, investiguei e viajei até locais críticos da história, incluindo as ruínas de uma casa de quinta abandonada no extremo oeste rural da Ucrâ-

nia. De lá, reconstituí a perigosa e impressionante viagem de uma jovem família de refugiados em fuga para oeste, numa carroça puxada por dois cavalos, dando por si muitas vezes presa entre os exércitos alemães em retirada e os soviéticos que avançavam no caótico ano final da Segunda Guerra Mundial.

Segui o trajeto dos Martel pelas atuais Moldávia, Roménia, Hungria, República Checa e Polónia, onde o percurso se dividia: um continuando para oeste e o outro infletindo mais de 1700 quilómetros para leste, até ao antigo local de um letal campo de prisioneiros de guerra soviético, situado nos sombrios escombros do pós-guerra, perto da fronteira ucraniana com a Bielorrússia.

Ao longo do caminho, entrevistei participantes e testemunhas oculares de *A Longa Marcha*, bem como historiadores do Holocausto, militares e refugiados, que me ajudaram a compreender o contexto em que a história dos Martel se desenrolou e porquê. Também ouvi gravações de pessoas há muito mortas, descrevendo a sua provação, e não pude deixar de sentir admiração pela coragem, humanidade e presença de espírito que revelaram perante desafios e probabilidades aparentemente inultrapassáveis.

Embora eu tivesse todo aquele entendimento e informação quando me sentei para escrever este livro, havia lacunas na história que não eram completamente explicadas pelo material limitado no qual teria de confiar.

Para preencher essas lacunas, vi-me forçado a recorrer às minhas próprias suspeitas e imaginação, para dar vida à história de um modo mais completo. O que o leitor está prestes a ler, como tal, não se trata de uma não-ficção narrativa, mas de ficção histórica baseada numa história extraordinária da Segunda Guerra Mundial e do seu rescaldo.

Enquanto termino este romance, o mundo encontra-se mergulhado na crise de um século, e o caminho a seguir parece tão perigoso e obscuro como deve ter parecido aos Martel quando iniciaram a sua viagem. Tenho como sonho que a história deles proporcione conforto e coragem aos aflitos e uma melhor compreensão do que as pessoas conseguem suportar e alcançar, mesmo quando tudo parece perdido.

PRIMEIRA PARTE

A Longa Marcha

Capítulo Um

Fim de março de 1944

Governo-Geral da Transnístria, Roménia

Um vento frio soprava na claridade do alvorecer. Bombas ecoavam a norte e a leste. O troar da guerra aproximava-se a cada minuto que passava.

Adeline Martel, de vinte e oito anos, saiu com dificuldade pela porta da cozinha, embrulhada nas suas pesadas roupas de inverno e carregando um caixote cheio de utensílios de cozinha, tendo como destino uma carroça coberta e atrelada a dois cavalos de tiro, que se encontrava diante da sua modesta casa na remota e minúscula aldeia rural de Friedenstal.

Um *Panzer* alemão danificado passou por ela, a tinir e chocalhar na luz da madrugada, desassossegando os cavalos. Camiões cheios de soldados alemães feridos enfileiravam-se atrás do tanque. Adeline ainda conseguia ouvir-lhes os gritos e o sofrimento torturado muito depois de terem passado, assim como conseguia ver mais camiões e mais carroças puxadas por cavalos e mulas vindos de leste, recortados contra o sol que nascia em pano de fundo.

— Mamã! — chamou o seu filho mais novo, Wilhelm, que saíra a correr pela porta das traseiras, atrás dela.

— Agora não, Will — disse-lhe Adeline, ofegante quando chegou à traseira da grande carroça em forma de «V», com oleados esticados sobre uma estrutura de madeira, de forma a criar uma cobertura protetora.

— Mas preciso de saber se posso levar isto — disse o pequeno de quatro anos e meio, mostrando-lhe uma pedra, um dos seus bens mais preciosos.

— Traz antes o teu gorro de lã — disse ela, enquanto encontrava espaço para o caixote juntamente com um outro que continha pratos, chávenas e assadeiras, ao lado de um terceiro que acomodava tachos de barro com farinha, fermento, sal, pimenta, banha de porco e outros bens essenciais para a sobrevivência da família.

Emil apareceu vindo do outro lado da casa, carregando uma barrica com tampa.

— Quanto? — perguntou-lhe ela.

— Oito quilos de carne de porco seca. Dez quilos de carne de vaca seca.

— Deixei espaço para isso aqui atrás.

Um outro tanque passou ruidosamente, enquanto o marido dela, quatro anos mais velho, gemia e içava a pequena barrica para a traseira e começava a amarrá-la ao lado da carroça.

— Vou buscar todas as cebolas e batatas à adega — disse ela. — A roupa de cama já está arrumada.

— Vou encher com água o odre grande — disse ele, antes de outra bomba rebentar a nordeste.

Waldemar, o filho mais velho, de seis anos e meio, saiu de trás da casa, a puxar uma pequena réplica da carroça maior, tendo a dele cerca de um metro de comprimento e os mesmos lados e traseira subidos, bem como os mesmos eixos e rodas de madeira com folha de estanho pregada nas bordas.

— Lindo menino, Walt — disse Adeline, apontando para a carroça. — Vou precisar dela. — Agarrou no cabo e virou a pequena carroça. — Venham atrás de mim, rapidinho. Preciso da vossa ajuda.

Os pequenos seguiram-na até à cave e ajudaram-na a desenterrar freneticamente a reserva de batatas, cebolas e beterrabas. Em seguida, transferiram-nas para a pequena carroça e apressaram-se a regressar para junto da maior. Havia agora mais camiões e veículos blindados alemães danificados na estrada e dezenas de carroças cobertas e cavalos, todos rumo a oeste, todos a tentar fugir dos exércitos de Estaline, que estavam novamente ao ataque.

O ar tresandava a bosta de cavalo, fumo de escape, gasolina derramada e seres humanos em esforço. O barulho, o vento frio que significava a aproximação de uma tempestade, a mistura nauseante de cheiros e o nervosismo dos cavalos, tudo conspirava para deixar Adeline ainda mais ansiosa, enquanto carregavam o recheio da cave em sacas de serapilheira, isto ao mesmo tempo que Emil amarrava uma grande bexiga de borracha cheia de água ao lado da carroça, juntamente com o balde do poço.

Acima e vários quilómetros a sul, um caça alemão passou a rugir, cuspidendo fumo dos motores.

— Mamã — disse Walt —, não gosto destes barulhos todos.

— É por isso que nos vamos embora — disse Emil, enquanto carregava as sacas de serapilheira na grande carroça, olhando depois com irritação para Adeline. — Deveríamos ter-nos posto a andar com os meus pais.

— Não estávamos prontos para partir com os teus pais às quatro da manhã e, como sempre, eles não quiseram esperar por nós — disse ela, bruscamente. — E...

— E, o quê?

Ela viu passar outro tanque, aproximou-se do marido e acrescentou baixinho:

— Tens a certeza, Emil? Fugirmos assim, com os nazis?

Emil respondeu-lhe num sussurro:

— Podemos ficar e esperar pelo urso que sabemos que vai matar-nos, ou violar-te a ti e matar-me a mim e aos pequenos, ou prender-nos a todos na Sibéria. Ou podemos fugir com os lobos que hão de proteger-nos, até que possamos fugir para oeste. Fugir da guerra. Fugir de tudo.

Três dias antes, um oficial alemão da SS batera-lhes à porta e oferecera-lhes proteção, se reunissem os seus pertences e partissem para oeste. Depois daquela visita, eles tinham discutido durante várias horas. Agora, Adeline olhava para ele, ainda agitada com a decisão, mas a sentir o que sempre sentia pelo marido: flutuações de humor e silêncios à parte, ele não era apenas um bom homem; era um homem experiente, um lutador e um sobrevivente.

— Muito bem — disse ela. — Fugimos com os lobos.

— E a nossa carrocinha? — quis saber Walt.

— Havemos de arranjar lugar para ela — respondeu-lhe Emil.

O vento soprou numa rajada. Castanha e encarquilhada, uma folha do outono anterior elevou-se da relva morta à esquerda de Adeline, rodopiou, deu uma volta e dançou num padrão curioso e hesitante, no restolho e em redor dela e dos pequenos, antes que a rajada suspirasse e a folha caísse suavemente na terra. Aquilo fê-la lembrar-se de uma noite muito antes, quando ela vira aparecer dinheiro no vento, uma única nota amarrotada que dançara diante dela da mesma maneira curiosa que aquela folha, como que em resposta a alguma prece primitiva e desesperada.

Adeline regressou uma última vez à cozinha, achando a folha e aquela recordação estranhamente perturbadoras, com tanto de agridoce como de misterioso, tanto de espantoso como de assustador.

Como todas as grandes mudanças na minha vida, sopradas pelo vento.



No outro lado da casa, Emil acabou de amarrar a carroça pequena à traseira da grande.

— Ninguém lhe põe um pé em cima, entendido? — disse ele aos seus filhos pequenos. — Se quiserem sair por trás, esperam até que eu a tire.

Walt assentiu. Will perguntou:

— Quando é que nos vamos embora, papá?

— Assim que a mamã voltar — respondeu ele — e a vossa avó e a vossa tia chegarem. Vão à casinha, se estiverem a precisar.

Os dois pequenos correram para trás da casa, enquanto os dois cavalos, *Oden* e *Thor*, se agitavam no seu lugar, mais uma vez assustados com os tanques que passavam tão perto. Emil teve de os acalmar e persuadir, até que finalmente sossegassem. Os cavalos estavam em forma e eram bem cuidados. Estavam acostumados a puxar arados e coisas pesadas. Se ele reduzisse a velocidade para fazer frente à carga nas colinas mais íngremes, e excluindo a hipótese de um deles começar a coxear ou de a carroça se avariar, Emil acreditava que aquela parrelha seria capaz de levar para bem longe a sua família.

Fez uma pausa para observar a casa que construía sozinho, resistindo a quaisquer pensamentos de pena ou remorso. Uma casa era uma casa. Haveria outras. Emil aprendera da maneira mais difícil a desapegar-se da ideia de possuir qualquer coisa durante muito tempo na sua vida. Mas olhou para o telhado durante um momento, revendo-se dois anos e meio antes, a carregar na sua carroça telhas de zinco e asnas de madeira, numa vila chamada Dubossary, cerca de trinta quilómetros a oeste.

Afastou aquela recordação e virou costas à casa e àquele telhado.

— Se Deus dá, Estaline tira — resmoneou ele, recusando-se a prestar mais atenção à casa que construía. Na sua mente e no seu coração, a casa já ficara reduzida a pó ou ardera até às cinzas.

Bum, bum. O fogo de artilharia começou a norte. *Bum, bum.* As explosões ainda não eram suficientemente próximas para fazer tremer o chão, mas ele não tardou a avistar os penachos de fumo escuro nos céus a nordeste, a não mais de nove ou dez quilómetros de distância. Pela primeira vez, os verdadeiros riscos da viagem que ele e a sua família tinham pela frente tornaram-se claros, fazen-

do-o cambalear, tonto, contra o lado da carroça. Deu por si atirado de volta a um dia em meados de setembro de 1941, quando se agarrara ao lado daquela mesma carroça, sentindo uma náusea implacável e o calor do meio-dia, e ouvindo os gafanhotos a zunirem enquanto ele cuspi o veneno que se lhe acumulara nas tripas. Olhara para cima com raiva e agitara o punho na direção do céu com tanta amargura que acabara por ficar novamente agoniado.

Lembrando-se daquele dia e ainda agarrado ao lado da carroça, Emil arquejou ao sentir o quanto o coração lhe doía. *Eu lembro-me. A sensação de ter a minha alma arrancada do peito.*



Adeline deixou a casa à pressa com mais algumas coisas. Os pequenos estavam a sair da casinha.

— É agora que vamos embora? — perguntou Will.

— Sim — respondeu-lhe ela. Contornou a casa e viu o marido curvado, agarrado à carroça com uma mão, ofegante, de olhos fechados e feições contorcidas de dor enquanto a mão livre se agarrava ao peito.

— Emil! — gritou ela, já a correr para ele. — O que é que se passa?

O marido sobressaltou-se e olhou para ela como se fizesse parte de um pesadelo e, logo em seguida, de um sonho desesperadamente bem-vindo.

— Não é nada.

— Parecia que estavas com problemas no coração.

— Doe-me por um instante — disse ele, levantando-se e enxugando o suor que lhe brotava da testa. — Mas estou bem.

— Tu não estás bem — contrapôs ela. — Estás branco como a neve, Emil.

— Já está a passar. Estou bem, Adella.

— Mamã, a *Oma*¹ e a Malia vêm aí! — gritou Will.

Adeline esqueceu-se momentaneamente do marido e a sua preocupação diminuiu ao avistar a sua mãe nas rédeas de dois velhos póneis que lhe puxavam a carroça a um bom ritmo pelo meio da caravana informe de refugiados e soldados derrotados, todos com rumo a oeste.

O rosto de Lydia Losing mostrava-se mais duro e contraído do que o habitual, mas aquela mulher de cinquenta e quatro anos continuava a vestir-se como o fizera durante os últimos quinze anos: com os cinzento-escuros e o preto de

uma viúva. Como era seu costume, Lydia estava a arengar com a irmã de Adeline, que tinha trinta e cinco anos e se inclinava ligeiramente na direção oposta à mãe, limitando-se a assentir com a cabeça e sorrir sem comentários, uma postura bastante comum entre as duas. Malia apanhara um coice de uma mula aos quinze anos, o que a deixara infantil em certos aspetos e mais sábia do que a maioria noutros. Olhou para Adeline e piscou-lhe o olho.

Teve início uma nova barragem de fogo de canhão, esta suficientemente perto para lhes abalar o chão sob os pés. Quatro caças alemães cruzaram o céu, seguidos por seis aviões soviéticos em sua perseguição. Metralhadoras abriram fogo acima deles.

— Uau! — exclamou Will, empolgado.

— Mamã! — disse Walt, e agarrou-se à cintura de Adeline.



— Toda a gente para dentro! — gritou Emil, já a correr para desamarrar os cavalos da árvore.

Quando já estava no banco com as rédeas nas mãos e verificara que tinha Adeline ao seu lado e os pequenos sob a capota atrás dele, gritou para a sogra:

— Vamos ver se hoje nos afastamos o mais possível das batalhas!

— O mais depressa que os meus póneis conseguirem levar-nos! — retorquiu Lydia.

Emil soltou o simples travão de alavanca da carroça e incitou os cavalos, que arrancaram com genica, a carroça rolando lentamente a princípio e, depois, adquirindo velocidade suficiente para se introduzir num espaço vago entre outras carroças e grupos de refugiados a pé que se desviaram para o lado, com todos os seus pertences em sacas de serapilheira, olhando com inveja enquanto os Martel passavam.

No extremo ocidental da aldeia, passaram pela casa dos pais de Emil, a casa onde ele passara a sua infância. A porta da frente estava aberta. No pátio, não havia nada que valesse a pena salvar.

Emil recusou-se a deixar que viesse à tona uma única lembrança da sua infância ou da sua vida mais recente em Friedenstal. Estava tudo acabado. A pessoa a quem tudo aquilo acontecera já não existia. No que lhe dizia respeito, agora, aquela vida fraturada não passava de escombros.



Ao lado dele, Adeline olhou para os pátios que se sucediam, vendo os fantasmas de relacionamentos passados, de crianças a brincarem e de pais a cantarem durante as colheitas, todo um modo de vida que estava ligado às estações e as celebrava.

Recordou-se de tempos mais felizes: 1922, com sete anos de idade e aos solavancos numa carroça como aquela. Enquanto se dirigiam para os campos onde os homens ceifavam o trigo, Adeline seguia sentada no banco de trás, com as cestas de comida que a mãe preparara. Era quase outubro, mas o ar ainda estava quente e cheirava a tudo o que havia de bonito na vida dela. Ela levava a cesta para o pai, o líder da colheita, que era o responsável por uma debulhadora mecânica.

Karl Losing tinha um fraquinho pela filha mais nova e sorriu quando ela lhe levou o almoço. Costumavam sentar-se lado a lado à sombra da debulhadora, a olhar para as colinas douradas pelo cereal, e comiam pão fresco com linguiça, tudo empurrado com chá frio.

Ela lembrava-se de se sentir completamente segura e totalmente apaixonada por tudo o que a rodeava.

— Vamos viver sempre aqui, papá? — perguntara a jovem Adeline.

— Para sempre e mais um dia, filha — respondera-lhe ele. — A menos, é claro, que os malditos bolcheviques levem a sua avante e acabemos lançados ao vento e aos lobos.

Na sua carroça, aproximando-se do extremo de Friedenstal cerca de vinte e dois anos depois, Adeline lembrava-se vividamente de ficar transtornada quando o pai dissera aquilo. Durante algum tempo, andara sempre a olhar por cima dos dois ombros, com receio de que os lobos deixassem a floresta e viessem atrás dela.

Sentia agora o mesmo ao abandonar a aldeia, rumando a oeste com o sol nascente e os tiros de canhão ainda a ribombarem atrás deles, passando por campos à espera de um arado, por árvores em flor, por pássaros a rodopiarem e a cantarem acima das escarpas, por sonhos destruídos, enterrados pelas realidades da fome e da guerra.

Mais caças alemães cortaram o céu, em direção às linhas de batalha.

— Para onde é que vamos, papá? — perguntou Walt, parecendo preocupado.

— Oeste — respondeu Emil. — O mais que pudermos. Para o outro lado do oceano, talvez; não sei.

— O outro lado do oceano? — perguntou por sua vez Adeline, surpreendida e um pouco assustada com a ideia.

— Porque não? — perguntou-lhe o marido, olhando para ela, que disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

— Não sabemos nadar.

— Aprendemos.

— Mas *porque é que* estamos a ir para oeste? — quis saber Will.

— Porque a vida vai ser melhor lá — respondeu Emil.

Um cavalo relinchou e, depois, goelou no caos instável de carretas, carroças, tanques e camiões atrás deles. As pessoas começaram a gritar e a berrar. Walt correu a espreitar para trás.

— A carroça de alguém foi atingida por um camião da Wehrmacht, um pouco atrás da carroça da *Oma* — disse ele. — Um cavalo, também. Está tudo virado e o cavalo partiu uma pata e não consegue levantar-se.

Emil estalou a língua para *Oden* e *Thor*, que se apressaram a reduzir o espaço entre eles e a carroça da frente.

Will ainda parecia perturbado. Trepou para o colo da mãe, aninhou-se-lhe contra o peito e pediu:

— Diga-me como é que vai ser, mamã.

— O quê? — perguntou-lhe ela, abraçando-o e embalando-o.

— O Oeste. Como é que vai ser?

Acariciando o rosto do filho, Adeline olhou-o nos olhos, sorriu e disse:

— Vamos para um lindo vale verde rodeado por montanhas e florestas. E com neve no alto dos picos. E, mais abaixo, haverá um rio sinuoso e campos de cereal para o pão, e hortas com vegetais para nos alimentar, e o papá vai construir-nos uma casa onde viveremos todos juntos para todo o sempre, e nunca havemos de nos separar.

Aquilo pareceu acalmar Will. O rapazinho descontraíu-se.

— Acho que há de haver outros meninos com quem brincar — disse ele.

Adeline sorriu ao ver-lhe a expressão, tão inocente e esperançosa que lhe fez doer o coração. Fez cócegas ao filho e disse:

— Imagino que haja muitos meninos com quem brincar e muito trabalho para fazer, também. Mas seremos felizes, e tu e o teu irmão hão de crescer e seguir os desejos do vosso coração.

— O que é que isso quer dizer?

Foi a vez de Emil falar:

— Que vocês serão quem quiserem ser, não o que vos disserem que têm de ser.

— Eu vou ser igualzinho ao papá — disse Will, já com os olhos a fecharem-se.

Adeline olhou para o marido, que sorriu, e depois por cima do ombro para Walt, que se deitara e estava a dormir.

Olhou de volta para Emil, cujo sorriso se transformara em algo mais sofrido.

— Tens a certeza de que estás bem?

Ele arrotou.

— Pronto, deve ser o suficiente. Provavelmente, foi por causa do que eu estava a sentir ali atrás.

Passados alguns momentos, ela perguntou-lhe baixinho:

— Vamos encontrá-lo, não vamos, Emil? Um vale ao qual poderemos chamar o nosso lar? Um lugar do qual nunca teremos de sair?

A expressão de Emil tornou-se ainda mais tensa. Não olhou para ela, quando encolheu os ombros e disse:

— Houve alguém que em tempos me disse que, se pedires sempre uma coisa nas tuas orações, um dia a terás.

— Fui eu que te disse isso — disse Adeline, com um sorriso. — E foi a Sra. Kantor que mo disse a mim.

— Eu sei.

— É a graça, Emil. As respostas de Deus às nossas orações. Ainda acreditas na graça, não acreditas?

— Adeline, com aquilo que tu e eu vimos com os nossos olhos, há dias em que não sei se Deus nos ouve, muito menos se nos responde. Mas vou dizer-te uma coisa em que acredito.

— Qual é?

— Onde quer que acabemos, há de ser melhor do que o inferno por que já passámos.

A caravana chegou a um planalto e virou para norte, permitindo a Adeline um último olhar demorado à vida que deixavam para trás. O vento frio trans-

formara-se em rajadas. Ouviu de novo os canhões e viu fumo que se elevava das cristas para lá da aldeia.

— Tens razão — disse ela. — Qualquer lugar há de ser melhor do que aqui-lo.

¹ Diminutivo coloquial alemão que corresponde a algo como «avozinha». (*N. do T.*)

Capítulo Dois

Novembro de 1929

Schoenfeld, Ucrânia

A lâmpada piscou e apagou-se. Mas Adeline Losing, de catorze anos, previra o corte de eletricidade na pequena escola que frequentava. Como tal, já acendera o lampião de querosene por cima da pia na cozinha da escola onde trabalhava, depois de as aulas acabarem.

Enquanto esfregava o último grande tacho do dia, Adeline sentia a fome, um estado bastante comum na sua vida recente. Olhou para uma saca cheia de tiras de casca de batata que estava na bancada, imaginou como a mãe poderia cozinhá-las, sentiu-se ainda mais esfomeada e, então, secou o tacho e devolveu-o à prateleira.

Duas horas, pensou ela, secando as mãos. *Duas horas da minha vida em troca de alguns rublos e um quilo de cascas. Vale a pena?*

Mal fizera a pergunta e já dizia a si mesma que não deveria seguir aquela linha de pensamento. Questionar o trabalho e o que recebia em troca poderia causar-lhe problemas se o fizesse em voz alta sob o regime de Estaline. Até pensar muito sobre isso poderia fazer com que as palavras lhe escapassem por acaso. E, então, o que seria dela?

Lançada ao vento e aos lobos, como o pai dela gostava de dizer. Era o que lhe aconteceria. Ser lançada ao vento e aos lobos nalgum lugar distante e gelado.

Adeline vestiu o seu pesado casaco de lã, presente de uma tia morta, dizendo a si mesma: *Eu não. Hei de ir para um lugar melhor na minha vida.*

Emocionou-se com a ideia de um lugar melhor. Um lugar onde ela e a sua família pudessem ter uma vida melhor do que aquela, injusta e cruel, que lhes fora atribuída. Não sabia grande coisa a respeito dessa vida futura, mas a simples ideia de «melhor» fazia-a sorrir e não se sentir tão cansada quanto poderia estar.

Enrolou a cabeça num lenço de lã, pegou na lanterna e nos seus sacos, e dirigiu-se para a porta da cozinha. Abriu-a e saiu ao encontro de uma noite fria e escura. A tremer, trancou a porta, ergueu a lanterna e partiu para oeste, para a sua casa no outro lado da vila.

Despacha-te, pensou ela, estugando o passo. *É o que o papá diz sempre. Se queres coisas, despacha-te. Se queres ver as coisas feitas, despacha-te.*

Ela nunca conhecera ninguém mais despachado do que o seu pai. Levantava-se antes de todos e era o último a deitar-se e, entretanto, cada minuto era passado em permanente movimento.

Adeline mantinha um ritmo constante e rápido nas ruas desertas de uma colónia agrícola que remontava quatro ou cinco gerações aos tempos em que Catarina, a Grande, fora czarina. Já no fim do século XVIII, as terras da Ucrânia se encontravam entre as mais generosas da Terra, com um solo rico e negro, capaz de render excelentes colheitas se devidamente semeado e cuidado.

Todavia, os camponeses que lá viviam na altura eram fracos agricultores, pelo que a imperatriz começara a aprovar a imigração de milhares de famílias alemãs. Esses alemães étnicos, ou *Volksdeutsche*, recebiam terras e ficavam isentos de impostos durante décadas, em troca das suas capacidades e dos seus rendimentos agrícolas. Tinham chegado em vagas, cultivando e prosperando num exílio autoimposto em toda a Ucrânia, fornecendo trigo à Mãe Rússia durante mais de um século.

Os *Volksdeutsche*, em especial os chamados «alemães do Mar Negro» que viviam entre Odessa e Kiev, nunca haviam sido totalmente assimilados pela cultura russa. Construía as suas casas e projetavam cidades e vilas como Schoenfeld, como réplicas das que haviam deixado para trás na Alemanha, erigindo igrejas para perpetuar a sua fé luterana e escolas para educar os seus filhos e manter viva a sua língua nativa.

Mas, depois de várias gerações, os alemães do Mar Negro tinham acabado isolados da Alemanha e da sua cultura, quase completamente desligados das suas raízes. De um modo geral, no entanto, a vida era muito boa para os alemães do Mar Negro e para os cerca de um milhão de outros *Volksdeutsche* que viviam na Ucrânia até 1917. Antes da Revolução Bolchevique, Schoenfeld fora uma próspera colónia de alemães étnicos do Mar Negro, produzindo regularmente colheitas de alto rendimento que contribuíam para a sua alimentação e a de toda a Rússia.

Mas deixara de ser assim.

Por aquela altura, enquanto a jovem Adeline se apressava a atravessar a vila, a maioria das famílias antigas fora banida da colônia, expulsa de sua casa e das suas terras, substituída por gente da cidade que não percebia nada de agricultura. Era essa a principal razão pela qual os soviets haviam decidido permitir que a família dela permanecesse na sua casa ancestral: o pai era o único que restava com capacidade e conhecimento para produzir uma grande colheita de cereais. Sem ele, os idiotas da cidade estariam condenados a sucessivos fracassos nas culturas, e todos em redor acabariam por passar fome.

Mas estamos seguros, disse Adeline a si mesma, a meio-caminho. *Foi o que disse a mamã. Eles precisam do papá, pelo que estamos seguros por enquanto. E devemos ter comida suficiente para o inverno.*

Adeline parou, erguendo a lanterna e olhando para o vulto à sua frente, escuro e imóvel na erva alta e morta. Deu um passo cauteloso e, depois, outro. Estendendo o braço da lanterna, deu um terceiro passo e, então, ficou paralisada.

O cão, um grande rafeiro, fora morto, degolado e deixado a morrer numa auréola do seu próprio sangue. O sangue estava húmido, ainda não congelara. Brilhava ali à luz da lanterna, algo que a deixou mais assustada. Alguém acabara de matar o animal.

Adeline ergueu a lanterna e olhou em redor, não vendo nada senão a pálida rodela de luz que a rodeava, sombras e escuridão. Nenhum movimento. Nenhum som além do bater do seu coração nos ouvidos e da sua própria voz que lhe ressoava no interior da cabeça.

Diz ao papá!

Desatou a correr com a lanterna no extremo do braço que mantinha bem esticado a seu lado ao passar por um estábulo que pertencera ao amigo do pai, na longa estrada antes da última curva que a separava de casa.

Avistou o segundo cão morto momentos depois, um pequeno *terrier*, degolado e largado na valeta. Adeline conhecia aquele cão, um ladrador amistoso, e apeteceu-lhe chorar. Vira-o ainda naquela manhã, a caminho da escola.

Eles mataram dois!

Agora apavorada, correu ainda mais depressa e fez por resistir a ideias sombrias, todas elas se alimentando umas das outras até lhe deixarem a mente inundada, num corupio com o assassinio dos dois cães. Chegou finalmente ao portão de casa, uma bela construção de madeira que o bisavô erigira quase um século antes num modesto estilo bávaro, com um amplo telhado de telhas de

madeira, duas empenas triangulares e guarnições vermelhas ao longo dos intradorsos. Abrindo a tranca da porta com o joelho, avançou com um empurrão e usou o calcanhar para fechar a porta atrás de si.

— Apaga essa lanterna — ordenou-lhe o pai, sentado à mesa onde estava a consertar um arnês de couro para os cavalos da charrua, com duas lanternas acesas e suspensas nas vigas acima e, atrás, o lume na lareira.

— Papá, eu...

— Apaga essa lanterna, rapariga — disse Karl Losing. — O combustível escasseia nos dias que correm.

— Ouve o que o teu pai te diz — disse por sua vez a mãe, Lydia, atrás dele na cozinha. — E onde é que estão essas cascas? Já contava contigo em casa há muito tempo.

Adeline engoliu a sua frustração e apagou a lanterna, isto na altura em que o seu irmão de onze anos, Wilhelm, chegava das traseiras com lenha para a lareira. Pendurou a lanterna num gancho junto à porta da frente, guardou o casaco e o lenço, e, passando pelo pai e pelo irmão, apressou-se a levar as cascas de batata para a cozinha, onde Lydia tinha um pão a sair do forno de lenha.

— Cascas — disse Adeline, poisando a saca. — Um quilo inteiro. Pesei-as.

— Já despachaste as cebolas que vão acompanhá-las, Malia? — perguntou a mãe, enquanto poisava a forma de pão no fogão, para arrefecer.

— Se já tivesse, a mãe seria a primeira a saber — respondeu a irmã mais velha de Adeline, Amalia, na sua estranha cadência. Estava de costas para eles e cortava lentamente as cebolas.

— Põe a mesa, Adella — disse a mãe. — E vai encher o jarro ao poço.

— Mamã, tenho de dizer uma coisa ao papá.

— Vais é fazer o que te mandam.

Adeline sabia que era impossível argumentar com a mãe depois de aquela lhe dar uma ordem, pelo que agarrou no jarro e foi até à bomba no quintal. A temperatura começara a descer e as mãos doíam-lhe quando voltou e poisou a água na mesa. Pôs também colheres para cinco, trabalhando em redor do pai, que continuava às voltas com o arnês, absorto no seu trabalho. Quando também já pusera chávenas e tigelas para todos, Adeline postou-se mesmo à frente dele.

— Papá... — disse ela.

— Não pode esperar pelo jantar, filha? — perguntou o pai, sem nunca olhar para ela.

— Não estás a ver que o teu pai está ocupado? — acrescentou a mãe.

Adeline sentiu-se invisível, ignorada, e algo nela se quebrou, levando-a a desfazer-se em lágrimas.

— Papá, por favor! Tem de me ouvir!

Por fim, o pai desviou a atenção do trabalho, parecendo intrigado com aquela explosão.

— Mas o que é isto? Porquê as lágrimas? O que é que te deixou triste hoje?

— No caminho da escola para casa — choramingou ela —, vi dois cães mortos. Degolaram-nos. O sangue estava fresco.

A expressão do pai alterou-se. Poisou o arnês na mesa e disse baixinho:

— Tem calma, Adella, e diz-me onde foi que os viste.

O choro dela diminuiu. Adeline enxugou as lágrimas com a manga puída da camisola.

— A que distância daqui? — insistiu o pai.

— O segundo a trezentos metros? — respondeu ela. — Talvez menos.

O pai examinou as suas mãos coriáceas. Adeline sempre o achara maior do que a vida e cheio de energia, mas parecia agora subitamente mais pequeno, menos seguro de si.

Ele olhou para a mulher, que estava à porta da cozinha agarrada ao avental.

— É outra pessoa, Karl — disse ela. — Um desses novos tolos a querer marcar uma posição.

Ele engoliu em seco e assentiu:

— Esperemos que sim.

Adeline não se conteve. Deu a volta à mesa e abraçou o pai. Ele não disse nada, apenas se limitou a afagar-lhe o braço durante um longo momento.

— Tenho de terminar o meu trabalho antes do jantar, pequena — acabou ele por dizer. — Vai ajudar a tua mãe.

Ela beijou-lhe a bochecha e recuou. O pai sorriu-lhe suavemente e tocou-lhe na cara, antes de regressar ao arnês com a sovela, a agulha de olho grande e o cordão de couro.

Adeline voltou para a cozinha, onde a mãe estava a mexer cebolas e cascas de batata numa frigideira de ferro fundido.

— Mamã... — disse ela.

— É para um dos tolos — declarou a mãe.

— O quê? — quis saber Malia.

Adeline ia responder, mas a mãe olhou bruscamente para ela por cima do ombro e abanou a cabeça.

— Nada, querida — disse Adeline.

— Não vou partir-me, sabes? — disse a irmã.

— Sei.

— Estou melhor do que nunca.

— Pois estás — disse a mãe. — Melhor do que poderíamos esperar.

— Obrigada, mamã — disse Malia, e pareceu perder o fio à meada dos seus pensamentos. — O que é que vou fazer a seguir?

— Vais sentar-te, querida — respondeu-lhe Adeline. — Vamos comer.

— Oh... — disse a irmã, animando-se. — Gosto disso.

Com a exceção de Malia e Wilhelm, o ambiente à mesa naquela noite era sombrio. Adeline e os seus pais receavam o que aqueles cães mortos poderiam significar.

Não havia nenhum louco à solta com sede de sangue canino em Schoenfeld. Os homens do OGPU, a Polícia Secreta de Estaline, eram sobejamente conhecidos por matarem os cães, para que os seus latidos não os denunciassem quando saíam em busca de prisioneiros políticos durante a noite.

A certa altura da refeição, Adeline ficou espantada ao ver a colher do pai tremer e a comida cair-lhe na tigela.

A mãe poisou-lhe uma mão no cotovelo.

— Conquistaste a melhor colheita que eles tiveram em seis anos, Karl. Há escassez de cereais em todo o resto do país. Eles não podem viver sem ti.

O pai não parecia convencido.

— Eles não querem que nos demos bem, não sabes?

Olhou para a mesa por um instante e, depois, assentou-lhe um murro.

— Primeiro, os comunistas mataram todas as pessoas inteligentes que faziam com que as coisas funcionassem nas cidades. E agora querem transformar num crime qualquer coisa que seja bem-feita! O que é que aconteceu ao mundo? Como foi que acabámos num manicómio?

Olhou para a mulher, para as filhas e o filho, todos eles espantados e ligeiramente encolhidos com medo dele. Normalmente, Karl Losing era um homem calado, bem-humorado, afável até. Mas agora tinha os ombros descaídos e havia raiva e desespero na sua voz, quando disse:

— Se não cultivarmos trigo, as pessoas passam fome. Cultivamos demasiado e alimentamos demasiado, e passamos a ser um inimigo do povo. Como é que isto está certo?

— Não está — disse Adeline.

— Nem um pouco — acrescentou Malia, surpreendendo todos. — Se o papá trabalhar no duro, se se despachar, estará a fazer o que está certo, porque Deus recompensa o trabalho esforçado.

Os olhos do pai enevoaram-se enquanto ele olhava, impotente, para a sua filha mais velha afetada por uma lesão cerebral.

— Sim, querida, mas isso era quando a vida fazia sentido. Agora, não existe senão loucura.



Eles chegaram às três horas da manhã seguinte, com punhos pesados e bastões, batendo à porta da frente e acordando toda a família. Lydia começou a chorar quase de imediato, tal como a sua filha mais velha.

— O que é que está a acontecer? — perguntou, sonolento, o irmãozinho de Adeline, na cama de rodízios abaixo dela.

— Chiu — disse-lhe ela. — Eu vou ver.

Adeline levantou-se da cama, às escuras.

— Papá? — chamou ela, quando chegou ao pequeno corredor superior e viu a silhueta do pai a descer os degraus íngremes, com uma lanterna na mão.

— Deixa-te ficar aí, pequena — disse-lhe ele, baixinho, olhando para ela. — Está tudo bem.

Mas ela não se conteve e foi atrás dele, descendo dois degraus, para espreitar para baixo e para a direita, onde o pai estava especado diante da porta, a tremer.

— Abram! — ordenou uma voz em russo, no exterior.

Ele baixou a cabeça, poisou a lanterna no parapeito e puxou a tranca. Um bastão irrompeu da noite, atingindo-o no estômago. Ele cedeu, cambaleou para trás e caiu.

Adeline gritou:

— Papá!

O pai dobrou-se em dois, rebolou em agonia. Dois homens corpulentos de sobretudo escuro entraram.

— Sou o comissário Karpo do OGPU — disse um terceiro, atrás deles, mais pequeno, mais velho. — Camarada Losing, és acusado de ser um *kulak*.

— Ou seja, sou acusado de saber o que eles estão a fazer? — perguntou o pai de Adeline, sem fôlego.

Um dos homens maiores assentou-lhe um pontapé.

— Não, camarada — respondeu o comissário. — Quero dizer, alguém que rouba ao povo e ao Estado.

— Eu não roubei nada — protestou o pai de Adeline. — Dei-vos uma boa colheita.

O comissário Karpo olhou para os seus homens.

— Revistem isto. Lá fora nas traseiras, também.

— Estão à procura de quê?

— Logo saberemos quando o encontrarmos.

Lydia, Malia e Wilhelm juntaram-se atrás de Adeline nas escadas, apavorados enquanto viam os homens da Secreta algemarem Karl e deixarem-no esparraçado de lado, enquanto os dois gorilas viravam do avesso o rés do chão. Passados dez minutos de revista, um deles voltou com uma grande saca de cereal.

— Encontrei-a numa arca, no barracão — disse ele.

O comissário sorriu.

— E dizes tu que não roubas nada, camarada Losing?

— Um homem tem o direito de dar um pouco mais à sua família, em troca de todo o seu trabalho árduo.

— Aonde é que foste buscar essa ideia?

Lydia empurrou os filhos para o lado e desceu as escadas em prantos.

— Por favor, não o matem.

— Matá-lo? — perguntou o comissário, divertido. — Não, agora, o teu marido vai trabalhar onde há de aprender a pensar mais no seu semelhante. Na Sibéria.

Deram uma hora a Karl para juntar as suas roupas mais quentes. Deixaram-no abraçar a mulher e cada um dos filhos, antes de o levarem até à porta.

Lydia chorava.

— Quanto tempo vai ele ficar por lá?

— Não me cabe a mim decidir — respondeu o comissário Karpo.

— O que é que vai acontecer-nos?

— O mesmo que a todos os *kulaks* — respondeu ele, e virou-lhe as costas.

— Eu hei de voltar! — gritou o pai de Adeline, enquanto era arrastado noite adentro. — Prometo-vos a todos que hei de voltar!

Capítulo Três

Fins de março de 1944

Vinte e cinco quilómetros a leste da fronteira Transnístria-Moldávia

Na carroça dos Martel, que arrastava outra, mais pequena, atrás de si, ao mesmo tempo que seguia centenas de outras, todas elas envoltas no caos parcialmente controlado dos exércitos alemães em retirada, Adeline ainda se lembrava do pai que se sumira na escuridão daquela noite terrível, como se aquilo tivesse acontecido na véspera.

Prometo-vos a todos que hei de voltar!

Quase quinze anos de espera haviam passado desde aquela noite. Adeline ainda conseguia recordar a perda marcada no rosto da mãe durante os dias e semanas que se seguiram ao desaparecimento do marido, uma ferida que se tornara mais profunda a cada ano passado sem saber, a tentar manter viva a esperança.

Adeline olhou por cima do ombro e viu os seus rapazes a dormitarem com cobertores em volta dos ombros e no colo. Apesar do vento cada vez mais forte, levantou-se para ficar de pé no banco da carroça ao lado de Emil, enquanto os cavalos os levavam pela estrada. Olhando para trás, por cima da capota de oleado, viu a irmã mais velha sentada ao lado da mãe na carroça, a olhar em redor com a cabeça erguida, a absorver tudo, parecendo fascinada com a novidade da paisagem e com aquela caravana de gente em constante mudança.

O mesmo não acontecia com a mãe. Lydia estava amassada atrás das rédeas como se os seus ombros carregassem um peso de chumbo, com os olhos postos nos seus póneis, olhos perdidos em anos de preces não atendidas. Lydia nunca deixara de acreditar que Karl voltaria. Quando finalmente tinham sido expulsos da sua casa ancestral em 1930, ela insistira em escrever uma carta ao marido, explicando-lhe para onde haviam ido e porquê. Deixara-a atrás de uma pedra solta nas fundações, onde ele costumava esconder as suas coisas de valor.

Recordando os anos de sofrimento, labuta e solidão que a mãe suportara após o pai ter sido levado e depois de eles serem postos na rua, Adeline sentiu o coração doer-lhe de pena. E o que dizer de Wilhelm, o seu irmão mais novo? Ela não fazia ideia do que lhe acontecera depois de os alemães o recrutarem três anos antes. Passara-se o mesmo com o irmão mais velho de Emil, Reinhold. Recrutado para a Wehrmacht, arrancado à família, Reinhold fora enviado para oeste, para defender Paris e nunca mais tinham sabido dele.

Adeline olhou para trás da carroça da mãe e viu outras seis ou sete, todas conduzidas por mulheres, todas elas com os mesmos ombros curvados e expressão dorida, todas elas viúvas de Estaline. A mãe dela não era a única que deixava para trás os seus entes queridos naquele dia. Sim, aquela marcha para oeste sob proteção nazi era um novo começo para Lydia e para todas as outras mulheres sozinhas naquela caravana. Mas também tinha de ser o fim das suas esperanças, o fim do seu sonho de verem os maridos regressarem a casa.

Como é que se vive com uma coisa assim?, perguntou Adeline a si mesma, com tristeza. *Como é que se sobrevive?*

— Adeline — disse Emil, batendo-lhe na perna —, prepara os rapazes. Vem aí uma tempestade. Vamos ser apanhados por ela.

Adeline olhou para norte e viu as nuvens escuras que se aproximavam rapidamente. Acordou os pequenos e ajudou-os a vestirem as jardineiras de lã remendadas e os casacos, e a porem os chapéus, antes de calçar umas perneiras de lã por baixo da bata e do vestido, e vestir uma camisola de lã grossa por baixo do casaco. Agarrou nas rédeas, para que Emil pudesse trocar de roupa. Ele acabara de vestir a última das suas peças de lã, quando Adeline sentiu o primeiro floco de neve na bochecha.

Emil retomou as rédeas, quando a poalha de neve deu lugar a grandes flocos, que começavam a prender-se nos flancos e cernelha dos cavalos. Então, disse a Adeline que fosse com os pequenos para debaixo da capota de oleado.

Um quilómetro mais à frente, a neve transformara-se em lâminas brancas, que desciam em espirais vindas de noroeste e os atingiam de lado.

Os cavalos viravam a cabeça na direção oposta ao vento, o que tornava difícil controlá-los e manter a carroça na estrada naquelas condições cada vez mais traiçoeiras. A neve caía com cada vez mais força, na diagonal, ardendo nos olhos e nas faces desprotegidas de Emil. Com cada rajada, a carroça rangia e gemia, e a capota retesava-se e protestava sobre a estrutura de madeira vergada.

Emil olhou para a sua família, atrás dele.

— Quero-vos todos no lado direito, contra o vento, para não capotarmos. E verifica os nós que prendem a capota à estrutura, Adella.

Enquanto Adeline passava os rapazes para o lado direito e inspecionava os nós, Emil enrolou o cachecol em volta do pescoço, boca e nariz, e puxou o boné bem para baixo, sobre os olhos. Mas a neve caía agora num vendaval em que tudo estremecia. Açoitava-o, encontrando-lhe a gola do casaco e infiltrando-se pelas costas abaixo. Fustigava-lhe os nós dos dedos através das luvas e torturava-lhe o lado direito e exposto da cara, até lhe deixar a pele praticamente em brasa e, depois, dormente.

Os cavalos avançavam pesadamente, com a cabeça baixa e virada para a esquerda, deixando as espáduas e os flancos direitos expostos ao vento que, a cada instante, se tornava mais gélido e violento. Ciente de que os seus cavalos estavam em risco, Emil desviou-se para a berma do caminho e fez sinal à sogra para que fizesse o mesmo. Outras carroças passaram por ele.

Adeline e os rapazes estavam aninhados no lado direito, sob os cobertores. Ela tinha as costas apoiadas no lado da carroça, que agora estremecia violentamente. Alarmada, olhou para o marido.

— Achas que a carroça se aguenta, Emil?

— Não sei — admitiu ele, enquanto remexia numa caixa até encontrar antolhos de couro para os dois cavalos.

Passou o antebraço sobre os olhos e abriu caminho até *Oden* e *Thor*. Afivelou os antolhos às cabeçadas dos dois para, assim, lhes proteger a vista de uma parte dos ventos brutais que sopravam dos lados. Depois, foi até à carroça de Lydia, tratou de ir buscar os antolhos dos pôneis e repetiu o procedimento. Olhando para trás ao longo do caminho, viu uma lacuna na fila de carroças.

Saltou de volta para a sua, agarrou nas rédeas e fê-las estalar nos quartos traseiros dos cavalos. A carroça deslizou de lado nuns quantos metros na neve, depois endireitou-se e começou a avançar. Os antolhos pareciam estar a ajudar. Ambos os cavalos mantinham a cabeça mais levantada e as orelhas para a frente e alerta. Emil fez o que eles haviam feito antes: baixou a sua própria cabeça e virou-a para a esquerda, enfrentando assim o impacto do nevão com o ombro e o lado direito.

Não parava de lançar olhares rápidos ao caminho coberto de neve, vislumbrando a carroça que estava uns bons trinta metros à sua frente e pouco mais do que isso em qualquer direção. Tudo se tornara branco e encapelado. Tinha a sensação de que se deslocavam numa região constituída por quintas desabriga-

das, com pouco que pudesse bloquear ou amainar os ventos. Na floresta ou onde o terreno fosse mais acidentado, ele estava certo de que lhes teriam dito para interromper a marcha, aconselhado a todos que se abrigassem no fundo de um riacho ou de uma ravina.

Uma grande rajada uivou direita a eles, contra o flanco da carroça dos Martel, que se ergueu sobre duas rodas antes de regressar ao solo. Os rapazes e Adeline gritaram.

Thor e *Oden* sentiram o solavanco, ouviram os gritos e fincaram os cascos, dando passos curtos e nervosos, suficientemente rápidos para que a traseira da carroça baloiçasse na neve, quase atirando Emil borda fora e fazendo-o largar as rédeas. Os cavalos baixaram a cabeça para evitar o vendaval e a neve que se aproximava e, antes que Emil pudesse impedi-los, tinham saído do caminho e ganhavam velocidade em terreno instável.

A neve e o vento deixavam-no praticamente cego, quando Emil estendeu de novo os braços e, mais uma vez, tentou agarrar nas rédeas que agora repousavam nos quartos traseiros de *Oden*. Só que, cobertas de gelo, elas escorregaram-lhe por entre as luvas. Pensou no travão da roda dianteira esquerda, mas teve medo de capotar ou quebrar um eixo naquele terreno irregular. Os cavalos estavam assustados, desorientados

e agora avançavam a meio galope, protegendo-se da tempestade, atirando neve e lama para trás. A carroça baloiçava, empinava-se e escorregava ao sabor do nevão.

— Fá-los parar! — gritou Adeline. — Vamos acabar por capotar!

Emil descalçou a luva esquerda, debruçou-se e esticou-se o mais que podia, conseguindo agarrar as rédeas com dois dedos. Num instante, enrolara-as três vezes à volta do pulso direito, antes de as segurar mais à frente com a mão esquerda nua, fincando os pés e atirando-se para trás contra o peso dos seus cavalos desnorteados.

Puxou-lhes pelos bridões, obrigando-os a baixar cada vez mais a cabeça, até que finalmente reduziram a velocidade e pararam. Os animais arfavam e tremiam com o esforço e o medo. Bufavam e resfolegavam, batiam com os cascos e, mais uma vez, viravam a cabeça à tempestade.

— Quero ir para casa! — exclamou Walt.

Emil ignorou-o, amarrou as rédeas, virou costas à tempestade e pôs-se em pé no banco para olhar para trás. Tudo o que conseguia ver era um corrupio bran-

co. Nenhuma árvore. Nenhuma sebe. Nenhuma outra carroça. Nenhum caminho. Nada, senão a tempestade.

— Emil! — gritou Adeline. — Seguimos em que direção?

Ele pensou em todas as peripécias pelas quais haviam acabado de passar, nos torrões de lama e de neve que os cavalos tinham levantado, e respondeu:

— Vamos seguir o rasto que deixámos.

Resultou durante os primeiros minutos. Ele era capaz de ver de onde tinham vindo, mas também percebeu a rapidez com que a neve caía e a velocidade com que o vento lhes ia cobrindo o rasto. Queria forçar os cavalos a avançarem mais depressa, mas estava a ter dificuldade em ver.

E, então, deixou de conseguir distinguir as marcas das rodas. Estava tudo coberto de neve. A neve acumulava-se até aos eixos da carroça.

Se eu continuar assim...

Emil não gostava de pensar em «ses». Como tal, decidiu seguir aos ziguezagues a partir do último vestígio e com base em estimativas, na esperança de encontrar marcas que a tempestade ainda não tivesse apagado. Mas, com o vento a agitar o forte nevão, não havia nada. Ele acabou por virar a carroça de lado para o vento, parou e puxou o travão.

— O que é que estamos a fazer? — perguntou-lhe Adeline.

— Vamos esperar que a tempestade passe — respondeu ele. — Não podemos estar a mais de quinhentos metros daquela estrada, mas não faço ideia onde exatamente. Quando tivermos visibilidade, damos com ela e retomamos a marcha.

Desceu e desatrelou os cavalos. Levou-os para o lado da carroça a sotavento, amarrou-os a ela e, depois, subiu para a traseira.

— O papá parece um boneco de neve! — disse Will, debaixo dos cobertores.

Emil olhou para baixo e viu que estava coberto de neve da cabeça aos pés.

Walt começou a rir-se. O mesmo aconteceu com Adeline, que disse:

— Livra-te dela ou escova-a. Vais molhar-nos a todos, se te meteres connosco debaixo dos cobertores.

Emil tirou o casaco com algum esforço, sacudiu-o na traseira e, depois, pô-lo de parte.

Fez o mesmo com as botas e as calças e, a seguir, enfiou-se debaixo dos cobertores, ao lado de Walt. Estava quente e, embora a carroça estivesse a ser sacudida, a capota e a estrutura pareciam resistir. Por enquanto, estavam seguros.

O vento diminuiu um pouco e, depois, bastante. Durante uns bons quinze segundos, a capota enfunou-se acima deles. Seguiu-se, então, uma rajada antes de outra calmaria e, depois, outro uivo. Emil olhou para a mulher por cima da cabeça dos filhos, assustado e paralisado pelo mau tempo.

— Havemos de ficar bem — disse ele.



Adeline acordou lentamente da sua sesta, a princípio sem perceber onde estava, apenas que tinha o corpo quente e que respirava um ar extremamente frio. Os cavalos mudaram de posição nos seus aprestos e contra a carroça, deixando-a completamente acordada. Abriu os olhos e viu que ainda era dia, mas já não nevava. Emil já se levantara e saía.

Will mexeu-se e perguntou:

— Já chegámos?

— Há alguma coisa lá fora que te pareça verde? — perguntou-lhe Walt, em resposta.

Adeline fez cócegas ao mais novo e saiu de debaixo dos cobertores, para ir instalar-se no banco. O bafo dela formava pequenas nuvens. O céu estava a desanuviar. O sol dizia que a tarde ia a meio. Até onde ela conseguia ver, que era bem longe, tudo apresentava um branco cintilante e resplandecente, tão deslumbrante que lhe feria a vista se olhasse durante muito tempo.

Emil apareceu vindo do outro lado da carroça, trazendo *Oden* e *Thor*.

— Podes ir buscar aveia?

— Sim. Onde é que estamos? Onde está a estrada?

— Acho que estará perto daquela linha de árvores, ali — respondeu ele, apontando com a mão livre. — Mas vamos subir àquela colina para ver melhor.

— Não vejo carroças nem outros veículos.

— Havemos de ver lá de cima — disse-lhe ele, enquanto aprestava *Oden*. — Prometo que estaremos nessa estrada antes do anoitecer e de volta à colina em marcha antes que dê por isso.

Quando Adeline saltou para o chão, a neve dava-lhe pelos joelhos em alguns lugares, mas ela conseguia ver onde a profundidade era ainda maior. Depois de

dar aos cavalos uma lata cheia da única saca de aveia que tinham, e depois de Emil arrear *Thor*, partiram rumo à colina à sua frente.

— Achas que conseguimos chegar lá acima? — perguntou ela. — Não queremos ficar presos na neve.

— Vamos subir o mais que pudermos e eu faço o resto a pé.

Na senda da tempestade, o ar ficara tão frio que a neve que ainda soprava se retorcia como fumo em volta das patas dos cavalos e das rodas da carroça. Emil parou bem perto da base da colina, que estava coberta de neve recente.

— Já volto — disse ele, e entregou-lhe as rédeas.

Adeline viu o marido avançar, só conseguindo fazê-lo até ficar com neve pelo meio das coxas, o que deixou os dois rapazes encantados, a rirem-se com gosto.

— O papá ficou preso — disse Will.

— Não por muito tempo — replicou Adeline, enquanto Emil esperneava e abria caminho até encontrar neve menos funda e começar a subir a colina.

Ele estava a cerca de três quartos da subida quando, por cima da conversa dos pequenos e do tilintar dos cavalos nos seus arreios, Adeline ouviu um ronco baixo a sul, junto à linha de árvores. Subiu para o banco da carroça, protegeu os olhos e viu seis *Panzers* alemães a cerca de um quilómetro, abrindo caminho na neve em direção a eles.

— Graças a Deus — disse ela aos pequenos. — Depois de eles passarem e calcarem toda esta neve, será mais fácil irmos daqui até à estrada.

De repente, o som dos tanques pareceu tornar-se mais alto e mais próximo, tão próximo que ela mal ouviu o som de uma voz aos gritos. Então, percebeu que o som não vinha de sul, mas de norte.

Virou a cabeça e deu com Emil aos saltos colina abaixo, direito a eles como um bode assustado, com os joelhos em flexões sucessivas e as pernas em movimentos frenéticos, ficando enterradas na neve e logo depois se erguendo até se libertarem de novo. Mesmo com setenta metros entre eles, ela conseguia ver-lhe o terror estampado no rosto.

— Adeline! — gritou ele.

— Mamã! Veja ali em cima! — exclamou Walt.

No alto da colina e uns bons duzentos metros atrás de Emil, surgiu o cano do canhão de um tanque soviético, seguido pela sua enorme torre e o seu corpo blindado, as lagartas a esmagarem a neve e a terra semicongelada.

— Corra! — gritou Will. — Corra, papá!

Emil olhou por cima do ombro, alcançou a neve profunda junto à base da colina, cambaleou e caiu de borco. O tanque parou, girou e rugiu colina abaixo direito a eles.

Emil já estava novamente de pé, a esbracejar e a atirar-se para a frente repetidas vezes, sem reparar que o tanque parara numa plataforma da vertente a um quarto da descida. Apareceu um outro tanque soviético, e um terceiro. Junta-ram-se ao primeiro e pararam.

Entretanto, Emil libertara-se da neve profunda e correra direito à carroça, como uma criatura de neve desvairada. Trepou para o banco, agarrou nas rédeas e gritou:

— Segurem-se!



Agarrando num chicote de charrete, algo que ele quase nunca usava, Emil vergastou a garupa dos cavalos, enquanto puxava as rédeas com força para a esquerda. *Oden* e *Thor* avançaram, puxando a carroça de lado, antes de rumarem a sul.

— Temos *Panzers* mais à frente — disse Adeline, agarrando-se à grade lateral como se a sua vida dependesse disso.

— O quê?

— Junto à linha de árvores, direitos a nós. Estão numa posição mais baixa. Seis del...

Um troar seco interrompeu-a, seguido de outros dois em rápida sucessão, quando os tanques soviéticos abriram fogo. Os cavalos relincharam e empinaram-se com o barulho, arrancando a galope para sul no preciso instante em que os primeiros projéteis soviéticos atingiam o solo perto daquele ponto baixo, explosão atrás de explosão, projetando gelo, neve e fogo em espirais no ar gelado.

— Volta para trás! — gritou Adeline. — Ficamos mais seguros atrás dos sovi-etes.

— Acabamos mortos atrás dos soviets — gritou ele em resposta, e chicoteou de novo os cavalos.

Diante deles, os *Panzers* retribuíram o fogo, três canhões em simultâneo seguidos por dois e depois por um, todos eles produzindo clarões suficientes para

que os cavalos começassem a abrandar, sem saber o que tinham pela frente, até que Emil os açoitou de novo.

Projéteis alemães explodiram na encosta atrás deles. *Oden* assumiu, então, o comando e retomou o galope, levando a carroça de arrasto atrás dele, até que *Thor* acertou o passo e a cadência. A carroça ganhou velocidade. As rodas retalhavam a neve.

Um outro tanque do Exército Vermelho alcançou o topo da colina atrás deles e disparou o seu canhão, antes que os outros três fizessem o mesmo. Mais uma vez, os disparos soviéticos acertaram a pouca distância do ponto baixo onde os *Panzers* se encontravam, produzindo jatos de chamas e pedras, mas sem causar nenhum estrago. Agora, Emil conseguia ver os *Panzers* a entrarem em movimento, deixando o ponto baixo onde estavam e avançando pelo meio do fumo e da neve enegrecida pelas explosões, as torres a girarem para ganhar estabilidade, os canos dos canhões a subirem para compensar o vento.

Os tanques alemães começaram a disparar, deslocando-se de forma independente e evasiva para norte, pela planície coberta de neve, antes de pararem para disparar uma salva contra a encosta, que ia ficando cada vez mais distante dos Martel. Os soviets abriram fogo de novo.

Quatrocentos metros separavam a jovem família dos dois *Panzers* mais próximos, que tinham abrandado até parar, enquanto os seus canhões corrigiam as miras.

Emil nunca deixou de chicotear os cavalos rumo aos tanques alemães que se aproximavam, mesmo quando os projéteis russos rebentaram entre eles, lançando ao encontro do céu colunas de chamas, destroços carbonizados e neve.

Adeline e os rapazes gritavam atrás dele, mas Emil não podia parar. Os dois *Panzers* mais próximos estavam novamente à caça, avançando para eles. A distância entre Emil e os tanques ia-se reduzindo. Tentando sair do caminho, puxou os cavalos mais para a direita e, então, açoitou *Oden* e *Thor* como nunca antes, cruelmente e com determinação, uma e outra vez, com todas as forças do seu ser.

À direita, um *Panzer* disparou o seu canhão, levando os cavalos a guinarem para a esquerda. Emil puxou-os de volta para a direita, vendo o tanque alemão mais próximo disparar por cima da cabeça deles, a menos de cem metros. O rugido foi ensurdecador. A força da explosão atingiu-os por igual, cavalos e humanos. Os cavalos cambalearam. Emil sentiu-a como um valente soco vibrante, que o deixou zozinho, enquanto fazia por continuar a chicotear os cavalos.

Esgueiraram-se pelo espaço entre os dois *Panzers*.

Já se encontravam bem além deles, quando os soviets voltaram a abrir fogo. O tanque alemão que lhes estivera mais próximo foi atingido e explodiu, lançando fogo e fumo negro sobre os campos imaculadamente brancos.

De repente, um camião do exército alemão estava mesmo ali, quatrocentos metros à frente deles, em movimento da esquerda para a direita, rumo a sudoeste. A marcha. A estrada.

Finalmente, Emil parou de chicotear os cavalos. Ainda tinha os ouvidos a zumbirem e sentia-se tonto quando levou os seus cavalos ofegantes para os sulcos criados pelo camião que acabara de passar. Só então olhou por cima do ombro para a mulher e os filhos, caídos no meio da barafunda que reinava na carroça antes tão cuidadosamente arrumada. Estavam todos a olhar para ele de boca aberta, em choque por terem acabado de sobreviver a um campo de batalha, ainda a encolherem-se com cada explosão da luta que se desenrolava atrás deles. Ele sorriu e assentiu com a cabeça; depois, olhou para os seus cavalos, viu que tinham a garupa a sangrar com as feridas abertas pelo chicote e sentiu-se tão mal que teve de engolir os seus soluços.

Capítulo Quatro

Todos os músculos do corpo de Adeline tremiam. As costelas doíam-lhe. A garganta estava dorida de tanto gritar. Os ouvidos zumbiam-lhe e tudo parecia vazio e distante.

Ela conseguia ver que Will e Walt estavam tão atordoados e abalados quanto ela, pelo que o seu primeiro instinto foi reconfortá-los. Mas foi então que se apercebeu de que Emil estava curvado, com os ombros a tremer, e a chorar. Livrou-se do torpor que a envolvia, pôs-se de gatas, foi ter com ele e abraçou-o com força.

— Salvaste-nos — disse-lhe ela, mal conseguindo ouvir as suas próprias palavras. — Salvaste-nos a todos.

O marido enxugou os olhos com o braço e apontou para o sangue que escorria das feridas dos cavalos, antes de olhar para ela com profundo pesar e tristeza.

— Eu sei o quanto tu gostas deles — gritou Adeline. — Mas eles hão de se curar, e estamos vivos graças ao que tu e eles tiveram de fazer.

Ela não sabia se Emil conseguia ouvir o que estava a dizer-lhe, mas pareceu senti-lo. Parte da tensão deixou-o. Depois, ele beijou-a, desceu da carroça e foi recolher neve que espalhou sobre as feridas deixadas pelo chicote. Ambos os cavalos estremeceram violentamente com aquela sensação, bufaram repetidamente com a dor e, então, começaram a acalmar à medida que ele aplicava mais neve.

Adeline estava a recuperar a audição, quando ele voltou para a carroça. Emil levantou as rédeas com cuidado e mal lhes tocou na cauda para que retomassem a marcha. O fogo de canhão parara. Parecia que os *Panzers* haviam expulso os soviéticos, depois de deixarem dois dos quatro tanques vermelhos reduzidos a carroçarias em chamas na encosta distante.

Adeline sentiu um puxão na manga. Will estava de joelhos atrás dela.

— A mamã consegue ouvir? — perguntou-lhe ele.

— Está a melhorar.

— Eu consigo — disse o pequeno; sorriu, abanou a cabeça como um louco e agitou as mãos à volta das orelhas de uma maneira que a fez rir.

O sorriso do filho em reação às gargalhadas dela animou-a ainda mais, fazendo-a sentir-se grata por cada vez que inspirava. Eles tinham passado por um nevão. Havia estado no meio de uma batalha de tanques. E tinham sobrevivido! Os quatro. Doridos, maltratados, mas sem nada partido.

Ela queria rir-se, cantar e chorar ao mesmo tempo. Não sabia se alguma vez se sentira tão... tão viva! Walt levantou-se ao lado do irmão, parecendo confuso ao mesmo tempo que apontava para os ouvidos.

— Faça com que isto pare, mamã — pediu ele, torcendo as luvas e mal contendo as lágrimas. — Isto vai ser assim todos os dias, mamã?

Ela percebeu o quanto o seu filho mais velho estava abalado e abanou a cabeça, enquanto abria os braços para o receber. Walt hesitou e foi ter com ela, que o abraçou com força. Ele vira tanta coisa nas escassas seis horas desde que haviam deixado a sua casa. Era muito para um menino de seis anos e meio, pensou ela, e abraçou-o. Então, sentiu Will abraçá-la por trás, encostando-lhe a bochecha à nuca, e tudo o resto deixou de ter importância.

Sorrindo através das lágrimas que fazia por conter, Adeline deu com o marido a olhar para todos eles, feliz como ela nunca o vira.

É isto que é preciso para nos sentirmos assim? Estarmos tão perto da morte que só nos apetece explodir de alegria por nos sentirmos tão felizes por estar vivos?

Aquela alegria não a abandonou. Cada árvore ou cabana abandonada ou parede de pedra ou moinho de vento que iam encontrando naquela imensa paisagem coberta de neve, ela admirava-os genuinamente maravilhada; todos eles eram dádivas que levaria consigo e nunca mais esqueceria.



Para surpresa de Emil, tinham chegado à retaguarda da coluna em marcha passada uma hora. A SS impusera uma paragem durante o pior da tempestade e a caravana avançava agora aos soluços, com menos arranques do que paragens. Contribuindo para a barafunda, havia camiões alemães de reforços e abastecimento que seguiam os mesmos percursos — mas em sentido

contrário ao da marcha que seguia para oeste —, rumo a leste e ao encontro da frente de batalha em constante mudança, mesmo atrás deles.

— Hoje, vamos até onde, papá? — perguntou Walt.

— Não nos cabe decidir.

— Então, cabe a quem?

— À nossa... escolta — respondeu Emil, incapaz de esconder o seu desagrado. — Aos nazis. À SS. Por alguma razão, foram designados para nos proteger na marcha para oeste. Eles é que nos dizem quando é que andamos e quando é que paramos.

— Porque é que não podemos andar quando queremos? — perguntou Will.

— Porque agora somos refugiados de guerra, pessoas que deixaram as suas terras para trás. Não temos nada, pelo que não podemos dizer nada.

Emil sentiu um desamparo que não sentia há muito tempo. Soubera--lhe bem ser totalmente responsável pela sua vida em Friedenstal. Não gostava que lhe dissessem o que fazer, nem nunca gostara, embora não fosse estúpido nem verbalizasse o seu desagrado.

Sabia que estava à mercê das escoltas nazis, sem voto na matéria no que dizia respeito ao rumo do seu futuro próximo. Mas era o melhor para a sua família. Disso, ele não tinha dúvidas. Se tivessem ficado para trás, à espera dos russos, a sua família acabaria por ser separada. Ele teria sido enviado para leste para os campos e Adeline com ele, deixando os rapazes órfãos do Estado.

Emil sabia que fizera o que devia, para garantir a sobrevivência da família. Mas ainda lhe custava depender dos caprichos de outros homens, especialmente quando se tratava de homens que ele desprezava.

Nos cinco quilómetros seguintes, perderam altitude e a neve diminuiu. Com a escuridão a aproximar-se e a temperatura a descer, alcançaram e passaram pela carroça de Lydia, com os rapazes a gritarem os pormenores da sua aventura na tempestade e da batalha de tanques, o que deixou a avó assustada e a tia Malia espantada.

A marcha abrandou mais uma vez. Segundo a SS, a Wehrmacht interromperia todas as deslocações para oeste durante a noite, para que os transportes de tropas e camiões rumo a leste pudessem passar, levando reforços e mantimentos para a frente. As carroças começaram a montar o acampamento.

Emil viu uma carroça com uma capota característica mais à frente, junto a uma fiada de árvores à beira do caminho.

— Vejam só quem está acampado ali à frente. Dormimos ali.

Levou a carroça para perto de uma outra, com uma capota engenhosamente tecida com juncos secos.

Surgiu um homem curvado, que arrastava os pés e parecia mais velho do que a idade que tinha, trazendo com ele um machado e um braçado de lenha, e sem se aperceber de que eles estavam tão perto. Largou a lenha perto de uma fogueira, que fumegava num círculo de pedras junto à sua carroça; parecia desorientado. Como costumava acontecer-lhe quando via o pai, Emil sentiu uma certa tristeza: Johann Martel sofrera muito sob Estaline.

— *Opa!* — gritaram os rapazes. — Avô!

Will e Walt desceram da carroça e correram para junto do pai de Emil e da fogueira, para se aquecerem e contarem ao avô tudo sobre a batalha de tanques e como os cavalos os haviam salvado.

Johann sorriu aos rapazes e, com alguma dificuldade, deu-lhes uma quantas palmadinhas nos ombros com as suas mãos grossas. Emil desceu e começou a cuidar dos cavalos.

— Tu e a tua mãe vão fazer o jantar? — perguntou ele a Adeline.

— E a Malia, também — respondeu ela. — Devemos preparar uma fogueira só para nós? Ou pedimos para partilhar?

— Eu pergunto.

Emil amarrou *Oden* e *Thor* a uma árvore; em seguida, livrou-os dos arreios, deu-lhes mais aveia, aplicou-lhe um unguento nas feridas e pediu-lhes mais uma vez desculpa por tê-los chicoteado daquela maneira. Quando terminou, aproximou-se da fogueira. Antes que tivesse tempo de lá chegar, a mãe dele, uma mulher rija na casa dos sessenta, apareceu vinda de trás da sua carroça, como se lá estivesse escondida à espera dele.

Karoline Martel apontou para os netos acorados junto à fogueira.

— Espero que lhes deem de comer das vossas próprias provisões, Emil.

— É o que vamos fazer — disse-lhe o filho. — Embora faça pouco sentido termos duas fogueiras.

A mãe franziu ligeiramente o cenho.

— Não pode ser tudo por conta do teu pai.

— De acordo — disse ele; em seguida, chamou Walt e Will. — Rapazes! Vão apanhar todos os galhos mortos que puderem, antes que fique muito escuro, e tragam-nos para aqui. Estou a ver alguns ali em baixo, perto do riacho. Mas não tragam nada que esteja molhado.

Os filhos olharam com tristeza para a fogueira, mas lá se levantaram e, como é próprio de rapazes, fizeram daquilo um jogo. Apesar dos seus quatro anos e meio, Will era o mais competitivo dos dois.

— Vou encontrar mais do que tu, Walt! — gritou ele, e largou a correr.

— Quem é que está a pensar em quantidade? — gritou Walt, enquanto corria atrás do irmão mais novo. — Vais ter de trazer o maior.

— E antes que anoiteça! — gritou-lhes o pai.

Partiram em direção ao riacho, entre gritos e gargalhadas, o terror da batalha de tanques momentaneamente esquecido. Emil ignorou o ar desaprovador da mãe e ficou a vê-los correr, o seu coração reconfortado pelo facto de os filhos serem capazes de encontrar uma forma de se rir e brincar, enquanto tentavam fugir de uma guerra.

Johann tossiu, depois tossiu ainda mais, de uma forma que lhe sacudia todo o peito. Fez uma pausa, mas foi acometido por um acesso mais demorado que finalmente lhe puxou o muco, que ele cuspiu para o chão. Deu um passo, com uma expressão perplexa no rosto.

— Deverias sentar-te agora, Johann — disse-lhe Karoline, parecendo preocupada e olhando depois contrariada para o filho. — Estás a ver? Ir apanhar lenha já o enfraqueceu.

— É só uma tossezinha, Karoline — disse Johann, mas sentou-se num toco, com as costas apoiadas numa das rodas da carroça. — Já passei por pior.

— É uma tossezinha que quase te matou nas minas — rebateu a mulher.

— Uma tossezinha que me libertou, não foi?

— E olha para ti — disse ela, ainda amarga por ele lhe ter sido tirado pelos estalinistas a meio da noite e enviado para a Sibéria, como acontecera com o pai de Adeline.

Johann, um lavrador, era um homem habituado a viver ao ar livre, mas tinham-no posto a trabalhar debaixo da terra. Passara quase sete anos nas minas, a extrair carvão, antes de a sua tosse começar e, depois, se alastrar a outros prisioneiros. Segundo ele, quase morrera por duas vezes, enquanto mais homens caíam vítimas da misteriosa maleita. Com receio de perder toda a sua força laboral, os soviets responsáveis pela mina haviam decidido que, em lugar de tratar ou matar os enfermos, seria melhor libertá-los, expulsá-los dos campos e dizer-lhes que voltassem para casa.

Doente e febril, o pai de Emil metera-se num comboio de mercadorias a meio do verão e seguira para oeste durante semanas, num calor escaldante, an-

tes de dar com o caminho de regresso ao sul da Rússia. Estava macilento, atormentado pela tosse e coberto de sujidade quando batera à porta de Karoline. Ela não reconhecera o próprio marido.

Nem ela nem o filho, que pensou que o pai envelhecera quarenta anos durante os sete que estivera ausente. E não se tratava apenas da misteriosa doença pulmonar. Os anos nas minas da Sibéria haviam feito alguma coisa a Johann, tinham-no quebrado de alguma forma, privado do seu fogo interior. Nos anos que se sucederam ao seu regresso, era frequente encontrarem-no a olhar para a meia distância, transportado para um qualquer passado sombrio do qual raramente falava. A mãe de Emil dizia que ele costumava acordar aos gritos durante a noite, com febre e encharcado em suor.

— Onde está a Rese? — perguntou Emil.

— A tua irmã está a dormir — respondeu ela. — Todos os solavancos na carroça durante aquela última parte deixaram-na com o estômago virado do avesso.

— Emil? — chamou Adeline, antes que ele pudesse dizer mais qualquer coisa à mãe. — Podemos usar a fogueira?

Emil voltou-se e deu com a mulher, Lydia e Malia, carregadas com panelas e utensílios de cozinha.

— Podemos — respondeu. — E os rapazes vão trazer mais lenha.



Adeline assentiu com a cabeça, mas, quando se aproximou, a sua atenção passou do marido para a sogra, concentrando-se, então, em Karoline que estava de olhos postos na fogueira. Por mais que tentasse, Adeline não pôde deixar de pensar num pequeno frasco de natas e sentir um azedume familiar no estômago. Vestiu mentalmente a sua armadura, aproximou-se da fogueira, acocorou-se e, com a ajuda de um graveto, começou a puxar brasas para um lado.

Desde a infância, era por natureza uma pessoa calorosa e generosa, quase nunca tendo uma palavra desagradável a dizer sobre ninguém. Mas a sua sogra não era ninguém. Karoline era uma criatura fria e sem coração. Adeline não suportava estar perto dela e evitava aquela mulher sempre que lhe era possível.

— Nem um olá? — perguntou-lhe a sogra, pelo canto da boca.

Adeline ergueu os olhos e obrigou-se a sorrir.

— Oh, olá, Karoline. Peço desculpa. Estava com a cabeça no jantar. Obrigada por nos deixar usar a sua fogueira. É muita amabilidade da sua parte.

A outra fitou-a por um momento e, em seguida, virou as baterias para a mãe dela. Lydia cumprimentou a mãe de Emil e também lhe agradeceu o acesso à fogueira, ciente de que uma atitude subordinada tendia a deixar Karoline menos irritante e irritada. Adeline poisou a panela nas brasas e aqueceu um guisado que tinham preparado com batatas, cebolas e carne de porco salgada.

— Junta isto também! — pediu-lhe Malia, acorrendo com um monte de pequenos espargos selvagens. — Encontrei-os perto da nossa carroça! Como se alguém ali os tivesse plantado só para nós!

A irmã mais velha de Adeline parecia tão feliz que nem mesmo a presença de Karoline conseguiu impedi-la de sorrir e aceitar os espargos. Fazia vinte anos desde que Malia fora dar de comer às mulas da família e levava um coice, duas décadas desde que ficara em coma quando ninguém achava que teria hipóteses de sobreviver. Mas Malia era rija e acordara, sem dúvida diferente em muitos aspetos, mas também a mesma de sempre: sincera, bondosa, amorosa e estranhamente engraçada. Adeline já a adorava em criança e o sentimento mantinha-se.

Os rapazes voltaram: empurravam a sua carrocinha, agora cheia com dois grandes ramos partidos.

Emil foi ter com eles e, à luz das chamas, deu a volta aos dois galhos, estudando-os.

— Bem — disse ele por fim, —, parece-me que o do Walt é maior.

— O quê?! — perguntou Will.

— Eu disse-te! — exclamou o irmão.

— Mas — interveio o pai —, tendo em conta, Walt, que tens mais dois anos e oito quilos do que o Will, declaro um empate.

— O quê?! — perguntou Walt, por sua vez.

— Um empate! — disse Will, aos saltos.

Walt pareceu ficar abatido, até que Emil lhe lembrou que seria precisa lenha todas as noites até ao fim da viagem; Adeline foi ter com eles e deu um abraço a cada um.

— Porque é que a mamã nos abraçou? — quis saber Will.

— Por terem trazido a lenha.

— Então, deveríamos abraçá-la por fazer o jantar?

— Sim, se fazem favor — respondeu ela, provocando-o. — E por tudo o resto que faço por vocês.

A voz de uma rapariga resmungou sonoramente atrás deles:

— Já chega de tantos abraços. Está a dar-me dores de cabeça, como se já não bastasse as dores que tenho no estômago.

Adeline olhou para o outro lado da fogueira, para além da sogra, e viu a irmã de Emil, Theresa, de vinte e um anos, que estava a descer da sua carroça. Conhecida como «Rese», estava vestida como Adeline e as outras mulheres, com pesados casacos de lã escura e saias compridas, mas, ao contrário das outras mulheres, usava o cabelo dourado solto e não enrolado num lenço de algodão ou de lã.

— Como é que te sentes? — perguntou-lhe a mãe.

Rese tinha as mãos enfiadas nos bolsos do casaco.

— Como se estivesse congelada e tivesse um prego espetado na cabeça e vontade de vomitar.

Os rapazes começaram a rir-se. Adeline sorriu. Ela gostava de Rese. À semelhança da sua própria irmã, nunca se sabia o que ela iria dizer.

Como se estivesse à espera da sua deixa, Malia deu uma palmada na cabeça e acrescentou:

— Poderia ser pior. Poderias ter levado um coice numa mula na cabeça.

Rese calou-se, levando um dedo ao lábio inferior.

— Não vou contrariar-te, Malia. Um coice numa mula na cabeça seria pior do que termos vontade de vomitar quando temos um prego espetado na cabeça.

Will e Walt riram-se outra vez. Até Emil se riu, até que Karoline disse:

— Já chega, vocês. Não lhe deem corda. Rese, nunca pensas antes de falar?

A irmã de Emil passou pela mãe com um ar indiferente.

— E que graça é que isso tinha?

— Meu Deus, que filha é que eu criei? — perguntou Karoline.

Adeline detetou um lampejo de mágoa no rosto de Rese, antes que aquela sorrisse e dissesse:

— A mãe não me criou sozinha.

Karoline arquejou ao ouvir tal atrevimento. Johann sorriu.

Rese estendeu as mãos frias para as chamas.

— E pense só no seguinte: se também houve dedo de Deus nisto, se nascer é um milagre, como a mãe em tempos me disse, então, sou um milagre e sou tu-

do o que deveria ser agora. Certo?

Karoline estava a olhar para ela como se a filha estivesse a falar noutra língua. Malia abriu um sorriso enorme.

— Johann — queixou-se Karoline —, aonde é que ela vai buscar estas coisas?

Ainda a sorrir, ele encolheu os ombros.

— Ao cérebro dela — disse Walt.

Rese riu-se e apontou para ele.

— Gosto da maneira como o meu sobrinho pensa.

Karoline ergueu as mãos, olhou para as primeiras estrelas no céu noturno e disse:

— Desisto. Ela é de mais para mim.

Rese contornou a fogueira e foi falar com os rapazes, enquanto Adeline mexia o guisado. Quando já terminara, Rese aproximou-se e sussurrou:

— Já reparaste como gira sempre tudo à volta dela? O que foi que «eu» criei? «Desisto»?

— Agora que falas nisso...

— Lá no fundo, acho que ela não gosta dos outros porque não gosta de si mesma.

— Desisti de tentar entender a tua mãe há muito tempo — disse Adeline, enquanto retirava a panela das brasas.

Lydia apareceu com tigelas, que a filha encheu com o guisado bem quente.

— Isso cheira muito bem — disse Rese. — Posso comer um pouco?

A mãe dela ouviu.

— Tens o teu jantar aqui. Biscoitos e carne seca.

— Biscoitos e carne seca? — protestou Rese. — Está frio cá fora, mãe. Preferia comer o que eles estão a comer.

— Tenho a certeza de que sim — disse-lhe a mãe. — Mas se nos pusermos todos a comer assim agora, estaremos todos a morrer de fome antes que esta viagem chegue ao fim.

Seguiu-se um longo e incómodo silêncio que foi finalmente interrompido por Malia, que ergueu os olhos da sua tigela de guisado, sorriu a Karoline e disse:

— Obrigada, Senhora Raio de Sol.

Adeline deu meia-volta e afastou-se para que não a vissem sorrir, mas Rese uivava de tanto se rir. Emil estava a tentar conter-se, mas não tardou a atirar a

cabeça para trás, às gargalhadas. O pai estava de cabeça baixa, numa risadinha contínua, antes que Lydia e os rapazes se lhe juntassem. Então, todos à volta da fogueira estavam a rir-se, o riso de uns alimentando-se do dos restantes, as suas mágoas e preocupações esquecidas. Todos, entenda-se, menos a sogra de Adeline.

Quando a nora olhou para ela, Karoline levantara-se. Tinha o lábio inferior torcido com desprezo, enquanto cuspiu palavras venenosas destinadas a Malia:

— Já te esqueceste do Horror? — perguntou ela, num sussurro áspero. — Já te esqueceste do que é morrer de fome, não foi? Claro que sim. Era preciso que *tivesses* apenas metade de um cérebro para te esqueceres da sensação de passar semanas a fio com a barriga vazia. Das coisas que estás disposta a fazer para continuar viva.

As gargalhadas morreram. Lydia disse:

— Isso não está certo, Karoline.

— A tua filha não é certa do miolo — disse a mãe de Emil.

— Sua mulherzinha rancorosa. Tu...

Malia poisou uma mão no ombro da mãe; em seguida, olhou para Karoline sem qualquer indício de autopiedade ou de raiva.

— Não, não sou certa do miolo, Sra. Martel. Não tão certa como a senhora. Mas ainda tenho mais de metade do cérebro, pelo que me lembro do Holodomor. Lembro-me de termos tanta fome que comíamos erva. A mamã, a Adeline e o nosso irmão Wilhelm, estavam mesmo ao meu lado, de gatas e a chorar porque o papá tinha sido levado para o Leste dois anos antes, e não tínhamos nada, e estávamos todos engasgados com a maneira como a erva nos cortava a garganta e inchava na nossa barriga. Lembro-me muito bem disso.

Adeline levava a mão direita à garganta, visto que de repente conseguia sentir na língua o sabor áspero das lâminas de erva, bem como uma pontada da dor abdominal que se apoderava das entranhas depois de dias de alimentação forçada de gramíneas e ervas daninhas.

Karoline parecia chocada ao ser tratada daquela forma por uma mulher mais nova, ainda mais quando Malia prosseguiu:

— Mas continuámos a comer a erva e qualquer coisa que pudéssemos encontrar, porque queríamos viver. Eu comi minhocas, insetos e um pássaro morto, porque queria viver. Mesmo com a cabeça apanhada, eu queria viver para que, um dia, pudesse comer uma boa tigela de guisado como esta noite. O que

é que comeu para sobreviver ao Holodomor, Sra. Martel? O que é que fez para sobreviver?

A mãe de Emil ficou ali parada, com os olhos postos no chão durante alguns momentos antes de olhar furiosamente para Malia.

— Não fazes ideia — respondeu ela, antes de desaparecer atrás da carroça.



Os restantes acabaram de jantar num silêncio desconfortável. Depois de a louça estar lavada, Will aproximou-se e agarrou a saia da mãe.

— Estou cansado, mamã.

— Hora de dormir — disse ela. — Hora de dormir, Walt.

O filho mais velho estava a dormir perto da fogueira. Emil foi ter com ele, preparando-se para o acordar, mas depois baixou-se, pegou nele ao colo e levou-o para a carroça. O pequeno nem se mexeu.

Adeline já deixara os cobertores preparados no interior. Emil entregou-lhe o filho. Ela deitou-o num cobertor, antes de o tapar com outro. Depois, ajudou Will a instalar-se ao lado do seu irmão adormecido e prometeu-lhe um segundo cobertor quando voltasse.

As chamas estavam moribundas. Apenas Johann continuava a pé, sentado no coto e a olhar para as brasas da sua vida. Mais além, outras fogueiras já se haviam reduzido a brasas, e as vozes na escuridão circundante diminuía a cada minuto.

Emil olhou por cima das árvores, para o céu limpo da noite, atento à tapeçaria de estrelas e sentindo-se subitamente pequeno, insignificante, como se a sua vida pouco valesse. Um camião passou. Um soldado alemão gritou que as pontes mais adiante seriam abertas antes do amanhecer e que a caravana retomaria a sua marcha pouco depois. Aquilo só piorou o estado de espírito de Emil, fazendo-o sentir-se um peão, com vontade de retirar e lutar ao mesmo tempo.

— Emil?

Ele sobressaltou-se. Adeline aproximara-se silenciosamente.

— O que é que estás a ver?

O transe foi desfeito.

— A Lua e as estrelas.

— O que é que têm?

— Quando eu era pequeno, saía quase todas as noites para olhá-las, e agora é raro pensar nelas.

Adeline aninhou-se nos braços do marido, encostou a face ao peito dele e abraçou-o.

— Dá graças. Sobrevivemos ao primeiro dia — disse ela.

— Sabe-se lá como — replicou ele, revendo-se a chicotear os cavalos sem parar.

— Graças a ti e graças a Deus.

Ele encostou a cara ao cabelo da mulher.

— Amanhã, afastamo-nos mais dos tanques.

Adeline beijou-o e disse:

— Não percas o ânimo, Emil.

— Nunca.

— E reza por nós. Deus ajuda quem pede.

A reação de Emil não passou de um resmungo evasivo:

— Vou ver como estão os cavalos.

Não esperou por uma resposta, seguindo para junto de *Oden* e *Thor*, sentindo-se irritado ao mesmo tempo que pensava: *Rezar? Uma perda de tempo. Faz o que quiseres, Adella, mas eu cá me arranjo, obrigado. Não há porque envolver Deus se Ele não existe.*

Tal como a sua mulher, Emil fora criado como luterano. Miraculo-samente, ela conservara a sua fé nos bons e nos maus momentos, mas a de Emil fora-lhe retirada aos poucos, ao longo dos anteriores quinze anos de calamidade, de perseguição e de situações que nenhum homem deveria ter de enfrentar, tomando decisões que nenhum homem deveria ter de tomar.

Tentou resistir, mas veio-lhe mais uma lembrança de si mesmo no dia em que perdera a fé por completo: viu-se a sacudir o punho na direção do céu, mais sozinho do que nunca. Estremeceu ao tentar bloquear aqueles tempos odiosos e tratou de cuidar dos cavalos, verificando-lhes as cordas e as peias. Eles dilataram as narinas e reviraram os beiços enquanto Emil lhes aplicava mais unguento nas feridas.

Quando voltou para a carroça, Adeline já fora buscar o resto dos cobertores e abrira mais um sobre Will. Estava deitada ao lado do filho mais novo. Emil apagou a lanterna e introduziu-se ao lado de Walt, antes de estender o braço por cima dos dois rapazes para apertar o da mulher, num gesto de boas-noites.

Por um momento, a noite caiu fria e silenciosa, antes de Will sussurrar:

— Fale-me outra vez, mamã, do sítio para onde vamos.

— É um lugar lindo — sussurrou Adeline, sonolenta. — É rodeado por montanhas e florestas. E por neve lá no alto. E mais abaixo haverá um rio sinuoso e campos verdes. Vamos viver numa casa quentinha e, todas as manhãs, hei de cozer pão para vocês, e haverá um grande jardim nas traseiras e teremos tanta comida que não saberemos o que fazer com ela.

Emil fechara os olhos e estava a tentar ouvir a mulher, a tentar ver um lugar assim tão mágico na sua mente. Mas, apesar de todos os seus esforços, as imagens daquele dia circulavam e arrastavam-se dentro dele, deixando-o surdo à descrição do paraíso de Adeline. Reviveu a batalha de tanques antes de se deixar adormecer, ouvindo os ecos da voz de Malia junto à fogueira. *O que é que comeu para sobreviver ao Holodomor, Sra. Martel? O que é que fez para sobreviver?*

Capítulo Cinco

Março de 1933
Birsula, Ucrânia

Nos seus sonhos intermitentes daquela noite, Emil tinha de novo vinte e um anos e vagueava pelas ruas enevoadas de uma pequena cidade a noroeste de Friedenstal. Pesava menos de cinquenta e cinco quilos, nem um grama de gordura lhe sobrava no corpo. Embora a sensação de fome fosse e voltasse, ele sentia dores constantes e em toda a parte: articulações, músculos e ossos. Privado de reservas de gordura, o corpo estava a começar a comê-lo de dentro para fora.

A apatia também começara a instalar-se. Uma névoa parecia envolver a mente de Emil, enquanto ele vagueava por toda a parte em mais uma busca desesperada, à procura de comida. A sua refeição mais recente fora três dias antes, altura em que deixara os limites da cidade e fora para os campos de cultivo, onde encontrara uma abóbora mirrada e coberta de terra, que sobrevivera ao inverno e a outros predadores. Depois de a lavar num riacho, Emil comera até ficar mais do que cheio, sentara-se ao sol, a sentir-se gordo e feliz, e não tardara a adormecer ali mesmo na margem. Ao acordar, comera o resto da abóbora e sorria ao ver o quanto a sua barriga voltara a crescer.

Mas isso foi há dias, pensou ele, enquanto procurava nas ruas qualquer coisa que pudesse comer. *Quanto mais tempo pode isto durar? Quanto mais tempo conseguirei sobreviver?*

Emil estava por sua conta, desde que a família fora expulsa das suas terras em Friedenstal, mais de três anos antes.

O pai, a mãe e a irmã, Rese, então com oito anos, tinham ido viver para Pervomaisk, uma cidade a leste do rio Bug. A princípio, Emil tivera sorte. Sabia trabalhar o campo e não tivera dificuldade em encontrar trabalho numa quinta coletiva.

Ele era calado por natureza, mas era pouco o que lhe escapava. Quando pequeno, aprendera que a chave da sobrevivência sob o comunismo passava por

manter o silêncio, fazer o seu trabalho e não aspirar a nenhum tipo de liderança. Três meses depois de os pais o deixarem entregue a si mesmo, ele aprendera que aqueles que se faziam ouvir, que tentavam fazer melhor as coisas ou tentavam ensinar aos outros uma maneira melhor de as fazer, eram propensos a desaparecer ou a morrer novos.

Naquele primeiro ano por sua conta, Emil dormiu onde calhou e ganhou o suficiente para ter comida na barriga. O segundo ano, 1931, foi ainda melhor quando lhe atribuíram um trator para conduzir.

Mas, no outono do ano seguinte, Estaline decidiu esmagar toda e qualquer oposição ao domínio soviético na Ucrânia. Sonegou praticamente todos os alimentos na região. Tinha como objetivo matar de fome toda a população.



Enquanto se arrastava por Birsula seis meses após o início do Holodomor, Emil tinha o vento pela frente e estava perdido numa série de pensamentos monótonos e repetitivos, de medo e de necessidade. Não sabia que fora dar a uma estrada que acompanhava as traseiras da estação de comboios e do parque de material ferroviário.

Não sentia nenhuma vontade de voltar àquele lugar, mas ali estava ele, pelo que olhou em redor e viu os cadáveres dos recentemente mortos de fome e os moribundos esparramados contra a cerca que delimitava o parque ferroviário. Espalhados entre eles e ainda de pé, os meramente famintos e desesperados agarravam-se à cerca de arame, com os olhos postos numa pequena montanha de trigo a menos de oitenta metros de distância.

Quatro soldados armados cercavam a enorme pilha de trigo, enquanto outros trabalhavam nela com pás, revirando os grãos, expondo-os ao nevoeiro para que, quando o sol voltasse e banhasse aquela comida suficiente para alimentar a cidade durante semanas, tudo aquilo simplesmente acabasse por apodrecer. Emil não queria olhar para o trigo, mas não se conteve. Contornou uma mulher, que chorava agarrada ao filho moribundo, e foi até à cerca, onde ficou a olhar para o trigo como se fosse uma miragem ou um sonho.

Fantasiou com o que poderia fazer com os bolsos e as mãos cheias daquele trigo. Quase conseguia sentir o cheiro do pão no forno.

Um dos soldados riu-se. Emil ouviu-o, pôs de parte a fantasia e, então, viu-o. *Cigarro na boca. Riso trocista. Não está a passar fome, pois não?*

Quanto mais ele pensava nos bem alimentados soldados russos, que destruíam intencionalmente aquela comida diante de gente faminta, mais uma raiva primitiva se apoderava dele. Que mal fizera ele a Estaline? Que mal é que qualquer membro da sua família fizera a Estaline? Por que motivo se expulsavam bons lavradores das suas terras e, depois, se negava comida a gente inocente?

Porque é que um Deus justo, bondoso e benevolente havia de permitir que isto acontecesse?

Desde que o Horror começara, Emil já estivera duas vezes na estação ferroviária, e em ambas se fora embora com uma sensação de impotência, duvidando da existência de um poder além de si mesmo. Antes que tivesse tempo de se afundar naqueles sentimentos sombrios, lembrou-se de ouvir o pai dizer-lhe que Deus ajuda aqueles que se ajudam.

Mas então uma voz manhosa dentro dele disse: *Não confies em nenhum poder além do teu, Emil. Se queres ser salvo, salva-te a ti mesmo.*

Simultaneamente enervado e encorajado por aquela voz, decidiu que teria de se aventurar mais uma vez fora dos limites da cidade. Havia de andar e procurar, até encontrar comida ou cair morto a tentar. Ponderou qual a direção a seguir. A leste, talvez encontrasse um campo de nabos ou beterrabas por colher. Mas, em vez disso, decidiu seguir para oeste, em direção às terras agrícolas que eram cruzadas por riachos.

Dos seus tempos na quinta, Emil sabia que, no princípio de março, os fundos dos riachos que não haviam galgado as margens se encontravam muitas vezes verdes e abundantes em coisas comestíveis, para quem soubesse o que procurar. Talvez encontrasse os pequenos fetos que a mãe costumava apanhar e cozinhar ou conservar em salmoura. Ou rebentos de espargos. Ou cogumelos. Ou ovos de pata acabados de pôr. Ou a carcaça de um coelho morto pelo inverno, ainda congelado na última neve.

Ou podia ser que andasse até que as pernas se recusassem a funcionar.

Emil vira como as pessoas famintas deixavam de andar e falar e, de repente, tombavam sobre pernas que já não as aguentavam. Depois, ficavam para ali, algumas delas a miar como gatinhos recém-nascidos, a pedir leite às suas mães.

Vai para oeste, pensou ele, e afastou-se da cerca do parque ferroviário. *Procura os leitões daqueles riachos.*



Só que, passados alguns quarteirões, Emil soube que não chegaria ao primeiro daqueles riachos, a quase cinco quilómetros de distância. Ou, se conseguisse chegar, a menos que tivesse sorte e encontrasse comida de imediato, o mais provável seria morrer por lá. Muito simplesmente, estava demasiado fraco para fazer todo aquele caminho a pé e, depois, ainda ter de procurar o que comer.

Tudo de que ele realmente precisava era apenas um pouco de comida. Um pouco de comida e seria capaz de andar com energia suficiente para encontrar a sua próxima refeição e a seguinte depois daquela.

Começou a nevar. Emil sentou-se à beira da estrada, para poupar as suas energias e decidir se procuraria abrigo ou comida. Do outro lado da rua, num pequeno parque, reparou numa mulher faminta que tropeçou, se esparramou no chão e não voltou a mexer-se. Sentiu pena dela e, se pudesse, tê-la-ia ajudado. Se tivesse comida, Emil dar-lhe-ia uma parte. Mas passara o ponto de ficar chocado com colapsos repentinos. Agora, era algo que ele via acontecer quase todos os dias.

A imagem e a voz do soldado bem nutrido, a gargalhar atrás da estação ferroviária, encheu-lhe a mente, deixando-o novamente furioso. Aquele soldado russo iria fumar cigarros naquele dia. Aquele soldado russo iria destruir comida e comer bem naquele dia enquanto ele, Emil, não tinha nada.

Absolutamente nada.

Estava furioso ao pensar naquilo, ciente de que outras pessoas no mundo não estavam a morrer de fome e que até mesmo alguns dos habitantes de Birsula estavam a receber regularmente comida mais do que suficiente, gente local feita com o partido, com Estaline.

Estranhamente, já não sentia ressentimento, nem impotência. Em seu lugar, aquela vozinha manhosa dentro dele disse: *Vai e rouba-os, Emil. Os homens do partido. Rouba-os e salva-te.*

Aquela ideia deixou-o simultaneamente apavorado e empolgado. Sabia que, se fosse apanhado, seria enviado para um campo de trabalho. Ou abatido a tiro. Mas não se demorou muito nessas hipóteses nem no medo delas, porque sabia que morreria em breve se não fizesse nada e lhe agradava a ideia de roubar aos estupores que se entretinham a vê-lo morrer de fome.



Havia uns poucos centímetros de neve húmida no chão quando, depois de atravessar a cidade, Emil deu com uma grande dacha atrás de um muro alto. Na quinta coletiva, costumava ver muitas vezes o homem que vivia naquela casa. Num dia do mês de dezembro anterior, vira o mesmo homem entrar pelos portões daquela dacha.

Sabia que aquele homem era um membro superior do partido que supervisionava a produção de cereais na região. Todos os que se dedicavam à agricultura num raio de cinquenta quilômetros em redor de Birsula trabalhavam para ele. Emil não sabia o nome do membro do partido e não queria sabê-lo. Era o desgraçado sem sentimentos que os obrigara impiedosamente a produzirem uma grande colheita no ano anterior. Era o mesmo desgraçado sem sentimentos que entregara tudo a Estaline. E Emil era capaz de apostar que ele era o tipo de desgraçado sem sentimentos que seria capaz de se banquetear enquanto os seus vizinhos morriam de fome.

Por um breve instante, lembrou-se do mandamento «Não roubarás», apenas para o pôr de lado. Aquilo era diferente. Ele estava a fazer aquilo para sobreviver. E sabia que outros haviam feito muito pior para sobreviver ao Horror. Ouvira falar de crianças que desapareciam em toda a Ucrânia. Ouvira falar de gente que comia os próprios filhos.

Tudo o que ele estava a fazer era roubar a alguém que tinha demasiado.

Foi até ao beco que passava por trás da casa do homem e de outras naquele lado da rua, com a intenção de espreitar as traseiras da casa, perto da cozinha. Se houvesse uma cozinha, haveria uma despensa ou um armazém. Haveria lá comida que ele poderia roubar.

Emil entrou no beco ao anoitecer, já sem pensar na fome nem no cansaço. Sentia o coração acelerado, enquanto pensava em descobrir a melhor maneira de entrar na cozinha, depois de o homem, a respetiva família e criados irem dormir. Quando seria? Dali a quatro, cinco horas?

Todavia, ele iria usar a cabeça. Esperaria cinco horas e, depois, verificaria as portas e as janelas. De certeza que uma delas ficaria por trancar na primavera depois de um inverno longo e frio. Se fosse preciso, partiria a vidraça de uma janela da cave. Entraria e...

Mais à frente, mesmo ao fundo do beco nas traseiras da casa do líder do partido, o portão abriu-se. Uma mulher de avental saiu com uma lata de lixo, dei-

xou-a junto ao portão com outras e, depois, voltou para dentro.

Imediatamente, todas as ideias de roubo o abandonaram. Os restos de um homem que comia bem não podiam ser comparados ao recheio da despensa do dito, mas, aos vinte e um anos, Emil já fora tão castigado pela história e pelas circunstâncias que deixara de implorar por melhor sorte.

Depois de esperar alguns momentos ansiosos até que a cozinheira voltasse para dentro, e entregando-se a fantasias que envolviam cartilagens de porco ou o couro de um presunto velho ou um osso de sopa que ele pudesse morder e rachar para lhe sacar o tutano, Emil dirigiu-se furtivamente para a lata de lixo, tão concentrado no objeto do seu desejo que não viu outro homem a emergir das sombras mais profundas do beco, deslocando-se rapidamente na direção daquele mesmo objeto.



Finalmente, toparam-se e estacaram a três metros de distância, a lata de lixo a meio caminho e à esquerda entre eles. Estava a anoitecer agora, mas Emil sabia que tinha pela frente um homem muito mais alto e maior. A altura era inegável, mas a ilusão de volume poderia dever-se ao sobretudo que a sombra trazia vestido, ao cabelo desgrenhado e à barba por aparar.

O sussurro do outro foi rouco e ameaçador, em russo:

— Essa lata é minha, amigo. O beco também. Dás mais um passo que seja e acabo contigo.

Emil manteve-se firme, estudou a silhueta do homem com atenção e disse:

— Se eu não der mais um passo, morro.

Nos anos que passara a tomar conta de si, em especial desde que Estaline ordenara o Holodomor, Emil assistira a muitas lutas de punhos e até a rixas de multidões por causa de comida. E tivera de se defender e lutar por si mais vezes do que era capaz de contar. Com cada luta em que participara ou à qual assistira, aprendera lições e chegara à conclusão de que era muito mais importante o ponto em que atingia um homem, e não a força com que o fazia. Aqueles que sobreviviam e se davam bem nas brigas por comida sabiam onde atacar um homem para o quebrar, não apenas para o magoar, mas para o ferir com gravidade e causar estragos suficientes para o deixar fora de combate, pelo menos durante aquele dia.

Independentemente do seu tamanho, Emil reparara que os homens mais rijos perdiam por completo a sua humanidade assim que decidiam lutar, perdiam por completo a sua compaixão básica pelos outros seres humanos. Pareciam tornar-se calmos, frios, animais, capazes de bloquear tudo menos os pensamentos relativos a encontrar um daqueles alvos críticos no corpo humano que deixavam um homem de joelhos ou esparramado e inconsciente: com uma arma, de preferência, mas, se não fosse possível, então, com a base das mãos, ou a parte externa do antebraço, ou com as canelas, porque eram ossos menos fáceis de partir. Emil também reparara que, assim que aqueles lutadores se decidiam por uma arma e por um alvo, se apressavam a aproximar-se do seu adversário, atacavam imediatamente, tentando atingir aquele único ponto enquanto aplicavam todo o seu peso contra o outro homem.

É assim que um David pode vencer um Golias. Deixou de pensar no homem à sua frente como um ser humano. Passou a ser uma sombra, o homem-sombra. Endireitando o corpo, Emil ergueu os braços e investiu contra ele, tentando fazer parecer que iria atacar alto na direção da cabeça.

Apanhou a sombra ao elevar-se e, com o antebraço esquerdo à sua frente, baixou-se no último instante, avançando nas pontas dos pés ao mesmo tempo que sentia o cotovelo e o antebraço colidirem com o tronco do homem maior perto da zona inferior esquerda da caixa torácica. Era capaz de jurar que ouvira costelas a partirem-se juntamente com o grunhido que o homem largou quando o ar lhe foi arrancado dos pulmões. Sentiu o próprio ombro torcer-se quando foi contra o homem-sombra e caiu de borco no chão coberto de neve.

Ouvindo o outro gemer e arquejar de dor, Emil levantou-se, a calma pertencendo ao passado e a adrenalina a bombar, permitindo-lhe ignorar o ardor no ombro esquerdo agora inutilizado e ver o homem-sombra no chão perto da lata de lixo, enrolado sobre o lado esquerdo e a contorcer-se, incapaz de pensar em nada além da dor, porque tinha as costelas partidas e o fígado em mau estado.

Emil vira um outro homem desferir um golpe semelhante numa rixa por comida em novembro e nunca se esquecera daquilo. E o homem-sombra dissera que o mataria, se ele se aproximasse da lata de lixo.

Passando pelo vulto contorcido, Emil usou o braço direito funcional para pegar na lata pela pega e, então, afastou-se antes que a sua humanidade e preocupação pudessem regressar. Sentia que não devia nada àquele homem.



Vários quarteirões depois, noutro beco, atrás de outra casa, a neve começou a diminuir. Emil abrigou-se num depósito de lenha vazio, que recebia uma nesga de luz vinda de uma janela. Levantou a tampa da lata e preparou-se para a poisar silenciosamente. Mas o fedor a gordura animal rançosa que o atingiu levou-o a deixá-la cair com estrondo, fazendo um esforço para não se engasgar enquanto permanecia imóvel todo um minuto antes de se obrigar a inclinar a lata para aquela nesga de luz e espreitar lá para dentro. Qualquer cartilagem de porco, couro de presunto ou osso de sopa que pudesse haver estava agora coberto de gordura rançosa.

Noutra altura, noutro lugar, Emil poderia ter pensado em regressar ao beco onde deixara o homem-sombra e ir avanti com o seu plano de roubo. Mas aquela vozinha dentro da cabeça impediu-o, perguntando-lhe: *O que estás disposto a fazer para sobreviver?*

Foi preciso apenas um momento para que ele alterasse toda a sua perspectiva de vida, para endurecer de cima a baixo, antes de dar esta resposta silenciosa: *Faço qualquer coisa para sobreviver.*

Respirou fundo e, então, começou a tirar tudo o que estava na lata e a lamber a gordura rançosa. Não tardaria a ficar enjoado e com vômitos, mas queria lá saber. Se conseguisse aguentar gordura suficiente no estômago, teria as forças necessárias para ir investigar os leitos dos riachos na manhã seguinte.

Capítulo Seis

Fins de março de 1944

A leste de Dubossary, Transnístria

Adeline acordou no escuro ao som de tiros de canhão. Não estavam longe. Oito, talvez dez quilômetros a nordeste, suficientemente perto para projetar clarões cor de laranja no céu mais baixo. Os cavalos começaram a resfolegar e a relinchar, enquanto se ouviam gritos na escuridão. Um veículo aproximou-se. Uma voz soou, amplificada e crepitante:

— *Raus!* Todos a pé! As pontes de Dubossary estão livres de tráfego para les-te! A marcha arranca dentro de uma hora!

Adeline tratou de se despachar a preparar e alimentar os seus filhos ainda ensonados, enquanto também lhes arrumava as roupas de cama. Mais canhões dispararam. Ela sentia-se mal do estômago. Precisavam de se despachar, mas não podiam ir a lado nenhum até que Emil tivesse os cavalos atrelados.

Enquanto servia pão frio e água como pequeno-almoço aos pequenos, olhou para o marido e viu-o atarefado à luz da lanterna, de cabeça e ombros descaídos como estava a tornar-se costume ultimamente. Depois do que acontecera na véspera, depois de os levar para um lugar seguro, ele deveria ter os ombros direitos e o queixo erguido. Ela ansiava por voltar a vê-lo assim, de olhos brilhantes e pronto para qualquer coisa, tal como era quando o conhecera em 1934.

A vida fora difícil para ele na década que passara, difícil para ambos. Mas quando é que ele começara a mudar? Quando é que começara a duvidar de tudo?

A memória de Adeline recuou até a uma noite de fevereiro de 1935, quando aquele dinheiro surgira da escuridão, direito a ela. Ela estava à porta do prédio de apartamentos onde viviam, ao frio, dilacerada pela dor e vazia de lágrimas. Através de uma janela aberta mais acima e atrás dela, e pela primeira vez desde que o conhecia, ouvira Emil chorar, a soluçar de desespero.

Ambos duvidámos de Deus naquela noite. Como poderíamos não duvidar?

Mas, decidiu Adeline, não fora naquela noite que ele se transformara no homem que agora se atarefava, cabisbaixo, entre os cavalos. Não fora naquela noite que o marido parecera perder a fé em tudo menos em si mesmo e na sua vontade inabalável de trabalhar.

Adeline pensou mais um pouco. E, então, pareceu-lhe saber quando fora, vendo-se a acender uma lanterna não muito tempo depois do regresso a Friedenstal, em setembro de 1941. Eles estavam a viver em casa de Karoline e Johann, enquanto Emil construía a deles no outro extremo da cidade. Walt tinha quase quatro anos, Will quase dois. O marido fora a Dubossary — a cidade que agora tinham pela frente — com a carroça e os cavalos, em busca de material para o telhado e as janelas. Previra ausentar-se um dia e meio, dois no máximo, mas haviam sido mais de três, ele apenas se metendo na cama antes do amanhecer da quarta manhã.

Adeline lembrava-se do rosto do marido à luz da lanterna. A princípio, parecera-lhe cansado, depois envelhecido e depois perdido, ao deitar-se na cama.

— Onde é que estiveste? — perguntara ela. — Estava tão preocupada.

— Fui detido pelos alemães durante um dia e meio.

— O quê?! Porquê?

— Não sei. Já não sei porque é que as pessoas fazem seja o que for.

Adeline quisera fazer-lhe mais perguntas, mas o marido olhara para ela com os olhos injetados de sangue e dissera:

— Não quero falar sobre isto. Nunca mais. Quero dormir. Preciso de dormir, se quero assentar o telhado antes que a neve chegue.

Emil virara-se para o lado. Ela ficara bastante tempo a olhar para as costas dele, antes de apagar a lanterna. Na penumbra, lembrou-se de ouvir alguém dizer que os olhos eram as janelas da alma e pensou nos do marido alguns momentos antes.

Feridos, pensou ela. Cobertos de cicatrizes.

Então, ouvira-o chorar pela segunda vez no seu casamento.



A quinze metros da mulher e dos filhos, Emil movia-se num transe sombrio, enquanto atrelava os cavalos para o segundo dia na estrada.

Dubossary? Não voltei lá desde... Como é que eles nos levam por aqui, e não mais para sul?

E, todavia, ali estava ele, antes de deixar a Ucrânia para sempre, a preparar-se para enfrentar uma cidade que desejava nunca ter visto. Não obstante, segundo uma determinada perspectiva, aquilo parecia-lhe justo, merecido. Esta ideia e muitas outras, igualmente tortuosas, giravam-lhe implacavelmente na cabeça enquanto acabava de preparar os cavalos.

Algumas carroças da caravana já estavam de partida. O sol começava a despontar.

— O que é que está a incomodar-te? — perguntou-lhe Adeline, enquanto acabava de arrumar as traseiras da carroça.

— O quê?

— Andas por aí como se carregasses o peso do mundo nos teus ombros.

Emil adorava a mulher, mas aquele comentário irritou-o. Sentiu-o queimá-lo por dentro. Antes que pudesse dizer alguma coisa, porém, conteve-se e apontou para os flancos dos cavalos.

— Só estou preocupado com eles. Não quero uma infeção. Sem eles, estamos em apuros.

Ela ficou um momento a olhar para ele, antes de assentir:

— Vamos ficar de olho neles.

Poucos minutos depois, com Adeline ao seu lado e os rapazes sentados no oleado dobrado atrás do banco, Emil empunhou as rédeas e estalou a língua, dando sinal a *Thor* e *Oden*. A carroça recomeçou a rolar.



Adeline levantou-se do banco e olhou por cima da capota; viu a carroça dos pais de Emil juntar-se à coluna atrás deles e, a seguir, a carroça da mãe dela. Johann segurava as rédeas e tinha Karoline ao seu lado, com ar de quem se preparava para uma nova tempestade. Atrás dela, Rese estava deitada de costas, debaixo de cobertores.

Lydia finalmente cedera e permitira que Malia tomasse as rédeas da carroça. A irmã mais velha de Adeline estava sentada com as costas hirtas, como se tivesse engolido um pau de vassoura, e a sua cabeça não parava de girar, com um sorriso enorme estampado no rosto. Adeline também teve de sorrir. A irmã era

uma das melhores partes da sua vida. Os canhões do Exército Vermelho podiam estar a troar a norte, mas ver Malia nas rédeas transmitia-lhe uma sensação tão calorosa e positiva que ela nem se importava.

A felicidade pode ser assim tão fácil? Encontrar pequenas alegrias nos piores momentos? Não era isso que a Sra. Kantor costumava dizer?

Antes de conhecer Emil, Adeline trabalhara como cozinheira e empregada doméstica para uma viúva mais velha, chamada Yudit Kantor, que fora sempre muito bondosa com ela e lhe ensinara muito sobre a vida. A pensar na Sra. Kantor, Adeline decidiu que, naquele dia, a felicidade era assim tão fácil e registou uma imagem mental de Malia em toda a sua glória que, assim esperava, poderia recordar para sempre.



Mais tarde naquela manhã, a progressão tornou-se mais complicada em virtude de mais carroças e mais *Volksdeutsche* em fuga que se iam juntando à caravana, vindos de norte. Os Martel avançavam por um caminho de terra batida, sinuoso e coberto de lama e de neve, que descia ao encontro de um cruzamento, onde um oficial alemão estava de pé no capô de um camião, a orientar o trânsito.

Quanto mais se aproximavam, mais pormenores do homem se tornavam perceptíveis: atarracado e com um pescoço de touro, cabelo à escovinha sob um característico quépi preto, e um sobretudo cinzento-escuro que adejava ao vento. Emil queria negar a repentina inquietação que o assomava, queria negar que o oficial era quem parecia ser. Mas aquela postura, aqueles movimentos.

Não pode ser, pensou ele, sentindo uma sensação ácida no fundo da garganta.

Uma boa centena de metros antes de a sua carroça ficar sob a atenção direta do oficial alemão, os maneirismos e a voz do homem fizeram com que Emil se convencesse do contrário.

É ele, o SS Hauptsturmführer Haussmann.

O medo queimou-lhe as entranhas, antes de explodir de terror. *É ele! O Haussmann. Como é possível?*

Emil ficou paralisado durante um momento. Em seguida, quis dar meia-volta com os cavalos e a carroça, e fugir dos soviets por outro percurso, sob a pro-

teção de outros nazis. Ouvira falar de pessoas que iam para noroeste, rumo à Polónia. Mas havia demasiados carros e veículos à sua volta para tentar sair.

— O que é que se passa, Emil? — quis saber Adeline.

A princípio não a ouviu, mas depois olhou para ela.

— O quê?

— Está frio e tu estás a transpirar, como se estivesses a manobrar o arado. Estás a ficar com o suor gelado na barba.

— Não sei — disse ele, sentindo o pânico a crescer.

Então, pensou: *A minha barba! O meu cabelo de inverno!*

A última vez que estivera frente a frente com o capitão nazi da SS, agora em pé no capô do camião mais adiante, fora dois anos e meio antes, perto do fim do verão de 1941, na cidade de Dubossary, a menos de dez quilómetros daquele local. Naquela primeira vez, Emil trabalhara dia e noite para erguer as paredes da sua nova casa. Livrara-se por completo do cabelo e da barba, para fazer frente ao trabalho árduo e ao calor.

O Haussmann não vai reconhecer-me. Agora, sou um homem diferente.

— Emil... — insistiu Adeline.

— Não sei porque é que estou a suar, querida — disse ele, tentando sorrir, enquanto enxugava a transpiração e puxava o boné de lã suficientemente para baixo para lhe deixar os olhos na sombra, mas não tanto que despertasse a atenção do implacável oficial da SS.

Quando chegou a altura, Emil virou ligeiramente a cara para o capitão Haussmann, os seus olhos saltando daquela cara demasiado familiar para o emblema da caveira visível no quípi e para o distintivo nas lapelas que indicava que o homem fora promovido a *Sturmbannführer*, um major, portanto.

O *Sturmbannführer* Haussmann esticou o braço para a direita. Apesar de tudo o que dissera a si mesmo, o coração de Emil batia-lhe com força no peito quando acenou uma vez e, depois, passou com os cavalos diante do para-choques do camião do major da SS.

Só quando teve a certeza de que estavam fora do campo de visão de Haussmann é que ele se permitiu respirar fundo e admitir que estava a sentir-se fraco e tonto.

— Toma as rédeas — disse ele, sem fôlego.

Adeline assim fez.

— O que é que se passa?

— Vou vomitar — resmoneou ele, antes de passar à prática.

— *Bhléc* — disse Will atrás dele, enquanto o pai se virava do avesso.

— Detesto isso — disse, por sua vez, Walt.

Quando terminou, Emil deixou que Adeline continuasse a segurar as rédeas e deixou-se ficar sentado e infeliz ao lado dela. Quanto mais se aproximavam de Dubossary, mais dizia a si mesmo que poderia passar pela ravina, atravessar a cidade, entrar na Moldávia e seguir para oeste, sem pensar no que lhe aconteceria ali. Mas aquele era Haussmann, ali atrás. Não havia dúvida. Nunca esqueceria a cara daquele homem. Na sua mente, ouviu gente a chorar e viu Haussmann, furioso, a gritar-lhe na cara.

Quais as probabilidades de o Haussmann estar aqui? Porque é que estou a ser torturado desta maneira?

Tinham passado dois anos e meio desde o trauma daquela noite em meados de setembro de 1941. Mas Emil sentiu-lhe o impacto como se tivesse sido na véspera, a solidão vazia que conhecera depois de testemunhar o que um homem era capaz de fazer a outro, e de ver as suas próprias fraquezas reveladas da maneira mais crua possível, sob a forma de um punho sacudido contra o céu.

Durante os últimos quilómetros antes de chegarem à cidade, recusou-se a olhar para norte na direção da ravina. Manteve o olhar e os pensamentos focados na carroça à sua frente. Mas uma parte da sua agitação interior devia ser patente, porque Adeline lhe acariciou as costas e perguntou:

— Como é que te sentes?

Olhou para a mulher, rezando para que ela não visse as lágrimas que sentia prestes a rebentarem.

— Melhor — respondeu ele, com uma voz rouca e desviando o olhar. — Estou só a matutar.

— Em quê?

Emil hesitou, engoliu em seco e forçou um sorriso.

— Naquele teu vale de que tanto falas.



Adeline tivera a esperança de que ele se abrisse a respeito de Dubossary, mas sorriu ao ouvir aquela resposta.

— Também é teu.

— E meu — disse Walt, atrás deles.

— E eu também vou para lá — acrescentou Will.

— Vamos todos — disse Adeline.

— Acho que há de haver muitos peixes no rio — disse Will.

— Muitos — concordou ela. — Para onde quer que olhes, peixes que é só apanhar e comer. Não é, papá? Não foi sempre esse o teu sonho? Sentares-te à beira dum rio e pescar peixes bem gordos para fritar?

Apesar de acreditar que tal nunca iria acontecer, Emil conseguiu rir-se.

— Só eu e uma cana de pesca, sentado na margem do rio. Sem mais nada que fazer. Isso é que havia de ser bom!

— E a mamã? — perguntou Walt. — O que é que sonha encontrar nesse vale?

Ela pensou no assunto.

— Uma horta. Um jardim com flores. Uma cave para guardar os meus vegetais. E galinhas, para termos ovos frescos. E... bem, não. Não se pode pedir tudo na vida.

— O quê? — perguntou-lhe Emil.

— É uma tolice.

— Diga-nos — pediu Will.

Adeline não queria, mas acabou por responder:

— Quero uma boneca com um vestido bonito.

— Uma boneca?! — perguntou-lhe Emil, espantado.

— Nunca tive uma, quando era pequena — disse ela, empinando o queixo.

— É pedir muito?

— Não, Adella — respondeu ele, e deu-lhe uma palmadinha na coxa. — Não é muito, pedir uma boneca.

Aquilo deixou-a feliz, e sorriu por um instante antes de apontar para a frente e dizer:

— Estão a dividir a coluna outra vez, ali à frente.



Emil espreitou e viu cem metros adiante na estrada um outro oficial alemão em pé no capô de um camião, a orientar o trânsito. Para seu alívio, não era Haussmann, mas um capitão que ele nunca vira quem os encaminhou para o centro de Dubossary e para a ponte a norte sobre o rio Dniester.

Numa sucessão de paragens e arranques, a caravana perdia velocidade, à medida que se aproximavam do apinhado centro da cidade. Quando lá chegaram, Emil pôde ver o que restava de uma cerca alta de arame farpado e prédios vazios do outro lado.

Ouvindo novamente os gritos na sua mente, manteve os olhos fixos nas cicatrizes lívidas nos quartos traseiros dos seus cavalos, perguntando-se se as suas recordações daquela cidade maldita alguma vez o deixariam, se algum dia se veria livre daquela noite em que...

Ouviu um som sibilante, que se tornou mais intenso antes de a cidade ser abalada por uma enorme explosão a norte e, depois, por mais outra.

— Emil! — gritou Adeline.

— Estão a bombardear a cidade! — exclamou ele, esforçando-se por não perder o controlo dos cavalos.

Mais adiante na fila, os cavalos começaram a empinar-se, às cangochas com as explosões. Outros deviam ter debandado, abandonando a cidade em direção à ponte, porque a coluna avançava agora muito mais depressa.

Mais três tiros de artilharia rebentaram atrás deles quando os Martel se viram livres da cidade propriamente dita, Emil passando os seus cavalos para trote e, logo depois, para galope. À frente deles, duas outras carroças cobertas haviam saído da estrada e capotado. Outras quatro afastavam-se aos solavancos no terreno acidentado, com os cavalos assustados e a galope por causa do troar da artilharia.

— Papá! — gritou Walt. — Estamos a ir demasiado depressa!

Emil já estava a puxar com toda a força pelas rédeas. *Thor* e *Oden* abrandaram e limitaram-se a bufar e resfolegar ao passarem por um soldado da SS que os orientava para o caos à entrada da ponte. Carroças e veículos do Exército alemão já a enchiam por completo, todos eles rumo a oeste. Uma longa fila daqueles que já haviam atravessado o Dniester serpenteava em direção ao horizonte sudoeste. Emil repreendeu-se por não ter acordado mais cedo, por não estar na ponte logo pela madrugada.

— Vê-se fumo e fogo ali atrás! — exclamou Walt. — Devem ter acertado numa coisa grande, papá!

— Mamã! — exclamou Will, numa voz chorosa.

— Agora não, filho — disse-lhe por sua vez Adeline, empoleirando-se no banco para olhar para trás.

Emil não estava interessado no que estava a acontecer na cidade. Toda a sua atenção estava concentrada naquela ponte e em avançar o mais depressa possível para oeste do rio. Mas havia demasiados veículos, cavalos, carroças e refugiados a pé na entrada oriental da ponte. A caravana dava voltas, enredava-se e, depois, lá recuperava alguma ordem com uma lentidão exasperante. As pessoas gritavam umas com as outras.

Dois velhos em carroças adjacentes agrediam-se com os respetivos chicotes. O ar tresandava a cavalos suados e a seres humanos assustados.

— Não consigo ver a minha mãe nem a Malia! — disse Adeline.

— Não posso ajudá-las — disse por sua vez Emil, cerrando os dentes.

— A Malia tinha as rédeas!

— Também não posso ajudá-la. Onde é que estão os meus pais?

— À nossa esquerda, quatro carroças atrás. A Rese está entre os teus pais. Nunca a vi tão assustada.

— E achas que não tem razões para isso? — perguntou-lhe Emil, ao mesmo tempo que via uma aberta e levava os seus cavalos a atravessá-la, rumo à rampa que subia até à ponte.



Quando chegaram ao ponto mais alto do vão, Adeline voltou a olhar para Dubossary, vendo clarões e mais explosões e penachos de fumo que se elevavam no ar, antes que a artilharia alemã finalmente respondesse com canhões e morteiros. Bombas explodiram a norte, onde a Segunda Frente Ucraniana do Exército Vermelho de Estaline estava a preparar-se para invadir a cidade.

— Mamã, preciso de fazer chichi — disse Will.

Antes que pudesse responder-lhe, Adeline viu a mãe dela, oito carroças atrás deles, sentada hirta como uma pedra ao lado da filha mais velha.

— Lá estão elas! — gritou Adeline. — A Malia continua com as rédeas!

— Mamã! Papá! Aviões! — gritou Walt, por sua vez.

A atenção de Adeline saltou para montante, vendo caças soviéticos em vagas de voo rasante sobre o Dniester. Os quatro primeiros rumaram em direção a Dubossary e as suas metralhadoras abriram fogo, atacando as posições da Wehrmacht. A segunda vaga fez o mesmo. Mas a terceira vaga de quatro aviões avançou para eles.

— Baixem-se! — gritou Emil, largando as rédeas, agarrando Adeline pelos ombros e praticamente mergulhando na carroça, para junto dos filhos.

Os quatro aviões não abriram fogo contra as carroças na ponte; em vez disso, passaram por elas e foram atrás da coluna em retirada para oeste, acabando por desaparecer. A quinta leva de caças soviéticos fez o mesmo e, quando finalmente saíram da ponte e entraram na Moldávia, os Martel ouviram o barulho de metralhadoras muito, muito à frente e fora de vista.

— Pensei que era desta — disse Adeline, com uma voz estrangulada, sentando-se ao lado do marido, que já pegara nas rédeas e levava de regresso à fila *Oden* e *Thor*. — Acreditei que estávamos feitos.



Emil pensara o mesmo enquanto punha os seus cavalos a trote, para acompanhar o ritmo da carroça à sua frente. Mesmo com as bombas ainda a explodirem atrás deles, agora que saíra de Dubossary e começava a ganhar distância daquele lugar que esperava não voltar a ver, sentia-se um tanto encorajado pela fuga.

— Não estamos nem perto de estar feitos — disse ele, e puxou Adeline bem para o seu lado. — Ouviste? Os Martel não estão nem perto de estar feitos.

Adeline sorriu e beijou-o. Parecia o Emil de outros tempos! Falava como o Emil de outros tempos! Amava-o quando ele era assim, recusando-se a desistir, à sua maneira discreta e obstinada.

— Preciso de fazer chichi — repetiu Will.

— Eles quase nos mataram, mamã? — A voz de Walt era trémula.

— Não — respondeu ela, virando-se para trás e dando com o filho mais velho a tremer e com os punhos cerrados. — Eles não dispararam contra nós. Foi contra a cidade e algures mais à frente.

— Eles vão voltar? E os tanques?

— Não sei.

Seguiu-se um longo silêncio, antes de Walt dizer:

— Quero ir para casa.

— Agora, não temos casa — disse-lhe Emil.

— Temos, sim — contrapôs Adeline, com firmeza. — A nossa família é a nossa casa. Onde quer que estejamos juntos é a nossa casa. Isto é a nossa casa.

Não importa se estamos na quinta ou no belo vale verde, desde que estejamos juntos.

— Posso ir fazer chichi no vale verde? — perguntou Will.

Adeline franziu o cenho, olhou para o filho mais novo — de joelhos, incapaz de estar quieto enquanto as suas bochechas ficavam inchadas e vermelhas à conta do esforço — e rebentou às gargalhadas.

— Pobrezinho.

— Não tem piada! — disse Will. — Vou fazer chichi nas calças!

— Ahh, não faças isso! — disse Walt, e começou a rir-se juntamente com a mãe.

— Então, parem a carroça — pediu Will.

— Não posso — disse-lhe Emil. — A caravana está a avançar demasiado depressa e não quero ficar para trás. Vais ter de aguentar mais meia hora, pelo menos.

— Não consigo, papá! Já estou a apertá-la com os dedos!

— Então, faz chichi da traseira da carroça — disse-lhe Adeline, ao mesmo tempo que tentava parar de rir.

Will deitou-lhe um olhar contrariado, antes de sorrir perante tal ideia.

— Está bem!

Enquanto se arrastava até à parte de trás da carroça, o irmão disse-lhe:

— Aquela família atrás de nós vai ver-te fazer chichi, Will. O mais provável é acertares no focinho dos cavalos deles.

Will parou, levantou a cabeça e viu uma mulher mais velha nas rédeas da carroça. Havia uma adolescente ao lado dela e mais três crianças sob a capota. E, por vezes, os cavalos ficavam a menos de um metro deles.

— Não consigo, mamã — disse ele.

— Nunca mais vais voltar a vê-las — disse Emil, sendo agora a sua vez de se rir.

— Continuo sem conseguir — disse Will. — Esqueçam. Vou fazer chichi nas calças, e pronto.

— É que nem te atrevas — disse-lhe a mãe, mordendo o lábio, para não se rir outra vez. — Vais ter de ficar sentado nesse teu ensopado durante horas e, depois, acabas com uma brotoeja. Arrasta-te até à carrocinha, à caixa que faz de cozinha no canto. Tens lá um frasco de vidro vazio. Fazes lá o teu chichi.

Will adorou a ideia e apressou-se a ir para o canto.

Emil olhou para ela.

— Eu depois limpo — disse-lhe ela. — A não ser que tenhas uma ideia melhor?

O marido sorriu e abanou a cabeça.

Will deu com o frasco, virou-se de costas para a carroça que vinha atrás e começou às voltas com os botões das suas calças de lã. Já os desapertara e metera a mão na braguilha, quando percebeu que Adeline e Walt estavam a olhar para ele.

— Virem-se — disse ele, carrancudo.

— Como queiras — disse Adeline, voltando-se para a frente. Estavam numa planície de aluvião que mal começara a verdejar. Registava-se uma pausa na batalha atrás deles.

— O que é que faço, quando acabar?

— Entregas-me o frasco e eu despejo-o aqui pelo lado.

A marcha continuava a avançar a bom ritmo e a aproximar-se do outro lado da planície, onde a estrada subia por um penhasco. Passado um minuto, Adeline perguntou:

— Já estás despachado aí atrás?

— Não.

— Não?! — perguntou ela, virando-se para dar com ele com as calças completamente desabotoadas e puxadas para baixo até às coxas.

Will continuava carrancudo.

— Não quer sair, mamã. É como se estivesse com medo!

Adeline começou outra vez a rir-se. Walt olhou, fez uma cara de nojo e tapou a boca com a mão para esconder a sua diversão. Emil espreitou por cima do ombro e começou a rir-se também. Era contagioso. Não havia como impedi-lo.

Até Will desatou a rir-se tanto que as lágrimas lhe escorriam pela cara e ele estava com dificuldade em segurar o frasco à sua frente. Então, um pequeno jato de chichi saltou disparado e acertou no oleado mesmo ao lado de Walt.

Adeline soltou uma gargalhada. Walt gritou, enquanto rebojava para longe:

— Faz no frasco, idiota!

— Voltas a fazer chichi naquele oleado e és tu que vais limpá-lo, Will — avisou Emil.

Will segurou o frasco junto às virilhas.

— Não consegui evitar — disse ele, a rir-se.

Adeline voltou-se outra vez para a frente. Já não se lembrava de como era bom rir assim, as batalhas de tanques e os bombardeamentos esquecidos por

um momento. O riso era como um duche quente para a alma, depois de um dia longo e frio.

— Ahhhh — disse Will.

— Ele está a fazer chichi!

— Obrigado, Walt — disse Emil. — Parabéns, Will.

Adeline retomou as gargalhadas. Passou meio minuto.

— Ele está a fazer chichi há muito tempo — comentou Walt.

— Já chega — disse o pai.

Alguns momentos depois, Will disse:

— Estou vazio e a carroça atrás de nós está lá bem atrás, mamã. Eu posso despejar. Não é preciso ser a mamã.

— Obrigada, Will — disse-lhe ela. — E procura um lugar para o frasco, que não seja na caixa da cozinha.

— Está bem. E vou procurar também um pano para limpar o chichi no oleado.

Ela olhou para o marido e piscou-lhe o olho.

Poucos minutos depois, Will aninhou-se-lhe no colo e perguntou:

— Quando é que chegamos lá?

Adeline deu-lhe um beijo no alto da cabeça e sorriu.

— Quando Deus assim o entender.

— Isso deve ser muito tempo — disse Will.

— Às vezes. E, às vezes, Deus trabalha num piscar de olhos.

— E, na maior parte das vezes, não trabalha sequer — interveio Emil. — Às vezes, Deus é tão surdo que...

Adeline lançou-lhe um olhar cortante e disse:

— Já chega.

— O que foi? Mais vale eles ficarem a saber a verdade quando são novos, Adella.

— E que verdade vem a ser essa? — perguntou-lhe ela, num tom que lhe deu a saber que estava a pisar gelo fino.

Emil hesitou, mas disse:

— Deus não vai estar lá para eles em todas as ocasiões.

— Claro que vai. Se eles lhe pedirem.

— Só estou a dizer que um homem precisa de cuidar de si e do que é seu, Adeline. Se algum Deus invisível quiser dar uma mãozinha, sou a favor. Mas

aprendi por experiência própria a não contar com isso, e tu também não deverias, e os rapazes também não. E não quero falar mais sobre isto.

O vento mudou e soprava agora um pouco mais forte, obrigando-a a refazer as voltas do lenço, enquanto observava Emil nas rédeas. *Ainda serão as marcas deixadas por Dubossary?*

Sempre que ela tocara no assunto depois daquela manhã em que ele voltara para casa em setembro de 1941, ele ficara furioso e virara-lhe as costas, tal como a mãe dele na noite anterior.

Ele disse que foi detido pelos nazis. O que é que aconteceu? Será que existe uma parte dele que não conheço? E nunca hei de conhecer?

Capítulo Sete

Aquelas perguntas permaneceram na mente de Adeline até que ela se obrigou a lembrar-se do riso que haviam acabado de partilhar e do facto de terem sobrevivido a uma batalha de tanques e a um bombardeamento. Sentia-se grata à medida que se afastavam da fronteira e que o sol ia descrevendo o seu arco em direção ao horizonte ocidental. Cada árvore ou cabana abandonada ou muro de pedra ou moinho de vento que encontraram pareciam brilhar e chamar-lhe a atenção.

— O que é aquilo, mamã? — perguntou Will, apontando em frente, para o fundo da estrada.

Adeline levantou-se, resguardando os olhos do sol baixo. Coisas grandes, retorcidas e com um ar pesado projetavam-se do solo para e em ambos os lados da estrada. Ela conseguia ver homens e animais em movimento entre elas.

Mais de perto, as coisas tornaram-se camiões e outros veículos, vergados, desfeitos, crivados de tiros de metralhadora. Soldados alemães açoitavam mulas para arrastar os detritos para fora da estrada. Os Martel atravessavam agora a destruição causada pelos caças soviéticos algumas horas antes. Adeline ficou chocada ao ver cadáveres mutilados, imobilizados nas posições grotescas em que haviam morrido. Já tinham passado pelo terceiro soldado morto quando percebeu que os filhos estavam a ver tudo. Voltou-se para trás. Will e Walt estavam a olhar para aquela cena, horrorizados e de olhos arregalados.

— Fiquem sentados e não olhem — disse-lhes ela. — Não têm de estar a ver isto com a vossa idade.

— Deixa-os em paz, Adeline — interveio Emil. — Quero que eles vejam, que entendam o que um homem é capaz de fazer a outro.

— Porquê? — quis ela saber.

— Para que o facto de haver gente que é morta na guerra seja uma realidade para eles. Não uma coisa que se vê de longe. Deve ser uma coisa que lhes fique gravada na memória quando são novos.

Adeline olhou para ele, sentindo-se irracionalmente furiosa.

— Mas eu quero protegê-los disso, Emil.

— Não podes.

Ela abanou a cabeça.

— Às vezes, amo-te mais do que qualquer coisa na Terra. E às vezes, não entendendo nem metade de ti, Emil Martel.

Ele assentiu.

— Parece-me bem.

Antes que anoitecesse, pararam e montaram acampamento perto da estrada. Os pais e a irmã de Emil pararam ao lado deles pouco depois, seguidos de Lydia e Malia. Não se deram ao trabalho de fazer uma fogueira naquela segunda noite. O jantar foi carne seca, água e o resto do pão que Malia cozera na noite anterior à viagem.

Emil voltou a aplicar unguento nas feridas dos seus cavalos, à luz de uma lanterna, escovou-os e disse-lhes o quanto apreciava o seu esforço.

Enquanto aconchegava os filhos debaixo dos cobertores no interior da carroça, Adeline conseguia ouvi-lo a falar com os cavalos:

— Lamento, rapazes, mas era uma questão de vida ou de morte. A nossa vida e a vossa.

Ela descalçou as botas e as meias, e arrumou-as aos seus pés, antes de se esgueirar para o lado de Walt, que passara grande parte do resto do dia muito calado.

Emil subiu com a lanterna.

— Mamã, quem me dera que o «em breve» de Deus fosse amanhã — disse Walt.

Adeline abraçou-o com força e acrescentou:

— Também a mim.

Emil apagou a lanterna e, lá fora, o vento virou para sudoeste. As temperaturas começavam a subir.

— Dia dois — disse ele. — Conseguimos.

— Juntos — acrescentou Adeline e, ensonada, sorriu no escuro.

Eles tinham conseguido, tal como tantas vezes haviam conseguido ao longo do seu casamento, e tal como ela conseguira antes de conhecer Emil. Emocional e fisicamente esgotada pelas trinta e seis horas anteriores, Adeline ainda encontrou forças para rezar e dar graças pela viagem miraculosa da sua família até ali, antes de mergulhar num sono escuro e profundo. Quando final-

mente sonhou, foi como se o tempo tivesse sido atingido por um dos projéteis dos tanques e mais de uma década tivesse desaparecido por completo.

Outubro de 1933

Birsula, Ucrânia

Adeline, de dezoito anos, estava em bicos dos pés num talho *kosher* da pequena cidade, vendo fascinada o talhante embrulhar um frango fresco inteiro numa folha de papel. Frango fresco. Quando fora a última vez que ela vira ou sequer se atrevera a pensar numa coisa assim?

E tinha a certeza de que iria prová-lo. Bem, obviamente. Era ela que iria cozinhá-lo, não era?

Adeline não teria conseguido tirar aquele sorriso da cara nem que tentasse. Assar um frango fresco. Comer um frango fresco quando apenas alguns meses antes... E agora, ali estava ela, a viver a boa vida!

O talhante poisou o embrulho no balcão.

— Diz à Sra. Kantor que é uma mulher abençoada. O primeiro frango que posso oferecer em meses. Um milagre teres entrado quando entraste.

— Obrigada, Sr. Berman — disse ela, com um sorriso, enquanto guardava o frango num saco que tinha ao ombro.

Apressou-se a sair, entusiasmada. Uma brisa fria atingiu-lhe a cara, lembrando-lhe que o inverno não estava longe, embora tal ideia não a preocupasse tanto quanto a teria preocupado um ano antes, ou dois.

Depois de Adeline, a mãe e a irmã serem expulsas da quinta da família, ela fora enviada para trabalhar numa quinta coletiva nas colinas dos arredores de Birsula, uma pequena cidade cerca de duzentos quilómetros a norte de Odessa. Durante meses, sob um calor sufocante e um frio cortante, tivera de passar horas em cubas cheias de barro e de palha, misturando-os com os pés descalços, para fazer tijolos. Houvera alturas em que pensara que as pernas iriam partir-se como pingentes de gelo sob um beiral de inverno, e outras em que dera por si tão desanimada que chegara a pensar se algum dia teria um vislumbre de algo melhor na sua vida. Então, como se não bastasse, Estaline cortara o fornecimento de comida no outono de 1932.

Ao sair do talho com o frango, Adeline ainda era capaz de se lembrar de passar tanta fome durante o Holodomor que chegara a ter alucinações com frango, sendo capaz de jurar que conseguia ver pratos fumegantes com frango assado e a massa de ovo da sua mãe surgirem do nada bem diante dos seus olhos. Mais tarde, ficara tão fraca que acabara por se ir abaixo nas cubas de lama num dia gelado, tendo apanhado uma pneumonia e quase não sobrevivendo.

Por piores que os meses de fome tivessem sido para ela, e por mais convencida que tivesse ficado de que não voltaria a encontrar uma vida melhor, quando estava quase recuperada da pneumonia, a irmã ouvira falar de um trabalho na cidade, um trabalho em casa. Adeline conseguira o emprego e, no que lhe parecera um estalar de dedos, a sua situação mudara para melhor.

Já lá vão quase seis meses, pensou ela, levando o frango enquanto se metia por um beco largo, passava pela entrada das traseiras de uma padaria já fechada e avançava ao longo das cercas de uma fiada de casas grandes. Entrou no portão da terceira e subiu os degraus da porta traseira.

Uma vez lá dentro, livrou-se das botas, calçou os chinelos que devia usar dentro de casa e levou o saco das mercearias para a cozinha. Ainda mal o poissara, quando uma voz alegre de mulher lhe perguntou em russo noutra dependência:

— Adelka, já estás de volta tão cedo?

— Sim, Sra. Kantor — respondeu ela, pondo o avental e entrando na sala da frente, onde uma senhora de idade estava sentada perto da janela, com um cobertor no colo e uma camisola preta pelos ombros.

Um bule e um serviço simples eram visíveis na mesa diante da Sra. Kantor. Uma mulher perto dos trinta anos estava sentada à frente da patroa de Adeline. Tinha um vestido castanho simples, xaile e lenço. No chão, ao lado dela, estava um grande livro.

— Esther, este é o meu tesouro secreto — disse a Sra. Kantor. — O nome dela é Adeline, mas eu chamo-lhe Adelka. As coisas que ela faz na cozinha são magia!

Esther riu-se.

— Quer dizer bruxaria? — Ao ver Adeline franzir o cenho ao ouvir aquilo, Esther agitou as mãos. — Não, não. Não estou a sugerir... Oh, esqueçam. O que é que vais cozinhar hoje, Adeline?

— O que ela tiver descoberto durante o seu passeio diário — respondeu a Sra. Kantor, antes que Adeline pudesse fazê-lo. — Ela descobre o que está dis-

ponível e, depois, não sei o que ela faz lá ao fundo na cozinha, mas é magia.

Adeline baixou a cabeça, sorrindo.

— Obrigada, minha senhora. Adoro cozinhar.

— Nota-se.

— Então? — perguntou Esther. — O que é que descobriste hoje?

Adeline levantou a cabeça, olhou de Esther para a Sra. Kantor e inchou de entusiasmo.

— Um frango inteiro... fresco!

Esther arquejou. A Sra. Kantor bateu com as mãos nas coxas.

— Não! Onde?

— No talho do Sr. Berman. Por acaso, entrei imediatamente depois de o frango ser abatido!

— *Kosher*? — perguntou Esther.

— Sim, minha senhora. Quero dizer, acho que sim. Se o trouxe do Sr. Berman?

A Sra. Kantor soltou um grito estridente e agitou as mãos ossudas acima da cabeça.

— Vou convidar o meu filho e a família dele! Isto é motivo para uma celebração!

Para surpresa de Adeline, Esther não partilhava o entusiasmo da sua anfitriã.

— Tem a certeza, Sra. Kantor? Quando tantos ainda passam fome?

A mulher mais velha ficou séria, mas depois assentiu com a cabeça.

— Eu sei que ainda há gente com fome, querida, mas também tenho a certeza de que, se tivesse encontrado um frango enquanto vagueava pelo deserto, o próprio Moisés o teria escondido de todas as tribos de Israel e o comeria com a sua família.

Esther quase resfolegou ao mesmo tempo que levava a mão à boca, exclamando:

— Sra. Kantor!

— O que foi?

— A sua sorte é o rabino não estar aqui para ouvir isso.

A Sra. Kantor atirou a cabeça para trás e riu-se como uma galinha choca.

— Bem, há algumas coisas que os rabinos não devem ouvir, mas, no que toca a uma canja como deve ser, acho que ele me daria razão.

— Se a senhora lhe servir uma tigela! — disse Esther.

— Nem mais! — berrou a velhota a bom rir, olhando então para Adeline. — De que tamanho é o nosso frango, querida?

— Tem um bom tamanho, minha senhora.

— O suficiente para o meu filho, a mulher e a filha? E para a minha amiga Esther?

— Oh, Sra. Kantor, não posso aceitar — protestou Esther. — Só passei por cá para a cumprimentar.

A Sra. Kantor olhou para ela.

— Passou por cá quando um frango apareceu no meio do deserto, por assim dizer.

Esther riu-se.

— Bem, seria... tão bom provar só um pouquinho.

— Há de comer mais do que isso — disse a Sra. Kantor. — Tenho o apetite dum rato. Quanto tempo deve demorar, Adelka?

Adeline pensou um pouco e respondeu:

— Por volta do pôr do sol? Talvez um pouco depois?

— Apontem para um pouco depois — disse a ambas a senhora de idade.

Esther sorriu e levantou-se.

— Tenho algumas coisas para acabar, mas volto.

Depois de ela sair, a Sra. Kantor inclinou a cabeça na direção de Adeline e perguntou-lhe:

— Então?

A rapariga assustou-se, tão embrenhada que ficara na galhofa das duas mulheres que corou, fez uma vénia rápida e disse:

— Desculpe, Sra. Kantor. Precisa de alguma coisa antes que eu comece?

A expressão da idosa amenizou-se.

— Preciso de uma sesta, querida. Por favor, devolve esse livro à prateleira da cozinha. E, antes de cozinhares o bicho, podes dar um salto a casa do meu filho para contar a novidade à mulher dele?

— Sim, minha senhora — respondeu Adeline, apanhando o livro do chão.

— Sabes onde é que eles moram?

— Sei, sim.

— Rapariga esperta — disse ela enquanto, ajeitava o cobertor que tinha no colo. — Vai lá, então. Tens lenha suficiente para o forno?

— Acho que sim — respondeu ela, e correu de volta para a cozinha.

Arrumou o livro na prateleira, antes de levantar a tampa da caixa onde se guardava a lenha e viu que não era tanta como se lembrava de quando acendera o fogão naquela manhã.

— Vou ter de ir buscar mais lenha enquanto estiver fora, minha senhora — disse ela, em voz alta e largando a tampa pesada.

A vibração fez com que o livro que levava para a cozinha escorregasse da prateleira e caísse no chão atrás dela.

— Mas despacha-te! — gritou em resposta a Sra. Kantor.

— Sim, minha senhora! — gritou ela de volta, enquanto se baixava para apanhar o livro, reparando que se tratava de uma coleção encadernada de ilustrações e pinturas, aberta numa que representava um belo vale verde rodeado de montanhas com picos nevados, com um rio que serpenteava lá no fundo. Tendo crescido nas planícies da Ucrânia, Adeline nunca vira uma cena assim e achou-a tão encantadora que se deixou ficar a olhar para ela durante um longo momento.

— Já estás de saída, rapariga? — perguntou a Sra. Kantor.

— Agora mesmo! — gritou ela, fechando o livro com força e devolvendo-o à prateleira com um livro diferente, mais pesado, em cima.



Adeline estava de novo com o casaco e as botas, a imagem daquela pintura ainda persistente enquanto ela corria pelas ruas até casa do filho da Sra. Kantor e se dirigia à porta das traseiras. Encontrou a cozinheira, informou-a de que tinha a tarde e a noite de folga, e pediu-lhe que dissesse à mulher do médico que estavam todos convidados para jantar com a Sra. Kantor depois do pôr do sol.

Em seguida, dirigiu-se a um mercado para comprar ovos para a massa, depois seguiu para o setor onde os homens vendiam lenha, só que eles já se tinham ido embora. Adeline foi até um outro lugar onde normalmente poderia encontrar lenha, mas não havia nenhuma.

Ao ver o sol aproximar-se do horizonte ocidental, ficou súbita e desesperadamente consciente do passar do tempo. Cinco pessoas para jantar ao pôr do sol e não havia lenha suficiente para fazer o frango e preparar a sopa.

Adeline visualizou a Sra. Kantor muito incomodada e a despedi-la, isto enquanto corria de volta para casa, sentindo-se assustada, sentindo que a vida es-

tava prestes a dar-lhe mais uma bofetada, a roubar-lhe algo que ela tanto lutara para conseguir. Quando entrou na cozinha, aquele medo envolvia-a por completo. Depois de anos de fome e dificuldades, não era capaz de encontrar lenha suficiente para fazer uma canja e iria ser despedida.

— Adeline! — chamou a Sra. Kantor.

— Sim, minha senhora — respondeu ela, ouvindo o tremor na sua voz.

— O meu filho vem?

— Penso que sim. Eu disse à cozinheira.

— Eles os três?

— Sim.

— Então, e a lenha?

Adeline sentiu o medo crescer e acender-se de novo. Quanto mais forte ele ardia, mais fraca ela se sentia.

— Por favor — murmurou ela, fechando os olhos. — Socorro!

— Adeline?

Abriu os olhos, preparava-se para dizer a verdade à patroa e pedir-lhe perdão e conselho, quando por acaso viu movimento no beco para onde dava a janela da cozinha. Pestanejou e, então, sorriu.

— Vou buscá-la agora mesmo, minha senhora!

Correu porta fora, atrás de um homem novo, de ombros largos, que caminhava todo curvado, com uma impossível carga de lenha às costas.

— Se faz favor! — gritou ela. — Posso comprar um pouco da sua lenha?

Ele não reduziu a velocidade.

— Não.

— Oh, por favor, eu tenho dinheiro.

— Já está paga — retorquiu ele, sempre sem parar. — O padeiro é o dono.

Uma onda de pavor apoderou-se de Adeline, que quase chorou:

— Por favor, senhor, não pode vender-me só umas achas? Vou perder o meu emprego se não encontrar lenha para o nosso forno. Por favor?

Durante um momento horrível, pensou que ele iria seguir em frente, mas eis que ele parou e se virou para olhar para ela.

— Perder o emprego?

— Preciso de preparar um frango — explicou ela, num esforço para recuperar o controlo de si mesma.

— Tens um frango?

— A mulher para quem trabalho tem.

— Deve ser uma mulher e tanto.

— O marido dela era médico e o filho também é.

Ele ficou a pensar naquilo.

— Está bem.

— Está bem?

Ele assentiu com a cabeça e poisou a lenha que trazia às costas.

— O padeiro não tem como saber quanta é que cortei.

Adeline bateu palmas de alegria.

— Oh, obrigada! Obrigada!

O jovem ficou ali parado um momento, a olhar para ela. Muito lentamente, a sua expressão cansada transformou-se num sorriso que lhe iluminou a cara.

— De quanta é que precisas?

— Quatro achas grandes, por favor. Oh, tanta bondade a sua.

Ele desamarrou o molho e escolheu quatro bons pedaços.

— Acabou de me salvar — disse ela, entregando-lhe o dinheiro. — Eternamente agradecida!

Ele aceitou o dinheiro e disse:

— Se eu soubesse que a lenha faria tão feliz uma rapariga bonita como tu, já teria comprado um machado há muito tempo.

Ele estava sujo do trabalho e também tresandava à conta disso, mas ela gostou do modo como sorria e do modo como olhava para ela, como se realmente a visse. Adeline apercebeu-se de que gostava tanto do sorriso e dos olhos dele que deu por si envergonhada; corou e baixou os olhos.

— Peço desculpa — disse ele. — Não deveria ter dito aquilo.

— Não — retorquiu ela, ainda com os olhos no chão, mas a sorrir. — Foi simpático e teve graça. Obrigada, mas tenho de preparar o frango e começar a massa de ovo.

— Posso saber o teu nome?

Ela hesitou.

— Adeline. Adeline Losing.

Ele sorriu de novo.

— É um nome bonito. Eu sou o Emil Martel.

SEGUNDA PARTE

Os Sangues Puros

Capítulo Oito

Quando Emil acordou na escuridão do terceiro dia completo do êxodo, uma névoa densa e tépida espalhara-se, cobrindo a terra. Ele alimentou e cuidou dos cavalos à luz da lanterna, aplicando mais unguento nas feridas do chicote. Embora não conseguisse ver trinta metros em nenhuma direção nem ouvir nada semelhante a um grande motor, sentia-se ansioso, como se tanques ou aviões com metralhadoras pudessem irromper do nevoeiro a qualquer instante.

Os seus instintos revelaram-se corretos. Mal acabara de atrelar *Oden* e *Thor*, começaram a soar apitos na neblina. Uma voz alemã fez-se ouvir de um megafone, avisando que as forças soviéticas estavam perto e a avançar direito a eles. A caravana iria partir dentro de quinze minutos.

— Os pequenos não comeram — disse Adeline, no interior da carroça.

— Hão de comer durante a viagem. É o que todos vamos fazer.

Ela assentiu com a cabeça.

— Vou amarrar tudo, menos um pouco de comida seca e água.

Enquanto ela dava meia-volta, Emil sorriu-lhe como lhe sorrira naquela primeira vez em que a encontrara, no beco das traseiras da casa da Sra. Kantor, desesperada por um pouco de lenha para a sua canja. Desde o início, ela fizera-o sentir-se necessário em praticamente todos os sentidos.

Talvez seja tudo o que realmente preciso na vida, pensou ele. O amor da Adeline. O amor dos meus rapazes.

Quando as carroças começaram a avançar na névoa quente, seguiu-se o caos que seria de esperar, só que agravado pela lama que em breve cobria a barriga e os flancos dos cavalos, salpicando as feridas de chicote nos quartos traseiros. Cobria os raios e os aros das rodas, e também os eixos.

Durante as horas seguintes, mais parecia que a caravana era um ser fantasmagórico, segmentado e semelhante a uma cobra, aparecendo e desaparecendo na neblina, deslizando e contorcendo-se na lama. Naquelas condições escorregadi-

as e de uma invisibilidade quase absoluta, as carroças começaram a deslizar, a chocar e a capotar. Foi necessária toda a destreza de Emil para que a carroça e os cavalos continuassem a avançar.

Naquela manhã, encontraram por duas vezes carroças enterradas na lama até aos eixos.

Uma delas era a dos pais de Emil, pelo que ele parara, ajudando-os a desatolarem-se e retomarem a marcha. A mãe, Karoline, mostrara-se mais cortês do que o habitual. O pai parecera indiferente àquelas péssimas condições. Rese ainda não conseguira levantar-se desde Dubossary.

— Ela só dorme e não consegue aguentar nada na barriga por muito tempo — disse Karoline.

— Vou preparar-lhe qualquer coisa para o estômago quando pararmos esta noite — prometeu Adeline.

A mãe de Emil não olhou para ela, mas assentiu com a cabeça.

A viagem foi longa e dura naquele dia, atravessando a cidade de Chisinau, na Moldávia — onde trabalhadores escravos, homens levados por Hitler de todos os países que conquistara, estavam a construir fortificações para a Wehrmacht —, e saindo pelo outro lado, ouvindo histórias de outras batalhas prestes a eclodirem a sueste. A névoa dissipou-se antes do meio-dia, revelando terras que haviam sido ocupadas, conquistadas e reconquistadas durante as últimas décadas. A Roménia era a sua duvidosa titular na ocasião, um pagamento de Hitler ao ditador romeno Ion Antonescu, por este permitir que as tropas alemãs seguissem para leste para atacar Estaline no verão de 1941.

Emil não queria saber de política nem de quem controlava a terra que ele e a sua família atravessavam naquele dia. Tudo o que queria era apanhar-se tão a ocidente que nunca mais tivesse de se cruzar com um comunista enquanto fosse vivo. De momento, era capaz de tolerar um percurso sob proteção nazi, mas assim que visse uma oportunidade de ficar a oeste daqueles estupores assassinos e desumanos, era exatamente o que pretendia fazer. Entretanto, mantinha-se constantemente atento, à procura do major Haussmann.

Era o Haussmann ali atrás? Não o terei imaginado? Não. Era ele. Mas porque é que estava nos arredores de Dubossary? Entre todos os homens da SS na Ucrânia, porque é que era ele quem orientava o tráfego ali? Porque é que foi ele quem nos indicou a cidade?

Aquelas perguntas punham em risco a sua sanidade mental, pelo que as pôs de parte sem resposta, dizendo a si mesmo que fora apenas uma daquelas coin-

cidências cruéis. Depois de fazer o seu trabalho sujo nos primeiros dias da ocupação alemã, Haussmann fora designado para proteger os alemães étnicos que fugiam para oeste. Fim da história. Podia ser que Emil nunca mais o visse, mas, se tal acontecesse, havia de se certificar de que ele, Adeline e os rapazes seguiam na direção oposta.

Naquela terceira noite de viagem, a caravana finalmente parou e montou acampamento no campo, doze quilômetros a sudoeste de Chisinau. Tiros de canhão ressoaram durante a noite, suficientemente perto para acordar por várias vezes Emil e Adeline.

No quarto dia da marcha, começou a chover cedo, o que apenas produziu mais lama. Mal conseguiram avançar quinze quilômetros. Na quinta noite, as bombas caíram tão perto que o clá Martel abandonou as suas carroças e procurou abrigo num grande túnel de escoamento de águas.

O túnel estremecia a cada explosão. Eles conseguiam ouvir o relinchar dos cavalos e os gritos daqueles que não tinham encontrado abrigo. Mas continuavam seguros. A partir de então, Emil passou a procurar um daqueles túneis ou outra construção de betão armado, como o pilar de uma ponte, para montar acampamento.



Passada uma semana de provação, a marcha mantinha uma distância de dez a quinze quilômetros da retaguarda da Wehrmacht, que tentava conter as forças das Primeira e Segunda Frentes Ucranianas dos soviets. Mas o receio de serem apanhados era constante. Os tanques soviéticos poderiam surgir de outra direção. Ou os caças vermelhos poderiam regressar.

— Estamos presos entre dois exércitos — disse Emil a Adeline, quando a sétima noite já ia avançada.

Tinham montado acampamento perto do pilar de uma ponte a oeste da cidade moldava de Hincesti. Os rapazes já estavam a dormir e o estômago de Emil nunca estivera tão cheio desde que haviam partido. Ele escavara um buraco horizontal na margem, a um bom metro da base do pilar de betão. Os rapazes haviam juntado lenha e ele fizera uma fogueira, antes de introduzir as brasas naquele forno improvisado. Com a sua preciosa reserva de farinha e fermento,

Adeline e a mãe tinham, então, preparado uma massa; a massa fora depois es-tendida em frigideiras que, por sua vez, haviam sido assentes sobre as brasas.

O pão acabado de fazer, mesmo com a côdea queimada, soubera-lhe tão bem que Emil não pensara em mais nada durante uns bons vinte minutos. Mas, en-tão, o receio dos tanques e dos aviões regressara.

— Não ouviste o que eu disse? — sussurrou ele mais alto a Adeline, que es-tava prestes a meter-se debaixo dos cobertores perto do forno ainda quente. — Estamos presos entre dois exércitos. Os estropiados de Hitler à nossa frente e uns quantos homens capazes atrás de nós, a tentarem travar todos os soldados de Estaline.

Ele sentia-se sem fôlego.

— Quando penso mesmo no sítio onde estamos, no que estamos a fazer e naquilo que pode acontecer-nos durante os próximos dias, é como se os meus pensamentos se acelerassem, Adeline. Correm e repetem-se em círculos, como uma tempestade na minha cabeça.

Adeline foi ter com ele e abraçou-o.

— Toda a gente se sente assim de vez em quando. Faço por me lembrar do que a Sra. Kantor me disse certa vez: «Há um lugar seguro no centro de cada tempestade.»

— Raramente o tenho encontrado — comentou Emil.

— Foi o que tu fizeste quando aqueles tanques começaram a disparar na se-mana passada. Trouxeste-nos até aqui em segurança, não trouxeste?

Por alguma razão, Emil não conseguia encarar aquilo da mesma maneira que a mulher.

— Ainda temos muito que andar antes que eu possa sentir que vos tenho a todos em segurança.

— Então, vem ver se dormes. Não tarda, está a amanhecer.

Emil queria meter-se debaixo dos cobertores, fechar os olhos e simplesmente descansar. Mas, então, ouviu vozes, vozes de homens a cantarem e a rirem-se mais acima na margem, não muito longe dos cavalos e das carroças. Sentiu-se atraído por eles.

— Emil? — chamou Adeline, baixinho.

— Quero ver como estão os cavalos — disse ele, e, de lanterna na mão, tre-pou pela margem até à estrada e à ponte.

Thor e *Oden* estavam amarrados e peados onde ele os deixara. A carroça pare-cia intacta. Mas a cantoria e as gargalhadas tinham-se tornado mais sonoras e

estridentes. Os homens estavam a cantar uma velha canção de copos alemã. Ele não a ouvia há anos, mas reconheceu-a dos tempos em que trabalhara numa cervejaria em Pervomaïsk, a cidade onde os rapazes haviam nascido.

Emil começou a encaminhar-se para a cantoria. Não sabia porquê. Talvez fosse apenas para estar perto de ouvir outros homens que tentavam sobreviver à mesma situação. Com a exceção do pai, era frequente sentir que só tinha mulheres com quem conversar. Quanto mais se aproximava, mais conseguia ouvir o álcool naquelas vozes. Ele não era de beber muito, mas sempre gostara de fazer vinho e cerveja. E, de vez em quando, apreciava a descontração proporcionada por um copo ou dois ou três.

A cantoria esmorecera em gargalhadas rudes quando ele chegou a uma clareira do outro lado da estrada. Uma fogueira ardia diante de um semicírculo de carroças semelhantes à dele. Quatro homens que não reconheceu estavam a beber de canecas de lata. O maior, um sujeito alto e esguio de quarenta e poucos anos, viu Emil aproximar-se e calou-se. Depois, todos o imitaram.

Emil ergueu as mãos.

— Não queria interromper-vos — disse ele, em alemão. — Ouvi-vos cantar. Acho que já faz algum tempo que não ouvia homens a cantarem enquanto bebem.

— Parece-me que é a tua mulher quem controla o que bebes.

Os outros riram-se, bem como Emil, que disse:

— Foi uma questão de escolher entre uma pequena barrica de vinho caseiro ou uma carrocinha que fiz para os meus filhos no Natal passado. A carroça ganhou numa votação de três contra um.

O mais alto sorriu e fez-lhe sinal para que se aproximasse.

— Vem beber um copo. Eu sou o Nikolas. Como é que te chamas, amigo? De onde és? E que idade têm os teus filhos?



Emil respondeu. Nikolas apresentou-lhe os outros homens de forma sumária, pelo que só percebeu alguns nomes. Mas vistos de perto, à luz do fogo, reparou na qualidade das roupas. Todos usavam casacos de lã, calças e chapéus mais novos. Foi-lhe entregue uma caneca de vinho tinto. Ele bebeu e sentiu-se como se tivesse recebido uma breve folga do medo dos soviets.

Ficou a saber que Nikolas e os seus amigos também eram refugiados, a fugir de Estaline sob a proteção da SS. Eram da cidade de Rastadt, a oeste do rio Bug. Emil disse-lhes que vivera em Pervomaisk, a norte de Rastadt, durante vários anos antes de regressar à quinta da família em Friedenstal.

— Já estiveste em Bogdanovka? — perguntou-lhe Nikolas. — Não fica muito a sul de Pervomaisk.

— Lembro-me de uma quinta coletiva dessa região — respondeu Emil. — Comprávamos-lhes cevada, quando trabalhei na cervejaria em Pervomaisk.

— O que é que fazias lá?

— A maior parte do trabalho braçal. Carregar cevada. Despejar cevada. Misturar.

— Como é que te juntaste à marcha? — perguntou-lhe Nikolas.

Emil olhou para ele, perplexo.

— Ah, os oficiais alemães apareceram na nossa aldeia e disseram que os soviéticos vinham aí e que, se não quiséssemos morrer, tínhamos dois dias para fazer as malas.

— Não; quero dizer, o que é que te qualificou? Eras da *Selbstschutz*?

Emil sabia o que ele queria dizer, o que o deixou inquieto. Nikolas estava a perguntar-lhe se fora membro da *Selbstschutz*, uma milícia que os nazis haviam formado após a invasão alemã em 1941. Os recrutas da *Selbstschutz* vinham todos da população étnica-alemã da região.

Na governo-geral da Transnístria, controlado pela Roménia, uma das missões da *Selbstschutz* consistia em proteger as comunidades e colónias de *Volksdeutsche* das pilhagens das tropas romenas. Mas Emil também sabia que havia mais a dizer sobre aquelas milícias e as coisas que tinham feito. Muito mais.

Uma boa parte dele queria ir-se embora naquele momento, mas, em vez de o fazer, ele disse:

— Não havia necessidade da *Selbstschutz* ou desse género de coisa em Friedenstal. É um lugar minúsculo num mar de campos de cereal. Os romenos nunca nos incomodaram.

Nikolas assentiu com a cabeça, mas continuou de olho em Emil, que sentiu a necessidade de preencher o silêncio:

— Vocês eram da *Selbstschutz* em Rastadt? — perguntou.

— Todos nós — respondeu-lhe Nikolas, e ergueu a caneca aos restantes. — Foi assim que mostrámos que éramos bons alemães, dignos de ser levados de

regresso à pátria. Com os documentos que o comprovam. Também os tens, não? Os documentos, Emil?

Emil assentiu.

— Desde os primeiros dias da invasão. Não foi difícil de provar. A minha mãe tinha a nossa Bíblia de família, que remonta várias gerações até à Alemanha, bem como todos os nossos registos de nascimento da igreja.

— Eles não te recrutaram para a Wehrmacht?

— A princípio, era o que queriam fazer, mas eu disse-lhes que era o último homem útil que restava na minha família e que seria melhor lavrador do que soldado. Eles mandaram-me voltar para a nossa quinta e começar a cultivar, e foi o que fizemos.

— Sorte a tua — disse Nikolas, mas não parecia satisfeito.

Emil bebeu mais um pouco de vinho e deram-lhe uma segunda caneca e, depois, uma terceira enquanto os milicianos cantavam, tornando-se sentimentais a respeito da vida que deixavam para trás e desejosos de um futuro longe dos soviets. Perto do fundo da terceira caneca de Emil, um dos homens foi-se embora.

Emil sabia que deveria voltar para junto da família. Mas, então, Nikolas serviu-lhe mais um pouco. Seria a última caneca, prometeu ele a si mesmo, enquanto os outros dois recusavam a oferta de Nikolas e anunciavam que, também eles, iriam dormir.

— Nunca sabemos aonde a vida irá levar-nos — disse o outro, depois de eles se irem.

— Estou a tentar viver a vida — disse Emil. — Não que seja a vida a viver-me a mim. Já tive a minha dose.

— Estás bêbedo, meu amigo.

— Um pouco — admitiu ele, erguendo a sua caneca. — Graças a ti.

Nikolas bateu com a caneca na dele, beberam e, depois, remeteram-se ao silêncio como é costume os homens fazerem. Emil estava a olhar prazenteiramente para as brasas rubras na fogueira quase extinta e a pensar que deveria mesmo voltar, senão iria acabar com uma dor de cabeça pela manhã, quando Nikolas lhe perguntou:

— Quantos?

Emil virou a cabeça e deu com o outro a olhar para ele.

— Quantos quê?

Nikolas imitou com a mão a forma de uma pistola, fechou o olho esquerdo.

— Quantos judeus tiveste de abater, para recuperar a tua terra e estar nesta marcha?

Emil sentiu-se como se tivesse levado um soco e a sua expressão devia ser idêntica.

Nikolas sorriu e assentiu com a cabeça.

— Há, há. Foi o que eu pensei. Precisavas de fazer alguma coisa por eles, pelos alemães. Toda a gente precisou. Caso contrário, não te levariam com eles, nem vos protegeriam, a ti e à tua mulher e aos teus filhos. Eras um atirador como eu, não eras, Emil?

Emil tinha uma memória vívida de si mesmo a olhar para a *Luger* que segurava na mão. A cabeça começou a girar-lhe, o estômago em ebulição. Bebera demasiado vinho.

— Eu sabia — disse Nikolas, presunçosamente. — Vejo-o na tua cara, Emil. Quantos?

Ele abanou a cabeça, mas Nikolas não se deu por satisfeito. Aproximou-se, debruçando-se sobre Emil.

— Quantos judeus bolcheviques fedorentos é que tiveste de abater, para conseguir um lugar nesta marcha?

— Nenhum!

Nikolas riu-se, trocista.

— Conversa. Que raio, não tenho nenhum problema em dizer o que fiz, e tu também não deverias ter. Fizemos uma coisa boa, nobre, livrar a terra daquela judiaria piolhosa. Foi assim que tudo começou connosco. Os Romenos mandaram todos os seus judeus para aquela quinta em Bogdanovka, e eles começaram a morrer de tifo à conta daquela piolhada toda. Poderia ter-se tornado uma epidemia. Poderia ter acabado com toda a gente num raio de centenas de quilómetros — alemães, russos, ucranianos, toda a gente —, se eles não tivessem confinado a praga. Os nazis sabiam que não tinham escolha, como tal, nós, a *Selbstschutz* de Rastadt, não tínhamos escolha. Demorámos dezoito dias a abatê-los a todos e mais vinte para lhes ferver ou queimar as roupas.

Dezoito dias a matar gente? pensou Emil, horrorizado, olhando para as roupas mais novas do outro, antes de cambalear alguns metros para a direita e vomitar o pão de Adeline e quatro canecas de vinho.

— Pronto, já está — disse Nikolas. — Todos nós passámos pelo mesmo, mais tarde ou mais cedo, à conta do que fizemos. Deita cá para fora; vais sentir-te melhor. E, a meu ver, não tínhamos escolha, certo?

Emil virou-se e olhou para ele, o ácido a arder-lhe no fundo da garganta, enquanto dizia:

— Tinhas uma escolha, sim. E eu nunca disparei nem matei ninguém na minha vida. Estamos nesta marcha graças a uma Bíblia antiga e porque sou um bom agricultor e jeitoso com as mãos. Obrigado pelo vinho.

Pegou na lanterna e meteu-se à toa pela escuridão adentro, deixando para trás um Nikolas embriagado e aos gritos:

— Tretas! Eu bem vi na tua cara. Só um homem como eu é que topa um homem como tu, Emil. Ainda os vês quando estás a dormir, não é? E também os ouves. Todos aqueles ratos piolhosos que abateste!



Ao ouvir aquilo, Emil desatou a correr às cegas, tentando ganhar espaço entre ele e Nikolas, e com receio de que Adeline, sabe-se lá como, pudesse estar a ouvir os delírios de um assassino bêbedo. Tropeçou e quase caiu, mas recuperou o equilíbrio e reduziu a velocidade. A gritaria cessara.

— Eu nunca... — murmurou ele, ainda trémulo, depois de acender a lanterna e dar com o caminho até à ponte. — Nunca.

Passou pelos cavalos e desceu o talude. Então, apagou a chama e esgueirou-se em direção aos vultos adormecidos da sua mulher e dos seus filhos. Nenhum deles se mexeu quando ele se meteu debaixo dos cobertores atrás de Walt.

Ficou acordado de costas, com a voz cruel de Nikolas a ecoar-lhe na cabeça: *Eu bem vi na tua cara*. Na sua mente, ouviu gente a chorar, depois o som de disparos, viu os clarões na escuridão atrás do capitão Hausmann, que estava ali parado, a estender-lhe uma *Luger* carregada.

Aquela memória estava tão profundamente gravada em Emil que o deixava sem fôlego. Sentia-se vazio e sozinho, uma sensação amplificada ao pensar em Nikolas a abater judeus durante dezoito dias.

Ele representa uma ameaça para mim. Ainda não sei porquê, mas é uma ameaça. Consigo senti-lo nos ossos.

Emil fechou os olhos, ciente de que precisava de ficar bem longe de Nikolas e de que tinha de contar apenas consigo para o fazer, de certeza que não com um Deus que criara um homem capaz de abater gente inocente durante dezoito dias a fio.

Depois, deu por si com medo, a pensar se aquele encontro com Nikolas e o facto de ter visto Haussmann não faria tudo parte de algum amargo castigo por aquela noite nos arredores de Dubossary. Acabou por adormecer com este pensamento: *Assim que decidiste, Emil, tornaste-te tão culpado como o Nikolas.*

Capítulo Nove

Princípios de abril de 1944

Doze quilómetros a leste da fronteira romena

Passaram mais quatro dias e cinco noites, e eram tantos os romenos como os alemães que os Martel viam em retirada. Sempre que passavam por um grupo de soldados da Wehrmacht em marcha, Adeline dava por si a examinar-lhes as feições, na esperança de reconhecer entre eles o irmão mais novo, Wilhelm, o responsável pelo nome do seu filho mais novo. Ou o irmão mais velho de Emil, Reinhold. Mas nunca os viu.

Emil tornara-se silencioso e taciturno desde que tinham acampado por baixo daquela ponte a oeste de Hincesti. Adeline aprendera a dar-lhe espaço quando estava assim e concentrara a sua atenção em apoiá-lo e aos rapazes, enquanto atravessavam terras baixas e lamacentas cruzadas por leitos de riachos e, depois, escalavam cristas florestadas, agora traiçoeiras em virtude do gelo e da neve que ainda restavam.

Partes e peças da máquina de guerra alemã desfeita haviam sido descartadas em ambos os lados do percurso. Podiam ver corpos de soldados congelados, por enterrar, bicados por corvos. E tanques abandonados, carbonizados. E camiões de transporte atolados na lama até aos eixos. E os canos negros dos canhões de artilharia que a Wehrmacht decidira fazer explodir, em vez de os deixar ficar para que as forças de Estaline os usassem contra eles.

Agora, com cerca de doze dias daquela provação, os membros da marcha tinham começado a morrer de exposição aos elementos, de fraqueza e de doença. Não decorria uma hora sem que passassem por uma carroça puxada para a bermã, para que os sobreviventes pudessem enterrar os seus mortos.

— Quando fui buscar água esta manhã, uma mulher disse-me que acham que pode ser tifo — disse Adeline, quando estavam prestes a virar para noroeste, rumo à cidade fronteira romena de Iasi.

— Piolhos — disse Emil, lembrando-se de Nikolas. — Os piolhos transmitem-no.

— Inspecionei os dois pequenos ontem à noite.

— Vamos inspecionar toda a gente todas as noites, até que isto acabe.

A caravana parou. Não tardou a chegar a notícia de que tanques e forças da Segunda Frente Ucraniana Soviética se encontravam agora em movimento para oés-noroeste, numa tentativa de dividir em dois o Grupo Sul do Exército Alemão. Os homens da SS que protegiam a marcha mantiveram-nos parados durante duas horas, antes de dirigirem a caravana para sul, para longe de Iasi.

O sol apareceu uma hora depois de mudarem de rota, o que Adeline interpretou como um bom sinal. À medida que desciam para sul, a temperatura aumentava. Enquanto as horas passavam, os rapazes dormitavam no interior da carroça. Emil estava nas rédeas, olhando em volta e registando tudo o que rodeava.

— Estás à procura de quê? — perguntou Adeline.

As sobrancelhas do marido franziram-se.

— Nem sei se estou à procura seja do que for. Estou apenas a ver o que tenho em redor, porque não faço tenção de voltar a passar por aqui.

— E isso deixa-te feliz ou triste?

— Nunca mais voltar aqui? Feliz.

— Ainda bem. Achei que já te tivesses esquecido de como ser feliz.

Ele olhou para ela, com a boca entreaberta.

— Desculpa, Adella. É só que me deixo levar pelas minhas ralações contigo e com os pequenos, e se deveríamos ter vindo com os alemães ou, não sei, ter seguido o nosso caminho até à liberdade.

— E tu conheces esse caminho?

— Acho que hei de reconhecê-lo quando o vir — respondeu-lhe ele, com um sorriso.

Olhou para ela. Ela retribuiu-lhe o sorriso.

— Lembras-te da Sra. Kantor?

— Se não fosse por ela, não estaria apaixonado por ti.

— Óóóó — disse ela, esquecendo-se do que queria dizer-lhe e indo ter com ele para lhe dar um beijo na cara.

Ele passou-lhe um braço à volta e ela aconchegou-se-lhe contra o peito, enquanto o sol subia e o ar se tornava ainda mais quente. Apesar do seu humor sombrio, Adeline sentia-se tão segura nos braços de Emil, e a carroça e os cava-

los avançavam tão suavemente a compasso, que as pálpebras começaram a pesar-lhe e, pouco depois, também ela passava pelas brasas.



Outubro de 1933
Birsula, Ucrânia

Nos sonhos de Adeline, a Sra. Kantor e os seus convidados tinham delirado com a canja de frango e a massa de ovo. Esther chamara-lhe «um triunfo», o que fizera Adeline corar porque pensava o mesmo. Servira-se de meia tigela e não conseguia lembrar-se da última vez que alguma coisa lhe soubera tão bem. E não podia esquecer-se daquele rapaz bonito e divertido que lhe vendera a lenha.

Emil. Ele fizera-a sorrir. Talvez a vida dela estivesse de novo a mudar para melhor.

Viu Emil passar a caminho da padaria na noite após o banquete do frango e na noite seguinte. Ficou irritada por ele não olhar sequer uma vez para a casa onde sabia que ela trabalhava. Na terceira noite, fez o mesmo e ela sentiu-se magoada de uma forma que a surpreendeu porque, objetivamente, só falara alguns minutos com ele. Ela estava à espera de quê, afinal?

Adeline estava diante do lava-loiça, a esfregar furiosamente as panelas depois de ele ter passado lá fora pela terceira noite consecutiva, quando olhou pela janela da cozinha e viu Emil parado junto ao portão das traseiras, com um ar acanhado. Então, ele acenou-lhe.

Adeline acenou-lhe de volta, secou as mãos, inspecionou o cabelo no espelho e saiu.

— Mais lenha para vender? — perguntou.

— Ah, não. Ah, precisas de mais? Posso certificar-me de que tens sempre lenha suficiente.

Adeline sorriu.

— Podes passar por cá e ficar um pouco todos os dias, se quiseres.

Emil corou, sorriu e assentiu com a cabeça.

— Posso passar, sim. Ou melhor... gostaria de passar.

A conversa deles nunca mais parou daquele dia em diante. Claro que parava durante o dia quando estavam separados e a trabalhar, mas, uma vez juntos, retomavam-na exatamente onde tinham ficado, ambos a suspirar, um pelo outro como tolos. Às vezes, Adeline sentia que eram capazes de concluir as frases um do outro e sentia uma dor física no coração sempre que se separavam.

Mas quando Emil a pediu em casamento no primeiro aniversário do seu encontro, sentiu-se dividida e pediu-lhe tempo para pensar. Ela gostava imenso de cozinhar para a Sra. Kantor e de tomar conta dela.

E recebia um salário fixo pela primeira vez na vida e ganhava mais dinheiro do que ele a apanhar lenha. Por outro lado, adorava Emil. Ele era engraçado, trabalhador e, embora não tivesse ficado tanto tempo na escola como ela, era inteligente, esperto, o tipo de homem que se mantinha à tona. Mas viria a ser mais do que isso? Ela teria uma vida melhor com ele do que sozinha?

Na manhã seguinte, a Sra. Kantor reparou que ela estava preocupada e Adeline explicou-lhe a sua situação, concluindo:

— Tenho uma vida tão boa aqui. A senhora trata-me tão bem. Temos o que comer e a senhora deu-me um lugar quente onde dormir. O que hei de fazer? Ele apanha lenha para ganhar a vida.

A Sra. Kantor ficou a olhar para ela durante um bom bocado, antes de responder:

— Hás de me partir o coração se te fores embora, Adelka, mas antes ser uma esposa pobre do que uma criada rica. Disseste-me que o Emil é um bom homem, o que significa que hás de saber o que é o amor, se me deixares. Hás de ter filhos, se me deixares. Hás de ter uma família. E que família!

A patroa dissera aquela última frase com tal entusiasmo que quase derrubara o seu copo de água, o que, por sua vez, fizera com que Adeline desatasse a rir-se, deixando a Sra. Kantor muito contente.

— Não deixes nunca de te rir — disse-lhe ela, de dedo no ar. — O riso mantém-nos jovens no coração. Ri-te pelo menos uma vez por dia. Duas é melhor.

— Isso é fácil — disse Adeline.

— Nem sempre. Posso dar-te mais um conselho que me ajudou na vida?

— Por favor — pediu ela.

A Sra. Kantor indicou-lhe que se sentasse na cadeira diante dela, onde a sua amiga Esther se sentara. Adeline assim fez, hesitante, mas depois sorriu à mulher mais velha.

— Minha querida — disse-lhe a Sra. Kantor —, depois de oitenta e um anos neste mundo, passei a acreditar que a nossa missão na vida é perseverar, sermos amáveis e deixarmos constantemente o passado para trás e não pensarmos muito no futuro. Se tiveres de olhar para trás, tenta encontrar a beleza e o benefício de cada crueldade que te foi feita. Se tiveres de pensar no futuro, tenta não criar expetativas. Confiar que Deus há de guiar-te. Entendes?

Adeline não percebeu tudo o que a mulher mais velha estava a dizer-lhe, mas assentiu com a cabeça.

— Ainda bem — disse-lhe a Sra. Kantor. — Porque quando o fizeres, minha querida, hás de conhecer as bênçãos de Deus e merecer toda a felicidade e abundância que esta vida tem para oferecer, desde que dê parte da tua abundância a outros menos afortunados. Entendes?

Adeline ainda não estava a perceber por completo o que a Sra. Kantor estava a dizer-lhe, mas assentiu mais uma vez. A sua incerteza deve ter-lhe transparecido no rosto, porque a patroa suspirou.

— Estou a tentar dar-te as chaves para uma vida longa e feliz, Adeline — disse a Sra. Kantor. — Presta atenção mais uma vez. Cabe--nos nesta vida perseverar, sermos amáveis, deixarmos constantemente o passado para trás e não pensarmos muito no futuro. Se tiveres de olhar para trás...

A voz da velha senhora tornou-se turva e esbateu-se, substituída no sonho de Adeline por uma outra recordação, posterior, muito mais amarga e marcante.



13 de janeiro de 1936

Pervomaisk, Ucrânia

Sentindo-se mais fraca e desamparada do que em qualquer outro momento da sua vida, Adeline, então com vinte anos, olhou para o seu bebé, o querido e doce Waldemar que se agitava nos seus braços, ainda a tentar mamar nos mamilos doridos e secos, os seus próprios braços tão minúsculos e a pele tão fina e colada aos ossos que lhe dava vontade de desatar a soluçar, o que ela fez.

Emil passou-lhe os braços em volta dos ombros.

— Os meus amigos estão a tentar encontrar natas para ele. Havemos de as encontrar; tenho a certeza.

— Vamos os dois pedir a desconhecidos — disse ela, em pânico. — Seja a quem for. Primeiro, vai procurar a tua mãe. Ela que venha tomar conta do neto, enquanto tu e eu tentamos mantê-lo vivo.

O casal mudara-se para Pervomaisk pouco depois do casamento, porque a mãe de Emil se mudara para lá e lhe dissera que havia trabalho na pequena cidade quatro horas a leste de Birsula. Emil encontrara emprego primeiro a trabalhar nos campos e, depois, na cervejaria. Tinham-se dado bem na sua vida de recém-casados e, apesar das condições de vida humildes, Adeline não tardara a engravidar.

Em agosto de 1935, com mais de seis meses de gravidez, Adeline ainda estava a trabalhar nos campos. O mês começara húmido e, depois, tornara-se quente. No rio Bug, os mosquitos eram mais do que abundantes enquanto ela trabalhava, pelo que nunca tivera como saber qual das picadas lhe transmitira a doença. Mas, a 1 de setembro, ao entrar no seu sétimo mês, Adeline apresentava os sintomas debilitantes da malária. O primeiro ataque começou com uma agradável sensação de peso na base do pescoço, que se transformou em sonolência e, em seguida, num delicioso sono numa escuridão tão completa e reconfortante que só uma dor intensa nas articulações e uma febre que não parava de subir conseguiram acordá-la.

Dia após dia, Adeline ardia em febre, tinha alucinações com o tão esperado regresso do pai, enquanto a temperatura subia e depois acalmava, deixando-a encharcada em suor. Em poucos minutos, ficava gelada até aos ossos e a tremer tão violentamente que nem os cobertores conseguiam aquecê-la.

Acabava por adormecer, apenas para regressar à mesma sensação agradável e pesada na nuca, quando o ciclo da malária recomeçava. Com cada novo ataque a manifestar-se a intervalos de seis a oito horas, Adeline ia ficando mais fraca, incapaz de reter a comida no estômago. Estava a emagrecer. Temia pelo bebé que crescia dentro dela, mas não podia fazer nada enquanto Emil não encontrasse um médico que lhe desse quinino.

Com melhoras contínuas no fim de setembro e durante outubro, Adeline não tinha um ataque de malária há quase vinte dias enquanto novembro tomava conta do calendário e o nascimento do seu primeiro filho se aproximava. No dia 12 daquele mês, ela estava a coser um cobertor para o berço que Emil fizera. O bebé estava ativo, sempre aos pontapés, algo que ela adorava.

A tarde ia no começo, mas ela estava muito cansada, pelo que poisou o seu trabalho de costura e fechou os olhos, sentindo quase de imediato a familiar e detestada, mas deliciosa, pressão na base do crânio. Dormiu um sono sem sonhos e acordou com febres de malária diferentes das crises anteriores, temperaturas mais altas e dores de cabeça tão fortes que julgou que iriam rebentar-lhe os tímpanos.

Mais tarde, Emil havia de lhe dizer que tivera de a embrulhar em lençóis molhados, enquanto ela dizia coisas sem nexo a pessoas que ele não conseguia ver. Ela tomou mais quinino, só que não rechaçou a doença tão depressa como antes. No quinto dia, com febre e em sofrimento durante um parto longo e difícil, deu à luz um filho a quem chamaram Waldemar.

Ele era pequeno ao nascer, com menos de dois quilos, mas, mesmo doente como estava, ela conhecera a alegria mais intensa da sua vida ao ver o seu primogénito, segurando-o contra o peito e vendo-o alimentar-se do seu leite. Ele era tudo o que ela sempre quisera ou esperara. Quando Emil os envolveu a ambos com os seus braços, ela sentira-se mais completa e feliz do que nunca.

Mas a malária não queria largá-la. Adeline estava assintomática num dia e febril no seguinte. Como é sabido, a malária estava a desgastá-la, a consumi-la.

Durante um outro ataque entre o Natal e o Ano Novo, ela começou a duvidar de que alguma vez voltasse a sentir-se bem. Em seguida, o seu leite ficara reduzido a um gotejar intermitente.

Waldemar estava com dificuldades, mal conseguindo mamar o suficiente para sobreviver no início da segunda semana de janeiro de 1936. As febres de Adeline tinham finalmente cessado. Ela já conseguia comer e começava a recuperar as forças. Mas mal conseguia dar de mamar uma única vez por dia, muito menos as sete ou oito de que ele precisava para ganhar peso.

Levaram o bebé ao mesmo médico que dera o quinino a Adeline, ao que ele lhes disse que o filho precisava imediatamente de gorduras lácteas. Recomendou-lhes que arranjassem uma ama de leite ou procurassem natas frescas numa quinta, para o alimentar até que as forças e o leite dela voltassem. Mas eles não conseguiam descobrir uma ama de leite e, até então, fora impossível encontrar natas em Pervomaisk no pico do inverno.

— Vou voltar a sair — disse Emil.

— Eu vou contigo — insistiu Adeline.

Ele foi buscar a mãe. Karoline caíra e magoara-se numa anca antes do Natal e andava agora com a ajuda de uma bengala.

— Ele está muito fraco — disse-lhe Adeline.

— Estou a ver que sim — disse-lhe a sogra.

Adeline começou a dar-lhe instruções, mas a mulher mais velha levantou as mãos:

— Já criei uns quantos.

Adeline e Emil saíram e correram as ruas durante horas naquele dia, perguntando a todos e mais algum como poderiam encontrar natas para o seu filho doente. Embora houvesse um mercado negro para aqueles bens, depois de quase dezanove anos de governo comunista, ninguém sabia dar-lhes uma resposta nem se sentia seguro para o fazer.

Emil tinha de trabalhar naquela noite. Adeline acompanhou-o até à cervejaria. À porta, começou a chorar.

— Não posso dar-lhe leite. É por isso que ele está a morrer. É por minha causa.

Emil agarrou-a, abraçou-a com força.

— Nós vamos descobrir uma maneira de...

— Emil? — perguntou um homem.

Eles ergueram os olhos e deram com um colega de trabalho de Emil, da cervejaria.

— Encontrei um pouco de natas para o teu filho — disse ele. — Deixei-as com a tua mãe no apartamento.

Adeline ficou animadíssima. Beijou o marido na bochecha e correu para casa, enquanto ele ia trabalhar. Chegou ao modesto prédio de apartamentos onde moravam, subiu ao terceiro andar e entrou na habitação.

— Onde é que está? — perguntou ela, antes sequer de fechar a porta.

— Onde é que está o quê? — perguntou-lhe por sua vez a sogra.

— A garrafa das natas — respondeu Adeline.

— Ora, esse médico percebe alguma coisa? — disse Karoline. — Tentei dar uma colher ao bebé e ele cuspiu-a assim que lhe desceu pela goela. A mesma coisa da segunda e da terceira vez. Acabei por bebê-las eu.

Adeline ficou a olhar para a sogra, sem querer acreditar.

— Bebeu-as?!

— Não bebi tudo — fungou Karoline, um pouco indignada. — E, como te disse, não estavam a fazer-lhe bem nenhum. Além disso, não como natas a sério há cinco anos, talvez mais.

Adeline gritou:

— Sua... sua bruxa horrorosa, fora da minha casa! Acabou de matar o seu próprio neto!

— Não fiz nada disso! — gritou Karoline. — Qualquer pessoa com dois olhos na cara é capaz de ver que ele está quase a finir-se, porque tu não consegues dar-lhe o *teu* leite! Eu ter bebido um pouco de natas não tem nada que ver com isso!

Bateu a porta atrás dela quando saiu.

Com oito semanas, Waldemar estava mesmo demasiado fraco. Quando Adeline lhe deu um pouco das natas frescas que restavam, ele vomitou-as e fez o mesmo com cada colherada que se seguiu. Depois, ganhou uma tosse que o deixou ainda mais fraco. Duas noites mais tarde, Emil chegou a casa e deu com Adeline a embalar o bebé nos braços. Ele estava enfaixado e respirava com dificuldade.

— Está a morrer — disse ela. — Já nem abre os olhos.

— Não — disse Emil, numa voz rouca. — Ele não está a morrer.

— Está, sim — disse ela. — Sinto que sim. Não queres segurá-lo comigo?

A tristeza engoliu Emil inteiro antes que ele se chegasse e ambos segurassem o filho entre eles, sofrendo durante horas até que ele soltou o seu último suspiro numa pieira ténue e devastadora, que desfez as últimas forças que mantinham Adeline de pé. Ela começou a arfar, a soluçar, a gemer com uma dor que nunca sentira, pior do que quando o dera à luz, mais primitiva, a agonia do seu coração a quebrar-se.

Emil fez-se forte por ela, amparou-a durante o pior. Ficou sentado ao lado dela, durante mais de uma hora, e nunca se foi abaixo, nem sequer proferiu uma única palavra, até que ela disse:

— Temos de o enterrar. Precisamos de um caixãozinho.

Ele hesitou e acabou por dizer:

— Ainda não me pagaram este mês. Não temos dinheiro para comprar a madeira.

Adeline olhou-o fixamente, sem expressão.

— O quê?

— Não temos.

— E então?

— Não sei — disse ele, numa derrota total. — Não sei.

— Não podemos simplesmente enterrar o nosso bebé na terra!

— Eu sei, mas...

Adeline empurrou o seu filho morto e enfaixado para os braços do marido.

— Segura-o. Eu... eu não consigo estar aqui agora. Simplesmente não consigo.

Levantou-se com as pernas bambas, agarrou no casaco e no chapéu, e saiu ao encontro do amanhecer. Janeiro ia a meio no centro-norte da Ucrânia. Devia estar muito frio, com neve por todo o lado. Mas o frio e as tempestades ainda não tinham chegado. Tudo em redor dela se apresentava desolado, em tons de castanho e cinzento, quando Adeline se sentou nos degraus da entrada do prédio, a cabeça voltada para sueste, tentando detetar os primeiros indícios de luz no horizonte.

Mas apenas viu trevas e a sua dor debateu-se com a dormência que a envolvia.

Baixou a cabeça e rezou.

— Deves ter-mo tirado por alguma razão — disse ela, tentando não choramingar, mas em vão. — Não sei porquê... Não sei porque é que me deixaste ficar doente, porque é que ele tinha de morrer. Mas, por favor, não me obrigues a enterrar o meu bebé na terra fria como uma coisa que se deita fora. Por favor, não me faças fazer isso ao meu pequenino abençoado.

Incapaz de continuar, deixou-se ficar ali sentada no escuro, as lágrimas a escorrerem-lhe pela cara, os braços em volta dos joelhos, até que viu um brilho rosado surgir no fundo do céu a oriente. Então, por uma janela aberta acima dela, ouviu o som torturado do seu orgulhoso e estoico marido a chorar pela primeira vez desde que se casara.

Aquilo esventrou-a, deixou-a num torpor sobrenatural no qual encarou o céu onde dedos daquele brilho rosado começavam a crescer, a alongar-se. Adeline estava tão em baixo que mal se apercebeu da chegada do amanhecer, enquanto perguntava a si mesma quanta dor uma mulher seria capaz de suportar antes que a sua mente acabasse tão desfeita quanto o seu coração.

Acima dela, ouviu Emil bater em qualquer coisa no apartamento e, depois, amaldiçoar Deus. Adeline levou as mãos à cara. Ouvira falar no que acontecia aos casais quando um filho lhes morria daquela maneira. Perguntou a si mesma se o seu casamento acabara e sentiu-se pior do que abandonada. Sentiu-se posta de lado, lixo, nada aos olhos dos céus.

Uma brisa começou a soprar. Gelada, ela levantou a cabeça, para fechar melhor a gola do casaco em volta do pescoço. Embora continuasse na sombra escura, os dedos rosados da madrugada haviam-se tornado longos e belos, as

pontas quase acima da sua cabeça quando o sol finalmente começou a despon-
tar, projetando uma débil coroa de raios dourados no horizonte.

Ficou a vê-la ganhar força enquanto pensava: *Como é que uma coisa tão boni-
ta pode acontecer numa manhã tão cruel como esta?*

A brisa tornou-se mais forte. Pelo canto do olho, ela detetou algo que se mo-
via no vento frio, caindo, rodopiando e dançando numa bizarra hesitação. Es-
voaçou, subiu e, depois, caiu quando a rajada se desfez, parando depois de des-
crever uma espiral cerca de um metro adiante dela.

Incrédula, Adeline ficou boquiaberta a olhar para a nota amarela e branca de
vinte rublos, dinheiro mais do que suficiente para Emil fazer um caixão para
Waldemar.

Começou a soluçar de novo.



— Adella — chamou Emil, sacudindo-lhe o ombro suavemente. — Acalma-
te.

Adeline acordou sobressaltada, olhou em volta por um instante em total con-
fusão, antes de a sua atenção se fixar em *Oden* e *Thor* que puxavam a carroça e,
depois, regressar a Emil.

— Estava a ter um pesadelo.

— Um pesadelo — repetiu ele. — Estavas tão transtornada.

— A mamã dormiu mais do que eu — disse Will, atrás dela.

— E do que eu — disse o segundo Waldemar, nascido em outubro de 1937,
vinte e um meses depois da morte do primeiro filho.

Ela virou-se no banco e deu com os seus pequenos deitados nos cobertores
dobrados, com os cotovelos apoiados, o queixo na palma das mãos. Sorriu, de-
bruçou-se e beijou-os a ambos na testa.

— Porque é que fez isso? — quis saber Walt.

— Porque tu e o teu irmão são os milagres que o vosso pai, eu e Deus fize-
mos — respondeu ela. — E porque eu vos ado-do-do-doro.

Will riu-se e Walt também, antes de olharem para trás dela e ficarem com
uma expressão séria.

— Estão seis tanques naquela colina à nossa frente, mamã — disse ele.

Adeline voltou-se, levou a mão à testa e viu os *Panzers* alemães no alto, três de cada lado do caminho. Os canos dos canhões estavam todos erguidos, em diversos ângulos que cobriam toda a extensão da caravana.

— Vou enfiar os dedos nos ouvidos até passarmos por eles — disse Will.

Walt franziu a testa e também meteu os dedos nos ouvidos.

Adeline disse:

— Enfiarmos os dedos nos ouvidos é capaz de não ser má ideia.

O marido não respondeu. Emil tinha agora os olhos fixos em algo mais próximo do que os tanques, à frente e à direita da caravana. Ela conseguia ver uma carroça parada junto ao caminho e um veículo da Wehrmacht estacionado ao lado. Vários homens andavam para trás e para a frente, à volta dos dois veículos.

Ela olhou para o marido, que desviara a sua atenção para o outro lado do caminho. Mas, quando se aproximaram, ele estava outra vez a observá-los, só que agora com muita atenção.

No alto da encosta, os motores dos *Panzers* rugiram. Os tanques começaram a rolar, espalhados em duas fileiras, as lagartas arrancando a lama e cuspidendo-a pelo ar atrás deles. Adeline meteu os dedos nos ouvidos, a sua atenção nos *Panzers* que ganhavam velocidade, descendo direito a eles.

Oden e *Thor* começaram a estremecer e a resfolegar. Não se tinham esquecido.

— Está tudo bem, rapazes — disse-lhes Emil, num tom tranquilizador. — São só cavalos maiores.

Adeline esquecera-se da carroça e do veículo da Wehrmacht, até ficarem praticamente a par com eles. Olhou para Emil, que fitava dois dos homens junto ao veículo militar.

Um deles era alto e magro, com pesadas roupas civis de lã; o outro, um oficial da SS. Estavam ambos quase de perfil, atentos aos tanques que se aproximavam.

Capítulo Dez

Nikolas e o *Sturmbannführer* Hausmann viraram as costas aos tanques que se aproximavam pela direita e à lama que era projetada no ar atrás deles. Emil teve vontade de entregar as rédeas a Adeline e passar para a traseira com os filhos.

Mas a sua carroça estava a menos de vinte metros dos dois homens. Não havia tempo suficiente para baixar a cabeça e desviar o olhar, esperando que eles não o reconhecessem.

Os tanques desviaram-se. O major Hausmann examinou a carroça à frente da dos Martel e, depois, o próprio Emil por um momento, antes de desviar o olhar para Adeline, onde se demorou antes de passar para a carroça seguinte na fila. Nikolas mal olhou para Adeline e para os rapazes atrás dela, antes de se fixar em Emil e o brincar com um sorriso conhecedor e um aceno enquanto passavam. O gesto pareceu sebento, como a honra entre ladrões, e deu a volta ao estômago de Emil.

— Quem era aquele homem? — perguntou Adeline. — Porque é que te sorriu daquela maneira?

— Não faço ideia — respondeu ele, com vontade de olhar para trás.

— Ele assentiu na tua direção.

— Ah, sim? Pareceu-me apenas um sorriso. Se calhar, estava só a ser amigável.

Olhou para a mulher, que lhe pareceu cética.

— Aquilo não me deu a impressão de ser amigável.

Walt e Will começaram a mexer-se atrás do pai, o que lhe deu um pretexto para olhar por cima do ombro e através da capota, para o caminho que se estendia atrás deles. Nikolas e Hausmann estavam a olhar para ele.

— Eles estão a observar-nos — disse Adeline, que também se voltara. — Quem são?

Emil olhou para a mulher e abanou a cabeça.

— Não sei.

— O oficial da SS parecia o mesmo que estava a orientar a caravana, na segunda manhã.

— Achas que sim?

— Emil, tu és bom com caras. Nunca te esqueces de uma.

— Não devo ter-lhe prestado muita atenção, Adella — disse ele, olhando outra vez para trás. — Seja como for, agora já não os vejo.

Mas nem Nikolas nem Haussmann ficaram muito tempo longe dos pensamentos de Emil durante o resto daquele dia da marcha. Passaram por mais *Panzers* e respetivas tripulações em ambos os lados do caminho, bem como por mais soldados que escavavam nas encostas, e por ainda mais soldados romenos que montavam acampamento.

O clã Martel parou para passar a noite perto de um riacho de água fria e límpida. Ao longo das margens, os rapazes não tiveram dificuldade em encontrar lenha para uma fogueira, que o avô não demorou a acender. Emil escavou um outro forno para Adeline na beira do riacho. Ela amassou o pão, enquanto a mãe e a irmã preparavam uma sopa de cebolas, batatas, nabos e tiras de carne de porco seca. Walt encontrou um novo punhado de pés de espargos selvagens, que também juntaram à panela.

Quando se pôs, o sol projetou no céu dramáticos dedos de vermelho e roxo.

— É bonito — disse Emil. — O céu.

Adeline levantou os olhos da tábua de corte e começou a sorrir, antes de inclinar a cabeça, intrigada e, depois, triste.

— O que é que se passa? — perguntou-lhe ele.

— Não sei. Só me lembro de outra vez em que vi dedos tão bonitos como aqueles — respondeu ela, e hesitou, com os olhos marejados de lágrimas.

— Para mim, um pôr do sol é igual a todos os outros — disse Rese. — Quando é que podemos comer?

— Levantaste-te? — perguntou-lhe o irmão.

— Sinto-me como se tivesse dormido uma semana — disse Rese, e bocejou.

— Tu dormiste uma semana — disse-lhe Adeline, pondo de parte a sua mágoa.

— E é por isso que tenho fome.

— Vou-lhe buscar uma tigela — disse Karoline, que se aproximara entretanto.

— Eu estou bem, mamã — disse Rese. — Sou mais do que capaz de segurar numa tigela de sopa.

— Toma — disse Malia, entregando-lhe uma tigela fumegante. — As batatas talvez ainda estejam um pouco encruadas, mas isso deve saciar-te.

Adeline entregou-lhe um naco de pão. Rese sorriu e agradeceu. Os rapazes foram os próximos, depois as mulheres, começando pela mais velha, seguindo-se os homens. Emil foi o último, mas sobrou mais do que o suficiente para lhe encher a barriga naquela noite.

Enquanto comiam, o céu transformou-se em noite. Alimentaram a fogueira e acenderam a lanterna. O vento aumentou, assobiando entre os galhos das árvores e fazendo o lume rugir, crepitar e cuspir tantas centelhas que um pequeno vulcão de brasas explodiu e subiu bem alto no céu.



No outro lado da fogueira, nas sombras lançadas pelas chamas sopradas pelo vento, Emil detetou um movimento no leito do riacho. Um homem apareceu pouco depois, subindo a margem com uma espingarda ao ombro e uma garrafa na mão. Ao aproximar-se da fogueira, tornou-se visível o uniforme de inverno castanho-azeitona de um soldado do exército romeno. Era baixo, com pouco menos de um metro e setenta, e estaria a meio da casa dos vinte.

— Boa noite — disse ele em alemão, sorrindo e olhando para todos de uma forma estranha e um tanto embriagada, enquanto levantava a garrafa. — Sou o cabo Gheorghe, do Terceiro Exército Romeno. A Lua e as estrelas trouxeram-me até aqui com hidromel. Eu estava a atravessar o riacho, a sentir-me com frio e vi a vossa fogueira. Podemos negociar? Hidromel em troca de calor?

Emil percebeu de imediato que havia algo de errado com aquele homem. O que é que estivera a fazer no leito do riacho? De onde vinha o hidromel? Quando olhou para Walt e Will sentados ao lado da mãe, os dois rapazes estavam de cenho franzido, desconfiados. Mas não Adeline, que parecia divertida com o visitante.

— Eu bebo um pouco de hidromel, cabo Gheorghe, se fizer favor — disse Rese.

— Não bebes, não — objetou a mãe.

— Bebo eu — disse o pai.

— E eu também — disse Adeline. — Onde é que arranjou o hidromel? E como é que um cabo romeno sabe falar alemão?

Ele encaminhou-se para a fogueira, sorrindo a todos, enquanto puxava a rolha da garrafa.

— Surripiei o hidromel num acampamento de oficiais da SS, ao cimo da estrada. — Aproximou-se de Johann e serviu-lhe um pouco, acrescentando: — Sabem o que é que as estrelas, a Lua e o Todo-Poderoso dizem que vou fazer quando a guerra acabar e eu voltar para casa?

Emil teve vontade de lhe dizer que estava a borrifar-se para o que ele iria fazer depois de a guerra acabar e que roubar álcool aos oficiais da SS era uma das coisas mais idiotas que já ouvira.

Mas a irmã mais velha de Adeline, Malia, perguntou:

— O que é que vai fazer?

— Vou ser apicultor — respondeu-lhe o cabo. — Fazer mel. Vender mel. Adoro mel.

Seguiu com a bebida na direção de Karoline, que abanou a cabeça e apontou para a filha:

— Nenhuma para ela, também.

— Eu tenho vinte e um anos, mamã — protestou Rese.

Karoline olhou para ela e disse:

— Isto não é uma questão de idade, Rese, e tu sabes isso.

Rese bufou, cruzou os braços, fechou os olhos e não disse nada.

— Porquê apicultor? — quis saber Malia, enquanto ele servia um pouco de vinho a Adeline e a Lydia.

O romeno arqueou as sobrancelhas na direção de Emil, que abanou a cabeça. O cabo fez uma cara triste com direito a beicinho, antes de ir ter com Malia, dizendo:

— As abelhas e o mel são bons para os homens e as mulheres e os meninos. Se comermos mel, ficamos fortes, nunca adoecemos. Se levarmos uma ferroada, ficamos ainda mais fortes. E se comermos a geleia real? Vivemos e vivemos e voltamos a viver. E um apicultor não tem de trabalhar muito o ano inteiro. É um bom sonho. Todas as noites, sonho que a guerra acabou. O maluco do Estaline, o tarado do Hitler, foram-se todos, mortos, para o Inferno. No meu sonho, deito fora a minha arma, vou para casa, crio abelhas, faço mel e encontro uma boa mulher para a fazer feliz.

Sorriu para Malia.

— A minha mulher e eu havemos de viver muito. Sem guerras. Apenas amor para todos. Fazer mel doce juntos, certo?

Ela corou, baixou o queixo e disse:

— Isso parece um sonho, cabo.

— Os sonhos tornam-se realidade — disse ele, com um sorriso. — Sabe isso, não sabe?

Confusa, ela ergueu os olhos e olhou para a mãe. Lydia abanou a cabeça e disse:

— Os sonhos são um disparate, cabo Gheorghe. Não se tornam realidade.

— Não, não; os sonhos tornam-se realidade — insistiu ele, tirando o capacete e apontando para uma cicatriz ainda lívida acima de uma pequena mocha em forma de meia-lua que tinha no crânio, acima da orelha direita. — O antigo cabo Gheorghe? Antes de o morteiro rebentar? Ele detestava a vida. Sofria todos os dias, macambúzio e zangado, e ouvia vozes assustadas na cabeça dele. *Porquê eu? Porque não eu? Quem é que vai abater-me?* O antigo cabo Gheorghe não acreditava em Deus. Não acreditava que os sonhos se tornam realidade.

O soldado romeno poisou a mão no coração e arregalou os olhos.

— Mas, então, a bomba do morteiro rebentou, apagou-me por completo. Acordei e tudo estava diferente. Eu fazia parte de tudo e de todos. Eu vi. Eu senti. Eu entendi! O soldado Kumar tinha razão! Os sonhos tornam-se realidade, se os guardarmos no coração e agirmos de acordo com o coração. Todas as noites, aqui mesmo no meu peito, sei que nasci para fazer mel, encontrar uma mulher bonita e fazer mais mel.

Riu-se, voltou a tocar na cicatriz com a mão direita e fechou os olhos, a sua expressão tão feliz quanto seria possível numa expressão humana.

— Posso esperar. Tenho paciência e paz e não tenho medo. Sei no meu coração que já sou apicultor. Aconteça o que acontecer, sou apicultor.

Por esta altura, Emil já concluía que o romeno era doido varrido ou bêbado, ou ambas as coisas. Sentia-se um pouco hostil, quando interveio:

— Não chegou a dizer-nos onde aprendeu a falar alemão.

— Oh, a minha avó era austríaca — explicou ele, abrindo os olhos. — Fui viver com ela durante vários anos, depois de a minha mãe morrer.

— E onde é que estava, quando o morteiro rebentou? — perguntou-lhe Maria.

O enlevo sumiu-se da cara do cabo. A expressão toldou-se. A mão largou o coração e procurou a garrafa de hidromel. Depois de verter um generoso gole

diretamente na boca, engoliu, estremeceu e olhou para todos eles, com uma expressão assombrada.

— Estalinegrado — foi a resposta. — O Cotovelo do Don.



Ao longo da hora seguinte, enquanto o lume se reduzia a brasas e eles consumiam o resto do hidromel, o apicultor contou a sua história da batalha mais longa e sangrenta alguma vez travada na Terra. Apesar de não confiar nele, Emil não pôde deixar de ouvir com atenção, enquanto o cabo Gheorghe descrevia a partida da sua cidade natal de Barlad, no Leste da Roménia, onde fora metido num comboio de tropas com a sua farda de verão em julho de 1942. O apicultor deixara o comboio dois dias depois e marchara durante nove dias, até a uma posição perto da cidade de Serafimovich, mais de cem quilómetros a noroeste de Estalinegrado.

— Era uma estepe a sul de Cotul Donului, o Cotovelo do Don — disse ele. — Campo aberto. Poucas árvores. Muito vento. Quente também, naquela altura. O soldado Kumar, aquele indianozinho maluco, achava que o vento e o sol eram mesmo bons. Eu detestava aquilo.

Soldado no pelotão romeno, Kumar trabalhava arduamente a cavar trincheiras, abrigos e plataformas para ninhos de metralhadoras e canhões. Enquanto escavavam numa crista a cerca de dois quilómetros do cotovelo do rio, o cabo Gheorghe ficara a saber que o pai do soldado Kumar era um expatriado da Índia, que possuía uma empresa têxtil, vivia em Bucareste há trinta anos e casara com a mãe de Kumar, uma bela romena. Tinham tido três filhos. Kumar era o mais velho.

O romeno bebeu mais hidromel e prosseguiu:

— O soldado Kumar era ainda mais baixo do que eu, mas duas vezes mais forte. E depois, quando ficou mais frio do que o frio? Ele não tremia. Limitava-se a sentar-se, fechava os olhos, fazia aquele sorrisinho, respirava fundo e devagar durante dez minutos. E, depois, ficava ótimo e voltava ao trabalho. Acabei por lhe perguntar se rezava. Ele disse que não, que meditava. Eu disse-lhe que não fazia ideia do que ele estava a dizer. Ele disse que rezar era quando falávamos com Deus. E que a meditação era quando O escutávamos.

Fez uma pausa e sorriu.

— Naquela altura, eu achava que o soldado Kumar era meio maluco e...

— Pensava que iria falar-nos sobre a batalha. — Perdido no meio de toda aquela conversa, Emil levantara-se e preparava-se para ir tratar dos cavalos.

— E de como fui atingido na cabeça, pois — disse o cabo. — Já não demora.

Embora a força aérea soviética tivesse bombardeado várias vezes a posição do cabo Gheorghe durante os meses seguintes, o apicultor, o soldado Kumar e o que restava do Terceiro Exército Romeno não tinham praticamente visto qualquer ação até ao outono de 1942, que fora excepcionalmente ameno e dera origem a tempestades de vento e tornados em todo o Sul da Rússia.

— Em novembro — continuou Gheorghe —, o Exército Vermelho chegou às terras altas do outro lado do rio Don. Tanques. Canhões. Muitas divisões.

O rosto do apicultor endurecera com aquela recordação. Disse-lhes que o soldado Kumar tivera uma visão, enquanto meditava. Nessa sua visão, os soviéticos atacavam durante a noite e ele era morto.

— Eu disse-lhe que não pensasse assim, que tinha de estar pronto para lutar, e ele limitou-se a sorrir. Fui dormir e sonhei que sobrevivia à batalha, praticamente passava por ela e tornava-me apicultor e vivia uma vida longa e feliz.

Nas primeiras horas antes do amanhecer de 23 de novembro de 1942, três exércitos soviéticos atacaram os romenos, que estavam espalhados ao longo de uma frente de cem quilómetros, que se estendia desde a posição do cabo Gheorghe no Cotovelo do Don para leste, em direção a Estalinegrado.

— A neve e o vento tinham chegado, a primeira grande tempestade do inverno — disse o apicultor, olhando para o céu noturno. — Não consegui ouvir os tanques, mas o soldado Kumar disse que era capaz de ouvi-los com o motor em ponto morto. Então, canhões e morteiros começaram a estoirar e a rebentar por todo o lado na crista onde estávamos. O soldado Kumar estava na outra ponta da mesma trincheira, não muito longe, talvez a quarenta metros de distância. É como vos digo, quando as bombas começaram a cair, ele limitou-se a largar a arma e ficou ali sentado, de olhos fechados, com aquele sorrisinho tolo na cara.

O romeno interrompeu a sua história, para lhes oferecer o resto do hidromel, mas todos recusaram. Malia perguntou:

— O que é que aconteceu?

Ele olhou com tristeza para as chamas.

— Mal amanheceu, um projétil de morteiro atingiu o soldado Kumar e ele foi-se, como neve vermelha levada pelo vento.

— O quê?! — perguntou Rese, encolhendo-se. — A sério?

— É triste, mas é a verdade. E depois, no nevão, havia grandes clarões como se fossem relâmpagos. E *bum!* Também fui atingido e ficou tudo às escuras.

Os dedos enluvados do romeno procuraram a cicatriz e a depressão no lado da cabeça, antes que ele desviasse a sua atenção do céu noturno e os encarasse, com os olhos arregalados.

— Acordei de borco na neve. Já era dia. Os meus ouvidos tiniam e zumbiam. Parecia que tinha a cabeça quebrada. Estava coberto de neve e conseguia sentir que estava ferido aqui na cabeça e a sangrar do nariz e das orelhas. Caíram mais bombas. Mais canhões dispararam. Estavam a chegar tanques. E fuzileiros. E operadores de metralhadoras. Mas eu estava tonto e o tempo parecia lento, até que vi milhares de soviets vestidos de branco a atravessarem o rio e a escalarem a colina na tempestade. Vi-os abaterem seis homens abaixo de mim e ouvi-os dizer: «Não façam prisioneiros.»

O cabo fez uma pausa, paralisado e horrorizado ao recordar-se do momento da sua morte iminente. O corpo dele estremeceu, mas não de medo, reparou Emil, antes com uma estranha alegria que de repente pareceu jorrar-lhe do peito e irradiar-lhe do rosto. Olhou em volta para todos eles, a sorrir como um louco.

— Os soldados russos passaram por mim a correr, como se eu fosse invisível! — disse ele. — Depois, vieram mais e aconteceu a mesma coisa. E foi então que eu soube que estava diferente depois da bomba do morteiro, como se alguma coisa se tivesse encaixado no devido lugar dentro da minha cabeça. Eu estava muito calmo, em paz e, enquanto observava a batalha que se desenrolava à minha volta, soube no meu coração que o soldado Kumar tinha razão. Vocês, eu, esta fogueira, o Universo, tudo é o Todo-Poderoso. E, quando sabemos isso, quando aceitamos isso, os sonhos tornam-se realidade, porque estamos no Todo-Poderoso e o Todo-Poderoso está em nós.

Emil queria interrompê-lo de imediato, porque tudo aquilo lhe parecia totalmente insano, mas viu como Malia, Adeline e Rese pareciam quase enfeitiçadas pelo romeno.

— O que é que fez então? — perguntou Malia.

O cabo Gheorghe sorriu-lhe.

— Peguei na minha espingarda, saí da trincheira e avancei pelo nevão adentro, bem pelo meio do combate.

Disse que vira soldados soviéticos mortos, com os seus fatos-macacos brancos, e aproveitara o uniforme de um dos cadáveres. Disse também que os artilheiros das metralhadoras russas e romenas tinham disparado, mas não lhe haviam acertado. As bombas caíam. Os canhões rugiam. Os tanques passavam a menos de um metro e meio, enquanto ele enterrava muitos dos seus companheiros.

O cabo Gheorghe disse que passara por batalhas durante dias, tendo visto a brutalidade, a carnificina e demasiados mortos — alemães, soviéticos e romenos, civis e militares. Vasculhara as mochilas dos soldados romenos mortos. Se encontrava comida ou alguma coisa útil, enterrava aqueles soldados. Para evitar deitar-se na neve, dormia onde as bombas haviam caído mais recentemente.

— O chão estava negro, quente e cheirava a fumo de óleo — disse ele. — Na terceira ou quarta manhã, surgiu um nevoeiro e eu entrei por ele adentro. Quando saí, a Batalha de Cotul Donului tinha terminado e eu estava perfeitamente vivo.

Voltou a sua atenção para Malia, alargou o sorriso e disse:

— É por isso que sei que vou ser apicultor e encontrar uma boa mulher e viver uma vida de mel.

A irmã mais velha de Adeline corou de novo e soltou um risinho.

— Uma vida de mel.

— Bem... — disse Lydia, mãe dela, pondo-se de pé, irritada. — Já tive a minha dose e tu também, Malia. Amanhã pela manhã, temos de ir à procura da nossa vida de mel.

O romeno pareceu achar graça àquilo, riu-se e fez uma vénia. Lydia e uma relutante Malia deixaram as chamas moribundas, juntamente com Adeline, que levou Will ao colo, enquanto Walt seguia ensonado a seu lado em direção à carroça e à cama.

Karoline tratou também de levar com ela Rese e Johann. E eis que apenas restavam Emil e o soldado romeno, à luz do que restava da fogueira.

— Está a perceber, Martel? — perguntou o cabo Gheorghe. — O Todo-Poderoso, Deus, o Divino, a Inteligência Universal, chame-lhe o que quiser, é tudo a mesma coisa. O Único ouve-nos e ajuda-nos, move a Lua e as estrelas por nós, se soubermos pedir-lho. E os sonhos tornam-se realidade.

Emil sentia-se feito de chumbo por dentro quando abanou a cabeça e replicou:

— Não existe nenhum Deus, nenhum Todo-Poderoso, nenhum Divino, nenhuma Inteligência Universal, nem a Lua e as estrelas se movem por causa de sonhos. Apenas existe o nosso trabalho árduo e aquilo que construímos para nós e aquilo do qual podemos esconder-nos. Mais nada!

O romeno levou a mão à cicatriz que tinha na cabeça:

— Eu atravessei o pior da guerra e saí intacto depois daquela bomba de morteiro. Vi milhares morrerem, Martel. Mas não morri. Estou aqui, diante da sua fogueira.

— Se aquilo que disse é verdade, é um homem de sorte — replicou Emil. — Admito. Boa noite, cabo Gheorghe. Tenha uma boa vida.

Gheorghe poitou a mão no coração e, então, inclinou a cabeça para trás por um momento, de olhos fechados, antes de voltar a abri-los e encarar Emil, com a mão estendida.

— Tenho a sensação de que hei de voltar a vê-lo, Martel. De facto, tenho a certeza disso. Há de acontecer quando a Lua e as estrelas se moverem.

Relutante, Emil apertou a mão ao louco.

— Com certeza, como queira, e boa sorte com o mel.

— Não preciso de sorte — disse o outro, enquanto pegava na espingarda e na garrafa vazia. — No meu coração, já sou um apicultor.

Riu-se e foi-se embora, descendo ao encontro do leito escuro do riacho. Enquanto ia verificar os cavalos, Emil conseguia ouvir o cabo romeno a falar com ninguém no meio do mato. A noite tornara-se silenciosa quando ele se esgueirou para debaixo dos cobertores, sob a carroça.

— Ele era louco, Emil? — perguntou-lhe Adeline, num sussurro.

— Apanhado da cabeça e maluco de todo — sussurrou ele de volta. — Pior do que a Malia.

Pensou que ela talvez se zangasse ao ouvir aquilo, mas, em vez disso, Adeline replicou:

— Não entendi metade do que aquele homem disse, mas a minha irmã pareceu perceber tudo. Eles veem o mundo de maneira diferente, não é?

— Como te disse, apanhado da cabeça. Agora, toca a dormir.

Capítulo Onze

Na escuridão profunda e fria da noite, Adeline acordou com um silvo estridente, seguido de uma explosão, a mil e quinhentos metros de distância, não mais do que isso. Debaixo deles, o chão tremeu. Seguiu-se um outro silvo e uma outra explosão, mais violenta e ainda mais perto.

A Quarta Frente Ucraniana Soviética estava a atacar de leste.

— O túnel! — gritou Emil. — Agarra no Will! Eu levo o Walt!

Adeline agarrou nos sapatos, calçou-os, agarrou em Will e, juntos, saíram de debaixo da carroça, ao mesmo tempo que ouviam a mãe e a irmã dela a chamá-la:

— Por onde? — perguntou Malia, quando rebentou outra salva de artilharia.

— Sigam a minha voz — gritou Adeline, em resposta. — Sigam a minha voz!

— Continua a gritar!

Seguiu-se um clarão tremendo, quando uma bomba atingiu o acampamento da Wehrmacht perto deles. A explosão desequilibrou Adeline, que tropeçou no preciso momento em que via Emil e Walt à frente dela e de Will, a caminho do riacho e do túnel.

Sentiu-se cega quando as explosões pararam, mas continuou na direção em que vira Emil pela última vez. Em seguida, uma outra bomba explodiu e ele estava ali, aqueles braços fortes estendidos para agarrar o filho e depois a ela, e orientá-los até à água fria, mostrando-lhes onde deveriam baixar-se para entrar no túnel.

Com dois passos, os sapatos e os pés de Adeline ficaram frios e encharcados. Mas quando a bomba seguinte explodiu, ela não se importou. A explosão soou abafada, quase distante.

— Não vejo nada, mamã — disse Walt, mais ao fundo do túnel.

— Estou com frio — queixou-se Will. — Onde é que paro?

— Vai ter com o Walt — disse-lhe Adeline. — E estamos todos com frio, por enquanto, mas estamos seguros.

Quando Will encontrou o irmão, Adeline pôs-se ao lado dele e disse aos filhos que se virassem de costas para a parede do túnel, levantassem os pés da água e usassem a parede oposta como apoio. Ouviu-se um chape.

— Mamã! — gritou Will. — Caí na água!

— Levanta-te — gritou-lhe o pai, junto à entrada do túnel.

— Sim, levanta-te — disse ela, com o estômago num nó, porque sabia que agora o filho estava em apuros, com frio e molhado. — Vem ter comigo.

Adeline sentiu as mãozinhas geladas de Will contra as coxas, estendeu os braços na escuridão e levantou-o do chão. As pernas e as costas dela reclamaram com o esforço, mas apertou o filho contra o peito.

— Está tudo bem — murmurou-lhe ela ao ouvido. — A mamã está aqui contigo.

— Tenho tanto frio.

— É só até o papá dizer que podemos sair.

Gelados e húmidos, os dedos do pequeno procuraram-lhe a cara no escuro. Ela beijou-lhos, agarrando-os com a sua mão seca.

— Porque é que temos de fazer isto? — perguntou Walt, na escuridão. — Não gosto de estar aqui.

— Às vezes, temos de fazer coisas que não queremos para continuarmos vivos — disse-lhe Emil. — Por pior que pareça, é melhor do que ficar na carroça.

— E se a carroça se foi? — perguntou Walt. — E se o *Thor* e o *Oden* estiverem mortos?

— Estou com frio, mamã — queixou-se Will, remexendo-se nos braços dela.

— Pensa num lugar qualquer onde estavas com muito calor — disse ela. — O lugar mais quente onde já estiveste. Tão quente que só querias apanhar-te à sombra e suar.

Então, ficaram todos em silêncio, cada um à procura de um dia quente na sua mente. Por razões que ela própria não entendeu muito bem, os pensamentos de Adeline recuaram até 9 de agosto de 1941, na cidade de Pervomaisk, durante uma vaga de calor.



Estava um calor abrasador. Adeline levava Will, então com quase dois anos, nos braços, com Walt de quase quatro ao lado e pelo seu pé. Ela estava a caminho de casa, depois de uma saída para compras que pouco lhe justificara o esforço. Enquanto caminhava, a sua atenção vagueava em todas as direções, ainda a tentar reaprender a ordem mundial. Uma semana antes, os alemães tinham invadido e agora ocupavam a cidade, e ela acabara de saber que o seu irmão mais novo, Wilhelm, fora recrutado pela Wehrmacht, para fazer frente ao Exército Vermelho em retirada. Ele já partira.

Havia rumores de outras mudanças desagradáveis a caminho. Todas as noites, pelas janelas abertas, ouviam tiros no interior da cidade. Mas Emil dizia que a vida poderia ser melhor para eles sob o domínio alemão do que sob o russo. Era verdade? Ela era de etnia alemã e falava russo e alemão, mas não sentia vínculos com nenhum dos dois países, e de certeza não com Estaline nem com Hitler.

— Mamã? — chamou Walt. — Está demasiado calor. Tenho sede.

— Estamos quase em casa. Bebemos água lá.

— Não pode levar-me?

— E o que é que faço com o Will?

— Oh... — disse ele, com um ar abatido.

— Adeline? És tu? — perguntou atrás deles uma voz feminina e trémula.

Não reconhecendo a voz, ela olhou por cima do ombro e viu uma mulher desesperada, assustada, já perto dos quarenta anos, com um lenço na cabeça e roupas de camponesa. A princípio, não a reconheceu. Mas, então, a mulher alterou ligeiramente a posição da cabeça e Adeline soube quem era.

— A amiga da Sra. Kantor — disse ela, com um sorriso. — Esther. — Tinha passado quase oito anos.

— Chiu, agora chamo-me Ilse — disse-lhe Esther, olhando em redor e depois sorrindo para Walt e o bebé. — São os dois teus?

Adeline achou estranho ela ter mudado de nome, mas sorriu.

— Sim.

— Uma bênção. A Sra. Kantor falou-me do teu primeiro filho. Sinto muito.

Adeline sentiu uma pontada de tristeza. Cinco anos antes, começara a acreditar que a dor da perda de Waldemar seria algo que carregaria para sempre. Puxou Walt para o seu lado.

— Estes são as minhas preciosas dádivas. Como está?

Esther inclinou-se para a frente, poisou os dedos trémulos nas costas da mão de Adeline e, num sussurro à beira das lágrimas, respondeu:

— Os nazis estão a abater judeus em Bogopol, do outro lado do rio, e eu... eu preciso da tua ajuda. Meu Deus, por favor, não tenho mais ninguém a quem recorrer.



Na escuridão absoluta do túnel quase três anos depois, com as bombas agora a caírem com menos frequência, Will estremeceu-lhe nos braços e arrancou-a das suas recordações.

— Estou com tanto frio, mamã.

Adeline chamou:

— Emil?

— O bombardeamento ainda não acabou — respondeu ele —, mas parece que o alvo está mais longe. Acho que podemos sair. Lydia? Malia? Venham atrás de mim.

— Graças a Deus — disse Lydia. — Detesto estar enfiada nestas coisas.

Adeline ouviu-as começarem a avançar no túnel.

— Will, desce para o chão e vai ter com a *Oma*.

— Pela água? — perguntou ele, a bater os dentes.

— Sim. Já.

Will desceu. Ela girou sobre um joelho e, então, acorrou-se, ficando com a parte de trás da cabeça contra o teto do túnel.

— Já saímos! — gritou a irmã.

— Vai lá, Will — disse Adeline. — A mamã está mesmo atrás de ti. Walt, segue-me.

Alguns momentos depois, haviam saído do túnel. Tinham estado meia hora lá dentro. Um novo amanhecer começava a despontar.

Como Emil pressentira, o bombardeamento não cessara, antes se deslocando para leste, em direção às encostas onde as tropas alemãs estavam acampadas, suficientemente longe para que a família Martel parecesse estar em segurança por enquanto. Adeline agarrou em Will, que tremia violentamente.

— Já para a carroça — disse ela, e começou a escalar a margem com Walt.

Mal haviam chegado ao topo e dado alguns passos em direção à carroça, quando ela ouviu de novo os silvos e estrondos da artilharia, como se os soviéticos estivessem a varrer a frente alemã com explosivos, com distâncias diferentes a leste e oeste. Uma nova salva poderia chegar a qualquer momento.

Adeline desatou a correr para a carroça.

— Salta lá para dentro! — disse ela a Will, levantando-o do chão. — Vai lá para trás. Despe toda a tua roupa.

— Não, mamã — disse ele. — Estou com frio.

— Entra e tira a roupa! — gritou ela. — Vou buscar cobertores!

Adeline caiu de joelhos. Ouviu aviões, agora seguidos por mais silvos e mais estrondos ainda mais perto, a sul. O chão tremeu.

— Mamã! — gritou Walt.

Ela agarrou na roupa de cama, puxou-a e viu que o filho mais velho apontava para leste, onde ardia uma muralha de chamas.

— Estou a vê-la — disse ela, tentando não entrar em pânico. — Entra.

Walt subiu para o banco, agarrou na roupa de cama e atirou-a para debaixo da capota. Ela foi atrás dele, sentindo a carroça abanar outra vez.

Até então, não vira Emil a aparelhar os cavalos. Ajudou Will e Walt a despirem o resto das roupas molhadas e embrulhou os dois rapazes nos cobertores.

Will estava azulado e continuava a tremer. Uma nova carga de artilharia explodiu mais perto do que antes.

— Temos de ir! — gritou Adeline ao marido. — Eles estão a bombardear de sul para norte. Vêm direitos a nós!

Emil saltou para o banco e agarrou nas rédeas.

— Agarrem-se! — gritou ele, antes de açoitar os flancos de *Thor* e *Oden*. Os grandes cavalos empinaram-se e avançaram, fazendo com que Adeline perdesse o equilíbrio. Caiu de lado, em cima de tachos e panelas, que lhe magoaram as costelas.

Gemeu, levantou a cabeça e espreitou pela traseira da carroça, vendo o pai de Emil a chicotear os seus cavalos, com Karoline e Rese atrás dele sob a capota, ambas de joelhos, apavoradas e agarradas ao banco. Atrás deles, Malia conduzia a carroça da mãe, gritando a plenos pulmões e estalando as rédeas nos flancos dos seus pôneis.

A lama voava por todo o lado. A carroça não parava de derrapar com as rodas a escorregarem, a estrutura violentamente sacudida para um lado e para o outro. Adeline estava convencida de que iriam acabar por sair do caminho. Mas

Emil e os seus fiáveis cavalos contrariaram o movimento e avançaram pela terra ensopada no outro lado do leito do riacho, antes de subirem para terreno mais estável. Os projéteis de artilharia começavam a rebentar onde eles tinham estado acampados, lançando chamas vermelhas e laranja na madrugada.

Thor e *Oden* ganharam velocidade. Aumentaram a distância entre eles e a barragem, primeiro quinhentos metros e depois mil. Mas outros refugiados noutras carroças também estavam em movimento, saindo da floresta em ambos os lados da estrada que os Martel tinham à sua frente, pelo que a sua velocidade diminuiu.

Will e Walt puxaram os cobertores para cima da cabeça e adormeceram. Adeline subiu para o banco e sentou-se ao lado de Emil. Olharam um para o outro e sorriram. Ela estendeu-lhe a mão. O marido pegou nela e apertou-a.

— Ainda bem que tens tanta presença de espírito com bombas a caírem à tua volta — disse-lhe ele.

Ela abriu um sorriso.

— Tu também não te saís nada mal.

Uma hora depois, venceram uma elevação que lhes dava uma panorâmica do que tinham pela frente, onde ainda mais carroças se espalhavam ao longo de uma estrada bastante larga que cruzava uma encosta íngreme. Algumas das carroças mais a oeste tinham-se desviado para a faixa da esquerda. À sua direita e ao fundo da encosta, viam-se mais destroços. Duas carroças haviam-se enredado uma na outra, pelo que as duas mais os respetivos cavalos e ocupantes tinham capotado, virando-se de lado e rebolando margem abaixo.

Homens e mulheres cruzavam o caminho e desciam pela margem, em direção aos destroços. Quando os Martel lá chegaram, soldados alemães haviam aparecido e faziam por manter em movimento as carroças que permaneciam na estrada. Já mais perto, Adeline viu que, no meio dos escombros das carroças, havia cavalos estropiados, cadáveres e muitos outros feridos.

Fechou os olhos e tentou ir para longe, para aquele mítico vale verde na sua mente, tentou visualizá-lo com arcos-íris num céu que começava a desanuviar depois de uma chuva de verão. Mas a agonia de uma mulher interrompeu-a.

— Ajudem-me, por favor — chamava ela. — Por favor. Meu Deus, alguém me ajude!

Adeline ouviu outra mulher dizer:

— Estamos aqui. Estamos a ajudar o melhor que podemos.

Adeline abriu os olhos e viu duas mulheres apenas alguns metros à frente e à sua direita, de joelhos na estrada, a ajudar uma mulher que fora trazida para cima. Tinha a cara maltratada, imunda e ensanguentada. Ambas as pernas estavam nitidamente partidas. Um osso projetava-se de uma canela.

— Oh, Deus — gemeu a mulher. — Ajuda-me, por favor! Não tenho mais ninguém!

Adeline ficou a olhar para a mulher enquanto passavam, ouvindo na sua mente uma outra voz a proferir palavras semelhantes.



9 de agosto de 1941

Pervomaisk, Ucrânia

Naquele dia quente, Esther poisou os dedos trémulos nas costas da mão de Adeline, que segurava Will ao colo.

— Preciso da tua ajuda. Oh, Deus, por favor, não tenho mais ninguém a quem recorrer.

— Eles estão a abater judeus? — perguntou Adeline, enquanto Will não lhe parava quieto nos braços.

O medo fez com que Esther lhe respondesse num frenesi:

— Vi-o com os meus próprios olhos. Mulheres de idade em cadeiras de rodas, abatidas a tiro. Homens pontapeados, espancados. Podemos ir para algum lugar seguro? Posso dizer-te o que preciso?

— Sim, mas nós não temos...

— Dinheiro? Eu não preciso de dinheiro. Eu tenho dinheiro, minha querida. Podemos ir para um sítio qualquer que não seja o meio da rua? Onde eu não corra o risco de ser interpelada?

Will barafustou nos braços dela. Estava claramente com fome. Walt disse:

— Tenho sede, mamã.

O desespero de Esther trouxe-lhe lembranças da mulher que estivera várias vezes em casa da Sra. Kantor e que sempre se mostrara tão simpática.

— Sim, claro — disse Adeline, sorrindo à pobre mulher aflita. — Havemos de fazer tudo o que pudermos para a ajudar, não é, Walt?

— Tenho sede, mamã.

— Bem, dá a mão à tia Est... dá a mão à tia Ilse. Vamos direitos para casa.

Quinze minutos depois, Walt estava a beber água e Adeline alimentava Will na cozinha do seu minúsculo e sombrio apartamento. Esther estava sentada numa cadeira diante dela.

— Obrigada, Adeline — disse ela, pela décima vez. — És uma bênção.

— Em que posso ajudar?

Esther meteu a mão na bolsa e tirou de lá um nome e um endereço escritos num pedaço de papel branco, que ela empurrou para o outro lado da mesa.

— Este homem faz documentos falsos — disse ela. — O meu primo em Odessa pôs-me em contacto com ele. Agora, existe um mercado negro de documentos que podem apagar o nosso passado. A minha mãe era judia. Pode ser o suficiente para que me matem, Adeline. Paguei-lhe metade adiantado para alterar os meus documentos, tornar a minha mãe descendente de colonos alemães como o meu pai, mas o homem vive em Bogopol, e não me atrevo a ir lá outra vez.

— Quer que eu vá buscar os seus documentos? — perguntou-lhe Adeline, sentindo-se insegura.

— E que lhe entregues o resto do dinheiro — disse Esther. — Eu pago-te, Adeline.

Adeline engoliu em seco. Se os nazis estavam a abater judeus, abatê-la-iam também por ajudar um deles, não era? Mas tratava-se da amiga da Sra. Kantor. E fora sempre tão simpática.

— Não tem de me pagar — acabou por dizer Adeline.

— Faço questão.

— E eu continuo a dizer que não é preciso — insistiu Adeline, fazendo o seu melhor por sorrir. — Tenho a certeza de que há de pagar-me de alguma outra forma noutra ocasião.

Esther parecia prestes a chorar.

— Fazes isso por mim?

— A senhora é amiga da Sra. Kantor. É o mínimo que posso fazer. Quando é que vou?

— Amanhã — respondeu ela. — Ele disse que amanhã teria tudo pronto.

— Muito bem. Nesse caso, vai ficar aqui até que eu lhe traga os documentos. Esther chorou de alívio e agarrou-lhe na mão.

— És boa gente — disse ela. — Muito boa gente, Adeline. A Sra. Kantor tinha razão a teu respeito.

— Como é que ela está?

— Oh, não soubeste? Faleceu no ano passado, Deus a abençoe. Vi-a na semana anterior e, quando lhe disse que iria mudar-me para cá, ela disse-me que deveria procurar-te. E agora encontrei-te. E cá estás tu, agora, a ajudar-me. É como se ela soubesse.

Adeline lembrava-se muito bem de como a Sra. Kantor costumava rir-se e sentiu-se muito triste com a partida daquela alma alegre.

— Ela ensinou-me muita coisa — disse Adeline. — Eu gostava muito dela.

— E ela gostava muito de ti.

A porta do apartamento abriu-se e fechou-se. Emil, cansado e acalorado do trabalho na cervejaria, espreitou pela porta da cozinha.



O ombro de Adeline abanou e voltou a abanar. Ela assustou-se, sem saber onde estava no espaço e no tempo; então, viu as carroças de refugiados que se estendiam à sua frente e Emil sentado ao lado dela.

— Vem aí outra tempestade — disse-lhe ele, apontando para o horizonte ocidental, onde nuvens roxo-escuras corriam na direção deles.

Durante quase uma hora, a chuva caiu em bátegas, que obrigavam Emil a baixar constantemente a cabeça e deixar que fossem os cavalos a seguir as carroças à frente e que os mantivessem no caminho escorregadio. Encolheu-se no seu casaco e puxou o chapéu para baixo, protegendo as orelhas.

— Eu deveria trocar contigo — disse-lhe Adeline, que estava abrigada debaixo da capota com os rapazes.

— Não adianta penarmos os dois — disse ele. — Além disso, está a aligeirar.

Era verdade. A chuva diminuía de torrencial para ligeira, enquanto o vento se levantara de sul. Quando a marcha foi interrompida, estavam perto da fronteira romena, em Barlad.

O camião do altifalante fez a ronda antes do anoitecer, avisando-os de que deveriam preparar os seus documentos, que iriam ser examinados antes de receberem documentos de trânsito do governo romeno. Os Martel estavam exaus-

tos. Assim que acabaram de comer, subiram para a traseira da carroça e trataram de dormir.

Capítulo Doze

Emil acordou antes do amanhecer para cuidar dos cavalos. Adeline levantou-se pouco depois e preparou um pequeno-almoço de carne seca, sobras de pão e rodela de beterraba cozida. Não era um banquete, mas muito melhor do que comer erva. Mais importante, os seus filhos não estavam a passar fome. Depois da morte do primeiro, ela e Emil haviam jurado que isso nunca mais aconteceria.

Enquanto Emil comia, Adeline acordou os rapazes, verificou se tinham piochos e vestiu-os. Eles ajudaram-na a dobrar e a guardar a roupa de cama, antes de começarem o pequeno-almoço dando graças.

— Damos graças por esta comida e pela nossa segurança, Deus — disse ela. — Apenas pedimos outro dia seguro, talvez menos atribulado do que o de ontem, longe da guerra. Amém.

— Amém — disse Walt.

— Amém — disse Will.

Emil não disse nada. Estava a olhar para oeste, para a estrada esburacada até à fronteira romena, e a ver um veículo da Wehrmacht que se aproximava e acabou por parar diante do local onde estavam acampados.

Nikolas saiu pelo lado do passageiro da frente. O SS *Sturmbannführer* Haussmann, o nazi dos pesadelos de Emil, emergiu das traseiras. Com pescoço de touro e cabelo cortado à escovinha, gritou:

— Sou o major Haussmann e fui encarregue da marcha e da vossa segurança por autoridade do *Reichsführer* Himmler. Preciso de ver os documentos de cada carroça e de cada membro da família. Devem apresentá-los a mim ou a *Herr* Nikolas, que está a ajudar-nos a certificar a documentação. *Raus!* Ou não vos será permitido cruzar a fronteira para a Roménia nem continuar sob a proteção da SS!

Com o medo a tolher-lhe os movimentos, Emil deu por si com a visão limitada. Via o major da SS e o solícito carrasco como se estivessem ao fundo de

um túnel. Sem saber porquê, ouviu Adeline na sua mente, a repetir uma frase que o pai há muito lhe ensinara: *Lançado ao vento e aos lobos*.

Hausmann e Nikolas atravessaram a estrada para inspecionar os documentos de uma outra família ali acampada. Engolindo em seco e movendo-se com dificuldade, Emil foi até à carroça, procurou debaixo do banco e encontrou uma caixa pregada ao chão. Abriu-a, retirou um velho estojo de couro e agarrou nos documentos que estavam lá dentro.

Quando se virou, Hausmann estava na estrada a conversar com Nikolas. O homem alto apontou para o acampamento dos Martel e seguiu o major, os seus olhos encontrando os de Emil e um sorriso sebento surgindo-lhe nos lábios.

O major da SS aproximou-se e olhou para Emil.

— Documentos, *Herr*...?

— Martel — disse Emil, concentrando-se num ponto logo acima e entre os olhos escuros de Hausmann, enquanto lhe entregava a documentação. — Emil Martel.

— Temos o mesmo nome próprio — disse Hausmann. Não examinou os documentos, antes estudando Emil, olhando-o nos olhos e dizendo: — E onde foi que obteve estes documentos, *Herr* Martel? Quem o certificou como suficientemente alemão para ser protegido pela SS do Reich?

Emil sentiu-se apavorado ao fixar os olhos de Hausmann, mas não se permitiu desviar o olhar quando respondeu:

— Um oficial alemão onde vivíamos e...

— Qual oficial? — perguntou Hausmann, bruscamente. — Quando e onde, *Herr* Martel?

A mudança de tom deixou Emil abalado, pelo que desviou os olhos do oficial da SS. Ouviu o tremor na sua voz, quando respondeu:

— Não me lembro do nome dele assim de repente, major. Era um oficial da VoMi, *Sonderkommando R*, em Pervomaisk, onde vivíamos em meados de agosto de 1941. O nome dele há de estar algures nos documentos.

— VoMi, *Sonderkommando R*, hmm — disse Hausmann, olhando finalmente para as folhas que tinha nas mãos. — Sim, estou a ver. A certificação foi concedida com que fundamento?

— Tínhamos as nossas certidões de nascimento e a nossa Bíblia de família, que remonta à época em que a nossa família veio da Alemanha.

— Hmm — disse o major da SS, olhando para Nikolas. — Custa-

-me a acreditar que tenha uma Bíblia que sobreviveu à purga de Estaline. Tem-na consigo, *Herr* Martel?

Ele paralisou por um instante.

— Eu? Oh, não.

— Não?! — perguntou Haussmann, aproximando-se um passo.

Antes que Emil pudesse responder, Adeline deixou escapar:

— Quem a tem é a minha sogra, Karoline.

— Isso mesmo! — interveio Rese. — Está connosco!

— Tenho-a comigo! — disse, então, Karoline. — Está aqui!

O major Haussmann sorriu friamente a Adeline, depois a Emil, antes de se virar para Karoline, que coxeava resolutamente direita a ele, apoiando-se na bengala e levando consigo uma velha Bíblia, com Johann a cambalear atrás dela.

— O tetravô do tetravô do Emil trouxe esta Bíblia com ele, quando deixou a Alemanha — disse ela, com voz forte —, em resposta à oferta de terras de Catarina, *a Grande*, na Rússia. O nome de todos os Martel da nossa família consta desta Bíblia. É por isso que todos fomos certificados. E foi por isso que os comunistas nos devolveram as nossas terras. E é por isso que estamos nesta marcha sob a sua proteção, major.

Pela primeira vez em muito tempo, Emil teve vontade de abraçar a mãe. Olhou para Nikolas, que parecia menos presunçoso. E Haussmann parecia não o ter reconhecido.

Karoline entregou a bengala ao marido e abriu a Bíblia nas páginas do fim, que revelavam toda a linhagem da família Martel rabiscada a tinta que ia ficando desbotada à medida que retrocedia geração após geração até à Alemanha.

O major da SS traçou uma página com o dedo enluvado e parou.

— Gustav Martel, nascido a 4 de março de 1789, em Hanôver, Alemanha. Morre a 12 de dezembro de 1842, em Friedenstal, Rússia.

— É onde era a nossa terra, há já mais de um século — disse Karoline. — Foi o que tivemos de deixar para sempre.

Se Haussmann sentiu pena dela, não o demonstrou. Fechou a Bíblia, entregou-lha e disse:

— As minhas desculpas, *Frau* Martel. Não voltaremos a preocupar-nos com a autenticidade dos vossos documentos nem com a pureza do vosso sangue. Podem todos cruzar a fronteira.



Quando Haussmann se voltou para devolver os documentos dos Martel, Emil sentiu uma vaga de alívio. O oficial da SS havia de seguir em frente, sem nunca se aperceber de que os caminhos de ambos já se tinham cruzado. E Nikolas havia de se ir embora e não voltaria a lembrar-se dele.

Mas, então, o major inclinou a cabeça e reteve os documentos fora do alcance de Emil.

— Eu não o conheço, *Herr* Martel? — perguntou, fixando novamente os olhos mortícios em Emil.

O terror de Emil era absoluto, mas, mais uma vez, forçou-se a olhar para o homem.

— Não, major. Não me parece.

Haussmann ficou ali parado, a olhar para os documentos.

— Pervomaisk. Não, nunca estive lá. E onde fica esta Friedenstal?

— Sessenta quilómetros a sueste de Birsula. Uma pequena aldeia estabelecida a partir da colónia de Glückstal.

O major ficou a pensar, mas acabou por encolher os ombros, abanou a cabeça e disse:

— Devo estar enganado, *Herr* Martel.

As emoções de Emil saltaram tão depressa para o extremo oposto depois de ouvir a palavra «enganado» que demorou um instante a perceber que Haussmann estava a devolver-lhe os documentos.

Agarrou neles, assentiu ligeiramente com a cabeça e disse:

— Obrigado, major.

— Não foi levado para o exército aquando da invasão, *Herr* Martel? — perguntou-lhe Haussmann, estudando-o novamente.

— O irmão da minha mulher foi. Se eu tivesse ido, não teria sobrado nenhum homem na nossa família para cultivar os campos. A VoMi decidiu que preferia ter-me a produzir comida do que a lutar.

O major da SS pensou naquilo por um momento, olhou para Nikolas e, depois, perguntou-lhe:

— Não era membro do *Selbstschutz* na sua região?

— Vivíamos num lugar minúsculo num mar de campos de cereal — respondeu Emil. — Só sei de um crime lá em três anos: um soldado romeno que vio-

lou uma viúva. E foi apanhado.

— Hmm — disse Haussmann. — Sabia que todos os homens de ascendência étnica alemã com mais de trinta anos deviam ser membros do *Selbstschutz*? E eram obrigados a fazer um juramento de lealdade?

— Não — disse Emil. — Não fazia ideia. Como disse, nós vivíamos...

— Levante a mão direita numa saudação adequada, *Herr Martel* — interrompeu Haussmann, bruscamente —, como se estivesse a saudar o *Führer* aqui e agora!

Emil sentiu-se como se estivesse a ser testado e humilhado diante da sua família, mas estendeu o braço bem alto na saudação nazi.

— Repita comigo, *Herr Martel*: «Na qualidade de portador de puro sangue alemão, juro a Adolf Hitler, o *Führer* de todos os alemães, ser fiel até à morte, fazer o meu melhor e ser absolutamente obediente a todos os meus superiores. *Heil Hitler!*»

Engolindo o orgulho e dizendo a si mesmo que deveria fazer o que fosse preciso para se livrar daquele homem, Emil recitou o juramento pela segunda vez na vida e pela segunda vez sob as ordens de Haussmann. Ao fazê-lo, viu o major da SS não como era agora, mas como era quase três anos antes, um capitão mais jovem a gritar com ele junto a uma recôndita ravina nos arredores de Dubossary.

Quando terminou, Emil ficou parado com o braço no ar, a olhar para Haussmann, que finalmente permitiu que o esboço de um sorriso lhe passasse pelo rosto.

— Pode baixar o braço, *Herr Martel*. Que o resto da sua viagem de hoje seja feito em segurança.

— Obrigado, cap... major.

Se Haussmann o apanhou a tratá-lo por capitão, não o deu a entender. Em vez disso, assentiu com a cabeça na direção de Adeline e, depois, na da mãe de Emil, antes de seguir para o veículo com Nikolas atrás dele. Entraram e, com Nikolas ao volante, Emil percebeu que os dois estavam a discutir, embora não conseguisse perceber sobre o quê.

Os joelhos de Emil transformaram-se em borracha quando eles finalmente desapareceram de vista. Dirigiu-se a uma árvore e encostou-se a ela, ciente de que os rapazes estavam a trinta metros, Will ao lado da carroça, Walt dentro dela, ambos macambúzios e de olho nele. Ele também estava tão suado como

se tivesse trabalhado durante horas e tão nauseado como naquela outra noite à conversa com Nikolas. *Demorámos dezoito dias a abatê-los a todos.*

Adeline aproximou-se e abraçou-o, enquanto o resto da família se juntava a eles.

— Eu não queria dizer aquilo — disse Emil.

— Eu sei.

— Teve de ser. Por ti e pelos rapazes.

— E por ti.

— Estou com o estômago às voltas.

— Não estejas — disse-lhe a mãe. — Fizeste o que tinhas de fazer, Emil.

O pai abanou a cabeça tristemente e disse:

— Todos nós fazemos o que temos de fazer, filho.

Emil queria argumentar com o pai, dizer-lhe que havia limites que um homem simplesmente não podia cruzar, mas, em vez disso, disse:

— Obrigado, papá.

Percebeu que Rese, Lydia e Malia estavam a olhar para ele, desorientadas, sem saber o que fazer.

— Vamos esquecer isto, por favor, arrumar tudo, atravessar a fronteira e sair daqui o mais depressa que pudermos.

Assim que se calou, elas afastaram-se rapidamente para fazer o que lhes competia. Adeline continuou agarrada a ele.

— Estás a tremer — disse ela, em voz baixa.

— Estou? Não importa. Agora, estamos bem.

Adeline recuou um pouco, olhou para ele.

— Tu conhece-lo, Emil? Aquele Haussmann? — Ele não a encarou. — Emil?

— Papá, quando é que vamos embora? — perguntou Walt, da carroça.

— Dentro de poucos minutos — respondeu Emil, deixando claro que queria que ela o largasse.

Mas Adeline continuou agarrada a ele e sussurrou:

— Sou tua mulher. Guardas segredos de mim?

— Claro que guardo segredos de ti. Alguns segredos não devem ser partilhados. Algumas recordações são feitas para serem esquecidas. Sabes que é verdade.



No seu coração, Adeline sabia que aquilo era verdade. Ela própria passara por grandes provas e sofrimento. Embora tentasse não o fazer, eram emoções brutais que ela não tinha dificuldade em invocar. Todavia, muitos dos pormenores mais desagradáveis da perda do pai, da fome que passara, de ver o seu primogénito morrer-lhe nos braços, haviam gradualmente desaparecido dos seus pensamentos diários, como folhas mortas levadas pelo vento.

— Pois sei — disse ela, mais calma. — Mas respondes-me só a esta pergunta? Tu conhece-lo, Emil? O major Haussmann?

As faces de Emil descaíram, antes de ele suspirar e dizer:

— O Haussmann era um dos capitães do grupo da SS que me deteve em Dubossary, quando fui comprar coisas para o telhado em setembro, depois de regressarmos a Friedenstal.

Adeline lembrava-se de Emil no regresso a casa naquela noite, como lhe parecera debilitado e derrotado. Como chorara pela segunda vez no seu casamento. Agora, era como se o seu coração se partisse de novo.

— O que é que esse Haussmann te fez?

— Disseste que era só uma pergunta.

As emoções de Adeline debateram-se, até que a predominante venceu:

— Não tens de me contar o que te aconteceu naquela noite — disse. — Diz-me só se o Haussmann e aquele outro homem são um perigo para os nossos rapazes. Para nós.

Passados vários momentos, Emil disse:

— Eles são um perigo para todos à face da Terra. Matam inocentes e roubam a alma aos homens bons. E, por favor, Adeline, vamos ficar por aqui. Já passei o suficiente só por ter de voltar a ver aquele Haussmann.

Adeline não queria ficar por ali, mas conseguia ver o quanto o seu marido estava transtornado.

— Muito bem — acabou ela por dizer. — E obrigada.

— Não tens de quê — disse ele por sua vez, antes de ir cuidar dos cavalos.

— Amo-te, Emil Martel — disse ela ainda.

Ele olhou para trás com um sorriso algo agridoce, pensou ela, antes de lhe dizer:

— Eu também te amo, Adeline Losing.

A artilharia troou a leste, mais perto do que antes, tão perto que ela sentiu as pancadas secas das explosões, que deixaram todos os que estavam acampados ali perto em ânsias por partir.

— Lá para dentro — disse ela, agarrando em Will e ajudando-o a subir para as traseiras da carroça. — Vai ter com o Walt.

Ela subiu para o banco, pegou nas rédeas e viu Emil desamarrar os cavalos da árvore.

— Solta a alavanca — disse-lhe ele.

Adeline baixou o travão, sentiu os cavalos e a carroça recuarem o suficiente para se afastarem da árvore. Emil subiu para o lado dela, agarrou nas rédeas e incitou os cavalos, ao mesmo tempo que uma nova salva de canhão soava a oeste.

— Eles estão a aproximar-se de novo — disse ela, quando começaram a avançar.

— Quero lá saber — disse ele. — Nada vai impedir-nos de seguir para oeste de agora em diante. Nem que tenhamos de viajar dia e noite, se for preciso.



Uma hora depois, cruzaram a fronteira com a Roménia na estrada de acesso à pequena cidade de Barlad. A travessia encontrava-se extremamente fortificada e defendida por mais de duzentos soldados romenos, todos eles a olharem ansiosamente para leste, para lá da caravana, na direção do combate que se aproximava. Para não pensar no que acontecera naquela manhã nem na ameaça que o major Haussmann representava, Adeline pôs-se a examinar os soldados romenos, alguns deles muito jovens, mas não reconheceu em nenhum deles o cabo Gheorghe de duas noites antes.

— O cabo Gheorghe não disse que era desta cidade? — perguntou ela, depois de passarem pelo posto de controlo.

— Não me lembro — respondeu Emil, encolhendo os ombros.

— Ele era estranho, mas interessante de ouvir, não era?

As sobrancelhas de Emil uniram-se.

— Ainda não desististe dele? O homem levou com uma bomba na cabeça, Adella.

— E a Malia levou um coice na cabeça, e mesmo que isso a tenha tornado especial e interessante à sua maneira, o cabo Gheorghe, bem, era muito diferente. Ele foi...

— O quê?

— Não sei a palavra certa. Tocado? No bom sentido?

— Tocado?

— Eu disse-te que não sabia a palavra exata; é só que não consigo esquecer a história dele, aquilo de, depois levar com a bomba na cabeça, ele ter-se passeado pela batalha durante dias, ileso, como se um anjo ou um espírito estivesse ali com ele, a abrir-lhe o caminho, a protegê-lo.

— A protegê-lo para que pudesse tornar-se apicultor?

— Talvez. E porque não? É o sonho dele, não é?

O rosto de Emil contraiu-se.

— Quem sabe se existe alguma verdade no que ele disse? Poderia estar a inventar tudo. Ou pode ser que, por ter sido atingido na cabeça, ele pense que foi assim. Quem sabe? Ele era maluco, e pronto.

Adeline olhou para o marido sem o julgar e, então, desviou o olhar quando a carroça ressaltou num sulco da estrada. Pôs-se a olhar para o planalto que atravessavam, vendo o cabo Gheorghe na sua mente.

— Acho que era verdade — acabou ela por dizer. — Quando ele falou de acordar naquela vala, coberto de neve, e depois andar pelo meio das balas, não sei, não te pareceu que ele tinha um brilho, Emil? Não te parecia feliz? Assim, mesmo muito feliz?

Emil virou-se, exasperado, e disse:

— Se eu tivesse bebido tanto hidromel como ele, também estaria a brilhar. E não quero falar mais dele. O cabo Gheorghe é uma coisa do passado, Adeline. De vez.

Ela perguntou a si mesma por que razão teria Emil reagido de forma tão negativa ao apicultor e à sua história. Mas, depois, pôs isso de parte, lembrando-se de como o cabo arrastara a asa a Malia. *Era o que ele estava a fazer, não era?*

Adeline não tivera a oportunidade de conversar mais um pouco com a irmã mais velha sobre o cabo Gheorghe, à conta daquela visita perturbadora de Haussmann, mas sorriu ao lembrar-se de como a própria Malia parecera brilhar na presença do apicultor, como se de algum modo existisse uma ligação entre os dois. Não era interessante? Não era... bem, miraculoso? Decidiu que, se o

que vira fora a centelha e a primeira chama do amor, então, vira realmente uma pequena maravilha com os seus próprios olhos.

Adeline baixou a cabeça e deu graças. Embora a religião luterana e todas as outras tivessem sido proibidas e as igrejas fechadas ou convertidas sob o domínio de Estaline, os pais haviam-lhe incutido desde nova uma forte fé cristã, à qual ela repetidamente recorrera durante a sua vida. Sem dúvida que aquela mesma fé vacilara algumas vezes, mas nunca a abandonara. Ela nunca deixara de acreditar que Deus tinha um plano maior para si e para a sua família.

Olhou para o marido, Emil, firme como um rochedo e forte como um touro, e lembrou-se de como ele lhe tremia nos braços depois de Haussmann abandonar o acampamento. Fechou os olhos e rezou para que o marido ainda tivesse fé.

Não podemos fazer isto sozinhos, pensou ela. Não há como fazer isto sem ajuda.



Durante horas a fio, como uma minhoca num graveto, a caravana estendia-se e, depois, comprimia-se até parar, estendia-se e comprimia-se, atravessando Barlad e entrando em campos ondulantes que traziam à memória de Adeline a região em redor de Friedenstal. Embora não chovesse nem nevasse há vários dias, os leitos dos riachos continuavam lodacentos. As carroças ficavam atoladas ou derrapavam nas tábuas de madeira que os soldados da SS colocavam sobre as zonas mais lamacentas.

Sempre que a caravana parava, Adeline ainda era capaz de ouvir o rumor distante da guerra, atrás deles. E, de vez em quando, caças alemães ou soviéticos cruzavam os céus, recordando-lhe que o perigo nunca estava longe e poderia estar à espreita mais à frente, ao virar da esquina ou depois da elevação seguinte.

Ao mesmo tempo, tinha noção de que, em certos aspetos, receava mais o que estava por vir do que a possibilidade de a guerra os apanhar. Não era estranho? Ela não conseguia perceber porquê, mas a verdade era aquela.

Para não pensar no futuro incerto, Adeline trabalhava com os rapazes no alfabeto e na aritmética. Fazia com que fosse um jogo do qual eles gostavam, em vez de uma obrigação. A dada altura, até conseguiu que Emil se risse, embora pudesse ver que ele continuava mal-humorado e perturbado à conta do seu encontro com o major Haussmann.

Quanto mais se distanciavam da fronteira romeno-moldava, todavia, menos Adeline conseguia ouvir a guerra. O céu desanuviou-se ao princípio da tarde e o sol de abril fez-se sentir. Os rapazes estavam a dormir atrás dela. Adeline pensou em Emil e no quanto ele ficara transtornado. Mas também se sentia orgulhosa por ele ter engolido aquele seu orgulho teimoso e repetido o juramento de lealdade a Haussmann, por ela e pelos filhos.

Emil havia de os proteger. Faria o que fosse preciso, e ela também, para encontrar aquele vale verde e construir uma vida nova. Gradualmente, com o calor, começou a sentir-se cansada e ensonada. Com os olhos a fecharem-se, tentou lembrar-se da última vez em que ficara naquele estado: apanhar um susto de morte à conta de alguém como Haussmann e, depois, sentir-se tão aliviada que tinha necessidade de dormir.



10 de agosto de 1941
Pervomaisk, Ucrânia

Emil acabou de abotoar a camisa no quarto espartano de ambos. Em tom irritado, disse:

— Posso ter só cinco anos de escola, mas deverias pelo menos ter-me perguntado se era boa ideia ajudar a tua amiga.

— Se ela é minha amiga, é boa ideia ajudá-la — disse Adeline. — Já falámos sobre isto ontem à noite. Vou buscar-lhe aqueles documentos.

— E se fores apanhada?

— Porque é que haveria de ser? Vou levar o bebé.

— Vais pôr o Will em risco também? — perguntou ele, furioso. — Tu sabes o que é que estes alemães fazem? O meu amigo da cervejaria disse-me que viu um homem acabar com a cabeça esmagada pelo cabo de uma espingarda, só porque se recusou a cooperar com o novo regime.

— E os judeus como a Esther estão a ser mortos só porque são judeus. Tu disseste que os alemães iriam tratar-nos bem. Não são melhores do que o Estaline.

— Se recuperarmos as nossas terras, eles são melhores do que o Estaline — replicou ele, enquanto se dirigia para o lavatório e pegava na navalha.

— Acabaste de te barbear — disse ela. — O que é que estás a fazer?

— Vou cortar o bigode, para ficar parecido com o do Hitler.

— Não vais, não!

— Ora, vê só — disse ele. — E, depois, vou com a minha mãe e com todos os documentos e a Bíblia da nossa família pedir aos alemães que nos devolvam as nossas terras.

Um minuto depois, virou-se para ela, com o bigode do tamanho de um selo no lábio superior. Sorriu, foi ter com ela e tentou dar-lhe um beijo.

— Não com essa coisa na cara — disse ela. — Nem mesmo que consigas as terras de volta.

Então, Emil olhou para ela, os seus olhos percorrendo-lhe as feições, enquanto as dele revelavam um misto de ternura e de medo.

— Porque é que estás a olhar assim para mim? — perguntou Adeline.

— Estou a memorizar a tua cara. Caso seja a última vez que a vejo.

— Emil!

— Tens de entender qual é a penalidade do jogo em que te meteste.

— Não me meti em jogo nenhum. Vou fazer um recado a uma velha amiga.

— Boa sorte com esse recado — disse-lhe ele, antes de sair do quarto e bater com a porta.

Ela ouviu vozes abafadas, de Emil e Esther, antes que a porta do apartamento se abrisse e fechasse. Adeline respirou fundo, convencida de que iria fazer o que era certo ao ajudar Esther, e a rezar por proteção divina.

Assim que acabou de se vestir, foi para a sala, encontrando-a vazia a não ser pelo bebé Will, que dormia no berço que Emil fizera. Na cozinha, Walt estava a tomar o pequeno-almoço, enquanto Esther o observava com óbvio prazer.

— Ele come bem! — disse Esther. — A Sra. Kantor tê-lo-ia adorado.

Adeline sorriu, enquanto dobrava roupas na sala.

— Seria possível outra coisa?

O rosto de Esther assumiu uma expressão preocupada e ela foi ter com Adeline, dizendo-lhe baixinho:

— O teu marido não está contente, parece-me, Adeline. E aquele bigode?

— Ele está a pensar no que é melhor para a nossa família e a tentar reaver a nossa quinta.

A expressão de Esther tornou-se ainda mais séria.

— Compreendo.

— Mas eu estou a fazer o que é melhor para si e para mim — acrescentou Adeline. — Não seria capaz de viver com a minha consciência, se não tentasse

ajudá-la.

Esther desfez-se em lágrimas e abraçou-a.

— Deus te abençoe.



A ameaça de um calor escaldante já pairava no ar quando Adeline deixou o apartamento, pouco depois de dar de comer e trocar a fralda de Will. Levava-o ao colo num porta-bebês que improvisara com dois lenços amarrados. O bebé ia encostado à barriga e às costelas inferiores, a rir-se e a arrotar, quando ela começou a longa caminhada até Bogopol, a leste do bairro de Golta, onde os Martel viviam, e na outra margem do rio Bug.

Por aquela altura, menos de oito dias depois de os nazis tomarem a cidade de Pervomaïsk, as negociações entre alemães e romenos já haviam tido lugar. O rio Bug acabara por se tornar a linha divisória. Aqueles que viviam em Golta faziam tecnicamente parte do novo Protetorado da Transnístria sob controlo romeno, ao passo que Bogopol e cada vez mais terras a leste ficavam em mãos alemãs. A ponte sobre o rio Bug até Bogopol já se tornara um importante posto de controlo quando Adeline se juntou à fila. Tinha consigo os seus documentos e também os de Will; mostrou-os a um guarda mal-humorado da Wehrmacht e falou com ele em alemão, o que melhorou consideravelmente o estado de espírito da criatura.

— Como é que ele se chama? — perguntou o soldado.

— Wilhelm — respondeu ela. — Nós chamamos-lhe Will.

— Eu também sou Willy — disse ele, e fez-lhe sinal para que passasse.

Enquanto caminhava pelas ruas centrais, seguindo as instruções de Esther, Adeline viu edifícios a serem fortificados com cercas e arame farpado. Soldados alemães ocupavam praticamente todas as esquinas. Eram cada vez menos, à medida que ela se afastava da ponte, e já não havia nenhum na rua dos antigos armazéns onde encontrou o endereço que Esther lhe dera. Bateu à porta e não obteve resposta. Will começou a remexer-se. Ela bateu de novo, desta vez com mais força. Nenhuma resposta.

— Ó de casa! — gritou ela, enquanto batia mais uma vez. — Está aí alguém?

Não ouviu nada e ficou sem saber o que fazer. Tudo o que tinha era aquele endereço. Esther nem sequer sabia o nome do falsificador. Will começou a cho-

ramingar.

Adeline aceitou a derrota e afastou-se da porta do armazém, enquanto entre-tinha a boca do bebé com os nós dos dedos.

— Chiu — disse-lhe ela. — A mamã vai...

Ouviu um ranger atrás dela. Uma mulher perguntou:

— A paciência não é uma das suas virtudes, pois não?

Adeline virou-se e deu com uma mulher muito mais velha, agarrada à anca como se estivesse com dores e a olhar para ela.

— Está à procura de quem? — perguntou-lhe ela.

Como Esther lhe dissera, Adeline respondeu:

— Ilse Koch.

— Ah, está com sorte. A Ilse Koch acabou de chegar.

Adeline seguiu a mulher de idade até a um edifício bolorento, quente e mal iluminado, que cheirava a restolho; subiu um lanço de precárias escadas de madeira e deu por si num sótão, onde um velho com uma lupa de joalheiro estava debruçado sobre um estirador. A mulher dirigiu-se a um armário e tirou de lá um envelope, abrindo-o em seguida. Olhou para a fotografia e, depois, para Adeline.

— Temos um problema — disse ela.

— Vim buscá-los para a Ilse Koch.

O homem ergueu a cabeça e a lupa.

— Isso não pode ser. Tem de ser ela. Foi o que lhe dissemos.

— Eu sei, mas...

— Não há «mas» nenhum — interrompeu ele. — Se você for apanhada com documentos que não lhe pertencem, eles vão fazer perguntas e, se fizerem perguntas, podem encontrar-nos.

— Eles não hão de encontrar os documentos — explicou Adeline. — Vou esperar até que o meu bebé fique com cocó, depois guardo os documentos atrás das costas dele e entre estes dois lenços. Se for preciso, falo com os guardas em alemão, ponho-os a falar sobre as suas namoradas lá na terra.



E foi exatamente isso que ela tentou fazer. Só que, quando voltou para trás, ao passar pela ponte de regresso ao seu apartamento em Golta, Adeline deu

com dois guardas romenos que mal falavam russo e nada de alemão. Era quase meio-dia e o tempo estava outra vez extremamente quente, e eles começaram a implicar com aquelas idas e vindas pela ponte num único dia. Então, a brisa mudou de direção e o fedor das fraldas de Will chegou-lhes às narinas.

O bebé estava outra vez a chorar, quando ela chegou à porta do apartamento, quinze minutos depois. Bateu duas vezes, baixinho. Alguns momentos depois, a porta abriu-se e ela entrou.

Esther fechou a porta atrás dela. Walt, que estava a brincar no chão, fez uma cara de nojo.

— O Will cheira mal!

— Graças a Deus que cheira — disse Adeline, metendo a mão entre os dois lenços sobrepostos que suportavam Will e retirando os documentos falsos, que entregou a Esther.

Ela apertou-os contra o peito e começou a chorar.

— Obrigada, Adeline. Obrigada, do fundo do coração. Deste-me... deste-me um futuro, uma vida.

— Irrita-me que a Esther precise sequer desses documentos para ter uma vida — disse-lhe Adeline. — E agora tenho de limpar este rapazinho.

Quando ela acabou e Will estava quase adormecido no berço e Walt já estava a dormir, Esther começou a reunir as suas coisas.

— Não tem de ir-se embora já — disse Adeline.

— É melhor ir antes que o teu marido volte.

— Vai para onde?

— Um sítio onde tenho algumas coisas guardadas, fora da cidade. E depois, não sei. Vou deixar que um poder maior do que eu decida. Mas já ouvi falar na Argentina. Ou Palestina. Gostava de acabar nalgum lugar assim, quem sabe?

Adeline não conhecia nenhum daqueles lugares, mas desejou-lhe boa sorte e abraçou-a à porta.

— Que Deus a proteja — disse ela.

— E a ti — disse-lhe Esther. — Não tenho palavras.

Adeline poisou a mão no coração, abriu a porta do apartamento e Ilse Koch deixou de existir na vida dos Martel.



Meados de abril de 1944
Roménia central

Perto da retaguarda da *Longa Marcha*, os Martel avançavam lentamente para oeste.

Atrás deles, os exércitos alemão e romeno estavam a conseguir rechazar os soviets na sua primeira tentativa de invadir a Roménia pelo Norte. Não obstante, na cidade de Onesti, a SS desviou a caravana para sudoeste, em direção a Targu Secuiesc.

Tinham deixado para trás as colinas de erva do extremo leste da Roménia e agora subiam ao encontro de florestas nuas abaixo de picos montanhosos cobertos de neve. O tempo estava extremamente instável. Chuva. Geada. Granizo. Neve. A lama era um risco constante.

E uma vez que eram tão poucos os homens maduros naquela marcha, Emil sentia-se obrigado a parar e ajudar qualquer família apenas de mulheres e crianças que ficasse presa na lama ou que tivesse sofrido algum acidente. Se estivessem atoladas até acima dos eixos, ele ajudava-as a descarregar a carroça e, depois, desatrelava *Thor* e *Oden*, amarrando-os em seguida aos cavalos da carroça vazia para a desatolar, isto enquanto segurava sozinho a traseira, para que as rodas e os eixos não se partissem com o efeito da torção. A visão de pessoas a abrirem sepulturas para os recém-falecidos tornara-se habitual. Sempre que via alguém a ser enterrado, Emil virava a cara para o outro lado.

Estavam a passar por uma série de curvas apertadas do trajeto perto da vila de Oituz, onde a lama era pouco espessa, mais parecendo graxa, quando deram com uma carroça que acabara de se virar; vinda de Kiev, uma mulher chorava abraçada aos três filhos: o pai dela acabara de morrer, fora cuspidado da carroça durante o acidente e batera com a cabeça numa pedra.

— Para, Emil — pediu Adeline. — Temos de ajudar aquela pobre mulher.

Ele suspirou, mas puxou as rédeas. Amarrou *Oden* e *Thor* a uma árvore que começava a recuperar as suas folhas e desatrelou-os da carroça, enquanto Adeline, Walt e Will iam reconfortar a mulher e os seus filhos.

Assim que terminou, Emil começou a descer a colina para desatrelar os cavalos da mulher dos destroços. Antes de o fazer, porém, inspecionou a carroça e

ficou contente ao ver que, além dos danos nos lados de madeira e no material da capota, o veículo se encontrava essencialmente intacto.

— Emil — disse Adeline, aproximando-se dele por trás —, ela quer que lhe enterres o pai.

Ele queria fechar os olhos, queria dizer: *Tudo menos isso*. Ao invés, Emil lembrou a si mesmo que um homem só pode contar consigo em tempos difíceis e mentalizou-se para o que tinha de fazer.

— Importas-te de ir buscar a pá que está presa no lado da nossa carroça? — perguntou ele, por fim. — Primeiro, tenho de tratar dos cavalos dela.

Quando ele desatrelou os cavalos da carroça virada, Adeline já estava de volta com a pá. Emil não olhou para o avô morto, enquanto passava pela carroça virada e pelas mulheres e crianças. Escolheu um lugar apropriado e começou a cavar, dizendo a si mesmo: *É um buraco no chão. É só isso*.

A terra estava mais solta do que ele pensava, mas, após dez pazadas, encontrou raízes e pedras. Teria precisado de umas boas duas horas para abrir o buraco, se Walt não tivesse aparecido com uma velha e pesada alfaia alemã, um alvião que, de um lado, tinha uma picareta de aço e, do outro, uma enxada.

— A senhora disse que era do pai dela — explicou Walt.

— Isso sempre ajuda — disse Emil, e passou para o alvião, rachando as pedras e cortando as raízes.

Uma hora depois, o buraco tinha profundidade suficiente para evitar que os animais o farejassem e desenterrassem. Adeline e a mulher envolveram o homem num cobertor. Felizmente, era idoso e não pesava muito. Emil foi capaz de o carregar ao ombro e levá-lo sem ajuda até à sepultura.

É só peso no meu ombro. Nada mais do que uma saca de cereal.

Emil passou duas cordas por baixo do corpo. Adeline ficou com a ponta de uma corda e a mulher com a outra. Do outro lado da sepultura, ele ficou com as outras pontas de ambas as cordas. Juntos, desceram o corpo. Quando o cadáver chegou ao fundo, Emil disse a Adeline e à mulher que largassem as pontas das cordas, ao que ele as puxou e enrolou.

Estava a sentir-se agoniado e começou a dirigir-se para a sua carroça.

— Emil — chamou Adeline —, temos de rezar uma oração.

— Vão tratando disso — disse-lhe ele. — Não tarda, anoitece e quero ter a carroça já na estrada antes disso. Depois, enterro-o quando tiverem acabado. As minhas condolências pela perda do seu pai, minha senhora.

Não teve de olhar para Adeline para saber que ela não estava satisfeita, mas, mesmo assim, foi para a sua carroça. Enquanto prendia as duas cordas ao lado da carroça acidentada, conseguia ouvir a sua mulher conduzir a oração com a outra e as crianças:

— Pai nosso, que estais no céu, santificado seja o Vosso nome — começou Adeline, e os restantes juntaram-se-lhe: — Venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa vontade, assim na Terra como no céu...

Emil forçou-se a deixar de ouvir naquele momento e subiu com as outras pontas das cordas colina acima até aos seus cavalos. Depois de ter as cordas bem amarradas aos arreios, esperou que uma outra carroça passasse e, então, fez avançar a sua parelha. Com toda a sorte de estalos e rangidos, a carroça virada ergueu-se do outro lado da vala. Examinando o caminho mais adiante, descobriu uma zona mais baixa nas paredes da vala que permitiria a passagem de uma carroça. Atrelou os cavalos da mulher à carroça e, depois, levou-os para cima, onde, então, os amarrou do outro lado da estrada.

Voltou para trás e viu que Adeline avançava na sua direção, com uma expressão reprovadora.

— Foi grosseiro e insensível ires-te embora dessa maneira.

— Não, Adeline, foi prático. Eu abri a sepultura. Apresentei as minhas condolências. Deixei a carroça dela de volta na estrada e, agora, vou enterrar o pai dela. Quando terminar, estaremos com o sol quase a pôr-se e à procura de um lugar para montar acampamento. E obrigado por tê-la ajudado.

Adeline engoliu em seco, mas depois assentiu.

— Não te dou o devido valor, Emil. Desculpa-me por ter dito o que disse.

Capítulo Treze

Os dias passaram e tornaram-se semanas que se fundiram umas nas outras, enquanto o clã Martel continuava a avançar lentamente pela Roménia, para sudoeste, rumo a Brasov, para contornar terrenos mais montanhosos e, depois, para noroeste num trajeto íngreme e sinuoso em direção e através da cidade de Sighisoara. De momento, a guerra no terreno ficara para trás, embora os bombardeiros soviéticos fossem uma ameaça frequente na sua tentativa de destruir as pontes romenas e as rotas de saída disponíveis para os alemães.

A primavera enfrentara o inverno e vencera quando chegaram ao centro da Roménia. Nos vales, as folhas tinham despontado, reluzentes e cor de limão na brisa tépida. E a neve acumulada nas montanhas dos Cárpatos, a sul, estava em plena retirada. Por toda a parte, flores silvestres desabrochavam em desordenados tapetes de escarlate, amarelo-canário e violeta. Enchiam o ar com aromas doces e inebriantes, que poderiam levar a mente a acreditar que não existiam coisas como a guerra, o ódio entre os homens, países ou religiões.

Venceram uma elevação a sul de Targu Mures e deram com uma vista esplendorosa que se abria diante deles, um vale verdejante com suaves encostas arborizadas e exuberantes prados de erva e flores silvestres.

— Este é o belo vale verde, mamã? — perguntou Will.

— Ainda não — respondeu Adeline —, mas é lindo.

— Oh... — disse o pequeno, parecendo desanimado.

Adeline despenteou-lhe o cabelo e disse:

— Este é o belo vale verde onde vais viver o dia de hoje, Will. Portanto, dá-te por feliz e agradecido.

Olhando para o seu filho mais novo e vendo-o rasgar um sorriso, Emil sorriu também e sentiu-se bem por dentro, para variar. Há mais de duas semanas que não via nem o major Haussmann nem Nikolas. Uma vez que as estradas para oeste estavam congestionadas com trânsito em retirada, a SS começara a desviar diferentes partes da caravana, enviando-as por diversos percursos para oeste. Os

dois homens poderiam ter desaparecido para sempre da vida dele. E boa viagem.

Depois de mais uma semana de duro progresso, estavam a atravessar a cidade de Cluj-Napoca e Emil começava a sentir-se esperançoso; finalmente, a sorte deles mudara para melhor. Em Cluj, a marcha foi mais uma vez dividida — alguns refugiados encaminhados para norte, para a estação de comboios na cidade de Dej, e outros para oeste. Numa tarde quente, cerca de seis dias depois daquela divisão, os Martel entraram em Oradea, uma cidade mergulhada no caos.

Oradea fazia fronteira com a Hungria. Embora a Alemanha, a Hungria e a Roménia continuassem a ser parceiras no Eixo nos últimos dias de abril de 1944, registava-se uma intensa competição pelo espaço nos comboios e nas estradas. Quando os Martel chegaram, uma divisão completa da Wehrmacht acabara de descer do comboio mais recente e estava a tentar seguir para leste. Soldados a pé, camiões e artilharia obstruíam as ruas medievais da cidade, que fora fortemente bombardeada pouco tempo antes.

Os Martel e o resto da marcha avançaram lentamente e através dos nós de tráfego até que, horas depois, chegaram a uma pequena praça diante da estação ferroviária, que estava pejada de carroças e cavalos, além de muitos alemães do Mar Negro, que pareciam perturbados. Várias mulheres abraçavam-se aos seus cavalos e choravam, e Emil não conseguia perceber porquê. Um altifalante berava.

Emil reconheceu a voz e ficou agoniado. Não precisava de ver o major Hausmann para saber que era ele.

— *Vão seguir de comboio daqui para Budapeste, onde encontrarão abrigo até ao comboio seguinte para norte, para a Silésia* — dizia Hausmann. — *As vossas carroças não podem vir neste comboio. Não há espaço suficiente para elas. Os vossos cavalos também não podem vir. A Wehrmacht fica com eles como pagamento pela vossa segurança. Podem embarcar no comboio com o que puderem puxar, empurrar ou carregar por vossa conta, e nada mais. Repito: tudo o que puderem carregar, puxar ou empurrar por vossa conta, e nada mais. Têm duas horas para reunir as vossas coisas necessárias e embarcar no comboio.*

Sem ouvir as queixas e preocupações de Adeline, Emil olhou para os seus cavalos, já sentindo a perda daquela sua presença fiável e tranquilizante. Ele adorava cavalos, especialmente aquela parelha; tão valentes que eles eram. Imagens dos seus esforços desfilaram-lhe pela mente, nenhuma tão intensa como a de quando *Thor* e *Oden* tinham galopado por ele no meio da batalha de tanques,

naquele primeiro dia da marcha, destemidos, corajosos, como se fossem cavalos veteranos de guerra, familiarizados com o troar dos canhões e a destruição das explosões.

— Emil! — chamou Adeline, bruscamente.

Ele franziu o cenho e olhou para ela, encontrando-a com lágrimas a correrem-lhe pela cara.

— O que é que levamos? — perguntou-lhe ela. — Quanto é que podemos levar? Afinal, para que é que trouxemos tudo isto? — Lançou--se nos braços dele e soluçou. — Eles querem reduzir-nos a nada, Emil, a gente sem passado!

Emil abraçou-a, enquanto Adeline tremia, sentindo-se tão impotente como ela.

— Não, mamã — disse Walt, acariciando-lhe as costas. — Podemos levar mais do que podemos carregar. Podemos usar a carrocinha. Lembra-se?

— Ela leva muita coisa — acrescentou Will.

Até então, Emil arrependera-se várias vezes de ter levado aquela pequena carroça. Precisava de a tirar da traseira da carroça maior todas as noites e, depois, devolvê-la ao seu lugar todas as manhãs antes de partirem. Agora? O brinquedo que fizera como presente de Natal para os rapazes era a coisa mais útil que eles tinham.

Mesmo assim, sendo Emil quem era, decidiu modificá-la antes de partirem. Na frente, deixou ficar a pega de madeira, mas usou a sua serra para cortar pedaços dos lados da carroça maior e retirou-lhe os reforços dos cantos, para criar um cabo na traseira da carrocinha, que poderiam usar depois para a empurrar.

Retirou a capota de oleado da carroça grande e cortou-lhe um pedaço retangular, no qual envolveu as suas ferramentas, arrumando-as depois à frente, no fundo da carrocinha. Adeline pôs de parte uma frigideira, uma panela funda para ferver água, duas formas de pão, duas tigelas grandes, quatro tigelas pequenas, cinco colheres e todas as suas seis facas de cozinha.

Emil cortou mais duas partes da capota e embrulhou os talheres numa e os utensílios de cozinha na outra. Em seguida, arrumou tudo em cima das ferramentas. Alimentos e produtos secos, juntamente com roupas de cama e as poucas roupas a mais que possuíam, foram para cima e para a frente na carrocinha.

Cedeu o espaço traseiro à mãe e à irmã de Adeline. Quando elas acabaram de arrumar as suas coisas, Emil acondicionou vários rolos de corda em cima e amarrou o resto do oleado como cobertura. Num dos lados, pendurou o grande odre de água que usavam desde Friedenstal. Amarrou o balde do poço ao la-

do do odre, enquanto Adeline revirava as traseiras da carroça grande, qual marinho a saquear um navio naufragado. Emil desistira de procurar tesouros. Já considerava perdido o que restava na carroça maior, caça aberta para lobos e abutres.

Sempre foi assim e sempre será, pensou ele, com alguma amargura. *Chegamos sem nada e partimos sem nada.*

Adeline voltou com um envelope que continha uma fotografia do casamento deles e algumas outras. Emil sorriu quando ela lha mostrou.

— Éramos tão novos — disse ele.

— Não éramos? E inocentes.

— E olha para nós — disse Emil. — Ainda apaixonados.

Adeline olhou para ele, com olhos marejados, e assentiu com a cabeça.

Surgiram soldados alemães. Um deles começou a desamarrar as patas dos cavalos.

— Calma aí! — disse Emil. — Espere um segundo.

O soldado olhou para ele, contrariado. Emil ignorou-o, deu a volta até à frente dos animais e baixou a cabeça entre eles, sentindo o bafo quente nas orelhas e o quanto era agradável estar perto daquelas criaturas tão mágicas.

— Obrigado a ambos — sussurrou. — Salvaram-nos. Nunca havemos de esquecer-vos.

— *Raus!* — ladrou o soldado, ainda irritado. — Despache-se!

— Pronto, pronto — disse Emil, e recuou.

O soldado agarrou nas rédeas. Emil deu uma palmada na espádua de *Thor*. Walt, Will e Adeline afagaram os flancos de *Oden* quando a parelha seguiu a passo atrás do soldado. Demasiado depressa, os cavalos, a carroça grande e o resto dos seus pertences haviam desaparecido.



Os Martel estavam ali parados, no torpor de mais uma perda catastrófica.

Emil foi o primeiro a conformar-se com a situação.

— Adeline e Malia, ficam com o cabo de empurrar. Eu puxo à frente. Quero o Will no lado esquerdo e o Walt no direito. A *Oma* Lydia atrás. Às vossas posições!

Emil olhou para o pai, que levava uma pequena carroça que usava no pátio da quinta. Johann empurrava, enquanto Karoline e Rese puxavam à frente.

Dirigiram-se lentamente para o comboio que esperava e para a multidão que tentava encontrar refúgio nele. Havia outros com pequenas carroças ou carretas como eles. Os menos afortunados tinham engendrado trouxas com as capotas das suas carroças e cambaleavam sob cargas impossivelmente pesadas. Muitos foram os que entraram no comboio sem nada mais do que as roupas esfarrapadas que tinham no corpo.

Emil levou-os para longe daqueles que se debatiam para ficar nos vagões de carga mais próximos da locomotiva. Em vez disso, foram para a traseira do comboio. Com as portas abertas, o último vagão ainda estava praticamente vazio. Com recurso a cordas e força bruta, os Martel içaram as carroças carregadas para o interior, que cheirava a palha e a seres humanos por lavar. Em seguida, amarraram os dois carrinhos um ao outro e à parede de madeira no canto traseiro do vagão.

Will e Walt treparam e sentaram-se na plataforma resultante, quais orgulhosos príncipes. A tia Rese deixou-se cair de costas na carreta dos pais, cruzando as mãos sobre a barriga e fechando os olhos, enquanto mais refugiados começavam a subir para o vagão, com o que restava dos seus pertences.

O espaço não tardou a ficar desconfortavelmente cheio. Os homens da SS deixaram as portas de correr abertas em ambos os lados do vagão e penduraram correntes pesadas nas aberturas. Adeline percebeu porquê. Eles iriam precisar de ar. Enquanto as pessoas se amontoavam no vagão, o ar ficara mais pesado com o suor humano rançoso e o medo do desconhecido. Ela própria começara a sentir-se fechada, encurralada, claustrofóbica.

— Vou tentar ficar junto à porta durante um minuto — disse ela a Emil.

— Eu vou contigo — disse Malia.

— Eu também vou! — disse Will.

— Tu vais ficar com o papá — disse-lhe Adeline, com firmeza e resistindo ao pânico que crescia dentro dela.

Começou a esgueirar-se por entre multidão, desculpando-se, mas poisando sistematicamente os pés em cima dos pés de alguém ou no meio dos seus pertences. Tinha de chegar ao ar fresco ou começaria a gritar. Finalmente, alcançou a porta aberta e agarrou-se ao batente, inspirando o ar puro. Ao lado dela, Malia fez o mesmo.

— Eu não conseguia respirar — disse a irmã. — Se fosse preciso, teria lutado para sair.

— Também eu — disse Adeline, e riu-se baixinho, levando a mão ao peito e ao coração ainda descontrolado. — Pensei que...

O comboio abanou e quase as atirou ao chão. Adeline teve de agarrar a irmã, para a impedir de cair, enquanto quando todos no vagão gritavam de surpresa. As rodas do comboio chiaram lentamente nos carris, entre risos nervosos e, em breve, a conversa sobre o que estava por vir substituiu a preocupação com o que haviam deixado para trás. Cento e cinquenta metros depois de sair do depósito ferroviário, o comboio reduziu a velocidade, até parar novamente.

Tanto Adeline como Malia arquejaram ao ver o cenário diante de si. Estavam a olhar para um calmo e plácido remanso do rio Crisul Repede, que refletia na perfeição o céu arroxado, as nuvens carregadas de trovoada e os raios da última luz dourada que desciam junto às belas ruínas pálidas de um grande edifício na margem oposta.

— Parece uma pintura — disse Malia.

— Pois parece — concordou Adeline, fascinada com a cena. — O telhado, a cúpula ruiu por completo, mas, mesmo assim é tão... lindo. O que seria aquela construção? A forma como ainda brilha.

Uma mulher atrás dela disse:

— Era uma sinagoga judaica. Os alemães mandaram-na pelos ares no ano passado.



O comboio retomou a sua marcha, ganhando impulso, deixando para trás as belas e assustadoras cicatrizes de Oradea e da Roménia. Adeline ainda não percebia porque Hitler odiava os Judeus daquela maneira, não mais do que percebia porque é que Estaline matava à fome o seu povo, depois de assassinar os ministros, os sacerdotes e incendiar as casas de Deus.

O que é que leva os homens a fazerem tanto mal? Serão humanos sequer? Será que não veem que, quando se mata alguém ou se destrói um lugar sagrado, a fé sempre perdura? Será que não veem que, nos corações partidos e nas ruínas, existe sempre algo que brilha?

Sentindo o vento aumentar contra a cara à medida que o comboio ganhava velocidade, Adeline tentou afastar tudo aquilo da sua mente, tentou apreciar o vento tépido e o cheiro da chuva que se aproximava e da noite. Mas pensou na amiga da Sra. Kantor, Esther, e perguntou a si mesma onde ela teria ido parar, se conseguira chegar à Argentina ou à Palestina. Apenas lhe restava imaginar. Aqueles lugares pareciam tão distantes, tão excitantes, tão assustadores, tão bons, que ela estremeceu.

Uma vida completamente nova algures. Livres de fazer o que quisermos. Em paz.

Todavia, por mais que tentasse, Adeline não conseguia visualizar outra imagem para si mesma que não fosse a recordação daquela pintura daquele mítico vale verde no livro da Sra. Kantor.

— Não te assusta? — perguntou-lhe Malia, quebrando-lhe o fio aos pensamentos. — Não saber?

Estavam a atravessar terras agrícolas ao crepúsculo, com relâmpagos e trovões a ribombarem ao longe. Ela olhou para a irmã mais velha.

— Não saber o quê?

— Onde vamos estar quando esta viagem acabar.

Por um instante, ela olhou com extrema curiosidade para Malia. Não era a primeira vez que a irmã parecia conhecer-lhe os pensamentos ou, pelo menos, refleti-los.

— Para ser sincera, não — respondeu Adeline. — Tenho fé em como havemos de acabar onde deveríamos estar.

— Mas isso é onde?

— O Emil diz que havemos de reconhecer a liberdade quando a virmos.

— Tudo o resto não é mais do que uma paragem no caminho para o teu vale verde?

— Ou um passo nessa direção. Acho que deve ser isso.

Para surpresa de Adeline, a sua irmã mais velha abraçou-a de repente com muita força e disse:

— Obrigada por estares aqui. A ajudar-me. E à mãe. Eu... eu não aguentaria se estivéssemos separadas.

Então, começou a chorar.

— Não sei o que faria sem ti, Adeline.

Ela não via a irmã assim tão perturbada há anos, pelo que a abraçou e disse:

— Nunca hás de ficar sem mim. Hei de estar sempre contigo. Sou a tua mana mais nova, não sou? E preciso da minha mana mais velha, não preciso?

Malia afrouxou o seu abraço e, pestanejando para conter as lágrimas, olhou para Adeline com um sorriso de adoração.

— Precisas, pois.



27 de abril de 1944
Budapeste, Hungria

O comboio atravessou a noite e, com a primeira luz do amanhecer, entrou na cidade. A Hungria e a Alemanha haviam sido aliadas no início da guerra, mas, em março de 1944, Hitler pusera em marcha um golpe de estado e as suas forças ocupavam agora a cidade. Os Martel viram tanques e pesadas fortificações em redor do depósito ferroviário junto à estação de Keleti.

Soldados da Waffen SS estavam à espera deles no cais. Para evitar uma debandada, a SS fez com que o comboio descarregasse um vagão de cada vez, das traseiras para a frente, fazendo com que o alargado clã Martel fosse um dos primeiros a desembarcar e a levar as suas pequenas carroças pelo cais afora, numa constante admiração boquiaberta com o interior ornamentado da estação ferroviária: os balaustres de mármore esculpido, o grandioso teto abobadado e o rendilhado da enorme janela em arco e o relógio na extremidade oposta. Mesmo com todas aquelas bandeiras nazis penduradas nas vigas, Adeline achou que nunca estivera num lugar tão deslumbrante.

Dirigiram-se para as portas duplas, onde sentinelas estavam a verificar os documentos. Will agarrou-se à saia de Adeline, enquanto Walt marchava resolutamente ao lado da mãe. Passaram pelas portas e saíram para uma praça, onde foram atingidos por uma avalanche de sons estranhos que vinham de um bazar repleto de visões, cheiros e idiomas exóticos. A atenção de Adeline disparou em todos os sentidos, tentando captar tudo, especialmente os edifícios, altos, ornamentados e intrincados, uma verdadeira inspiração depois da sua vida monótona na Ucrânia rural. Era tudo tão fantástico que ela pensou que talvez tivesse entrado nalgum sonho celestial.

Então, viu Emil ficar tenso e percebeu porquê. O seu estado onírico sumiu-se. À frente deles, ao deixar a praça, o *Sturmabannführer* Haussmann encontrava-se no topo da escadaria de acesso a um grande edifício com uma enorme

bandeira nazi pendurada nas janelas superiores. Estava a ver os seus soldados a orientarem os refugiados. Enquanto os Martel passavam sob o escrutínio do major Haussmann, Adeline sentiu-lhe a ameaça antes sequer de se atrever a erguer os olhos e dar com ele, com uma expressão divertida, a observar a sua família.

— Mandem os Martel para o campo sul! — gritou Haussmann. — Todos os daquela família.

O soldado diante deles desviou-se para o lado e apontou para várias outras famílias que já seguiam para sul com soldados armados da Waffen SS.

— Porque é que vamos por aqui? — perguntou Adeline. — Os outros estão a seguir mais para norte.

Com a cara muito pálida, o marido olhou para ela.

— Não sei — foi a única resposta que soube dar-lhe.

Tiveram de andar apenas alguns quarteirões, antes que os soldados virassem à esquerda num grande portão de ferro aberto num muro alto de pedra. As famílias que iam à frente fizeram o mesmo, desaparecendo da vista de Adeline.

— Não gosto disto, Emil — disse ela.

— Eu também não. Mas não vejo grande escolha neste momento; tu vê?

Quando chegaram ao portão, uma sentinela indicou-lhes que entrassem no que Adeline a princípio considerou ser um grande jardim bem cuidado, com dezenas de pedras brancas dispostas em padrões diante de uma torre de mármore no centro. Mas foi então que percebeu, com crescente inquietação, que todas aquelas pedras brancas eram monumentos. A sua família fora levada para um vasto cemitério.

Capítulo Catorze

Emil viu as lápides antes de Adeline, reviu Haussmann naquela noite nas cercanias de Dubossary e sentiu os joelhos transformarem-se em borracha e o estômago virar-se do avesso.

— Emil... — chamou-o Adeline.

— Eu sei — disse ele, sem se voltar, olhando antes para o jovem oficial da SS que se virara para ele, assentindo brevemente com a cabeça.

— Pode encontrar um sítio para montar acampamento para lá do cemitério de Estado — disse ele, apontando para sueste, na direção de uma fiada de árvores. — É um grande parque, na realidade. Só que com sepulturas. Mas, com os muros e as patrulhas, é o lugar mais seguro para si e para a sua família. No parque a norte, não há muros e os refugiados foram atacados durante a noite.

Emil respirou fundo. *Talvez o Haussmann estivesse apenas a ser simpático quando nos mandou para aqui, o que quer dizer que ainda não faz ideia de quem eu sou.*

— Obrigado — disse ele, aliviado. — Quanto tempo vamos ficar aqui?

O oficial olhou para o relógio, irritado agora.

— Até que haja um comboio livre que vos leve para norte. Dentro de uma hora, terão aqui um camião com água potável e estão a ser construídas latrinas no canto sudoeste do parque. Usem-nas. Tal como vocês, não queremos doenças.

Emil levou-os pela alameda, passando pela torre de mármore, que todos pararam para admirar, embasbacados, antes de seguirem rumo a uma fiada de alfarrobeiras que acompanhavam um caminho curvo que, por sua vez, ia dar a um bosque sombreado com clareiras relvadas e, em quase todas elas, um monumento ou estátua em memória de algum rei, estadista ou poeta do passado.

Havia outras famílias nos primeiros seis ou sete locais onde poderiam montar acampamento. Continuaram a empurrar e puxar as pesadas carrocinhas, mas ninguém protestou. Emil olhou para trás e viu todos eles fascinados com aque-

le lugar. As árvores foram-se tornando mais escassas e o caminho mais estreito, até que entraram num mausoléu ao ar livre, com grandes colunatas de mármore e granito. Na parede do fundo das ditas colunatas, viam-se criptas de uma ponta a outra.

— Pronto — disse ele, apontando para duas criptas escuras, com um aspeto quase carbonizado, na colunata da direita. — Podemos dormir debaixo daquele telhado, se chover. E parece que não será a primeira vez que alguém lá faz uma fogueira.

Puxou a pequena carroça até a uma área plana. Adeline parecia infeliz e agitou a mão na direção dos rostos dos demónios em baixo-relevo, queimados, que decoravam as criptas.

— Não gosto deles — disse ela; olhou em volta e apontou para o fundo da colunata, onde se via uma cripta com um grande anjo. — Hei de me sentir melhor ali.

— Estou de acordo — disse Malia.

— Sim — apoiou-as Karoline.

Emil sabia que era melhor não discutir com três mulheres e puxou a pequena carroça, até ficar diante da cripta com a estátua do anjo alado. Deitou mais do que um olhar de passagem à escultura, antes de regressar ao trabalho.

Mais famílias apareceram enquanto os Martel descarregavam os seus pertences e também elas começaram a instalar-se sob os telhados das colunatas. Quando a carroça estava vazia, Emil partiu em busca de lenha e água, com Walt e Will de pé como se estivessem numa quadriga. Fazendo frente a um fluxo constante de refugiados do comboio, Emil lá foi, empurrando a carroça e os filhos no sentido inverso ao que haviam percorrido pouco antes, através do parque e do cemitério.

Perto do portão da entrada, o camião-cisterna acabara de chegar. Emil estava a sentir-se contente por poder encher o seu odre antes que a fila se tornasse muito comprida, quando Nikolas se destacou da multidão de refugiados. A princípio, pareceu não ver Emil. Mas acabou por dar com eles e tirou partido da sua altura, para quase pairar sobre Walt e Will, que o fitaram com desconfiança.

— Excelente cepa alemã — disse Nikolas, e assentiu com aquele sorriso se-bento na direção de Emil. — Deves estar orgulhoso da tua linhagem. Sei que o major ficou.

Emil odiava aquele homem. Sabia no seu íntimo que Nikolas não era apenas um assassino frio, era também um opressor, alguém que chafurdava como um porco na dor de outro ser humano. Se ele permitisse, Nikolas continuaria a provocá-lo em busca de alguma fraqueza, e ele não iria mostrar-lhe nenhuma. Sabia que havia ocasiões para lutar e ocasiões, mais inteligentes, para esperar. Como tal, não disse nada.

O sorriso de Nikolas desapareceu. O homem inclinou ligeiramente a cabeça e estudou Emil.

— Há qualquer coisa em ti, Martel. Qualquer coisa que não está bem.

— Porque é que isso te interessa?

— Porque no *Selbstschutz*, a milícia, competia-me interessar-me, contar aos nazis a verdade por trás das pessoas que diziam tantas mentiras. Como tu, Martel.

Emil não fazia ideia do poder que Nikolas poderia ter sobre ele, se é que tinha algum, mas era melhor prevenir do que remediar.

— Vim aqui buscar água para a minha família — disse Emil. — Nada mais.

Nikolas parecia disposto a continuar, mas Emil passou por ele e juntou-se à fila. Quando olhou para trás, o carrasco desaparecera.

Depois de encher o odre, Emil e os rapazes foram procurar lenha suficiente para fazer uma fogueira. No fundo do cemitério, encontraram galhos que tinham caído das árvores durante o inverno, num matagal perto de vários soldados da SS que estavam a fumar.

Enquanto recolhia os galhos partidos, Emil aproximou-se e ouviu um soldado a falar num tom desdenhoso:

— Porque é que estamos a proteger estes campónios ignorantes? Isto é que é o futuro do Reich? Só pode ser uma brincadeira.

— De acordo com o *Reichsführer* Himmler, não é brincadeira nenhuma — disse um outro soldado. — Ou queres ser tu a dizer ao chefe da Gestapo que está enganado a respeito de quem tem puro sangue ariano e quem não tem? Os antepassados deles deixaram a Alemanha, mantiveram-se quase sempre isolados e administraram sozinhos grandes quintas e colónias durante mais de um século. Quem poderia ter sangue ariano mais puro?

Emil levou um braçado de lenha para a carrocinha, ajudou os rapazes com a sua carga e, depois, voltou para recolher mais.

O soldado arrogante ainda estava a falar:

— Pelo menos, estes são quase os últimos. Hão de vir menos agora. Boa viagem, é o que eu digo. Tragam os comboios.

— Não haverá comboios durante pelo menos alguns dias — disse-lhe o amigo. — O Himmler requisitou-os para todos os judeus que não vivem em Budapeste. Vão partir da estação de trânsito de Kistarcsa. São os que vão ser levados primeiro para norte.

— Ratazanas — disse o barulhento, e cuspiu. — Levem-nos todos, é o que eu digo. Livrem-nos deles de uma vez por todas.

— Papá! — chamou Walt.

Emil apanhou um último ramo com a grossura aproximada do seu pulso e foi ter com os filhos. Não entendia o significado exato por trás das palavras «levados para norte», mas, com base na conversa anterior sobre linhagens puras, Emil percebeu o essencial e sentiu-se desfeito. Os nazis continuavam a matar judeus, e parecia-lhe evidente que ele e a sua família iriam substituí-los.



Emil e os seus filhos regressaram, para dar com o longo mausoléu agora quase repleto de famílias que estabeleciam um lar temporário nas criptas e entre as estátuas da realeza húngara há muito morta.

— Achei que íamos ficar com este lugar só para nós — disse Emil, puxando até ao acampamento a pequena carroça e os rapazes.

— Não temos tanta sorte — disse Adeline. — Olha para a ponta, no outro lado.

Emil fez como se não a tivesse ouvido, enquanto se virava para tirar Will e Walt da carrocinha. Mas, ao fazê-lo, conseguiu duas boas diagonais do pátio do mausoléu, o suficiente para perceber que Nikolas estava lá acampado, juntamente com dois dos homens que o acompanhavam naquela noite em volta da fogueira na Moldávia.

Poisou Walt no chão e disse-lhe:

— Empilha a lenha perto do *Opa*. Isso que seja uma boa pilha.

Com um objetivo definido, Walt dirigiu-se à carroça e partiu com um braço. Will também. Quando Emil voltou a olhar para o grande pátio, Nikolas estava encostado a uma coluna de pedra trabalhada, a sorrir-lhe com a mão erguida numa trocista saudação nazi. Emil não retribuiu o gesto e não lhe ofere-

ceu nenhuma reação exterior, antes de ajudar Walt e Will com a última carga de lenha.

Mas, com a experiência que tinha, vira naquela saudação trocista uma ameaça direta a si e à sua família. Qualquer que fosse a relação daquele homem com a SS, Emil decidiu que não poderia continuar a adiar. Estava na altura de proteger a sua família, e quanto mais cedo, melhor.

Esperou até ser quase de noite, ao que pediu licença e abandonou a área de acampamento da família, passando mesmo à frente de Nikolas e dos seus dois amigos, reduzindo a velocidade para os fitar e cuspir na direção deles. Saindo do pátio, seguiu um fluxo constante de outros refugiados atraídos pelas luzes distantes que a SS instalara à volta das latrinas.

Seguiu pelas sombras mais escuras, o que lhe permitiu continuar a vigiar as colunatas. Nem vinte segundos depois, reconheceu a silhueta alta de Nikolas atrás dele. Saiu então das sombras e deixou-se ver durante o resto do caminho até à zona das latrinas, que estava cheia de gente. Usou isso a seu favor, baixando-se aqui e ali para se misturar com os restantes e, em seguida, endireitando-se o suficiente para ser visto enquanto se aproximava das tendas compridas e baixas das latrinas.

Já lá dentro, não usou os urinóis nem as sanitas. A circulação devia fazer-se num único sentido, pelo que Emil atravessou a tenda a direito e saiu pelo outro lado.

Deixou-se ficar no canto até ver Nikolas entrar na outra ponta da tenda e, em seguida, voltou rapidamente para trás na direção do mausoléu ao ar livre, das colunatas e do acampamento, mas desviando-se vários graus do percurso direto. Ofegante, parou a cem metros das luzes elétricas que rodeavam a latrina e deixou-se ficar na sombra de uma estátua, a observar a saída das latrinas.

— Um homem só pode contar consigo — disse ele, entredentes, e sentiu a sua determinação endurecer, levando-o a um lugar que ele aprendera a procurar durante tempos de extrema fome e necessidade.

Nikolas surgiu na saída da latrina, com a cabeça a girar de um lado para o outro. Emil esperou um pouco e, então, acenou com o braço como se fosse um moinho de vento, ao mesmo tempo que se colocava sob a última luz decente da latrina. Deixou-se ficar de perfil diante da luz e, em seguida, deu três grandes passos lentos rumo à escuridão.



Deu mais dois passos fora da vista de Nikolas, antes de se acocorar atrás de um grande monumento; levou a mão ao bolso e tirou de lá uma faca articulada, que usava para abater animais na quinta.

Um homem só pode confiar em si mesmo, pensou ele de novo. O seu coração disparou. Respirou fundo, tentando sossegar os nervos, enquanto a sua visão noturna se tornava cada vez melhor.

O cascalho rangeu e as pedras reviraram-se até se transformarem em passos lentos que se aproximavam. Emil reposicionou os pés, encolheu-se e encostou o flanco esquerdo ao lado do monumento.

Nikolas aproximou-se, ficou lado a lado com o monumento e parou durante o que pareceu uma eternidade a Emil. Finalmente, deu um passo, e depois outro, e então estava mesmo ali, ou pelo menos a silhueta alta e escura de Nikolas, erguendo-se acima e diante de Emil, que saltou do seu esconderijo, esticando as pernas e lançando os seus ombros e corpo de lavrador para baixo e com toda a força, contra o lado do joelho direito do homem mais alto.

Ouviu-se um estalo de qualquer coisa a partir-se. Nikolas dobrou-se em dois e caiu com um grunhido de dor. Emil saltou-lhe para cima e, com a sua poderosa mão esquerda, prendeu-lhe a cabeça com a face esquerda contra o cascalho. Com a mão direita, empunhou a lâmina acima da garganta de Nikolas.

— O meu joelho! — guinchou Nikolas, ao mesmo tempo que se contorcia. — Tenho alguma coisa partida!

— Quero lá saber — disse-lhe Emil, esfregando-lhe a cara no cascalho. — Tu também não.

— O quê?! Eu quero saber! A minha perna...

— Tenho uma faca de abate na mão, Nikolas — disse Emil, e baixou o gume afiado da lâmina. — Não a sentes na tua garganta?

O homem parou de se contorcer, a dor ardente no seu joelho completamente esquecida.

— Não — disse ele. — Por favor. Piedade.

— Vou mostrar-te mais do que aquela que soubeste mostrar — disse-lhe Emil. — Tens uma escolha, Nikolas. Manténs a distância, nem sequer olhas para mim, para a minha mulher e os meus filhos, e continuas vivo. Ou eu volto, parto-te todos os ossos que tens no corpo e corto-te o pescoço de orelha a orelha, como se fosses um leitão.



Não muito depois, Emil entrou sem pressa no pátio do mausoléu, mas com o coração ainda a bater descontroladamente ao passar por outras famílias de refugiados sentadas à volta das suas pequenas fogueiras, ele próprio a caminho da sua, que já se encontrava reduzida a brasas. Adeline e Malia estavam a cozinhar. O resto do clã Martel observava-as avidamente.

Ele sorriu quando se aproximou do círculo, reparando nas sombras da estátua do anjo que se moviam devido à claridade das chamas.

— Onde é que estiveste este tempo todo? — perguntou-lhe Adeline.

— A fila era muito grande — foi a resposta dele. — Alguém disse que há um surto de diarreia.

Walt achou aquilo engraçado. Emil foi sentar-se ao lado do filho mais velho nos degraus de mármore da colunata, com a estátua atrás deles; passou um braço à volta dele e olhou para a sua família, sentindo-se extremamente satisfeito.

Estão todos em segurança, pensou ele. Nunca hão de saber o que acabei de fazer por vocês nem o que já fiz antes. Mas, por enquanto, estão em segurança.



Adeline ajudou Rese a limpar as panelas.

— Parece-me melhor.

— Sinto-me melhor — disse a cunhada. — Já não tenho vontade de vomitar. Mas tenho outras coisas com as quais me sentir mal. Como diz a mamã, não é difícil encontrar alguma coisa má na nossa vida.

— O que é que a tua tem de mau?

— Além da mamã? — perguntou ela, antes de se rir nervosamente. — Não faço ideia de se o meu namorado está vivo ou não.

— Um namorado? — perguntou Adeline, com um sorriso. — Desde quando?

— Desde há quatro meses — respondeu Rese. — Quando tive de passar aquela semana em Balta.

Adeline lembrava-se vagamente.

— Quem é ele?

— Um rapaz de Odessa, que foi levado para combater pelos alemães — respondeu Rese. — Chama-se Stephan. Tem vinte anos e é o rapaz mais bonito que já vi.

Adeline conseguia ouvir-lhe a tristeza na voz.

— Ele sabe onde estás? Para onde vais?

A irmã de Emil abanou a cabeça e enxugou as lágrimas que lhe escorriam pela cara.

— Escrevi à mãe dele em Odessa, mas nunca tive resposta.

— Dá-lhe tempo, Rese — disse Adeline. — A guerra ainda não acabou.



Os Martel passaram seis dias acampados no cemitério e nem uma única vez Emil viu o coxo Nikolas olhar na sua direção. Estavam quase a acabar de jantar no sexto dia, quando foram avisados de que um comboio iria levá-los para norte, para a região de Warthegau, na Polónia, com partida da estação de Keleti às nove e meia da manhã seguinte.

Emil não queria ir para norte, para a Polónia. Queria ir para oeste, agora mais do que nunca. No pouco tempo que passara em Budapeste, conversara com soldados alemães suficientes para saber que os Aliados ocidentais estavam em batalha na Sicília e a preparar-se para invadir a Itália. No que dizia respeito a Emil, era apenas uma questão de tempo até que se dessem outras invasões e, em breve, os Aliados tomariam conta de toda a Europa. Ele queria certificar-se de que estava com a sua família em território aliado, quando a guerra terminasse.

Durante os longos dias que passara na carroça, apercebera-se de que grande parte da sua vida se passara sob a pata de um exército conquistador e de um ditador. Os bolcheviques tinham deposto o czar e Estaline devastara a Ucrânia. Depois, fora a vez de Hitler. Agora, Estaline recuperara-a. Emil decidiu que queria ir para onde não houvesse exércitos conquistadores e, na sua mente, isso equivalia a atravessar o oceano para oeste, tão longe do lugar onde haviam começado a sua marcha quanto lhe fosse possível imaginar.

— Porque é que estás tão sério? — perguntou-lhe Adeline, enquanto arrumavam a pequena carroça.

— Não quero ir para a Polónia — disse ele. — Quero ir para oeste.

— Iremos para oeste quando chegarmos à Polónia — disse ela. — Os alemães vão dar-nos comida e um lugar para viver lá. Já ouvi muitos dizerem o mesmo.

— De que nos serve ter comida e um apartamento, se Estaline chegar à Polónia antes dos outros Aliados?

— Não sei — disse ela, com rara irritação. — Qual é o teu plano, Emil? Vamos abandonar a marcha? Partir por nossa conta, a pé, sem proteção?

Ele pensou um pouco e franziu o cenho.

— Não, acho que não.

— Então, vamos para norte no comboio amanhã de manhã e, depois, para oeste de Warthegau assim que pudermos.



O tempo estava excecionalmente quente em Budapeste naquela manhã de maio, quase insuportável, sobretudo com as roupas pesadas que usavam. Adeline vestiu os rapazes com calções e deixou-os em camisola interior, antes de os Martel saírem do cemitério com as duas pequenas carroças e entrarem na estrada principal.

Não estavam longe da estação ferroviária, mas a rua tinha uma ligeira inclinação e o sol estava forte. A menos de cem metros da estação, Rese largou a pega da carreta dos pais, levou a mão à testa, correu para um lado da rua e vomitou com tal violência que caiu de joelhos. Adeline foi a primeira a alcançá-la.

— Estou bem — arquejou Rese. — É o calor. Eu simplesmente não consegui evitar os espasmos.

Adeline ajudou-a a levantar-se. Karoline deu-lhe um pano para limpar a boca e Emil água do odre, o que pareceu arrebitá-la antes de alcançarem a multidão de refugiados que tentava entrar na estação.

— Falta uma hora e quinze minutos para partirmos e já estão tantos aqui — disse Karoline. — Haverá espaço suficiente para todos?

Os receios de Karoline eram bem fundamentados. Quando conseguiram entrar e chegar ao cais, muitos dos vagões já estavam cheios de gente com os seus pertences.

— Este comboio parece mais curto do que aquele em que viemos — disse Walt, que seguia montado na carrocinha com Will.

— Ele tem razão — disse Emil. — Adella, fica no meu lugar. Vou a correr à frente, para nos guardar um lugar.

Ela contornou a carroça e agarrou na pega dianteira, enquanto a mãe e a irmã continuavam a empurrar. Emil desapareceu na multidão que enchia o cais.

Adeline ia espreitando para os vagões já cheios à medida que passavam por eles, olhando para a cara daquelas pessoas arrancadas de tudo o que alguma vez haviam conhecido, algumas assustadas, algumas resignadas e algumas ansiosas com a expectativa, como era o caso dela. Perguntava a si mesma o que mais poderia ver nos próximos dias que nunca tivesse visto, como aquela estação de comboios, o edifício mais esplendoroso em que alguma vez estivera. Baixou os olhos e viu Emil pendurado no lado do vagão imediatamente atrás do vagão coberto do carvão e da locomotiva.

— Tenho espaço para as carroças, mas alguns de nós terão de se sentar em cima delas — disse Emil.

— Eu posso ir — disse Rese.

— Doente como estás? — perguntou-lhe a mãe.

— O vento há de me fazer bem, mamã, acalmar-me o estômago — disse Rese. — Se eu ficar lá dentro, sei que vou voltar a vomitar. Além disso, vai ser divertido viajar em cima de um comboio.

Karoline parecia querer continuar a argumentar, mas disse:

— Faz como quiseres, então.

Com todos a ajudar, içaram as duas carroças para o vagão e amarraram-nas uma à outra e, depois, à parede perto da porta aberta. Gente suada não tardou a amontoar-se atrás deles, sentada nas suas próprias carroças ou em cima de sacas com pertences. Johann, Karoline e Lydia decidiram ficar no interior com as carroças, apesar do calor sufocante. Depois de Emil preparar duas cordas com laçadas à volta da cintura dos rapazes, para os resguardar de uma eventual queda, Adeline deixou-se convencer a subir com eles e Malia para o tejadilho do vagão.

Uma grade baixa delimitava o perímetro do tejadilho. Rese já estava lá em cima, sentada com as coxas presas sob a grade e a baloiçar os pés descalços.

— Não está tão quente cá em cima — disse Rese, animada. — Graças a Deus, a mamã não suporta alturas. Isto vai ser divertido!

— Isso vai ser divertido — repetiu Malia, sentando-se ao lado de Rese e introduzindo também as pernas sob a grade. Abanou as pernas algumas vezes, enquanto sorria. — E a tua mãe é bem-intencionada.

— Ah, sim? — disse Rese. — Estou cansada de ela me dizer o que fazer e como o fazer.

— É só a maneira como ela foi ensinada — disse Adeline. — Vais ver se não dás por ti a fazer o mesmo com a tua filha daqui a uns tempos.

Rese pareceu um pouco enjoada, esfregou a barriga e arrotou baixinho.

— Oh, espero que não.

O apito do comboio soou. Os soldados da SS meteram os últimos refugiados a bordo do comboio. O tejadilho do vagão onde eles estavam, bem como os dos vagões atrás estavam agora apinhados de gente a tentar sentar-se com segurança antes de o comboio começar a andar.

Um minuto depois, foi o que ele fez, vomitando fumo pela sua velha chaminé, gemendo, chiando e, então, ganhando lentamente velocidade. Deixaram para trás a proteção do dossel da estação. O sol fazia-se sentir impiedosamente à medida que passavam por soldados alemães e peças de artilharia acorrentadas a vagões no parque ferroviário.

Tendo deixado a estação, o comboio curvou para sudoeste através da cidade e, depois, seguiu para norte, quase paralelo ao rio Danúbio, enquanto ganhava lentamente velocidade. O vento arrastava o fumo da locomotiva para longe deles, concedendo assim a Adeline vislumbres emocionantes das pontes que cruzavam o Danúbio e, no alto de uma colina, da antiga e grandiosa fortaleza dos reis húngaros.

Rese começou a cantar uma velha canção de copos sobre um sentimental andarilho em busca do amor, e Adeline, Malia e muitas outras pessoas no topo do vagão juntaram-se a ela. Durante alguns momentos, Adeline sentiu-se mais animada, quase exultante, mas descontraída, e pensou se a liberdade seria parecida com aquilo.

Quando já tinham passado os limites da cidade de Budapeste, Adeline decidiu que a locomotiva era muito velha ou estava bastante danificada, porque tendia a vomitar densas nuvens de fumo escuro e parecia incapaz de grandes velocidades. Mas desde que avançassem o mais depressa que lhes era possível e não estivessem diretamente a jusante da chaminé, o vento tornava o sol quente mais do que suportável. Era... bem, agradável. Quase liberdade, decidiu ela.

— Gosto de ir aqui em cima, mamã — disse Will, a sorrir.

— Eu também — disse-lhe Adeline, sorrindo também e afastando o cabelo dos olhos.

Walt encostou o peito à grade, para espreitar a via-férrea adiante.

— Vem aí um túnel!

Entraram nas trevas, o que fez com que a velocidade parecesse maior. Will gritou de alegria a plenos pulmões, o que fez com que todos se rissem. No túnel seguinte, Rese juntou-se a ele e, em breve, estavam todos a fazer o mesmo, a gritar de alegria sempre que passavam da claridade à escuridão e de novo à claridade.

A dada altura, Rese sorriu e soltou uma gargalhada, enquanto olhava para Adeline e para os rapazes, todos à espera do túnel seguinte.

— Não me sentia tão bem desde que partimos. Não me lembro de ter sido tão feliz, Adeline.

— Vamos numa aventura — disse Walt.

— Vamos, não vamos? — perguntou Rese, parecendo apaixonada por aquela ideia.

— Sim — respondeu Will —, porque nunca sabemos o que vai acontecer a seguir.



Depois de cinco horas de viagem, perto da cidade húngara de Tata, o comboio parou acima de uma garganta relvada que descia ao encontro de um pequeno lago povoado na margem oposta. Um dos maquinistas saiu da locomotiva com o major Hausmann, que passou por eles a gritar que iria haver um atraso de meia hora, enquanto comboios militares passavam mais à frente. Embora todos pudessem descer para se aliviar ou fumar um cigarro, Hausmann também lhes disse que não se afastassem do comboio.

O sol fazia-se novamente sentir, agora que já não estavam em movimento.

— Lindo lago — disse Malia. — Parece suficientemente bom para umas brçadas.

— Eu alinho — disse Rese, sorrindo e calçando os sapatos.

— Não alinhas, não — rebateu Adeline.

— Ora, vê só — disse Rese, levantando-se.

Malia bateu palmas e riu-se.

— E se a Karoline te apanha?

— Ah, e se ela me apanhar? — perguntou-lhe Rese, piscando o olho aos rapazes, enquanto começava a descer a escada. — Eu sei nadar e ela não.

— Eu quero ir para a água, mamã — disse Will. — Está calor.

— Eu também, papá — disse Walt a Emil, que se juntara a eles na última paragem.

— Nenhum de nós sabe nadar — disse Emil. — E não quero que vocês se afoguem.

Entretanto, Rese saltou do último degrau da escada e, com um aceno a todos, largou a correr pela erva viçosa da primavera, em direção ao lago situado a uns cem metros. Outras pessoas estavam a sair dos vagões, algumas para fumar, outras para urinar. Mas ninguém se dirigiu para a água, a não ser Rese. Chegada à margem, virou-se para o comboio e acenou freneticamente aos restantes, antes de dar meia-volta e se meter na água. Deu outro passo desajeitado e um terceiro, antes de perder o equilíbrio, caindo para a frente e submergindo.

Rese não reapareceu.

E continuou a não aparecer.

Adeline sentiu uma bola começar a formar-se na garganta, antes de a cabeça de Rese emergir repentinamente do lago. Cuspiu um jato de água, inclinou a cabeça para trás e gritou de alegria, antes de voltar a mergulhar.

— Como é que ela aprendeu a nadar assim? — perguntou Malia.

— Na escola, em Pervomaisk — respondeu Emil. — Quando era pequenina, mais parecia um peixe e...

O apito do comboio soou. O major Haussmann regressou em passo apressado junto ao comboio, enquanto gritava:

— Todos a bordo! O caminho está livre à nossa frente. Voltem para bordo ou ficam para trás!

No lago, Rese voltou à superfície. Emil fez uma concha com a palma das mãos à volta da boca e gritou:

— Estamos de partida, Rese!

A princípio, ela não o ouviu. Começaram todos a gritar e a acenar.

— Volta para o comboio! Estamos de partida!

Adeline percebeu que Rese não queria acreditar. Afinal, a paragem deveria ser de meia hora. Mas, então, o apito do comboio soou uma segunda vez e Rese começou a nadar o mais depressa que conseguia, em direção à margem. Saiu da água, puxou as saias ensopadas para cima e desatou a correr colina acima, refazendo o seu caminho no meio da erva alta.

— Vamos, Rese! — gritou Malia.

E agora estavam todos a gritar por ela e a encorajá-la. O sorriso de Rese tornava-se cada vez maior quanto mais ela se aproximava. Estava encharcada, com a roupa coberta de erva, mas tudo aquilo fez com que Adeline percebesse que nunca conhecera alguém como a sua cunhada. Rese era bonita, inteligente e muito engraçada. Não se importava com o que os outros pensavam dela quando fazia maluquices como aquela. Ela era... bem... livre de uma forma que Adeline nunca antes vira. Como Emil dizia: “Reconhecemos a liberdade quando a vemos.”

A cabeça da mãe de Emil espreitava pelo lado do vagão, a olhar para a filha, quando Rese chegou ao fundo da escada no canto esquerdo dianteiro do vagão.

— O que é que te passou pela cabeça? — gritou-lhe Karoline.

— Não usei a cabeça, mamã — respondeu Rese, enquanto se agarrava aos varões da escada e poisava o pé direito no primeiro degrau. — Fui nadar e soube-me muito bem!

Tinha levantado o pé esquerdo para o poisar no segundo degrau quando, de repente, o comboio arrancou, estremeceu e arrancou de novo, com violência suficiente para atirar Rese de lado e para a frente, arrancando-a numa queda em espiral que a fez tombar de borco na erva e no cascalho, o peito e a barriga fora da via-férrea e as canelas atravessadas sobre os carris. A atrelagem que prendia o vagão do carvão ao deles estava mesmo atrás e acima dela.

Aconteceu tudo tão depressa que Adeline mal acabara de gritar em reação à queda da cunhada, quando a locomotiva apitou e o comboio avançou de novo. As rodas do vagão rolaram lentamente sobre as pernas de Rese, cortando as duas pelo meio da canela.

Capítulo Quinze

Emil saltou do seu lugar no tejadilho do vagão, gritando aos maquinistas na locomotiva para que parassem o comboio. Evidentemente, o major Haussmann, que se encontrava na locomotiva, viu o acidente e gritou a mesma coisa, antes de os travões funcionarem, resultando em guinchos estridentes das rodas e dos carris que, todavia, não foram tão sonoros que conseguissem abafar os gritos de horror que partiram dos vagões sobrelotados, enquanto Rese se contorcia, encolhia e rebojava talude abaixo, ao encontro das ervas daninhas lá no fundo.

Correndo para a escada, Emil pôde ver o sangue a alastrar e a jorrar, a alastrar e a jorrar dos tocos que haviam sido as pernas dela. *Estancar a hemorragia*, repetia ele para si, enquanto praticamente se deixava escorregar pela escada abaixo. *Estancar a hemorragia senão a Rese morre*.

Assim que sentiu os pés no chão, virou-se e deu com o major da SS já quase ao lado da sua irmã. Emil correu direito a eles, tirando o cinto.

Haussmann já retirara o próprio cinto e tentava encontrar uma posição em que pudesse ajudar sem ficar salpicado de sangue. Emil queria lá saber: foi direito ao sangue e ajoelhou-se ao lado da irmã, reparando que ela não estava consciente enquanto lhe passava o cinto à volta da perna esquerda, acima do corte, e apertava com força suficiente para estancar a hemorragia. Do outro lado, o major da SS fizera o mesmo com a perna direita e gritava agora por um médico.

Emil estava ciente de outras pessoas a gritarem, enquanto tentava reconfortar a irmã, que estava a tremer como se a temperatura estivesse abaixo de zero, ao passo que ele se sentia como se estivesse a arder numa névoa de luz quente.

— Salvem-na! — soluçou a mãe dele.

Emil olhou para cima e deu com Karoline ali parada, com a cara a sangrar por causa da queda que dera ao descer do vagão assim que vira as pernas da filha decepadas; e o pai atrás da mãe, num esforço para a manter de pé enquanto

ela se lamentava, uma mão ossuda cobrindo a boca e a outra estendida em desespero.

— Salvem-na — soluçou Karoline de novo e, então, olhou para o céu escaldante. — Leva-me, mas salva-a, Deus. Ela é tudo o que nos resta.

Adeline ajoelhou-se ao lado do marido.

— O que é que eu posso fazer?

— Já estancámos a hemorragia — disse o major Haussmann, encostando os dedos ensanguentados ao pescoço de Rese. — Mas ela precisa de morfina, sangue e um cirurgião.

Ernst Decker, um médico e sargento da SS perto dos trinta anos, surgiu a correr da traseira do comboio, levando com ele uma mochila, enquanto dois soldados o seguiam com uma maca. O sargento Decker não empalideceu ao ver o estado das pernas de Rese, antes pedindo calmamente a Emil que se afastasse enquanto avaliava os sinais vitais, perguntando:

— Há quanto tempo foram aplicados os garrotes?

— Um minuto — respondeu Haussmann. — Não mais.

— Preciso dela num lugar mais estável — disse o médico. — Não ao sol, desta maneira.

— Passamos mais pessoas para o tejadilho e abrimos espaço para ela no vagão — disse Emil, e olhou com cautela para Haussmann, que parecia feito de pedra. — Peço desculpa, major. Ela é minha irmã.

Haussmann parecia estar novamente a estudá-lo. Tê-lo-ia reconhecido naquele momento? Emil queria lá saber e retribuiu-lhe o olhar, até que o major assentiu.

— Faça isso. Leve a sua irmã para dentro e ponha-a junto à porta, onde há ar.

O sargento Decker pegou numa seringa de vidro e aço, e deu uma pequena injeção de morfina a Rese, o suficiente para a manter sedada durante a transferência. Numa questão de instantes, estava feito: ela estava deitada na maca e mãos no interior do vagão içavam-na e depositavam-na sobre as carroças dos Martel, onde Decker começou a trabalhar.

Emil ia entrar no vagão para ajudar o médico, quando viu Walt parado diante da acoplagem e a olhar para baixo, para o espaço entre a acoplagem e o vagão de carvão. Emil foi ter com o filho mais velho, que olhou para ele com espanto.

— Não parecem muito diferentes, a não ser mesmo no alto, onde as rodas as esmagaram. Mais abaixo, são as mesmas de quando a tia Rese ainda as tinha.

Emil olhou e viu que era verdade. As rodas, o peso do carvão e o carril por baixo, tudo contribuía para cortar as pernas de uma forma relativamente limpa.

— O que é que fazemos com elas, papá? — perguntou Walt. — Vamos deixá-las ali, assim?

Emil não queria sequer pensar nessa hipótese, mas assentiu com a cabeça.

— Com este calor, já estão a chamar doenças. Terão desaparecido no espaço de horas depois nos irmos embora, provavelmente por conta dos abutres e dos corvos.

Percebeu que o filho mais velho estava incomodado com aquela ideia, mas Walt acabou por assentir, contornou o pai e começou a subir a escada. Adeline apareceu à porta do vagão:

— Emil, o médico precisa de ti e a tua mãe está a ter um ataque.

— Vai lá para cima ter com o Walt — disse ele, enquanto subia. — Estou a contar com um colapso muito em breve. Ele viu as pernas da Rese.

Adeline fechou os olhos e assentiu com a cabeça.

O calor era sufocante no interior do vagão apinhado e a mãe dele estava em prantos. Emil foi ter com ela e disse-lhe que não piorasse as coisas.

— Isto não se trata de si. Trata-se da Rese e de mantê-la viva.

— Eu tenho de fazer alguma coisa! — exclamou Karoline. — Meu Deus, não aguento isto!

Emil manteve-se em silêncio, mas acabou por lhe dizer:

— Se ainda acredita em Deus, mãe, acho que deveria rezar.

Ele foi para junto da irmã, confirmando a sua descrença em Deus ou em qualquer força superior. Nenhum espírito decente permitiria que uma coisa tão trágica acontecesse a uma criatura estouvada, mas inocente, como a sua irmã. Nenhum Universo justo a deixaria numa maca perto da porta de um vagão apinhado e abafado no norte da Hungria, com um médico da SS a aplicar-lhe uma linha intravenosa no braço, enquanto as pernas, os pés e os sapatos ficavam lá em baixo, nos carris.

— Sabe qual é o tipo de sangue dela? — perguntou Decker.

— O negativo — respondeu Emil. — Eu também sou O negativo. Os comunistas testaram-nos a todos. Éramos obrigados a saber.

— Você é dador universal. Preciso de si ao lado dela, um pouco mais alto para a transfusão.

Emil olhou para trás do pai e viu vários caixotes de madeira empilhados. Foi ter com a dona deles, uma mulher com dois filhos pequenos, e perguntou-lhe se poderia usá-los para a irmã. A mulher concordou, desde que ele os devolvesse para que ela não perdesse o seu espaço.

Assim que Emil deslocou e empilhou dois caixotes, sentando-se depois em cima deles, ficando ligeiramente mais alto do que a irmã, Decker foi rápido e eficiente, como o médico de batalha veterano que era, e em breve tinha o sangue a sair do braço esquerdo de Emil e a entrar no direito de Rese. Haussmann apareceu à porta do vagão e perguntou:

— Quanto tempo para conseguir estabilizá-la?

— Quarenta minutos?

— Tem dez — disparou o major. — Seja inventivo.

O sargento parecia pronto para argumentar, mas acabou por dizer:

— Muito bem, major.

Decker disse a Emil que ficasse onde estava e que ele estaria de volta dali a pouco.

— Não é preciso afrouxar os garrotes a dada altura? — perguntou-lhe Emil.

— Se eu fizer isto como deve ser, devemos ser capazes de os retirar definitivamente dentro de cerca de dez minutos — respondeu ele, e desceu do comboio. Avançou e entrou na locomotiva, onde Emil já não conseguia vê-lo.

Emil olhou para o rosto de Rese, maltratado, inchado e encardido da queda. Os irmãos tinham uma vida a separá-los: ele era mais de uma década mais velho, um pai para os seus filhos muito mais do que um irmão para ela. Aquilo fazia-o sentir-se culpado por sempre ter sido brusco com Rese, especialmente durante os últimos anos, quando as emoções dela vacilavam entre o furacão e a tempestade, tudo agravado por aquela viagem, pela doença quase constante dela, e agora por aquilo.

Viu Decker descer a escada da locomotiva: trazia calçada uma luva com que segurava um balde fumegante do qual se projetava um cabo de madeira. O médico correu de regresso ao vagão, poisou o balde no chão e subiu. O cheiro do fumo era intenso e acre. As pessoas começaram a tossir. Emil olhou para o balde e viu a ponta de ferro de um atiçador enterrada em brasas incandescentes da fornalha da locomotiva.

— O que é que vai fazer com essa coisa? — perguntou Karoline. — Não vai queimá-la com isso! Ela já passou por bastante...

Decker virou-lhe as costas e disse:

— E vai passar por mais um pouco para salvar a vida.

Olhou para Emil e mediu a tensão arterial de Rese.

— Está melhor — disse. — Quem mais na sua família é do tipo O negativo?

— Eu — disse Johann, que estivera essencialmente calado, a ver tudo desenrolar-se nas sombras sufocantes. — O pai dela.

— Vai ser o próximo — disse o médico, retirando a linha de transfusão do braço de Emil.

Quando se levantou, Emil sentiu-se tonto, mas conseguiu afastar-se enquanto Decker voltava a colocar o conjunto de agulhas da linha de transfusão e Johann se sentava ao lado da sua querida filha. Foi só então, quando o médico lhe enfiou a agulha no braço, que Emil viu Johann verter lágrimas.

Decker também viu.

— Ela há de viver graças a si e ao seu filho, *Herr* Martel, e graças ao que estou prestes a fazer. Posso prometer-lho.

Johann assentiu com a cabeça.

— Faça-o. Algumas coisas justificam a dor.

Uma mulher bonita e cansada de quase trinta anos, que Emil julgou ser-lhe vagamente familiar, apareceu na porta lateral com uma cesta dentro da qual dormiam dois bebês. Olhou para a mesa de operações improvisada e, depois, para cima, quando Adeline chamou do tejadilho:

— Marie? És tu?

— Adeline? — perguntou a mulher, surpreendida. — Não sabia que estavas neste comboio. Vim porque soube do acidente e queria ver se poderia ajudar.

— Eu desço já e tomo conta dos gémeos — disse Adeline.

Enquanto Decker limpava as feridas e as preparava para o que vinha a seguir, Adeline desceu.

— Emil, não te lembras da minha prima Marie, de Birsula? Ela trabalhava num hospital.

— Com os cirurgiões — acrescentou Marie.

— Então, venha para aqui — disse Decker. — Dava-me jeito a sua ajuda. — O médico olhou para Emil. — Vou precisar que a segure. Não tenho éter e, mesmo com a morfina adicional que vou dar-lhe, ela pode resistir um pouco.

— Vai torturá-la! — exclamou Karoline, e voltou-se, novamente em lágrimas.

Marie observou a cena.

— Não há tempo para suturar?

— Não.

No exterior, o major Haussmann apressou-os:

— Têm quatro minutos. Temos de cumprir um horário definido por Berlim. Pelo próprio Himmler.

O sargento assentiu com a cabeça. Marie deu outra injeção a Rese. Decker calçou as luvas para retirar o atizador do balde que ainda fumegava. A ponta brilhava com a cor laranja de uma abóbora madura.

— Segure-a agora — ordenou o médico.

Emil agarrou a coxa direita da irmã sobre o cobertor. Marie agarrou na esquerda. Decker aproximou-se do coto direito, examinou-o atentamente e, em seguida, encostou a ponta do ferro em brasa à primeira das três artérias cortadas que tinham escoado o sangue de Rese. Seguiu-se um som sibilante e um cheiro a carne queimada, antes de Rese estremecer, se arquear e gritar das profundezas da sua consciência não entorpecida pelo choque nem pelo opiáceo. Torceu as ancas com força e empinou-se, quase escapando às mãos de Emil e Marie.

— Segurem-na! — gritou Decker. — Não a deixem arrancar a linha de transfusão!

Em pânico, Emil aplicou todo o seu peso na pélvis e na coxa direita da irmã, e a prima de Adeline fez o mesmo do outro lado. Johann agarrou nos braços da filha. Juntos, conseguiram imobilizá-la, enquanto Decker prosseguia com o seu trabalho brutal, cauterizando mais dois vasos sanguíneos importantes na perna direita, antes de se dedicar à esquerda. Quando terminou, Emil estava desfeito em lágrimas à conta dos gritos da irmã, que, ao sexto toque cauterizante do ferro incandescente, se haviam reduzido a gemidos delirantes.



O sargento Decker entregou o balde de brasas e o atizador ao major Haussmann, dizendo:

— Vamos desinfetá-la e ligá-la. As artérias e veias menores hão de produzir naturalmente um coágulo. Se não infectar, ela sobreviverá até que um cirurgião na Polónia possa fazer um trabalho melhor.

— Bom trabalho, sargento — disse Haussmann. — *Heil* Hitler!

Decker e Marie aplicaram generosamente água oxigenada e pomada de iodo nas feridas e, em especial, nas cavidades ósseas abertas. Quando estavam secas, o médico desapertou os garrotes e observou os ferimentos. Tendo confirmado que a perda de sangue era ínfima, polvilhou os tocos com pó de sulfa, aplicou várias camadas de compressas que pediu a Marie que segurasse e, em seguida, envolveu-as com rolos e mais rolos de gaze até parecer que havia um par de grandes luvas onde antes se encontrava a secção inferior das pernas.

Ouviu-se um silvo agudo. O comboio arrancou de novo e retomou a marcha.

Marie virou-se para trás, foi até à porta lateral aberta e chamou:

— Adeline?

— Temos os gémeos aqui em cima — gritou Adeline, em resposta.

Emil não tinha sequer coragem para pensar que iriam deixar as pernas da irmã nos carris onde ela as perdera. Enquanto ganhavam velocidade e o lago e a cidade de Tata iam sendo engolidos por florestas e prados verdes, viu Decker retirar a linha de transfusão do braço do pai, agora com um sentimento que era mais de raiva do que pena pela situação de Rese.

Se ela não tivesse descido para nadar. Se ela me tivesse dado ouvidos uma vez na vida, ela... ela... Ele queria dizer... *estaria inteira*, mas em vez disso pensou... *não seria a minha irmã*. Rese sempre fora senhora do seu nariz desde a primeira palavra que dissera. A maioria das crianças dizia «mamã» ou «papá». A irmã mais nova de Emil dissera «não» e, desde então, fora sempre obstinada.

Passou meia hora e, depois, uma hora completa. O calor e o sol implacável do meio da tarde não mostravam sinais de ceder, enquanto o comboio avançava lentamente rumo a Bratislava. A tensão arterial de Rese continuava estável e os pensos das feridas tinham sido trocados. A coagulação começara.

Emil estava convencido de que o pior da crise passara, quando Marie disse:

— Tenho de alimentar os meus rapazes na próxima paragem.

— E eu tenho homens doentes nos vagões traseiros para ver — disse, por sua vez, o sargento Decker.

— Eu fico com ela — disse Emil, pouco antes de a irmã gemer e se arquear. Uma convulsão sacudiu-lhe o corpo, que se inteiriçou e, depois, ficou inerte.

Decker e Marie correram para junto dela.

— O que é que aconteceu? — quis saber Karoline. — O que é que se passa com ela?

O médico agarrou no estetoscópio, auscultando-lhe o coração, enquanto a prima de Adeline poisava as mãos em Rese para a acalmar.

— A frequência cardíaca aumentou, mas está a estabilizar — disse Decker a Emil. — A convulsão pode ter sido uma série de coisas causadas pela maneira natural de o corpo fazer frente ao choque.

Decker estava a arrumar o seu equipamento dez minutos mais tarde, quando o apito do comboio soou e eles reduziram a velocidade até que um comboio passasse num cruzamento diante deles. Marie não deixara o lado de Rese, com as mãos sempre poisadas na coxa e no estômago, atenta a sinais de outra convulsão.

Aconteceu quando o comboio já estava completamente parado, um espasmo mais breve do que o primeiro, mas não menos violento. A irmã de Emil arqueou-se com uma convulsão interna e, mais uma vez, ficou inerte.

Rese arquejou e gemeu.

— O que é que está a acontecer-lhe? — gritou Karoline.

— Não sei — respondeu Decker.

— Eu sei — disse Marie, introduzindo a mão por baixo da saia de Rese. — Ela está em trabalho de parto.

— Trabalho de parto?! — repetiu Emil. — A Rese? Não.

— Rebentaram-lhe as águas — disse Marie, olhando em seguida para a mãe de Rese. — Ela está de quanto tempo, *Frau* Martel?

Karoline ficou calada por um momento; depois, olhou em volta, ansiosa e contrariada por não ter como fugir à realidade.

— Três meses, talvez três meses e meio — disse ela, parecendo arrasada. — Só me contou na noite anterior à nossa partida nesta marcha de loucos.

— Bem, ela está a perder o bebé juntamente com as pernas — disse Marie; depois, olhou para Emil, enquanto Decker descia do vagão com promessas de voltar. — Eu fico com ela. Mas podes ir dizer à Adeline e à Malia que desçam e venham ajudar-me? Tenho de alimentar e cuidar dos meus bebés, antes que a tua pobre irmã piore ainda mais.

Emil subiu ao tejadilho. Ajudou Adeline e Malia a baixarem a cesta com os gémeos de Marie, depois ficou a observá-las até ter a certeza de que a mulher e a cunhada tinham descido em segurança e só então admitiu que estava comple-

tamente exausto, pior do que depois dos seus dias mais longos no campo ou na cervejaria; estava cansado até à medula. Tendo gastado toda a sua energia e o seu amor com a irmã, não lhe sobrara nada a não ser a necessidade de dormir.

Sentou-se entre os filhos, com as pernas bem presas sob a grade, os pés pendurados como os de Rese apenas algumas horas antes. Abraçou Will e Walt, e então, quando o comboio recomeçou a avançar para norte, deitou-se para trás, cobriu a cara com o boné e caiu num sono hipnótico e murmurante, onde continuou consciente de certos ruídos reais em seu redor — a voz dos filhos, o barulho e o chiar das rodas do comboio e o baque surdo e repetitivo da locomotiva —, mesmo enquanto o horror do acidente se repetia sucessivamente.

Deus não existe, dizia a sua voz interior. Nenhuma força do bem lhe levaria as pernas daquela maneira. As nossas súplicas não são ouvidas por nenhuma força invisível no céu. Estamos sozinhos. Todos os dias, lutamos pela sobrevivência. Não podemos contar com mais ninguém senão connosco.



Quando Emil acordou, encontravam-se a norte de Bratislava, a caminho de Trnava. O sol estava mais baixo, parcialmente bloqueado por faixas de nuvens de tempestade a oeste. Estavam a atravessar vinhedos antigos, com botões inchados prestes a florir, e depois entraram numa região verdejante e ondulada, com pequenas quintas nos vales e montanhas cobertas de neve como pano de fundo.

Emil bocejou e sentou-se, vendo cavalos peados a pastarem num campo e sentindo falta de *Oden* e *Thor*. O que seria feito deles? O que estariam a fazer pelos nazis?

— Este é um bonito vale verde — disse Will—, mas não é o nosso.

Emil sacudiu o seu torpor e estava prestes a dizer ao filho mais novo que não deveria acreditar naquele disparate, que, fosse qual fosse a cor da terra à volta da nova casa deles, não havia dúvida de que seria dura e cruel e repleta de alguma espécie de sofrimento. Estava prestes a dizer a Will que se tratava de factos inevitáveis na vida e que não acreditava que houvesse na Terra um lugar onde existisse um verdadeiro paraíso como o de Adeline.

Em vez disso, Emil disse:

— Não, não é. Estamos a caminho de um lugar chamado Lodz, na Polónia.

— Como é que é, papá? — perguntou-lhe Will. — Esse Lodz?

— Não sei — respondeu ele. — Havemos de descobrir, todos juntos.

Ficaram em silêncio e Emil só queria que o comboio voltasse a parar, para que ele pudesse descer e ver como estava a irmã, quando Walt lhe perguntou:

— Papá, porque é que aquilo tinha de acontecer à tia Rese?

Ele suspirou e voltou a abraçar o seu filho mais velho.

— Não sei. Às vezes, a vida pode ser cruel.

Walt ficou calado algum tempo, antes de dizer:

— A princípio, não gostei que deixássemos ali as pernas e os pés e os sapatos dela, assim, daquela maneira.

— Eu também não gostei — disse-lhe Emil. — E continuo a não gostar.

— Mas, depois, lembrei-me de o papá dizer que era provável que as aves os encontrassem, e senti-me melhor porque as pernas dela voariam como um pássaro.

Emil olhou para o filho, a sorrir perante a forma como ele parecia ver o mundo, segundo uma perspectiva um pouco estranha, mas sempre interessante.

— Gostavas de voar, um dia? — perguntou-lhe Emil.

— Talvez — respondeu Walt, com um sorriso. — Porque não?

— É isso mesmo — concordou Emil. — Porque não?

— Eu vou construir coisas — gabou-se Will.

— Como por exemplo...? — perguntou Emil, interessado porque também gostava de construir coisas.

O filho mais novo apontou para uma imponente *villa* antiga na encosta de uma colina.

— Como aquilo.

— Não vais, não — objetou Walt. — Aquilo é demasiado grande.

— Não é demasiado grande — protestou Will. — Pois não, papá?

A *villa* parecia de facto enorme, maior do que qualquer coisa que Emil já construía ou ajudara a construir. Talvez fosse por ter visto a vida de Rese mudar para pior num piscar de olhos; talvez ele só quisesse poupar o seu filho do desespero de nunca ter um sonho, mas algo nele lhe disse para não desencorajar a visão que Will tinha da vida, fosse ela qual fosse.

— Porque não? — foi a resposta que ele lhe deu.

Capítulo Dezasseis

Rese Martel perdeu o seu bebé, enquanto o sol se punha no Leste da Checoslováquia, naquele dia quente de maio de 1944. Marie orientou e ajudou Adeline e a sua irmã durante toda aquela provação. Karoline recusou-se a participar e deixou-se ficar sentada, tão calada quanto Johann, que se manteve ao lado dela enquanto a filha inconsciente fazia por dar à luz um filho nado-morto.

Marie apertou e cortou o cordão umbilical, e entregou-o a Adeline. Enrolado na posição fetal, o filho de Rese, coberto de fluido e de sangue, cabia-lhe na palma da mão. Malia aproximou-se, olhou para ele e, passado um momento, começou a chorar.

— O pobrezinho morreu a chupar o dedo — disse ela, levando a mão aos lábios.

Adeline viu que era verdade e sentiu o seu próprio coração rasgar-se de novo naquele dia.

— Um pequeno milagre que nunca teve uma hipótese.

— Milagre — bufou Karoline enojada, atrás delas. — Diz antes um pecado mortal, prova de que a luxúria se sobrepõe a tudo. Ouve o que te digo. O Senhor levou-lhe as pernas e esse... pecado que tens nas mãos por causa da fornicção dela.

Adeline, a irmã e a prima ficaram tão atordoadas com o veneno na voz da mãe de Rese que se viraram para olhar para aquela mulher envolta em sombras. O mesmo se passou com muitas outras pessoas ali perto.

Ciente da presença dos outros e sem se importar, Adeline disse:

— Ele é seu neto, Karoline. Se vai dizer essas coisas, deveria olhar para ele e dizê-las. Um quarto do sangue dele descende do seu.

A sogra inclinou-se para a frente ao encontro de um feixe de luz, revelando um olho e uma face distorcida.

— Atira essa coisa pela porta do comboio, senão atiro-a eu.

Erguendo-se de repente acima dela, Johann apanhou de surpresa o vagão apinhado, ao berrar:

— Não vais fazer tal coisa! E não quero ouvir nem mais uma palavra dessa boca, mulher! Achas que sobrevivi às minas e à desgraçada marcha até casa, para te ouvir constantemente a remexer na merda? A querer isto. Com medo daquilo. A censurar aqueloutro. A comparar isto. A deitar abaixo aquilo. A julgar quem é bom e quem não é. Tudo com essa tua língua ácida!

Karoline encolhera-se contra a parede dianteira do vagão, a sua voz mais mansa quando começou:

— Johann, eu não...

— Cala essa boca, sua vadia malvada! — berrou ele para a mulher. — Cala essa boca ou, valha-me Deus, sou eu mesmo que te atiro deste comboio e me livro de ti de uma vez por todas!

Seguiu-se um silêncio longo, atordoado, desconfortável, no qual Adeline se sentiu corroborada em cada sentimento menos bom que tivera em relação à mãe de Emil, mas também ciente de que deveria estar a preparar o filho de Rese para o enterro na próxima paragem.

— Talvez eu te ajude, Johann, e te faça um favor — disse amargamente Karoline. — Atiro-me deste comboio antes que a Rese acorde. Livras-te de mim para sempre.

— Lá está ela de novo — sussurrou Malia ao ouvido da irmã. — A virar o bico ao prego. A fazer-se de vítima.

— Faz isso, então, mas vê se te despachas — acabou Johann por dizer, trocando a companhia dela pela da filha.



Antes que uma escuridão total caísse sobre o campo que passava lentamente por eles, Adeline envolveu o bebé em gaze que Decker deixara para refazerem os pensos das feridas de Rese. Os filhos de Marie, Rutger e Hans, começaram a remexer-se e a barafustar na sua cesta.

Marie pediu às duas irmãs que limpassem Rese o melhor que conseguissem com o resto da água que havia num balde, mas certificando-se de que as ligaduras não se molhavam.

— Não queremos uma gangrena — disse ela, enquanto se sentava e chegava ao peito o primeiro dos seus pequenos.

Adeline estava fascinada com a resistência da sua prima. Marie era mais baixa e mais leve do que ela, mas parecia muito maior e sem dúvida suficientemente forte para ter leite para dois bebês ao mesmo tempo.

Malia pendurou uma lanterna na porta do vagão, protegida do vento, e começou a limpar e a passar um pano húmido na parte inferior do corpo de Rese.

— Marie, fala-nos do teu marido, o cirurgião.

Adeline correspondera-se com a prima várias vezes por ano, conhecia partes da história e queria poupar-lhe o tormento.

— Malia, talvez haja melhores temas de conversa — disse ela.

— Não faz mal, Adella — disse Marie. — Os soviets tentaram levar o Klaus, quando o exército deixou a Ucrânia em julho de 1941, mas ele conseguiu esconder-se durante o tempo suficiente, para acabar por ser levado pela Wehrmacht um ano depois da invasão alemã.

Marie já trabalhava para o Dr. Klaus Werner havia quase dois anos, e ele ensinara-lhe o suficiente para que ela lhe fosse útil nas cirurgias.

— Eu estava apaixonada por ele, mas parecia que ele não dava por nada — disse Marie, tirando um pequeno do seio esquerdo e levando o outro ao direito. — Ele era doze anos mais velho do que eu. Quando descobriram as qualificações cirúrgicas que ele tinha, os alemães recrutaram-no. Eu queria ir com ele, mas recebi ordens para ir ajudar nas terras da minha família. O Klaus disse que me escreveria e partiu.

Desolada e ansiosa, Marie esperou meses por notícias do cirurgião. Então, duas cartas chegaram ao mesmo tempo no princípio de dezembro, ambas com descrições da sua vida num hospital militar a sul de Estalinegrado: as baixas intermináveis, as longas e infernais horas a tentar salvar homens dilacerados pela guerra e as condições lastimáveis em que ele vivia.

— No fim da segunda carta, ele dizia que sentia falta de mim — disse Marie, corada à luz da lanterna. — Dizia que sentia falta do meu sorriso e do som da minha voz.

— Deves ter ficado tão feliz! — disse Malia.

— Felicíssima — confirmou Marie. — Não voltei a ter notícias dele, até que me bateu à porta no dia 24 de março do ano passado. Tinha recebido uma li-

cença de um mês na frente e ajoelhou-se de imediato para me pedir em casamento.

Malia bateu palmas.

— Isso é tão romântico! Tu disseste que sim!

— Eu disse que sim e casámos no dia seguinte — disse ela. — Não poderia estar mais feliz. Ele voltou o Klaus que eu conhecia e amava, mais terno do que eu alguma vez o teria imaginado, juntamente com outro Klaus que eu reconheci: um estranho, assombrado por tudo aquilo a que sobrevivera, um médico com pavor de voltar para a guerra.

Marie fez uma pausa, aclarou a voz e continuou:

— Mas conhecemos o amor verdadeiro. Hei de guardar para sempre aquele mês que passámos juntos. Fizemos meninos lindos antes de ele partir.

O bebé afastou-se do peito e tossiu. Marie levantou-o, poisou-o no ombro e deu-lhe palmadinhas nas costas dele, até o fazer arrotar. Malia acabou de limpar Rese e cobriu-a, poisou a mão na testa dela para ver se tinha febre, enquanto sorria e olhava expectante para Marie à espera do fim da história.

— E ele adora-os, não? — perguntou Malia.

A expressão de Marie alterou-se.

— Só tive notícias dele uma vez desde que voltou para a frente, e foi em novembro passado, antes de os bebés nascerem, antes de o rio Dniepre cair e termos de fugir.

— Tenho a certeza de que ele há de estar algures atrás de nós — disse Malia.

A prima não disse nada durante um momento. Mas, então, o seu rosto crispou-se com receio e dor, quando disse numa voz estrangulada:

— É disso que tenho medo. Ele está atrás de mim algures. Não comigo e com os nossos filhos. Talvez para sempre.



Durante a paragem programada de uma hora perto da cidade checa de Cervenik, Emil foi pedir uma pá aos maquinistas e, com Johann e Adeline, afastou-se da linha férrea com uma lanterna. Abriram um buraco e depositaram no seu interior o bebé morto envolto em gaze. Rezaram uma oração e taparam-no.

— Obrigado — disse Johann a Emil. — Lamento que a tua mãe tenha dito aquelas coisas. Lamento mais ainda ter eu dito aquelas coisas.

— Não tem importância, papá — disse Emil, e deu-lhe uma palmadinha nas costas. — Foi um dia horrível para todos, até para a mãe.

O pai suspirou, assentiu com a cabeça e dirigiu-se para a silhueta do comboio.

Adeline caiu nos braços do marido.

— Ainda sinto falta do pequenino — disse ela.

— Sentiremos sempre falta dele — disse ele. — Era o nosso primogénito.

Enquanto faziam o caminho de regresso ao comboio que os esperava, Adeline recordou-se do que levara Johann a explodir de raiva. Fora literalmente a primeira vez que vira o pai de Emil furioso.

— Só vi a tua mãe naquele estado uma outra vez — disse ela. — Quando bebeu as natas e me arrancou o coração antes de o nosso primeiro Waldemar morrer. Fria. Sem coração. Má por dentro, como o teu pai disse.

— E ela não voltou a abrir a boca desde que ele a arrasou?

— Nem um pio.

— Bem, só pode ser uma estreia em toda a vida dela — disse ele, e riu-se, o que fez com que ela se risse também e, depois, o abraçasse.

— Adoro essa tua maneira de dar a volta ao meu estado de espírito — disse ela. — És um bom marido, um bom pai e um homem muito bom, Emil Martel.

Adeline esperava que o marido interpretasse as suas palavras como um elogio genuíno, mas o rosto de Emil ensombrou-se por um instante antes que ele conseguisse sorrir-lhe à luz da lanterna.

— E tu és a melhor mulher que já conheci. Posso fazer companhia à Rese primeiro, se quiseres. Deixar-te dormir um pouco.

Adeline ficou a olhar para ele durante um longo momento, mais uma vez a pensar que havia partes de Emil que continuavam a ser um mistério para ela e assim poderiam continuar. Subiram o pequeno talude até ao comboio, onde encontraram o sargento Decker à saída do vagão depois de dar uma dose completa de morfina a Rese, o suficiente para a aguentar durante a noite.

— Quando é que ela vai acordar?

— Eu diria que amanhã — respondeu Decker, e saiu.

Conseguiram levantar Rese e a maca o suficiente, para tirar a roupa de cama das carroças que estavam por baixo. Emil levou tudo para o tejadilho do vagão, onde foram dar com os rapazes enrolados e abraçados um ao outro, já a dormirem com as cordas de segurança ainda amarradas à cintura.

Emil ajudou a mulher a tapar os filhos com os cobertores, antes de fazer o mesmo por ela.

— Não desamarres a corda, a não ser que o comboio esteja parado — sussurrou ele. — Eu venho acordar-te quando estiver na altura de olhares por ela.

Dirigiu-se para a escada com a lanterna na mão.

— Emil... — sussurrou ela, suficientemente alto para que ele se virasse. — Amo-te. E obrigada.

O marido olhou para ela como se estivesse a falar noutra língua, mas depois assentiu.

— Eu também te amo. E não tens de quê. Acho eu.

Ele começou a descer a escada antes que ela pudesse responder-lhe. De olhos fechados, Adeline deixou-se ficar ali a pensar nele, antes de imagens e sons de Rese começarem a infiltrar-se nos seus pensamentos: Rese a vomitar no trajeto até à estação de comboios; Rese a sair da água no lago, a gritar de alegria, tão livre e estouvada; Rese a cair nos carris; Rese a gritar, quando Decker lhe cauterizara os cotos.

Imagens cada vez mais rápidas e numerosas iam-se sucedendo, enquanto ela fazia por dormir: Marie a entregar-lhe o filho nado-morto de Rese e ela com ele nos braços, um milagre que chegara ao fim, tão pequeno e tão triste e precioso; só lhe apetecia chorar, tão zozza e abatida que se sentia agora no tejadilho do comboio, desalojada, uma refugiada de guerra sem um lugar ao qual pudesse chamar lar, a não ser aquele que conjurara com base numa pintura que vira num livro.

Foi só esta manhã que saímos de Budapeste? pensou ela, enquanto pegava no sono. *Como é que tanta esperança e tragédia podem caber no mesmo dia?*



Emil acordou-a nas trevas que antecedem a madrugada, enquanto atravessavam a cidade checa de Puchov. Os rapazes ainda estavam a dormir. O comboio avançava quase a passo.

— Como é que ela está? — sussurrou Adeline, enquanto saía de debaixo dos cobertores.

— Alguns pesadelos, mas estive a dormir — respondeu ele.

— A tua mãe?

— Queres antes dizer a *Esfinge*?

Embora tivesse acabado de acordar, Adeline não pôde deixar de se rir mais uma vez perante a ideia de uma Karoline que continuava sem falar. Deu um beijo ao marido depois de ele se meter debaixo dos cobertores e, então, desceu a escada. Johann estava à espera para a ajudar a entrar.

Ela agradeceu-lhe, passou por Marie e pelos gémeos adormecidos no chão, e foi para junto de Rese. Poisou a mão na cabeça da cunhada e achou-a quente, mas não febril. Usou a lanterna para inspecionar as ligaduras, que começavam a ficar húmidas. Quando houvesse luz, ajudaria a prima a trocá-las.

Quando estava a devolver a lanterna ao respetivo gancho, Adeline reparou que Rese se mexera, não num espasmo de dor, mas numa ligeira agitação, os ombros mudando de posição, o maxilar descontraindo-se, e engolindo antes de as pálpebras se abrirem. Os olhos reviraram-se como se Rese não conseguisse focá-los. Ela engoliu em seco, fechou os olhos e voltou a abri-los, hesitando antes de poisarem em Adeline.

— Onde é que estou? — perguntou ela, num sussurro.

Adeline pegou na mão da sua jovem cunhada e murmurou:

— Estás viva, Rese. Sofreste um acidente grave, mas estás viva.

Ela fez uma careta e disse:

— Estou com dores. Dói-me tudo.

— Sim, daqui a pouco vai aparecer um homem para te ajudar com isso.

Johann apareceu atrás de Adeline e, com lágrimas nos olhos, poisou a sua mão enorme no ombro da filha.

— Rese...

— Papá... — disse ela, e sorriu enquanto os olhos se lhe fechavam e a cabeça pendia um pouco para o lado.

Rese respirou fundo duas vezes e, de repente, inteiriçou-se e apertou as mãos de Adeline. As faces dela ficaram tensas, os lábios reduzidos a uma linha e os olhos arregalados.

— Eu caí — disse ela.

— Sim — confirmou Adeline.

— Junto aos carris.

— Em cima dos carris — disse o pai.

Rese pareceu confusa, antes de olhar para o teto com uma expressão que oscilava entre a incredulidade e o pavor total.

— Não — disse ela, por fim. — Digam-me que não... — Então, sorriu-lhes como se estivesse louca. — Não, eu sinto... eu sinto-as! Estão a ver?

Ao dizer isto, Rese conseguiu erguer-se e olhou para baixo, ao que viu as ligaduras arredondadas e ensanguentadas em volta dos cotos onde dantes estavam os seus pés, tornozelos e canelas. Ficou a olhar de queixo caído, arrancou a mão das de Adeline e estendeu-a numa tentativa de tocar nas pernas.

— Estão ali! Eu sinto-as! Estão por baixo das ligaduras! Eu sinto-as!

Karoline surgiu aos pés da maca, voltada para a porta, incapaz de olhar diretamente para a filha.

— Mamã? — chamou Rese. — Eu sinto-as.

Adeline receou que a sogra fosse lançar-se no seu sermão da noite anterior. Mas, em vez disso, Karoline disse friamente:

— O que sentes são os fantasmas delas, Rese. A minha mãe conhecia soldados que perderam as pernas na Grande Guerra e eles juravam que ainda as sentiam anos depois.

Foi como se, naquela altura, uma grande parte de Rese a tivesse abandonado. Olhou para a mãe com uma expressão vazia, pestanejou e, depois, olhou para os seus cotos enfaixados. Levantou a perna esquerda, a dor subindo-lhe pelo corpo todo, e então dobrou-a pelo joelho. Depois de fazer o mesmo com a direita, desfez-se em prantos.

— Agora, o Stephan nunca virá à minha procura para se casar comigo! — Soluçou e deixou-se cair de costas na maca. — Oh, meu Deus, ele vai deixar-me com o bebé! Vamos ter de mendigar pelas ruas da Alemanha, a aberração que veio da Rússia sem pés e com um bebé a colo!

Rese ficou histérica, inconsolável, amargurada e acometida por agonias que Adeline não conseguia sequer imaginar, até que Marie apareceu ao lado dela. O sol nascera. O comboio estava a abrandar.

Marie pegou na mão de Rese. Quando Rese tentou puxá-la para si, Marie agarrou-a firmemente pelo pulso e fez-lhe festas no braço, enquanto lhe dizia:

— Já trouxe muitos bebés a este mundo, Rese, e tenho dois meus. Estás a vê-los ali na cesta?

As lágrimas de Rese diminuíram e ela abriu os olhos, para fitar com um olhar turvo a cesta que Adeline segurava inclinada na sua direção, para que ela pudesse ver os bebés à luz da alvorada.

— Os meus filhos são a minha maior bênção e a minha maior maldição — disse Marie. — Deus só nos dá filhos quando considera que estamos prepara-

das para a experiência de ter ao mesmo tempo nos braços a nossa maior bênção e a nossa maior maldição.

Rese fez um esgar de dor e levou a mão esquerda à perna esquerda.

— As pernas doem-me como se estivessem em brasa. As duas.

— O médico está quase a chegar — disse Marie. — Mas percebeste o que te disse, Rese? Deus decidiu que não estavas pronta para ser mãe. Lamento.

— O quê?!

— Perdeste o bebé, Rese — disse Karoline.

Por um momento, foi como se ela não tivesse ouvido a mãe e estivesse hipnotizada por algo acima de Marie. Em seguida, a pele da sua testa enrugou-se, os olhos ficaram baços e, lentamente, ela tirou a mão das da prima de Adeline. Envolvendo a cabeça com os braços, virou-se e tentou levantar as pernas, mas gritou e contorceu-se de dor.

O sargento Decker apareceu e Karoline disse-lhe logo:

— Graças a Deus. Acabe-lhe com a agonia. Acho que já não aguento mais.

O médico assentiu, apresentou-se a Rese e perguntou se poderia examinar-lhe as pernas.

— Não! — gritou ela, em resposta. — Não, não pode!

— Vou dar-lhe uma injeção primeiro para reduzir a dor, está bem?

Rese não respondeu. Decker pegou na seringa e num frasco de morfina, e deu-lhe uma boa dose. Passados poucos minutos, ela deixara de chorar e estava deitada de costas, a olhar vagamente para o teto, enquanto Decker lhe cortava as ligaduras e examinava os cotos, verificando que as artérias e veias menores tinham de facto coagulado.

— Não vejo nenhum sinal de infeção — disse o médico. — Tem muita sorte em estar viva, Rese.

Ela riu-se baixinho.

— Admito que, agora, me deixou a sentir-me muito bem, mas sei que, quando o efeito desta coisa passar, hei de preferir estar morta.

Capítulo Dezassete

Com um calor seco e ventoso, o comboio arrastava-se para norte através de terreno acidentado e, depois, montanhoso, passando por Zilina e Cadca, antes de cruzar a fronteira com a Polónia, em Bohumin, por volta do meio-dia. A meio da tarde, parou em terras agrícolas a leste da cidade de Lodz, que os alemães tinham rebatizado como Litzmannstadt.

Emil e Adeline estavam em cima do vagão com os rapazes, quando o major Haussmann saiu da locomotiva e percorreu todo o comprimento do comboio, gritando que todos tinham de se apeiar com os seus pertences. A multidão abandonou os vagões e atravessou uma estrada local.

O sol e o vento eram praticamente infernais quando desceram Rese na maca e, depois, as duas pequenas carroças dos Martel e o resto das suas coisas. Os rapazes estavam entusiasmados por se livrarem do comboio, depois de vinte e sete horas de viagem, e começaram a jogar à apanhada apesar do calor.

De regresso, o major Haussmann disse:

— A rapariga vai ser levada para o hospital militar, juntamente com os outros soldados feridos.

— Vou com ela — disse Karoline.

— Ninguém vai com ela. Os restantes estão em quarentena. Há uma febre que se espalhou pelo comboio à vossa frente e não podemos correr o risco de infetar a cidade.

Um médico jovem e corpulento chamado Praeger apareceu, para ajudar Decker a levar Rese para uma ambulância. Ela não falava há horas, mas ele lá conseguiu convencê-la graças a um sentido de humor ligeiramente tortuoso.

Enquanto Decker preparava outra injeção para Rese suportar a difícil viagem até ao hospital militar, Praeger acorrou-se ao lado dela e disse:

— A minha irmã mais velha perdeu a perna acima do joelho, num acidente na quinta.

Rese não mostrou nenhuma reação.

— Só superou a perda da perna quando começou a contar piadas sobre amputados.

Rese fez uma careta de repulsa.

— Isto não tem nada de engraçado.

— Ah, não? — perguntou-lhe Praeger. — O que é que disse o motorista ao pernetá que precisava de uma boleia?

Ela olhou para ele.

— Não faço ideia.

— «Salta para aqui.»

Rese fechou os olhos e apertou os lábios para não sorrir.

— Que nome se dá a uma mulher que só tem uma perna?

Cética, ela abriu um olho.

— Qual é?

— Perna-de-pau — respondeu ele.

Rese franziu os beiços com amargura e perguntou-lhe:

— Que nome se dá a uma mulher sem pernas?

Enquanto Decker pressionava o êmbolo da seringa, ele sorriu-lhe e disse:

— Linda.

Talvez fossem as drogas a fazer efeito ou o sentimento, ou o tom suave da voz dele, ou o conjunto dos três, mas houve algo em Rese que se desbloqueou e suavizou. Ela sorriu debilmente a Praeger, antes que a cabeça lhe tombasse para o lado, ao que ele e Decker pegaram na maca e a levaram, enquanto Johann lhe prometia que iria procurá-la assim que lhe fosse permitido.

Os alemães levaram os refugiados por vagões, começando pelo que estava mais perto do vagão do carvão. Os Martel partiram com as suas pequenas carroças atrás de três soldados que, juntamente com outros refugiados, os conduziram por uma estrada quente e poeirenta que atravessava campos ainda em pousio, à espera do arado.

Emil puxava e Adeline e Lydia, sua mãe, empurravam. Malia fora ajudar Karoline e Johann. Os rapazes seguiam a pé atrás. Uma vez que era quem estava mais perto dos três soldados que os lideravam, Emil conseguia ouvir a maior parte da conversa entre eles.

— Como um relógio — disse um.

— Mais uma dose de escumalha que se foi ontem à noite — disse outro —, mesmo a tempo para este sangue novo lhe tomar o lugar.

— Roupas e parasitas primeiro — disse um terceiro, com um ar enojado quando, chegando ao alto de uma elevação, puderam ver um grupo de quatro edifícios, dois de cada lado da estrada.

Numa placa, podia-se ler: *Einwandererzentralstelle* (EWZ).

— Centro de Controlo de Imigração — disse Emil a Adeline.

Os soldados pararam no centro dos quatro edifícios e o major Haussmann apareceu diante deles.

— Homens e mulheres terão de ser brevemente separados aqui. Todos os rapazes devem ficar com os respetivos pais. Se não tiverem pais e tiverem menos de quatro anos, vão com as mães e irmãs. Mais de quatro anos, vão com os homens.

— Mantenham os vossos documentos convosco — continuou Haussmann. — Os vossos pertences serão etiquetados e devolvidos assim que for permitido. *Bitte*, homens à minha esquerda, mulheres à minha direita, entrem nas portas à vossa frente.



Emil beijou Adeline, depois agarrou nas mãos dos filhos e, com o pai, avançou para as portas duplas de aço que se abriam num muro de tijolo com cerca de três metros de altura, cuja cimalha era percorrida por rolos de arame farpado. Do outro lado, aguardava-os uma espécie de pátio, onde soldados se encontravam atrás de longas mesas, sendo que, atrás deles, se viam pilhas de peças de vestuário.

— Dispam-se! — gritou um soldado. — Guardem os vossos documentos e dispam-se. Deixem as vossas roupas aqui e, depois, entreguem os documentos para que sejam protegidos. Alfabeticamente. *A* a *M*, esquerda, *N* a *Z*, direita!

Walt olhou assustado para Emil. Não lhe agradava ficar nu, mas Emil disse-lhe:

— Faz o que o oficial te disser.

Will despiu a roupa de imediato e começou a dançar de um lado para o outro, a rir-se e ignorando os olhares reprovadores dos homens que iam entrando no pátio. Walt acabou por obedecer. Com as mãos à frente das partes baixas, foi atrás de Emil, de Will e do seu avô até ao oficial que estava a receber os documentos.

— Não se preocupem — disse o soldado. — Ser-vos-ão devolvidos no outro lado. Por essas portas, *bitte*.

No interior, os soldados conduziram-nos a cadeiras, onde lhes raparam o cabelo com máquinas. A barba de Emil e de Johann — densa e comprida depois de uma viagem de seis semanas após um longo inverno — foi igualmente rapada.

Não muito satisfeitos, os dois rapazes esfregavam as mãos na cabeça rapada, enquanto Emil os conduzia e também ao seu pai através do terceiro par de portas, que dava acesso a um espaço de teto baixo com ralos no pavimento de betão. Mais soldados fizeram-lhes sinal para que avançassem, gritando:

— Quando vos for dada a ordem, têm de fechar os olhos e cobri-los com as mãos. Se abrirem os olhos, eles serão queimados pelo chuveiro que mata os olhos transmissores de doenças que trazem no corpo. Mais uma vez: não abram os olhos enquanto não ouvirem a segunda ordem!

— Ouviram bem? — perguntou Emil aos dois rapazes, que estavam a ver pela primeira vez na vida canalização e cabeças de chuveiro. A casa deles em Friedenstal não tinha água canalizada. Estavam habituados a beber e a tomar banho com água do poço tirada com um balde.

— Fechamos os olhos — disse Walt, finalmente. — Ficamos à espera da ordem.

Mais homens e rapazes iam-se amontoando na sala de desinfestação atrás deles.

— Will?

O filho mais novo endireitou-se, fechou os olhos com força e cobriu-os dramaticamente com as mãos.

— Lindo menino — disse Emil.

— Silêncio! — rugiu um soldado. — Atenção ao altifalante!

As portas foram fechadas, eliminando toda a claridade. Os rapazes agarraram-se a Emil, até que uma voz soou no altifalante:

— *Cubram os olhos com as mãos. Inclinem a cabeça para baixo. Fechem os olhos e esperem pela ordem para voltar a abri-los.*

Água misturada com produtos químicos que cheiravam a alcatrão choveu-lhes em cima durante vários minutos e, então, parou. Receberam ordens para continuar com os olhos fechados e cobertos com as mãos. Depois do que mais pareceu horas, teve início uma segunda chuvada, mais prolongada do que a primeira e sem o cheiro a gasolina.

Quando a água foi desligada, abriram-se portas na parede mais próxima. Saíram todos para uma área relvada ao sol. Oito camiões militares estavam estacionados em dois conjuntos de quatro, com quinze metros entre eles e as traseiras voltadas umas para as outras. Soldados estavam a descarregar pilhas de roupas dos camiões.

— Primeiro, vão buscar os vossos documentos — gritou um soldado de uniforme. — Depois, vão buscar as roupas. Tudo o que aí está foi fervido. Há calças, camisas, casacos e sapatos separados por tamanhos: pequenos, médios e grandes. Fiquem com um ou dois de cada, por enquanto. Hão de receber mais roupas assim que vos for atribuído um lugar onde viver.

Emil esperou apenas alguns minutos na fila, antes de recuperar os documentos de todos. Não precisaram de muito tempo para encontrar roupas e sapatos que lhes servissem razoavelmente bem. Emil estava impressionado com o toque do tecido das calças e da camisa que tinha agora no corpo. Nunca usara roupas tão boas. Com a exceção dos pontos amarelos arrancados no lado esquerdo do peito, o casaco que descobriu estava praticamente novo.

— Tenho calor — queixou-se Will.

— Despe o casaco por enquanto.

— Quero os meus calções.

— Havemos de te encontrar um par — disse Emil, e ficou espantado quando tal aconteceu.

Com as roupas novas vestidas e mais nos braços, foram encaminhados para um outro pátio, maior, para esperarem pelas suas famílias. Não muito depois, Malia e as duas avós saíram pelas portas do lado oposto do pátio, todas com vestidos e sapatos novos, mas com o cabelo totalmente rapado. Nenhuma delas parecia feliz com o facto.

Ficaram ainda menos felizes, quando Will e Walt começaram a apontar para elas e a rir-se.

— Odeio piolhos — disse Malia, amarrando um lenço na cabeça.

— Se os tínhamos, agora já se foram — disse a mãe de Adeline.

— Onde está a Adella? — perguntou-lhes Emil.

— Ficou a ajudar a Marie a procurar roupas para os bebés — respondeu Malia.



Karoline também pôs um lenço na cabeça. Foi ter com Johann e disse-lhe:

— Não te reconheço sem a barba e o cabelo desgrenhado.

— Eu poderia dizer o mesmo — disse-lhe ele.

Calaram-se e ficaram ali parados, sem graça.

Emil nunca compreendera verdadeiramente aquela relação que por vezes oscilava entre a indiferença e o rancor, um casamento que tinha uma ferida aberta à conta de anos passados separados, sem saberem se o outro estava vivo ou morto.

Adeline entrou no pátio com um dos filhos de Marie nos braços e seguida pela prima com o outro filho. Usava agora uma saia azul-escura, uma blusa cinzenta de boa qualidade e um lenço azul e vermelho à volta da cabeça. Mesmo com o cabelo rapado, Emil achou-a deslumbrante à luz do fim do dia.

Uma nova vida estava a começar para eles. Ele podia senti-lo. Tinham contado apenas consigo para sobreviverem ao abandono irreversível das suas terras e a uma longa e difícil viagem. Tinham chegado à Polónia, quando tantos haviam morrido durante a marcha. O acidente de Rese era uma tragédia sem sentido, mas ver a reação dela quando Praeger lhe chamara «linda» deixara-o com a esperança de que a irmã conseguiria recuperar e encontrar o caminho para uma vida melhor.

— Quem é aquele homem de aspeto esquisito? — perguntou Adeline, acesnando com uma das mãos do bebé para Emil, enquanto se aproximava.

— Eu sei quem tu és — disse Emil. — Era capaz de te reconhecer fosse onde fosse, Adeline Martel.

Beijaram-se. Ele empurrou-lhe o lenço para trás, para lhe ver o corte de cabelo.

— Fica-te bem.

— Não penses que vai continuar assim por muito tempo — disse ela.

O pátio encheu-se, à medida que mais refugiados iam saindo das instalações de desinfestação, todos com as suas roupas praticamente novas. Soldados da SS apareceram e conduziram o grupo durante quase três quilómetros a pé até a um grande campo de edifícios e tendas, rodeado por uma vedação alta de madeira e arame.

Já no interior, foram registados, mediram-lhes a temperatura para identificar e isolar qualquer pessoa com febre e, em seguida, foram destacados para tendas no outro lado de uma parada a leste do edifício maior do campo. O clã Martel

alargado ficou com três tendas com altura suficiente para todos, exceto para Johann. Marie e os gêmeos ficaram com Malia e Lydia. Havia catres com colchões de palha novos e cobertores, toalhas e sabonete, e uma lanterna pendurada num poste. Depois de tantas semanas a fugirem da guerra, a dormirem na terra por baixo da carroça e amontoando-se em túneis de escoamento durante os bombardeamentos, aquelas instalações simples quase pareciam boas de mais para serem reais.

E a comida! Qualquer coisa saborosa estava ao lume e havia pão no forno. Tinham identificado todos aqueles aromas ao passar pelo grande edifício perto da parada. Depois de arrumarem os seus pertences, foram levados de volta para aquele pavilhão, um amplo refeitório onde esperaram em fila, para comer massa com ovo, salsichas de porco, cebola, puré de maçã e pãezinhos frescos com manteiga. Os pequenos receberam leite com chocolate derretido. Emil e Adeline tiveram direito a pequenas canecas de cerveja rica em lúpulo e espuma.

— É um banquete! — exclamou Adeline, abanando a cabeça enquanto olhava para o prato que tinha na mão.

— E tudo para nós?! — estranhou Malia.

— Não estava à espera disto — disse Emil, enquanto se dirigiam para longas mesas com bancos corridos.

Walt desatou a comer assim que se apanhou sentado, enfardando a massa e a carne tão depressa que a mãe teve de o mandar abrandar.

— Mas é tão bom — protestou ele, com as bochechas cheias.

— Ainda acabas por morrer engasgado e o bom havia de te servir de muito — disse-lhe Malia.

— Ouve a tua tia e vai com calma — repreendeu-o Adeline. — Aprecia esta dádiva do céu.

Qualquer que fosse a sua origem, também Emil encarava aquela refeição como uma dádiva. Comeu cada garfada e colherada como se fossem as primeiras. Bebeu um gole de cerveja e estalou os beiços. Com a cabeça a girar um pouco, os ombros descaíram-lhe lentamente.

Olhou para Adeline e para os pequenos, e, com cada gole de cerveja — a primeira vez que bebia álcool desde aquela noite com Nikolas —, ia-se sentindo mais calmo, mais relaxado e mais propenso a uma gargalhada.

Quando fora a última vez que tal acontecera? Quando fora a última vez em que não estivera constantemente a zelar pela sua sobrevivência? Pela sobrevi-

vência da sua família? No segundo dia da marcha? Quando Will tivera de fazer chichi, quando ele não podia parar a carroça?

Independentemente de quando tivesse sido, o peso da vigilância permanente abandonou-o com a segunda cerveja, o que lhe permitiu sentir-se bem, tão bem que agarrou Adeline pela anca, virou-a para si e beijou-a, enquanto os rapazes e Malia assobiavam e batiam palmas.

— Amo-te — disse ele.

— Estás bêbedo.

— Amo-te na mesma.

Não estavam tão a oeste quanto Emil era capaz de imaginar, algures do outro lado do mar, mas o pior parecia ter ficado para trás. Ele sentia-o nos ossos. Tinham passado por um pesadelo, mas haviam sobrevivido para desfrutar de uma refeição como aquela, à qual apenas haviam de seguir-se dias melhores.

Depois de acabarem com a barriga cheia e inchada, os Martel percorreram o campo de refugiados que continuava a receber gente, encontrando as latrinas e os chuveiros e os portões na cerca que davam acesso à clínica médica e a outros edifícios externos. Uma hora depois, no lusco-fusco e nas sombras do fim do dia, acenderam-se holofotes e os altifalantes convocaram-nos para a parada junto ao refeitório. Numa extremidade, havia uma espécie de palco baixo com bandeiras nazis de cada lado de um grande microfone de rádio.

O major Hausmann subiu ao palco e dirigiu-se ao microfone.

— Imagino que tenham gostado da vossa refeição depois de uma viagem tão longa? — perguntou ele.

A multidão rugiu, aprovadora.

— Foi um presente de boas-vindas do *Reichsführer* Heinrich Himmler, que autorizou as marchas que vos salvaram, a vocês e a mais de cem mil outras pessoas. Uma vez que fazem parte da última destas marchas, o *Reichsführer* Himmler queria estar aqui para vos receber pessoalmente, mas viu-se inevitavelmente retido. Não obstante, o *Reichsführer* enviou uma mensagem que me pediu que vos lesse.

O major retirou um pedaço de papel do bolso do peito e começou a ler:

— «Dou as boas-vindas aos últimos alemães do Mar Negro a chegar a Warthegau. São muito importantes para o Terceiro Reich e para o *Führer*, boas cepas de sangue alemão puro e leal, de regresso à grande pátria para fortalecer as nossas raízes arianas após um século de afastamento. Saibam que vos considero uma parte fundamental de um futuro alemão em expansão, onde o judai-

co-estalinismo será completa e permanentemente destruído. Encontram-se atualmente em quarentena e assim continuarão durante as próximas semanas, até que os médicos declarem que é seguro juntarem-se à população geral. Mas em breve ser-vos-á atribuída uma casa e uma forma de serem úteis ao Reich. Dou-vos mais uma vez as boas-vindas e congratulo-vos. Assinado, Heinrich Himmler, *Reichsführer* da *Schutzstaffel*.»

Outros oficiais da SS começaram a aplaudir, enquanto o major Haussmann baixava a carta e olhava com expectativa para os refugiados, que também começaram a bater palmas. Em breve, todos estavam a aplaudir e alguns a assobiar em aprovação.

Haussmann deixou que os aplausos aumentassem e se prolongassem por algum tempo, antes de levantar as mãos a pedir silêncio.

— Daqui a pouco, vão formar filas para que médicos e enfermeiras vos façam um rápido exame, antes de poderem ir dormir. Amanhã, deverão ter os vossos documentos convosco para provar a vossa ascendência alemã e, assim, receberem o vosso *Umsiedlerausweis*, ou bilhete de identidade de realojamento. As candidaturas têm de incluir os vossos *Einbürgerungsantrag*, *Stammblatt*, *Volkstumausweis* e *Lebenslauf*.

Adeline inclinou-se para a frente e sussurrou ao ouvido de Emil:

— Temos tudo isso?

Ele assentiu com a cabeça.

— Requerimento de naturalização, árvore genealógica, bilhete de identidade étnica e a nossa história de vida.

Haussmann ainda estava a falar:

— A minha missão de proteção encontra-se agora concluída, embora vá continuar aqui até que sejam transferidos para alojamentos permanentes. Sei que foi uma viagem cansativa, mas agora estão seguros. O mais importante, como o próprio *Reichsführer* Himmler acabou de dizer, o vosso sangue puro ariano também está seguro.

Os altifalantes começaram a transmitir música.

Haussmann pôs-se em sentido e projetou o braço direito na saudação nazi.

— *Heil* Hitler! — rugiu ele. — Bem-vindos ao Terceiro Reich!



Perto do palco, um grande grupo de refugiados semiembriagados respondeu de imediato com a saudação e gritos de «*Heil* Hitler!» Entre os Martel e os outros alemães do Mar Negro, a reação foi mais moderada.

Hausmann ficou imóvel, com uma expressão furibunda, e berrou:

— *Sieg!*

Todos os soldados presentes naquele campo levantaram o braço e gritaram:

— *Heil!*

O major olhou arregalado para os refugiados

— *Sieg!*

— *Heil!* — berraram os soldados e muitos dos refugiados.

— *Sieg!*

— *Heil!*

Pela oitava vez, reparou Emil, cada refugiado, cada membro da sua família, com ele, Adeline e os dois filhos de ambos incluídos, estavam a responder ao apelo de Hausmann e a levantar o braço em simultâneo.

O major parou, o braço ainda levantado na saudação, o braço de todos no campo ainda levantado na saudação. Um disco começou a tocar num altifalante, estática e estalidos que deram lugar a trombetas estridentes, rufar de tambores e um coro de homens e mulheres a cantar *Horst-Wessell-Lied*, o hino do Partido Nazi. Todos os soldados começaram a cantar. Um a um, todos os refugiados também. Se não sabiam a letra, agiam como se a soubessem, enquanto soava a canção das lutas de rua dos camisas-castanhas de Adolf Hitler:

A bandeira ao alto! As fileiras cerradas!

As SA marcham em firme e corajoso passo.

Camaradas fuzilados pela Frente Vermelha e pelos reacionários

Marcham em espírito nas nossas fileiras.

Desimpeçam as ruas para os batalhões castanhos,

Desimpeçam as ruas para os homens da Sturmabteilung!

Milhões olham já para a suástica, cheios de esperança.

O dia da Liberdade e do Pão desponta!

A chamada foi feita pela última vez!

Estamos todos preparados para a luta!

Em breve a bandeira de Hitler flutuará sobre todas as ruas.

A nossa servidão não haverá de durar muito mais!

A bandeira ao alto! As fileiras cerradas!

As SA marcham em firme e corajoso passo.

Camaradas fuzilados pela Frente Vermelha e pelos reacionários,

Marcham em espírito nas nossas fileiras.

Quando a gravação terminou, Haussmann dirigiu-se novamente ao microfone.

— *Heil* Hitler! — berrou ele, estendendo o braço em frente e para o alto.

— *Heil* Hitler! — gritaram os refugiados, com mais entusiasmo.

— *Heil* Hitler!

Os refugiados gritaram de volta ainda mais alto. Emil reparou mais uma vez que, à oitava repetição, todo o campo estava a gritar «*Heil* Hitler!» numa só voz, única e monstruosa.

Haussmann sorriu.

— Muito bem. Agora, perfilem-se aqui numa de dez filas, para um breve exame médico e, depois, podem retirar-se.

Os Martel seguiram para a fila mais pequena, que passava diante do palco e terminava num médico e numa enfermeira, ambos com máscaras cirúrgicas, que estavam a examinar as pessoas, uma a uma.

Emil reparou que Nikolas estava um bom bocado à frente deles na fila de refugiados étnicos alemães, quase a chegar ao médico. Quando ele passou por Haussmann, o major da SS baixou a cabeça em sinal de reconhecimento.

— Estou cansado, papá — disse Will.

— Dói-me a barriga — queixou-se Walt.

Emil desviou a sua atenção de Haussmann e Nikolas, quando Adeline disse:

— É o que acontece quando se come muito depressa depois de semanas a comer pouco.

A fila estava a avançar mais depressa. Emil ergueu os olhos e viu o major da SS menos de dez metros à sua frente, ainda no palco; um oficial subalterno dirigiu-se a Haussmann com um pedaço de papel, que ele aceitou e começou a ler. Todavia, quando Emil passou por ele, o major levantou a cabeça, estabeleceu contacto visual e assentiu com a cabeça. Emil retribuiu o aceno e seguiu em frente.

Alguns momentos depois, Emil olhou de volta para o palco e viu o major Haussmann a fitá-lo. Os olhares encontraram-se. Uma das sobrelhas do oficial da SS arqueou-se e um sorriso duro surgiu-lhe nos lábios, antes de ele assentir e agitar um dedo na direção dele.

Emil virou-se para a frente, enquanto sentia o coração cair-lhe até à boca do estômago. *O que é que aquilo queria dizer?*

Não se atreveu a olhar para trás, embora aquela pergunta continuasse a meter-lhe medo, tanto na cabeça como nas entranhas. Precisou de toda a sua força de vontade para responder ao médico que os examinou, a ele, Adeline e aos rapazes, depois de lhes tirar a temperatura e perguntar por febres ou doenças persistentes que pudessem ter tido nos três meses anteriores. Emil respondeu-lhe que não adoecia há cinco anos, o que era verdade. Adeline disse que Walt estivera doente no ano anterior, mas que Will estava de boa saúde. O médico fez-lhes sinal para avançarem.

Já anoitecera. Will estava tão cansado que Emil o sentou nos seus ombros e o levou para a tenda. Enquanto caminhavam, Walt perguntou:

— Mamã? O Heinrich Himmler é Deus?

— O quê?! Não! O que é que estás para aí a dizer?

— A mamã disse que o jantar era uma dádiva do céu e o major disse que era um presente de Himmler — explicou Walt. — Como é que isso faz sentido?

— Pois, não faz — disse ela, cansada. — De quem quer que tenha vindo aqui na Terra, foi uma dádiva do alto para nós. É nisso que eu acredito.

Para variar, a resposta pareceu contentar Walt, e, pouco depois, Adeline já os deitara, cada um na sua cama.

— Eles não precisam de fazer chichi? — perguntou Emil.

— Disseram que estavam demasiado cansados — respondeu ela.

— Mas eu preciso.

— Eu também — disse ela.

Deixaram Malia a cuidar dos rapazes, agarraram na lanterna e foram à latrina. Emil despachou-se depressa e estava no exterior à espera de Adeline, quando Nikolas se aproximou e parou a um metro dele, com um sorriso matreiro no rosto.

Emil empertigou-se e disse:

— Está a parecer-me que um joelho rebentado não te ajudou a ouvir melhor.

— Eu oiço muito bem — disse Nikolas, o sorriso tornando-se radioso. — Ouvei perfeitamente o que *Sturmbannführer* Haussmann me disse há uns ins-

tantos. Sem o cabelo e a barba, ele reconheceu-te, Martel. Agora, ele lembra-se de quem tu és.

TERCEIRA PARTE

Lançados ao Vento e aos Lobos

Capítulo Dezoito

Adeline saiu da latrina e viu um homem alto à luz da lanterna; coxeava à medida que se afastava de Emil, que por sua vez ficou a olhar para ele com uma expressão profundamente abalada.

— O que é que se passa, Emil?

— Apenas cansaço — respondeu-lhe ele, embora evitasse encará-la.

— Não é o mesmo homem que apareceu com o major no nosso acampamento junto à fronteira romena?

— Era ele? — perguntou Emil. — Perguntou-me onde ficava a clínica médica e eu mostrei-lhe. Tens a certeza?

Adeline tinha quase a certeza, mas deu-lhe benefício da dúvida e voltaram em silêncio para a tenda. Ele despiu imediatamente o casaco e meteu-se debaixo do cobertor. Ela não demorou a apagar a lanterna e a juntar-se a ele, abraçando-o por trás.

— Eles estão a dormir — sussurrou ela.

— O quê?

— Tu sabes. Se te apetecer...

Seguiu-se um longo silêncio.

— Estou mais do que cansado.

Adeline virou-se e deixou-se ficar de costas, com os olhos fechados.

Conseguia sentir a tensão que emanava do marido como ondas. Aprendera a dar-lhe espaço quando ele ficava assim. Se havia alguma coisa que estava a incomodá-lo, ele procurá-la-ia assim que descobrisse uma forma de resolver o problema. Ele era assim mesmo e Adeline adormeceu a dizer a si própria que talvez tivesse razão: havia coisas que não valia a pena saber.



No dia seguinte, a família Martel passou por cinco horas de entrevistas e inspeção de documentos. Em cada um dos oito postos, foram interrogados por

vários oficiais de imigração e naturalização — que chegaram a ser seis —, a respeito de tudo, desde a história pessoal de cada um a potenciais ocupações e ao valor das terras que tinham deixado para trás. Também foram fotografados e submetidos a exames médicos completos, que incluíram medições pormenorizadas do crânio, dos maxilares e dos ossos dos braços e das pernas, tudo parte da investigação racial requisitada pelo próprio Himmler.

No fim do processo, cada família recebeu uma fotografia emoldurada de Adolf Hitler, bilhetes de identidade provisórios de realojamento e ficou a saber que seria transferida para alojamentos mais permanentes, assim que a quarentena fosse levantada.

Os mais recentes residentes da Grande Alemanha do *Führer* rapidamente entraram no ritmo militar da vida num campo de refugiados. Embora os rapazes falassem alemão e um pouco de russo desde que tinham nascido, passados poucos dias foram matriculados numa escola improvisada, para aprenderem a ler e escrever em alemão correto e a dominar as bases da aritmética. Com a exceção de Karoline e Lydia, os adultos receberam empregos. Malia e Marie trabalhavam na lavandaria, ao passo que Adeline trabalhava na cozinha, o que lhe agradava porque adorava cozinhar e todos os dias aprendia algo de novo com as cozinheiras. Johann varria os caminhos entre as primeiras oito fiadas de tendas. Emil recebeu ordens para esvaziar as latrinas, o que fez estoicamente. Como dizia a si mesmo várias vezes: *A minha família está segura. A comida não é a mesma da primeira noite, mas estamos a ser alimentados e temos um lugar onde viver. Limpar as latrinas é o mínimo que posso fazer.*

Emil regressava à tenda todas as noites, depois de despir o fato-macaco que os homens de Haussmann lhe davam e depois de um chuveiro com um potente sabonete de lixívia, que o deixava com um cheiro peculiar e persistente. O passar dos dias transformou-se em meados de junho de 1944 e, mesmo assim, Adeline nunca ouviu o marido queixar-se da sua sorte merdosa.

Por volta daquela altura, contudo, Adeline começou a reparar que as entregas de alimentos na cozinha iam sofrendo em termos de qualidade e quantidade; e ouviu um dos cozinheiros dizer que Roma caíra nas mãos dos Aliados e que a Wehrmacht estava mergulhada em batalhas campais contra os Aliados em França, sendo que tudo isto estava a desviar mão de obra e mantimentos de todas as regiões do Reich, para França a oeste e para Itália a sul.

Quando ela contou tudo isto ao marido, ele ficou animado porque, disse-lhe ele, aquilo queria dizer que os Aliados ocidentais tinham invadido a Europa e

iriam atrás de Hitler.

— Não percebes? — sussurrou ele. — Os Aliados? São a nossa saída para oeste, Adella. Tudo o que temos de fazer é encontrá-los e render-nos.

Ela olhou para Emil como se ele tivesse perdido o juízo.

— Queres atravessar a Polónia e a Alemanha a pé, até França, passar pela Wehrmacht, atravessar a batalha e sobreviver o tempo suficiente para te renderes? Em primeiro lugar, não és soldado. Eu também não. Não podemos render-nos.

— Não interessa. Se conseguirmos chegar aos Aliados, seja lá como for, passamos a ser refugiados *deles*. Podemos trabalhar para eles, Adeline. Se for preciso, limpo sanitas para o resto da vida. Talvez eles nos mandem para oeste, para o outro lado do oceano, como agradecimento pelo nosso trabalho árduo.

Adeline franziu o cenho.

— Isso é um grande «talvez», quando tenho de pensar em dois filhos pequenos, uma mãe e uma irmã, sem falar nos teus pais e na minha prima com os gémeos. E a Rese. Queres que a tua irmã corra pelo meio de balas e bombas, para se render?

— Não. Carregamos a Rese se for preciso. E as balas não hão de acertar-nos.

— Agora, estás a soar ao cabo Gheorghe. E nem sequer foste atingido na cabeça.

Ela estava a tentar ter graça, mas ele ficou bastante irritado:

— Exatamente: não fui atingido na cabeça. E não sou nem um pouco parecido com o maldito cabo Gheorghe!

Ela ergueu as duas mãos.

— Tira um tempo para pensar nisso, Emil. Não podemos sair deste campo, pelo que, seja como for, não podemos andar por aí à procura dos Aliados.



Aquilo deixou Emil mais calmo durante vários dias, até que começou a correr no campo a notícia de que a quarentena iria ser levantada em breve e que eles iriam mudar-se para alojamentos permanentes na pequena cidade de Wielun, cerca de vinte e dois quilómetros a sudoeste. Emil começou a estudar a posição das estrelas no hemisfério norte, com base num livro que os rapazes haviam recebido na escola.

— Há anos não lê um livro — disse-lhe Adeline. — Porque é que estás interessado nesse?

Emil olhou para ela com cara de poucos amigos.

— Posso ter só cinco anos de escola, mas sei ler e escrever, e não sou estúpido.

— Nunca disse tal coisa, Emil — disse ela, corada. — Só fiquei curiosa.

— Se souberes a posição das estrelas, podes orientar-te à noite, Adella, o que acho que talvez possa ajudar-nos a chegar aos Aliados e a tornar-nos *seus* refugiados.

— A pé durante a noite?

— Sim. Só durante a noite.

— Vamos acabar todos de borco no chão — disse ela. — Partimos o nariz ou as pernas.

Emil suspirou.

— Ou podemos abrir caminho rumo à liberdade.

Ele tentava passar algum tempo todos os dias a ouvir notícias da guerra atrás das latrinas dos oficiais da SS e a tentar calcular quanto tempo seria preciso para chegarem às linhas aliadas. À noite, Emil ficava no exterior a estudar a posição relativa da Estrela do Norte e das constelações. Mas sempre que falava numa fuga para oeste depois de serem libertados do campo, Adeline mostrava-se cada vez mais incomodada.

— Não vou fazer isso — acabou ela por dizer.

— Vais, sim — disse-lhe ele. — A dada altura, vais ter de decidir onde é que queres passar a vida — em escravidão ou em liberdade — e, se escolheres a liberdade, vais ter de correr pelo meio de uma terra de ninguém, com balas a zunirem à volta da tua cabeça, para chegares lá. Não acho que haja maneira de o evitar. Se quisermos essa vida, teremos de correr o risco de morrer por ela.



Foram acordados na madrugada de um dia do final de junho, com ordens para recolherem as suas coisas e se apresentarem na parada, onde o major Hausmann os esperava ao microfone.

— A vossa quarentena acabou — disse ele. — Os pertences que entregaram na estação de comboios vão ser-vos devolvidos, e vai ser-vos dado um endereço,

uma chave e um mapa que vos levará a vossa casa, bem como uma explicação do sistema de racionamento de comida, que é importante se pretendem comer. Uma vez na vossa nova casa, os adultos devem apresentar-se ao respetivo oficial da EWZ, que vos atribuirá um trabalho de acordo com as vossas habilitações.

— E a Rese? — perguntou a mãe de Emil, preocupada.

— Eu já lhe disse, mamã — respondeu Emil. — Os médicos disseram que ela está a recuperar e será levada para Wielun, assim que puder viajar.

Disseram-lhes que se organizassem junto aos vagões em que haviam chegado, sendo o dos Martel o primeiro a partir. Pouco depois, estavam a passar pelos portões pela primeira vez em cinco semanas. Estava um dia de verão bonito e quente. A pequena carroça deles foi uma das primeiras a ser descarregada do camião e estava tudo como eles haviam deixado, até os alimentos secos.

Emil recebeu a chave, o mapa que os levaria até à nova casa em Wielun e os primeiros cartões de racionamento. Emil estudou o mapa, que mostrava as novas casas acessíveis por um de três trajetos. Estava perdido nos cálculos da distância de cada um deles, quando ouviu o major Haussmann chamar:

— Martel?

Olhando para cima, Emil viu o major Haussmann à sua frente, à vontade, a fitá-lo diretamente nos olhos. Sentiu um nó no estômago. Pensava que, assim que passassem os portões, ficariam livres dele para sempre. Mas ali estava Haussmann.

Baixou o mapa e perguntou:

— Sim, major?

— Uma palavra antes de se ir embora, *bitte* — disse o oficial da SS. — Em particular.

— Com certeza, major — disse Emil, sentindo-se ainda pior, olhando para a mulher e os filhos, interrogando-se se seria pela última vez, antes de seguir o oficial da SS ao longo da cerca do campo, acompanhando a elevação natural do terreno e, depois, descendo até a uma depressão onde não poderiam ser vistos da estrada.

O major girou nos calcanhares para o encarar, com a sua *Luger* em punho e a mesma expressão de diversão desvairada que Emil lhe vira no rosto naquela noite em Dubossary, muito tempo antes. Aterrorizado, Emil ergueu as mãos.

— Eu sabia que já te tinha visto, apesar de todo aquele cabelo e barba — disse Haussmann. — Mas quando te vi sem eles, soube que eras tu, o que não

deixa de ser estranho porque vi dezenas de milhares de caras desde aquela noite. Todavia, a tua destacou-se. Porque será, Martel?

Emil ponderou se deveria continuar em silêncio, mas acabou por dizer:

— Não sei, major.

— Mas sei eu, por acaso — disse Haussmann, com uma risada cáustica. — A tua cara destacou-se, porque pertence ao primeiro verdadeiro cobarde que encontrei na Ucrânia. Tu lembras-te, não te lembras, menino da quinta?

Emil respirou fundo e disse:

— Major, aquela regra era...

— Quero lá saber das regras de outro cobarde qualquer — disse ele a ferver, sacudindo a arma.

— Uma regra de Himmler — disse Emil.

— O que é que o *Reichsführer* Himmler sabe, na realidade? Ele esteve no terreno com espingardas e pistolas, a resolver o seu Problema Judeu? Não. Eu é que estive no terreno a resolver-lhe o problema. Deveria ter-te abatido naquela noite, mas não o fiz. E agora, como por milagre, tenho a oportunidade de corrigir o meu erro.

A pistola de Haussmann ergueu-se e Emil, a tremer, olhou para o nazi do outro lado do cano da arma.

— Vai simplesmente abater-me?

— Não seria a primeira vez que o faço.

— Espere, por favor — pediu Emil, numa voz estrangulada. — Tenho sido um bom alemão desde então. Por favor, tudo o que quero é uma vida melhor para a minha família. Peço-lhe que não deixe a minha mulher viúva e os meus filhos sem pai. O pai da minha mulher foi levado para a Sibéria e nunca mais tivemos notícias dele. Ela não havia de suportar, se eu a deixasse assim.

Haussmann premiu o gatilho.



Adeline ainda estava a observar a colina onde Emil desaparecera com o major Haussmann, quando ouviu o disparo e estremeceu violentamente. Levou uma mão à boca e, a cambalear, estendeu o outro braço para se agarrar ao lado da pequena carroça.

— Não — arquejou ela, debilmente.

— Mamã? — perguntou Walt, correndo para ela. — O que é que aconteceu agora mesmo?

Adeline ficou ali em estado de choque, a olhar para a elevação onde vira Emil pela última vez, a gritar silenciosamente do fundo da sua alma para que Deus o poupasse e protegesse.

Por favor, meu Deus, se alguma vez existiu um bom homem, um bom pai e um bom marido, é o Emil Martel. Durante todos estes anos desde que o conheci, nunca hesitou em fazer o que estava certo. Nem uma única vez. Ele merece melhor; ele merece...

Um segundo disparo rasgou a manhã.



Emil estava de joelhos, a tremer da cabeça aos pés, os ouvidos a zunirem, e convencido de que estava prestes a morrer, porque os dois tiros lhe haviam passado mesmo ao lado dos ouvidos, as balas indo cravar-se no aterro atrás dele. Haussmann não falharia uma terceira vez.

Ergueu os olhos e viu o nazi sorrir e baixar a *Luger*.

— É o suficiente — disse Haussmann. — Ver-te assim, a tremer, prestes a cagar as calças. É o suficiente. Antes, eu precisava de os ver morrer, ver o sangue e a vida a esvaírem-se deles. Mas, há cerca de um ano, percebi que me dava mais gozo vê-los implorar, e a reação ao primeiro tiro intencionalmente falhado dava-me mais gozo do que matá-los. Ver-te destruído é o suficiente, Martel. Levanta-te. Volta para a tua família.

Sentindo-se fraco como um cordeiro e sem confiar no oficial, Emil levantou-se, vacilante, e olhou para Haussmann com uma expressão vazia.

— Posso ir?

— Podes, mas não penses por um segundo que o teu castigo acabou — respondeu-lhe o major. — Há de continuar bem depois de eu me ir embora. Certifiquei-me disso. E enquanto tu e a tua família sofrem durante os próximos meses, quero que penses nos teus atos naquela noite em Dubossary. Na tua cobardia.

Apontou para o casaco de Emil.

— Quero que penses nas roupas que tens vestidas e no lugar onde tens a sorte de viver por causa de pessoas como eu. E quero que decidas se queres real-

mente fazer parte do Terceiro Reich, ou se deverias voltar para a tua vida sob o domínio de Estaline e dos seus judeus imundos.



Will começara a chorar.

— Mamã! Onde é que ele está?

Adeline não conseguia responder-lhe. Continuava a olhar fixamente para o ponto na colina onde vira Emil pela última vez, ainda a rezar a Deus para que o libertasse, quando detetou um movimento.

Walt, que subira para a carroça, gritou:

— É ele! É o papá!

Adeline começou a correr para Emil assim que ele surgiu no topo da colina. Walt e Will fizeram o mesmo. Mas ele ergueu as mãos, abanou a cabeça e correu direito a eles.

— O que é que aconteceu?

— Uma ratazana — respondeu ele, pálido e a suar como tivesse corrido durante uma hora, e a apontar para a carroça. — Vamos embora. Já!

Ela queria insistir, mas percebeu que não conseguiria sacar-lhe mais nada.

— Eles disseram que os camiões iriam levar-nos dentro de pouco tempo.

— Quero lá saber.

Assumiram as suas posições à frente e atrás da carrocinha. Emil começou a puxá-la com força. Adeline, Malia e Lydia bufavam para lhe acompanhar o passo.

— Calma, Emil — arquejou Adeline. — Não conseguimos acompanhar-te.

— Então, puxo sozinho até chegarmos à floresta — disse ele, esforçando-se ainda mais.

Dez minutos depois, com os restantes em passo de marcha e apenas Emil e Adeline ainda a puxar a carroça quase a trote, subiram uma elevação da estrada e alcançaram a sombra das árvores. Só então ele reduziu a velocidade. Só então ele resfolegou:

— Chega. Já chega.

Ainda agarrado à pega da carroça, Emil parou e, ofegante, debruçou-se. Então, vomitou violentamente.

— Valha-me Deus, Emil! — exclamou Adeline, correndo para o lado dele.
— O que é que aconteceu?

— Eu só preciso de água — respondeu ele. — Por causa da corrida.

Ela foi-lhe buscar uma caneca com água, olhou para trás e viu os rapazes a correrem em direção a eles. Emil engoliu a água de uma assentada. Com um grande esforço, levantou-se e enxugou a cara para os receber.

— Estamos bem — disse Emil, passando os braços à volta deles, enquanto olhava para Adeline. — Agora, podemos ir para a nossa casa nova. Nunca mais vamos ter de pensar naquele lugar nem naquele homem.

Capítulo Dezanove

Camiões passavam por eles. Um deles parou para os deixar carregar as carroças. Duas horas depois, chegaram a Wielun, a primeira cidade que Hitler atacara ao invadir a Polónia em 1939. Uma parte considerável ainda estava em ruínas, resultado dos bombardeamentos da Wehrmacht e da Luftwaffe. Os prédios que haviam escapado estavam desertos ou cheios de polacos ressentidos, que olhavam furiosos para os alemães do Mar Negro enquanto estes descarregavam os seus escassos pertences e partiam à procura do seu novo lugar no mundo.

A caixa do camião não tinha cobertura de lona, pelo que Adeline pudera ver que os arredores eram em grande parte terras agrícolas. Muitas tinham ficado por cultivar, o que a surpreendeu e deixou apreensiva. Se as colheitas não estavam a ser feitas, como é que eles iriam comer?

Os produtos secos que tinham trazido do Leste não durariam para sempre.

Transmitiu estas suas preocupações a Emil, enquanto vagueavam pelas ruas estreitas e pelo meio dos escombros das bombas, em busca do seu novo lar.

— Eles disseram que vamos receber cartões de racionamento — disse-lhe Emil. — Além disso, não quero ficar muito tempo aqui. Há de chegar uma altura, Adeline, em que teremos de ir para oeste.

— Há de chegar. Mas não agora. Os rapazes precisam de uma vida tranquila durante algum tempo, e eu também.

Encontraram finalmente o endereço: uma construção cinzenta com estrutura de madeira — três andares delapidados a precisarem urgentemente de reparações. O alpendre da frente abatera. A porta pendia empenada das suas dobradiças e rangeu quando Emil usou a chave para a abrir, revelando um corredor estreito e umas escadas ainda mais estreitas que desapareciam nas sombras.

Havia seis apartamentos no interior, dois em cada piso. Os do primeiro estavam inabitáveis. Os pais de Emil e a prima Marie com os seus gémeos ficaram

com os apartamentos do segundo andar. A família de Emil e a mãe e a irmã de Adeline ficariam com os do terceiro.

O ar no interior estava quente e fétido, com cheiro a gente. Quando subiram as escadas, os degraus estalaram como se estivessem prestes a partir-se sob os seus pés.

— Isto é seguro? — perguntou Lydia, agarrando-se ao corrimão com as duas mãos.

— Subimos e descemos um de cada vez, até termos a certeza — disse Emil.

— Sentem esta brisa? — perguntou Adeline. — Atravessa a parede.

— A cavalo dado não se olha o dente — disse Karoline, ao entrar no seu apartamento.

Adeline subiu mais um lance e abriu a porta da habitação, onde deu com uma sala estreita com três bancos, uma mesa de madeira e uma cozinha na outra ponta. O lava-loiça estava cheio de pratos e o chão coberto de moscas mortas e caganitas de rato e ratazana. O mesmo acontecia com os pratos de comida negra e não identificável em cima da mesa e os globos das lanternas apagadas.

— Parece que saíram à pressa — disse ela. — Provavelmente, durante o bombardeamento.

— Cheira mal aqui dentro — disse Will.

— E também está calor — disse Walt. — Não gosto deste lugar.

— Não temos escolha — disse Adeline. — Faremos o melhor que pudermos com o que temos. Mas está calor aqui. Vão lá para fora, vigiem a nossa carroça e fiquem juntos.

Depois de os rapazes saírem, ela e Emil descobriram a origem do mau cheiro — duas ratazanas mortas — no estreito quarto de solteiro, que tinha uma pequena janela, dois beliches de madeira e nenhuma roupa de cama. As paredes estavam cheias de números a lápis, equações e provas de Geometria, que ela reconheceu dos seus tempos de escola. Uma camisola esfarrapada esquecida e uma camisa rasgada pendiam de um prego nas traseiras da porta.

— Bem — disse Adeline, registando a desolação total da sua nova casa —, acho que, a partir daqui, isto só pode melhorar.



Emil tentou sorrir-lhe. Mas estava cada vez mais convencido de que aquele apartamento e aquele edifício haviam sido escolhidos para ele e para a sua fa-

mília pelo major Haussmann, para que todos sofressem pelo que ele fizera ao oficial da SS em setembro de 1941. E ele não vira Nikolas entrar num prédio muito mais agradável? Claro que vira. Nikolas estava a ser recompensado, enquanto Emil e a sua família eram castigados.

— Sem água corrente — disse Adeline, quando entrou na área da cozinha.

— Vamos ter de encontrar o poço comunitário — disse Emil. — E a latrina.

— Isto sempre ajuda — disse Adeline, tirando de um canto uma raquítica vassoura de palha e uma pá de lixo. — Podias tratar disso? Levar os rapazes e procurar água? Tens ali dois baldes. E, antes de saíres, por favor, abre todas as janelas.

Ela tirou o lenço da cabeça e amarrou-o à volta do nariz e da boca. Emil sorriu. Quando a sua mulher começava a limpar, era um furacão. Depois de lhe abrir as janelas, pegou nos baldes e desceu, aproveitando para espreitar os apartamentos de Marie e dos pais dele, igualmente miseráveis e austeros.

Na rua, Johann abanou a cabeça assim que viu Emil.

— As janelas não vedam — disse o pai. — O inverno vai ser frio.

— Vou pedir outras casas amanhã — disse Emil.

— Vamos procurar água — disse Walt. — Não quer vir, *Opa*?

Johann pensou sobre isso. Quando Karoline começou a gritar a respeito de qualquer coisa lá dentro, ele assentiu antes de agarrar em dois baldes de lata. Na rua, encontraram um polaco que falava alemão suficiente para lhes indicar um poço público a vários quarteirões dali.

Depois de irem até lá, esperarem na fila, tirarem a água e voltarem ao terceiro andar, Adeline já varrera a maior parte das moscas e das caganitas de roedor, e despejara-as pela janela. Encontrou uma barra de sabão sob a pilha de pratos e panelas no lava-loiça. Ela e Emil usaram a camisola e a camisa rasgada que tinham ficado para trás como esfregonas, para lavar o chão e os beliches com a água de sabão.

Uma vez que os rapazes conheciam o caminho para o poço, Emil incumbiu-os do reabastecimento de água. Com os dois baldes seguintes, lavaram os pratos, tachos e panelas e, então, fizeram um inventário da cozinha. Só então começaram a retirar da pequena carroça o que restava dos seus pertences.

Não havia combustível no fogão, mas o da mãe de Adeline produzia uma chama. Naquela noite, ela cozeu os últimos pãezinhos *Zwieback* no apartamento da mãe. Também prepararam uma sopa com os alimentos secos e duas cebo-

las tocadas que Adeline surripiara na cozinha do campo de quarentena, antes de partirem naquela manhã.

Esperaram para comer só depois de o sol se pôr, levando com ele o calor estival. À luz da lanterna, Adeline pediu que todos dessem as mãos e agradecessem a Deus pela sua libertação dos soviets, bem como pela comida e pelo teto que tinham sobre a cabeça.

Conseguia perceber que Emil não partilhava a sua gratidão. Parecia estar a fingir-se valente, mas ela sabia que estava a matutar nas condições de vida da sua família.

Depois de os pequenos adormecerem, ela disse-lhe:

— Isto não é para sempre, meu amor.

— Eu sei — replicou ele —, mas não estava à espera de trocar uma vida má por outra pior.

— Havemos de criar uma vida melhor para nós. Não estás à espera de que te caia do céu, pois não? Uma vida melhor?

— Não espero que nada me caia do céu. Estou disposto a trabalhar para o ter.

— Trabalhas mais do que qualquer pessoa que conheço, Emil.

— Exceto tu — disse ele, abraçando-a. — Minha rainha.

Adeline riu-se.

— Uma rainha com o seu rei e os seus príncipes, no seu novo e grandioso palácio.

— Estás a esquecer-te do teu vale verde.

— Nunca.

Beijaram-se e ficaram abraçados durante muito tempo. Quando finalmente se separaram para se prepararem para dormir, pelas janelas abertas, viram relâmpagos e ouviram trovões. Meteram-se no beliche de baixo e abraçaram-se, enquanto a chuva começava a cair no telhado. Em poucos minutos, Adeline conseguia ouvir a água a cair do teto e a respingar no chão ao lado dela.

— A partir daqui, isto só pode melhorar — disse Emil, e abraçou-a com mais força.



Os dias passaram. Os rapazes começaram a ir à escola, fizeram amigos e não tardaram a ficar na rua, a brincar até bem depois do anoitecer. Adeline depressa

aprendeu a lidar com o sistema de racionamento alemão e conseguia pôr refeições decentes na mesa. Quando Emil procurou os oficiais da VoMi para pedir transferência para outros apartamentos, viu o seu pedido recusado e disseram-lhe que estava a ser ingrato por ter sido salvo dos judeus-bolcheviques.

Adeline foi destacada para trabalhar na padaria da cidade. Emil foi colocado nos poucos campos que haviam sido arados e plantados. Cavava horas a fio, ao calor, sem se queixar, feliz com a sensação familiar de ter uma enxada nas mãos e com a satisfação que tirava de um trabalho bem-feito. Quando era pequeno, antes de a família ser expulsa das suas terras e, mais tarde, quando os nazis as tinham devolvido, era assim que ele trabalhava, longa e arduamente, dia após dia. E gostava. Aquele tipo de trabalho rude assentava-lhe bem. Parecia-lhe honesto.

Enquanto trabalhava com a sua enxada, Emil fazia por não pensar no major Haussmann, mas nem sempre conseguia. Continuava a regressar ao medo que se apoderara dele quando Haussmann disparara pela primeira vez, quase lhe acertando na cabeça. Aquela recordação era o suficiente para lhe fazer disparar o coração no peito e a adrenalina explodir-lhe nas veias, turvando a recordação de tudo o que acontecera, especialmente depois do segundo tiro de Haussmann.

O que é que o major dissera? Qualquer coisa sobre as roupas que ele recebera e o lugar em que iriam viver, e que ele tinha de decidir se queria fazer parte de uma Alemanha Maior. Mas não conseguia lembrar-se da forma exata como Haussmann o dissera.

E isso importava? A cada dia que passava, ele importava-se cada vez menos. Haussmann podia tê-los metido num pardieiro, mas já não fazia parte da vida deles. Entretanto, Emil regressara aos velhos hábitos adquiridos na Ucrânia sob Estaline. Fazia o possível por não atrair atenções indevidas. Fazia o seu trabalho. Ia para casa. Passava tempo com a sua família. Olhava para o céu noturno e sonhava com o Ocidente, não como um paraíso verde fictício na imaginação de Adeline, mas como um lugar onde os governos o deixariam em paz, para criar uma nova vida graças aos seus esforços.



Todavia, à medida que julho se transformava em agosto e setembro de 1944 se aproximava, alguém reparava no trabalho árduo e diligente de Emil nos campos. O nome dele era Claude Wahl, um sargento da Wehrmacht de cara rosada que fora ferido perto de Minsk em julho de 1941. Estilhaços de uma bomba soviética tinham-lhe partido a pélvis, deixando-o com um andar desajeitado e incapacitado para o combate. Fora colocado na VoMi para trabalhar com os novos imigrantes alemães étnicos e supervisionar as quintas na área em redor do campo de refugiados de Wielun.

Tal como Emil, Wahl tinha trinta e poucos anos e fora criado numa quinta. Também tinha uma ética laboral semelhante. Um dia, quando Emil estava de saída do campo, Wahl foi ter com ele, falou-lhe e convidou-o para uma cerveja em sua casa. Emil sentiu-se pouco confortável com a ideia e tentou recusar, mas Wahl insistiu.

— Porquê? — quis saber Emil.

— Porque é o homem que mais trabalha nos meus campos e quero saber como fazer com que os outros trabalhem tanto como o Emil.

Wahl vivia na mesma rua que Nikolas, numa bela casa com água canalizada e eletricidade, muito distante do estilo de vida dos Martel. A disparidade era tão gritante que Emil ficou ressentido com a sorte da sua família e quis ir-se embora quase imediatamente. Wahl nem quis ouvir tal coisa, servindo em canecas de vidro cerveja clara de um jarro.

Depois de um longo dia no campo, a cerveja escorregou bem fresca pela garganta de Emil, ao que a sua opinião a respeito de Wahl melhorou um pouco.

— Eu já trabalhei numa cervejaria, e esta é muito boa — disse ele. — Onde é que é feita?

Wahl sorriu.

— O meu pai faz cerveja no inverno, na nossa quinta perto de Estugarda. Esta é a cerveja *hefeweizen* dele. Feita com trigo apenas para o verão.

— Excelente — disse Emil, e quando Wahl foi buscar um pedaço de linguiça, queijo e pão, descobriu que gostava ainda mais do seu chefe.

— Então — perguntou Wahl, depois de Emil se servir de algumas fatias de tudo, empurrando-as com mais cerveja —, o que é que leva um homem a trabalhar tanto como o Emil?

Ele não sabia como responder. Trabalho árduo era tudo o que ele conhecia.

— A primeira coisa que lhe vem à cabeça — disse Wahl, com um sorriso. — Essa é a resposta. A primeira coisa.

— Fome — disse Emil.

O sorriso do alemão desapareceu.

— Passou fome?

Emil assentiu com a cabeça.

— Duas vezes. Graças a Estaline.

Wahl ficou pensativo durante um momento.

— E como é que passar fome o faz trabalhar no duro?

— Quando nos lembramos do que é não comer durante dias e não ter esperança de comer no dia seguinte... quando somos capazes de nos lembrar dessa sensação, limitamo-nos a trabalhar mais ainda para garantir que nunca mais voltamos a senti-la. Passado algum tempo, é só uma coisa que fazemos.

Wahl ficou a pensar naquilo e sorriu.

— Bem, não me parece que vá deixar ninguém passar fome só para que trabalhe com mais afinco algures no futuro.

— E eu agradeço-lhe por isso — disse-lhe Emil, levantando a caneca de cerveja.

O alemão estava a observá-lo.

— Está apenas a sobreviver ou tem um plano de vida, Emil?

— Não percebo.

— Um plano. A vida na qual pensa à noite quando fica acordado.

— Eu penso em como posso proteger a minha mulher e a minha família, e no que vamos comer amanhã e quando vamos poder dormir noutro lugar.

— Isso é sobreviver.

— Então, estou a sobreviver e é uma coisa boa.

— Sim, mas permita que lhe pergunte: em que é que pensa, quando olha para as estrelas?

Emil fitou-o, com desconfiança.

— Como é que sabe que fico a olhar para as estrelas?

— Não é o que fazem todos os que já viveram numa quinta?

Emil hesitou, sem saber a melhor forma de responder. Mas havia naquele homem algo em que ele já confiava.

— Quero chegar a uma altura quando for mais velho, em que hei de ter o suficiente para viver sem me preocupar com comida nem com manter-me quente e, então, quero ir pescar. Todos os dias, se me apetecer.

— Pescar? — perguntou-lhe Wahl, e sorriu.

— Eu costumava pescar quando era pequeno — disse Emil. — Era uma maneira de conseguir comida, quando os comunistas não nos davam nada. Mas era mais do que isso. Nunca se sabia quando o peixe mordia. Havia... não sei... mistério naquilo.

— Entendo perfeitamente — disse Wahl. — Mas isso é quando for velho. E agora? O que é que se segue, depois de sair deste lugar?

— Eu quero ir para oeste — disse ele, e arrependeu-se imediatamente.

Wahl inclinou a cabeça para o lado.

— Para oeste, mas quanto?

Emil queria mudar de assunto, mas já percebera que o sargento alemão o fisgava pela boca e que não iria largar o anzol.

— Até onde puder ir — acabou por dizer. — Para o outro lado do oceano.

— Porquê? O que é que acha que vai encontrar lá?

Emil sabia que a cerveja lhe soltara a língua, que já estava atrasado para o jantar e que já falara de mais. Mas olhou bem nos olhos de Wahl e respondeu:

— Liberdade. Não é tudo o que qualquer homem quer?

Wahl não reagiu a princípio, os seus olhos fixos em Emil durante vários segundos antes de assentir.

— Correto. E, como alguém que se interessa por si, *Herr* Martel, aconselho-o a não repetir a ninguém essa parte do seu plano, enquanto a guerra não terminar.



Adeline estava furiosa com Emil quando ele chegou tarde a casa, a cheirar a cerveja, e admitiu que contara a Wahl que ele, um novo imigrante na Alemanha Maior de Hitler, sonhava ir para oeste em busca de liberdade e de um lugar para pescar.

— Estás maluco? — gritou ela. — Vão atirar-nos para uma prisão ou pior!

— Já vivemos numa prisão — gritou ele, em resposta. — Olha para este lugar!

— É o que temos — disse Adeline, tornando-se mais fria. — E se queres melhor, deverias pensar em manter-nos em segurança, não em dizer aos alemães: «Obrigado pela proteção, mas nós queremos ir para oeste, ter com os Aliados.»

— Eu nunca disse isso — disse-lhe Emil. — Mas tens razão. Foi uma tolice. Vou evitar o Wahl e não volto a falar no assunto.

Duas tardes depois, contudo, a 25 de agosto de 1944, Emil saiu dos campos, pronto para ir para casa, e deu com o sargento coxo mais uma vez à sua espera.

— Venha tomar outra cerveja, Martel — disse-lhe Wahl.

— Obrigado, sargento, mas tenho de...

— Venha daí. Tenho uma coisa para lhe mostrar, uma coisa que, parece-me, você vai achar interessante.

Emil suspirou e seguiu Wahl, enquanto o alemão lhe falava sobre a vida na fazenda da sua família e fazia perguntas sobre Adeline e os rapazes. Embora Emil estivesse conscientemente a tentar manter as suas respostas breves e vagas, o sargento tinha o condão de o fazer querer falar abertamente.

Na cozinha de Wahl, a rotina foi a mesma de antes: cerveja, salsichas, queijo e pão. Mas, em vez de pôr a comida num prato em cima da mesa, poisou-a numa tábua de corte e disse a Emil que pegasse nas canecas de cerveja e fosse atrás dele. Emil hesitou, receoso. Seria alguma espécie de armadilha?

Wahl seguiu por um pequeno corredor até a uma porta fechada e abriu-a com uma chave, antes de acender a luz. Sorriu a Emil.

— Vai achar isto interessante.

Emil engoliu em seco e seguiu Wahl. Entrou no quarto, enquanto o sargento poisava a tábua de corte com a comida numa mesa de metal. Além de duas cadeiras e de um baú de viagem com cadeado, o quarto estava vazio.

Emil pensou nas histórias que ouvira, de homens na Rússia que eram atraídos à sua perdição por outros homens que se faziam passar por amigos e que os incentivavam a falar livremente. Esses mesmos homens acabavam torturados, antes de serem enviados para a Sibéria. Os nazis seriam iguais? Era isso que o esperava por ter falado com Wahl?

— Porque é que estamos aqui? — perguntou ele, detetando o tremor na sua voz, quando Wahl lhe virou as costas e se baixou diante do baú.

Wahl abriu o cadeado e não lhe respondeu. Emil começou a suar e bebeu um gole da cerveja.

— Por favor, sargento. Do que é que se trata?

— Do caminho para o Ocidente — respondeu o alemão, e levantou-se, agora com uma outra caixa nas mãos. Abriu-lhe o ferrolho e levantou a tampa. — Alguma vez ouviu uma rádio de onda curta?

Tirou um rádio da caixa e poisou-o na mesa, perto da comida e da cerveja.

Emil ficou a olhar para o aparelho.

— A SS disse que eram proibidos aqui. Não pode ser fuzilado por ter um? Wahl riu-se.

— Poderia, se não tivesse sido operador de rádio da Wehrmacht durante muitos anos antes de a bomba me apanhar. E há alturas em que os meus superiores aqui precisam de entrar em contacto com os seus superiores em Varsóvia ou Berlim. Mas, hoje à noite, nada de transmissões.

Emil franziu o cenho.

— O que é a transmissão?

— Não podemos falar com ninguém — respondeu ele, enquanto ligava o rádio. — Mas podemos ouvir.

Emil nunca tivera um rádio de onda curta, algo que também era proibido no regime de Estaline, pelo que ficou a olhar fascinado, enquanto Wahl ligava o rádio a um altifalante e a um fio que saía pela janela até a uma antena montada no telhado. O sargento usou um interruptor e uma lâmpada vermelha acendeu-se.

— O que é que vamos ouvir?

— O que todos os homens desejam — disse Wahl.

Capítulo Vinte

Ruídos estranhos e estática começaram a soar no altifalante. O sargento rodou alguns botões e, em breve, ouviram-se vozes acima do silvo elétrico; falavam línguas que Emil não entendia, um tagarelar que o perturbou, o deixou consciente do quão pouco conhecia do mundo lá fora.

Depois de várias tentativas, o sargento conseguiu sintonizar uma voz masculina alemã numa transmissão de Berlim, que descrevia vitórias nazis em França, na Bélgica e Hungria, onde as forças do *Führer* estavam a enfrentar heroicamente os exércitos meridionais de Estaline. Wahl girou novamente o botão do rádio, parando numa língua que Emil não entendeu nem reconheceu.

— Londres — disse Wahl, olhando para ele. — A BBC em inglês.

O sargento rodou ligeiramente o botão, dizendo:

— Agora, o serviço alemão da BBC. Veja como as notícias são diferentes da versão de Berlim.

A locução da BBC era feita por uma mulher que falava um alemão perfeito e foi direito ao assunto, descrevendo a libertação de Paris e Charles de Gaulle à frente das tropas nos Campos Elísios, bem como as batalhas em curso noutras partes de França e da Itália, onde, apesar da feroz resistência alemã, os Aliados estavam a fazer progressos significativos. A locutora também referiu a recente rendição da Roménia aos soviets e o bombardeamento de Budapeste pelo Exército Vermelho, antes de passar para as notícias do Pacífico Sul.

Emil disse:

— Parece que há guerra por toda a parte.

— Não, o que parece é que a Alemanha está a perder — disse Wahl, e ergueu as mãos. — Pronto, já disse: a pátria está a perder e os Aliados estão a ganhar em quase todas as frentes. É apenas uma questão de tempo até que Hitler fique entalado entre Eisenhower e Estaline. É apenas uma questão de tempo até que Berlim caia. E nós temos de estar preparados para isso.

Depois de sair da casa de Wahl, Emil tinha tanto para contar a Adeline que lhe apetecia correr pelas ruas. O instinto e a experiência disseram-lhe para abrandar, para ser apenas um refugiado que trabalhava no campo, ignorado ou descartado como insignificante por todas e quaisquer autoridades.

Todavia, quando chegou ao prédio onde viviam, Emil voou escada acima, passou pelas portas abertas dos apartamentos dos seus pais e de Marie, onde conseguia ouvir os gémeos a chorar, e subiu o segundo lanço de escadas e entrou no apartamento onde Adeline estava sozinha, sentada à mesa da cozinha, com a cabeça baixa e de costas para a porta.

Emil fechou a porta atrás de si.

— Não vais acreditar no que aconteceu hoje.

Deu a volta à mesa até ficar de frente para a mulher, que não ergueu os olhos. Então, ele foi ter com ela, acocorou-se e disse-lhe:

— Ouvi a liberdade hoje, Adella. A voz dela, seja como for.

Adeline ergueu a cabeça e olhou para ele, com olhos turvos que se tornaram irados.

— Estiveste outra vez a beber. Consigo sentir-lhe o cheiro.

— Uma cerveja — disse ele. — E tu estiveste... a chorar?

— Talvez tenha estado. Não posso?

Ele levantou as mãos.

— Claro, é claro que podes, mas ouve-me só um segundo. Onde estão os pequenos?

Ela desviou o olhar, irritada.

— A brincar. Disse-lhes que voltassem antes do anoitecer.

— Muito bem — disse ele. — Agora, temos um amigo. O sargento Wahl.

A expressão dela tornou-se incrédula e, depois, hostil.

— Não sabes isso. E se ele for mais do que parece? E se ele é um membro da Gestapo, a tentar expor-te?

Adeline era normalmente uma pessoa tão doce que Emil ficou espantado com aquele tom.

— Mas não é.

— Como é que sabes?

Emil fê-la jurar que não iria contar a ninguém, nem à irmã, nem à mãe, nem à prima, a ninguém, e depois descreveu-lhe a sua segunda visita a casa do sargento Wahl, o rádio de onda curta e as notícias do serviço alemão da BBC.

— A queda de Paris significa que Hitler está a perder no Ocidente — disse Emil, com entusiasmo. — Os soviets tomaram a Roménia, estão a bombardear Budapeste e a aproximar-se da Polónia. A Alemanha está a ficar entalada, Adeline. Eles estão a perder.

— Porque é que acreditas num rádio? — perguntou-lhe ela, com desdém. — Achava que tínhamos aprendido a ignorar qualquer coisa dita por um governo na rádio.

— Isto era diferente — insistiu ele. — Vinha do Ocidente, de Inglaterra, onde as pessoas são livres de dizer a verdade. O Wahl diz que a Wehrmacht há de retirar para Berlim e, quando eles finalmente se renderem, havemos de querer chegar aos americanos ou aos ingleses o mais depressa possível, senão somos apanhados pelos soviets e...

A raiva de Adeline desaparecera, mas agora ela parecia preocupada.

— Não estás a ver? — perguntou-lhe Emil. — Por favor, não me ignores. O Wahl também vê.

Ela girou a cabeça e olhou para ele sem expressão.

— Vê o quê?

— O Ocidente, Adella — liberdade, aquilo que nós queremos, os Aliados —, eles vêm ter connosco! Temos de estar prontos para ir ter eles, senão os soviets apanham-nos pela retaguarda e podemos acabar todos a caminho da Sibéria, ou pior.

Adeline pestanejou algumas vezes, absorvendo o que ele lhe dissera, antes de poisar as mãos na mesa.

— Pronto. Rendo-me. Quando é que partimos nesta missão suicida?

— Não é uma missão suicida — disse-lhe Emil, com um sorriso enquanto se sentava diante dela e lhe agarrava nas mãos, que estavam frias apesar do calor do fim do verão. — É por isso que o sargento Wahl é tão importante para nós. Havemos de saber quando for a hora exata para fugir, porque ele consegue ouvir, todas as noites, no serviço alemão da BBC, onde estão os Aliados.

Adeline abanou a cabeça, como se estivesse a sacudir teias de aranha.

— Porque é que ele havia de fazer isso?

— Porque também vai para oeste — respondeu Emil. — Ele vai ajudar-nos, se puder.

— Mas porque é que ele havia de fazer isso? Porque é que falou contigo sequer?

— Ele disse que me tinha visto trabalhar com mais afinco que ninguém e queria falar comigo a esse respeito. Ainda há algumas pessoas boas no mundo, Adeline. Mesmo entre os alemães.

— Espero que sim — disse ela. — Quando é que o teu amigo acha que vamos? Amanhã? Para a semana? Antes do inverno?

— O Wahl diz que a guerra pode acabar antes do Natal, e que deveríamos estar prontos para partir assim que os Aliados atravessarem o rio Reno para tomar Berlim.

Adeline fechou os olhos por um momento; voltou a abri-los e suspirou.

— Pelo menos, não tenho de pensar nisso tão cedo.

— Mas tens de pensar nisso. Tens de...

— Não, Emil, não tenho! — gritou ela. — *Tu* tens de pensar nisso! Eu tenho outras coisas em que pensar, muito obrigada!

Emil ficou boquiaberto. Adeline raramente levantava a voz. A sua mulher sabia ser firme, mas raramente gritava.

— Porque é que estás a gritar comigo?

Adeline tentou parecer zangada, mas antes parecia perdida e, então, começou a chorar.

— Não sei. Não deveria... mas...

Ele foi ter com ela, que se levantou ao encontro dos seus braços, soluçando.

— Eu não deveria importar-me, mas importo. Eu importo-me, Emil. Eu importo-me. Eu importo-me. Eu importo-me.

— O que é que se passa? Importas-te com quê? Importas-te com quem?

Foi preciso algum tempo para ela se recompor e recuar alguns passos, a fungar.

— Estive a fazer limpezas esta manhã. Descobri uma coisa.



Adeline foi até ao canto onde estavam a vassoura e a pá de lixo. Puxou-as para o lado, antes de poisar a biqueira do sapato na prancha do soalho mais perto da parede do fundo. A tábua levantou-se o suficiente para permitir que ela a levantasse.

Introduzindo as mãos no espaço entre as vigas do sobrado, retirou de lá um livro espesso, com páginas de cantos dobrados e uma capa de cabedal escuro

polido e rachado.

— É uma Bíblia Judaica, acho eu — disse ela, ao que abriu o livro para lhe mostrar uma escrita que o deixou perplexo.

— Que língua é esta? — perguntou Emil.

— Hebraico — foi a resposta da mulher, novamente em lágrimas. — Vi uma destas em casa da Sra. Kantor, em Birsula. Ela chamava-lhe *mikra*, penso eu.

Emil franziu a testa.

— Mas porque é que estás a chorar?

Ela enxugou as lágrimas com a manga da blusa.

— Depois, fui ao poço buscar água para lavar roupa e estava a conversar com uma das polacas que falam alemão e contei-lhe o que tinha encontrado debaixo das tábuas do soalho e...

Adeline parecia perdida novamente.

— Ela perguntou-me onde morávamos. Eu disse-lhe e ela explicou-me que todo o prédio costumava ser judeu. Em seguida, disse-me que todos os apartamentos agora ocupados por refugiados em Wielun pertenciam a judeus. Todos eles. E sabes o que mais ela me disse que era deles, dos judeus?

Emil sentia-se abalado, embora pressentisse a resposta.

— O quê?

Adeline agarrou no tecido da manga da blusa como se tivesse espinhos.

— As nossas roupas — respondeu ela, com lágrimas a escorrerem-lhe pela cara. — Ela disse que eles obrigaram todos os judeus a despirem-se antes de serem mortos, e que nós recebemos as roupas deles depois de serem fervidas. A mulher parecia querer cuspir-me em cima por causa disso e, depois, foi-se embora.

Aquilo atingiu Emil em cheio, fazendo-o recordar vários faróis rasgando o crepúsculo.

Adeline perguntou-lhe:

— Não percebes, Emil? Estamos a usar as roupas de gente de bem, como a Sra. Kantor e a Esther. Talvez da gente de bem que vivia aqui. Gente que amava e tinha filhos e...

A voz falhou-lhe.

— Isto faz de nós coniventes, não faz? Com o ódio deles? Com os crimes deles? Sinto-me tão suja e envergonhada, Emil. Não sei o que fazer.

Ao ouvir aquilo, Emil teve de se sentar. A cabeça doía-lhe à conta da cerveja do sargento Wahl e agora rodopiava com culpa, arrependimento e ódio. Nunca pedira para usar as roupas de um morto. Nunca pedira que a SS estivesse em Dubossary, quando ele tivera de ir buscar material de construção. Nunca pedira a Haussmann que reparasse nele e...

— Emil! — gritou Adeline. — Preciso que me ouças!

— Eu estou a ouvir! — berrou ele em resposta, antes de baixar a voz. — Perfeitamente, Adeline. Tu não fazes parte do que eles fizeram. Fico arrepiado só de pensar que nos deram estas roupas. Se pudesse, despia-as e comprava outras, mas não posso e tu também não.

— O que é que fazemos? Quero dizer, estamos a viver com fantasmas à nossa volta, Emil. Estamos a usar a roupa deles e a dormir nas camas deles. Como é que vivemos com isso?

— Não há de ser por muito tempo. Até podermos comprar roupa nova, agradecemos aos fantasmas pelas suas roupas e pelas suas camas, e seguimos em frente. Se as coisas fossem ao contrário, havíamos de querer que eles fizessem o mesmo. A vida continua, Adeline. Eles já cá não estavam quando chegámos. Não é como se tivéssemos corrido com eles.

Ouviram o riso e os gritos dos rapazes, os passos deles escada acima. Emil pegou num pano, molhou-o no balde e entregou-o a Adeline. Ela lavou as lágrimas do rosto antes de se desfazer num sorriso e abrir os braços para receber Walt e Will, que irromperam pelo apartamento, corados, suados e felizes como só rapazes podem estar.



Adeline manteve-se concentrada na sua família, mas fez por não ignorar as roupas que usava nem a cama onde se deitava à noite. Houve momentos nas semanas e nos meses que se seguiram, todavia, em que quase se esqueceu e as roupas pareciam ser dela, e não de um fantasma, e o apartamento pertencia mais aos vivos do que aos mortos.

Rese regressou à vida deles no fim de setembro. Praeger, o mesmo médico que a levara para o hospital, levou-a para casa. Johann estava feliz, enquanto Karoline revelava pouca emoção quando a filha chegou numa cadeira de rodas, uma manta no colo, olhos vidrados e muito mais velha aos olhos da cunhada.

Rese parecia mais resignada do que feliz ao ver os pais e o resto da família, até que os pequenos apareceram. Então, surgiu-lhe uma expressão travessa no rosto.

— Querem ver as minhas pernas?

Walt parecia não querer, mas Will foi ter com ela e respondeu:

— Eu quero.

Rese afastou a manta e deixou ver que estava com pernas artificiais.

— Peggy — disse ela, apontando para a perna esquerda. — A da direita é a Hopper. Têm comprimentos diferentes, pelo que tenho de prestar atenção. A Hopper é a mais comprida.

— A tia consegue andar com a Peggy e a Hopper? — quis saber Walt, agora interessado.

— Com muletas — respondeu-lhe Praeger. — Ela até pode subir escadas.

— Vai ter de o fazer — disse Johann.

— Ela está preparada — disse o médico e, então, acocorou-se ao lado de Rese. — Chegou a minha hora. Estou de plantão esta noite.

— Vai voltar? — perguntou ela, agindo como se receasse a resposta. — Isto fica muito longe de Lodz.

— Não fica assim tão longe, Rese — disse Praeger. — Além disso, como é que eu poderia ficar longe dessa beleza e desse humor?

Rese corou, antes de perguntar:

— Vai deixar o meu remédio?

— Cá está ele — disse ele, entregando-lhe uma bolsa. — Faça-o durar. E aqui estão as muletas. A cadeira de rodas tem de subir com ela. Ela tem de começar a usar as novas pernas aos poucos e deve praticar todos os dias.

Praeger foi-se embora. Rese recebeu uma salva de palmas ao levantar-se da cadeira de rodas e subir as escadas com menos ajuda das muletas do que do corrimão. Johann levou a cadeira de rodas para cima e ela sentou-se, o suor a escorrer-lhe da testa enquanto olhava à sua volta.

— Que calos é que pisámos para nos calhar este lugar? — perguntou ela.



No mês seguinte, Adeline tentou visitar a mãe e a irmã, bem como Rese e Marie pelo menos uma vez por dia.

Lydia parecia mais feliz agora que estavam instalados nos seus apartamentos, por mais deprimentes que fossem. E Malia parecia sempre mais feliz, ou pelo menos mais divertida, quando estava a viver com a mãe. Depois do coice da mula, Lydia ficara com Malia nos braços durante horas a fio, dizendo-lhe que havia de viver e voltar para ela. Adeline sempre tivera a percepção de que a ligação entre elas era especial e aceitava-o tão bem quanto seria possível a uma filha.

Marie parecia exausta e grata sempre que Adeline lhe batia à porta e se oferecia para ajudar com os gémeos, que agora já estavam com quase seis meses. As emoções da prima oscilavam sempre que ela falava no marido desaparecido, o cirurgião.

— Como é que posso encontrá-lo? — perguntou Marie, um dia, entre lágrimas. — Como é que ele pode encontrar-me?

Adeline lembrou-se do conselho da Sra. Kantor e disse:

— Tens de confiar em Deus e acreditar que voltarão a ficar juntos. Já aconteceram histórias mais loucas, Marie.

— Conta-me uma.

Adeline falou-lhe do cabo Gheorghe e de Estalinegrado.

— Acreditaste nele? — perguntou-lhe Marie.

— Acreditei e continuo a acreditar.

Adeline nunca sabia que tipo de disposição iria encontrar quando levava Rese a passear, fosse com as pernas artificiais e as muletas ou a empurrar a cadeira de rodas da cunhada, para que ela pudesse arejar. Havia dias em que Rese parecia satisfeita, a sorrir com olhos luminosos quando Adeline ia buscá-la, a falar sobre o futuro quando estavam sozinhas. Mas eram mais os dias em que Rese estava completamente entregue à sua desgraça, censurando a mãe, o pai, Emil e Deus por terem-na salvado.

— Eu deveria estar morta — dizia ela, uma e outra vez. — Viver assim para quê? Nunca ninguém há de querer uma mulher sem pernas. Sou uma inútil, Adeline.

— Não para mim — disse Adeline. — És corajosa e estás viva, porque és uma lutadora por natureza, como o teu irmão. A vida deita-o abaixo e ele levanta-se imediatamente. Tu és igual.

— Não sou, não, e detesto a minha vida, a nossa vida. Tivemos um dia bom na nossa vida? Qualquer um de nós?

— Tive muitos dias maravilhosos na minha vida.

— Diz-me um.

— O dia em que o Walt nasceu. O dia em que o Will nasceu. O dia em que conheci o Emil. O dia em que encontrei uma galinha para a Sra. Kantor. Hás de ter dias como estes, Rese. Sei por experiência própria que as sombras não podem durar para sempre. A boa sorte há de acabar por vir ter contigo.



Adeline fazia por não pensar no plano de Emil, de correr ao encontro da guerra quando aquela estivesse suficientemente perto, e deixava-se consumir pelo trabalho e pela família. Mas então, sem mais nem menos, lembrava-se dos fantasmas que habitavam as suas roupas e o seu apartamento, o que dava início a um novo ciclo de culpa e de desespero. Passado algum tempo, aqueles círculos de pensamento pareciam ligar-se e transformar-se num oito na mente dela: a culpa do passado convertendo-se em ansiedade a respeito do futuro, continuamente, até que ela começava a pensar nas reservas de comida e no inverno que estava

a chegar, o que então desencadeava outro oito de lembranças de fome que, contorcendo-se, acabava por se reduzir ao seu receio abjeto e singular de voltar a passar fome, de não ter o que comer.

Felizmente, Emil conseguia desviar fruta, legumes e cereais suficientes da colheita, para complementar as rações alimentares, que iam diminuindo a cada semana. Emil também ia a casa de Wahl várias vezes, para ouvir o rádio de onda curta e estudar os mapas com o sargento, acompanhando as posições dos Aliados. Ficaram a saber do primeiro foguete V-2 que atingira Londres e do medo de que a superarma de Hitler pudesse mudar a maré. Mas, então, os Aliados libertaram o Luxemburgo e lançaram a Operação Market Garden, com paraquedistas a tentarem tomar as pontes importantes que cruzavam o Reno.

No rádio de Wahl, ouviram o apelo de Hitler para que todos os homens entre os dezasseis e os sessenta anos se juntassem à Guarda Nacional, para lutar contra os Aliados até à última gota de sangue alemão e tomaram conhecimento das batalhas ao longo da Linha Siegfried, a muralha ocidental de fortificações nazis. A 21 de outubro de 1944, Emil correu para casa, para falar a Adeline sobre a tomada de Aachen, a primeira cidade da pátria a cair.

Emil e Wahl tinham a certeza de que todos haviam de estar a fazer as malas e de partida dentro de poucos dias. Mas a resistência alemã revelou-se feroz. Mais de dez mil paraquedistas aliados morreram e outros seis mil foram capturados em Market Garden, e o Reno não caiu, acabando com todas as esperanças de que a guerra acabasse pelo Natal.

Entretanto, Rese passou por uma série de violentas mudanças de humor em que se mostrava tão cáustica como o habitual, ou sonolenta e ausente, e depois gritava de tanto rir, seguindo-se dias de uma amargura extrema em que atacava qualquer membro da família mais próxima que estivesse ao seu alcance.

— Porque é que isto me aconteceu? — perguntava ela, uma e outra vez.

Não obstante, foi apenas no fim de novembro que ela se tornou agitada, violenta e depois adoeceu gravemente. Foi preciso Marie e as suas capacidades de enfermagem para descobrir que Rese, tendo a seu cargo a administração dos seus remédios, se tornara viciada em analgésicos. Agora que a medicação diminuía, apresentava todos os sintomas da abstinência. Marie entrou em contacto com Praeger, que lhe enviou uma nova remessa de comprimidos para que pudesse ser ela a dá-los a Rese e dar início ao desmame dos opiáceos.

No início de dezembro de 1944, os ventos de norte fizeram-se sentir e chegaram carregados de neve. O vendaval gelado descobriu todas as rachas e fendas do prédio, que silvava dia e noite. Eles usavam tudo o que podiam encontrar para encher e vedar as rachas, e reuniam-se à volta dos fogões de carvão para se aquecer. Emil adoeceu com arrepios, febre baixa e uma tosse que não havia maneira de parar. A 12 de dezembro, estava fraco, a tossir muco e com febres altas que assustavam Adeline e os pequenos: durante os acessos de temperatura, ele gritava perante terrores invisíveis e, depois, chorava e gemia de vergonha e arrependimento que pareciam não ter explicação. Mais de uma vez, Adeline pensou ter ouvido o marido dizer que estava perdido e que não havia nada que ele pudesse fazer a esse respeito.

Capítulo Vinte e Um

Nos pesadelos e alucinações provocadas pelas febres altíssimas, Emil voltava atrás no tempo e enfrentava tormentos que passara anos a evitar, a negar, encaixotando-os depois nos recessos mais profundos da sua mente. Mas enquanto o refugiado jazia a suar, a revirar-se e contorcer-se na sua cama em Wielun, os parafusos e as tábuas das caixas cederam e os acontecimentos ali guardados libertaram-se.



15 de setembro de 1941

Dubossary, Transnístria

Quando fora comprar material para o telhado da casa que estava a construir para Adeline e os rapazes em Friedenstal, Emil levava os cavalos até à cidade por um caminho secundário, um atalho de dois sentidos que o deixara no extremo sul de Dubossary por volta das três horas daquela tarde. Começara a chover praticamente assim que chegara à serração a sul da cidade e ele sabia que agora o atalho estaria demasiado lamacento e escorregadio para os seus cavalos, enquanto puxavam uma carroça carregada debaixo de chuva e às escuras. Como tal, ao sair da serração, Emil decidiu ir por norte e atravessar Dubossary. Era um trajeto muito mais comprido para regressar a Friedenstal, mas as estradas seriam melhores.

Ele não voltara a Dubossary desde que o pai fora levado para a Sibéria e a família expulsa das suas terras. Ao atravessar a cidade, ficou espantado com o quanto se lembrava e o quanto não conhecia. Perto do centro, viu uma cerca alta de arame farpado da qual não se recordava, em torno de vários quarteirões de edifícios, e duas sentinelas da SS de guarda a um portão nessa mesma cerca.

Fora dos limites da cidade, todo o tráfego abrandava num posto de controlo alemão. Quando chegou à frente da fila, mostrou os seus documentos a um soldado da SS, que os examinou.

— É de Dubossary?

— Friedenstal — respondeu Emil. — Fica a cerca de trinta quilómetros daqui. Uma aldeia rural.

— Porque é que não está na Wehrmacht?

— Sou o único homem capaz que resta em toda a minha família — respondeu ele. — A VoMi decidiu que era melhor para a Alemanha ter-me na minha quinta, a cultivar trigo para a pátria.

O soldado parecia pouco convencido.

— Não se inscreveu na *Selbstschutz*?

— Não sei o que é isso.

— Uma guarda doméstica para proteger a sua aldeia dos suínos romenos. É uma forma de nos mostrar que é um verdadeiro alemão e uma pessoa útil.

— Vou ver do que se trata — disse ele, à espera de que a sentinela o mandasse seguir.

Em vez disso, o soldado fitou-o com uma expressão furiosa.

— Leve os seus cavalos e a carroça para junto daquelas árvores. Ficarão vigiados.

— Por favor, tenho a minha mulher à espera. Temos dois filhos pequenos e...

— Isto é uma ordem — ladrrou a sentinela. — Leve a sua carroça para ali, onde estão as outras. Serão vigiadas.

— Vigeadas? Porquê?

— Porque você vai estar ocupado noutro lugar — respondeu friamente a sentinela. — A provar o seu valor e lealdade à pátria.



Emil obedeceu e levou *Oden*, *Thor* e a carroça até junto de dois camiões do exército e várias outras atrelagens de carroças e cavalos amarrados a uma cerca perto de um caminho de dois sentidos, que seguia para norte. A chuva parara. As nuvens apartaram-se a oeste, revelando um sol que se punha em tons de vermelho-sangue. O ar estava a arrefecer, pelo que ele vestiu o casaco e desceu pa-

ra pear os cavalos. Quando se endireitou para se juntar aos vários outros civis que ali estavam, a matéria da qual são feitos os terrores noturnos entrou pela primeira vez na sua vida.

Com um uniforme escuro, o homem aproximou-se dele e disse:

— Sou o *Hauptsturmführer* Haussmann, *Einsatzkommando 12, Einsatzgruppen D*. Tanto quanto sei, pretendem demonstrar a vossa lealdade à Alemanha e ao nosso *Führer*, Adolf Hitler.

Emil queria dizer que não pretendia fazer nada a não ser ir para casa, mas assentiu com a cabeça juntamente com os outros homens.

— E presumo que nenhum de vocês tem apreço pelos judeus e pelos bolcheviques?

A pergunta deixou-o inquieto, fê-lo pensar em Adeline a arriscar a vida por aquela mulher, Esther, em Pervomaisk, e no quanto ela gostava da sua patroa em Birsula, a Sra. Kantor. Mas depois de os outros homens abanarem a cabeça numa negativa firme, Emil fez o mesmo.

Apontando para o caminho de dois sentidos, Haussmann disse:

— Sigam-no durante três quilómetros para norte. Serão recebidos por outros oficiais e eu irei lá ter em breve.

— Quando é que voltamos, capitão? — perguntou Emil. — Tenho mulher e filhos à minha espera em casa.

Haussmann examinou-o de perto pela primeira vez.

— Quero lá saber da sua mulher ou dos seus filhos. Espera-o uma noite atarefada, menino da quinta.



O caminho atravessava campos de trigo maduro à espera da colheita e, depois, subia para uma área de promontórios e ravinas que, sob os últimos raios de luz vermelha, poderia ter sido considerada bela em qualquer outro dia. O sol pôs-se. O crepúsculo estava a intensificar-se quando Emil ouviu os primeiros disparos ao longe, um isolado e depois uma rajada, outro isolado e depois uma segunda rajada. Não gostava do som de disparos e quis voltar para trás.

Conseguia perceber que vários dos outros homens queriam fazer o mesmo. Mas aquele capitão da SS dissera que iria ter com eles em breve, pelo mesmo caminho. Emil pensou que poderia fugir e dar uma volta maior. Mas, depois,

deixavam-no simplesmente ir buscar os cavalos e a carroça, e ir-se embora? O instinto dizia-lhe que não. O instinto dizia-lhe que o mais provável seria matarem-no.

Emil continuou a avançar direito ao crepúsculo, sentindo o cheiro bom e limpo do vento depois da chuva e ouvindo mais disparos e, depois, berros e gritos que a cada passo que dava se transformavam nas vozes da inocência a gritarem por misericórdia.

Os pés de Emil pareciam de chumbo. A respiração tornara-se superficial e o coração martelava-lhe no peito. *Eles estão a fuzilar judeus e bolcheviques, não estão? Por isso é que ele perguntou. Exatamente como a Esther disse que tinham feito em Pervomaisk. Espera, somos nós a seguir? Mandaram-nos para aqui para sermos fuzilados?*

Durante os dois meses de ocupação da Ucrânia pelos nazis, Emil ouvira falar de outros *Volksdeutsche* espancados e fuzilados como exemplo do que acontecia quando a população local não seguia as suas ordens. Decidiu fugir, dar a volta e correr o risco de ir buscar os cavalos e a carroça. Mas, quando se deixou ficar para trás e começou a virar-se, viu-se alvo de faróis que o iluminavam, a ele e aos campos.



Emil sentiu-se como se tivesse levado um murro no estômago. Só podia ser o capitão Haussmann atrás deles no caminho de dois sentidos. Se ele tentasse fugir agora, seria visto. Com um sabor ácido no fundo da garganta, continuou em frente com os outros, subindo uma elevação onde, várias centenas de metros mais à frente, viu mais faróis que cortavam o crepúsculo da esquerda para a direita. Agora, via-se vegetação rasteira em ambos os lados do caminho. Uma encosta íngreme erguia-se à sua direita. Os faróis dos camiões pareciam apontados para algo mais atrás.

Ao aproximar-se, Emil viu que os faróis pertenciam a seis grandes camiões da Wehrmacht estacionados em paralelo, com trinta metros entre eles. Mais além, nas sombras que envolviam a periferia do clarão dos faróis, havia vultos escuros e vagos que se moviam. Ouviram-se mais disparos, suficientemente perto para que ele se assustasse, encolhesse e reduzisse o passo, altura em que percebeu

que os tiros estavam a acontecer do outro lado daquela colina para onde todos os faróis estavam apontados.

O veículo atrás deles aproximou-se com um rugido. Os faróis atingiram Emil por trás e iluminaram o terreno adiante, revelando soldados da SS em movimento junto às traseiras dos camiões e eliminando as sombras mais além. Agora, os vultos negros haviam-se tornado pessoas bem definidas, curvadas, algumas vestidas e outras nuas — homens, mulheres e crianças amontoados, ao encontro do limite mais sombrio da noite.

— Tu aí, *Volksdeutscher* — gritou o capitão Haussmann. — Sobe para as traseiras. Fazes o resto do caminho connosco.

Emil não queria subir para a traseira aberta do veículo. Queria contornar o camião e fugir para salvar a vida. Mas o receio de uma bala entre as omoplatas impediu-o, levou-o a subir para trás da cabina do camião com os outros homens.

O camião engrenou, atravessou os últimos cento e cinquenta metros, os faróis penetrando mais fundo nas sombras, revelando vagas sucessivas de gente desolada e chorosa que se arrastava para leste, sob o olhar atento de soldados da SS que empunhavam metralhadoras no penhasco acima.

O camião contornou a colina e parou quase de imediato numa reen-trância no flanco norte, fora do brilho dos faróis. Emil olhou, horrorizado, por cima do teto da cabina e viu maridos abraçados às mulheres, mães com os filhos apavorados pela mão, e seis homens de idade com longas barbas brancas a adeja-rem na brisa de oeste, de costas para a borda de uma ravina profunda que desaparecia na escuridão.

Oito soldados da SS estavam a recarregar as espingardas e pistolas a cerca de trinta metros dos judeus. Havia cinco daquelas unidades de oito homens espalhadas ao longo da beira, todas voltadas para uma fiada de pessoas que tremiam e rezavam, algumas de pé para enfrentar as armas, algumas de costas e de joelhos, todas elas numa longa fila à espera de morrer.

Por favor, Deus, rezou Emil. Não deixes que isto aconteça. Não deixes que eles façam isto.



Um oficial mais baixo da SS apareceu no momento em que o capitão Haussmann descia da cabina. Fez a saudação nazi a Haussmann e disse:

— *Heil* Hitler!

Haussmann retribuiu a saudação e perguntou-lhe:

— Quantos a relatar, capitão Drexel?

— Acabámos de começar, capitão Haussmann.

— Quantos até agora?

— Cento e oitenta e sete.

Havia uma rivalidade óbvia entre os dois homens, mas então o tiroteio começou, e as mães e os seus filhos e os jovens e os velhos e os amantes e os amados e os solitários e os perdidos e as famílias que se abraçavam e os seis velhos com barbas ralas a adejarem na brisa de oeste, todos foram sacudidos pelo impacto das balas, antes de se amassarem e tombarem para trás na ravina como bonecos. Ao longo de toda a linha de fogo, de um esquadrão de execução para o seguinte, a chuva de chumbo continuou até que ninguém restasse de pé na beira e Emil não foi capaz de continuar boquiaberto de horror. Poisou a testa no tejadilho da cabina, todos os músculos do seu corpo a tremerem descontroladamente, antes de sentir as entranhas em ebulição. Cambaleou e vomitou para fora do camião. Vários dos outros também estavam a vomitar.

Quando o tiroteio parou e os gritos e pedidos de misericórdia começaram, Haussmann gritou:

— Vocês todos: daí para baixo. Têm trabalho a fazer! *Raus!*

— Eu não vomitei — disse um tipo mais novo, com uma barba oleosa, casaco e boné imundos. Sorriu, revelando a falta de um dente inferior. — Quero ver mais judeus a morrer.

— Nome? — perguntou-lhe o capitão Drexel.

— Helmut.

— Helmut, és exatamente o género de jovem ardente que procuramos na nova Alemanha Maior — disse Drexel. — Vamos ver como todos vocês se saem esta noite. Se ficarmos satisfeitos, recomendamos-vos à VoMi para missões pagas no futuro.

Helmut sorriu a Emil, que mal conseguia descer, sentindo-se com falta de equilíbrio quando o fez. O chão parecia fugir-lhe sob os pés e tudo à sua volta parecia distorcido.

— Quatro de vocês vão provar o seu valor com o capitão Drexel — disse Haussmann. — E os outros quatro vêm comigo.

Helmut foi imediatamente para o lado de Haussmann, assim como outros dois. Mas quatro foram ter com Drexel, pelo que Emil não teve outra escolha a não ser juntar-se a Haussmann.

Mais judeus estavam a ser levados para a ravina. As crianças choramingavam. Homens e mulheres choravam de forma lamentável. Ele ouvia-os, mas não conseguia olhar para eles.

Por favor, Deus, não me faças parte disto, rezou ele. *E, por favor, não me faças matar ninguém. Imploro-te. Sou muitas coisas, mas não sou um assassino.*

— Cada um de vocês será destacado para uma unidade — disse Haussmann. — Espera-se que façam tudo o que vos for pedido, até terminarmos por esta noite. E, então, podem ir para casa.

Novas vítimas estavam a ser conduzidas ou arrastadas para a beira da ravina. Haussmann foi buscar uma *Luger* à cabina do camião e, depois, levou-os até à unidade de fuzilamento mais próxima. Os oito homens da SS estavam a carregar ou a limpar as armas com toda a seriedade, cigarros acesos pendurados em vários lábios. Os homens cheiravam anormalmente mal a Emil, como se o seu coração e a sua alma tivessem sido tão corrompidos pelo homicídio em massa que o pus invisível e maligno lhes escorria da pele e jorrava dos pulmões. Quando um deles olhou na sua direção, Emil viu os olhos mais mortos que alguma vez vira num homem vivo. Então, o vento virou, girou cento e oitenta graus, vindo de leste, trazendo consigo o fedor de corpos em decomposição na ravina.

Emil fez um esforço para não vomitar. *Quantos já estarão lá em baixo?*

— Quem quer ser o primeiro a provar a sua lealdade ao *Führer*? — perguntou Haussmann, segurando a *Luger* e acenando com ela.

— Eu — respondeu Helmut.

Haussmann ignorou-o, olhou para Emil e estendeu-lhe a pistola pelo cano.

— Vais tu primeiro, menino da quinta. Mostra-nos que és alguém com quem o Reich pode contar.

Meu Deus, por favor, não. Qualquer coisa menos isso.

Emil não sabia o que fazer nem como responder, pelo que não se mexeu. O rosto de Haussmann transformou-se em pedra e ele aproximou-se, a coronha da *Luger* ainda estendida à sua frente, até ficar mesmo à frente de Emil.

— Eu disse: agarra na *Luger*.

Emil nunca empunhara uma arma na vida e estendeu desajeitadamente, cautelosamente, a mão para a agarrar, surpreendido com o peso da pistola carrega-

da na sua mão quando o nazi a largou.

— Pronto — disse Haussmann.

O capitão da SS deu um passo atrás e apontou na direção de vários judeus que estavam a ser levados para a frente do pelotão de execução, incluindo um rapaz que estava ajoelhado ao lado de duas meninas, que o abraçavam e choravam. O rapaz olhava, desafiador, para os homens através das lágrimas, preparando-se para a sua morte.

— Aqueles três judeus — disse Haussmann, apontando diretamente para eles. — Mata-os. Já.

Emil viu o capitão como se estivesse ao fundo de um longo túnel e ouviu-o falar numa língua que não entendia. Olhou para a *Luger* e, depois, para Haussmann, que disse:

— Vamos, menino da quinta. Mostra-nos que tipo de sangue te corre nas veias.

Por favor, meu Deus. Não me obrigues. Eu... São gente de bem. São inocentes.

— Abate-os! — gritou Haussmann.

O tempo pareceu abrandar. Como se estivesse em transe, Emil percebeu que estavam todos a observar cada um dos seus movimentos. Olhou para o rapaz e para as duas meninas nos seus braços.

Agora, o rapaz estava a olhar para Emil.

— Não faça isso — disse ele. — Por favor, o senhor sabe que isto não está certo. Sabe que não!

— Abate-os! — gritou Haussmann.

Emil olhou novamente para a *Luger*... e sentiu o suor quente e salgado escorrer-lhe pela testa e pelos olhos, deixando-o cego

Entrou em pânico, deu um passo em frente e sentiu-se cair num buraco ou numa espécie de poço invisível. Enquanto caía, gritou:

— Não sou capaz! Eu não...

Capítulo Vinte e Dois

23 de dezembro de 1944

Wielun, Polónia

Adeline mergulhou a toalha no balde de água gelada, enquanto Emil se debatia e suava depois de, mais uma vez, ficar a arder com febre. Ele gemeu:

— Não sou capaz. Eu não... vejo nada.

— Então, abra os olhos, papá — disse Will da porta, enquanto Adeline devolveia o pano frio à testa febril de Emil.

— Chiu — disse ela, olhando severamente para o filho mais novo. — O teu pai podia...

— Ele abriu os olhos! — gritou Will, apontando para trás dela. — Olhe, mamã!

Ela olhou, e era verdade. Os olhos de Emil estavam abertos, vidrados, a tentar focar-se nela. Por fim, com uma voz entaramelada, ele disse:

— Doente.

— Sim, querido, estiveste muito doente durante muito tempo — acalmou-o ela. — Onze dias. Mas aqui estás tu. Não há quem te pare, pois não?

Ele sorriu e fechou os olhos.

— Onze dias?

— Amanhã é Véspera de Natal, mas sinto-me como se já tivesse aberto o melhor presente.

Adeline deu-lhe chá quente e um pouco de sopa rala, sem coragem para lhe dizer que as rações tinham sido cortadas quase por completo na semana anterior. Ela pusera de parte farinha e açúcar suficientes para fazer biscoitos e um último jantar decente para o Natal, mas, depois, só lhes restavam provisões para cerca de uma semana.

Os Martel levaram a cabo um serviço religioso improvisado na noite seguinte, com o clá inteiro espremido nos dois apartamentos superiores e no corredor entre eles. Por ser o aniversário de Malia, todos lhe cantaram os parabéns, antes

de Adeline ler a Natividade do Evangelho segundo São Lucas na Bíblia da família e agradecer por todos ainda estarem vivos depois de a guerra e a marcha terem levado tantos. A princípio, Emil ficara a ouvir na sua cama de doente, mas depois insistira em levantar-se quando o sargento Wahl aparecera para lhes dar duas garrafas grandes de cerveja.

Wahl parecia horrorizado com as condições em que eles viviam, mas sentou-se com eles e bebeu. Enquanto Adeline, Malia e Lydia cantavam velhas canções e as ensinavam aos pequenos, ele falou a Emil da batalha que tivera lugar nas Ardenas, em França, onde os nevões tinham deixado os Aliados na defensiva após oito dias de um combate brutal. O sargento também disse que estava de partida para Lodz durante duas semanas, mas que voltaria mais cedo se soubesse que a maré da guerra indicava o colapso nazi.

Mais tarde naquela noite, depois de deitar os rapazes, Adeline enrolou um cobertor à volta do marido e beijou-lhe a testa.

— Assustaste-me — disse ela. — Pensei que te tinha perdido.

— Nunca — disse ele, afagando-lhe o braço. — É que nunca mesmo.



Com rajadas de vento de sessenta quilómetros por hora, uma tempestade ártica atingiu a Europa na véspera do Ano Novo. Seria o início de dois dos meses mais frios de que havia registo. As temperaturas na Polónia oriental caíram para os trinta e um graus negativos. Todo o edifício onde os Martel viviam estremecia com os vendavais. O frio provocado pelo vento quase chegou aos quarenta e cinco graus negativos, tornando inúteis os fogões de carvão individuais. As quatro famílias começaram a juntar-se no apartamento de Adeline e Emil, porque ficava voltado a sul, protegido do vento. Usavam as suas rações de carvão combinadas, para manter o lume aceso.

Mas as reservas de comida estavam praticamente esgotadas e Adeline não sabia quando chegariam novas rações. A 2 de janeiro de 1945, Will ficou com febre. No dia seguinte, foi a vez de Malia e, depois, de Rese. Emil teve uma recaída na manhã do quarto dia.

Na noite de 6 de janeiro de 1945, Adeline deu o que restava do caldo de legumes ao marido e a Will, e o resto do pão a Walt, que também adoecera. Não

havia o suficiente para ela comer. Depois de conversar com a mãe e a sogra, foi deitar-se cansada, com fome e decidida a sair pela manhã em busca de comida.

Quando acordou, estava a nevar ligeiramente e bem abaixo de zero. Ela vestiu todas as peças de roupa que tinha, agarrou numa bolsa de lona e saiu ao encontro do frio intenso. Com a fome a crescer-lhe de novo no estômago e a recordação das privações do passado a ecoarem-lhe na mente, Adeline dirigiu-se à periferia da cidade, onde um soldado da SS a deteve e lhe perguntou aonde ia.

— Vou a Lodz — respondeu ela. — À procura de medicamentos e de comida. Tenho os meus filhos doentes e a passarem fome.

— Onde é que conseguiu o dinheiro? — perguntou ele, desconfiado.

— Vou vender a minha aliança. E a da minha mãe. E a da minha sogra.

Ele deve ter-lhe ouvido a emoção desesperada na voz, porque fez sinal ao próximo camião que ia para norte. Quando ela disse ao condutor que tinha a família doente e a morrer de fome e que ela ia até Lodz, ele foi simpático e deixou-a ir sentada à frente na cabina.



Duas horas depois, o condutor deixou-a nos arredores de Lodz e ela entrou na pequena cidade, perguntando onde poderia comprar comida no mercado negro. Indicaram-lhe uma loja nas proximidades e ela dirigiu-se diretamente para lá, onde encontrou comida nas prateleiras, na sua maioria alimentos básicos, mas mais do que suficientes para manter a família viva.

Todavia, o lojista recusou-se a aceitar qualquer uma das alianças, considerando-as «inúteis».

— Traga-me *Reichsmarks* — disse ele. — Ou melhor ainda, traga-me ouro.

O lojista seguinte disse-lhe o mesmo, assim como o seguinte e o quarto e o quinto. Ela estava tão desesperada que até foi aos escritórios da VoMi, pretendendo perguntar pelas rações, apenas para encontrar tudo fechado e às escuras.

Afastando-se, Adeline sentiu-se como aquela folha caída que lhe chamara a atenção no dia em que a marcha começara: castanha, seca e encarquilhada, levada pelo vento ao sabor do acaso numa bizarra jornada que ela via agora como fútil e sem sentido. A sua família estava na miséria. O marido mais doente do que ela alguma vez o vira. E os filhos estavam às portas da fome, algo que ela jurara que nunca haveria de acontecer. Sentia-se zangada e desamparada, quan-

do inspirava, e terrivelmente sozinha, quando expirava. Sentia a garganta inchada e engolia em seco, decidida a seguir em frente sem admitir a derrota. Ela não conhecia ninguém em Lodz, exceto Praeger, o médico amigo de Rese. Mas como é que o encontraria? Não tinha como. Era algo que lhe exigiria demasiada energia. Adeline sabia como a fome funcionava, conhecia-lhe as diversas fases e como elas iam consumindo uma pessoa. Antes que perdesse mais energia, faria melhor em apanhar uma boleia de volta para Wielun, para dizer a todos que teriam de ficar sem comer durante algum tempo.

De repente, uma mistura avassaladora de emoções começou a acumular-se em Adeline. Fizeram-na sentir-se pequena e descartada pela vida, desalojada, sem terra, refugiada e tão inútil como as alianças que levava consigo. O coração começou a bater com força e a doer. Sentiu-se tonta, com o alto da cabeça muito quente sob os lenços e, então, simplesmente foi incapaz de continuar. Parou ali no meio da rua, rajadas de neve a atingirem-lhe o rosto, e olhou para o céu de chumbo. Ergueu os braços e rezou fervorosamente. Inflammada pela angústia e por um amor desesperado que parecia subir-lhe do fundo da alma, Adeline implorou a Deus por ajuda para a sua família.

— Por favor, ajuda-me, Senhor — murmurou ela. — Não sei aonde ir. Não sei o que fazer. Por favor, chegámos tão longe. Passámos por tanto. Não pode ter sido em vão. Não podemos ser pessoas que deviam chegar tão longe apenas para morrer. Nem sequer tenho erva para dar aos meus filhos!

Um camião buzinou atrás dela. Ela deu um salto, o coração a martelar-lhe no peito, e olhou para o motorista que estava debruçado na janela.

— Saia da estrada, senhora — gritou ele. — Quer que a matem ou assim?

A tremer por dentro, Adeline correu para fora da estrada e o camião passou, o condutor a abanar a cabeça perante a estupidez daquela mulher.



Mais perdida do que nunca e a sentir-se como se o peso do mundo estivesse agora concentrado entre as suas omoplatas, Adeline começou a atravessar o centro de Lodz, passando por várias das lojas de alimentos do mercado negro que a tinham rejeitado. A neve deixara de cair, mas ainda rodopiava com o vento cada vez mais forte. Lá no alto, as nuvens cinzentas estavam a tornar-se mais rarefeitas e em alguns lugares riscadas com laivos de rosa-pálido que pareciam

curvar-se e relaxar enquanto o sol do fim do dia lutava pelo controlo do céu invernos.

Adeline fez por ignorar o buraco que sentia no estômago, enquanto se dirigia para o extremo oposto da área do mercado, consumida por um turbilhão de perguntas. *Como é que vou encontrar uma boleia para sul, sem dinheiro antes que a noite caia? Como é que vou dizer ao Emil e aos pequenos que não tenho nada para lhes dar? Como é que posso...?*

Uma mulher com o braço levantado para se proteger da neve rodopiante saiu apressada da primeira loja em que Adeline entrara antes. Avançou direita a Adeline e fez com que as duas acabassem esparramadas na rua.

— Peço imensa desculpa — disse a mulher em alemão, atrapalhada de gatas para ajudar Adeline a levantar-se e, em seguida, agarrar no saco que deixara cair. — Não a vi.

— A culpa foi minha — disse Adeline. — Não estava a prestar atenção ao caminho e...

A mulher levantou a cabeça para olhar para Adeline. Seguiu-se uma confusão imediata de ambas as partes, enquanto tentavam identificar a outra, no meio da neve, anos depois, a mais de mil e duzentos quilómetros do local onde se tinham encontrado pela última vez. Mas, então, reconheceram-se e ficaram atónitas.

— Adeline? — perguntou Esther. — És mesmo tu?

Assentindo e explodindo em lágrimas, Adeline lançou os braços em redor da amiga da Sra. Kantor.

— Foi-me enviada. Eu não tinha mais ninguém a quem recorrer; só pode ter sido enviada ao meu encontro.



Vinte minutos depois, Adeline estava no grande e bem decorado apartamento de Esther, no quarto andar de um belo edifício, sentada diante de um fogão bem alimentado com carvão e a arder em pleno. Durante o caminho e apesar da fome, Adeline quisera saber como é que a amiga da Sra. Kantor fora de Per-vomaisk, na Ucrânia, para Lodz, na Polónia, mas Esther lembrara-lhe num sussurro que o seu nome era Ilse e que ela deveria ficar calada até que chegassem a casa.

Agora, enquanto fervia água para o chá e preparava pão fresco e duas salsichas cozidas, Esther explicou-lhe que, com os documentos de identidade falsificados que Adeline a ajudara a obter, conseguira um lugar numa das primeiras marchas protegidas rumo a oeste.

— É por isso que tem uma casa tão boa?

— Entre outras coisas — disse Esther, colocando o chá quente diante dela.

— Para ser sincera, detesto esta casa. De certa forma, é uma prisão de memórias que não são minhas.

Era uma coisa enigmática de se dizer, mas Adeline entendeu.

— Outros judeus viviam aqui antes de si.

Esther inclinou a cabeça.

— Sim. Como é que sabias isso?

— Passa-se o mesmo onde vivemos. Trago vestidas as roupas deles.

— Eu também — disse ela e, então, enquanto via Adeline comer, Esther descreveu a sua chegada a Lodz, quando o gueto ainda abrigava setenta mil judeus. Ela passava por lá às vezes, ouvia os judeus a falarem iídiche e queria ir ter com eles.

— Mas não me atrevia — disse ela, olhando para o vazio, assombrada mais do que triste. — No princípio deste ano, à medida que mais marchas de refugiados começavam a deixar o Leste, os nazis começaram a esvaziar o gueto de Lodz. Dezenas de milhares foram metidos em comboios em agosto. Agora, não resta nenhum.

As lágrimas escorriam-lhe pela cara.

— Vivi com as roupas deles e em casa deles, dilacerada e a sentir-me culpada a princípio, porque sabia o que lhes tinha acontecido, e não parava de perguntar a mim mesma por que razão tinha sido salva, e não eles. Mas, depois, vi a coisa de uma forma diferente, desafiadora, entendes? Eu tinha-os enganado, aos nazis. Eu era judia; sou uma judia que vive mesmo debaixo do...

Ela riu-se, baixou a cabeça e abanou-a.

Dezenas de milhares?, pensou Adeline.

— Tem a certeza de que estão todos mortos?

— Eles não voltaram — disse Esther. — Queres comer mais, antes de te ires embora?

Adeline recusou e, depois, pegou nas alianças.

— Eu sei que não são muito, mas não pode comprá-las em troca de *Reichsmarks* ou de ouro? Assim, eu poderia levar comida para a minha família. Estão

todos doentes e com fome, e...

Esther empurrou-lhe a mão e abanou a cabeça.

— Não posso nem vou aceitá-las.

Dito isto, levantou-se e saiu da sala. Adeline sentiu-se péssima: sem dar por isso, ofendera-a ou abusara da sua hospitalidade.

Esther voltou com um maço de *Reichsmarks* e entregou-os a Adeline.

— É uma dívida que tenho todo o gosto em pagar. Isto deve dar para te aguentares durante algum tempo.

Adeline olhou para o dinheiro, atónita. Nunca tivera tanto dinheiro nas mãos.

— Não posso aceitar isto. É demasiado. O que é que vai ser de si?

— Eu fico bem — disse ela. — Tenho mais, e ouro, também. Se fosse a ti, não demoraria muito tempo a gastar esse dinheiro. Pelo que ouvi, os Aliados não tardam a romper as linhas ocidentais em França. Daqui a semanas, hão de estar em Berlim, e é bem provável que os *Reichsmarks* deixem de valer seja o que for. Deverias ir andando. As lojas do mercado negro fecham às seis e tenho uma visita a chegar. Se não conseguires encontrar boleia para sul esta noite, Adeline, és mais do que bem-vinda para voltar por volta das sete e meia, passar a noite comigo e voltar para casa pela manhã.

— Oh... — disse Adeline, ainda a sentir-se fraca apesar de ter comido e a olhar com pesar para o fogão aceso, mas levantar-se. — Obrigada. Talvez aceite. Se puder ser?

— Claro que pode. Compra comida para a tua família e vemo-nos daqui a umas horas.

Sentindo-se muito melhor do que quando Esther esbarrara com ela, Adeline vestiu o casaco, pôs o cachecol e as luvas, e foi-se embora com a bolsa vazia ao ombro. O apartamento era adjacente a uma caixa de escadas aberta. Adeline descia o primeiro lanço, atenta aos ecos que os seus passos criavam, quando um oficial alemão mais velho subiu apressado as escadas e passou por ela. Enquanto descia o segundo lanço de degraus, ela ouviu três pancadas fortes numa porta acima. Adeline parou por um momento, ouviu uma porta abrir-se e jurou que o ouvira dizer: *Guten Abend, Ilse-Schätzchen*.



A porta fechou-se. Adeline desceu os últimos degraus a correr e saiu ao encontro do frio intenso ao mesmo tempo que pensava: *Quem sou eu para julgar como é que a Esther consegue sobreviver, quando ela é um dos alvos desta guerra?*

Voltou à primeira loja em que entrara e começou a retirar coisas da prateleira e a poisá-las no balcão — farinha, açúcar, sal, fermento, linguiças, salsichas frescas, leite em pó, três barras de chocolate —, até que o empregado de balcão foi às traseiras e voltou com o lojista que lhe dissera que os anéis não valiam nada.

— Espero que tenha *Reichsmarks* ou ouro — disse-lhe ele, ao ver o que ela pusera no balcão. — E em quantidade.

— *Reichsmarks* — disse ela. — E tenho uma boa quantidade deles.

— Ah, sim? — perguntou o lojista, com ceticismo. — Onde foi que os arranjou?

— No outro lado da cidade — respondeu ela, levantando o queixo. — Encontrei lá um comerciante que reconhece o valor das joias de qualidade. Disse que os nossos anéis eram de um valor «inestimável» e deu-me o que lhe pedi por eles.

Dito isto, sacou do maço de notas, fez uma pausa para que os dois se babassem um pouco, e então perguntou:

— Quanto é que é tudo?



Sentindo-se mais do que um pouco culpada por estar prestes a apreciar outra refeição e dormir num lugar quente e confortável enquanto a sua família penava, Adeline bateu à porta de Esther às sete e meia.

Alguns momentos depois, Esther abriu com cautela, mas então viu Adeline e sorriu.

— Ainda bem que voltaste — disse ela, num tom ligeiramente arrastado enquanto abria a porta. Estava de roupão. — As estradas devem estar medonhas e...

Esther riu-se, bateu palmas e apontou para os dois sacos volumosos que Adeline trazia consigo.

— Compraste a loja toda!

— Graças a si — disse Adeline. — É a nossa salvadora.

Ela entrou, poisou os sacos e abraçou Esther, quando ela estava prestes a acender um cigarro.

— Oh, querida... — disse ela, abraçando-a de volta. — E tu salvaste-me a mim, e todos nós nos salvamos todos os dias, de alguma forma. É por isso que somos sobreviventes, Adeline. É por isso que ainda cá estamos. Agora, vai para junto do fogo e aquece-te.

Adeline largou-a, sentiu-se um pouco sem graça, mas sorriu e foi para junto do fogão.

Esther acendeu o cigarro, puxou uma passa e tirou uma garrafa de vinho vazia da mesa, antes de desaparecer na cozinha. Voltou alguns minutos depois com outra garrafa de vinho, queijo e mais pão e linguiça.

— Vou dar-te de comer pelo menos mais duas vezes antes de te ires embora — disse ela. — Assim, vais ficar com forças suficientes para cuidar do Emil e daqueles teus filhos lindos.

Depois de ter comido bem e bebido dois copos de vinho, Adeline contou a Esther que Emil queria que eles fugissem ao encontro das linhas aliadas quando chegasse a hora.

— Acho que essa hora vai chegar mais cedo do que estamos à espera — disse-lhe Esther. — Sei de fonte bem segura que os soviets estão a quarenta quilómetros de Varsóvia neste momento. Tenho um saco pronto e todo o meu ouro cosido no forro do meu casaco.

— E é isso que vai tentar fazer? Chegar ao lado dos Aliados?

— Já vivi sob o governo de Estaline uma vez — disse-lhe ela. — Não pretendo fazê-lo duas vezes.

— Para onde é que vai? Tentar ir.

— Argentina. — Esther riu-se. — Não te soa bem? Ar-gen-ti-na? No meu sonho, hei de conhecer um belo homem latino, e ficaremos apaixonadamente apaixonados um pelo outro e teremos filhos apaixonados. Afinal, porque não?

Adeline sentia-se tonta e repetiu:

— Porque não?

— De que é que serve viver, se não tivermos um sonho assim?

— Eu acredito nisso.

— Qual é o teu sonho? Para onde é que vais?

Adeline hesitou, mas então descreveu o belo vale verde rodeado por montanhas cobertas de neve, da pintura que vira naquele livro em casa da Sra. Kantor.

— Parece um sonho — disse Esther. — Onde fica esse vale?

— Não sei — respondeu Adeline. — Algures a oeste, é o que o Emil pensa. Talvez do outro lado do oceano, na América ou no Canadá.

— Ou na Ar-gen-ti-na — disse Esther; levantou-se, abanou as ancas e despejou o resto da garrafa no copo.

Depois de acabar o vinho, Adeline sentia-se mais tonta do que embriagada e disse:

— Acho que a Esther é uma das mulheres mais corajosas e mais fortes que já conheci.

— Não — disse Esther, enquanto acendia outro cigarro. — Não sou.

— É, sim. Chegou aqui sozinha.

— Sozinha, não. Foi graças aos documentos que foste buscar-me.

— Mas soube usá-los e chegar aqui por sua conta. E agora vai para a Ar-gen-ti-na da mesma maneira. Isso requer coragem e força interior.

Esther ficou a pensar, deu uma passa e, depois, relaxou.

— Imagino que sim. Estou grata à Sra. Kantor por isso.

— Eu estou-lhe grata por muitas coisas — disse Adeline. — Sinto falta dela. Ainda.

— Eu também — disse Esther. — Ela alguma vez te contou algum dos seus «segredos para uma vida feliz»?

— Uns quantos.

— Admito que às vezes me pergunto se todos esses segredos dela eram verdadeiros.

— Como por exemplo?

Esther encolheu os ombros.

— Ela disse-me uma vez que acreditava que a vida não nos acontece; ela acontece para nós, e toda a nossa vida é uma abençoada viagem de descoberta. Mas só podemos ver a vida claramente e saboreá-la quando a viagem está quase a acabar.

— A sua vida não acabou — disse-lhe Adeline.

— Eu sei — disse ela. — Mas acho que nunca hei de entender por que razão tantas pessoas como eu foram mortas ou perseguidas. E nunca hei de entender por que razão a vida delas teve de terminar da maneira que terminou. Onde está a abençoada viagem de descoberta em tudo isso?

Capítulo Vinte e Três

No início da manhã de 9 de janeiro de 1945, Emil estremeceu e tossiu na cama, um eco dos sons que os seus filhos produziam no beliche acima dele. Consequia ver o seu bafo elevar-se e ser levado pelo ar gelado que ainda se esgueirava pelas fendas nas paredes, mas obrigou-se a sair de debaixo dos cobertores e a levantar-se.

A bater os dentes, um pouco tonto, foi até à sala e, depois, à janela para, mais uma vez, espreitar e ver se Adeline estava de volta. Não obstante os acessos de febre, sabia que ela fora a Lodz e que mais de um dia passara desde então. Mas a tempestade poderia tê-la retido, disse ele a si mesmo enquanto via como estavam os pequenos, ambos a dormir, ambos afogueados de febre, embora a de Will parecesse estar a baixar.

Isto nunca vai acabar? Emil esgueirou-se para o seu beliche. *Nunca estive assim tão doente... já faz mais de três semanas.*

Enquanto puxava o gorro de lã para baixo e se enroscava nos cobertores, o único aspeto positivo que conseguia discernir naquela doença era o facto de tanto ele como os pequenos terem pouco apetite, o que sempre ajudava quando quase não havia o que comer. Era melhor do que estar morto, pensou ele, mas depois lembrou-se das roupas que vestia, do lugar onde vivia e das coisas que fizera para sobreviver à guerra.

É como se estivéssemos a ser torturados, pensou ele, enquanto a febre voltava a subir e as pálpebras se lhe fechavam. *Torturado por uma coisa que não...*



15 de setembro de 1941

Imediações de Dubossary, Transnístria

— Abate-os já! — gritou o capitão Haussmann.

Emil olhou para o rapaz que amparava as duas meninas a chorarem na beira da ravina, de olhos franzidos diante dos faróis e a implorar-lhe que não o fizesse.

Emil virou-se, olhou para o nazi e soube que estava prestes a morrer.

— Não sou capaz — disse ele, estendendo a *Luger* a Haussmann.

— Não és capaz? — perguntou o capitão da SS. — Ou não queres?

Emil manteve os olhos fixos em Haussmann e respondeu:

— Não sou capaz e não quero.

O nazi olhou para ele, depois para o pelotão de execução que os observava, visivelmente cada vez mais furioso, até que sacou a sua própria *Luger* do coldre, empurrou para o lado a arma que Emil lhe estendera e encostou o cano da sua pistola à cana do nariz de Emil.

— Decide-te, menino da quinta — disse o capitão da SS. — Eles morrem de uma maneira ou de outra. Só decides se vives ou se morres com eles.

Um pelotão de execução a norte e atrás de Emil começou a disparar, assustando-o ainda mais, até que tudo o que ele conseguia ver era o cano da *Luger* e a fúria de Haussmann, antes de uma imagem da sua mulher e filhos se formar na sua mente. De repente, o amor que lhes tinha era esmagador. Morrer em vez de matar aquelas pessoas traria algum bem a Adeline e aos rapazes? Adeline ficaria viúva. Walt e Will, órfãos. Tudo aquilo o atingiu com uma força plena e violenta, tão intensa que rebentou com todas as convicções que sempre o haviam norteado e, de arrasto com elas, foi-se a sua crença num Deus benevolente. Emil implorara para nunca se ver naquela situação, e agora ali estava ele. Não havia Deus naquilo, nenhum Deus de todo. Havia apenas Adeline, Walt e Will, e o que ele estava disposto a fazer para sobreviver e protegê-los.

— Muito bem — disse ele friamente a Haussmann. — Eu faço-o.

O capitão da SS sorriu e baixou a arma.

— Uma escolha sensata.

Emil sentiu-se literalmente fora de si, como se o seu corpo fosse o de um estranho. Corrigiu a posição da *Luger* que tinha na mão e começou a virar-se para o rapaz e as meninas.

Alguém lhe agarrou no ombro por trás e o abanou. A mão fechou-se ainda mais e sacudiu-o com mais força.



O pesadelo desvaneceu-se lentamente.

Emil despertou o suficiente para abrir os olhos e ver Adeline a olhar para ele, com a mão no ombro dele, um grande sorriso naquele rosto encantador e as bochechas rosadas pelo frio.

— Espero que tenhas dormido bem enquanto estive fora — disse ela, afa-
gando-lhe a barba com ternura. — Trouxe qualquer coisa para vocês comerem
e um pouco de carvão para o fogão. Já está aceso. Tiveste sonhos bonitos comi-
go?

Emil teve uma lembrança fugaz daquele momento em que decidira matar os
três judeus, daquele momento em que perdera a fé em Deus e disse:

— Estou a sentir-me melhor só de te ver. Fiquei muito preocupado quando
não voltaste ontem à noite.

— Tive de esperar que a tempestade passasse e apanhar uma boleia esta ma-
nhã — explicou ela. — Levanta-te, então, e ajuda-me a cozinhar, ou faz-me
companhia pelo menos. Tenho uma história para te contar.

Ele gemeu perante a ideia de se levantar outra vez e enfrentar o frio.

— Fora da cama! — disse ela, sorrindo e puxando-lhe os cobertores.

Ele apoiou-se nos cotovelos e encolheu-se.

— És uma mulher cruel, Adella!

Ela riu-se e fez-lhe cócegas.

— Pois sou, estou a apontar-te uma arma à cabeça.

Por um instante, Emil olhou incrédulo para ela, a recordação daquela noite
novamente presente.

Sentiu de novo o aço da arma de Haussmann entre os olhos, viu a raiva do
capitão da SS e sentiu-se tornar-se primitivo, selvagem, ímpio, disposto a matar
duas meninas e um rapaz, para poder voltar para casa e proteger a sua mulher e
os seus filhos.

Será que ela alguma vez entenderia aquela decisão?, perguntou ele a si mesmo,
enquanto examinava o rosto intrigado de Adeline. *Como é que poderia? Eu pró-
prio não entendo aquele momento.*

— Então? — perguntou Adeline, num tom tranquilizador, mas preocupado.
— Preferes ficar aí e, depois, eu trago-te alguma coisa para comeres?

Foi só então que ele sentiu no ar o cheiro de algo saboroso e quase indescriti-
velmente delicioso.

— O que é que tens ao lume?

Ela sorriu e sussurrou:

— Salsichas frescas e cebola. Quero que o cheiro encha o apartamento, se espalhe pelo corredor e chame todos para o nosso banquete.

— Banquete?

— Banquete — repetiu ela, sorrindo e pondo-se em pé. — Agora, levanta-te e anda daí. Vamos deixar os pequenos dormirem o tempo que for preciso.

Ela saiu do quarto. Emil empurrou os cobertores para baixo, sentou-se e, depois, levantou-se sem se sentir tonto. Foi para a pequena sala de estar, espantado com o quanto o fogão a carvão a aquecera e com o cheiro que vinha do minúsculo fogão, onde Adeline estava a virar salsichas e cebolas. E a mesa! Estava coberta com mais comida do que ele vira em anos.

— Onde é que conseguiste tudo isto? — perguntou ele, fascinado.

Adeline bateu no rebordo da frigideira e virou-se, sorrindo ao responder:

— Foi um milagre, Emil. Não vais acreditar.



E Adeline tinha razão. A princípio, Emil não acreditou naquela sua história de ir contra Esther depois de implorar a ajuda de Deus e, depois, a mulher dar-lhe dinheiro suficiente para comprar comida para um mês, talvez mais. Para ele, naquele momento, Deus não respondia a preces como as de Adeline, porque não havia Deus nenhum que ele pudesse ver, ouvir ou tocar. *Só podemos contar connosco.*

Ela contara consigo, e dera-se uma... coincidência. Era disso que se tratava. Mais tarde ou mais cedo, a sorte toca a todos. A sua mulher apenas tivera sorte, decidiu ele, e sorriu ao sentir os cheiros e ver o maço de notas na mesa, que Adeline lhe disse ser um terço mais volumoso na noite anterior.

— Onde é que a Esther conseguiu dinheiro suficiente, para te dar assim tanto? — quis ele saber.

— Não perguntei e ela não me disse — respondeu ela, voltando para junto do fogão no preciso momento em que alguém batia à porta e a cabeça de Malia e a da sua prima Marie espreitavam.

— Que cheiro é este? — quase guinchou Marie.

— O cheiro do céu — respondeu-lhe Adeline. — O primeiro prato está quase a sair.



Os Martel não falaram a ninguém sobre a comida e comeram quatro vezes por dia durante as duas semanas seguintes, isto enquanto compravam o dobro da sua ração de carvão no mercado negro. Will e Walt restabeleceram-se da febre e também começaram a ganhar peso e forças.

Emil dava passeios diários em condições árticas, passando pela casa do sargento Wahl e encontrando-a sempre fechada e às escuras. Começou a preocupar-se, porque não sabia o que estava a acontecer na guerra, qual a posição dos Aliados na Alemanha e dos soviets na Polónia.

— Preciso de saber onde eles estão quase todos os dias, e o sargento Wahl deveria ter voltado há uma semana — queixou-se ele a Adeline, a 17 de janeiro.

Durante o seu passeio ao fim da tarde, a neve e o vento estavam novamente a aumentar, e as ruas iam ficando desertas à medida que as pessoas se apressavam a procurar abrigo. Emil decidiu arriscar e esgueirou-se pelo portão das traseiras da casa de Wahl e tentou abrir a porta da cozinha. Trancada.

Ele não queria, mas fez uma grande bola de neve com as mãos e usou-a para partir uma vidraça acima do puxador. Já lá dentro, não se atreveu a acender a luz, mas saber que estava na cozinha permitiu-lhe tatear o seu caminho até à pequena divisão onde Wahl guardava o rádio. Acendeu a luz por um instante, viu que o aparelho não estava lá e sentiu um aperto no coração.

Em seguida, procurou no armário de Wahl e encontrou-o. Depois de ver tantas vezes como é que se fazia, ligou o rádio num instante. Ouviu o serviço alemão da BBC e não tardou a saber que a Batalha das Ardenas terminara com a vitória dos Aliados. O Primeiro e o Terceiro Exércitos dos EUA haviam-se unido, mas estavam a encontrar forte resistência ao tentar atravessar o Reno. E os soviets tinham retomado Varsóvia.

Aquela última informação era tudo o que Emil precisava de ouvir. O Exército Vermelho estava a menos de setenta e cinco quilómetros de distância. Mesmo em condições péssimas, um tanque era capaz de cobrir setenta e cinco quilómetros num dia, talvez menos. Ponderou a hipótese de guardar o rádio de onda curta no seu estojo protetor e ir-se embora com ele. Os nazis estavam a perder, mas era provável que ser apanhado na posse de um transmissor de rádio ainda fosse motivo suficiente para acabar fuzilado. Relutante, decidiu deixar o

rádio onde estava, juntamente com um bilhete para o sargento Wahl, agradecendo-lhe a simpatia. Já no exterior, esgueirou-se em redor da casa e seguiu para a estrada que o levaria a casa. Um fósforo acendeu um cigarro do outro lado da estrada.

Nikolas apareceu e disse:

— Eu vivo nesta rua, Martel, e não me parece que a VoMi visse com bons olhos um ladrão que invadiu uma das suas casas.

— Não sou ladrão — disse-lhe Emil.

— É o que parece — disse Nikolas. — Há gente com fome que se tem interrogado a respeito da súbita proveniência do dinheiro e da comida, pelo que decidi seguir-te, e agora já sabemos.

Emil percebeu que, mais uma vez, dava por si num conflito direto com aquele homem. *Ele ainda está em contacto com o major Haussmann? Será que os nazis aqui em Wielun lhe dão ouvidos? E isso faz alguma diferença agora, com os alemães em fuga?*

— Tu não sabes é nada — disse Emil por fim, e começou a andar. — Não sou ladrão, Nikolas. Apenas vim ver se estava tudo em ordem em casa do meu chefe, como ele me pediu.

— Duvido! — gritou Nikolas, já atrás dele.

— Quero lá saber das tuas dúvidas — disse Emil, e virou a esquina, desaparecendo.

Quando chegou a casa, o apartamento estava mais do que quente e Adeline já tinha pão fresco fora do forno e estava a encher tigelas com sopa.

Emil fechou a porta e disse:

— Temos de fazer as malas e partir o mais depressa possível.

Ela levantou a cabeça.

— Eu sei. Eles acabaram de nos dizer.

— O quê? Quem?

Adeline devolveu a concha à panela.

— Soldados da SS. Vamos ser transferidos para mais perto da Alemanha depois de amanhã.



Camiões militares alemães chegaram ao Campo Wielun na madrugada de 19 de janeiro de 1945. Como antes, apenas podiam levar o que pudessem carregar nas pequenas carroças. Por sorte, com a carroça de Marie e mais uma que lhes fora oferecida por uma outra família de refugiados, o alargado clã Martel contava agora com quatro carrocinhas, pelo que puderam levar a maioria dos bens essenciais que Adeline comprara em Lodz.

Adeline seguia sentada com a sua prima Marie e os gémeos, num trajeto acidentado.

— Eles estão a ficar bonitos e gordinhos — disse ela com Rutger, o gémeo maior, nos braços.

— Graças à tua comida e à tua bondade — disse-lhe Marie, por sua vez com Hans nos braços, o gémeo mais pequeno. — Acho que, não tarda, começarão a gatinhar.

— Às vezes, é tudo de que realmente precisamos para nos fazer seguir em frente. Comida e bondade.

Ao atravessar Breslau — uma paragem vital no caminho para a Alemanha e uma posição estratégica com pontes sobre o rio Oder —, viram tropas da Wehrmacht e os escravos da Organização Todt, homens magros, exaustos e vestidos de cinzento com a letra *E* cosida no lado esquerdo do peito, que seguiam a recente ordem de Hitler de transformar a cidade numa fortaleza armada. Duas horas depois, chegaram a Legnica, uma cidade muito mais populosa e bonita do que Wielun. Todavia, os alojamentos eram piores em vários aspetos. Mas eles tinham dinheiro, e o dinheiro faz-se sempre ouvir. Enquanto o inverno continuava a presenteá-los com gelo e neve, Emil pôde comprar carvão suficiente no mercado negro, para manter toda a família aquecida.

Emil também fez tudo ao seu alcance para ter notícias dos soviéticos e dos Aliados ocidentais. Estava com sorte, porque os refugiados eram alvo frequente dos traficantes e comerciantes do mercado negro. Enquanto dava um passeio pouco depois de chegarem a Legnica, conheceu um rapaz que se ofereceu para lhe vender cigarros de contrabando.

— De um americano capturado — sussurrou o rapaz. — *Camel. Lucky Strike.*

Emil disse-lhe que estava mais interessado num pequeno recetor de ondas curtas.

— Não num transmissor — explicou Emil. — Nada de ilegal. Apenas um recetor.

— Ainda assim, pode custar-me a vida — disse o rapaz. — Vai sair-lhe bem caro, de certeza.

Alguns dias depois, entregou um saco a Emil, em troca da metade dos *Reichsmarks* que ainda restavam aos Martel. Dentro do saco estava um maltratado recetor de ondas curtas *Radione R3* verde-cáqui, roubado de um depósito da Wehrmacht.

— Tenha cuidado — disse o rapaz. — O meu amigo disse que há fusíveis, mas nada de cristais nem de válvulas sobressalentes. Não há mais de onde esse veio.

Emil esperou até bem tarde naquela noite para ligar o rádio e sintonizá-lo no serviço alemão da BBC. Ficou a par dos últimos acontecimentos na Conferência de Yalta entre o presidente Roosevelt dos EUA, o primeiro-ministro britânico Churchill e Estaline. Soube que os soviets tinham atravessado o rio Oder a norte e que se encontravam agora a menos de oitenta quilómetros de Berlim. Os norte-americanos e os ingleses ainda estavam a tentar libertar a Alemanha Ocidental e a enfrentar dura resistência. Também ouviu uma palavra que apenas ouvira uma vez, no cemitério de Budapeste: Auschwitz. O locutor descreveu a cena quando os soviets haviam libertado aquele campo de concentração a 27 de janeiro. Emil fechou os olhos, completamente assoberbado pela escala do que os nazis tinham feito.

Ele não queria, mas os seus pensamentos regressaram inevitavelmente àquela noite em Dubossary, quando o capitão Haussmann lhe encostara uma arma à cabeça e lhe dissera que morreria se não matasse os três judeus. Ouviu-se dizer: *Muito bem; eu faço-o*. Ouviu Haussmann responder: *Uma escolha sensata*.

Naquela noite, adormeceu agoniado e receoso, perguntando a si mesmo se estaria condenado a ser assombrado por aquela opção durante o resto da sua vida.

Nas semanas que se seguiram, acordado até tarde durante a noite a ouvir as ondas curtas, Emil soube quando os soviets tomaram Lodz e quando conquistaram Budapeste e quando os Aliados ocidentais bombardearam Dresden e quando o Exército Vermelho sitiou Breslau, apenas para fazer uma pausa ao longo da margem ocidental do rio Oder, apenas para reabastecer e se preparar para invadir a Alemanha Oriental. Na noite de 24 de fevereiro, ficou a saber que os Aliados tinham lançado nove mil bombardeiros sobre a pátria.

O Wahl tinha razão, pensou ele com um bocejo, antes de desligar o rádio. *Os nazis estão derrotados mesmo que não o saibam*.

Levantou-se e atravessou a sala, preparando-se para guardar o rádio num armário de metal que havia no apartamento, só que tropeçou numa saliência no soalho. O aparelho voou-lhe das mãos e espatifou-se no chão.

— Não! — disse ele, enquanto agarrava no rádio e tentava ligá-lo. — Não, não, não.

Nunca mais funcionou.



Quatro dias depois, no último dia de fevereiro, Emil viu soldados da Wehrmacht entrarem apressados em camiões e abandonarem Legnica. Saiu para dar um dos seus passeios, viu mais camiões apinhados e de partida e, então, reparou em dois soldados da Waffen-SS que recorriam a lâminas de barbear para retalhar as pequenas tatuagens com o tipo sanguíneo que tinham no alto do braço esquerdo.

— Aqueles desgraçados sabiam que iriam ser capturados e provavelmente mortos por serem membros da SS — disse ele a Adeline, quando regressou ao apartamento. — Temos de partir pela manhã. Temos de chegar às linhas aliadas.

— Como? — perguntou-lhe Adeline. — Os alemães foram-se embora.

— Vamos a pé, se for preciso — foi a resposta dele.

Adeline hesitou apenas um momento antes de, mais uma vez, emalar os escassos pertences da sua família. A mãe e a irmã fizeram o mesmo. Marie estava a sentir-se adoentada e precisava de ajuda, mas também não iria ficar à espera de que os soviets a mandassem de volta para a Ucrânia. Todavia, quando Emil bateu à porta dos pais e entrou, mais tarde naquela noite, encontrou a mãe, o pai e a irmã sentados junto ao fogão a carvão.

— Vamos lá, façam as malas — disse ele. — Temos de partir bem cedo.

— Não vamos a lado nenhum — disse-lhe, por sua vez, Karoline.

— O quê?! Têm de vir. Sabem o que é que eles vos farão quando...

— Ah, sabemos? — perguntou-lhe Rese. — Só temos de falar com eles em russo. Não terão como saber quem somos. Além disso, não posso ir pelo meu pé para a Alemanha e não podes carregar-me.

— A cadeira de rodas.

Johann abanou a cabeça.

— Não resistiria à viagem. Acabou-se, filho. Vamos ficar e ter esperança.

A temperatura desceu a pique naquela noite. Março chegou como um leão, com neve que se intensificou depois do amanhecer. Enquanto esperava que a tempestade passasse, Emil continuou a argumentar com os pais e a irmã, dizendo-lhes que a melhor esperança que tinham era chegar às linhas aliadas. Nem lhe deram ouvidos. Karoline disse ter escutado rumores de que os soviets talvez os deixassem regressar às suas terras.

— Não acreditem nisso — disse Emil. — Não acreditem numa única palavra. Eles hão de dizer seja o que for. Fazer seja o que for.

Ele estava à janela, a observar as ruas cobertas de neve. Sempre que via uma caravana de camiões da Wehrmacht atravessar a cidade, rumo à Alemanha, descia a correr para pedir boleia para a sua família mais as quatro carroças. E de todas as vezes lha recusavam, mesmo quando pedia boleia apenas para a família.

Os mesmos sangues puros que o *Reichsführer* Heinrich Himmler elogiara por deixarem a Ucrânia para repovoar a Grande Alemanha eram agora indesejados, descartados, esquecidos e deixados por sua conta. Emil sentia-se ao mesmo tempo desanimado, isolado e, não obstante, recusava-se a ceder: já contara apenas consigo em situações difíceis, não contara?

Nunca apostem contra mim. Já me livre de situações mais difíceis do que esta.



A neve parou finalmente na manhã de 4 de março de 1945, mas os ventos uivantes de leste haviam-se feito sentir, deixando-os isolados durante mais cinco dias. Felizmente para os Martel, os soviets haviam sido prejudicados pelo mesmo mau tempo e ainda estavam acampados ao longo do rio Oder na noite de 9 de março, quando Emil viu outros alemães étnicos como eles a carregarem as suas carroças. Os Martel comeram uma última refeição de puré de batata e chucrute, e foram dormir com planos para partir logo pela manhã.

Quando Emil se levantou na madrugada de 10 de março, viu que outros refugiados já empurravam as suas carroças rumo a Berlim. Uma hora depois e ciente de que aquela poderia ser a última vez que via os pais e a irmã, Emil engoliu as lágrimas, abraçando-os e despedindo-se de cada um deles.

— Havemos de voltar a ver-nos — prometeu Rese, na sua cadeira de rodas.
— Eu sei que sim, tal como o cabo Gheorghe disse que sabia que iria sobreviver a Estalinegrado.

Ele revirou os olhos, mas não conseguiu evitar um sorriso.

— Estou a contar com isso.

Com estas palavras, Emil começou a arrumar as últimas coisas nas três carroças que os aguardavam no passeio diante do prédio. O sol estava forte e começava a derreter a neve, o tempo primaveril e quase ameno depois das rajadas de frio dos meses anteriores. Emil planeava seguir os outros refugiados, rumando primeiro a sul e, depois, seguindo uma das estradas principais que seguiam para oeste. Com sorte, seriam capazes de fazer quinze quilómetros por dia, o que os deixaria na fronteira alemã em cerca de oito dias. *De lá, havemos de descobrir como chegar aos Aliados ocidentais e...*

Sentiu uma forte pontada nas costas que quase o atirou para cima da pequena carroça. Recuperou o equilíbrio, virou-se para ver o que o atingira e deu de caras com dois milicianos polacos. Um deles estava de espingarda apontada.

— Alemão? — perguntou ele, em alemão.

Emil assentiu.

— *Volksdeutscher*.

— Mãos atrás da cabeça — disse ele. — Vens connosco. Tens trabalho de limpeza à tua espera. Aqui e, depois, na União Soviética.

Atónito, Emil disse:

— Não, não, a minha família, estávamos de partida.

Adeline acabara de sair do prédio com os rapazes, a mãe, a irmã e Marie, que trazia os gémeos ao colo.

— Não vais a lado nenhum a não ser connosco — disse o soldado, enquanto o outro dava a volta por trás de Emil. — Toca a marchar.

— Emil! — gritou Adeline, em pânico.

— Deixe-me pelo menos despedir-me da minha família — disse ele.

— Não — disse o soldado. — Toca a marchar!

Emil sentiu uma outra pancada entre as omoplatas e começou a andar, sentindo-se como se estivesse fora do seu corpo, como lhe acontecera naquela noite fatídica em Dubossary, separado do seu próprio corpo e a caminho da sua perdição.

— Papá! Papá! — gritaram Walt e Will.

Emil olhou por cima do ombro e viu-os desfazerem-se em lágrimas. Adeline correu direita aos dois milicianos, com as mãos levantadas em sinal de rendição.

— Por favor, ele não fez nada de errado — disse-lhes ela, em russo. — Ele não é soldado. Somos lavradores vindos da Ucrânia. Não ouvem o nosso sotaque?

— Queremos lá saber do sotaque e não queremos saber de onde são nem do que fazem ou deixam de fazer — disse-lhe o primeiro miliciano. — Temos ordens para encontrar todos os alemães, incluindo todos os *Volksdeutsche* adultos do sexo masculino, e detê-los até que possamos entregá-los aos soviets.

— Não — disse Adeline, apavorada. — Não, não, não, para onde é que vão levá-lo?

— Ele vai ajudar a limpar a Polónia durante algum tempo — respondeu o soldado atrás de Emil. — E então, extremo oriente. Sibéria, provavelmente.

— Não! — gritou Adeline, e agarrou o soldado da frente pela manga. — Não podem fazer isso! Por favor, o meu pai nunca voltou da Sibéria!

Ele atirou-a para a neve e rosnou:

— Queremos lá saber, sua vadia.

Abalada pela queda, ainda prostrada na neve, Adeline conseguiu pôr-se de joelhos e gritou histericamente:

— Emil! Emil! O que é que faço agora?

Emil olhou por cima do ombro para o amor da sua vida e para os seus queridos filhos, que corriam a ajudá-la, e gritou em resposta:

— Vai para oeste, Adeline! O mais para oeste que conseguires, e prometo que hei de te encontrar!

Capítulo Vinte e Quatro

Adeline sentiu as mãos dos filhos, abraçando-a e tentando consolá-la. Ouvia-lhes a voz fazendo perguntas, mas não os entendia e não conseguia encará-los. Limitou-se a ficar ali, de joelhos na rua, paralisada com os olhos postos no vulto cada vez menor de Emil, o seu marido, a sua vida, que acabara de lhe ser roubado quando estavam a poucos minutos da fuga final para oeste, rumo à liberdade. A injustiça crua da sua perda era apenas ampliada pela última visão que tinha do seu marido: avançando penosamente ao encontro do destino, de cabeça erguida, sem se vergar.

Vou lembrar-me disto, pensou Adeline, atordoada. *Vou guardar esta imagem no coração até que...*

Na sua mente, as últimas palavras de Emil — *prometo que hei de te encontrar* — ecoaram juntamente com as últimas palavras do seu pai: *Prometo-vos a todos que hei de voltar!*

Mas o meu pai nunca voltou, pensou ela amargamente, e sentiu-se mais destrocada do que alguma vez se sentira. *Ele nunca mais voltou. Ele...*

— Adeline... — disse Marie. — Por favor, tens de te levantar. Estás a deixar os pequenos aflitos.

Embora ainda em transe, Adeline ouviu aquilo claramente e olhou para cima, dando com a prima ajoelhada ao seu lado. Marie estava a olhar para ela com uma ansiedade e compreensão resultantes do que já sofrera com a perda do seu amor. Então, sentiu uma mãozinha bater-lhe no ombro, olhou para trás e viu Walt ali parado, a chorar.

— O papá vai voltar, mamã? — perguntou ele, com um soluço.

Adeline hesitou, compreendendo de repente que a sua fé em Deus, na vida, em si mesma, corria um risco imenso. Consequia sentir o medo de nunca mais ver Emil, como se fosse um pássaro noturno que lhe rasgava o coração, atacando a raiz da única coisa que sempre a fizera seguir em frente: a sua crença fervo-

rosa de que um dia, de alguma forma, a vida deles havia de melhorar se ela mantivesse a sua fé em Deus e o seu sonho daquele mítico vale verde no Oeste.

— Mamã? — balbuciou Walt. — Por favor, diga que ele vai voltar.

Ela passou a língua pelos lábios e engoliu em seco, antes de Will dizer:

— Ele vai voltar, mamã. Não vai? Ele só se foi embora durante algum tempo. Certo?

O tom trémulo da voz do filho mais novo despertou algo mais poderoso do que o seu próprio medo ou perda. O instinto que leva uma mãe a proteger os seus filhos percorreu Adeline, apagando por um momento a sua necessidade desesperada de chorar e fazer frente à situação.

— Sim — respondeu ela, abrindo os braços para receber os seus rapazes. — O papá vai voltar. Ele vai encontrar-nos.

Eles correram-lhe para os braços e ela apertou-os contra si, sem saber se havia de rezar a Deus para que lhe desse forças, ou se havia de amaldiçoá-lo por lhe ter roubado a ela um marido e aos filhos um pai.

— Adeline? — insistiu Marie. — Vem aí um camião. Tens de te levantar.

Ela afastou-se de Walt e Will, forçando um sorriso nos lábios e um brilho de otimismo nos olhos, quando disse:

— Muito bem, vamos ter de viver uma aventura só nossa até que o vosso pai venha à nossa procura. Estamos entendidos?

Os rapazes enxugaram com as mangas os olhos e a cara, e assentiram. Ela sorriu mais uma vez, levantou-se e limpou a saia, antes de pegar na mão de cada um deles e, com um assentimento de gratidão à prima, fez por assumir um passo resolutivo enquanto voltava para junto da pequena carroça, da mãe e da irmã mais velha.



Paradas junto à sua pequena carroça e ambas com expressões de pena, Malia e a mãe não tiravam os olhos de Adeline e dos rapazes. A irmã foi a primeira a mexer-se, indo ter com ela para a abraçar.

— Nós vamos sobreviver. Ele vai voltar.

— Claro que vai — disse Adeline.

Lydia demonstrou uma rara emoção quando pegou na mão da filha, a beijou e disse:

— Nunca quis que também tivesses de carregar este fardo, Adella. Nunca.

Adeline lembrou-se do pai a ser arrastado noite adentro, jurando que voltaria. Ouviu as últimas palavras de Emil, um eco na sua mente: *Vai para oeste, Adeline! O mais para oeste que conseguires, e eu prometo que hei de te encontrar!*

— Eu sei — disse ela, novamente abalada por dentro enquanto beijava a mãe. — Mas eu vi o quanto a mãe foi forte por nós e, agora, vou ter de ser forte também.

— Mamã? — chamou Will, puxando-lhe a saia.

Ela olhou para o filho mais novo. Tinha a cara marcada pelo pó e pelas lágrimas secas, mas o terror de perder o pai fora substituído por uma seriedade e um interesse inesperados.

— Vamos para oeste sem o papá? — perguntou ele. — Foi o que ele nos disse para fazer, não foi? Ir o mais para oeste que conseguirmos, e que ele havia de nos encontrar?

Adeline ficou a olhar para ele boquiaberta por um instante e, então, olhou para as pequenas carroças, já arrumadas e prontas para dar seguimento à ideia maluca de Emil, de alcançarem as linhas aliadas ocidentais e se renderem como refugiados. Ela sabia que ele estava a falar a sério, mas não conseguia deixar de pensar na última vez que se haviam visto apanhados entre dois exércitos, no nevão, no duelo de tanques e na maneira brutal como Emil açoitara os cavalos para salvar a família.

Ela seria capaz de fazer o mesmo? Tinha aquele tipo de coragem e determinação? Emil tinha razão? O único caminho para a liberdade passava pelo meio de uma saraivada de balas e bombas?

— Mamã? — perguntou Walt. — Vamos embora? Ou não?

Os seus pequenos doces e inocentes estavam à espera da sua orientação, e ela sabia que a decisão que estava prestes a tomar poderia mudar tudo o que dizia respeito à jovem vida deles, para melhor ou para pior. Sentia-se ansiosa e só, e, então, ouviu uma explosão ao longe para noroeste, que sobressaltou Walt e o levou a agarrar-se à perna dela.

— Quero voltar para dentro — queixou-se ele. — Não quero ter outra vez tanques por perto.

Ao ver o quanto o seu filho estava traumatizado, Adeline tomou a sua decisão e olhou para a mãe e a irmã.

— Não vamos para oeste se houver combates nas imediações. Não posso obrigar os pequenos a passarem outra vez por isso. Vamos ficar quietos até que

as coisas acalmem e... se tornem mais seguras.

— Oh... — disse Will, franzindo o sobrolho. — Mas o papá disse: «O mais para oeste que...»

— Eu sei o que ele disse, Will — interrompeu-o ela, bruscamente. — Mas queres ver como é que é correr pelo meio dos canhões dos tanques e com homens de ambos os lados a dispararem contra nós?

Ele recuou um passo perante aquela mudança seca e repentina na sua mãe.

— Não, mamã.

— Muito bem. Então, espero que tu e o Walt me ajudem como o papá gostaria que me ajudassem. Começamos por descarregar a carrocinha e levar tudo de volta lá para cima.

Quando subiram as escadas e passaram pelo apartamento dos pais de Emil, a porta escancarou-se e deixou ver Karoline, intrigada a olhar para eles.

— Achei que se tinham ido todos embora, de vez.

— Os soldados levaram o papá — anunciou Will. — Ele vai para a Sibéria.

A mãe de Emil olhou para o neto, depois viu a confirmação nos olhos inchados de Adeline e quase desmaiou antes de se agarrar à ombreira da porta e gritar a notícia a Johann e Rese. Depois de eles aparecerem, o pai de Emil a empurrar a filha na cadeira de rodas, Adeline contou-lhes o que acontecera à porta do prédio, quando estavam a segundos de partir.

Karoline recebeu a notícia como mais um açoite no seu corpo e alma maltratados, primeiro perplexa com a injustiça de tudo aquilo, depois furiosa, depois amargurada. No espaço de alguns instantes, o que acabara de acontecer ao filho passara de chocante a mais uma confirmação do sofrimento sem fim que lhe estava destinado na vida.

— Porque é que viemos até tão longe? — perguntou Karoline ao marido. — Poderíamos ter ficado em Friedenstal e o Emil teria o mesmo fim. — Olhou para a nora. — Tu terias o mesmo fim, Adeline, mesmo se não tivéssemos vindo. Isto é o que eles fazem, aos nossos homens e a nós.

Havia tanta raiva e derrota nos olhos de Karoline que Adeline quase sucumbiu ao rancor que medrava no âmago da sua sogra.

Então, Karoline disparou:

— Admite, Adeline. Isto é o que eles também farão aos teus pequenos.

Aquelas palavras abalaram Adeline, e a fúria que já fervilhava dentro dela transbordou:

— Isso nunca há de acontecer, sua megera retorcida! Eu vou protegê-los e levá-los para oeste, quando chegar a hora certa. E o seu filho? Ele há de voltar para nos procurar, porque eu sei o género de homem que ele é.

Karoline fez uma expressão de falsa piedade, mas, antes que ela pudesse responder, Lydia, que estava na escada junto ao patamar, disse:

— Sabes, filha, isso foi o que eu disse no princípio e durante demasiados anos.

Adeline virou-se e olhou para a mãe, gritando:

— O quê?! Quer que eu pense que o Emil está morto e nunca há de voltar, quando ele só se foi há trinta minutos? Não posso pensar assim, mãe! Não vou perder a esperança! Não agora. Nunca!

Lydia baixou a cabeça e, quando Adeline se voltou de novo para Karoline, a mulher mais velha perdera um pouco do seu rancor.

— Não podes perder a esperança. Eu perdi-a depois de passarem seis anos. Desisti de ter esperança. Na minha cabeça, o Johann estava morto. Quinze meses depois, ele bateu-me à porta.

— E olha para mim — disse Johann. — Um caco de um homem.

— Não é nenhum caco — disse Adeline. — E prometo-vos que o Emil também não voltará feito num caco.



Emil estava concentrado em dar um passo a seguir ao outro, tentando não permitir que uma provação que passara toda a vida a tentar evitar o esmagasse antes sequer que ele conseguisse descobrir uma forma de se escapar e voltar para a mulher e os filhos. Enquanto ele e os dois milicianos polacos se afastavam cada vez mais da sua família pelas ruas de Legnica, percebeu que o seu erro fora admitir a sua ascendência alemã. Ele não era soldado, mas isso não importava. Para eles, era o último vestígio de um exército conquistador em retirada. Deveria ter-lhes falado em russo, mas não o fizera e, agora, eles podiam fazer-lhe o que bem entendessem e, provavelmente, fá-lo-iam. Ele estava de mãos atadas nesse aspeto, mas não tanto noutro.

Enquanto caminhava, ia-se lembrando do que o pai lhe dissera não muito depois do seu regresso do Leste gelado, numa das poucas vezes em que lhe falara sobre os seus anos num campo de prisioneiros na Sibéria, a trabalhar como

escravo no subsolo. Emil perguntara-lhe como conseguira sobreviver. Johann respondera-lhe que parte fora sorte e parte fora aprendizagem. Não obstante o muito que tivera de trabalhar quando era novo, ainda na quinta, por exemplo, Johann tivera a sorte de estar um pouco gordinho graças a toda a boa comida que comera antes de os estalinistas irem buscá-lo. O pneuzinho suplementar em volta da barriga permitira-lhe sobreviver à viagem para leste, quando tantos haviam morrido.

Emil pensou em tudo o que tinham comido, bem como no peso e nas forças que recuperara desde que Adeline encontrara Esther. Nesse aspeto, ele estava razoavelmente preparado para sobreviver a uma longa viagem. Juntou isso à lista dos pontos a seu favor.

O pai também lhe dissera que tentara nunca falar alemão na presença de nenhum dos guardas soviéticos. Parecia deixá-los furiosos e, muitas vezes, resultava numa valente tarefa. Emil decidiu falar apenas russo dali em diante. Talvez conseguisse convencer alguém de que aqueles dois tinham metido os pés pelas mãos.

Johann dissera também que confiava em muito poucas pessoas nos campos. À partida, todos deveriam ser considerados potenciais informadores. A confiança deveria ser conquistada e defendida a ferros. Tal como a capacidade de evitar doenças. O pai de Emil transformara-se num fanático da higiene pessoal, depois de deixar as minas e as latrinas. Também se obrigava a comer tudo o que lhe era apresentado, por pior que fosse o aspeto, e a beber a água mais limpa que conseguisse encontrar e muita.

O importante era continuares de pé o máximo que pudesses, dissera-lhe o pai. Cada dia que continuavas vivo era mais uma oportunidade de seres libertado ou de fugires. Eu fugi duas vezes, mas eles levaram-me de volta e espancaram-me até perder os sentidos. Depois, adoeci.

Aquela confissão apanhara Emil de surpresa, quando a ouvira pela primeira vez. Nunca vira o pai como o género de homem que tentasse fugir. Mas agora que era ele próprio um prisioneiro, pareceu-lhe que entendia Johann a um nível mais profundo, visceral, melhor do que nunca, e jurou seguir aquelas quatro táticas de sobrevivência e outras que ouvira naquele dia, tanto tempo antes.

Só posso contar comigo, pensou. Mas, de certa forma, o meu pai preparou-me.

Emil estava certamente mais bem preparado do que os quinze homens na caixa do camião para onde o atiraram uma hora depois. Nervosos, magros, desconfiados, não o olhavam nos olhos, como se soubessem instintivamente que

agora não deveriam confiar em ninguém. Ele estava sentado num banco perto do taipal traseiro e viu outros homens serem conduzidos para outros caminhões sob escolta armada.

O caminhão ganhou vida depois de uma hora de espera. Quando arrancaram, aumentando assim cada vez mais a distância entre ele e a sua família, Emil ficou convencido de que vira Nikolas e dois outros homens que reconhecera da marcha e do Campo Wielun subirem para um outro caminhão.

Começaram a dirigir-se para leste. A cada quilómetro que passava, Emil sentia-se cada vez mais traído pela vida. Desde que tinham deixado Friedenstal, ele passara quase um ano a fazer tudo ao seu alcance para levar a família para oeste e dava agora por si na direção exatamente oposta. Ouvia tiros de canhão esporádicos a norte e a leste, pelo que sabia que o Exército Vermelho não podia estar longe. Duas horas depois, ao aproximar-se de Breslau com o sol do meio-dia a cintilar no rio Oder, viu que os soviéticos tinham a cidade sitiada. Os projéteis de morteiro explodiam no interior da fortaleza que os nazis haviam construído.

Seguiram para norte durante vários quilómetros e, depois, viraram em direção ao rio. Não muito tempo depois, Emil viu o primeiro tanque soviético e, a seguir, outro, e depois, sete, todos eles rumo a oeste, sem quaisquer obstáculos. Viu os tanques e os transportes de tropas soviéticas que os seguiam, ciente de que falhara miseravelmente. Fora sua intenção alcançar os Aliados ocidentais, mas, além de fracassar, acabara capturado e em breve seria entregue aos homens de Estaline. E Adeline, Walt e Will tinham ficado para trás, em pleno trajeto dos tanques que agora passavam por ele, lançados ao vento e aos lobos.

Lembrou-se da forma como os milicianos tinham empurrado Adeline para o chão e fez por usar aquela raiva para incutir em si mesmo a crença de que havia de sobreviver a toda e qualquer coisa que viesse a enfrentar. Mas, por mais que tentasse, não conseguia. Não parava de pensar em Adeline e nos rapazes, e sentiu no seu coração o primeiro gotejar ácido do desespero.



Aquele desespero foi aumentando ao longo das seis semanas estupificantes que se seguiram, com Emil e centenas e, depois, milhares de alemães étnicos postos a trabalhar pelas milícias polacas, que os tratavam como mão de obra es-

crava. Já não eram transportados em camiões, mas obrigados a marchar em longas filas de dois sob a supervisão de guardas armados, avançando de uma cidadezinha devastada pela guerra para a seguinte, passando doze a catorze horas por dia a limpar os escombros dos edifícios destruídos e a desimpedir estradas, para que mais tropas soviéticas pudessem ser levadas para as linhas de batalha.

Emil fazia por não falar a não ser quando interpelado por um dos guardas polacos e, então, apenas em russo. Mas ouvia em ambas as línguas e ouviu a notícia de que os Aliados estavam a obrigar Hitler a recuar em todas as frentes. Os soviets estavam a preparar-se para atacar Berlim por leste, enquanto os norte-americanos e os ingleses tentavam lá chegar por oeste, embora parecessem paralisados por bolsas de resistência feroz do que restava das forças da Wehrmacht.

Quando março se transformou em abril de 1945, o frio brutal que tomara conta de toda a Europa deu lugar a temperaturas elevadas que tornaram insuportáveis as roupas mais pesadas que Emil usava. Ele passou a levar a maior parte das suas roupas consigo aonde quer que fosse, poisando-as depois onde conseguisse vê-las enquanto trabalhava. Pensava constantemente no seu pai, seguindo-lhe o exemplo, mantendo a cabeça baixa, trabalhando sem comentários nem reclamações, bebendo apenas a água que os guardas lhe davam, comendo igualmente tudo o que lhe era dado e dormindo quando e onde podia.

Os prisioneiros passavam a noite em celeiros abandonados ou na floresta, muitas vezes deitados lado a lado na terra, os guardas com ordens para abaterem qualquer homem que tentasse fugir. Emil não desistira de encontrar uma forma e uma oportunidade de fugir, mas estavam debaixo de um controlo apertado, não mais do que um cento de homens num grupo com oito milicianos armados a vigiá-los.

Espalharam-se rumores de que, depois, seguiriam mais para leste quando a guerra acabasse, mas pareciam estar a deslocar-se entre cidades arruinadas pela guerra segundo um preguiçoso padrão de ziguezagues, às vezes para norte, às vezes para sul e até algumas vezes para oeste. Emil começou a alimentar a esperança de ser aprisionado algures perto da Alemanha, de modo que, se conseguisse fugir, não tivesse de ir muito longe para encontrar a família. Mas onde estariam eles então?

Ele dissera a Adeline que fosse para oeste, o mais para oeste que conseguisse, mas agora receava tê-los enviado para a boca do lobo. Imaginou-os a seguir fielmente as suas instruções, a pé rumo a oeste, a esquivarem-se de balas e de bom-

bas, e tentou dizer a si mesmo que eles haviam de encontrar uma maneira de chegar às linhas aliadas. Ou teria ele sido um asno chapado, mandando-os a todos ao encontro da morte?

Esta última pergunta atormentava Emil, sempre que se deitava sob o olhar atento dos milicianos e se permitia dormir. Tinha pesadelos nos quais Adeline, Walt e Will estavam no meio de um campo de batalha lamacento, feridos e a gritar por socorro. Mas, naqueles sonhos sombrios, ele parecia estar sempre atrás de uma cerca, agarrado ao arame farpado com tanta força que o sangue lhe escorria das mãos, enquanto ele lhes gritava que os encontrara; fora para oeste e encontrara-os.



Quatro semanas depois de Emil ser capturado, guardas soviéticos assumiram os lugares dos milicianos polacos, mas a sua missão continuava a ser a mesma em cada cidade onde entravam: limpar detritos, empilhar tijolos, manter-se vivo.

No primeiro dia sob controlo soviético, ouviu um guarda atarracado de cara espalmada, chamado Lebedev, gabar-se:

— O Estaline vai ficar com Berlim. É garantido. A bandeira vermelha há de estar hasteada no Reichstag no Dia dos Trabalhadores!

— Talvez antes do Dia dos Trabalhadores — disse o seu parceiro habitual, Aleksey, um rapaz magricela, com não mais de vinte anos, que parecia sempre seguir a deixa do mais velho Lebedev.

Os soviets atacaram finalmente Berlim a 16 de abril de 1945. Dois grupos completos do exército avançaram em direção à capital de Hitler, vindos de sul e de leste. Um terceiro exército russo invadiu os alemães pelo norte.

No espaço de quatro dias, a cidade estava cercada. A batalha campal e corpo a corpo com os últimos fervorosos partidários de Hitler teve lugar sob o mesmo calor brutal que Emil estava a sentir. Mais de oitenta mil soldados do Exército Vermelho morreriam nos dez dias seguintes, arrancando Berlim ao controlo nazi. Hitler suicidou-se a 30 de abril.

Os seus generais renderam-se formalmente dois dias mais tarde, e as fronteiras aproximadas das Alemanhas Oriental e Ocidental ficariam definidas pelas posições onde os diversos exércitos aliados haviam deixado de avançar.

No dia em que a guerra terminou, Emil estava de tronco nu, numa cidadezinha a sul de Kielce, na Polónia, a limpar betão e tijolos desfeitos sob um calor infernal, quando ouviu os mesmos dois guardas a conversar.

— Eu disse-te que a bandeira vermelha havia de estar hasteada no Reichstag no Dia dos Trabalhadores — disse Lebedev, sorrindo e acendendo um cigarro. — Gostaria de ter lá estado para ver.

— Eu gostava era de estar lá para a festa — disse-lhe o seu camarada Aleksey. — Ouvi dizer que estão a levar camiões de vodca para lá e que podes servir-te de qualquer mulher alemã. Ninguém te impede.

— Em vez disso, temos de vigiar estes suínos alemães a apanharem tijolos e marchar com eles para leste amanhã, para nada que se pareça com Berlim. Eu mesmo vi as ordens.

— Qual é a distância?

— Quase duzentos e cinquenta quilómetros — respondeu Lebedev, com amargura. — Provavelmente duas semanas a pé até ao comboio.



Duas semanas? pensou taciturnamente Emil, quando deu o seu primeiro passo rumo a leste na manhã de 3 de maio de 1945. *E os soviets têm carta branca para violar todas as mulheres que encontrarem. Incluindo a minha Adeline.* Aque-la ideia deixava-o tão agoniado e furioso que só lhe apetecia matar com as próprias mãos um dos homens que o guardavam, mas sabia que certamente acabaria morto no minuto seguinte. E onde é que isso deixaria a sua família?

Eles encontravam-se em formação de marcha, dois lado a lado, e, naquele dia, a cada poucos quilómetros iam-se-lhes juntando mais grupos de prisioneiros, muitos em uniformes do exército alemão, até que Emil lhes perdeu a conta ao chegar aos dois mil e trezentos. Um deles, inconfundivelmente, era Nikolas. Emil conseguia vê-lo quinze homens à sua frente e à esquerda, a coxear ligeiramente.

Naquele dia, o calor parecia estar a aumentar a par com a humidade. Nas quatro vezes em que lhes deram água, Emil engoliu dois terços da sua ração e encharcou o barrete com a restante, para manter a cabeça fresca. Às três horas da tarde, estava um calor brutal, na ordem dos trinta e muitos graus Celsius, sem uma única nuvem no céu, e os homens mais fracos começaram a cambale-

ar e a tombar. O que seguia ao lado de Nikolas foi um dos primeiros. Ele ignorou o seu parceiro caído e continuou em frente. O homem seguinte na fila passou-lhe por cima, tal como os oito que se lhe seguiram.

Emil parou, agarrou-o pelas axilas e tentou ajudá-lo a levantar-se.

— Deixa-o estar! — gritou Lebedev. — Continua a marchar. Cerrar fileiras!

Relutante, Emil deixou o homem estatelar-se na terra, contornou-o e avançou rapidamente para colmatar a lacuna na fila. Ouviu Lebedev gritar com o prisioneiro caído, dizendo-lhe que tinha mais uma hipótese de se levantar. Depois, ouviu o russo gritar a Aleksey que acabasse com ele e o atirasse para a valleta. Olhando para trás, viu o jovem soldado aproximar-se e, sem qualquer hesitação, meter uma bala na cabeça do homem caído.

O disparo fez com que os prisioneiros à frente de Emil entrassem em pânico e quebrassem a formação. Vários começaram a correr. Outros guardas gritaram em russo e dispararam para o ar para os deter, o que apenas aumentou a agitação nas fileiras. Um dos prisioneiros alemães fardados decidiu aproveitar a barafunda como distração para tentar fugir e largou a correr por um campo de pousio adentro, rumo a uma floresta a cerca de cento e cinquenta metros.

Já havia percorrido mais de metade do caminho quando Lebedev o viu, correu, poisou um joelho na terra, fez pontaria e acertou nas costas do fugitivo dez metros antes de ele alcançar as árvores. A visão daquele homem a tombar para a frente numa névoa do seu próprio sangue foi o suficiente para os restantes prisioneiros sossegarem e correrem de volta para a linha de marcha. Durante a confusão, deu-se uma troca de lugares, incluindo o de Emil. Quando retomaram a marcha, ele olhou para a esquerda e deu com Nikolas a mancar ao seu lado, com uma expressão muito contrariada.

— Poderias ter procurado outro lugar para empestar, Martel — disse-lhe Nikolas.

— Como é que vai esse joelho?

Nikolas olhou para ele com um ódio absoluto.

— Melhor a cada dia que passa. Não tarda, estarei suficientemente bom para te espetar uma faca nas costas quando não estiveres a olhar.

— Só que eu vou estar a olhar — disse-lhe Emil. — E quando tentares, vou tirar-te essa faca e vou enfiar-ta pelo cu acima e dar-lhe uma volta ou duas. Hás de morrer a cagar sangue se tentares, Nikolas.

Aquilo enfureceu o homem maior, que não respondeu, limitando-se apenas a olhar em frente, coxeando com os dentes cerrados, passo a passo com Emil du-

rante hora após hora, até que receberam ordens para parar numa região agrícola. Em onze horas de marcha, tinham percorrido quase trinta quilômetros e visto dez homens morrerem.

Lebedev indicou a Emil, Nikolas e aos outros prisioneiros um pequeno conjunto de árvores esparsas no meio de um campo que fora recentemente ceifado. Aleksey foi com eles e permitiu que mergulhassem a cabeça enquanto atravessavam um riacho. Embora a imersão na água fria fosse um alívio, Emil deixou-se cair quase de imediato contra uma das árvores, grato pela sombra e pela erva verde: sabia que precisava de descansar se iam marchar daquela maneira durante duas semanas seguidas.

Nikolas encontrou um outro local para se deitar. Outros homens regressaram ao riacho e beberam de lá, mas Emil vira vacas ao longe e decidiu que era demasiado arriscado. Embora estivesse com imensa sede, esperou duas horas pela chegada de um camião com água e comida. O jantar foi uma sopa rala de couves, um naco de pão e água suficiente para encher a lata que lhes tinham dado.

Emil praticamente devorou a comida e a água. Voltou para a fila para beber mais água, bebeu-a toda e deitou-se antes que o sol se fosse. Usando as suas roupas como almofada e abraçando-se à lata de água e aos sapatos para que não lhe fossem roubados, permitiu-se pensar em Adeline, Walt e Will pela primeira vez desde que haviam iniciado a marcha. Adormeceu com o rostos deles diante de si, viu-se a abraçá-los, a cantar uma canção de embalar silenciosa aos pequenos e a desejar-lhes a todos uma boa noite de descanso.

Capítulo Vinte e Cinco

12 de maio de 1945

Perto de Pulawy, Polónia

A última parte da marcha foi a pior para Emil. Não tinham feito mais nada senão caminhar naquele calor durante os últimos três dias, quase sempre em campos e em terrenos acidentados, para manter as estradas livres para o tráfego militar soviético. A frequência com que os prisioneiros cediam e morriam era praticamente horária.

Emil acordara confuso, mal descansado e enjoado. Já conseguia perceber que o calor iria ser implacável e perguntou a si mesmo se seria capaz de continuar se a marcha viesse a revelar-se longa. Tinha o estômago tão transtornado que não conseguiu comer a sua ração de pão e derramou metade da água que tinha na lata, antes de dar sequer um passo. Ao meio-dia, tinham percorrido dez quilómetros e a temperatura não parara de subir, com um ar tão denso que parecia haver uma bruma no horizonte baixo e nebuloso.

Um pé atrás do outro, disse ele a si mesmo. *Um pé atrás do outro*.

Mas, ao início da tarde, a sede era tanta que começava a abalar-lhe a determinação. Ele procurava água fosse onde fosse. Ao passar por um pequeno lago, apeteceu-lhe ir até lá e mergulhar como a irmã fizera no dia em que perdera as pernas. Mas conseguia perceber que Lebedev e Aleksey não estavam com disposição para ver os seus prisioneiros fazerem o que eles próprios não podiam.

A língua e a garganta pareciam-lhe tão ressequidas como o solo dos campos por onde passavam. As pálpebras estavam pegajosas com suor e os lábios cobertos de sal. Foram várias as vezes em que se sentiu tão tonto que receou desmaiar. *E se eu cair e não conseguir voltar a levantar-me?*

No auge da exaustão provocada pelo calor, o corpo torturado começou a infetar-lhe a mente. Ouviu Lebedev e Aleksey aos gritos, algo que se transformou no capitão Haussmann a gritar com ele pela primeira vez em meses. Por mais que tentasse, não conseguia evitar que as terríveis lembranças daquela noite

voltassem em plena força. Emil avançava aos tombos para leste, num transe febril onde via partes daquela noite como se estivessem a acontecer de novo.



15 de setembro de 1941

Imediações de Dubossary, Transnístria

— Muito bem — disse Emil. — Eu faço-o.

— Uma escolha sensata — disse o capitão Haussmann, apontando com o cano da arma para o rapaz apavorado que continuava com as duas meninas na beira da ravina. — Trata disso, então. Prova que estás à altura da nova Alemanha, menino da quinta.

Ciente de que Haussmann ainda lhe apontava a arma a apenas alguns metros de distância, Emil sentiu-se endurecer e ir para um lugar na sua mente onde já estivera muitas vezes. Tendo crescido numa quinta, tivera de abater animais, e foi assim que tentou ver os judeus quando se voltou para eles naquela noite. Na sua mente, tentou fazer deles animais, e não seres humanos, sendo que ele também não era humano. Além do mais, se ele não fizesse aquilo, aquelas três crianças morreriam de qualquer maneira e, com elas, as probabilidades de sobrevivência de Emil e da sua família.

O rapaz judeu estava a implorar-lhe novamente e a pedir-lhe que não disparasse enquanto avançava, com os olhos fixos nele, e Emil levantava a arma e tentava fazer pontaria. Quando a mira encontrou o peito do rapaz judeu, Emil sentiu-se frio, implacável, decidido a matar.

— Faz o que te mandam ou rebento-te a cabeça! — gritou Haussmann, atrás dele.

Na sua mente, quando começou a premir o gatilho, Emil já matara o rapaz judeu e as duas meninas, para poder voltar a ver a sua mulher e filhos.

Um grito soou atrás dele:

— Capitão Haussmann, afaste-se e baixe a arma!

Sentindo-se como se ainda estivesse num pesadelo, Emil olhou por cima do ombro, boquiaberto. Com a silhueta recortada pelos faróis do camião, um ofi-

cial da SS com nariz aquilino avançava direito a deles. Haussmann olhou para ele, baixou a arma e pôs-se rapidamente em sentido.

— *Obersturmbannführer* Nosske! — gritou ele.

Nosske apontou para Emil.

— Baixe a sua arma.

Haussmann disse:

— Pensava que tinha seguido para Kiev...?

— Ainda não — replicou Nosske, que parecia ser o seu superior. — Estava a ameaçar matar este homem, se ele não abatesse aqueles judeus, capitão?

Haussmann assentiu com vigor.

— Pareceu-me que ele tinha de demonstrar a sua fidelidade à pátria, de...

— Ele pode fazê-lo de outra maneira — disse Nosske. — O próprio *Reichsführer* Himmler vomitou, quando viu quinze homens serem fuzilados há três meses. A sua ordem explícita depois foi que ninguém deve ser forçado a participar, a menos que queira.

— Com todo o respeito, tenente-coronel Nosske, este homem é um cobarde; este homem...

— Não vai abater judeus, se não quiser — interrompeu o oficial da SS, com firmeza. — Atribua-lhe outro trabalho, capitão. Dê-lhe uma pá para os enterrar todos e encontre alguém que queira abatê-los, e trate disso rapidamente. Temos de nos livrar de mais dois mil antes do amanhecer.

Dois mil?, pensou Emil, agora a tremer descontroladamente e a olhar embaçado para Nosske e Haussmann, que viu que a discussão era inútil e arrancou a *Luger* das mãos de Emil. Foi ter com Helmut, o rapaz a quem faltava um dente, e entregou-lhe a pistola.

— Força. Mostra ao menino da quinta como é um verdadeiro novo alemão.

Helmut assentiu com a cabeça e passou por Emil com um olhar de desdém, antes de se dirigir aos três judeus. Abateu primeiro a menina da esquerda, depois a da direita e, então, o rapaz mais velho em agonia. Usou a bota para empurrar os cadáveres para as trevas.

— É como abater porcos numa pocilga — disse ele a Emil, antes de sorrir a Haussmann e Nosske. — Podem assentar o meu nome. Era capaz de fazer isto o dia inteiro.

Emil olhou para o sítio onde os jovens judeus haviam estado abraçados, a implorar por misericórdia, apenas alguns momentos antes. Sentiu--se zozzo e

enojado. *Eu ia abatê-los. Eu ia matar aquelas crianças. Como é que fui capaz de...? Como...?*

E, então, Emil processou a primeira coisa que Helmut dissera e entendeu que ele e aquele sujeito desdentado tinham contado a mesma história a si mesmos: os judeus não eram humanos; eram animais.

— Martel! — gritou o capitão Haussmann, arrancando-o dos seus pensamentos.

Emil voltou-se para o oficial da SS e para o seu comandante, vendo Nosske apontar para uma pá no chão.

— Use-a, ou é *ele* que o abate.

Emil assentiu, baixou a cabeça e apressou-se a ir buscar a pá. Mais tiros de espingarda e pistola começavam a ressoar mais a norte na ravina e, com eles, os gritos dos condenados fizeram-se ouvir mais uma vez. Tudo aquilo fez Emil sentir-se como se tivesse ido para o Inferno por motivos que não entendia, e teve de fazer um esforço para se concentrar em Haussmann, que apontou para a ravina, mais a sul.

— Vai para ali e começa a cobrir o trabalho da noite passada com aquela pilha de cal — disse o capitão da SS, o seu tom marcado pela repulsa.

Emil queria perguntar-lhe quanto tempo iria ter de usar a pá para poder ir para casa, mas pensou melhor. Assentiu e deu meia-volta, apenas para levar um pontapé em cheio na nádega direita, que o fez cambalear e quase cair.

O instinto disse-lhe para se virar e rachar a cabeça de Haussmann com a lâmina da pá, mas ele sabia que, se o fizesse, era um homem morto. Como tal, endireitou-se, manteve a cabeça baixa e foi a coxear até à pilha de cal nas sombras imediatamente além do clarão dos faróis. A brisa noturna mudou de rumo, soprando agora de sudeste e da própria ravina. Com a brisa, veio também o fedor de corpos que haviam passado o dia interior em decomposição ao sol.

Ele vomitou e voltou a vomitar. Ouviram-se mais tiros de espingarda. Mais pessoas gritavam. Quando Emil foi capaz de se aguentar em pé, conseguiu ver a norte, através dos feixes dos faróis, a longa fila de judeus à espera de morrer. A maioria parecia agora resignada com o seu destino, a caminho do abate, como animais. Só que não eram animais.

Emil deixou de respirar pelo nariz, dirigiu-se à pilha de cal e começou a cavar, em lágrimas, incapaz de parar de pensar na sua decisão de abater os três judeus e na rapidez com que deixara de os ver como pessoas, crianças, para os ver como animais, e também na rapidez com que passara a pensar em si como uma

ferramenta, um instrumento, não uma pessoa. Ainda que o tivesse feito pela sua família. Ia soluçando e vomitando, enquanto atirava as primeiras pazadas de cal pela beira da ravina. Sentia no seu coração que era o mesmo que tivesse sido ele a matar aquelas três crianças. Dera por si disposto a fazê-lo, não dera? Decidira meter uma bala em cada uma delas, não decidira?

Emil sabia no seu coração e na sua mente que sim e que era um assassino. *Cruzei a linha. Eles já estavam mortos. Eu já estava a viver com esse facto.*

Mas fora forçado a isso, não fora? Pedira a Deus que não o tornasse uma parte daquilo, mas acabara ali, e fora ali que decidira matar três crianças, encontrando uma forma de se justificar que não passasse pela arma apontada à sua cabeça. *Eles estavam destinados a ser mortos, fosse quem fosse que premisse o gatilho. Eles eram animais. Eu era apenas uma ferramenta.*

Não, não eram. Eles eram tão humanos como a carne da tua carne. E não, não eras nenhuma ferramenta de destruição irracional e insensível. Tu, Emil, eras um assassino frio e em nada diferente daquele Helmut.

Ele continuou assim, a torturar-se enquanto despejava pazada atrás de pazada, horas a fio, e os disparos continuavam a ouvir-se. Cada um deles fazia-o estremecer, fazia-o reviver a execução daquelas três crianças. Pensou em Adeline e perguntou-se o que ela teria feito no seu lugar. Baixou a cabeça, sentindo-se um homem inferior quando entendeu exatamente qual teria sido a reação dela. Os pensamentos dela teriam ido para os mortos e moribundos. Não para si própria.

A Adeline estaria a rezar pela alma deles, pensou Emil, e sentiu-se confuso, furioso e pequeno, um pontinho no tempo. *Ela estaria a rezar-lhes pela alma, e eu já não consigo ver que sentido isso faria. Morto ou vivo, ninguém está a ouvir.*

E com isto, nas trevas da noite enquanto dois mil judeus perdiam a vida, a fé de Emil Martel num Deus benevolente, a sua crença em si mesmo e no bem comum do homem, abandonou-o. Um dia, ao regressar a Friedenstal e à sua família, havia de sacudir o punho contra o céu e amaldiçoar um Deus cruel pelo triste destino que lhe calhara na vida.



Emil tropeçou e esparramou-se de borco nas ervas daninhas de um campo não lavrado que os prisioneiros estavam a atravessar, vendo-se assim arrancado do seu transe.

— Levanta-te! — disse alguém, quando passou por cima de Emil. — O Lebedev vem aí!

Obrigando-se a pôr-se de joelhos e, depois, em pé, Emil sentiu que era bem capaz de voltar a cair. Mas cerrou os dentes, enfureceu-se e retomou a marcha.

Lembrou-se daquele momento nas imediações de Dubossary quase quatro anos antes, quando perdera a fé, e percebeu que as suas crenças não haviam mudado em nada desde então. Não havia Deus. Não obstante o que Adeline dissera, não havia nenhuma ajuda do alto. Ele só podia contar consigo.

E aquela marcha? A cada passo que dava, encarava-a cada vez mais como um castigo por ser um assassino em tudo, menos no premir do gatilho.



Por pura força de vontade, Emil continuou a pôr um pé à frente do outro durante quase três dias, depois de ceder aos efeitos do calor. E, durante três dias, continuou a penar, obcecado com aquilo em que se tornara em Dubossary: um monstro em nada diferente de Helmut ou de Haussmann.

Tornei-me um monstro, e esta é a tortura pela qual tenho de passar, se quiser voltar a ver a Adeline, o Walt e o Will, dizia ele a si mesmo, uma e outra vez. *Só tenho de aguentar a dor, aceitar a tortura e seguir em frente.*

Todos os dias, havia homens que tombavam de exaustão. Todos os dias, havia homens abatidos pela fraqueza. Só as mortes mantinham Emil em movimento, quando tudo o que ele queria era deitar-se à sombra e dormir. Apenas as mortes o faziam seguir em frente, quando tudo o que queria era deitar-se à sombra e deixar-se dormir.

Perto do fim do terceiro dia, os relâmpagos fizeram-se ver nas proximidades, enquanto os trovões sacudiam o solo sob os pés cansados de Emil. Ele não se importou. Lebedev acabara de dizer que estavam a um quilómetro e meio da estação onde os esperava o comboio para leste.

A última etapa, pensou Emil, e sorriu com cansaço. *Houve alturas em que quis desistir e deixar que eles me metessem uma bala na cabeça, mas estou aqui. Consegui.*

Então, os ventos chegaram com chuva, torrenciais e fanfarrões. Emil e dezenas de outros prisioneiros despiram a camisa e deixaram que a chuva lhes arrancasse a porcaria do corpo, enquanto se inclinavam para trás e abriam a boca

para beber do céu. Algures lá no fundo, Emil queria rugir de vitória por ter chegado tão longe, quando tantos haviam tombado ao longo do caminho — quase duzentos segundo as suas contas.

Mas ele sabia que festejar apenas serviria para chamar a atenção, e a regra número um do seu pai para a sobrevivência num campo de prisioneiros soviético consistia em dar nas vistas o mínimo possível. Emil manteve o silêncio quando entraram em Lublin, que se encontrava como muitas das outras pequenas cidades e vilas por onde haviam passado — em ruínas ou crivadas de balas ou crateras de bombas. E, tal como nas outras cidades, as pessoas saíam à rua para zombar e praguejar em polaco e em russo contra os prisioneiros, chamando-lhes «porcos alemães» e perguntando-lhes qual era a sensação de serem espancados e levados como gado para leste.

— Diverte-te na Sibéria, boche fedorento! — gritou um rapazinho, e atirou uma pedra a Emil, acertando-lhe no ombro.

O rapaz soltou um grito de alegria, que se transformou numa risada zombeteira. Emil seguiu em frente, menos entusiasmado com a chuva. *Aquele pequeno não devia ser muito mais velho do que o Walt, e odiava-me. Nunca fiz nada àquela criança, mas odiava-me tanto que ficou contente por me acertar com uma pedra.*

Ele estava a começar a pensar que o ódio governava o mundo. O ódio fazia certamente parte de quase todas as experiências terríveis que suportara na sua vida. Ele fizera-lhe a vontade em Dubossary, não fizera?

O ciclo de sofrimento mental recomeçou para Emil quando dobraram uma esquina e foram levados para um parque ferroviário, onde os aguardava um longo comboio de carga, com as portas escancaradas. A tempestade passara e, com ela, o orgulho efêmero de ter sobrevivido à marcha. As sombras e a escuridão no interior daqueles vagões falavam com Emil numa linguagem que ele não entendia, mas que se assemelhava a um lento serrar no seu cérebro e estômago.

Onde é que ele iria sair daquelas sombras e daquela escuridão? Pior ainda, quem seria ele? Estaria destinado a morrer no Leste? Ou a voltar como o pai, um homem bondoso, mas desfeito por dentro?

Lebedev e Aleksey ordenaram uma paragem. Emil deixou-se ficar ali, fechou os olhos por um bom bocado, bloqueando o comboio que o levaria para ainda mais longe, e invocou a imagem mais nítida que conseguiu encontrar de Adeline e dos rapazes. Aquela que lhe surgiu foi a deles na noite depois de ela voltar de Lodz com comida suficiente para alimentar toda a família. Adeline parecia

radiante naquela noite. Por mais fraco que Emil se sentisse depois de a febre ter cedido de vez, sentira-se mais forte sempre que ela lhe sorrisse naquela noite durante o jantar.

Bem, não é isso que o amor nos faz?, pensou ele. *Torna-nos mais fortes?*

Lebedev começou a gritar ordens:

— Peguem nas vossas rações e metam-se no comboio.

— Para onde acham que ele vai levar-nos? — perguntou Nikolas a Aleksey e Lebedev.

Emil não os vira chegar.

— Tanto quanto sei, vocês vão receber roupa de inverno quando chegarem — respondeu-lhe Aleksey, com um sorriso.

Lebedev soltou uma risadinha e acrescentou:

— Não deixes que ninguém te roube as luvas, senão caem-te os dedos em quinze minutos.

Emil sentiu-se agoniado e voltou a fechar os olhos. *Sibéria*.

— Peguem nas vossas rações e metam-se no comboio! — gritou Lebedev, de novo. — Nunca mais quero ver nenhum de vocês, seus estupores imundos e inúteis.

Depois das viagens de comboio até Budapeste e, depois, até Lodz, Emil sabia que conseguir um bom lugar onde ficar em pé era fundamental para sobreviver ao que só poderia ser uma viagem de uma ou duas semanas até à Sibéria, dependendo da potência da locomotiva e das condições da via. Quando o sol começava a pôr-se, recebeu as suas rações e subiu para um vagão quase vazio perto da traseira do comboio. Escolheu um lugar perto da porta e preparou-se para a longa viagem que tinha pela frente.



18 de maio de 1945

Poltava, Ucrânia

Durante três dias, Emil lutou pelo seu lugar junto à porta e manteve-o. Quando a dita estava fechada, o ar dentro do vagão era sufocante e rançoso, mas ele tinha uma fenda que lhe permitia respirar ar fresco e uma nesga de vis-

ta, enquanto o comboio seguia para leste entre uma velocidade constante e o quase parado.

Com aquelas velocidades num calor e humidade insuportáveis, os vagões de carga tinham-se transformado em caixões. No de Emil, cinco homens debilitados pela marcha morreram. Mas eram mais os que estavam a morrer nos outros vagões. Ele já vira pelo menos trinta cadáveres a serem levados.

Naquela manhã, enquanto um corpo estava a ser retirado de um vagão adjacente, outros prisioneiros encontravam-se no terreno a fazer as suas necessidades e a esticar as pernas, quando dois deles tentaram fugir. Os soldados do Exército Vermelho que guardavam o comboio abateram-nos passados cinquenta metros.

Horas depois, Emil mantinha os lábios e os olhos colados à fresta da porta e fazia de tudo para não pensar na sua situação desolada. Era uma das outras coisas que o pai lhe dissera a respeito da sobrevivência no *gulag*. *Quanto pior se tornava, menos pensavas. Tinhas de descobrir uma maneira de mergulhar em ti mesmo, descobrir um lugar onde ninguém pudesse encontrar-te e apenas ser. Como um urso a hibernar.* Naquela fase do seu cativo, Emil acreditava ter encontrado aquele lugar lá bem no fundo e dizia a si mesmo que seria capaz de durar uma semana, duas até, no comboio: bastava-lhe manter um olho na fresta da porta, espreitar o desfile dos campos, respirar ar puro e não pensar.

Os travões chiaram. Lentamente, o comboio acabou por parar. Quando a porta deslizou para o lado, Emil levou a mão à testa para se proteger do sol quente e intenso, e viu que tinham parado junto de um grande campo em pou-sio, e mais além um outro e um outro ainda. Sentiu o cheiro a cavalos e gado, e olhou em redor, pensando que aquela terra lhe parecia familiar. Demasiado familiar.

Os soldados disseram a todos que se apeassem e reunissem no campo. Quando o fizeram, um grande oficial soviético musculado pôs-se de pé na plataforma de um camião de caixa aberta e fez-se ouvir com a ajuda de um megafone:

— Bem-vindos ao campo de prisioneiros de guerra de Poltava. Estão aqui para reparar os destrutivos atos de agressão de Adolf Hitler contra o povo soviético. Hitler tomou Poltava em 1941 e transformou-a na sua base para os bombardeiros que atacaram Estalinegrado e Moscovo, e mataram dezenas de milhares de russos inocentes. Os Aliados não tiveram outra escolha senão bombardear Poltava e o seu aeródromo, e uma longa batalha teve aqui lugar com o

vosso exército. Cabe-vos reconstruir o que foi destruído. Quando isso estiver feito, irão para casa. Nem um dia antes.

Poltava. Agora, Emil sabia onde estava e sentiu-se um pouco melhor. Estava de regresso à Ucrânia, ao extremo oriental da Ucrânia, quase na fronteira russa, a uns bons quatrocentos e setenta e cinco quilómetros a és-nordeste de onde ele, Adeline e os rapazes tinham partido na *Longa Marcha* catorze meses antes.

Estou muito, muito longe de onde deixei a Adeline, mas pelo menos não estou na Sibéria, pensou. *Da Ucrânia, posso fugir. Já o fiz. Posso voltar a fazê-lo.*

Embora estivesse a sorrir por dentro com estes pensamentos, Emil manteve uma expressão sombria, enquanto os soldados organizavam os prisioneiros em filas para receberem roupas: um uniforme prisional cinzento, incluindo um boné, um casaco e botas de trabalho. Disseram-lhes que deveriam proteger as suas roupas. Não haveria substituições.

Depois de serem desinfestados em barracas junto à via-férrea e deixarem as roupas velhas para trás, foram levados em passo de marcha para a cidade. Embora o calor fosse sufocante, o trajeto acompanhava um riacho murmurante numa floresta sombreada que cheirava a pinho e flores silvestres, até que o vento virou e tudo o que Emil conseguia sentir era o cheiro de fogo apagado, de origem química.

As árvores acabaram. Avançaram para uma elevação, sob a luz de um sol quente de alumínio, onde tiveram a primeira visão de Poltava. Em tempos, aquela cidade albergara trezentas mil pessoas, mas mais de 80% encontravam-se agora em ruínas chamuscadas, um deserto resultante da guerra onde menos de seis mil pessoas faziam por ganhar a vida.

Emil olhou para aquele labirinto enegrecido pela fuligem e pelas bombas, constituído por paredes quase rasas e desfeitas, esqueletos de aço retorcidos e torreões negros e irregulares que se elevavam dos escombros até onde a vista podia alcançar, e sentiu toda a sua bravura desaparecer. Embora não acreditasse em Deus nem no Céu, os seus olhos diziam-lhe que estava prestes a entrar no Inferno.

Capítulo Vinte e Seis

27 de junho de 1945

Legnica, Polónia

Mais de três meses e meio depois de Emil ser levado, o sol estava a nascer sobre o edifício que, durante quase cinco meses, dera refúgio ao clã Martel alargado. Adeline e os rapazes estavam na rua em frente com a sua carrocinha e a de Marie. Lydia e Malia, e os pais de Emil e Rese encontravam-se lá também com as suas carretas carregadas.

Karoline disse:

— Vocês deveriam vir todos connosco. Estaremos de regresso a Friedenstal numa semana. A um lugar que conhecemos. A uma vida que conhecemos.

— Os soviets estão a mentir — disse-lhe a nora, secamente. — Vão voltar para uma vida pior do que aquela que conhecíamos. Além disso, o Emil disse-me que fosse para oeste e que, depois, havia de encontrar-me.

A sogra parecia ter provado alguma coisa desagradável, antes de dizer:

— É melhor veres as coisas como elas são, Adeline. A tua mãe está certa. O Emil foi-se e não vai voltar. Tal como aconteceu com o teu pai.

— Não acredito nisso — disse ela, com os punhos cerrados. — Nunca hei de acreditar nisso.

— Então, isto é um adeus — disse Karoline.

Adeline assentiu com a cabeça e disse a Will e Walt que se despedissem dos avós e da tia. Rese tinha lágrimas nos olhos, mas Karoline mal olhou para eles antes de despentear o cabelo aos pequenos. Depois de Adeline abraçar Rese e Johann, Karoline disse-lhe:

— Chega aqui só um instante, Adella.

— Não vou mudar de ideias.

— Eu sei — disse ela, antes de se afastar com ela o suficiente para não serem ouvidas.

Tão azeda como sempre, Karoline olhou-a nos olhos e disse:

— Vais perdoar-me, antes de virarmos costas uma à outra para sempre?

Adeline sabia exatamente a que é que ela se referia, aquele incidente tanto tempo antes, quando o primeiro Waldemar estava a morrer de fome e Karoline, não obstante, bebera grande parte das natas que um amigo deixara para ele, isto dois dias antes da morte do bebé. Adeline passara todos aqueles anos sem nunca se esquecer daquilo, dizendo a si mesma que nunca poderia perdoar àquela vadia rancorosa aquele gesto de ganância e indiferença.

Mas, ali parada, deu ouvidos não à sua mente, mas ao seu coração.

— Eu perdoo-lhe, Karoline. Não foi a responsável pela morte dele. A minha malária, sim. Ele teria morrido com ou sem as natas. Guardei--lhe rancor por isto durante tanto tempo. Foi injusto da minha parte.

As feições da sogra pareceram derreter-se e ela agarrou com força no antebraço de Adeline, antes de lhe dizer numa voz estrangulada:

— Obrigada. Não sei o que é que me deu naquele dia. Eu... gosto daqueles rapazes. Eles têm tanta coisa do Emil, tu sabes.

A expressão dura de Karoline estava de volta antes de ela assentir com a cabeça e voltar para junto da carreta. Com ela atrás para empurrar, Johann tinha a seu cargo o cabo dianteiro. Sentada na carreta, Rese acenou à família, a sua cara corada pela tensão, antes de começar a soluçar.

— Se o Emil vos encontrar, digam-lhe que venha procurar-me — disse Adeline, antes que os sogros partissem com a sua carreta para a estação e para um comboio que os levaria de volta à Ucrânia e à pequena Friedenstal.



— Vamos voltar a vê-los, mamã? — perguntou Walt, com lágrimas nos olhos, enquanto os avós e a tia se iam tornando mais pequenos.

— Não sei — foi tudo o que ela conseguiu responder.

O pequeno pareceu ficar ainda mais perturbado, pelo que ela acrescentou:

— Se fizer parte do plano de Deus, voltaremos a vê-los.

Dirigiu-se ao cabo da carrocinha, a posição normal de Emil, antes de olhar para Walt e Will atrás da barra de empurrar, e depois para a irmã, a mãe e a prima com os gémeos no carrinho.

— Preparados? — perguntou ela.

Lydia e Malia assentiram. Marie também.

— Estou pronto para ir para oeste — respondeu Will.

Preocupado, Walt disse:

— Mas como é que o papá vai saber onde nos encontrar, depois de sairmos daqui?

— Deixei uma carta para ele com o proprietário, caso ele venha cá primeiro — explicou ela. — Nela, digo-lhe que vamos para Berlim, para depois seguirmos para a zona britânica ou americana, onde estaremos à espera dele.

— Ele nunca há de lê-la — disse Lydia.

Malia, que estava ao lado dela na barra de empurrar a carroça das duas, disse:

— A mãe tem de aprender a meter uma rolha de vez em quando.

Lydia olhou para a filha mais velha, ergueu o queixo e desviou o olhar, dizendo:

— Não percebo porque é que eles não nos deixam ficar aqui.

— Ninguém na Polónia nos quer aqui — disse Malia. — Não temos outra escolha, se não queremos voltar para Friedenstal.

A irmã de Adeline tinha razão. À semelhança de todos os outros países que Hitler invadira, a Polónia decidira expulsar das suas fronteiras todas as pessoas de ascendência alemã, independentemente do seu papel na guerra. Tinham-lhes sido dadas quarenta e oito horas para fazerem as malas e decidirem se voltavam para leste num comboio ou iam para oeste a pé.

Marie pedira uma prorrogação por causa da febre de Rutger, mas fora recusada. A criança doente estava agitada em cima da pequena carroça de Marie, que parecia não ter mãos a medir enquanto se preparavam para a partida.

— Cá vamos nós — disse Adeline. — Vamos ver se chegamos o mais longe que pudermos hoje.

Pegou no cabo da carroça, olhou uma última vez para leste, para a esquina da rua onde Emil desaparecera mais de três meses antes e, então, virou a cabeça para oeste e começou a andar. Tinham percorrido menos de um quilómetro rumo aos arredores da cidade, juntando-se a um fluxo constante de outros refugiados que se dirigiam para oeste, quando Will perguntou:

— Mamã, a que distância fica a Alemanha?

— Cem quilómetros — respondeu Adeline, já começando a sentir dores nos pés.

— E Berlim? — quis saber Walt.

— Quase trezentos.

— Ahhh... — queixou-se Will. — Nunca havemos de chegar lá.



Tinham percorrido doze quilómetros, quando o sol se pôs naquele primeiro dia. Adeline nem teve tempo para pensar se Emil estaria a ver o pôr do sol algures no vasto leste soviético. Ao longo do dia, sem dar por isso, ela tornara-se a líder de facto da família e tivera de decidir onde iriam montar acampamento durante a noite, o que iriam comer e onde cada um deles iria dormir.

Pediu aos rapazes que lhe escavassem um forno na margem de um riacho, depois preparou uma sopa, aqueceu o pão que fizera no dia anterior e racionou a carne seca comprada em março no mercado negro, quando o *Reichsmark* ainda valia alguma coisa. Enquanto Will e Walt alimentavam a fogueira, ela e Malia lavavam os pratos.

— Consegues acreditar que eles se foram para sempre? — perguntou Mália.
— A Rese, o Johann, a Senhora Raio de Sol?

— Vou sentir falta da Rese e do Johann — disse Adeline.

— Algo no meu estômago me diz que eles vão arrepender-se.

— Foi o que eu lhes disse, mas ela não quis ouvir.

— E o que é que isso tem de novo?

Adeline contou a Malia por que motivo a sogra a chamara à parte.

— Estás a tentar dizer-me que, afinal, ela tem uma alma?

— Talvez.

— Talvez as pessoas possam mudar. Talvez as pessoas possam surpreender-nos se viverem tempo suficiente.

Adeline deu por si subitamente tomada pela emoção e abraçou a irmã.

— O que é que foi isso? — perguntou Malia, quando se separaram.

— Foi um «obrigada» — respondeu Adeline. — Por seres quem és e estares aqui e defenderes a tua mana mais nova. E por causa daquilo que aconteceu, daquilo que ouvimos hoje mais cedo.

A irmã ficou mais sóbria.

— Imagino que há de haver muito disso.

— Comigo, não — disse Adeline. — Hei de arranhar e morder até sangrar, se eles vierem.

Mais tarde naquela noite, ela estava deitada no chão entre os filhos, voltada para as últimas brasas da fogueira e a ouvir Marie tentando acalmar os gémeos.

Rutger desenvolvera uma tosse seca durante o dia e Hans também estava com febre. Mas Adeline não conseguia esquecer-se da jovem refugiada, não teria mais de dezasseis anos, que tinham visto ser arrastada para um celeiro por dois soviets.

Todos a ouviram gritar, até os rapazes, que ficaram assustados e perguntaram o que estava a acontecer à rapariga e porquê. Adeline dissera-lhes que não sabia e não queria saber, e dissera a si mesma que não deixaria que aquilo lhe acontecesse. Custasse o que custasse, não se deixaria violar por animais. Mas ali deitada no chão, com um coro desvairado de insetos e pássaros noturnos a chamá-la do fundo do riacho, ela sabia que nunca se sentira tão assustada e sozinha em toda a vida, embora tivesse a mãe e a irmã a menos de dez metros de distância.

Emil fora levado e, com ele, a fé inabalável de Adeline em Deus e na sua capacidade de sobreviver e manter os seus filhos vivos. Durante toda a marcha de partida da Ucrânia, a sua fé mantivera-se forte e ela acreditara que Deus caminhava ao seu lado. Agora, percebia que fora Emil quem realmente caminhara ao seu lado e, com ele ausente, ela sentia-se abandonada, lançada ao vento, esquecida pela graça.

Pela centésima noite desde que vira Emil pela última vez, a gritar-lhe que fosse para oeste, Adeline fechou os olhos e pediu a Deus que a salvasse e os levasse em segurança, a ela e aos pequenos, para oeste, onde o marido conseguisse encontrá-los. E pela centésima noite desde que o vira pela última vez, ela adormeceu, atormentada por um silêncio sombrio que fez com que o seu coração doesse ainda mais.



No dia seguinte, Adeline e os rapazes empurraram e puxaram a pequena carroça durante catorze quilómetros. No terceiro dia, conseguiram fazer dez. Os pequenos nunca se queixavam, porque viam os milhares de outros refugiados iguais a eles congestionando as estradas, todos em busca de solo alemão. Choveu um pouco naquela terceira tarde, o que ajudou todos, menos os filhos de Marie, que estavam a arder em febre e debilitados pela tosse sufocante que lhes devastava os pulmões.

Naquela noite, montaram acampamento num silo abandonado e os sons dos gemidos e gritos dos gémeos e as palavras tranquilizadoras de Marie ecoavam à

volta deles. Finalmente, os bebês acabaram por sossegar. Adeline caiu num sono profundo e sem sonhos, que foi interrompido por tiros de metralhadora. Balas perfuraram o silo acima deles, deixando entrar finos raios de sol e deixando-os a todos histéricos de medo.

O tiroteio acabou tão depressa como começara. Ouviram homens a rirem-se. Gritaram todos que havia gente ali dentro. Se os outros ouviram, não fizeram caso e varreram o topo do silo superior com mais algumas rajadas, antes de se fartarem.

Will estava a chorar agarrado a Malia. Walt ficara em silêncio, mas abraçara-se a Adeline. Lydia soluçava, tal como Marie, debruçada sobre os seus gémeos para os proteger.

A tremer por causa da descarga de adrenalina, Adeline disse a Walt que ficasse com Will, aproximou-se da escotilha do silo e abriu-a. Meteu a cabeça pelo buraco e viu três soldados russos de partida, garrafas de vodka na mão, metralhadoras ao ombro. Mais adiante na estrada, centenas de outros refugiados já estavam em movimento, rumo à pátria desfeita.

Quando ela se voltou para trás, Will estava a enxugar as lágrimas. Walt estava sentado no chão do silo, a olhar para baixo em silêncio. Malia e Lydia estavam a olhar para o vazio. E Marie continuava debruçada sobre os pequeninos e a chorar com gemidos terríveis.

— Está tudo bem — disse Adeline. — Eles foram-se embora. Uns soldados bêbedos, só isso.

Foi ter com a prima, que continuava a gemer, e afagou-lhe as costas.

— Eu disse que está tudo bem, Marie. Eles já se foram embora.

O peito de Marie arquejou e ela gemeu.

— Acaba com isto, Adella. Por favor, acaba com isto.

— Então? — disse Malia, ajoelhando-se ao lado dela. — O que é que se passa, querida?

Marie levantou finalmente a cabeça, a sua expressão torturada, os olhos quais discos raiados de sangue.

— O meu filho morreu — sussurrou ela — e eu não sei o que fazer.

Adeline ficou confusa e depois horrorizada quando olhou para os gémeos, resguardados pela prima, e viu Hans na sua fralda de pano, contorcendo-se no seu cobertor, com as bochechas rechonchudas afoqueadas pela febre, e o seu irmão hirto, frio e azulado.



Enquanto Malia e os rapazes abriam uma sepultura lá fora, Marie ficou no silo, praticamente ignorando o pequenino aos gritos no seu colo, enquanto olhava estupidamente para o xaile que cobria o irmão gémeo.

Adeline nunca saiu de perto dela.

— O Hans quer comer — disse ela, baixinho.

— Pois quer, mas não mama quando a febre está assim tão alta — respondeu Marie, atordoada. — O Rutger fez a mesma coisa há dois dias.

Walt espreitou lá para dentro.

— Está pronta, mamã.

O rosto de Marie contorceu-se de dor, enquanto entregava Hans à prima.

— Eu levo o Rutger.

— Não.

— Eu levo o meu menino — insistiu ela.

Lembrando-se do dia em que enterrara o seu primogénito, Adeline pegou em Hans e ficou a ver a prima envolver o seu filho morto no xaile e levá-lo para o exterior. Quando foi depositar Rutger na sepultura, quase caiu atrás dele, mas Malia agarrou-a e segurou-a com força.

Lydia começou a recitar o *Pai Nosso*. Malia juntou-se a ela. Adeline foi incapaz de dar grande voz às palavras, enquanto Marie soluçava com toda a sua alma e todo o seu coração.

Depois de taparem a sepultura, Marie disse:

— Não estou pronta para o deixar, Não sou capaz.

— Tem de ser — disse Adeline, entregando Hans a Malia e indo ter com a prima. — Tens outro filho; tens de cuidar dele, pensar nele.

— Mas nunca hei de voltar aqui.

Adeline aproximou-se da sepultura, agarrou num punhado de terra e embrulhou-o no lenço.

— Vais levar esta terra contigo e, quando encontrares um lar, vais enterrá-la e pôr-lhe uma cruz em cima, para que possas fazer o teu luto como deve ser. Mas, agora, por mais que te custe, vais ter de o deixar para trás e pensar no Hans.

A expressão de Marie era lamentável quando pegou no lenço que continha a terra da sepultura. Apertou-o contra o peito, enquanto se arrastava em direção

à sua carroça. Adeline conhecia muito bem aquela postura curvada e torturada, e sofria pela prima, ciente de que a única coisa capaz de lhe aliviar a dor seria o tempo e a alegria de outros filhos.



2 de julho de 1945

Perto de Wykroty, Polónia

Adeline e a sua família estavam a menos de vinte e seis quilómetros da fronteira alemã, em marcha sob um calor implacável numa estrada cheia de refugiados e de camiões do exército soviético, quando Marie começou a gritar, porque Hans deixara de respirar. A enfermeira em pânico tentou a respiração boca a boca e bateu no peito do filho. Mas o seu segundo filho fora-se e, com ele, o juízo de Marie.

Depois de uma torturante demonstração inicial de dor, a prima de Adeline parecia não ouvir nada do que lhe era dito, mesmo quando Adeline lhe disse que o único lugar onde poderia enterrar Hans era sob as cinzas perto da linha férrea. A prima ficou a olhar inexpressivamente, enquanto Malia lhe cobria o segundo filho e não reagiu quando Adeline lhe entregou um lenço com as cinzas daquela segunda sepultura.

Marie guardou-o na sua carroça, ao lado daquele que continha a terra da sepultura de Rutger e, então, começou a empurrá-la vigorosamente em direção à Alemanha. Adeline e os rapazes tiveram de fazer um esforço para lhe acompanhar o ritmo. Marie não olhou para trás. Nem uma única vez. Também não pareceu chorar.

Uma hora depois, o tráfego abrandara. Um camião com jovens soldados soviéticos passou por eles e parou. Os soldados estavam a beber vodca e a cantar. Viram Marie a empurrar a sua carrocinha, a blusa suada, os seios inchados de leite. Um deles chamou-a em russo:

— Senhora bonita, porque é que estás sozinha? Vem para aqui com a gente e vamos festejar!

Marie não respondeu, limitando-se a continuar a andar. O soldado levantou-se e olhou para ela por cima da lona.

— Viram o tamanho das mamas dela? — perguntou ele aos amigos. — Bazucas!

Os amigos desataram às gargalhadas e pareceram não reparar em Adeline e nos seus rapazes, enquanto passavam pelo camião. Alguns momentos depois, ela viu outros veículos mais à frente começarem a avançar e ouviu o chiar dos travões do camião atrás deles. Quando passou por ela, Adeline viu o mesmo soldado pendurado no lado do camião.

— Senhora bonita! — chamou o rapaz, quando o camião passou novamente por Marie. — Não deverias estar assim sozinha. Vem connosco. Vamos divertir-nos.

O camião parou. Se Marie ouvira o rapaz, não o demonstrou. Continuou a andar com o mesmo passo acelerado que adotara desde que deixara a sepultura de Hans. E Adeline e os rapazes passaram mais uma vez pelo camião e, mais uma vez, foram ignorados.

Se havia alguma coisa a dizer daquele soldado é que era persistente. Quando o camião passou por Marie pela terceira vez, ele estendeu uma garrafa cheia de vodca e disse:

— Senhora bonita, esquece a tua vida miserável de refugiada! Vem comigo. Vamos beber e festejar até Berlim!

O camião continuou em movimento e avançou uns bons cinquenta metros antes de parar. A prima de Adeline não diminuiu o passo, quando largou a sua carreta e se dirigiu ao camião. Os soldados viram o que ela fizera e começaram a gritar encorajamentos e a sacudir as garrafas de vodca.

— Vem cá, senhora bonita! — gritou o soldado que não desistira de a importunar. — Não voltas a ter uma oportunidade como esta!

— Marie! — gritou Adeline. — Não!

Mas, então, o camião retomou a marcha e a prima largou a correr atrás dele. Os soldados russos pareciam desvairados e gritavam incentivos. Marie ganhou velocidade e alcançou o camião. Mãos estenderam-se e puxaram-na para o interior.

Puseram-lhe uma garrafa de vodca nas mãos, enquanto muitas outras mãos vagueavam sobre ela. Para deleite dos homens, Marie começou a esfregar-se sinuosamente contra aquelas mãos, inclinou a garrafa para trás e começou a beber.

O camião acelerou e a prima de Adeline saiu da sua vida, como uma folha apanhada por um vendaval.

Capítulo Vinte e Sete

3 de julho de 1945

Poltava, Ucrânia

Nas cinco semanas desde que chegara ao campo de prisioneiros, Emil aprendera a apreciar o vento. Até a ideia de o sentir a soprar contra a sua pele era suficiente para que ele sobrevivesse às noites. Os soviets tinham Emil, Nikolas e seiscentos dos dois mil prisioneiros restantes na vasta cave do Museu de Poltava. Os andares superiores tinham sido destruídos durante o bombardeamento.

Dormiam cem homens numa sala, em beliches de madeira compridos, baixos e toscos, sem colchões. Um número tão elevado de corpos naquele espaço confinado criava o seu próprio calor e humidade infernais, pelo que, no ar denso, a água pingava do teto e dos beliches superiores durante toda a noite. Emil não conseguia decidir o que era pior, estar no exterior sob o sol forte ou no buraco húmido que era a camarata, enlatado com todos aqueles homens malcheirosos que roncavam, gemiam, largavam gases, choravam e gritavam durante o sono.

As condições sanitárias eram para lá de péssimas. Os homens iam lá fora, sentavam-se em tábuas e cagavam para uma longa trincheira, que escavavam e tapavam a cada três dias. A água da cidade era imprópria para consumo. Os prisioneiros começaram a adoecer quase de imediato, com giardíase e disenteria. Emil conseguia ouvir a noite inteira os homens aflitos a gemerem e a correrem para a latrina.

Dormiam com as suas roupas no corpo, para que pudessem ser acordados, levados rapidamente da cave e, em seguida, obrigados a marchar seis quarteirões até a uma cozinha improvisada diante das ruínas da Câmara Municipal de Poltava. Várias das mulheres que restavam na cidade cozinhavam para os prisioneiros, cuja alimentação consistia numa sopa rala de vegetais, meio quilo de pão para o dia inteiro, beterrabas, batatas e um ou outro pedaço de toucinho cozido.

Outros homens reclamavam, mas Emil fechava os olhos e imaginava que todas as refeições eram preparadas por Adeline. Enquanto comia a sopa, sentia o sabor da sua canja de galinha com massa fresca de ovo. Quando trincava o pão, imaginava o *strudel* que ela costumava fazer no outono, cheio de bagas frescas acabadas de apanhar. E, quando metia o toucinho na boca, engolia-o como se fosse a melhor *schnitzel* da mulher.

Tinham sido divididos em equipas. As primeiras foram postas a trabalhar na reconstrução da rede de abastecimento de água, da Câmara Municipal e do museu.

Emil e Nikolas foram destacados para uma unidade de duzentos homens, encarregada da reconstrução do hospital. A princípio, fizeram um pouco de tudo: retirar os escombros das ruínas do edifício, desenterrar os restos das fundações e, depois, construir cofragens de madeira para receber o novo betão.

Quando as cofragens ficaram prontas, Emil foi transferido para uma equipa que misturava cal, argila e cinza volante para o cimento, misturando-a depois com areia, cascalho e escória de forno, para fazer o betão que era vazado nas cofragens. Aquele trabalho mantinha-o à parte do bulício da atividade no local do hospital, e ele preferia assim. Os guardas mal olhavam para ele enquanto misturava o betão. Ele baixava a cabeça, trabalhava no duro e mantinha a boca fechada.

Consigo sobreviver a isto, disse ele repetidamente a si mesmo, naqueles primeiros dias. *Vou sobreviver a este lugar, mas só se contar apenas comigo. Nada de aliados significa nada de traições.*

Emil também se mantinha atento a oportunidades de fuga. Até ali, não houvera nenhuma. No estaleiro do hospital, eram guardados. Eram vigiados quando marchavam para as refeições e quando voltavam para a cave do museu. Uma vez lá em baixo e deitado no seu beliche de madeira, Emil ignorava os homens à sua volta e fazia por não demorar a adormecer, na esperança de já estar num lugar mais escuro e profundo quando o sofrimento noturno começasse.

Mas, a meio da noite, quando um empurrão, um pontapé ou um ronco acabavam por acordá-lo, tentava pensar em Adeline e Will e Walt, para encontrar a esperança de conseguir sobreviver a mais um dia.



5 de julho de 1945
Cottbus, Alemanha

Ao aproximarem-se da primeira grande cidade na Alemanha Oriental controlada pelos soviets, Adeline ainda estava abalada com a decisão da prima, de saltar para o camião com os russos. Quando pensava nisso, olhava para os seus rapazes, que continuavam a empurrar a carrocinha. *O que é que eu seria capaz de fazer, se ambos me fossem tirados ou mortos?*

Aqueles pensamentos assombraram cada um dos seus passos durante os quatro dias seguintes, que se arrastaram num calor e humidade abrasadores. Na bifurcação de uma estrada que passava por um bosque, perto da cidade de Falkenberg, Adeline decidiu que iriam fazer uma pausa. A mãe foi ter com ela, a coxear, e sentou-se numa pedra à sombra.

— Vocês podem continuar sem mim — disse ela. — Vou ficar a viver aqui.

— Nessa pedra, mãe? — perguntou-lhe Adeline, com um suspiro. — Nesta floresta?

— Não — replicou Lydia, e apontou para a placa da estrada. — Vou para aquela cidade, descobrir quem é responsável e pedir um lugar onde ficar.

— Mãe — disse Adeline —, estamos a menos de duas semanas de marcha de Berlim. Duas semanas para encontrarmos um caminho até aos Aliados ocidentais e...

— Chega desse disparate! — gritou a mãe, batendo com o pequeno punho na coxa. — Essa ideia maluca era do Emil, não minha nem tua. Para o bem e para o mal, sabemos como é que as coisas funcionam com o Estaline. Quanto mais cedo nos instalarmos e nos adaptarmos, melhor. Admite, Adeline, de uma vez por todas. A Karoline tinha razão. O Emil foi-se, tal como o irmão dele. Nunca há de encontrar maneira de voltar para ti. Não desperdices a tua vida à espera dele. O teu sonho tolo de um vale verde acabou-se.

Adeline ficou espantada com aquela amargura que corria nas veias de Lydia.

— Não acabou, mãe, enquanto eu não disser que acabou. O meu marido, que eu amo e em quem confio, disse-me para ir para oeste o mais longe que conseguisse e que ele havia de encontrar-me. Acreditei nele. E continuo a acreditar.

— Eu também acreditei no teu pai, quando ele me disse que voltaria.

Adeline ignorou-a e olhou para Malia.

— Podemos procurar um lugar para ela ficar e tu podes vir connosco.

A irmã mais velha sorriu com tristeza e pegou-lhe na mão.

— O meu lugar é ao lado da mãe; tu sabes isso.

Adeline olhou para Malia, ambas a pestanejarem para conter as lágrimas.

— Eu disse-te, em tempos, que não seria capaz de fazer isto sem ti.

— Eu sei, mas agora tem de ser — disse Malia. — Não quero que vás, mas tens de fazer o que achares que está certo.

— Voltaremos a encontrar-nos, não é?

— Isso está nas mãos de um poder muito maior do que nós, querida — disse Malia, ao mesmo tempo que abraçava a irmã. — Mas levas o meu amor contigo aonde quer que vás. E eu levo o teu amor comigo. E espero que um dia, como dizia a tua amiga, a Sra. Kantor, sejamos capazes de ver a beleza em cada crueldade que tivemos de suportar. Até neste momento.

Deixar os braços da irmã pareceu-lhe como se estivessem a arrancar-lhe raízes do peito. Aquela sensação apenas se amplificou quando Adeline foi ter com a mãe, que evitou olhar para ela ao dizer-lhe:

— Não me prometas nada.

— Não vou fazer promessas, mãe — disse Adeline. — Isto é um adeus, portanto.

Durante alguns momentos angustiantes, pensou que Lydia iria manter-se fria naquela despedida. Mas, então, os ombros da mãe estremeceram e ela levantou-se para abraçar a filha.

— Sempre foste mais corajosa do que eu — sussurrou Lydia. — Como o teu pai.

— Herdei o resto de si — disse-lhe Adeline, com um nó na garganta ao sentir o quanto a sua mãe emagrecera ao longo daquela caminhada mais recente rumo à liberdade.

Quando se separaram, Adeline chamou os rapazes para se despedirem da *Oma* e da tia Malia. Walt mostrou-se estoico, mas Will começou a chorar quando abraçou Malia. E tiveram de partir.

— Não consigo ficar aqui sentada a ver-te ir embora — disse Malia. — Vamos cada uma para o seu lado ao mesmo tempo.

Adeline assentiu com a cabeça, incapaz de impedir as lágrimas de lhe caírem para a cara, enquanto se dirigia para a dianteira da pequena carroça e pegava no cabo. Enxugou as lágrimas, olhou para os rapazes, obrigou-se a sorrir e disse:

— Cá vamos nós. Os Martel estão de partida para mais uma aventura.

Com um último e débil aceno na direção da mãe e da irmã mais velha, Adeline deu meia-volta, cortando mentalmente os laços, inundada pelo medo, mas avançando um passo e, depois, outro, e um terceiro. Mais tarde, havia de pensar que o primeiro passo que dera naquele dia, para longe do passado e em direção a um futuro incerto, fora como um salto entre penhascos e o segundo ato de maior coragem da sua vida.



A 16 de julho de 1945, Adeline, Walt e Will desciam uma estrada que atravessava belos campos de flores silvestres vermelhas, roxas e brancas, que pareciam cintilar numa neblina ligeira. O frio trazido pela brisa de norte sabia bem depois de tantos dias de marcha com calor. Adeline deu por si a sorrir enquanto o sol ia e vinha, reluzente, oferecendo-lhe um espetáculo e fazendo-a perceber o quanto gostava de flores. Dos tons, da delicadeza e da forma delas. Do seu tempo tragicamente breve nesta Terra.

— Isto aqui é mesmo bonito, mamã — disse Walt.

— Pois é — concordou Adeline.

— Este é o nosso vale? — quis saber Will. — Não consigo ver nenhuma montanha.

— Não consigo ver mais nada senão flores e neblina, e isso é o suficiente por enquanto — disse Adeline, descontraindo-se, sentindo-se menos ansiosa em relação ao futuro.

Will correu para fora da estrada, colheu um braçado de flores e correu de volta ao encontro da mãe.

— Para que possa olhar para elas o dia inteiro, mamã — disse ele, o que a deixou sem ar e mais apaixonada do que nunca pelo filho.

Chegaram aos arredores sueste de Berlim cerca de uma hora depois. O que viram nas cinco horas seguintes fez Adeline questionar a sua decisão de deixar a mãe e a irmã para trás. Nunca estivera numa cidade tão grande como Berlim, pelo que, a princípio, sentiu a emoção da novidade. Mas à medida que o nevoeiro ia e vinha e eles se entranhavam na capital caída de Hitler, ela não demorou a perceber que quase dez semanas após a rendição nazi, mesmo com muitas ruas desimpedidas para o trânsito, Berlim continuava a ser uma paisagem em ruínas, um lugar com cicatrizes e feridas profundas, um labirinto carbonizado e

assombrado, onde os cheiros a fuligem de bombas, produtos químicos queimados e morte disputavam o domínio. Oitenta e um mil soviets, cem mil soldados alemães e cento e vinte e cinco mil civis tinham morrido na Batalha de Berlim; as ruas tinham dado lugar a estradas devastadas e, no lugar de edifícios, restavam escombros e destroços. Consoante o local e o vento, o fedor da morte recrudescia e diminuía. Evidentemente, alguns corpos ainda não tinham sido encontrados, recolhidos e enterrados ou queimados.

Havia soldados do Exército Vermelho e prisioneiros por toda a parte, a revirarem as ruínas. Estavam a empilhar tijolos utilizáveis e a carregar o resto em camiões de descarga. Ao passar por cada grupo de prisioneiros, Adeline examinava-lhes o rosto, sempre com a esperança de, nem ela sabia como, identificar Emil entre eles. Mas ninguém se parecia sequer de perto com ele entre aqueles homens.

É isto que o Emil está a fazer? Estará parecido com estes prisioneiros?

No ir e vir da neblina, e quanto mais se aproximavam do centro de Berlim, mais a cidade se revelava como um lugar estranho e desfeito, cujas numerosas estruturas não passavam de amputados, esqueletos ou detritos. Naquele imenso cemitério, ela viu milhares de pessoas a viverem em apartamentos onde faltavam algumas das paredes, ou sob lençóis e oleados no meio da destruição. Adeline e os rapazes passaram por centenas de edifícios calcinados e por mulheres a lavarem roupa em baldes de água tirada de uma boca de incêndio, os seus filhos manchados de fuligem das bombas e a brincarem em montes de tijolos partidos e aço vergado.

Ela ouvia-as falar em alemão, todas elas com uma história semelhante, ainda em estado de choque depois da violenta batalha de rua travada em Berlim durante os últimos nove dias da guerra e preocupadas com a sua triste situação, agora que Hitler estava morto e o grande Reich fora destruído.

Vocês não fazem ideia do sofrimento que o vosso Hitler causou, pensou Adeline, com um pouco de raiva. Tudo o que temos está nesta carrocinha e não tenho comida suficiente para alimentar os meus filhos esta noite.

Um prisioneiro apanhou um pedaço de cimento, virou-se e avançou direito a ela com olhos vagos que a fizeram estremecer. Lembrou-lhe Johann quando voltara da Sibéria — um homem alquebrado — e ela sentiu-se agoniada com a ideia de que Emil pudesse regressar num estado idêntico.

Adeline puxou e os rapazes empurraram a pequena carroça uns bons três quilómetros cidade adentro, até serem finalmente interpelados num posto de con-

trole soviético por um soldado que pediu para ver os documentos dela. Ela falou com ele em russo, o que pareceu confundi-lo, visto que mentiu e disse que não tinha documentos. Contou-lhe uma história complicada a respeito de ter sido arrastada para fora da Ucrânia pelo exército alemão, tendo acabado separada do marido.

— Disseram-me que ele está aqui, a trabalhar em Berlim Ocidental — disse ela, em tom de súplica. — Estamos apenas a tentar encontrá-lo.

O soldado olhou para Walt e Will, imundos e exaustos pelas últimas semanas de caminhada. Adeline pensou intencionalmente em Emil e chamou as lágrimas. Com uma expressão de repugnância, a sentinela fez-lhes sinal para que passassem.

Quando viu o primeiro soldado inglês, ela inclinou a cabeça para trás e gritou. Os rapazes olharam para ela, como se estivesse louca.

— Conseguimos, filhos! Estamos onde o papá nos queria! No Ocidente, com os Aliados!

Adeline correu direita a um dos soldados e tentou perguntar-lhe onde poderia encontrar comida e abrigo. Mas ele não falava alemão. Quando a ouviu tentar em russo, apontou na direção da qual ela viera, encolheu os ombros e virou-lhe as costas.

Ela não desistiu, convencida de que havia de encontrar pelo menos um soldado norte-americano ou inglês que falasse russo ou alemão. Pouco depois, ela e os pequenos estavam olhar para o alto das ruínas de uma igreja, um campanário rachado de alto a baixo: um lado estava inteiro e quase intocado pelas chamas, o outro parecia uma goela enegrecida que um explosivo vindo do céu atingira de raspão, partindo-a em duas. Ela não era capaz de acreditar como um lado conseguia permanecer intacto, enquanto o outro ficava estoirado e queimado. Ficou a olhar para a torre fendida durante algum tempo, sem entender exatamente porquê, antes de prosseguir.

Se fosse um dia de céu limpo, ela poderia ter usado o sol como guia para continuar a avançar para oeste, entranhar-se na zona britânica. Mas o céu escureceu por volta do meio-dia e a chuva chegou. Correram em busca de abrigo, perdendo qualquer noção de direção e acabando por se perder.

— Estamos a ir para onde? — perguntou Walt, os três encostados uns aos outros num prédio vazio.

— Não sei — respondeu-lhe Adeline, tão exausta que agora se sentia confusa, insegura.

— Estou cansado de andar, mamã — disse Will.

— E eu tenho sede — acrescentou Walt. — E fome.

Irritação e, depois, raiva fervilharam dentro de Adeline. Com a chuva e a incerteza implacável que a rodeava, quase descarregou nos filhos o seu receio de não ser capaz: não ser capaz de chegar ao Ocidente, não ser capaz de encontrar Emil, não ser capaz de conseguir comida e água para os seus filhos. Mas não o fez. Em vez disso, respirou fundo e foi buscar à carroça o resto da água e o último pedaço do pão que comprara numa padaria nos arredores da cidade.



Finalmente, a chuva cedeu. Puseram-se a caminho e, pouco depois, deram por si no Tiergarten, um enorme parque florestado que fora transformado numa base para os ingleses. Os homens estavam a abater árvores e a desimpedir o terreno.

Ela tentou mais dois soldados britânicos. Nenhum dos dois falava alemão. Mas o segundo percebia um pouco de russo.

— Preciso de comida para os meus filhos — disse-lhe ela.

— Por ali — disse ele, apontado para fora do parque.

Sem saber que estava a mudar o rumo da sua vida, Adeline orientou os filhos e a pequena carroça naquela direção. Uma hora depois, estavam a aproximar-se do Reichstag bombardeado, e ela percebeu que seguira o caminho errado; uma bandeira soviética enorme — vermelho-sangue, com a foice e o martelo em dourado — adejava no topo da cúpula danificada. O sol fez-se ver e atingiu a bandeira, fazendo-a destacar-se em escarlate e amarelo, como febre e icterícia. A tirania era aquilo, decidiu Adeline, uma doença, uma febre, um veneno no fígado da humanidade. A bandeira dos trabalhadores, aquelas cores nojentas, e a bandeira nazi tinham estado presentes em praticamente todas as injustiças e todos os danos aos quais conseguira sobreviver. Naquele momento, pensou em dar meia-volta, voltar para a zona britânica e implorar por comida.

— Mamã, estou cansado de andar — disse Walt.

Ela ouviu, mas não lhe respondeu.

— Mamã — disse por sua vez Will —, tenho fome e...

Adeline não aguentava mais. Voltou-se e olhou zangada para os filhos.

— Eu sei que estão cansados, com fome e com sede, mas eu não faço magia. Não posso fazer com que as coisas apareçam com um estalar de dedos, ou se fechar os olhos e pedir um desejo.

Perturbados com o tom inusitadamente áspero da voz dela, os rapazes recuaram um passo.

Ela reparou e sentiu-se horrível. Foi ter com eles, ajoelhou-se e abraçou-os.

— Hei de conseguir comida para nós assim que puder. Por favor, tenho tanta fome e estou tão cansada como vocês. Está bem?

Will apertou-a com força.

— Está bem, mamã. Não tenho assim tanta fome.

— Nem eu — acrescentou Walt.

Adeline poisou a cabeça sobre a deles por um momento, ciente de que mais uma vez os seus filhos poderiam ir dormir sem uma refeição decente e uma cama de jeito. Na sombra projetada pela bandeira soviética, sentiu-se isolada de tudo o que alguma vez conhecera e de todos os que alguma vez amara, à exceção dos seus filhos.

Olhou para o céu e disse:

— Tens de nos ajudar. Não temos mais ninguém a quem recorrer.

QUARTA PARTE

Um Conto
De Dois Prisioneiros

Capítulo Vinte e Oito

27 de setembro de 1945

Campo de Prisioneiros de Poltava

Passados quatro meses como prisioneiro, Emil acordou ao som dos gritos dos guardas russos e soube que sobrevivera a mais uma noite. Sentou-se, aliviado ao ver que os homens de cada lado dele no beliche também estavam a mexer-se. Depois de apertar os atacadores das botas, arrastou-se até à escada e saiu ao encontro da madrugada.

Perfilou-se na formação já familiar, a tremer no ar frio do outono depois do inferno da cave. Nikolas estava três linhas à sua frente e à esquerda. Trabalhavam ambos no hospital, mas nunca juntos e não se falavam desde junho, e era assim que Emil preferia que fosse. Surgiram dois prisioneiros com um pónei, que puxava uma grande carroça de madeira de quatro rodas e caixa aberta.

A carroça chegava vazia e deixava o museu carregada, todas as manhãs e todas as noites. Emil via-a, quando saía em marcha para ir comer e, depois, quando voltava para dormir. Nem uma vez, desde que chegara em maio, vira a carroça deixar o museu vazia.

Cada amanhecer revelava homens mortos nos beliches. Em cada amanhecer, os seus cadáveres eram retirados da cave, transferidos para a carroça do pónei e levados para serem enterrados num campo perto da floresta, nos limites da cidade em ruínas. Os homens que tivessem morrido a trabalhar durante o dia eram carregados na carreta da morte e levados à noite por uma segunda equipa de dois prisioneiros.

As parselhas encarregadas dos enterros eram voluntárias. Os prisioneiros que aceitavam encarregar-se dos mortos eram recompensados com uma ração dupla de pão, sopa e toucinho.

Não obstante a regra do pai, de comer tudo o que lhe fosse oferecido, Emil não se apresentara como voluntário, embora isso significasse comida extra. A

ideia de enterrar os mortos trazia-lhe recordações demasiado penosas daquela noite em Dubossary.

Ele também conseguia ver que, apesar das rações suplementares, os prisioneiros destacados para os enterros não duravam muito. A doença alastrava no campo. Para Emil, trabalhar com cadáveres parecia uma estrada direta para a eternidade. Como uma hidra de muitas cabeças, a doença ia e vinha, mas voltava sempre. A disenteria oscilava entre o flagelo e a epidemia. Os mosquitos prosperavam na cave húmida. A malária aumentava e atacava. Para evitar a propagação do tifo, o cabelo era mantido rapado e as roupas eram fervidas a cada duas semanas, para matar os piolhos que transmitiam a doença. Os soviéticos também tentavam ferver água potável suficiente para os prisioneiros, mas havia surtos de cólera.

De facto, nada parecia impedir que os homens continuassem a morrer à volta de Emil. Cerca de dois mil tinham entrado com ele em Poltava. Pelas suas contas, duzentos e cinquenta haviam morrido desde então, deixando assim mil setecentos e cinquenta para reconstruir a cidade.

Enquanto Emil trabalhava, marchava e dormia, aquele facto não lhe saía da cabeça: restavam mil setecentos e cinquenta homens para reconstruir uma cidade de trezentos mil habitantes. *É impossível. Precisariámos de vinte anos.*

Ele dizia a si mesmo todas as manhãs que era capaz, que, mesmo que não conseguisse fugir, poderia sobreviver a Poltava.

Mas durante duas décadas? E o que é que me faria querer voltar?

Emil estaria, então, com cinquenta e poucos anos, perto da idade do pai quando os soviéticos o tinham libertado. Os seus filhos seriam estranhos. Adeline teria desistido dele há muito tempo e encontrado um outro homem e uma outra vida. E, para começar, como é que ele iria encontrá-los?

A confiança de Emil começou a vacilar. Reparou no peso — e, com ele, num pouco da sua força e resistência — que perdera. Misturar betão era um trabalho árduo, e ele não era capaz de trabalhar ao mesmo ritmo do mês anterior. Aquele abrandamento chamava a atenção dos guardas e dos capatazes, que o repreenderam duas vezes naquela tarde, mandando-o acelerar a produção de blocos de betão, enquanto avançava a cura dos alicerces.

Em marcha de regresso ao museu naquela noite, a mastigar o resto da sua ração de pão, Emil estava ciente de que quebrara duas das regras do seu pai: trabalhar no duro e passar despercebido. Mas como é que ele haveria de trabalhar muito e passar despercebido, se não lhe davam comida suficiente?

Vinte anos com homens a caírem a este ritmo? pensou ele, enquanto via a parelha dos enterros sair com mais três que tinham morrido a trabalhar. *Os números estão errados. Eles estão a mentir. Não havemos de durar um ano. Eu não vou durar um ano. Se não fugir, acabo por morrer.*

Emil sentiu-se enjaulado e com dificuldade em respirar, enquanto descia as escadas da malfadada cave, onde encontrou um lugar no beliche de baixo contra a parede do canto mais distante, onde não teria ninguém ao seu lado. Já a sentir o calor a aumentar naquele espaço de teto baixo, descalçou as botas, encostou-as à parede numa posição defensável e usou o casaco como almofada.

Fechando os olhos, lembrou-se de Adeline no dia em que se casara com ela, quando os seus lábios haviam tocado os dela no fim da cerimónia e ela era tudo de que ele precisava na vida e o futuro de ambos parecia incrivelmente promissor. Seguiu-se uma pequena festa. A Sra. Kantor contratara um acordeonista, para que todos pudessem dançar. Emil estava nervoso com a perspectiva de uma valsa lenta com Adeline, mas assim que a tivera nos braços fora tão natural como respirar. Terminada a primeira dança, o acordeonista tocara uma música de sapateado que os deixara com os pés em brasa e a ele, Emil, delirantemente feliz, talvez o mais feliz que alguma vez fora.

— Amo-te, Emil Martel — dissera Adeline, a dada altura.

— Eu também te amo, Adeline Martel — dissera Emil. — Fazes-me sentir como se tivesse adormecido na Rússia e acordado no Paraíso.

Deitado no seu beliche no campo de prisioneiros, ele adormeceu com este pensamento: *Ainda me fazes sentir assim, Adella. Sê forte e espera por mim.*



28 de setembro de 1945

Gutengermendorf, Alemanha Oriental ocupada pelos Sovietes

Na manhã seguinte, Adeline sentiu o coração inchar-lhe de felicidade, enquanto via Walt, com quase oito anos, e Will, com quase seis, afastarem-se colina abaixo e, depois, pelo meio de um campo de girassóis a amadurecerem, a caminho da aldeia rural. Era uma sexta-feira e aquele era o seu primeiro dia na escola. Iriam fazer testes e, consoante os resultados, ser-lhes-ia designada uma

turma. Os estudos a sério só começariam na segunda-feira, mas ela lembrava-se dos seus primeiros dias de escola e sentia-se animada por eles.

Eles vão adorar, disse ela para consigo. *São rapazes. Vão adorar isto aqui e eu hei de aprender a gostar.*

Eles já se tinham adaptado a tanta coisa, não tinham? Depois de dormirem com fome e ao relento diante do Reichstag, ela encontrara um abrigo para refugiados durante duas noites, antes de a autoridade de ocupação soviética os meter num comboio para Gutengermendorf.

Contrariado, um homem idoso, chamado Peter Schmidt, apanhara-os na estação e levara-os para a sua quinta, a quilómetro e meio da aldeia. A mulher dele, Greta, não ficara contente ao ver uma família de três pessoas ser-lhe imposta, quando já tinha soldados russos alojados em sua casa, mas dera a Adeline e aos rapazes um quarto só para eles num anexo, que era limpo e seco e seguro.

Tendo em conta os seus antecedentes, tinham posto Adeline a trabalhar no campo. Passadas algumas semanas, ela demonstrara o seu valor e o casal tornara-se mais amigável, principalmente depois de descobrir que ela era tão habilitada na cozinha quanto era na monda, na ceifa e na debulha.

— Eles crescem depressa — disse a Sra. Schmidt. Aproximara-se por trás de Adeline, enquanto ela mantinha a mão diante da testa e via os filhos saírem dos girassóis, seguindo para uma fiada de ulmeiros e castanheiros que marcavam os limites da aldeia.

— Depressa de mais, *Frau* Schmidt — disse Adeline. — Quem me dera que o meu marido pudesse estar aqui para ver isto.

A mulher idosa poisou-lhe a mão no ombro.

— Quase toda a gente perdeu alguém que amava por causa da guerra de Hitler.

Adeline sorriu tristemente e assentiu com a cabeça, ciente de que o filho dos Schmidt morrera no inverno anterior na frente ocidental, em combate com a Wehrmacht contra os Aliados invasores.

— Mas talvez o seu Emil seja um dos felizardos — disse a Sra. Schmidt. — Talvez, um dia, o veja chegar à aldeia. Mas não deve acalentar esse género de sonho. Esse género de sonho, Adeline, pode partir-lhe o coração.

Adeline lembrou-se da sua mãe.

— Eu sei que pode. Os girassóis?

— Precisamos de os ter todos cortados antes do anoitecer. O Peter disse que vai chover esta noite, a primeira descida de temperatura a valer desta tempora-

da. — Ela fez uma pausa. — Vai precisar de nós para olhar pelos rapazes, amanhã à noite?

— Se me fizerem esse favor — respondeu Adeline. — Nem sei dizer o quanto isso me ajudaria.

— É com todo o gosto que o faço — disse ela. — Quando os soldados estão bêbedos, são uns selvagens.

Adeline foi com outras duas camponesas para o campo de girassóis, onde passou o dia a cortá-los pelos pés e a empilhá-los em molhos, levando-os depois para o celeiro, onde eram pendurados de cabeça para baixo, para secarem antes de as sementes serem colhidas. Gostava do trabalho porque lhe era familiar e lhe proporcionava conforto e paz durante as longas horas de labuta.

Cantava e trauteava músicas antigas horas a fio, até se lembrar de como Emil costumava cantar canções de embalar aos rapazes, antes de eles adormecerem. Era a única ocasião em todo o dia em que ela parava para chorar.

Os pequenos voltaram ao fim da tarde, vindo a correr da aldeia quando ela já cortava o resto dos girassóis. Correram ainda mais depressa ao vê-la, abraçaram-na e desataram a tagarelar a respeito da escola, dos professores, dos seus novos amigos, e perguntaram-lhe se poderiam ir no dia seguinte brincar com eles na aldeia. Afinal, era sábado, só havia aulas na segunda-feira, e o novo amigo de Will tinha uma bola de futebol de couro a sério. Eles estavam tão animados e repletos da novidade da sua vida que se tornava contagiante, e ela não pôde deixar de se rir e de bater palmas e de querer saber de cada momento do seu dia desde que tinham partido.

Aquela sensação continuou com Adeline durante o jantar e mesmo depois, enquanto, com a ajuda do luar, levava os filhos da casa da quinta para o anexo onde dormiam. Sentia-se satisfeita com o dia, quase resignada com a sua sorte. Trabalhara arduamente a fazer algo de que gostava, para pessoas de quem gostava. Em troca, tinham-lhe dado de comer, a ela e aos rapazes, e agora ela iria dormir com um teto por cima e com os seus estudantes ao lado.

— Este é o nosso lindo vale verde, mamã? — perguntou Will, antes de entrarem.

— É bonito — disse Adeline, bocejando.

— Não há montanhas nem um rio grande que passe por aqui — disse Walt, num protesto moderado.

— É o nosso vale, mamã? — insistiu Will. — Eu gosto de estar aqui.

Ela sorriu-lhe.

— Lembras-te do que eu te disse, quando me fizeste a mesma pergunta no ano passado na Roménia?

— Não.

— Eu lembro-me — disse Walt. — A mamã disse: «Este é o vale verde onde estamos hoje e devemos aproveitá-lo.»

— Isso mesmo — disse ela e beijou-o na cabeça, grata ao ver que o seu filho mais velho parecia estar a sair da carapaça que se formara durante os seus repetidos encontros com tanques e balas.



Adeline dormiu mal naquela noite, mas acordou antes do amanhecer, como acontecia quase todas as manhãs desde que chegara à quinta. Vestiu-se em silêncio, para não acordar os rapazes, e saiu ao encontro do ar fresco, sentindo o cheiro do outono e olhando para leste em busca dos primeiros raios de sol. Começara a imaginar que pertenciam a Emil, que assim a procurava.

Ajudou com o feno até às três da tarde daquele sábado, altura em que Will e Walt voltaram das suas brincadeiras na aldeia. Depois de um duche, Adeline e os rapazes foram para a casa da quinta, onde *Frau* Schmidt já preparara o jantar: costeletas de porco finas com cebola salteada e pimenta, abóbora da horta e compota de maçã feita com fruta colhida das árvores da quinta. Estava tudo tão bom que Adeline lhe implorou pela receita, o que deixou a mulher mais velha ainda mais agradada.

Ainda existe bondade e gente boa, pensou ela, enquanto o lavrador e a sua mulher conversavam com os pequenos sobre os seus novos amigos na escola. Mais uma vez, na companhia dos filhos e daquele casal, ela sentiu-se satisfeita, quase em casa, o que a deixou ansiosa e a sentir-se um pouco culpada. Aquela quinta, aquela aldeia, não ficavam tão a oeste quanto ela poderia ter ido, e não seria ali que ela encontraria a liberdade que Emil tanto desejava. Por mais confortável que fosse a sua vida naquela altura, os soviets detinham o controlo da Alemanha Oriental há menos de cinco meses.

Dá-lhes algum tempo, pensou Adeline. *Hão de arruinar este lugar e o coração desta gente boa, ficar-lhes com as terras, expulsá-los, semear o ódio e virá-los uns contra os outros. É garantido. É o que o Estaline faz. É o que os tiranos fazem. E*

não quero estar aqui para ver isso acontecer. Não quero que os meus filhos sejam tão maltratados pela vida que...

— Adella? — perguntou-lhe *Frau* Schmidt. — Ouviste-me dizer que são quase cinco horas? Sábado à noite?

Os olhos de Adeline saltaram para o relógio.

— Desculpe. Eu estava noutro lugar — disse ela, ao mesmo tempo que se levantava e corria para a pia, para lavar os pratos.

Quando acabou e os rapazes estavam a secar e a empilhar a loiça, ela deu a cada um deles um abraço e um beijo na bochecha.

— A mamã está de volta pela manhã, e havemos de pensar em qualquer coisa divertida que possamos fazer juntos.

— Como o quê? — quis saber Will.

— Apanhar o resto das maçãs — respondeu *Frau* Schmidt. — De todas as árvores. Podem trepar à escada mais alta e comer a fruta mais madura.

Os dois pequenos sorriram, abraçaram a mãe mais uma vez e retomaram as suas tarefas. *Frau* Schmidt saiu atrás dela para o modesto alpendre da frente.

— Obrigada — disse-lhe Adeline, mais uma vez.

A mulher mais velha pegou-lhe nas mãos e disse:

— Já passou por bastante. Não se fala mais nisso...

— Não — disse Adeline, e apertou-lhe as mãos. — Vemo-nos bem cedo. Veja se os rapazes ficam com a porta trancada.

— Bem cedo está muito bem, e vou-me certificar de que eles ficam a dormir.

Adeline voltou ao seu quarto e guardou num grande saco de pano um cobertor, uma almofada, uma garrafa de água e uma pequena Bíblia Luterana que *Frau* Schmidt lhe dera. Com o saco ao ombro, deixou o anexo e, depois, o pátio da quinta, descendo a colina em direção ao campo de girassóis cortados e à aldeia. Já chegara ao restolho, onde espantou três veados fêmea que tinham ido à procura das sementes caídas durante a colheita.

Então, ouviu homens a rirem-se e a cantarem à sua esquerda. Olhou, através dos campos de feno a norte, para a estrada de terra batida que ia da aldeia à quinta e viu os três soldados soviéticos que também viviam na quinta dos Schmidt. Estavam demasiado longe para ela os ver bem, mas sabia que cada um deles tinha consigo uma garrafa de vodca dada pelo Exército Vermelho. Era noite de sábado, noite de vodca, a recompensa por se manterem essencialmente sóbrios durante os outros seis dias da semana. Era também a noite das violações, altura em que os soldados soviéticos tinham a liberdade implícita de dei-

tar a mão a qualquer mulher com mais de dezasseis anos e menos de cinquenta, quer ela quisesse quer não, como despojo de guerra.

Adeline não queria e não seria um despojo de guerra. Desviou a sua atenção dos russos e apressou-se a atravessar o campo cortado e a seara a sul, em direção à fiada de árvores que começavam a mudar de cor. O ar já estava a arrefecer. A luz era suave e dourada pelo sol do fim do dia. Cavalos relinchavam nos seus pastos e galos cantavam ao longe. Muito atrás dela, ouviu os seus filhos a rirem-se, enquanto brincavam antes do anoitecer.



Tendo alcançado as árvores, Adeline parou à sombra de um velho ulmeiro. Fechou os olhos e escutou e respirou, as narinas abertas ao cheiro a folhas e feno cortado. Ainda sentia o sabor da compota de maçã e, por um momento, quase conseguiu acreditar num mundo sem dificuldades e conflitos.

Então, ouviu os soldados a cantarem roucamente ao longe, já embriagados: em breve, teriam comido, estariam ainda mais bêbedos e à procura de uma mulher. Adeline deixou-se ficar na sombra das árvores e seguiu ao longo delas, atrás de casas que lhe lembravam as casas mais bonitas de Birsula, e uma em particular que sempre lhe trazia à memória a da Sra. Kantor. Não parou para admirar, antes se apressando em direção à folhagem mais densa, até dar por si nas traseiras da antiga igreja luterana e fora da vista da estrada principal que atravessava a aldeia.

Adeline continuou em frente uns bons vinte e cinco metros depois de passar pela igreja, olhou em volta para se certificar de que estava sozinha e, então, aco-corou-se para urinar antes de voltar à igreja. A pequena porta traseira estava entreaberta. Ela parou para escutar e espreitar as estreitas nesgas da estrada principal da vila que conseguia ver dali. Não viu ninguém. Não ouviu ninguém.

Correu os quarenta metros de erva que a separavam da porta, empurrou-a, esgueirou-se para o interior e deixou-a quase fechada. Voltou-se, respirando fundo e devagar, enquanto deixava que os seus olhos se adaptassem ao interior escuro e, então, viu duas mulheres na casa dos quarenta já instaladas nos bancos à frente e à esquerda, e uma outra muito mais nova a meio do corredor central, à direita.

Adeline conhecia-as de vista, embora não pelo nome. Todas tinham soldados soviéticos alojados em sua casa. Uma a uma, mais mulheres foram entrando na igreja pela porta das traseiras e começaram a escolher lugares para dormir. Adeline escolheu um banco na parte de trás, à direita. A maioria das mulheres que procuravam refúgio na igreja eram locais, tanto da aldeia como dos arredores. Sabiam quem ela era, onde ela vivia e as suas circunstâncias. Tratavam-na com civilidade, mas com pouco entusiasmo ou amizade.

Adeline não se importava. Estava ali por um motivo: dormir em segurança e, depois, levantar-se bem cedo e voltar para casa, para estar com Will e Walt, enquanto os russos dormiam e curavam a ressaca, perguntando a si mesmos aonde iriam todas as mulheres da aldeia nas noites de sábado. Pois que perguntassem. Ela iria apanhar maçãs no dia seguinte e desfrutar a generosidade e a beleza da época das colheitas, antes que acabasse e a neve cobrisse a terra.

Havia dezasseis mulheres na velha igreja, quando um dos pais das duas raparigas mais novas desejou boa noite a todas. Uma mulher mais velha trancou a porta atrás dele. Adeline ouviu-o trancar também a porta do outro lado e fechá-la com três fechaduras diferentes.

Sentou-se no cobertor, a olhar em frente, para lá dos pequenos grupos de mulheres que sussurravam entre elas. Deixou-se ficar alguns minutos a olhar para a luz fraca no altar e para a sombra onde a cruz estivera pendurada no alto da parede atrás dele.

Quando já não conseguia ver a sombra da cruz, bebeu um pouco de água e disse a si mesma que o dia fora bom. Melhor do que teria esperado.

Mas, então, lembrou-se de Emil e sentiu uma dor profunda no coração. Quando estava com *Frau* Schmidt ou a trabalhar no campo ou com os pequenos no quarto deles, conseguia não pensar no marido. Mas ali, na escuridão crescente da antiga igreja, não havia nada que a distraísse e a solidão tornava-se quase avassaladora.

Quanto tempo seria ela capaz de aguentar, a viver de esperança e de uma promessa? Sempre dissera a si mesma que não seria como a mãe, não viveria uma vida à espera de que, sempre que batessem à porta, fosse o seu amor a voltar, para depois a abrir e reviver todo o desgosto.

Quando a escuridão era total e já ouvia as outras mulheres da aldeia a acomodarem-se para dormir, Adeline fez o mesmo, apercebendo-se então de que não abrira a Bíblia enquanto ainda tinha luz suficiente para ler. Mas, também,

racionalizou ela, enquanto puxava o cobertor para cima e ajeitava a almofada, porque é que haveria de rezar, quando deixara de receber respostas?

Esgotada por seis dias de trabalho de trabalho árduo, adormeceu rapidamente e mergulhou numa escuridão mais profunda, clemente e sem sonhos.

Acordou oito horas depois com o som de chaves a rodarem nas fechaduras e da tranca a ser retirada. A porta das traseiras abriu-se e ficou ligeiramente entreaberta. Ela tratou de arrecadar imediatamente as suas coisas e saiu para ver a alvorada e os primeiros dedos de luz procurarem-na vindos de leste.



1 de novembro de 1945

Poltava, Ucrânia

Os guardas soviéticos fizeram soar os ferrinhos na escuridão, os tinidos consecutivos penetrando na cabeça adormecida dos prisioneiros sobreviventes. Emil acordou meio zozzo. Na tarde anterior, tivera cólicas e diarreia, e ficara apavorado com a hipótese de ter apanhado disenteria, que continuava a ceifar vidas em todo o campo de prisioneiros. Mas mastigara um pouco de carvão para acalmar os intestinos e dormira toda a noite. Ainda se sentia péssimo, mas não passara a noite inteira acordado e com o traseiro assente numa tábua fria a céu aberto na latrina.

— Levantem-se! — gritaram os guardas, tocando novamente os ferrinhos.
— Mexam-se!

Emil obrigou-se a enfiar as calças e as botas, ainda húmidas do dia anterior. Enquanto vestia o casaco e punha o boné, perguntou a si mesmo quanto tempo os russos achavam que eles sobreviveriam, se tivessem de trabalhar com aquele tipo de roupa em meados de janeiro.

Eles querem lá saber se vivemos ou morremos, pensou ele, enquanto subia as escadas da cave e franqueava as portas ao encontro da luz intensa. A geada cobria todas as máquinas e todos os equipamentos em redor do museu, reluzindo à luz dos holofotes. Com as suas roupas, meias e botas ainda húmidas, Emil quase começou de imediato a tremer e teve de bater os pés e sacudir os braços, para se manter quente enquanto a cave se esvaziava atrás dele.

A parelha dos enterros chegou a horas. Dois novos prisioneiros levaram o pónei que puxava a carreta da morte até à porta de carga do museu. Desapareceram cave adentro e voltaram pouco depois com dois corpos, a menor quantidade em vários dias. Os guardas mandaram Emil e os outros prisioneiros seguir em passo de marcha para um novo refeitório na cave da Câmara Municipal. Quando começaram a andar, ele olhou para os homens na carreta dos enterros. Só nos últimos dois meses, contara quase mais cento e setenta mortos. Estavam agora reduzidos a mil quinhentos e oitenta homens para reconstruir a cidade.

Quanto tempo conseguimos aguentar?, perguntou ele a si mesmo, mais uma vez. *Quanto tempo consigo eu aguentar?*

Enquanto desciam para a cave, Emil decidiu que seria capaz de durar mais aquele dia. Mais do que isso, não fazia ideia. Mas pretendia sobreviver àquele dia e ver mais um amanhã. Ou morrer a tentar.

Na fila, ouviu as cozinheiras queixarem-se de falta de lenha. Pegou numa tigela de sopa quente de repolho, na sua ração diária de pão, num pedaço de queijo bolorento e noutro de salsicha fria que era a melhor coisa que comera desde que chegara a Poltava. Enquanto se demorava com a salsicha e a sopa, lembrou-se dos pedaços de madeira espalhados nas imediações do hospital.

Ao sair, perguntou a uma cozinheira quanto é que ela lhe daria por um braço de lenha para o fogão. Ela disse-lhe um rublo. Sempre era mais um rublo do que ele tinha, pelo que lhe disse que lhe levaria a madeira ao fim da tarde. Depois, preparou-se para o que estava para vir e voltou para o exterior, onde estava ainda mais frio do que antes.

A escuridão começou a dissipar-se. Emil viu o horizonte oriental iluminar-se e sentiu-se melhor quando a sua equipa partiu em direção ao hospital. Sempre pensara que Adeline brilhava como a aurora e, com já quase seis meses como prisioneiro, parecia-lhe sentir mais a presença dela ao nascer do sol; ou pelo menos pensava mais nela nessa altura, no sorriso, no cheiro dela e no brilho que tinha nos olhos quando o provocava. Aquelas recordações fizeram-no sorrir e enfrentar aquele dia de trabalho de catorze horas, tal como haviam feito em todos os outros dias de trabalho de catorze horas.

E as recordações ajudaram-no durante toda a manhã. No mês anterior, Emil descobrira uma maneira mais fácil de fazer cimento e, depois, betão, em doses maiores, preparando-o numa grande gamela de metal, com a ajuda de uma peça de madeira com um metro de comprimento, que ele recortara com a forma de uma pá misturadora.

Aquele método mais fácil com a gamela e a pá aumentara a produção e permitira-lhe manter as forças e o peso. Melhor, os capatazes e os guardas não estavam sempre a implicar com ele. Ele estava a dar-lhes o que queriam e a passar despercebido.

Assim sendo, Emil ficou mais do que preocupado quando viu alguém muito pior do que um guarda ou um capataz dirigir-se à sua operação de blocos de cimento, com um rolo de papel na mão. Era o superintendente do local, um grande russo chamado Ivanov, que tinha olheiras permanentes e uma série interminável de cigarros que lhe pendiam, fumegantes, mas que de alguma forma nunca lhe caíam do canto esquerdo dos lábios.

Emil nunca falara com ele, mas agora o homem que tinha a seu cargo a reconstrução do hospital encontrava-se sob o telhado, mesmo à frente dele.

— É você que prepara os meus blocos de betão, certo?

Emil ficou abalado com a presença do grande russo, mas assentiu com a cabeça.

— Preciso de mais — disse o outro. — Do dobro do que está a fazer agora. Não, do triplo. Estamos atrasados. Temos de fechar uma grande parte do edifício, antes que a neve chegue. Do que é que precisa para triplicar a sua produção diária?

Emil não estava à espera de ser consultado e pensou antes de responder.

— Três homens para me ajudar — disse ele. — Roupas e botas mais quentes para eles e para mim. O triplo dos moldes. O triplo dos materiais.

Depois, apontou para os montes de cal junto à parede do fundo da sua área de trabalho.

— Vou precisar de um abrigo muito maior para armazenar os materiais, com paredes e um telhado, e de um espaço de trabalho coberto e murado, com tamanho suficiente para três gamelas como esta. E três pás misturadoras. E, quando o tempo arrefecer, vamos precisar de uma maneira de manter o betão suficientemente quente, para que a cura se faça em condições.

Ivanov olhou para ele, reavaliando-o.

— Mais nada?

Emil hesitou, mas resolveu dizer:

— O dobro das rações. Vamos precisar de mais comida, se está à espera de que continuemos vivos e a trabalhar.

O russo acendeu outro cigarro, colocou-o no canto esquerdo da boca, deu uma passa e expeliu-a pelo lado direito.

— Dois homens. Terá tudo o resto de que precisa. E se não estiver a fazer o tripo dos blocos daqui a uma semana, será levado daqui e fuzilado.

Capítulo Vinte e Nove

O superintendente era um homem de palavra. Passados dois dias, Ivanov ampliara o espaço de trabalho de Emil e levantara paredes toscas e um telhado de zinco mais largo e comprido, que se estendia sobre a área de armazenamento, a qual tinha uma grande porta traseira por onde os diversos materiais podiam entrar.

Bem cedo na terceira manhã, os dois homens chegaram com alguns minutos de diferença. O primeiro prisioneiro era um corpulento centro-asiático com cabeça em forma de abóbora, um uzbeque chamado Krull, que dizia ter sido recrutado para o exército soviético e enviado para a batalha na Polónia. Quando o Exército Vermelho lançara o seu ataque a Berlim, ele estava farto da guerra e resolvera ir-se embora, acabando por ser apanhado quando fugia para leste.

— Eu fui para leste — disse Krull. — Só que não suficientemente longe.

O segundo homem era a última pessoa que Emil queria ver. Nikolas teve de se curvar e baixar a cabeça, para passar pela mais pequena das três portas. Perdera muito peso e ainda coxeava.

Fez um esgar quando viu Emil.

— O que é que estás a fazer aqui? — perguntou.

— Eu trabalho aqui — foi a resposta que recebeu. — Se te limitares a fazer o que eu digo, não teremos problemas.

— Eu não recebo ordens tuas, Martel.

— Aí é que está enganado — disse-lhe Ivanov.

O superintendente do local acabara de entrar com guardas atrás, que traziam roupas de inverno e botas.

— Você vai fazer exatamente o que o Martel lhe disser, quando ele disser. Fui claro? Ou prefere trabalhar lá fora durante todo o inverno?

Nikolas não estava satisfeito, mas disse:

— Eu fico.



As botas e as roupas mais grossas foram uma grande melhoria em termos de calor, e as paredes e o telhado mantinham-nos mais resguardados do vento e do tempo, que piorou em novembro de 1945. Mas triplicar a produção obrigava Emil a trabalhar mais do que nunca, para garantir o transporte de matéria-prima e água suficientes, a mistura e o enchimento dos moldes, de modo a satisfazer as exigências de betão de Ivanov, enquanto o inverno rosnava cada vez mais alto a norte. No regresso à cave da Câmara Municipal e à sua refeição da noite, reduzia o passo

o suficiente para recolher um braçado de pedaços de madeira, que levava à cozinha em troca de mais um rublo no bolso.

Dia após dia, Emil dizia a si mesmo que aquilo se tornaria mais fácil, que descobriria uma maneira de fazer mais blocos e trabalhar menos. Mas não descobriu ou não conseguiu descobrir. Mesmo com as gamelas maiores e as pás, ele, Nikolas e Krull estavam a trabalhar tanto para fazer as quantidades necessárias que, depois de recolher a lenha para as cozinheiras, Emil acabava quase todos os dias tão cansado e com tanta fome que nem conseguia pensar, mesmo com o dobro da ração.

Os restantes prisioneiros no campo receberam mais roupa de inverno depois da equipa de Emil, e todos tiveram direito a mais um quarto da ração, para compensar as exigências do trabalho no frio do exterior. Mas a roupa mais quente e a comida suplementar não conseguiam extinguir as doenças que continuavam a arder em lume brando, acabando por varrer a cave do museu e as outras mais próximas onde o resto dos prisioneiros sobreviventes dormia.

Três mortos numa manhã. Dois naquela noite. Três na manhã seguinte. Cinco à noite. Depois, o tifo manifestou-se mais uma vez. Seis homens foram encontrados mortos na manhã seguinte. Cinco à noite. Nove na manhã seguinte. Emil ouviu o pónei arfar com o esforço e o eixo da carreta dos enterros gemer, quando partiu com dois novos prisioneiros que se tinham oferecido para o lugar.

A reação dos soviéticos ao surto de tifo foi obrigar os homens a despirem as suas roupas pesadas, que foram embebidas numa solução de lixívia fervida. Depois de passarem por mais um duche de desinfestação, foram forçados a vestir

as roupas de lã ainda molhadas e a usá-las durante o dia, ao frio, para que não encolhessem. Vários homens apanharam pneumonia.

— Vamos morrer todos — disse Nikolas amargamente, perto do fim do mês, enquanto misturavam a nona dose de betão daquele dia. — É só uma questão de tempo.

— É sempre uma questão de tempo — disse Krull.

Nikolas olhou de través para o uzbeque.

— Alguém te perguntou alguma coisa?

Passou do russo para o alemão, mudou de tom e disse:

— Não me sinto bem aqui, Martel.

— Quem é que se sente bem neste buraco?

— É mais do que isso: é cá dentro e aqui em cima — disse Nikolas, tocando no lado esquerdo do peito e na testa. — Tudo me parece pesado e escuro. Estou sempre a ter pesadelos e pensamentos que não param. Tudo me diz que é apenas uma questão de tempo.

— Tal como o Krull disse, é sempre uma questão de tempo — replicou Emil.

Nikolas abanou a cabeça violentamente e gritou:

— Tu não percebes! Estou condenado e tu também, Martel! Fomos condenados pelos nossos pecados, condenados assim que pegámos na arma e decidimos disparar contra aqueles judeus. Isto é apenas um passo na direção do Inferno profundo que nos espera, depois de cagarmos ou tossirmos até à morte!

Os ferrinhos começaram a soar lá fora, indicando o fim do dia de trabalho. O coração de Emil doía-lhe, quando acabou de verter o resto do seu betão. Tentou pensar em Adeline, mas a imagem dela não se concretizou, porque as palavras de Nikolas continuavam a soar-lhe na cabeça:

Condenados assim que pegámos na arma e decidimos disparar... Isto é apenas um passo na direção do Inferno profundo que nos espera...

Lembrou-se daquela noite em Dubossary, viu Hausmann apontar-lhe a *Luger* e sentiu-se mudar de ideias e decidir disparar contra aquelas pobres crianças judias, tudo de novo. Ouviu ecos da sua voz, depois da do oficial da SS e depois da de Nikolas.

Muito bem, eu faço-o.

Escolha sensata.

Condenados assim que pegámos na arma e decidimos disparar.

Enquanto seguia atrás de Nikolas até ao refeitório, comia e, depois, marchava de regresso ao museu, aquelas três vozes não paravam de se repetir na cabeça dele. Continuaram na cave, no escuro, e também quando ele adormeceu num sono agitado, atormentado por pesadelos, suores e cáibras no peito, tão dolorosas que o fizeram pensar que estava a ter um ataque cardíaco.

Morreram oito homens naquela noite. Seis sucumbiram durante o trabalho no dia seguinte e doze morreram de tifo antes da madrugada seguinte. Eram demasiados cadáveres. A carreta dos enterros não tinha espaço para todos e o pônei estava a ter tanta dificuldade que destacaram um terceiro homem para empurrar. Mesmo assim, dois corpos foram deixados para trás. A última vez em que Emil os viu, os corvos estavam a bicar-lhes os olhos.

Condenados...



Dezembro chegou cruel e assim continuou, mais um passo rumo ao inferno que Nikolas previra. As temperaturas desceram a pique. Começou a nevar. Ivanov obrigava-os a manter o ritmo de produção à medida que as paredes que estava a erigir iam subindo, quase prontas. Mas eles estavam a ter dificuldade em manter o espaço de trabalho suficientemente quente para curar o betão, até que Ivanov mandou buscar um fogão a lenha.

Passou uma semana e, depois, uma segunda, e o ritmo das mortes apenas registava ligeiras flutuações. Emil calculou que, agora, estavam a perder mais de cem homens por semana. Com o Natal à porta, estava convencido de que, dos dois mil homens que haviam entrado em Poltava no mês de maio anterior, menos de mil continuavam vivos.

Fomos condenados pelos nossos pecados.

Para contrariar aqueles pensamentos, Emil disse a si mesmo que não existia Deus nem Céu e, como tal, não existia Inferno. Havia o que acontecia diante dos nossos olhos, e só nós é que poderíamos fazer alguma coisa a esse respeito. Mas as dores no peito não passavam e os pensamentos sombrios que o envolviam não diminuían. Ele fazia por acreditar que era capaz, que era Emil Martel, caramba, um homem que já fizera frente a tempos e acontecimentos terríveis. Dizia a si mesmo que ainda era capaz de sobreviver a Poltava, mesmo que os seus próprios olhos lhe dissessem que estava a mentir.

A 19 de dezembro de 1945, Nikolas começou a tossir e a ficar febril. O seu trabalho tornou-se mais lento. Ivanov ficou furioso. Queria ter as paredes do hospital prontas e o telhado assente pelo Ano Novo.

— Acelere o ritmo, ou vou procurar alguém que o substitua aqui e, então, pode voltar lá para fora com os outros — disse Ivanov, e saiu.

Trabalharam dezasseis horas naquele dia e nos quatro seguintes. Emil não se lembrava de ter apanhado lenha, comido ou voltado para o museu à noite. A sua vida transformara-se no soar dos ferrinhos, descer do beliche ao encontro do frio escuro e cortante e, depois, misturar e verter durante horas a fio, a sua mente exausta e poluída, dizendo-lhe repetidamente que fora condenado por forças que não entendia por ter decidido matar aqueles três judeus, uma crença reforçada sempre que Nikolas tossia sangue.

No fim, aquele ritmo febril revelou-se demasiado para Krull. Sem nenhum aviso, o desertor do Exército Vermelho uzbeque fugiu de novo, enquanto marchavam de regresso ao museu durante um nevão na noite de 23 de dezembro de 1945. Os guardas riram-se, correram atrás dele e derrubaram-no com a coronha das espingardas. Krull levantou-se e começou a correr de novo. Abateiram-no pelas costas.

Nikolas marchava e tossia à frente e à direita de Emil. Olhou para ele por cima do ombro e resmoneou:

— Eu disse-te. Agora, é só uma questão de tempo.



Os ferrinhos fizeram-se ouvir bem cedo na manhã da Véspera de Natal. Emil sentia-se tonto, enquanto se vestia e, depois, subia da cave. Todos os músculos do seu corpo estavam tensos e doridos.

Não sei quanto mais tempo vou aguentar isto, pensou ele, mergulhando depois na série de pensamentos que se tornara uma obsessão. O Nikolas tem razão. É só uma questão de tempo agora. Fui condenado pelo que fiz. Condenado.

No exterior do museu, a neve intensificara-se e o vento estava a aumentar. Emil teve de erguer o antebraço e franzir os olhos para ver Nikolas coxear até ao seu lugar, curvado e a tossir. O pónei, a carreta da morte e os três homens destacados para os enterros pareciam fantasmas no nevão, deixando o museu com apenas sete mortos naquela manhã.

O superintendente da construção estava à espera dele na área de trabalho.

— Vou precisar de mais nove lotes — disse Ivanov. — Mais nove e ficamos prontos para içar as asnas e assentar o telhado.

— Temos menos um homem — disse Emil.

— E eu só posso dispensar-lhe outro amanhã — contrapôs Ivanov, e saiu.

Nove com apenas dois homens? Emil atirou-se ao trabalho sem mais comentários nem hesitações, enchendo o carrinho de mão com mais pazadas de matéria-prima e despejando-o depois nas gamelas. Nikolas, todavia, parecia em transe, coxeando a metade do seu ritmo normal, enquanto parava a cada poucos metros, atormentado por acessos de tosse. Horas depois, Emil estava a acabar o sétimo lote e preparava-se para vazar o betão nos moldes, quando Nikolas sucumbiu a um violento ataque de tosse atrás dele.

Ele ouviu algo cair e virou-se para dar com Nikolas ofegante no chão, o sangue a escorrer-lhe pelo canto da boca.

— Martel... — murmurou ele, numa voz rouca.

Emil não queria, mas aproximou-se e acorrou-se ao lado do homem, que se esforçava por respirar.

— Diz-me... — disse Nikolas.

— Digo-te o quê? — perguntou-lhe Emil.

Nikolas engasgou-se e tossiu com tanta violência que ficou com os olhos esbugalhados e a cara completamente congestionada, antes de conseguir dizer:

— Diz-me que posso ser perdoado pelo que fiz. Diz-me que não vou direito para o Inferno por ter matado todos aqueles judeus.

Emil olhou para aqueles olhos assustados e abanou a cabeça.

— Eu não posso perdoar-te, Nikolas. Não consigo sequer perdoar-me pelo que fiz.

Nikolas ficou ainda mais apavorado.

— Não — arquejou ele e, depois, emitiu um som gorgolejante antes de tossir e engasgar-se com sangue vermelho e espumoso, que lhe escorreu dos lábios até ao queixo.

Os olhos torturados de Nikolas fixaram-se em Emil por um momento, reviraram-se para o lado e ficaram baços.



24 de dezembro de 1945

Gutengermendorf, Alemanha Oriental ocupada pelos Sovietes

Mais tarde naquela mesma tarde, Adeline estava a tirar um bolo de maçã do forno de *Frau* Schmidt e a tentar manter-se alegre, embora fosse Véspera de Natal e o aniversário de Malia, e ela não tivesse notícias do marido há nove meses.

Enquanto poisava o bolo no fogão para o deixar arrefecer, ouviu Will e Walt a rirem-se no outro quarto.

Herr Schmidt levava-os mais cedo para a floresta e abatera uma pequena árvore. Os pequenos estavam a ajudá-lo a decorá-la com enfeites, fitas e ornamentos antigos, que pertenciam à família dos Schmidt há anos. Lá fora, começava a nevar.

— Sempre gostava de saber durante quando tempo os soviets vão deixar-vos comemorar o Natal — disse Adeline a *Frau* Schmidt, que estava a cortar pão numa tábua. — A nós, foi-nos proibido.

A mulher mais velha olhou para ela.

— Proibido? Nem o Hitler fez isso.

— O Hitler não era o Estaline — disse Adeline. — O Estaline é pior.

— No seu lugar, não deixaria que os meus hóspedes a ouvissem dizer isso.

— Nunca — disse Adeline. — Em breve, estará cá a Polícia Secreta.

— Não — disse ela. — Chega de Gestapo.

— Há de ser uma Gestapo comunista, deem-lhe o nome que quiserem e, dentro de uma questão de meses, terão os seus vizinhos, velhos amigos até, prontos para a denunciar para não serem enviados para leste.

Frau Schmidt estava sentada numa cadeira perto da lareira. Olhou para as chamas e, depois, para ela.

— A Adeline seria capaz de denunciar alguém?

— Nunca — respondeu ela, de imediato. — Foram rumores e cochichos dessa natureza que levaram para sempre o meu pai. Não vou fazer isso a outra pessoa.

— Ainda bem — disse a mulher mais velha. — Então, podemos confiar uma na outra.

Will entrou na cozinha.

— Cheira tão bem aqui! Posso comer bolo?

— Depois do jantar — respondeu Adeline. — Agora, fora da cozinha.

— Oh... — disse ele.

— Eu disse-te — disse-lhe Walt.

— «Eu disse-te» — imitou-o Will, num tom de troça, ao passar pelo irmão mais velho.

— As galinhas e as batatas devem estar prontas, Adeline — disse *Frau* Schmidt, levantando-se com a ajuda da bengala.

Antes que ela pudesse responder, ouviram o som de botas no alpendre da frente e os três soldados soviéticos alojados em casa dos Schmidt entraram. Kharkov, um capitão de vinte e poucos anos, foi o primeiro. Adeline viu-lhe o olhar vidrado quase de imediato, o sorriso amplo e invulgar com que ele a presenteou, bem como a garrafa de vodca que tinha na mão. Ela desviou o olhar e soltou um suspiro longo e abalado. *Frau* Schmidt lançou-lhe um olhar de advertência. Ele constituía um perigo para Adeline. Também ela tinha essa percepção.

— Cheira bem! — disse o capitão Kharkov, enquanto os outros homens se juntavam a ele, ambos subalternos, ambos mais novos. — Quando é que comemos?

Os outros dois também haviam estado a beber. Cada um deles tinha uma garrafa dois terços cheia.

— Vamos tirar as aves do forno agora mesmo — respondeu Adeline, virando-se para o maior dos dois fornos e abrindo-o, revelando duas galinhas castanho-douradas, recheadas com cebola e rodeadas por batatas roxas.

Poisou a assadeira na bancada e começou a organizar, na longa mesa de carvalho, pão fresco e pratos fumegantes com couve cozida e couves-de-bruxelas da horta dos Schmidt, antes de devolver a sua atenção às aves. Com uma faca afiada, Adeline transformou rapidamente as duas galinhas em pedaços e fatias, que empilhou numa travessa.

Frau Schmidt gritou:

— Jantar, Peter!



Herr Schmidt chegou pouco depois com duas grandes garrafas de cerveja ca-seira e sentou-se numa das cabeceiras da mesa, a mulher ocupando a cabeceira oposta. O capitão Kharkov sentou-se num dos bancos corridos com os seus oficiais subalternos. Adeline sentou-se ao lado de *Frau* Schmidt com Will à sua direita e Walt à direita do irmão, à frente dos russos.

Adeline olhou por um instante para toda aquela comida, lembrou-se da Véspera de Natal anterior, quando fora tão pouco o que tinham para comer. Ela sabia que deveria estar feliz, grata, mas, enquanto a galinha assada e os acompanhamentos iam sendo passados à volta da mesa, não conseguiu deixar de pensar no marido e nos horrores que ele poderia estar a enfrentar sozinho. Um nó de emoção ganhou forma na sua garganta.

Os russos conversavam entre si, enquanto comiam e bebiam. Adeline ficou grata ao ver que estavam a ser moderados com a vodca, em vez de a emborcarem como alguns soldados do Exército Vermelho que ela vira e até mesmo Marie, a sua própria prima — todos eles almas torturadas à procura do esquecimento. Mas naquela noite, os três que estavam à mesa pareciam suficientemente inofensivos para que ela começasse a descontraír-se.

Mesmo assim, pretendia agir como se a festividade fosse uma noite de sábado. Havia de estar frio na igreja, mas ela poderia levar roupas mais quentes e cobertores, e o Dia de Natal estaria a amanhecer antes que ela desse por isso. Queria estar de volta antes que os pequenos acordassem. Embora não tivesse dinheiro para comprar presentes para os filhos, os Schmidt tinham, e ela queria ver a expressão no rosto de Will e no de Walt quando abrissem...

— A Adeline tem sorte — disse o capitão Kharkov, arrancando-a dos seus pensamentos.

Ela olhou para ele com uma expressão perplexa.

— Os seus filhos... — continuou ele. — Tem-nos consigo, enquanto a minha querida mulher e o meu filhinho estão sozinhos em Leninegrado.

— Tenho sorte — disse ela. — Teria mais sorte, se o meu marido não estivesse num campo de prisioneiros.

— Isso é verdade — disse Kharkov, e serviu-se de mais um dedo de vodca.

— Estou cheio — disse Will, esfregando o estômago depois de limpar o prato.

— Não sobrou espaço para o *Kuchen* da tua mãe? — perguntou-lhe *Frau* Schmidt.

— Eu não disse isso — respondeu Will, de sobrolho franzido.

— Tens a certeza? — provocou-o Adeline.

— Mamã! — disse Will. — Isso não é simpático.

Adeline sorriu, levantou-se e voltou com o bolo. Os rapazes agarraram cada um numa fatia. Will acabou com a dele em três dentadas. Walt não se apressou, comendo a sua aos poucos, enquanto o prato dava a volta à mesa. Quando *Frau* Schmidt o passou a Adeline com a última fatia, o capitão Kharkov acabou a sua vodka e serviu-se de mais um dedo.

— Foi uma excelente refeição — disse ele, falando em russo e erguendo o copo aos Schmidt e a Adeline. — Agradecemos-vos, porque nos recorda a perversidade de um sistema que permite que duas pessoas velhas e relativamente inúteis como aqui os Schmidt possuam tantas terras e recebam delas tanto proveito.

Adeline percebeu que ele dissera aquilo expressamente para ela, visto que os Schmidt não falavam russo. Corou e desviou o olhar dele.

Kharkov continuou:

— Sob o nosso sistema, antigamente, os Schmidt seriam julgados *kulaks*: pessoas que beneficiaram excessivamente do trabalho dos outros. Antigamente, teriam sido expulsos desta terra. Não é verdade, Adeline?

Ela olhou para cima e deu com ele a observá-la.

— Sim. — Sabia que deveria ter deixado o assunto morrer, mas acrescentou: — E a terra teria sido entregue a idiotas que não percebiam nada de agricultura. Não admira que não produzissem nada e as pessoas morressem de fome.

As sobranças do capitão Kharkov estremeceram, mas ele não disse nada, limitando-se a fitá-la por mais alguns instantes, antes de baixar o copo e servir-se de outro. Adeline levantou-se e limpou a cozinha até a deixar a cintilar. Enxugou a faca de trincar por último, virou costas ao lava-loiça e disse:

— Muito bem, rapazes, está na hora de dormir.

— Mal acabou de anoitecer — disse o capitão Kharkov. — Sente-se, tome outra bebida connosco.

— A cerveja já me deixou um pouco tonta — disse Adeline. — Will? Walt?

— Estou cansado — disse Will, levantando-se com um bocejo.

— Eu também — disse Walt. — Mamã, vamos receber presentes de Natal amanhã?

— Logo se vê — respondeu-lhe ela, sorriu a todos e baixou ligeiramente a cabeça na direção do capitão Kharkov. — Durmam bem. Vemo--nos amanhã.

— Amanhã — disse Kharkov. Serviu-se de outra bebida e ergueu o copo, enquanto eles saíam ao encontro da neve.



O solo nu estava coberto com pouco mais de um centímetro, o suficiente para fazer com que a paisagem parecesse bonita e segura enquanto Adeline e os pequenos se dirigiam ao anexo. Ela trocou-lhes a roupa e, como faziam praticamente todas as noites desde o desaparecimento de Emil, deram as mãos e rezaram por ele antes que ela os mandasse para a cama.

— Amanhã é o aniversário de Jesus — disse Will. — Ele nasceu com burros.

A mãe sorriu e disse:

— Foi mais ou menos isso.

— E nós acreditamos no que Jesus ensinou — disse Walt. — É por isso que celebramos o Natal, não é, mamã?

Adeline hesitou, mas depois assentiu. Ia dar-lhes as boas-noites e ir-se embora, mas mudou de ideias e pegou na Bíblia que *Frau Schmidt* lhe dera. Abriu-a no *Evangelho Segundo São Lucas* e leu-lhes a história da Natividade.

— Está a ver? Havia burros — disse Will, quando ela terminou.

— Sim, havia — concordou Adeline, rindo-se e beijando o filho mais novo na cabeça. — E ovelhas e outros animais.

Deixou a luz acesa o tempo suficiente para vestir o casaco e recolher a colcha, dois cobertores, a almofada e o chapéu de lã tricotada que *Frau Schmidt* lhe dera. Virou-se para lhes dizer boa noite, dando com eles já a dormirem. Pensou novamente em Emil, que ele nunca conheceria momentos como aquele e, apesar da comida maravilhosa que lhe enchia a barriga, sentiu-se roubada de amor e de tempo.

Saiu para o curto corredor, fechou a porta e trancou-a, pensando: *Eles roubaram-me; roubaram os meus filhos; e roubaram o Emil. E continuam a roubar-nos!!*

Lá fora, a neve ainda caía suavemente. Adeline contornou o celeiro para se orientar, depois fez o seu caminho quase de cor no meio da escuridão e da neve, em direção à fiada de árvores que demarcava a aldeia. Desviou-se do caminho por duas vezes, antes de encontrar as árvores desfolhadas e seguiu-las, passando pelas traseiras das casas da aldeia antes de chegar à antiga igreja.

Como era seu costume, avançou mais um pouco para se aliviar e, depois, dirigiu-se à porta das traseiras, encontrando-a entreaberta. Mas, quando abriu a porta à espera de ouvir os sons de outras mulheres, não ouviu nada. As janelas de vidro da igreja tinham sido entaipadas para o inverno; como tal, uma vez lá dentro, sentiu-se à vontade para procurar no seu saco uma vela e alguns fósforos, com a porta fechada, mas não trancada, caso outra mulher pretendesse refúgio para a noite.

Acendeu a pequena vela, que produziu luz suficiente para que ela pudesse ver a sua respiração em nuvens ondulantes e confirmar que a igreja estava de facto vazia. Estremeceu e percebeu porquê. Com as janelas entaipadas, a construção recebia pouco ou nenhum calor durante o dia. Com efeito, parecia estar mais frio ali do que lá fora com a neve a cair.

Adeline foi para o banco onde costumava passar as noites de sábado e começou a preparar a sua cama. Ao fazer isso, lembrou-se de Walt a dizer: *E nós acreditamos no que Jesus ensinou, não é, mamã?*

Deixou-se ficar sentada por um momento, com os dedos entrelaçados, e sentiu-se dividida entre a vontade de se ajoelhar e rezar, e o receio de rezar porque não seria ouvida ou ouvida da maneira errada, como acontecera naquele dia perto do Reichstag, quando não tinham comida nem abrigo. Acabou por baixar a cabeça e pedir a Deus que lhe perdoasse por não ter rezado muito ultimamente.

— Tem sido difícil sem o Emil, Senhor — sussurrou ela, aquele nó de emoção a crescer-lhe outra vez na garganta. — Tomar conta dos pequenos e trabalhar para os Schmidt... Estou grata pelo teto sobre a minha cabeça e pela boa comida que comemos. Estou. Mas, por favor, olha pelo Emil, onde quer que ele esteja. Protege-o, Senhor. Ele é um bom homem. O único homem que tenho ou quero. Então, por favor, trá-lo de volta para nós e, enquanto isso não acontece, mantém-nos em segurança, a mim e aos rapazes.

Baixou a cabeça e suspirou, antes de desdobrar a colcha e os cobertores. Estava a ajeitar a almofada e prestes a apagar a vela, quando a porta das traseiras se abriu e alguém iluminou o interior com uma lanterna elétrica. Várias das mulheres que se refugiavam na igreja tinham lanternas, pelo que ela se deixou ficar, à espera de ver qual delas se decidira a enfrentar o frio.

O capitão Kharkov entrou, olhou em volta e viu-a parada à luz da vela. Sorriu, embriagado, ergueu a garrafa praticamente vazia e apontou com ela para o interior da igreja.

— Que romântico, Adeline — disse ele. — Que lugar perfeito.

Capítulo Trinta

Seis horas antes, na mesma Véspera de Natal Poltava, Ucrânia

Ver Nikolas morrer diante dele abalou Emil de uma forma que ele não esperava. Odiara aquele homem em vida, mas sentia alguma pena pela forma como ele a deixara, cheio de medo e não perdoado, certo de que estava prestes a enfrentar o julgamento.

Não vou enfrentar nenhum julgamento, pensou Emil, depois de cobrir o corpo de Nikolas e o arrastar para o exterior para que congelasse. *Não existe nada para lá desta vida. A única coisa com que podemos contar é connosco.*

Naquele dia, trabalhou quase até cair, mas contou consigo para produzir a quantidade de betão que Ivanov definira. Sentou-se junto ao pequeno fogão a lenha, depois de verter o que restava do betão nos moldes dos blocos. Fechou os olhos.

Sou capaz. Sou capaz de sobreviver...

Os ferrinhos começaram a soar, sinal do fim de mais um dia de trabalho. Atordoado, Emil abriu os olhos, sentindo no peito e na cabeça as mesmas trevas que Nikolas descrevera, tão pesadas e frias que não soube se seria capaz de se levantar. Conseguiu fazê-lo, por fim, mas estava tonto e teve de se apoiar na parede, antes de poder pegar no chapéu e nas luvas, e sair para um nevão em plena força. O cadáver de Nikolas já estava quase enterrado na neve.

— Alinhem-se! — gritaram os guardas soviéticos. — Formação de marcha!

Emil dirigiu-se a um dos guardas que conhecia, apontou para o cadáver de Nikolas e foi informado de que o destacamento dos enterros estava a chegar. Fez uma pausa para ver a neve acumular-se sobre o corpo congelado de Nikolas; depois, ocupou o lugar do morto na fila. Recolheria os restos de madeira no dia seguinte.

Arrastando-se pela tempestade até à cave da Câmara Municipal para comer, Emil sentia-se prestes a desmaiar a qualquer momento. A sua mente e a sua voz

interior tornaram-se reptilianas, empenhadas apenas na sobrevivência.

Um pé diante do outro. Um pé...

Eu sou capaz. Sou o Emil Martel, caramba. Eu sou...

E, depois, as palavras de Nikolas: *Fomos condenados assim que pegámos na arma e decidimos disparar.*

Ao mesmo tempo que ouvia os ecos de Nikolas na sua mente, um prisioneiro vários pares à sua frente cambaleou e caiu na neve. Um guarda aproximou-se do homem caído e deu-lhe um pontapé. Ao ver que não reagia, o guarda arrastou-o para um lado e largou-o.

Mal capaz de se aguentar em pé, Emil olhou entorpecido para o novo cadáver, ouvindo novamente Nikolas na sua cabeça: *É apenas uma questão de tempo.*

Os prisioneiros começaram a andar. Emil tentou segui-los, um pé, um passo, um pé, um passo. Sentiu-se tonto de novo, cambaleou e quase caiu. Começou a ver pontos pretos, que pareciam nadar diante dos seus olhos. Pensou que iria perder os sentidos e morrer na neve, mais um outro corpo congelado na carreta da morte e, em pânico, tentou obrigar-se a manter-se alerta. Acabou por cambalear e cair de joelhos. Não tinha mais nada. Rendeu-se.

Não consigo fazer isto. Não sou capaz. Sou apenas um homem. Lamento, Adeline. Não consigo fazer isto sozinho... Preciso de ajuda. Preciso...

Uma mão agarrou-o rudemente pela axila e puxou-o para cima. O choque trouxe Emil de volta a um estado semialerta, e ele olhou confuso para o guarda.

— Não vais morrer hoje — disse-lhe o guarda. — O Ivanov quer-te vivo.

Emil sentiu o seu equilíbrio regressar e disse:

— Fico melhor depois de comer.

O guarda assentiu;

— O refeitório é já ali adiante — disse ele.

A fila abrandou à entrada da cave da Câmara Municipal. A área era iluminada por holofotes. Emil estava de cabeça baixa, derrotado, sem esperança. Sentia-se como se já não tivesse mais nada com que lutar além da sua capacidade de se levantar e se deslocar com a fila em direção à comida e ao sono. Sabia que estava tão fraco que morreria se uma doença o apanhasse.

Talvez fosse melhor. Menos tortura a longo prazo para a Adeline e os pequenos. E se vou enfrentar um julgamento, antes fazê-lo mais cedo do que mais tarde.

Sentiu-se novamente tonto, o seu desespero aprofundando-se e alargando-se antes de se escancarar num bocejo sem fundo, tal era o desespero e o medo que o dominavam. Sentindo-se como se estivesse em queda livre na escuridão, fez a

única coisa que lhe ocorreu: atirou a cabeça para trás, expôs o rosto à neve que caía e ergueu os dois braços para a noite e a tempestade.

— Estás a ouvir-me? — perguntou ele, quase sem voz. — Se estás, quanto mais depressa me lebares, melhor.



A fila avançou novamente em direção às escadas. Emil baixou os braços e deu um desajeitado passo em frente. Porque é que se dava sequer ao trabalho de comer? Acabara. Ele durara sete meses. Não conseguia continuar por sua conta. E Deus? Deus não passava de uma história num...

— A abelha é um milagre — ouviu ele um homem dizer em alemão, mas com um sotaque estranho e cerrado. — Sem a abelha, não há flores, nem frutos, nem beleza, nem vida.

A fila avançou um passo. Emil foi com ela, levantando a cabeça e virando-se em busca da origem daquela voz.

Uma aparição pálida emergiu do nevão: um prisioneiro coberto de neve conduzia o pônei e a carreta da morte revestida pela geada, com quatro corpos já a bordo e dois outros prisioneiros a ajudarem na parte de trás, empurrando as rodas e todo aquele peso em quinze centímetros de neve.

O prisioneiro da frente mantinha o capuz levantado, enquanto amarrava o pônei a um poste a cerca de vinte metros de Emil e se virava para os outros dois, dizendo:

— Comam mel e terão uma vida longa. É uma dádiva de Deus. Faz--nos fortes. Faz-nos viver muito. Comemos primeiro? Depois, o cemitério; pode ser?

Emil semicerrou os olhos e abanou a cabeça, incrédulo, mas então, como que atraído por alguma força magnética, abandonou o seu lugar na fila e foi direito aos homens do destacamento da morte, enquanto eles se dirigiam para o fim da fila do refeitório.

Emil foi atrás dele, gritando:

— Cabo?

O vento era muito forte; uivava. Os três prisioneiros continuavam a andar.

— Apicultor! — gritou Emil. — Sobrevivente de Estalinegrado!

Dois dos homens seguiram em frente. Mas aquele que levava o pônei parou, puxou o capuz para trás e virou-se para olhar para Emil, com uma expressão

confusa e, depois, divertida, como se alguém lhe tivesse sussurrado ao ouvido uma piada que só agora estava a perceber.

— Martel... — disse o cabo Gheorghe, com um sorriso. — Eu disse que voltaria a vê-lo, e aqui está você!



Gutengermendorf, Alemanha Oriental ocupada pela União Soviética

O capitão Kharkov apagou a lanterna, guardou-a no bolso e avançou na direção de Adeline, segurando a garrafa de vodca com uma das mãos, enquanto desabotoava o sobretudo com a outra.

— Um lugar perfeito, perfeito — disse o russo. — Estou espantado por nenhum de nós ter pensado nisto quando tentámos descobrir o que é que acontecia a todas as boas mulheres de Gutengermendorf nas noites de sábado. Mas as suas pegadas na neve não mentiram, e aqui estamos nós.

— Não — disse Adeline. — Comigo, não.

Kharkov sorriu e continuou a avançar

— Oh, sim, contigo. Tenho permissão para isto. Tu, bela Adeline, és um despojo de guerra, um despojo de guerra mais velho e experiente. Um despojo que vou apreciar imenso, porque embora isto aqui esteja tão frio como a teta de uma bruxa, eu sei que há de estar deliciosamente quente por baixo da tua saia. Um presentinho para nós dois na Véspera de Natal.

Ela não disse nada, mas sentiu o medo e a vergonha que já fervilhavam dentro de si. Entretanto, ele chegara ao extremo do banco onde ela dormia e viu a roupa de cama preparada.

— Antecipaste-te — disse ele, bebendo o resto da vodca. — Adorável.

O oficial soviético atirou a garrafa para o banco ao lado e avançou direito a ela, desafiando o cinto para abrir o sobretudo.

— Não, senão...

— Senão, o quê? — perguntou ele, mas estacou a um metro dela, com os olhos postos na faca de trincar que ela tinha na mão.

— Senão, corto-o em pedaços — respondeu ela. — Sou boa com uma faca.

Kharkov sorriu. Os seus olhos semicerraram-se quando ele deu um passo atrás.

— Tenho a certeza de que sim. Vi o que fizeste com aquelas galinhas. Mas eu não sou uma galinha, Adeline, e a tua faca não me assusta.

Levou a mão ao interior do sobretudo e sacou de uma pistola que lhe apontou.

— Portanto, largas isso e passamos ao prazer; o que é que te parece?

— Eu tenho um marido — disse ela, sem baixar a faca.

— Não me importo.

— Você tem uma mulher, um bebé.

— Não esta noite — disse ele, com um sorriso.

Adeline engoliu em seco e disse:

— Se chegar mais perto, mato-o. Portanto, dispare. Acabe com isto. Prefiro morrer a tê-lo em cima de mim.

Aquilo enfureceu Kharkov, que puxou o travão da pistola.

— Achas que não sou capaz?

— Dispare, vá; mate-me — disse ela de novo. — A aldeia há de ouvir o tiro e você será investigado por homicídio. Será mandado para a força e a sua jovem mulher há de pensar em si não apenas como um violador, mas também como um assassino capaz de matar a sangue-frio na Véspera de Natal. E quando estiver na sua cela, à espera de morrer, há de ser como o Raskolnikov no *Crime e Castigo*. Leu esse livro. Claro que sim. E lembra-se de como o homicídio lhe consumiu a mente. Como um cancro antes da força. É isso que realmente quer, capitão Kharkov?

O oficial soviético olhou furioso para ela; a pistola tremeu-lhe na mão, antes de apontar e disparar ao lado. Assustada com o tiro, ela encolheu-se e brandiu a faca diante de si, convencida de que, agora, ele iria atrás dela.

Mas Kharkov já abandonara o banco e estava de saída. Ao abrir a porta das traseiras, rosnou:

— Vadia alemã. — E bateu-a atrás de si.

Adeline ficou um instante a olhar, antes de correr para a porta com a faca ainda na mão e passar a tranca. Então, começou a tremer tanto que teve de se arrastar até ao banco e sentar-se, tal era o seu medo de desmaiar. Vieram, então, as lágrimas e a solidão, seguidas pela certeza de que um homem como Kharkov não deixaria aquilo ficar assim. Encontraria uma maneira de a atacar ou de a castigar.

Foi preciso bastante tempo, até que a vela estivesse praticamente apagada, para que ela realmente acreditasse que ele não iria voltar, e para que ela fosse capaz de se acalmar o suficiente para pegar na faca de trincar e enfiá-la debaixo da almofada. Em seguida, tirou as botas, calçou o par suplementar de meias de lã e pôs o barrete de tricô, antes de apagar a vela e se enroscar nos cobertores.

Para não pensar em Kharkov, tentou invocar a imagem de Emil. Em vez disso, perguntou a si mesma quem seria ela se mais um ano passasse e desse por si deitada naquele banco na Véspera de Natal seguinte sem saber nada dele. O mundo solitário que aquela pergunta lhe sugeria assustou-a tanto que se enrolou numa bola e adormeceu a rezar para que dali a um ano estivesse nos braços dele.



Poltava, Ucrânia

Na cave da Câmara Municipal, Emil engoliu a sua sopa e atacou a dose extra de pão e peito cozido, cebolas, beterrabas e couves que receberam por causa do dia de festa. De tempos a tempos, levantava a cabeça para se assegurar de que o cabo Gheorghe estava realmente ali, do outro lado da mesa, a comer com idêntica voracidade.

Emil sentia-se melhor do que se sentira em várias semanas e percebeu que era só porque o soldado romeno maluco estava com ele, não um amigo, nem sequer um conhecido, apenas um rosto familiar e uma voz peculiar num lugar frio e distante na Véspera de Natal.

Depois de sorver a sopa quente e comer metade da sua ração dupla, Emil disse:

— Como é que veio aqui parar?

— O Sol, as estrelas, a Lua...

— Pois — disse Emil, interrompendo-o. — Conte-me só o que aconteceu aqui na Terra.

— Mas começa sempre lá em cima.

— Claro que sim, mas comece quando o deixámos a um bom dia de viagem da fronteira romena.

O cabo Gheorghe pensou no assunto e sorriu.

— Você tem uma cunhada, agora me lembro. Continua doce como o mel?

— A Malia, isso mesmo. Conte-me a partir daí.

— Ela já se casou?

— Continuava solteira, quando a vi pela última vez.

O cabo sorriu, bateu com os dedos nos lábios e, então, explicou que pouco depois de os Martel seguirem para a Roménia, os exércitos vermelhos que os haviam perseguido tinham parado de repente para reabastecer muito perto da fronteira. Os líderes romenos tinham então percebido o que vinha aí e, como tal, decidido que ficavam melhor se a sua lealdade passasse de Hitler para Estaline.

— Recebi ordens para me render aos soviets e dizer-lhes que agora lutávamos por Moscovo, e não por Berlim — disse ele. — Mas quando cheguei com uma bandeira branca na minha arma, eles prenderam-me, mandaram-me para um campo de prisioneiros na Ucrânia, mas não tão a leste como este.

— O que é que aconteceu?

O romeno sorriu.

— Fugi passados quatro meses, rumei a casa para ser apicultor, fiz noventa quilómetros a pé e fui apanhado. Mandaram-me para um segundo campo. Voltei a fugir.

Bateu com um dedo na têmpora esquerda, logo abaixo da cicatriz de Estalinogrado.

— Daquela vez, tinha aprendido a lição e passara a andar quase sempre de noite. Quase cheguei à fronteira com a Roménia.

— Mas acabou por ser apanhado — disse Emil, abanando a cabeça. — E eles não o abateram a tiro?

Ele riu-se.

— Dá para acreditar? Disseram que chegava de Ucrânia para mim, que agora eu iria para leste, trabalhar nas minas. Mas, em vez disso, trouxeram-me para aqui faz cinco dias. É bom, acho eu.

— Não há nada de bom neste lugar — disse-lhe Emil, falando-lhe em seguida da taxa de mortalidade entre os prisioneiros. — É uma armadilha mortal. Você estava melhor nas minas.

— Ouvi isso no primeiro dia, quando levantei a mão para o destacamento dos enterros.

— Por causa das rações a dobrar?

— Isso também — respondeu ele, ao que se debruçou e passou a um sussurro: — Um segredo? O destacamento dos enterros foi como eu fugi dos primeiros dois campos. Ofereça-se para o destacamento. Fugimos juntos.

Emil abanou a cabeça.

— Você acaba morto de tanto tocar naqueles corpos.

O romeno bateu novamente na têmpora.

— Não, se eles estiverem congelados, Martel.

Emil pensou naquilo.

— Talvez. Mas porquê o destacamento dos enterros? Como é que foge?

O cabo debruçou-se ainda mais.

— Os guardas russos? Têm medo dos fantasmas, porque há demasiados mortos num só lugar. Eles não se chegam ao lugar onde os mortos são largados. No meio de um nevão, podemos fugir.

Emil cruzou os braços.

— Eles apanham-no a pé. Já o fizeram duas vezes.

— Não a pé, desta vez — insistiu o cabo Gheorghe. — Aquele pônei é robusto, quase tão grande como um cavalo. Vamos montá-lo. Encontramos uma via-férrea, encontraremos um comboio, saltamos para bordo e vamos para oeste.

Por um momento, Emil acalentou a ideia de fugir com o romeno. Ele só era meio maluco e previra que eles voltariam a encontrar-se, não previra?

E se ele tiver razão? E se pudéssemos...?

Pensou na pilha de cadáveres que poderia ver logo pela manhã e ter de enterrear. Só a ideia o deixou arrepiado.

— Não consigo fazer isso.

O cabo Gheorghe inclinou a cabeça, novamente a sorrir.

— Se não consegue, tem de o fazer. É sempre assim. Venha, fugimos juntos. Vamos procurar a sua mulher e a sua irmã, doce como o mel.

Emil engoliu em seco.

— Há razões pelas quais não posso juntar-me a esse destacamento.

— Que razões são essas?

Sentindo que o coração e a respiração começavam a acelerar-lhe, Emil deu-se conta de que nunca contara a ninguém o que acontecera em Dubossary. Mas,

ao olhar para o cabo do outro lado da mesa, sentiu-se forçado a descrever aquela noite, a confessar a outro a profundidade e a natureza do que fizera.

Durante os vinte minutos seguintes, contou ao cabo Gheorghe a história de Dubossary até ao momento em que o capitão Hausmann lhe entregara a *Luger* e ordenara que provasse a sua lealdade alemã, abatendo os três jovens judeus. Mas, então, os ferrinhos fizeram-se ouvir, dizendo-lhes que saíssem do refeitório e se preparassem para marchar até à cave do museu.

— O que é que fez? — quis saber o cabo Gheorghe.

— Eu...

— Mexam-se! — gritou um guarda e, depois, apontou para o romeno. — Ainda há dois corpos lá fora. Um na estrada. Um perto do hospital. Vai buscá-los.

Ele levantou-se, com os olhos postos em Emil.

— Ofereça-se para o destacamento dos enterros. Tem de me contar o que fez.

Dito isto, foi-se embora. Emil ficou a ver o romeno afastar-se, reparando pela primeira vez na ligeireza dos passos dele, na fluidez dos seus movimentos; o homem parecia deslizar. Quando ele saiu para o nevão, que não parecia disposto a abrandar, a carreta da morte desaparecera e, com ela, o cabo Gheorghe, que de repente lhe pareceu ser a sua última esperança.

Mas o destacamento dos enterros?

Enquanto marchava de regresso ao museu, a ideia de carregar corpos naquela carreta, congelados ou não, fê-lo sentir-se como se estivesse trancado num espaço tão apertado que mal conseguia respirar, enquanto mãos invisíveis lhe davam nós no estômago.



Dia de Natal de 1945

Gutengermendorf, Alemanha Oriental ocupada pela União Soviética

Adeline acordou a tremer na igreja escura, sentou-se e viu a luz a entrar por baixo da porta das traseiras. Quase se levantou para agarrar nas suas coisas e

voltar para Walt e Will. Em vez disso, enrolou os cobertores à volta dos ombros, ajoelhou-se e rezou pela segurança dela, dos rapazes e de Emil.

Todavia, quando se levantou para dobrar e arrumar tudo, Adeline não se sentiu segura. Não com o capitão Kharkov e os seus homens ainda em casa dos Schmidt. Aquela sensação foi crescendo, enquanto deixava a igreja, atravessava a aldeia e subia a colina até à quinta.

Tinham caído sete centímetros de neve durante a noite, antes de a temperatura subir acima dos zero graus. Agora, caía uma chuva miudinha e ela caminhava na lama.

— Feliz Natal, mamã! — gritaram Will e Walt, quando ela destrancou a porta do quarto no anexo.

Eles saltaram da cama e correram para os braços de Adeline, que os abraçou com força, dando um beijo na bochecha de cada um, antes de dizer:

— Feliz Natal para os meus dois queridos.

Will recuou um passo.

— Recebemos presentes?

Ela sorriu.

— Pelo que sei, *Frau* e *Herr* Schmidt encontraram presentes para vocês debaixo da árvore ontem à noite.

Devido às circunstâncias, eram forçados a quebrar o costume e celebrar na manhã do Dia de Natal e não na Véspera de Natal.

— A sério? — perguntou Walt. — O quê?

— Vistam-se e vamos ver.

Will já estava vestido às três pancadas numa questão de segundos e não parava de saltar, enquanto Walt fazia tudo com mais tempo e cuidado.

— Vá lá, Walt — protestou Will.

— Queres que vá descalço?

— Se for preciso.

— Eu não preciso, e não vou — disse o irmão mais velho, enquanto calçava os sapatos.

— Mamã!

— Vê se te acalmas, Will — disse ela. — Os presentes não vão a lado nenhum.

— Mas eu estou à espera!

— E eu estou pronto — disse Walt, levantando-se para pegar no casaco quente.

Will correu até casa dos Schmidt e desapareceu no interior, enquanto Walt segurava a mão de Adeline e caminhava com ela.

— Mamã? — perguntou ele. — O Will vai estar sempre com pressa?

Ela pensou naquilo e sorriu.

— Imagino que sim. É a natureza dele.

— Ele está sempre com tanta pressa que às vezes me deixa tonto.

Adeline riu-se.

— Sim, ele também me deixa tonta às vezes.

Sacudiram a neve lamacenta das botas, antes de entrar na casa da quinta. *Frau* Schmidt já estava a pé, a cozinhar salsichas do porco que tinham abatido no mês anterior. Os aromas no interior da casa eram deliciosos quando ela olhou em redor, feliz por não ver nenhum dos soldados soviéticos a pé, principalmente Kharkov.

— Feliz Natal! — gritou *Frau* Schmidt da cozinha, onde Will já estava a comer um dos biscoitos.

— Feliz Natal! — respondeu Adeline.

— Mamã, posso também comer um biscoito? — perguntou Walt.

— Claro que sim — respondeu ela. — É Dia de Natal.

O rapaz despiu o casaco, pendurou-o e descalçou as botas, antes de atravessar a sala principal até à cozinha para ir buscar o seu biscoito. Adeline foi atrás dele, feliz ao ver as chamas a dançarem no fogão, e como tudo se apresentava quente e convidativo.

Herr Schmidt estava a tomar um chá quente. Quando os rapazes acabaram de comer os biscoitos, ele disse-lhes:

— Acho que vi presentes para os rapazes Martel debaixo da árvore.

Will e Walt olharam para a mãe, que assentiu.

— Vão lá.

Os rapazes correram para a outra sala e encontraram dois pequenos presentes embrulhados em papel pardo. Will e Walt desembulharam-nos e encontraram dois piões de madeira que *Herr* Schmidt talhara para eles.

Ele mostrou-lhes como fazê-los girar e como poderiam fazer batalhas um contra o outro. Os seus guinchos de riso e triunfo quando um derrubava o outro fizeram Adeline sentir-se melhor do que se sentira desde que Emil fora levado.

Lá fora, ela conseguia ver que os chuviscos se haviam transformado novamente em neve. *Herr* Schmidt, que entretanto fora até à janela para consultar

um termómetro, viu que a temperatura estava a descer, o que, disse ele aos pequenos, era bom para o outro presente deles.

— Outro! — gritou Will. — Onde?

— No celeiro — respondeu ele. — Ponham os casacos e os chapéus, e eu mostro-vos.

— A mamã quer vir? — perguntou Walt.

Na semana anterior, *Herr* Schmidt dissera-lhe o que estava a preparar para dar aos rapazes, pelo que Adeline assentiu com a cabeça.

— Quero, pois.

— Vou ter chá quente e sidra à vossa espera — disse *Frau* Schmidt.

Vestiram-se e saíram ao encontro da neve que caía levemente e do frio cada vez mais intenso. Tinham estado dentro de casa apenas uma hora, mas a neve derretida misturada com a neve recente já estava a congelar, tornando-se estaladiça e escorregadia, perfeita para o grande presente dos rapazes.

Herr Schmidt tinha o trenó em cima de um banco no celeiro. Perten-cera ao seu filho quando era pequeno. O lavrador resolvera consertá-lo na semana anterior. Tinha um assento, dois patins e um leme para manobrar e reduzir a velocidade. Ele mostrou-lhes os patins — de madeira com bordas de metal aparafusadas e outra tira de metal no meio — e como virá-los com o leme.

— Quem é o primeiro? — perguntou-lhes *Herr* Schmidt. — Walt?

O filho mais velho de Adeline parecia pouco convencido.

— O Will pode ir primeiro.

O irmão sorriu e assentiu com a cabeça.

— Sim, por favor.

O velho lavrador levou-os lá para fora, de regresso à neve, e seguiu com o trenó para o topo da colina, acima do campo coberto de neve e da aldeia mais além. Will instalou-se e agarrou no leme com as duas mãos.

— Como é que faço para o pôr a andar? — perguntou ele.

— Eu empurro-te — respondeu *Herr* Schmidt. Apoiou a bota na traseira do trenó e deu-lhe um bom empurrão.

Com um grito, Will saiu a voar colina abaixo e acabou por se estender ao comprido, com trenó e tudo. Adeline conheceu um momento de pânico, até que o seu filho mais novo se pôs de joelhos e levantou os braços, rindo-se a bom rir.

O trenó tinha uma corda que permitia a Will puxá-lo. Walt parecia assustado antes de ir ter com ele, mas, com a orientação de *Herr* Schmidt, também ele

desceu pela colina abaixo. Não se despistou; levantou-se de um salto, atirou a cabeça para trás e gritou:

— Adoro isto!

Assim que se apanhou no alto da colina, disse:

— É a sua vez, mamã.

— Sim! — disse Will.

— Não me parece que...

— É bastante seguro — disse-lhe *Herr* Schmidt.

Relutante, Adeline sentou-se no trenó, prestou atenção enquanto o lavrador lhe explicava como usar o leme e, então, gritou de alegria quando ele lhe deu um empurrão e riu-se com gosto quando começou a acelerar na descida. Manteve o leme firme e chegou ainda mais longe do que os pequenos.

Ofegante, encantada, Adeline deixou-se ficar deitada por um momento, a olhar para os flocos de neve que caíam, e sentiu-se mais viva do que nunca, até que se lembrou de Emil e se sentiu culpada por se divertir com alguma coisa, enquanto ele definhava numa prisão ou pior. Mas recusou-se a estragar o dia dos seus filhos, pelo que se levantou e arrastou o trenó até ao alto da colina.

Os rapazes continuaram a divertir-se com o trenó, mas arrefecera demasiado para Adeline. Voltou para a casa da quinta, para ajudar *Frau* Schmidt na cozinha. Mas, quando passou pelo celeiro e olhou para as janelas superiores da casa, viu o capitão Kharkov numa delas, a olhar para ela com cara de poucos amigos.

Ela baixou os olhos, sentindo que o estado de alegria em que estivera se evaporava, porque sabia no seu coração que o oficial soviético era o género de homem que não se esquecia de nada. Ela levava-lhe a melhor, e ele havia de querer ajustar contas.

Ao entrar em casa, Adeline tomou uma decisão e foi direita a *Frau* Schmidt, para lhe contar o que acontecera na igreja na noite anterior.

— Não acredito que estou a dizer isto, porque tem sido muito boa para nós, *Frau* Schmidt — disse ela —, mas assim que conseguir encontrar outro lugar, os rapazes e eu vamos deixá-la.

Frau Schmidt ficou triste, mas foi ter com ela e abraçou-a.

— Eu entendo — disse ela. — Mas, por favor, vá dando notícias.



Poltava, Ucrânia

O nevão começou ao amanhecer, com fortes ventos de noroeste que trouxeram com eles um céu de um azul penetrante e um frio de tirar o fôlego. O sol espalhou desenhos rosados por toda aquela paisagem de inverno. Tinham caído vinte e oito centímetros de neve durante a noite. Onde assentara a sotavento, apresentava-se solta e era relativamente fácil puxar a carreta da morte com a ajuda do pônei.

Mas, onde o vento revirara a neve, Emil e o cabo Gheorghe tiveram de abrir caminho e escavar, para que as rodas, os eixos e o fundo da carroça não se atolassem com o peso dos oito prisioneiros que tinham morrido durante a noite. Os cadáveres estavam empilhados dois a dois em quatro camadas, congelados num amontoado macabro como se fossem um só.

Antes de ir dormir na Véspera de Natal, Emil decidira não se juntar ao destacamento dos enterros nem ao esquema de fuga do cabo Gheorghe. Mas, recorrendo a uma lanterna, o romeno encontrara o beliche dele e acordara-o às cinco da manhã.

— Sou o único no destacamento — dissera ele. — O cabo Gheorghe precisa do Martel. E o Martel precisa do cabo Gheorghe.

Vendo que o homem não iria desistir, Emil levantara-se e vestira-se, antes de o seguir pelas escadas acima e sair para os vinte graus negativos. Todos os ossos e articulações do corpo lhe doíam depois do impossível trabalho do dia anterior, mas ajudou o romeno a carregar os corpos congelados, incluindo Nikolas, que entretanto se tornara azul-pálido. Dois guardas soviéticos vigiavam-nos e seguiam-nos, enquanto levavam o pônei e a carroça para sul, uma direção diferente das marchas este-oeste que ele fizera duas vezes por dia desde que chegara.

Emil nunca fora ao cemitério nem sequer àquela parte da cidade em ruínas, pelo que olhou em volta com interesse, vendo grandes zonas de Poltava que permaneciam ermos cobertos de neve, sem qualquer sinal de atividade humana. Mas, aqui e ali, ele avistava civis a tentarem fazer pela vida na zona gelada e demolida. Várias das crianças eram tão novas como os seus filhos, imundas, com frio e bochechas encovadas.

À medida que deixavam a cidade com dois soldados soviéticos atrás, Gheorghe disse-lhe:

— Os guardas não falam alemão. Acabe a história. O nazi dá-lhe a pistola e diz para matar os três judeus. O que é que fez?

Emil deteve o pônei quando chegaram à orla de um grande campo coberto de neve e com uma densa floresta nos limites leste e sul. Entretanto, o sol já nascera, refletindo-se na neve, intenso, quase ofuscante. Ele semicerrou os olhos, viu mais neve acumulada à sua frente, e solo nu e erva morta em lugares onde o vento deixara a descoberto um ponto mais alto.

— Não saia da erva. Abrimos buracos na neve se for preciso — disse-lhe o cabo Gheorghe, como se lhe lesse os pensamentos. — Conte-me a história. Ele tem uma arma apontada à sua cabeça?

Emil respirou fundo várias vezes, tentando manter a cabeça virada na direção oposta ao romeno e enfrentando o vento cortante. Mas a ventania forte que levantava a neve solta obrigou-o a voltar-se para o cabo e encarar a verdade.

— Decidi matá-los, cabo. Disse ao Haussmann que o fazia. No meu coração, era como se já estivesse feito. Aproximei-me e tentei apontar ao rapaz. Eu estava a premir o gatilho.

Quando chegaram ao meio do campo, Emil explicou-lhe como um oficial superior intervieria por causa da política de Himmler, tendo ele antes recebido ordens para espalhar cal sobre as centenas de judeus que haviam morrido na noite anterior.

— Rezei a Deus para não fazer parte da matança dos judeus — disse ele, amargamente —, mas não fui ouvido. Em vez disso, aquela arma foi-me posta na mão e tomei a decisão de matar aquelas crianças. Passei a noite inteira a espalhar cal. Eram tantos os homens a dispararem e tantos os inocentes que morriam, que deixei de acreditar na bondade dos homens. E deixei de acreditar na minha própria bondade, porque decidira matar aquela gente inocente, crianças. Enquanto espalhava aquelas pazadas, sabia que deveria estar a rezar pelos corpos no fundo da ravina, mas não fui capaz, porque já não acreditava em Deus.



Os guardas pararam a meio do campo e disseram que esperavam por eles ali.
— Onde é que vamos enterrá-los? — perguntou Emil.

— Não os enterramos — respondeu o cabo Gheorghe. — O chão está gelado. Vamos largá-los no fundo daquela abertura ali, ao longo da orla da floresta. Os corvos e os lobos fazem o resto.

— A sério?! — perguntou-lhe Emil, perturbado.

— É por isso que os guardas russos têm tanto medo daquele lugar. Não vão até lá. No meio de uma valente tempestade? Vamos até lá, desatrelamos o pônei da carroça, fugimos e ganhamos um bom avanço com a neve a cobrir-nos o rasto.

A princípio, Emil não lhe respondeu, ainda com a sensação de que precisava de desabafar.

— Não tinha voltado a rezar até ontem, cabo Gheorghe — disse ele, enquanto levava o pônei e a carroça pela vertente, onde a neve era praticamente rasa. — E hoje gostaria de não o ter feito. Voltei a acreditar que Deus não nos responde, não existe, e que a maioria dos homens não são bons por natureza, eu incluído.

— Então, o que é que são a maioria dos homens por natureza?

— Monstros. Podem agir como se fossem bons. Mas basta uma ameaça à sua própria vida para perderem isso, para se tornarem criaturas diferentes como eu me tornei, não seres humanos, mas selvagens, animais.

O romeno continuava a caminhar. O pônei bufava e continuava a avançar.

Emil não foi capaz de suportar o silêncio e disse:

— Talvez eu mereça isto. Talvez esteja aqui para ser castigado. Talvez não deva ser perdoado. Talvez deva acabar os meus dias a arrastar corpos mortos e doentes para os lobos e os corvos. E talvez o Nikolas tivesse razão. Tornei-me um condenado assim que peguei na arma e decidi matar aquelas três crianças.

Chegaram ao sopé da colina e a uma parte do campo onde estavam protegidos da maior parte do vento. A neve era funda e solta como poeira. O pônei conseguia puxar a carroça sem dificuldade e parecia conhecer o caminho em direção a uma clareira em forma de enseada na orla do bosque.

— Estou condenado — disse Emil, e abanou a cabeça. — Assim como estes homens que vamos largar aqui.

Quando entraram na pequena clareira, o cabo Gheorghe disse:

— Condenado, porquê? Não premiu o gatilho. Não matou ninguém.

Emil olhou-o com raiva.

— Mas *decidi* matá-los. Na minha cabeça, eu *já o tinha feito*.

— Mas não disparou.

— Por causa daquele coronel da SS. Se ele não estivesse lá, eu teria disparado contra eles. Não duvido. Decidi matar aqueles três inocentes, depois de rezar e não ser ouvido. Fiquei com tanta raiva de Deus por não me ouvir que...

— Deus não o ouviu?

— Deus não o quê? — perguntou Emil, com o cenho franzido.

As rodas da carreta da morte começaram a atolar-se na neve profunda, o pónei com dificuldades. O romeno não respondeu, enquanto dava a volta para empurrar.

Emil foi ter com ele, perguntando-lhe de novo:

— Deus não o quê?

— Não ouviu?

— Não, não fui ouvido! — respondeu Emil, num tom brusco. — Se tivesse sido ouvido, acha que eu estaria aqui?

— Não posso responder-lhe a isso, mas posso-lhe dizer que *foi* ouvido.

— Fui ignorado, então.

— Não, não — disse-lhe o romeno, enquanto se esforçava por manter em movimento a carreta da morte. — Você implorou a Deus, pediu-lhe que não fizesse de si um assassino. Depois, revelou coragem ao dizer não àquele nazi. Você acreditou na palavra de Deus, Mandamento Seis. Você disse que não mataria.

— Mas, depois, mudei de...

— Pare! Quando disse não, sabia que o Heinrich Himmler tinha uma regra, segundo a qual ninguém seria morto se se recusasse a matar um judeu?

Emil pensou naquilo.

— Não.

— Então, quando recusou, pôs a sua vida em risco para fazer o que estava certo e aceitou as consequências de dizer não. Tanto quanto me é dado a ver, acho que mostrou o seu verdadeiro eu ao Todo-Poderoso naquela noite e foi recompensado por isso.

Emil não conseguia pensar assim.

— Eu mudei de ideias. Ia disparar.

— Mas alguém o impediu, não foi? — perguntou o romeno, enquanto se aproximavam do fundo da clareira. — Não teve de matar ninguém, porque fez o que estava certo. Não consegue ver a mão de Deus nisso, Martel? Ir buscar aquele oficial para o impedir de assassinar os três judeus? Não sou um homem

inteligente, mas vejo nisso a mão da Inteligência Universal tão claramente como o vejo a si nesta manhã de Natal.

Emil olhou para a neve diante deles, tentando filtrar o que o cabo acabara de lhe dizer.

Durante mais de quatro anos, ele culpara e negara a existência de Deus, porque o levara a decidir matar aqueles judeus. Mas agora, ele *conseguia* ver a obra de um poder maior em tudo aquilo. Não tivera de matar naquela noite, porque se recusara a fazer o que estava errado. O coração martelava-lhe no peito. *Fui ouvido. Fui mesmo.* Sentia-se sem fôlego ao olhar para o cabo Gheorghe, pensando nele não mais como um louco com uma lesão na cabeça, mas como um estranho e divino mensageiro de salvação.

— Acredita mesmo nisso? — acabou ele por perguntar.

Assentindo com a cabeça, o romeno respondeu:

— Acho que o Todo-Poderoso o poupou, depois de se recusar a matar os três judeus. Entende? Para Deus, você foi um herói. E também para a sua mulher e os seus filhos, e para a sua cunhada, doce como o mel.

Emil pestanejou. Um herói? Abanou a cabeça.

— Um herói não desiste, e eu desisti ontem — disse ele. — Estava fraco. Perdido. Tinha chegado ao meu limite. Disse que não aguentava mais sozinho.

O romeno sorriu.

— Está a ver? Tem um coração de herói, mas é um homem. Tem limites. Nem mesmo você pode ficar sozinho, não pode fazer tudo sozinho. O que é que fez quando desistiu, ontem?

Emil fez por se recordar.

— Eu sentia um peso terrível no peito e rezei para que ele se fosse.

— Pois. Mostrou fé, rezou. Pediu que o ajudassem com o seu fardo. É bom. Agora, peça ao Divino que caminhe ao seu lado. Não voltará a sentir-se fraco nem perdido. Com o Todo-Poderoso como aliado, até um apicultor maluco com uma moça na cabeça pode sobreviver à Batalha de Estalinegrado!

O pônei estacou com um resfolegar e a carroça parou com a neve pelos eixos.

— Já chega — disse o romeno, e deu a volta pelo seu lado da carreta. Emil fez o mesmo. Foi só então que Emil reparou nas pegadas de lobo e nas penas de corvo, bem como num ou dois ossos que se destacavam da neve cerca de três metros adiante do pônei, cujos flancos arquejavam e estremeciam.

— Largamo-los aqui, e pronto? — perguntou Emil.

— Eles nunca saberão. Viramos a carreta, empurramos, eles caem, nós partimos.

Descreveram um círculo apertado com o pónei e, em seguida, soltaram a alavanca que mantinha a caixa da carreta na horizontal, e empurraram para cima a extremidade mais próxima do pónei. A pilha de oito corpos deslizou para a neve. O cadáver de Nikolas caiu com a cara virada para cima.

— Temos de ir, agora — disse Gheorghe. — Assim, os guardas não ficam desconfiados.

Emil mal ouviu o romeno. Vendo agora o seu passado sob uma luz completamente diferente e livre das amarras daquela noite em Dubossary, passou pelos cadáveres de Nikolas e de prisioneiros que não conhecia. Na manhã de Natal de 1945, depois de mais de cinquenta meses em que negara Deus, Emil começou a rezar, pedindo ao Todo-Poderoso que caminhasse ao seu lado e recebesse as almas dos cadáveres que estava prestes a entregar às aves, aos lobos e ao vento.

Capítulo Trinta e Um

25 de janeiro de 1946

Berlim, Alemanha Oriental ocupada pelos Sovietes

Adeline desceu do comboio apinhado com dois grandes sacos de lona vazios e a bolsa que *Frau* Schmidt lhe dera como presente de despedida. Saiu da estação, onde equipas de homens sob escolta soviética trabalhavam para tapar buracos de bombas e erguer novas estruturas de ferro. Chegada ao exterior, ficou chocada. A última vez que estivera em Berlim, no verão anterior, ela e os rapazes tinham andado pelo meio e à volta da destruição, que parecia estar por toda a parte. Agora, com a exceção da neve, as ruas estavam praticamente limpas e o tráfego fluía.

Tirou um caderno da bolsa e verificou um endereço. Perguntou a um agente da Polícia como poderia ir até lá e ficou aliviada ao descobrir que ficava a apenas doze quarteirões.

Caminhando contra uma nortada forte naquele dia húmido e frio, Adeline pensou mais uma vez que era realmente impressionante a diferença que um mês podia fazer na vida de alguém. No dia seguinte ao Natal, *Frau* Schmidt fora com ela ao comité local da aldeia, para solicitar novos alojamentos.

Quando a funcionária lhe perguntara o motivo, *Frau* Schmidt limitara-se a responder:

— Para não ser violada.

A funcionária mudara imediatamente de atitude.

— Vou ver o que posso fazer por ela.

— Ela também é uma cozinheira excelente. É um crime tê-la a trabalhar no campo.

A funcionária franziu o sobrolho e bateu com um dedo nos lábios.

— Boa cozinheira, mas quão boa? — quis ela saber.

— É capaz de deixar uma galinha velha e dura de roer a saber a franguinho — respondeu *Frau* Schmidt. — Faz uma massa de ovo e um bolo de maçã fa-

bulosos.

— Deixe a pobrezinha falar por si — disse a mulher. — Fala russo? Conhece pratos russos?

Adeline sorriu e assentiu com a cabeça.

— Falo russo fluentemente e conheço muitos pratos russos, do tempo em que trabalhei numa cozinha na Ucrânia.

A mulher enviou-a imediatamente a uma grande casa na periferia da vila, onde estavam alojados os oficiais superiores soviéticos da área, incluindo um tal coronel Vasiliev, na casa dos sessenta anos, corpulento e brusco. O homem adorou a costeleta de porco e o puré de maçã picante que Adeline lhe preparou para o almoço e contratou-a sem hesitações.

Quando ela voltou ao escritório para pedir à mulher que tornasse oficial a troca de alojamento, o coronel já telefonara para lá. Estava feito. Ela poderia mudar-se já na manhã seguinte, para um quarto numa casa na rua principal da aldeia, não muito longe da escola.



Ao chegar ao endereço em Berlim que o coronel Vasiliev lhe dera, Adeline lembrou-se do quanto ficara aliviada quando chegara a casa dos Schmidt naquele dia e descobrira que o capitão Kharkov e os outros oficiais não tinham voltado. *Frau* Schmidt ficara transtornada, porque Adeline já estava a fazer as malas, mas satisfeita com a sua mudança de sorte.

Adeline limitara-se a dizer aos rapazes que conseguira um emprego como cozinheira e que tinham de se mudar para a aldeia, onde ficariam mais perto dos seus amigos da escola, o que lhes agradou. Tinham tão poucas coisas a que pudessem chamar suas que ela não demorou mais de uma hora a arrumar tudo na carrocinha, que *Herr* Schmidt ajudou a carregar na sua carroça maior.

— Podemos voltar, para andar no trenó? — perguntou Will.

O velho agricultor sorriu e deu-lhe uma palmadinha na cabeça.

— Sempre que quiserem.

— És sempre bem-vindo, Will, e tu também, Walt — acrescentou *Frau* Schmidt, que insistiu em ir com eles até à aldeia, para ver em que condições eles ficariam.

Partiram nos últimos vinte minutos de boa luz, enquanto grandes flocos de neve iam enchendo o ar gelado. A meio do caminho, Adeline viu o capitão Kharkov e os outros dois oficiais soviéticos a pé na estrada, avançando em direção a eles.

Quando Kharkov a viu com os filhos e a pequena carroça, parou no meio da estrada a bloquear-lhes o caminho. *Herr* Schmidt puxou as rédeas do cavalo.

— O que é isto? — ladrou Kharkov. — O que é que se passa aqui?

— Foram-lhes atribuídos novos alojamentos na aldeia — respondeu-lhe *Herr* Schmidt.

— Não fui informado de nada disto!

— Ordens do coronel Vasiliev — disse *Frau* Schmidt. — Agora, ela cozinha para ele.



Em Berlim, semanas depois, Adeline sorriu ao lembrar-se da fúria no rosto de Kharkov quando se afastara para a deixar passar.

Levei-lhe a palma duas vezes em três dias, pensou ela com orgulho, antes de se dirigir a um soldado soviético parado diante da porta que correspondia ao endereço que ela procurava. Adeline mostrou-lhe os seus documentos e a carta oficial do coronel Vasiliev, que lhe permitia a entrada.

O guarda russo, que não devia ter mais de dezanove anos, assentiu com a cabeça e devolveu-lhe os documentos, dizendo:

— Compre-me um pouco de chocolate lá dentro, pode ser? A comida que nos dão é como se fosse bosta.

— Não prometo nada — disse-lhe ela.

Ele suspirou e abriu-lhe a porta para uma espécie de intendência reservada aos oficiais superiores soviéticos. Adeline entrou e a porta logo se fechou atrás de si. Ela olhou à sua volta e sentiu-se como se lhe tivessem roubado a respiração.

A sala era comprida e larga, com um teto baixo e prateleira atrás de prateleira atrás de prateleira a abarrotar de comida. E não eram só alimentos básicos. Havia carne acabada de abater, de vaca, porco e aves; e arenque e outros peixes conservados em gelo; e queijo e mel; e vinte tipos diferentes de vodca e quatro

marcas de cigarros. Até tinham o caviar beluga específico que o coronel colocara no topo da lista de compras.

Depois de uma vida inteira de carência, mesmo nos melhores momentos, Adeline sentiu que estar ali na intendência dos oficiais, no meio daquela estonteante variedade de iguarias e opções infinitas, era quase avassalador. Ela sabia que os indivíduos das altas esferas do sistema comunista não viviam como a gente comum que diziam apoiar. Só que nunca lhe passara pela cabeça o quão bem eles viviam, enquanto outros, como ela, tinham sofrido durante décadas.

Adeline ia fazendo as contas de cabeça enquanto fazia as compras. Perto do fim da lista, percebeu que o coronel lhe dera dinheiro mais do que suficiente para tudo. E ela tinha um pouco de dinheiro seu. Pagou a lista de mercearias do coronel Vasiliev e fez como se fosse sair; então, fingiu que olhava para a lista e gemeu.

— Esqueci-me de algumas coisas — disse ela. — Posso deixar aqui os sacos?

A caixa, uma entediada soldado do Exército Vermelho, encolheu os ombros. Adeline regressou rapidamente com um frasco de compota de mirtilo, três barras grandes de chocolate, uma pequena e uma boa fatia de queijo. Pagou tudo com o seu dinheiro, porque sabia que o coronel ou um dos seus homens iria comparar o recibo com o troco que ela entregasse. Depois de pagar uma segunda vez, Adeline enrolou o lenço para enfrentar o frio e saiu. O mesmo jovem soldado russo continuava lá, a bater os pés, com um ar esquelético e infeliz.

— Tome lá — disse ela, entregando-lhe a barra de chocolate mais pequena.

O soldado desfez-se num sorriso, agradeceu e tratou de agarrar na barra.

Enquanto rasgava o papel, disse-lhe:

— É verdade, sabia?

— O que é que é verdade? — perguntou ela, por sua vez.

Depois de meter a guloseima na boca, mastigá-la e engoli-la com grande satisfação, ele respondeu:

— Na União Soviética, quem tem chocolate, vodca ou cigarros pode transformar um «sim» num «não» e um «não» num «sim».

Ela pensou naquilo e sorriu.

— Como é que se chama, soldado?

— Dimitri — respondeu-lhe ele, depois de alguma hesitação.

— Tenha um bom dia, soldado Dimitri — disse ela. — Hoje, não quero trocar nenhum «sim» nem nenhum «não».

O soldado soviético inclinou a cabeça, algo desconcertado, antes de Adeline dar meia-volta e ir-se embora com os seus sacos de compras, um em cada mão para garantir o equilíbrio nas ruas e nos passeios escorregadios. Pensou em Emil apenas pela segunda vez naquele dia. Na sua nova casa — um único quarto espaçoso em casa de uma viúva mais nova do que *Frau* Schmidt —, ela mantivera o seu hábito de se levantar ao nascer do sol, virar-se para oriente e pensar no marido e na sua promessa de a encontrar.

Mas durante o dia, principalmente quando estava a cozinhar, achava melhor deixar de parte aqueles pensamentos. O facto de ser capaz de não pensar nele durante horas a fio fazia-a sentir-se horrível lá no fundo e... Adeline parou, percebendo que virara uma ou duas vezes algures na rua errada e que, agora, estava desorientada, ou melhor, perdera-se.

Uma rapariga que passava deu-lhe indicações diferentes para voltar para a estação de comboios. Dois quarteirões adiante, ela viu uma fila de pessoas, à espera diante de um edifício onde se via uma bandeira branca com uma cruz vermelha acima da porta. Tendo estado em filas como aquela quando era uma refugiada em Wielun, Adeline imaginou que estivessem a aguardar cuidados médicos.

Mas quando perguntou a uma mulher mais velha no fim da fila, ficou a saber que a maioria estava à espera, porque se separara dos seus entes queridos durante a guerra. O edifício albergava a Cruz Vermelha Internacional, que estava a tomar nota de nomes e endereços de pessoas que depois eram impressos em grandes listas, as quais seriam então afixadas em locais públicos nas zonas soviética, britânica, francesa e americana.

Adeline ficou ali parada, a ponderar se deveria esperar na fila. Emil fora levado para leste. Dissera-lhe que a procuraria no Ocidente. Mas quem poderia dizer quando ou se teria a oportunidade de procurá-los, a ela e aos rapazes? E quem poderia dizer se aquelas listas ainda estariam afixadas algures, cinco ou dez anos depois? Afastou aquelas dúvidas e outras que a consumiam, e ocupou o seu lugar na fila.

Mal não pode fazer. Pois não?

Capítulo Trinta e Dois

3 de fevereiro de 1946

Poltava, Ucrânia

O tempo mudara no fim de dezembro, tornando-se tão cruel como no ano anterior. A neve era quase constante, demasiada para tentar uma fuga mesmo com o pónei, e, durante dias a fio, o termómetro no exterior da fábrica de cimento não subia acima dos vinte graus negativos. Com o vento a ultrapassar os quarenta graus abaixo de zero durante a noite, Emil e o cabo Gheorghe decidiram que seria suicídio tentar fugir. Iriam esperar por um degelo que reduzisse a camada de neve e, então, por uma tempestade que lhes cobrisse o rasto.

A pedido de Emil, depois de outro dos seus trabalhadores ter morrido, o cabo romeno foi trabalhar para a oficina dos blocos de betão. Os dois juntavam pedaços de madeira nas redondezas, para entregar às cozinheiras.

E continuaram a trabalhar juntos no destacamento dos enterros, a empurrar os corpos para fora da carreta ao nascer e ao pôr do sol. No princípio de janeiro, os corpos teriam desaparecido quase da noite para o dia. Agora, ficavam ali durante dias em diversos estados de profanação. Eram tantos os homens que estavam a morrer que os lobos e corvos não conseguiam dar conta de tudo.

Dos mais de dois mil prisioneiros que haviam entrado em Poltava em maio de 1945, trezentos e oitenta continuavam vivos e a trabalhar na reconstrução da cidade, para poderem voltar para casa. E parecia haver pouco ou nenhum abrandamento na propagação da doença ou na variedade das mortes. Quando um surto terminava, outro começava.

— Estaremos todos mortos dentro de seis semanas — disse um dos outros homens do betão, antes de sair da oficina ao encontro do frio.

O cabo Gheorghe estava a levar um carrinho de mão com cal até à sua game-la misturadora e sorriu ao ouvir aquilo. Bateu na amolgadela que tinha na cabeça e assentiu na direção de Emil.

— Ele estará morto dentro de seis semanas, porque diz que vai estar morto dentro de seis semanas — disse o romeno, enquanto abanava a cabeça e se ria.
— Porque é que ele nunca diz: «Dentro de seis semanas, estarei a correr em campos de trevo de mel, atrás de uma bela cachopa»?

Emil resfolegou de tanto se rir, imaginando aquela cena na sua mente, enquanto usava a pá misturadora de madeira para mexer a sua última dose de cimento naquele dia.

— Porque a primeira é provável e a segunda é uma fantasia?

— Ambas são fantasias; ambas são sonhos do que poderia ser — disse o cabo seriamente, enquanto despejava a cal na gamela. — Qualquer das duas pode tornar-se realidade. Um dia. Mas as pessoas nunca aprendem. Nunca percebem que o Divino, o Todo-Poderoso, Deus, está a ouvir os seus sonhos e esperanças, e a tentar ajudar. Para o melhor ou para o pior. Morte ou campos de trevo. A escolha é nossa.

— É mesmo?

— A escolha é nossa em tudo. Você não escolheu pensar em Dubossary de outra maneira?

— Sim.

— E não fez diferença?

Era verdade. Desde que o cabo Gheorghe lhe mostrara um significado diferente para a sua história de Dubossary, Emil sentira-se mental e emocionalmente melhor do que durante os mais de quatro anos que haviam passado desde aquela noite terrível.

— Uma grande diferença.

— Ora, aí tem.

— Mas isso era o passado — disse Emil, despejando mais cinza volante na mistura de betão. — Como é que o pensamento pode mudar o futuro?

— Não muda, mas influencia. — O cabo Gheorghe riu-se, enquanto pegava na sua pá e mexia a mistura. — A maneira como você pensa agora em Dubossary vai influenciar a sua vida no futuro, não vai?

Emil sentiu que aquilo também era verdade, mas não sabia exatamente porquê. Aquilo irritou-o, mas, ainda assim, assentiu.

O romeno perguntou-lhe então:

— E se perguntar a si mesmo, hoje, quais são as suas oportunidades, vai conseguir vê-las? Vai encontrá-las no futuro?

— Quais oportunidades?

— Quaisquer que sejam. Uma hipótese de fugir, por exemplo. Se pensar nisso agora, vai estar atento a essa hipótese no futuro?

Emil ficou a pensar.

— Sim, vou.

— Passa-se o mesmo com tudo o resto — disse o romeno. — Aquilo que você busca é o que há de encontrar, mas só se for atrás dele com todo o seu coração e a sua mente.

— Nem sempre — disse Emil.

— Sempre — insistiu o cabo Gheorghe. — O problema é que a maioria das pessoas fica frustrada quando não encontra o que procura ou não faz o que está a tentar fazer, com facilidade e em pouco tempo. Elas desistem depois de alguns fracassos ou alguns anos de luta. O sonho que em tempos lhes iluminou o coração começa então a escurecê-lo, e os seus pensamentos mudam. Elas perdem a fé cedo de mais. Acreditam demasiado cedo que o seu sonho nunca poderá existir. O problema é que não se mantêm fiéis ao seu coração o tempo suficiente para que o Todo-Poderoso mova a Lua e as estrelas para que o sonho que elas buscam possa realizar-se. Assim que a descrença lhes toma conta do coração e dos pensamentos, o Todo-Poderoso ouve e desiste de tentar ajudá-las. É por isso que os sonhos não se realizam. É por isso que você não foi mais longe na sua vida, Martel. É por isso que não fez jus ao seu nome. E é por isso que eu *hei de ser* apicultor.

O cabo estava a sorrir, o que deixou Emil furioso. Parou de verter o betão nos moldes.

— O que é que quer dizer com isso de eu não fazer jus ao meu nome?

— Continua a tentar ser um lavrador, mas o seu apelido — Martel — está a contar uma história diferente à Inteligência Universal.

Emil olhou para ele, completamente baralhado.

— Qual história?

— «Martel» quer dizer «martelo» em francês antigo. Mesmo que seja bom nisso, você não está destinado a ser agricultor. Está destinado a ser construtor. Você deve ser o martelo, não o arado.

Por um ou dois momentos, Emil debateu-se com aquele raciocínio do romeno, mas, então, sentiu que também aquilo era verdade. Sempre gostara imenso de construir coisas, mesmo quando era pequeno. No fundo, até gostava daquele processo de misturar cimento e fazer blocos.

Mais uma vez, fitou Gheorghe.

— Onde é que disse que aprendeu tudo isso?

O cabo parou de mexer e apoiou-se no cabo da pá.

— Lembra-se de eu lhe falar, a si e à sua família, sobre o soldado Kumar? O indiano que estava comigo nas trincheiras em Estalinegrado?

Quase dois anos haviam passado desde aquela noite em que o soldado romeno aparecera vindo do leito do riacho, com hidromel roubado, mas Emil lembrava-se de grande parte da história.

— Ele não morreu? Foi pelos ares no primeiro ataque?

O cabo assentiu tristemente.

— Porque ele acreditava que iria morrer. Disse-mo antes de acontecer, e assim foi. O soldado Kumar conhecia toda aquela sabedoria do seu avô na Índia e, mesmo assim, morreu, porque não foi capaz de acreditar no sonho de uma vida para lá da batalha. Morreu porque, no seu coração, acreditou no sonho da sua morte. Eu sei que é estranho e inquietante pensar desta maneira. Mas sei que é verdade. Eu sonhava com uma vida de apicultor e acreditava nisso no fundo do meu coração, antes sequer de a bomba de morteiro me acertar. Foi por isso que consegui atravessar a batalha. É por isso que vou sobreviver a Poltava, voltar para casa e tornar-me apicultor.

— Porque ainda guarda esse sonho no seu coração, de onde ele não pode ser-lhe tirado?

Ele sorriu e recomeçou a misturar, dizendo:

— Agora, o Martel começa a entender.

O outro homem que estava a preparar blocos de betão voltou e eles remeteram-se ao silêncio. O cabo Gheorghe parecia mais do que satisfeito enquanto trabalhava. Mas Emil passou o resto do dia a debater-se com a maneira de pensar do romeno. Uma pequena parte dele queria acreditar. A parte maior sentia-se profundamente cética.

Mais tarde, quando estavam a recolher restos de madeira para as cozinheiras do refeitório, ele acabou por dizer:

— Então, explique-me como é que isto funciona. O soldado Kumar acreditava que Deus estava por trás de tudo isto?

— Não se trata de Deus da maneira que nos foi ensinada — disse ele, apontando com um pedaço de madeira para a neve que caía. — Isto é o Divino. Tudo é o Divino, o Todo-Poderoso, a Inteligência Universal. Você, eu, tudo.

— Não faço ideia do que está para aí a dizer.

O cabo Gheorghe franziu o sobrolho, mas poisou a mão no peito, fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, de modo que os flocos de neve lhe caíssem no rosto. Um momento depois, abriu os olhos, baixou o queixo e olhou para ele de uma forma calorosa e tranquila, que o fez sentir-se estranhamente ligado a ele.

Gheorghe disse:

— O soldado Kumar acreditava que tudo na vida era, na sua essência, uma coisa, uma força universal supremamente inteligente à qual ele chamava o Divino ou a Inteligência Universal, ou o Todo-Poderoso. Eu sou parte do Divino. Você também. Tudo faz parte dessa força vital à qual pode chamar Deus, se lhe for mais fácil pensar assim. Você é parte de Deus, e Deus é uma parte de si. É por isso que o Divino compreende os seus pensamentos, sonhos e emoções, Martel. O Todo-Poderoso está em si, e você está nele.

Emil ruminava naquilo, enquanto carregavam braços de madeira para o refeitório. Depois de entregarem a lenha às cozinheiras, receberem o pagamento e se sentarem para comer, ele disse ao romeno:

— Não falou em orações.

Gheorghe parou com a colher a caminho da boca e olhou para ele, intrigado.

— Orações?

— Disse que Deus ouve os nossos pensamentos, sonhos e emoções, mas não falou em orações.

— Ah... — disse ele, e levou à boca mais uma colherada de sopa.

— Segundo o soldado Kumar, o Divino ouve e compreende orações e pensamentos, mas estas não são as principais línguas de Deus.

— Muito bem — disse Emil. — Quais são as principais línguas de Deus?

O cabo Gheorghe sorriu, levou a mão ao peito e disse:

— Todas as emoções que você tem no coração, Martel, especialmente o amor. Deus ouve alto e em bom som se você sente amor. O Todo-Poderoso também sabe se você está a sentir-se bem. A Inteligência Universal responde quando você está feliz ou a sentir-se corajoso ou, até, quando está apenas calmo. Ela entende quando você se sente grato pelo milagre da sua existência e corre a ajudá-lo quando você tem um sonho que ajuda outras pessoas. O Divino ouve todas as línguas do coração e da beleza.

O cabo ficou sério e apontou para o peito de Emil.

— Todas as línguas do coração, Martel. O soldado Kumar dizia que se estivermos com o coração sombrio, com demasiados pensamentos maus a circula-

rem na nossa cabeça, Deus também ouve. Quando sofremos e amaldiçoamos a nossa vida, o Todo-Poderoso ouve com atenção. Quando não temos bondade no coração nem nas nossas orações. Nem amor. Nem calma. Nenhum desejo de ajudar os outros. Nenhuma gratidão pelo milagre da nossa vida. Quando albergamos no nosso coração coisas como o ódio ou a raiva ou a inveja ou a comparação, quando a vida gira à volta do quando tudo é injusto para comigo, sempre para comigo, o Divino também entende essas linguagens antigas de autodestruição. O facto é que a Inteligência Universal nos ajuda, mesmo que os nossos sonhos vierem de um lugar escuro, mas os sonhos acabarão por nos destruir no processo. Se não acredita em mim, pense no Hitler ou em qualquer outro tirano.

Gheorghe voltou a poisar a mão no coração.

— Assim sendo, viva aqui, Martel. Ame a vida como se fosse um milagre a cada dia, a cada momento, e sonhe de uma maneira que ajude os outros, e o Divino há de o ouvir e você passará ileso por batalhas e terá tudo o que o seu coração desejar.

Emil não sabia se acreditava sequer em metade do que o romeno estava a dizer-lhe, mas disse:

— Até colmeias?

O cabo Gheorghe riu-se e abanou a colher na direção de Emil.

— Sim, imensas colmeias para fazer imenso mel, porque é bom para as pessoas. Torna-as fortes e dá-lhes uma vida longa.



Depois de comerem e levarem a carreta e os mortos para a clareira abrigada perto do grande campo, Emil foi para o seu beliche com as palavras do romeno ainda a rodopiarem e a ecoarem na sua cabeça. Era muita coisa para digerir, mas quando ele começou a reclamar para consigo, queixando-se da dureza do beliche, da humidade da sala, dos homens que continuavam a morrer à sua volta, do quanto sentia a falta de Adeline e dos pequenos, Emil parou. E se Deus, ou o Divino, ou o Todo-Poderoso, ou lá o que quisessem chamar-lhe, estivesse a ouvir as emoções sombrias que ele estava a sentir no coração?

Em vez disso, tentou sentir-se grato pelo beliche e pela cave húmida, porque não estava deitado na neve; e sentir-se grato pelos moribundos à sua volta, por-

que lhe recordavam que ainda estava vivo, que ainda tinha oportunidades, que iria encontrar uma maneira de fugir.

Emil imaginou o degelo que se aproximava, a tempestade que, assim cria o cabo Gheorghe, se seguiria ao dito degelo, e os dois a fugirem do cemitério assombrado, na garupa do pônei, enquanto a neve e a noite caíam, e eles se esquivavam dos cães, apanhavam um comboio e fugiam para o Ocidente. O seu coração aqueceu e, empolgado com todos aqueles sonhos, ele acabou por adormecer.

Quando acordou na manhã seguinte ao som dos ferrinhos a tocar, tentou imaginar o vale verde de Adeline: as montanhas e as suas fragas cobertas de neve em redor de uma exuberante bacia cor de esmeralda, onde o trigo crescia como uma erva daninha e um rio cristalino fluía, alimentando tudo em redor. Viu-se com uma cana de pesca à beira daquele rio e começou o dia com um sorriso.

Emil emergiu da cave nas trevas que antecediavam a madrugada do dia 4 de fevereiro de 1946 e viu dez corpos congelados na neve, junto ao pônei e à carreta da morte. Nenhum outro prisioneiro se apresentara como voluntário para os enterrar, pelo que ele e o cabo Gheorghe se posicionaram atrás da carreta e começaram a empurrar, enquanto o pônei a puxava pelos sulcos gelados e pela neve profunda, até ao imenso campo acima daquele recôncavo nas árvores. Havia tantos mortos por quem rezar agora que Emil receava esgotar as suas orações. E o que é que ele poderia tirar de positivo daquilo?

— Estou a começar a acreditar que tem razão a respeito de muitas coisas, ou que o soldado Kumar a tinha — disse ele, enquanto se preparavam para despejar os corpos. — Agora, vejo claramente que as minhas preces foram atendidas naquela noite em Dubossary, porque me senti calmo a respeito de fazer o que estava certo. Deus respondeu e eu não tive de matar aquelas três crianças.

— Isso mesmo.

— Mas, então, e os judeus que estavam a rezar naquela noite?

— O que é que quer dizer com isso?

— Os judeus também estavam a implorar a Deus pela vida deles. Eu ouvi-os e o Todo-Poderoso não lhes respondeu. E também não respondeu àqueles que morreram nos campos de extermínio. O que é que o seu soldado Kumar teria dito sobre isso?

O romeno olhou em frente durante um longo momento e, então, abanou a cabeça, antes de soltar o travão e empurrar com os ombros a face inferior da

carreta da morte. Emil imitou-o e, com um baque, os dez corpos congelados caíram na neve.

Emil ficou ali, a olhar para o cabo, enquanto endireitavam a caixa da carreta e a trancavam.

— Porque é que Deus não lhes respondeu? Porque é que o Todo- -Poderoso não respondeu aos milhões de ucranianos que morreram de fome sob o regime de Estaline?

O romeno parecia angustiado, quando lhe disse:

— Está a perguntar-me se sei quais são as intenções da Inteligência Universal, e eu não sei. Mas talvez os milhões na Ucrânia tenham morrido para que gente como o Emil fugisse como nómadas quando tivesse a oportunidade de refazer a nova vida no Ocidente. Talvez tantos judeus tenham morrido para que os sobreviventes se tornassem as pessoas mais rijas e fortes à face da Terra, pessoas que ajudariam a garantir que não voltaria a haver campos de extermínio ou de fome. Para sempre.

Enquanto regressavam ao hospital, Emil pensou naqueles nómadas e sobreviventes, sentiu um aperto no coração e percebeu que, mesmo que o cabo Gheorghe estivesse certo, mesmo que os famintos fossem para o Ocidente e prosperassem e os judeus sobreviventes se tornassem as pessoas mais rijas do planeta, todos eles continuariam a ser humanos e todos ainda teriam o coração partido pelo que lhes fora feito, a eles e às suas famílias.



Durante quase duas semanas naquele mês de fevereiro, o tempo tornou-se mais seco, mas o frio manteve-se, intenso e paralisante. O destacamento da morte fazia um percurso difícil pelo meio do campo até à clareira, onde continuava a despejar cinco corpos por dia.

Emil conseguia ver a neve a assentar na floresta, mas o céu apresentava-se tão limpo que ele e o cabo Gheorghe seriam facilmente detetados e apanhados, caso tentassem fugir. A cada dia que passava, ele sentia um pouco mais de dúvida invadir-lhe os pensamentos e uma escuridão mais profunda no seu coração.

Mas o cabo Gheorghe permaneceu firme.

— Há de chegar o degelo e, depois dele, uma tempestade.

A meio do mês, a dita tempestade procurou Emil nos seus sonhos. Viu-se a si e ao romeno a levarem a carreta até à clareira, enquanto os flocos se transformavam rapidamente num nevão. O vento intensificou-se, lançou uma cortina branca entre eles e os guardas russos, enquanto desatrelavam o pónei da carreta, trepavam para a garupa e partiam a galope. A neve dava-lhes pelos joelhos, mas eles pareciam percorrê-la como espíritos, à medida que se desvaneciam na floresta e na noite.

E, então, amanheceu, a neve continuava a cair e o pónei estava coberto de suor. Eles livraram-se das árvores e deram com um comboio parado na via-férrea. Viam-se homens diante da locomotiva, ocupados a retirar uma árvore caída nos carris.

Os homens voltaram para o comboio. Emil e o cabo Gheorghe arrancaram agachados, em direção ao vagão-tremonha mais próximo. Emil foi o primeiro a chegar à escada, lembrando-se da sua irmã mutilada e agarrando-se a cada degrau como se a sua vida dependesse disso. O comboio arfou e começou a andar enquanto ele subia.

— Martel!

Emil olhou para baixo e viu que o romeno apenas tinha uma mão na escada e estava com dificuldade em acompanhar o ritmo do comboio. Emil estendeu-lhe a mão. Mas o cabo acabou por largá-la e caiu. Emil atirou-se atrás dele na escuridão.



Ao soar dos ferrinhos, Emil sentou-se no beliche. Porque é que ninguém o acordara antes? Levantou-se de um salto, vestiu as suas roupas pesadas, verificou se tinha os cem rublos que juntara num inverno inteiro a vender sobras de madeira às cozinheiras e subiu a correr as escadas, para se juntar à formatura no frio intenso. A carreta do pónei estava lá, mas vazia.

Emil ficou surpreso. Há já umas boas cinco semanas que não tinham prisioneiros mortos. Um dos guardas que costumava acompanhar o destacamento dos enterros pela manhã estava parado junto à carreta.

— Nenhum? — perguntou-lhe Emil, em russo.

O guarda abanou a cabeça e respondeu:

— Bom para ti, mas procura alguém que queira comer o dobro da ração para te ajudar esta noite e para fazer cimento. O romeno foi transferido.

Emil sentiu o estômago cair-lhe aos pés.

— Transferido? Para onde? Porquê?

— Foi enviado para sul, para um campo de alta segurança junto ao Mar de Azov, antes que tentasse fugir do destacamento dos enterros. Foi assim que fugiu duas vezes dos campos de prisioneiros. Ele não te contou?

Agora, o guarda estava a observá-lo atentamente.

— Não — respondeu Emil. — Ele só falava de mel e de querer ser apicultor.

O russo arqueou uma sobrancelha.

— Bem, é um sonho bonito, que não se realizará. Pelo menos, no sítio para onde ele vai. Para a fila. Tens comida para comer e blocos para fazer.

Como fazia todos os dias desde que chegara a Poltava, Emil tentou seguir as regras de sobrevivência do seu pai. E, a pensar no cabo Gheorghe, fez por se sentir grato pelo refeitório onde, sozinho, comeu a sua ração dupla e tentou acreditar no fundo do seu coração que haveria de fugir.

Mas, já em marcha até à oficina do cimento, sentiu-se novamente só. Por volta do meio-dia, já admitia que sentia falta do romeno e da perspectiva interessante que ele tinha sobre quase tudo na vida.

Sim, ele fora atingido na cabeça. Mas aquela lesão parecia ter despertado o romeno para um modo de pensar ao qual Emil nunca fora exposto, para uma maneira de ver o mundo como sendo mais do que era, um lugar onde tudo estava ligado e onde os sonhos se tornavam realidade, um lugar onde a imaginação, a fé e o esforço se encontravam com a centelha da graça de Deus para se tornarem inteiros, reais e bons.

Por razões que não conseguia explicar, sentiu-se inundado por emoções intensas ao pensar assim. Deu por si à beira das lágrimas. Mas não com tristeza, saudade ou dor. Estava ali sentado na miserável fábrica de betão, no meio da doença e da destruição irremediável de Poltava, com vontade de chorar de alegria porque sabia que o cabo Gheorghe o tornara uma pessoa diferente, mudara-o de maneiras que ele nunca esperara, sentindo-se abençoado e humilde ao constatar o quanto tudo o que o rodeava agora lhe parecia miraculoso.

As monótonas paredes de madeira. Os montes de cascalho, escória e cal. As gamelas de mistura. Os moldes para os blocos de construção. O hospital em construção lá fora. A comida péssima. A cave do museu. As ruínas de Poltava.

Os mortos. O cabo. A sua própria vida. O seu amor. Os seus filhos. A sua mulher. O seu destino. A sua fuga.

Emil disse a si mesmo que só precisava de escolher um caminho e segui-lo, confiando no fundo do seu coração que o levaria aonde queria ir. Em cada passo rumo ao Ocidente, rumo à liberdade. Em cada passo rumo ao Ocidente, a Adeline e aos pequenos.



Os dezasseis dias que se seguiram ao despertar de Emil para infinitas possibilidades foram tão secos quanto os dezasseis anteriores. E os seus companheiros de prisão regressaram à taxa de cinco a seis mortos por dia. Mas Emil ignorava tudo. Ia trabalhar na oficina do cimento e, depois, no destacamento dos enterros, ciente de que a tempestade haveria de chegar, porque uma tempestade acaba sempre por chegar.

Dizia isso a si mesmo repetidas vezes, enquanto olhava para os céus e para tudo à sua volta num permanente estado de deslumbramento. Até a cave do terrível museu, caixão de tantos homens, tinha de resultar dos sonhos de alguém, percebeu ele. Continuava a juntar lenha para ganhar dinheiro e a rezar pelos mortos quando os largava. Adormecia grato por cada momento do seu dia e acordava com a mesma sensação.

Só no fim de fevereiro é que o degelo chegou e só a meio da primeira semana de março de 1946 é que Emil começou ouvir rumores de uma tempestade a caminho. Passados dois dias, os guardas e capatazes não falavam de outra coisa. Previa-se um forte nevão, frio intenso e ventos de rajada. Todo o trabalho teria de ser suspenso até que a tempestade passasse.

Antes da alvorada de 9 de março de 1946, Emil acordou, certo de que a sua libertação chegara, de que naquela manhã ou naquela noite teria a sua oportunidade de concretizar o sonho de fuga do cabo Gheorghe. Quando saiu da cave, a neve caía constantemente, o suficiente para eliminar os rastros. O vento também estava a aumentar e havia dois corpos à espera na carreta do pónei.

Vou deixar este lugar esta manhã, jurou Emil, uma e outra vez, enquanto se dirigia para a carreta. *Não hei de dormir naquela cave esta noite nem nunca mais.*

Chegou à carreta e deu com um guarda desconhecido, uma russa corpulenta em vez dos habituais soldados que o acompanhavam.

— Faço parte do destacamento dos enterros — disse Emil, em russo.

— Hoje, não — disse-lhe ela. — Hoje, vens comigo. Entra para aquele camião.

— Mas os corpos... — insistiu ele. — Não está certo deixá-los aqui assim o dia inteiro.

— Porquê? — perguntou-lhe a guarda. — Achas que lhes faz diferença serem comidos pelos lobos esta manhã ou esta noite? Não. Entra no camião.

— Para onde é que vou? Eu trabalho no estaleiro do hospital, a fazer blocos de betão.

— Hoje, não, porque estás praticamente sem cal e está para chegar um carregamento.

Emil sabia que, de facto, estavam a ficar sem cal. Olhou para o pônei e para a carreta, e disse a si mesmo que estaria de volta antes de escurecer. Iria sozinho ao cemitério, decidiu ele, antes de subir para a traseira do transporte. Fugiria naquela noite.

Três outros prisioneiros juntaram-se pouco depois a Emil na traseira do camião. Levaram-nos ao refeitório para comerem cedo e já tinham acabado, quando os outros duzentos e quarenta e nove homens ainda vivos no campo de prisioneiros faziam fila lá fora.

Voltaram para o camião e partiram. Emil fechou os olhos, viu-se naquele sonho que tivera antes da transferência do cabo Gheorghe. A luz era escassa e ele corria para o comboio que avançava lentamente, pronto para agarrar um degrau.

Sentiu-se encorajado por aquela visão. *Esta é a noite*, pensou, e sentiu-se grato no fundo do seu coração. *Esta noite, o Todo-Poderoso envia-me um milagre.*

Mas quando chegaram ao depósito ferroviário e ele viu os vagões cheios de cal num ramal que acompanhava uma doca de carga coberta, e os camiões do outro lado do cais à espera daquela cal, Emil começou a duvidar de que aquele trabalho pudesse ser feito rapidamente.



Com efeito, dez esgotantes horas depois, Emil e os outros três homens apenas começavam a atacar o segundo vagão de cal. A tempestade já produzira doze centímetros de neve, que ainda continuava a cair. Restava uma hora até à es-

curidão. Ele não parava de olhar para a grande guarda russa, à espera de que ela desse o trabalho por terminado naquele dia. Mas ela continuava impávida.

Finalmente, foi ter com ela.

— Tenho de voltar para o destacamento dos enterros.

— Recebi ordens para vos manter aqui até que esteja feito — replicou ela.

— Alguém há de se encarregar dos corpos hoje.

A mulher disse aquilo com tal determinação que Emil deu meia-volta, ciente de que fora derrotado, pelo menos naquele dia. No passado, teria ficado furioso com o seu azar, mais um exemplo da sua vida brutal, lamentável e infeliz. Mas não permitiu que a raiva o consumisse. Limitou-se a voltar ao trabalho, ciente de que, se não fugisse naquele dia, fá-lo-ia no seguinte. Sentia-o no coração e em cada fibra do seu ser.

A escuridão chegou. O vento agitava a neve. Um novo comboio entrou no depósito ferroviário, numa outra linha para lá do ramal coberto e da doca de carga onde Emil estava a transferir cal para carrinhos de mão e, em seguida, para os vagões. Decidido a acabar para não ter de voltar no dia seguinte, ainda não parara desde que falara com a guarda, mais de uma hora antes.

Emil foi ter com ela e disse:

— Permissão para urinar.

Antes que ela pudesse responder-lhe, ouviu-se um *clang* inesperado!

Um dos camiões que saía do cais derrapara no gelo e batera noutro que tentava entrar. A guarda correu na direção dos dois.

Emil gritou:

— Permissão para urinar!

— Concedida! — gritou ela, antes de desatar a correr direita aos dois motoristas, que tinham saído das respetivas cabinas e pareciam prontos para lutar.

Emil desceu do cais de carga para o acoplamento entre dois dos vagões e saltou pelo outro lado do ramal, aterrando na neve a cerca de vinte metros do outro comboio, que parara entretanto. Começara a desabotoar a braguilha, quando uma sensação estranha se apoderou dele, causando-lhe arrepios pelas costas acima.

E, então, Emil percebeu porquê. O outro comboio. Se ele estivesse certo, o comboio mesmo à frente do seu nariz seguiria para oeste se mantivesse aquela direção.

Hesitou uma fração de segundo, antes de se lembrar que o cabo Gheorghe dizia que os sonhos quase sempre se tornavam realidade de maneiras que não

esperávamos, que a Inteligência Universal quase sempre tinha um plano melhor para as nossas visões. Ele imaginara o pónei e uma corrida desvairada, e ter de abater uma árvore para parar o comboio. Daquela maneira era mais simples. Daquela maneira era mais fácil.

Lembrou-se de dizer a Adeline que havia de reconhecer o caminho para a liberdade quando o visse e, agora, a liberdade estava ali mesmo à sua frente.

O comboio começou a andar, as rodas a chiarem, abafando os gritos vindos da guarda russa e dos dois motoristas junto à doca de carga. Sentindo-se explodir de felicidade, Emil correu para o comboio, agarrando-se à escada mais próxima e começando a subi-la.

O vagão não tinha cobertura. Era um daqueles vagões-tremonha e estava praticamente cheio de carvão coberto de neve. Enquanto o comboio ganhava velocidade em direção a uma secção iluminada do depósito ferroviário, Emil atirou-se para tremonha e deixou-se ficar deitado no carvão, de bruços, dizendo a si mesmo repetidamente para ter fé, acreditar que estava feito, que ele já estava de partida.

Sentiu o comboio ganhar velocidade, ouviu vozes, mas nada de gritos. E, então, tudo se tornou escuro e tormentoso à sua volta, e tudo o que ele conseguia ouvir era o estalar dos carris e os silvos e gemidos do vento. Acabou por se ajoelhar e viu as luzes de Poltava desvanecerem-se na cortina de neve que caía atrás dele.

Depois de duzentos e noventa e cinco dias no purgatório, depois de ver quase mil e oitocentos dos seus companheiros de cativeiro morrerem à sua volta, e depois de transportar e rezar por muitos deles, Emil atirou a cabeça para trás e levantou os braços bem abertos para os céus repletos de neve, ciente com toda a certeza de que, por meio do coração inabalável de um homem e da graça misteriosa de Deus, os sonhos podiam realmente tornar-se realidade.

Capítulo Trinta e Três

9 de março de 1946

Gutengermendorf, Alemanha ocupada pelos Sovietes

A cerca de mil e setecentos quilômetros de distância, Adeline meteu os rapazes na cama, deu-lhes um beijo na testa e saiu silenciosamente do quarto, com a certeza de que ambos estariam a dormir dali a pouco. Foi para a cozinha, onde Katrina Holtz estava a beber chá.

— Eles ainda estão cá? — perguntou Adeline à dona da casa.

— Estiveram e abalaram, dececionados como de costume — respondeu *Frau* Holtz, e riu-se.

— Vou dizer à Erica que pode subir?

— Não, ela diz que gosta de estar lá em baixo. Dá-lhe tempo para ler.

Embora os dois jovens soldados soviéticos alojados do outro lado do corredor não tivessem mostrado nenhum interesse em Adeline, Erica, com dezassete anos e sobrinha órfã de *Frau* Holtz, despertara-lhes sem dúvida a atenção. Seis noites por semana, Erica estava por perto e era cordial com os russos, mas de forma alguma lhes dava trela. Nas noites de sábado, porém, a tia escondia-a na cave, num espaço oculto por uma grande estante cheia de prateleiras repletas de frascos, livros e ferramentas.

Adeline já não se sentia tão ameaçada que quisesse passar as noites de sábado na velha igreja. Trabalhar para o coronel Vasiliev resolvera o assunto, concedendo-lhe um escudo protetor invisível, mas sólido e claramente entendido por todos. Enquanto fizesse por aplicar as suas habilidades culinárias e mantivesse o coronel gordo e feliz, acreditava que estaria segura. E Vasiliev dera-lhe carta branca para ir a Berlim fazer compras na intendência dos oficiais soviéticos, onde muitas vezes comprava coisas para si mesma, para os rapazes e para *Frau* Holtz e *Frau* Schmidt.

Não obstante, raramente ia à quinta dos Schmidt: o capitão Kharkov ainda vivia lá e ela preferia evitá-lo. Mas Adeline cruzava-se de vez em quando com

Frau Schmidt na aldeia e ficara a saber que ela precisava de chocolate culinário para o próximo aniversário do marido.

— Vou fazer uma entrega surpresa à *Frau* Schmidt — disse Adeline à sua senhoria. — Prometo que não demoro.

— Tem a certeza? — perguntou-lhe *Frau* Holtz. — É sábado à noite.

— Vou à volta pelos campos. Ninguém vai ver-me, e tenho a certeza de que os oficiais soviéticos que vivem lá em casa já foram para Berlim, para uma noite de farra.

Percebia que a senhoria não estava de acordo, mas saiu da cozinha, calçou as botas e vestiu o casaco, com um pedaço de chocolate no bolso, antes de enrolar o lenço quente à volta do pescoço e da cabeça. Ao sair pela porta da frente da casa baixa e cor de mostarda de *Frau* Holtz, respirou fundo, calçou as luvas e esperou que os olhos se adaptassem. Virou à esquerda, atravessou os grandes portões de vaivém e avançou em cinco centímetros de neve recente, passando pelo grande celeiro de tijolo onde guardara a pequena carroça da família.

Levantou o trinco do portão mais pequeno das traseiras, avançou sob os galhos nus dos ulmeiros e seguiu para o campo. O quarto da Lua lá no alto refletia-se na neve, dando-lhe luz suficiente para rumar ao outeiro e à quinta dos Schmidt. Estava a menos de metade do caminho, quando se lembrou de Emil pela primeira vez naquele dia.



Adeline estacou, porque se apercebeu de que não acordara cedo para ir até lá fora e esperar a alvorada no horizonte oriental. Quando é que deixara de o fazer? Na véspera? Na antevéspera?

Sentindo-se vazia, percebeu que há mais de uma semana não se levantava para rezar e olhar para as poucas fotografias que tinha de Emil. O tempo estivera péssimo na semana anterior. Isso era verdade. Mas desanuviara desde então. Ela não tinha desculpas. E também se esquecera de rezar com os pequenos antes de dormirem!

Baixou a cabeça, fechou os olhos e tentou ver o rosto sorridente de Emil. Conseguia lembrar-se perfeitamente dele no dia em que se tinham conhecido, um homem tão novo, duro e tímido que já passara por tanta coisa. Conseguia lembrar-se de como ele adorava rir-se, cantar e dançar quando tinha um pouco

de cerveja ou vinho caseiro no estômago. Mas a única outra lembrança clara que conseguiu evocar foi a do seu rosto angustiado enquanto os milicianos polacos o levavam de arrasto.

Vai para oeste, Adeline! O mais para oeste que conseguires, e eu prometo que hei de te encontrar!!

Ali fora, no campo de girassóis agora cortado e coberto de neve, as palavras do marido ecoaram-lhe na cabeça, enquanto abria os olhos e retomava a marcha, tentando calcular quanto tempo passara desde que ele fora levado. Quando descobriu que passara quase um ano, parou de novo e levou a mão à boca, tentando travar os soluços de solidão e ignorância que lhe subiam à garganta. *Ele está vivo? Onde é que estará? Na Sibéria? Numa daquelas minas?*

A ideia do seu amado Emil feito escravo, a trabalhar num túnel exíguo e quente sob um deserto gelado, quase a deixou de joelhos. Mas, então, uma rajada de vento atirou-lhe uma bruma de neve para a cara, apanhando-a de surpresa e fazendo-a perceber que estava com frio.

A tremer de frio.

Tentou correr para aquecer o corpo, mas a neve era muito funda em alguns sítios e um círculo de perguntas começou a formar-se e repetir-se na sua cabeça: Emil estaria vivo? Ela iria voltar a vê-lo? Se ele sobrevivesse e conseguisse encontrá-la, ela seria capaz de o reconhecer, quando o visse? E os rapazes? Um ou dois anos depois, sem dúvida. Mas dez anos? Uma década sem saber?

Quando finalmente chegou ao topo da colina e estava a passar pelo celeiro dos Schmidt, tentava dizer a si mesma que poderia aguentar dez anos se Emil pudesse. *Mas... e se ele não conseguir aguentar? Em que altura é que eu desisto?*

A mãe dela nunca desistira, e o pai nunca voltara para casa. A mãe de Emil desistira de voltar a ver o marido e ele aparecera-lhe à porta, vivo, mas desfeito por dentro.

Dirigindo-se para o alpendre dianteiro da casa da quinta, perguntou a si mesma como seria a sua vida se o destino de Emil fosse idêntico e sentiu nos ombros um peso quase esmagador. Sacudiu-o de imediato. Não lhe fazia bem pensar assim. Ela tinha de manter a fé; ele iria voltar, inteiro. Entretanto, ela precisava de viver para os filhos, manter a memória do pai viva no coração deles. *Mas se até para mim é difícil lembrar-me da cara dele, como será para eles?*

Adeline estava prestes a bater, quando ouviu música de piano. Baixou-se e espreitou na sombra, ao que viu o lavrador e a mulher lado a lado ao piano. *Frau Schmidt* estava a tocar e marido observava-a com um amor tão profundo e pe-

rene que Adeline se comoveu até às lágrimas. Eles estavam casados há quase quarenta anos. Tinham passado por uma tragédia terrível, mas o seu amor não sobrevivera apenas: aprofundara-se e florescera. *E isto não é uma razão para eu ter esperança?*

Pensou em não bater e deixar o casal sozinho. Mas, então, a música parou e ela ouviu *Herr Schmidt* bater palmas.

Frau Schmidt ficou encantada quando Adeline lhe bateu à porta, recebendo-a como se fosse uma filha há muito perdida e beijando-a na bochecha quando ela lhe deu o chocolate. *Herr Schmidt* disse que já tivera a sua dose e subiu. O capitão Kharkov e os seus homens, felizmente, estavam de licença em Berlim.

Adeline disse que não podia ficar muito tempo, que tinha de voltar não fosse um dos rapazes acordar, mas acabou por passar uma hora com a amiga. Escutou os receios da mulher mais velha a respeito da saúde do marido e partilhou alguns dos seus.

— Às vezes, pergunto a mim mesma quem serei sem o Emil — disse Adeline.

— A Adeline será a Adeline — disse *Frau Schmidt*, em voz baixa.

— Desculpe?

— A Adeline já está sem ele. Como tal, há de ser a mesma pessoa sem ele no futuro e, pelo que vi, ser Adeline Martel é mais do que suficiente para qualquer coisa que a vida resolva colocar-lhe no caminho.

Ela abraçou-a e agradeceu-lhe a simpatia e o apoio.

— Eu é que agradeço — disse *Frau Schmidt*, retribuindo o abraço. — A Adeline é uma boa amiga.

Ela sentia-se melhor quando se foi embora. Com o conhecimento de que os soviéticos estavam em Berlim, decidiu voltar à aldeia pela estrada. Os cães ladravam ao longe. A neve rangia sob as botas dela, mas havia um cheiro agradável no ar. A primavera estava a chegar.

Ela ouviu *Frau Schmidt* dizer: *Ser Adeline Martel é mais do que suficiente para qualquer coisa que a vida resolva colocar-lhe no caminho.*

Será verdade? pensou ela. *Até agora, sim, mas...*



O motor de um carro começou a trabalhar. Faróis acenderam-se mais à frente na estrada, encandeando-a. Adeline levantou a manga para proteger a vista; ouviu a porta de um carro abrir-se.

— *Frau* Martel? — perguntou uma voz agradável de mulher.

— Sim? — respondeu Adeline, hesitante, e parou. — Quem é a senhora?

— Tenente Eloise Gerhardt do *Kommissariat 5* da *Deutsche Volkspolizei*, a Polícia do Povo — respondeu ela. — Gostaria de trocar algumas palavras consigo, por favor. Venha, posso levá-la a casa, enquanto conversamos.

Adeline hesitou.

A voz da tenente Gerhardt tornou-se mais séria:

— *Frau* Martel, faça o que lhe dizem. Não tem escolha.

Adeline resignou-se e, depois de passar o clarão dos faróis, viu que a oficial do partido era uma mulher corpulenta e atarracada, com um sobretudo de lã verde-acinzentada. Tinha o cabelo escuro e curto, o queixo quadrado, um nariz proeminente e olhos duros.

— Faça favor — disse a tenente Gerhardt, apontando para a porta traseira aberta. — Depois de si.

Adeline entrou com relutância e viu que era um homem que estava ao volante. A mulher-polícia instalou-se ao lado dela e disse ao motorista:

— Mantenha a luz interna acesa e leve *Frau* Martel a casa pelo caminho mais longo e demorado, por favor. Temos muito que conversar.

O homem resmungou qualquer coisa e engatou a primeira. A luz do tejadilho acendeu-se.

A tenente Gerhardt sorriu.

— Vai responder com sinceridade às minhas perguntas, sim? Será mau para si se assim não for.

Foi só então que Adeline percebeu que o *Kommissariat 5* da Polícia do Povo significava que ela estava a conversar com uma espécie de agente da Polícia Secreta, como aquele que levava o seu pai tanto tempo antes.

— Sim? — insistiu a tenente Gerhardt, o seu tom agora mais frio.

— Sim — quase gaguejou Adeline. — Se eu puder.

— Muito bem. Você cozinha para o coronel Vasiliev?

— Sim. E para vários dos seus oficiais superiores.

— Costuma ir a Berlim à intendência especial que lá há, a pedido do coronel?

De cenho franzido enquanto pensava por que motivo estavam a perguntar-lhe aquilo, Adeline respondeu:

— Sim. Ele dá-me uma lista e o dinheiro. Eu vou e volto. Há sempre um recibo.

— Portanto, admite que é uma visitante frequente da intendência em nome do coronel Vasiliev. Mais frequente do que praticamente qualquer outro cliente. Sabia disso?

— Não — respondeu ela, abanando a cabeça.

— É verdade. O partido tem tudo registado. Sabe, o seu coronel é um glutton. Acha-se melhor do que os outros que fazem lá as suas compras e aproveita-se da sua posição, para engordar.

Adeline não disse nada.

A tenente Gerhardt sorriu.

— E você também tira proveito da sua posição, não é, *Frau* Martel?

Ela ficou sem saber o que dizer.

— Parece que se esquece sempre de qualquer coisa depois de pagar as compras do coronel — continuou a agente da Secreta. — Depois, compra o que quer e dá um suborno à sentinela à saída. Ou compra alguma coisa para alguém como *Frau* Schmidt ou *Frau* Holtz, e depois suborna a sentinela ao sair. Sim?

Adeline engoliu em seco e acabou por assentir.

— Sim. Eu...

— É como se estivesse a trabalhar no mercado negro, *Frau* Martel. Isso é um crime contra o partido e o Estado. Pode ser mandada para a prisão como o seu marido e ver os seus filhos ficarem à guarda do Estado.

— Não, por favor — disse Adeline, em pânico. — Foram coisas pequenas. Mimos para os meus filhos pequenos. Algumas coisas de que *Frau* Schmidt precisava. Ela é idosa e...

— O partido não quer saber da idade de *Frau* Schmidt nem das suas necessidades — disse a tenente Gerhardt, com rispidez. Então, a sua expressão suavizou-se. — Mas preocupa-se consigo, Adeline. Como tal, você vai pôr um fim às suas atividades no mercado negro e vai contar-me o que o coronel Vasiliev compra semanalmente, ou faz fora do comum, ou diz quando está bêbedo e empanturrado com a comida que você lhe faz. Está a entender?

Adeline entendia muito bem. Crescera no regime de Estaline. Sabia como é que os comunistas viravam vizinho contra vizinho, trabalhador contra patrão,

marido contra mulher, semeando o medo de uma forma que sufocava quaisquer pensamentos. E quando tinham o suficiente sobre alguém, por crimes que nem sequer cometera, mandavam-no para longe, para nunca mais voltar.

— Está a entender?

— Sim — respondeu Adeline, baixando a cabeça. — Estou.

— Muito bem — disse a tenente Gerhardt. — Não é a sua casa já ali mais à frente?

Adeline estava a sentir-se tão desorientada que teve de olhar duas vezes, antes de confirmar.

— Sim, ali, os portões grandes e o celeiro.

O motorista parou. Adeline levou a mão ao puxador da porta, mas sentiu a da agente da Secreta como uma garra no seu ombro.

— Mais uma pergunta antes de ir — disse a tenente Gerhardt, e sorriu com aquele ar entendido que Adeline já aprendera a recear. — Em Berlim, você pôs o seu nome e o endereço de *Frau* Schmidt numa lista da Cruz Vermelha Internacional.

Como é que ela sabe isto?

— Sim — respondeu ela, novamente nervosa. — A lista é para refugiados, famílias que estão a tentar reencontrar-se. Usei o endereço de *Frau* Schmidt, porque não sabia quanto tempo iria ficar na casa onde estou agora.

— Porque é que havia de fazer uma coisa dessas? — quis saber a agente da Secreta.

— Deixei-o lá na esperança de que o Emil talvez o veja, um dia.

— Em Berlim? Quando ele está no Leste?

— Eu...

Durante vários e longos momentos, a tenente Gerhardt não disse nada.

Sentindo um nó na garganta, Adeline estremeceu de emoção, obrigando-se a olhar a mulher bem nos olhos.

— Quero o meu marido de volta. É assim tão errado, tenente?

— Não, mas se eu estivesse no seu lugar, deixaria de pensar que ele vai voltar. Tanto quanto sei, o campo de prisioneiros para onde ele foi enviado está pejado de doenças. Homens a morrerem todos os dias.

— O Emil? — perguntou ela, ouvindo o tremor na sua voz.

— Não sei. Tudo o que o partido sabe é que já não há praticamente ninguém vivo lá. Lamento, *Frau* Martel. Mas quanto mais cedo aceitar o facto de que ele está morto ou prestes a morrer, mais depressa poderá seguir em frente

com uma nova vida. Pode sair do carro, *Frau Martel*, mas voltamos a encontrar-nos na próxima sexta-feira, depois de sair do trabalho, sim?

Adeline sentia-se zozza com a notícia do destino de Emil — *um campo de prisioneiros pejado de doenças... homens a morrerem todos os dias.... Já não resta praticamente nenhum prisioneiro*. Estupefacta, assentiu com a cabeça e abriu a porta. Quando entrou, não respondeu a *Frau Holtz*, que lhe perguntara da cozinha por que motivo se demorara tanto. Limitou-se a pendurar o casaco e o cachecol, descalçar as botas e ir para o quarto.

Fechando a porta atrás de si, deixou-se ficar na escuridão, a ouvir os sons dos seus filhos a dormirem. Dos filhos de Emil a dormirem. Começou a chorar, mas controlou-se o suficiente para se despir e meter-se na cama. Ao lado dela, Walt mexeu-se e virou-se. Ela ficou a olhar para o escuro, ainda a ouvir a voz suave, mas brutal, da tenente Gerhardt: *Lamento, Frau Martel. Mas quanto mais cedo aceitar o facto de que ele está morto ou prestes a morrer, mais depressa poderá seguir em frente com uma nova vida*.

Adeline apertou a almofada sobre a cabeça com os dois braços, mordeu o tecido e, então, gritou.

Capítulo Trinta e Quatro

10 de março de 1946

Duas horas a oeste de Poltava, Ucrânia

Emil tremia tanto no alto do vagão de carvão que não conseguia controlar-se. As roupas de lã pesada estavam agora cobertas de neve molhada e ele exposto ao vento uivante. O que é que lhe passara pela cabeça, quando se metera naquele comboio? Podia ter conseguido fugir do campo de prisioneiros, mas não tardaria a morrer se não encontrasse alguma espécie de abrigo.

Tentara escavar no carvão, convencido de que poderia enterrar-se ali e deixar um respiradouro. Todavia, poucos centímetros abaixo da superfície, deparara com uma camada de gelo que se formara no próprio carvão. Tentara desfazê-lo com a bota, mas perdera o equilíbrio e quase caíra do comboio, que parava com frequência nos cruzamentos, mas, de um modo geral, circulava muito mais depressa do que aqueles em que ele fora para leste. Calculava que agora deveria estar a cerca de setenta e cinco quilómetros de Poltava, talvez mais.

Os tremores agravaram-se e os pensamentos começavam a toldar-se. Ele sabia que estava a poucos minutos de morrer gelado. Quando ouviu os travões chiiarem e o comboio desacelerar mais uma vez, começou a rastejar até chegar à traseira do vagão-tremonha. Passou os momentos antes de o comboio parar por completo a fletir os dedos repetidamente, tentando ativar a circulação, torná-los funcionais antes de descer a escada.

Saltou do último degrau para a neve profunda. Arrastando-se para trás, agarrou num degrau da escada dianteira do vagão seguinte e subiu, mas encontrou-o tão cheio de carvão como o anterior. O comboio ainda estava parado. Mas por quanto tempo?

Mais do que consegues aguentar neste frio, Emil.

Os dedos gritavam, mas ele obrigou-se a descer a escada e, mais uma vez, arrastou-se na direção da parte traseira do comboio. Então, este último começou a andar.

Praticamente sem ver nada, Emil estendeu os braços numa tentativa de dar com a escada. A da traseira do segundo vagão-tremonha escorregou-lhe sob as luvas e o comboio começou a ganhar velocidade. Emil agarrou a escada da frente no terceiro vagão, mas não conseguiu segurar-se.

Ciente de que estava prestes a ser deixado para trás, a morrer na tempestade e na escuridão, Emil poisou a mão no lado do terceiro vagão, à espera de o sentir acabar antes de estender os braços e agarrar-se com as duas mãos doridas à escada do quarto vagão. Agarrou um degrau superior com a esquerda e o lado da escada com a direita, e deu por si imediatamente arrastado como o cabo Gheorghe no sonho que ele tivera. O romeno largara a escada no sonho e Emil saltara atrás dele na escuridão.

Mas não desta vez. Com todas as forças que lhe restavam, Emil agarrou-se bem com a mão esquerda e elevou a direita, encontrando um degrau mais acima. Com mais dois movimentos de força bruta ascendente, as suas botas deram com o degrau mais baixo da escada.

Coberto de neve, castigado pelo vento, ofegante, suado, ficou pendurado na escada, como um enorme casulo branco, durante quase um minuto. Quando os dentes começaram a bater-lhe, subiu mais um pouco. No topo da escada, Emil estendeu o braço para o interior do vagão, tateando à espera de encontrar mais carvão, mas não sentiu nada senão vento. Como tal, escarranchou-se no lado do vagão e estendeu a perna direita o mais para baixo que conseguiu.

Nada. Estava vazio? Pelo menos, parcialmente.

A pensar que poderia pelo menos proteger-se do vento, Emil passou a perna esquerda para o lado de dentro e ficou pendurado pelos dedos durante um segundo antes de se deixar ir. Caiu três metros e os calcanhares encontraram aço coberto de neve. O choque subiu-lhe pelas pernas, obrigando-o a fleti-las. O impacto na parte superior do corpo foi tal que lhe roubou o fôlego e, por alguns instantes, convenceu-se de que partira algumas costelas.

Todavia, quando finalmente conseguiu sentar-se, percebeu que não se enganara. Ali, na escuridão total do canto direito dianteiro de um vagão-tremonha vazio, estava bem protegido do vento noroeste. E a neve parecia estar a diminuir.

Encorajado, endireitou-se com algum esforço e, receoso, afastou bem as pernas. Apoiou as costas no canto, sacudiu as roupas para tentar livrar-se do máximo possível da neve húmida e endurecida que o cobria. Meteu os primeiros pedaços na boca e chupou a humidade para matar a sede. Em seguida, desaboto-

ou o casaco e levantou as camisas e a camisola, para expor a barriga ao frio, na esperança de se livrar de uma parte do suor.

Mantém-te o mais seco possível. Mexe-te para te manteres quente. Sobre-vive, pensou ele.

Quando se convenceu de que que tirara a maior parte da neve das roupas exteriores, começou a empurrar com os pés a neve que estava no fundo do vagão, afastando-a assim do canto, de modo a criar à sua frente uma parede de neve semicircular, que lhe dava pelos joelhos. Acocorado na escuridão, sentiu-se como se aquela barreira tivesse cortado ainda mais o vento. Perdeu a noção do tempo, enquanto se entretinha a levantar a parede até à altura do peito.

Limpando a neve da roupa mais uma vez, as costelas doridas arrancaram-lhe um esgar, quando finalmente se baixou na sua pequena fortaleza e se recostou no canto. Agora, o vento desaparecera quase por completo e parara de nevar. Emil fechou os olhos, dizendo a si mesmo que, a dada altura, teria de comer. Tinha o dinheiro da venda dos restos de madeira às cozinheiras, mais de cem rublos no bolso abotoado da camisa. Agora, só precisava de um lugar onde o gastar.

Começaram a surgir abertas na cobertura de nuvens. Numa delas, viu o quarto crescente da Lua e, por motivos que lhe escapavam, sentiu-se reconfortado por aquela visão e, ainda mais, quando as nuvens se apartaram por completo e ele conseguiu identificar a Estrela Polar. *Consigo orientar-me e andar durante a noite, se for preciso.*

Depois de despir o casaco para sacudir a neve restante, sentou-se no chão de aço no canto do vagão e dormitou, não obstante o frio constante e doloroso da superfície que lhe servia de assento. Depois, sentiu e ouviu, mais uma vez, os travões desacelerarem o comboio.



Desta feita, surgiram luzes. Estavam a entrar nalguma espécie de estação. Capaz de ver agora, descobriu uma outra escada, na parede interna oposta do vagão. Ele sabia que deveria ficar onde estava, cobrir-se de neve e esconder-se atrás da parede tosca que construía.

Mas, se não sabia onde estava, como é que haveria de descobrir para onde estava a ir? Tanto quanto sabia, poderia estar a caminho de Moscovo ou de Leni-

negrado. Tratou de esquecer imediatamente aquela ideia. Embora as linhas que percorrera tivessem descrito várias curvas e contracurvas, a Estrela Polar não mentia. O comboio estivera sempre a seguir para ocidente.

Mas quanto?

Incapaz de controlar a curiosidade, Emil esgueirou-se para fora da sua fortaleza de neve. Subiu até ao topo da escada interior, nervoso porque as luzes eram muito fortes. Uma parte dele queria dar uma espreitadela rápida. Mas tinha a noção de que poderia criar um movimento súbito e chamar a atenção. O mais devagar que conseguiu, ergueu os olhos logo acima do lado do vagão e espreitou para a esquerda e para a direita, antes de baixar lentamente a cabeça.

Estava num grande depósito ferroviário, com muitos vagões de carga noutras linhas. Havia homens a trabalhar numa doca de carga bem mais à frente. Estavam tão longe que Emil decidiu espreitar outra vez e, então, viu um letreiro em russo que ele entendeu. Agora, sabia onde estava: Lubny. Tinham passado pela mesma estação quando iam para leste, a caminho do campo de prisioneiros. Haviam passado umas boas nove horas entre a saída daquele comboio de Lubny e a chegada a Poltava. Ele não tinha relógio, mas sabia que não fugira nove horas antes.

Talvez quatro. Talvez cinco. Fosse como fosse, Emil estava a ir para oeste muito, muito mais depressa do que alguma vez poderia ter esperado. E, pela primeira vez desde que fugira, permitiu-se pensar em Adeline, Walt e Will.

Onde poderia começar a procurá-los? Em Legnica? Na Polónia, onde o tinham apanhado? Mas ele dissera a Adeline que fosse o mais para oeste que conseguisse, que ele depois havia de encontrá-la.

Ouviu vozes: homens a falarem russo. Ergueu mais uma vez a cabeça e avisitou dois soldados soviéticos a caminharem ao lado do comboio, perto do vagão de carvão em que ele fugira, quatro mais à frente do seu. Um deles subiu a escada e olhou em volta, antes de descer.

Passaram ao vagão seguinte. O outro soldado subiu para espreitar o interior.

— *Nyet* — disse ele, numa vozinha lamurienta. — Só carvão.

— Ouviste o que eles disseram: ele saltou para este comboio — disse por sua vez o seu parceiro, numa voz muito mais cheia. — A não ser que tenha caído, ele está aqui.

Emil baixou lentamente a cabeça e desceu a escada. Olhou para as pegadas das suas botas na neve que cobria o fundo do vagão-tremonha e percebeu que

estragara tudo. Se tivesse ficado enterrado atrás da parede de neve, talvez tivesse conseguido.

— É a tua vez — ouviu ele o soldado queixoso dizer, seguindo-se o som de botas a rangerem na neve e de luvas no lado do vagão mesmo à frente daquele onde Emil estava.

Deixou-se ficar ali no fundo do vagão, a abanar a cabeça ao pensar na sua estupidez. Iria ser capturado e enviado de volta para Poltava. Ou pior, como o cabo Gheorghe, mandá-lo-iam para um sítio ainda mais desagradável.

— Este está vazio, só tem neve — disse o soldado da voz cheia.

— Eu trato deste — disse o da voz chorosa.

Emil fechou os olhos. Fugira não apenas para encontrar Adeline e os rapazes. Com a quantidade de homens que sucumbiam à doença à sua volta, fugira para viver. *Mas agora vão mandar-me de volta para morrer.*

O comboio avançou um metro e parou. O soldado na escada praguejou. Emil perdeu o equilíbrio, mas manteve-se de pé.

— Já me magoei num ombro — queixou-se, furioso, o soldado piegas, antes de o comboio dar mais um sacão e voltar a parar. — Sobe tu.

Agora, as vozes estavam bem perto, mesmo do outro lado da parede do vagão-tremonha. O soldado iria subir, espreitar e ver Emil logo abaixo dele. Estaria tudo acabado. Ele realizara o sonho do cabo Gheorghe ao fugir de comboio, mas o seu sonho de ir para o Ocidente e reencontrar a família estava prestes a chegar ao fim.

— Eu quero é que isto se lixe — disse o soldado da voz mais cheia. — Não estou para partir um braço ou uma perna, por causa de um prisioneiro de guerra fugido. Se ele estiver nalgum destes últimos vagões, amanhã de manhã estará morto. A temperatura vai descer a pique, chegar aos trinta graus negativos.



O coração de Emil parecia estar a tentar sair-lhe do peito à pancada. Ele conseguia ouvir os passos dos dois soldados. Estavam a ir-se embora!

O comboio deu uma guinada e retomou a sua marcha, ganhando velocidade, e Emil saíra de Lubny e seguia em direção a Kiev, a maior cidade da Ucrânia. Agarrou-se à escada e começou a fazer agachamentos lentos, para cima e para baixo. Se a temperatura ia mesmo descer até aos trinta graus negativos, ele teria

de passar toda a noite em movimento. Aquela seria a melhor forma de o fazer: estável, lenta e constante.

À medida que ia entrando no ritmo, Emil começou a pensar em Kiev. Darnitsa, a estação central, deveria estar fortemente guardada por soldados soviéticos, os quais não deixariam de revistar os vagões. Decidiu que tinha de agir como se todos eles fossem ser inspecionados. A princípio, pensou em apear-se a leste de Kiev.

Mas depois pensou: *O que é que o cabo Gheorghe faria?* E ocorreu-lhe um plano mais ousado.

Riu-se da ideia e começou a achar-lhe cada vez mais graça. Com os olhos fechados, só lhe ocorria outra ocasião na sua vida em que se sentira assim: a noite em que se casara com Adeline, uma noite em que o seu coração borbulhara de alegria.

De repente, conseguiu ver aquela noite como se estivesse a acontecer de novo. Viu-se a beijar Adeline no fim da cerimónia. Viu-se a dançar com ela ao som do acordeão, a olhar para aqueles olhos encantadores, as suas mãos envolvendo-lhe a cintura.

Ainda agarrado àquela escada no interior do vagão-tremonha, Emil percebeu que não sentia tanto o frio se não saísse daquela recordação. Manteve os olhos fechados, atento àquela música alegre e otimista do acordeão na sua mente, enquanto largava a escada e começava a dançar.



Durante horas a fio, Emil dançou e riu-se com a sua Adeline imaginária, por vezes desequilibrando-se e caindo na neve que cobria o fundo do vagão, quando o comboio descrevia uma curva apertada. Mas ele queria lá saber. Na sua mente e no seu coração, Adella estava com ele e eles estavam a festejar, e isso era tudo o que importava.

Mesmo assim, ao amanhecer, deu por si à beira do delírio. Já estava acordado há mais de um dia, dez horas do qual tinham sido passadas a encher pazadas de cal e outras seis a dançar com a memória da sua noiva. E os soldados soviéticos não se tinham enganado a respeito do frio. Ele não sabia dizer se a temperatura atingira os trinta graus negativos, mas as luvas não paravam de se colar à escada

de aço e a neve tornara-se dura e estaladiça. Os pés doíam-lhe. O mesmo se passava com a zona inferior das costas.

Ao primeiro sinal de luz no céu e com o comboio ainda em movimento, Emil sacudiu o torpor e trepou a escada interior do vagão. Lá em cima, olhou em redor, vendo a tão familiar paisagem do oeste rural da Ucrânia, com vastos campos delimitados por estreitas sebes e cobertos de neve até onde a vista conseguia alcançar. Ficou espantado com a vaga de nostalgia que a visão daquela terra lhe provocou. Veio à tona uma recordação da sua infância, pouco depois de o pai o tirar da escola para trabalhar na quinta. Ele lembrava-se de ficar triste ao deixar a escola, da qual gostara, mas também do entusiasmo que sentira ao seguir o pai até ao campo, com um longo dia de trabalho pela frente.

Pensou no pai, na mãe e na irmã, e perguntou a si mesmo se algum dia voltaria a ver algum deles. Estariam com Adeline? Ou teriam voltado para Friedenstal, como a mãe queria? Estariam algures cem quilómetros a sudoeste dele? Mesmo que estivessem, decidiu, ele não iria deixar de seguir para oeste. Não iria deixar de realizar o seu sonho.



Uma hora depois, com Emil agachado debaixo do rebordo do vagão-tremoinha, o comboio entrou num depósito de carga da estação ferroviária central de Kiev. O tempo estava ventoso, soalheiro, de um frio entorpecedor. Ao ver homens dispersos a trabalharem no depósito e nenhum soldado, ele içou-se, saltou por cima do lado do vagão e praticamente escorregou pela escada exterior abaixo. Afastou-se rapidamente do comboio, grato pelo vento forte que levantava remoinhos na neve, apagando-lhe as pegadas. Depois de se esconder atrás de outros vagões, viu uma picareta quase enterrada na neve e agarrou nela.

Com a ferramenta ao ombro, seguiu os carris em direção ao edifício principal da estação. Um outro ferroviário saiu por uma porta no alto de um lance de escadas de betão. Emil sorriu, passou rapidamente pelo outro e agarrou a porta. Entrou num corredor longo e estreito, deixou que os olhos se adaptassem à escuridão e teve uma sensação desconhecida, embora bem-vinda, ao escutar ruídos que não ouvia há mais de um ano. Assim que conseguiu discernir alguma coisa, começou a dirigir-se para a origem da sensação e dos ruídos: a folga considerável entre a soleira e o fundo das portas duplas de vaivém no ex-

tremo do corredor, por onde entrava um fluxo constante de calor e ecoava a agitação de uma multidão.

À sua esquerda, perto do fundo do corredor, via-se uma porta entreaberta. Ele empurrou-a e deu com uma sala deserta e cheia de cacifos com portas de rede de arame, provavelmente destinados aos trabalhadores ferroviários. Entrou e viu um lavabo, com uma pia funda e um espelho. Emil tirou o gorro de lã e aproximou-se do espelho.

Pela primeira vez em mais de um ano, viu a sua cara e o estado em que estava. O reflexo chocou-o. Se a tivesse convidado para dançar, Adeline não o teria reconhecido. Ele mal se reconhecia.

Perdera mais de vinte e cinco quilos. Gastas e surradas, as suas roupas da prisão assentavam-lhe como a fatiota de um espantalho. O cabelo e a barba estavam hirsutos, com um corte atabalhado, para não dizer inexistente. As faces estavam chupadas. Os dentes, amarelados. Os ossos da cara pareciam querer romper-lhe a pele, que se apresentava flácida, coberta de crostas e de fuligem. Os olhos, encovados, escuros e endurecidos, eram o que mais o incomodava.

Ciente de que corria um risco terrível, mas também de que não podia entrar na estação central de Kiev com o ar de alguém acabado de sair de uma sepultura, Emil livrou-se do casaco, da camisola e das camisas. Sempre que inspirava, as costelas pareciam mover-se como outras tantas teclas de um piano mecânico contra a pele do tronco dorido, esfolado e coberto de hematomas.

Abriu a torneira e enfiou a cabeça e a cara debaixo da água gelada. Esfregou-se durante uns bons dez minutos, insistindo até que as suas feições comesçassem a aparecer. *Pronto*, pensou, olhando-se novamente ao espelho. *Agora, a Adella e os pequenos já quase me reconheceriam.*

Ao pensar isto, detetou algo que ganhou vida nos seus olhos, um brilho onde antes não havia nenhum. O que lhe recordou o plano que engendrara na noite anterior. Sorriu, dirigiu-se ao vestiário e vasculhou os cacifos, encontrando um fato-macaco de operário, de um azul desbotado, um par de botas de trabalho mais novas do que as dele, bem como uma camisa e um casaco de lã muito menos encardidos do que o seu casaco de prisioneiro.

Enquanto vestia as roupas roubadas, não sentiu remorsos. Fora injustamente atirado para um campo de prisioneiros um ano antes, precisava das roupas e achava que, para variar, a vida poderia ser injusta para uma outra pessoa. Largou as roupas velhas num cacifo vazio, depois de tirar os rublos e guardar o maço de notas no bolso das calças, por baixo do fato-macaco. Só então é que

saiu do vestiário, admirado por não se ter cruzado com ninguém. Mas, também, de acordo com o relógio e o horário que vira na parede, o turno do dia começara menos de uma hora antes.

Deixou a picareta no corredor e franqueou as portas que o separavam do caos organizado da estação ferroviária central de Kiev. A multidão de vozes a tagarelarem. As cores tão intensas depois de tantos meses de cinzentos. Os cheiros maravilhosos de comida acabada de cozinhar.

As expressões atormentadas de gente que voltava à sua vida ou que se metia num comboio para começar uma nova. Por um momento, tornou-se tudo tão opressivo que Emil teve de apoiar a mão na parede, para não cair.

Pontadas de fome trouxeram-no de volta. Seguiu os aromas irresistíveis até à área das bilheteiras e sala de espera, onde sabia que teria de haver vendedores de comida. Encontrou pelo menos dez, na sua maioria mulheres, e esforçou-se para ver tudo o que tinham para lhe oferecer, antes de pedir chá preto, dois pãezinhos e um naco de linguiça seca. Havia muitas outras coisas mais generosas e doces que ele teria preferido como primeira refeição depois do cativeiro, mas receava que os seus intestinos se revoltassem. Encontrou um banco e comeu com moderação. Um soldado passou, sem sequer reparar nele.

Emil acabou por passar três horas a passear pela estação de comboios, a observar, a escutar, até saber quando é que partiam os próximos comboios de carga e passageiros para oeste. Ele tinha dinheiro mais do que suficiente para comprar um bilhete para a Polónia, mas temia ter de dar a conhecer a sua falta de documentos para o fazer. Acabou por ir buscar a picareta e regressou ao depósito de carga.

O tempo continuava extremamente frio e ventoso. Encontrou o comboio de carga que procurava e experimentou as portas de correr de vários vagões, até encontrar uma que não estava trancada. Fez como se estivesse a abrir um buraco com a picareta junto ao vagão, até que o comboio começou a avançar.

Emil já estava a saltar para o interior com a picareta, quando ouviu gritos. Entrou, espreitou para fora e viu trabalhadores a correrem para ele. Um deles gritou:

— Ei, esse casaco é meu!

— Deixei-te o meu! — gritou Emil em resposta; fechou a porta e aplicou o seu peso contra ela, enquanto o comboio ganhava velocidade.

Apeou-se na paragem seguinte. Não podia arriscar que os operários telefonassem para avisar sobre um ladrão e passageiro clandestino. Depois de anoite-

cer, apanhou o comboio de carga seguinte para oeste e desceu na paragem seguinte. Durante dez dias, aquilo tornar-se-ia um padrão e uma forma de sobrevivência para ele.

Não só ele conseguia encontrar comida, água e calor nas estações e nos depósitos, como estes lhe davam a oportunidade de ouvir os rumores e propaganda que circulavam na sociedade ucraniana no rescaldo da reocupação soviética. Tudo o que ouvia o convencia de que a nova vida sob o regime de Estaline e dos comunistas era igual à antiga: baseada no medo, na tirania e na destruição de qualquer um que tivesse um pensamento ou sonho original.



Na décima primeira manhã da sua fuga, dia 20 de março de 1946, o tempo começou finalmente a aquecer. Na décima primeira noite da sua fuga, pouco depois de passar a fronteira polaca e saltar de um vagão de carga na cidade de Chelm, Emil foi capturado pela Polícia local.

Preparara-se para aquela possibilidade como parte do seu plano e começou a assumir um comportamento algo estranho como o cabo Gheorghe, falando apenas russo, dizendo que era um sobrevivente de Estalinegrado que fora atingido por um morteiro na primeira vaga de ataques e, depois, atravessara a batalha ileso. Estava apenas a tentar voltar para casa, para ir procurar a mulher e os filhos onde os deixara, em Legnica. Os soldados não acreditaram nele e meteram-no na prisão, com outros que aguardavam a deportação que os levaria de novo para leste.

O resto dos homens ali detidos eram um misto entre o infeliz e o furioso. Mas Emil manteve-se extremamente calmo, convencido de que se tratava apenas de um desvio no caminho do seu sonho. Ele ia para oeste. Ia procurar Adeline, Walt e Will.

No dia seguinte, viu-se salvo da deportação, quando os guardas lhe perguntaram se já trabalhara numa quinta. Ainda a agir como um homem que ficara com estilhaços na cabeça, Emil assentiu e foi colocado num camião com vinte outros que haviam fugido de vários campos de prisioneiros. Todos eles foram levados para um novo campo e postos a trabalhar com outros, no plantio de culturas em fiadas.

Oito semanas depois, nos fins de maio de 1946, ouviu dizer que o padeiro da cozinha do campo precisava de ajuda. Ainda que cortasse lenha para uma padaria quando conhecera Adeline, não tinha experiência como padeiro propriamente dito. Mas aprendeu depressa. Durante as quatro semanas seguintes, levantava-se às três da manhã e ia para a padaria, preparar a massa e aquecer os fornos. Comia pão fresco constantemente, ia engordando e tornando-se amigo do padeiro, que trabalhara algum tempo na Alemanha antes da guerra.

No fim de junho, um boato e, depois, um facto varreu o campo de prisioneiros. A época do plantio acabara e, com ela, a utilidade deles. O campo de trabalho iria ser encerrado. Os prisioneiros seriam metidos em camiões ao amanhecer e, em seguida, em comboios com destino ao Leste.

Se Emil queria ir para oeste, se queria encontrar a sua família, teria de ser agora. Pensou como o romeno maluco e elaborou um plano relativamente simples que, embora relutante, partilhou com o padeiro, juntamente com um pedido: que o padeiro lhe trocasse os rublos russos por zlóti polacos, para que ele pudesse comprar uma bilhete de comboio e ir procurar a sua família.

O padeiro lá acabou por concordar com a proposta, com um encolher de ombros, uma piscadela de olho e um assentir de cabeça. Emil quebrou a sua rotina habitual naquela noite e não voltou para o beliche depois de misturar e amassar a massa e deixá-la a levedar. Em vez disso, por volta das cinco e meia da manhã de 29 de junho de 1946, deitou-se no chão quente da sala dos fundos da padaria, atrás dos fornos, e «adormeceu». Depois de os camiões e os outros prisioneiros se irem embora, esperou três horas antes de sair da padaria, com o padeiro a gritar atrás dele. Apareceu um guarda polaco. O padeiro disse-lhe que encontrara Emil a dormir na sala dos fundos, quando deveria estar no camião com os outros.

Emil foi levado à presença do comandante do campo, onde novamente se comportou como se continuasse em estado de choque, dizendo apenas que adormecera e não fora de propósito que perdera o comboio. O comandante do campo queria sair o mais depressa possível daquela zona rural e estava furioso com aquele contratempo.

Quando lhe perguntaram o que fazer com Emil, agora que o campo estava oficialmente encerrado, o comandante pensou no assunto e acabou por responder:

— Levem o idiota do atrasado mental para fora dos portões; assentem-lhe um pontapé no traseiro e ele que passe a ser o problema de outro, e não meu.

O Emil Martel vai para oeste e encontra a sua mulher e filhos, pensou ele, enquanto ouvia a voz do cabo Gheorghe na sua cabeça, já com os portões da prisão pelas costas e a massajar o traseiro dorido, ao mesmo tempo que agradecia vezes sem conta a Jesus, a Deus, ao Divino, à Inteligência Universal, ao Todo-Poderoso, às estrelas, à Lua e aos planetas, até se apanhar bem fora de vista.



Com o tempo mais quente e pretendendo evitar todo e qualquer contacto humano, Emil dormiu nas florestas durante o dia e caminhou essencialmente à noite durante quase três semanas, orientando-se pelas estrelas para aumentar o mais possível a distância entre si e aquele último campo de prisioneiros nos arredores de Chelm. Esperou pela manhã de 19 de julho para entrar na comunidade agrícola de Pulawy, a noroeste de Lublin, na Polónia, e pedir para comprar um bilhete para a última paragem antes da fronteira alemã.

O funcionário deitou-lhe um olhar desconfiado, mas disse:

— Deve estar a referir-se a Rzepin.

— Rzepin, é isso mesmo — disse Emil. — A minha tia-avó vive lá.

O funcionário mostrou-se cético, mas lá lhe vendeu o bilhete. Depois de comprar comida para a viagem, Emil escolheu um lugar junto à janela, poisou o chapéu sobre os olhos e dormiu enquanto o comboio o levava. Tinha de fazer dois transbordos depois de chegar a Varsóvia. O seu plano passava por deixar o terceiro comboio em Rzepin e, em seguida, atravessar a pé a fronteira com a Alemanha durante a noite.

Todavia, doze horas depois de partir, quando o terceiro comboio da sua viagem fez uma paragem prolongada na cidade de Poznan, Emil identificou a possibilidade quando a viu. Começava a anoitecer e ainda faltavam umas horas para a escuridão total, e ele estava outra vez com fome. Saiu do comboio, entrou na estação principal e viu um grande grupo de homens — cerca de cinquenta, esqueléticos, malvestidos e sentados no chão — sob a vigilância de três guardas armados soviéticos.

Comprou os alimentos habituais da sua dieta ligeira e perguntou a uma funcionária da bilheteira quem eram aqueles homens, ao que lhe foi dito que eram prisioneiros de guerra alemães que iam para casa. Acabara de ter lugar uma qualquer espécie de acordo que permitia uma troca de prisioneiros. Aqueles

homens, todos originários da Alemanha Ocidental, iriam ser trocados por prisioneiros de guerra da sua congénere oriental.

A sentir-se sem fôlego e recordando-se novamente de como o romeno estava sempre a falar das oportunidades que nos são apresentadas quando temos uma visão clara do nosso destino, Emil disse:

— Está a querer dizer-me que vão todos para a Alemanha Ocidental?

— Para Braunschweig, na zona britânica. Suponho que seja no Ocidente.

Emil agradeceu-lhe e foi instalar-se num sítio onde podia comer e observar os prisioneiros alemães e os soldados soviéticos. Os homens sentados de pernas cruzadas no chão pareciam descontraídos, felizes por irem para casa, mesmo que fossem como prisioneiros.

E porque não?, pensou Emil. Podem passar mais algum tempo na prisão no Ocidente, mas, quando saírem, serão homens livres. Não podes dizer o mesmo dos homens por quem vão trocá-los.

Então, lembrou-se de outra coisa que o cabo Gheorghe lhe dissera a respeito de a maioria das pessoas ver a porta da boa sorte e não fazer nada, não passar pela porta, não correr o risco e, depois, a porta fechar-se-lhe na cara.

Tu decides; depois, ages. Escolhes a fé; depois, passas pela porta.

Um outro grupo maior de prisioneiros alemães entrou na estação, com os dedos entrelaçados atrás da cabeça, ao mesmo tempo que o revisor entrava pelo lado da via-férrea, para chamar todos os passageiros com destino a oeste. Emil tomou a sua decisão e agiu com fé, enfiando o resto da comida nos bolsos do casaco que levava com ele.

Os três soldados soviéticos originais ordenaram aos seus prisioneiros que se levantassem e entrelaçassem os dedos atrás da cabeça, ao mesmo tempo que o grupo maior tentava passar por eles para garantir os melhores lugares no comboio. Seguiram-se alguns encontrões. Resmungos. Palavrões. Naquela ligeira agitação, Emil esgueirou-se para o meio dos prisioneiros e assumiu a mesma postura.



Ninguém lhe verificou os documentos antes de ele entrar no comboio. Se o tivessem feito, mostraria o bilhete para Rzepin e desceria na paragem seguinte.

Em vez disso, o comboio passou a fronteira com a Alemanha sem qualquer problema, ganhou velocidade e levou Emil rapidamente para oeste.

Foi alterando a sua história durante a viagem, dizendo aos homens que perguntavam que era o cabo Emil Martel, um alemão étnico que lutara pela Wehrmacht. Sobrevivera a Estalinegrado e lutara no rio Dnieper, onde perdera os documentos, antes de ser capturado e metido numa prisão num lugar chamado Poltava.

— Mas não é alemão — desdenhou um dos homens. — Porque é que está aqui connosco?

Emil fitou-o com um olhar firme, depois, sorriu e ofereceu-lhe um pouco de linguiça seca.

— Não, não sou alemão. Mas o próprio *Reichsführer* Himmler achava que eu tinha sangue ariano mais puro do que a maioria. Por causa disso, a minha família foi protegida pela SS e trazida para a Alemanha. Eles estão à minha espera.

O homem pareceu algo espantado e aceitou a carne.

— Onde?

— Braunschweig — disse ele. — Estão num campo para refugiados lá perto.

— Na zona britânica — disse o homem, as suas suspeitas diminuindo enquanto mastigava um pouco da linguiça. — Isso não fica longe do sítio para onde estão a levar-nos.

— Já me dou por contente por saber que a minha família está por perto e em segurança até que eu seja libertado.

Uma hora e meia depois, o comboio passou a sul de Berlim, de Adeline e dos rapazes. Mais tarde, Emil viria a saber que estivera a oitenta quilómetros deles.

O comboio parou finalmente a leste de Wolfsburg. Emil e os outros prisioneiros receberam ordens para descer para o cais estreito, enquanto as três carruagens de passageiros em que seguiam eram transferidas para outra locomotiva. Estava um calor sufocante e os prisioneiros ficaram irritados e inquietos quando lhes disseram para apresentarem os documentos antes de voltarem para o comboio.

Emil deixou-se chegar ousadamente ao princípio da fila, pronto para contar a sua história e seguir viagem. Mas, assim que disse aos soldados que os seus documentos se tinham perdido em Estalinegrado, recebeu ordens para ficar encostado à parede da estação. A carruagem atrás da locomotiva foi ocupada com

prisioneiros antes que os soldados que verificavam os documentos passassem à seguinte.

Emil viu-os levar a mesa e instalá-la diante da porta aberta da carruagem antes de ordenar ao próximo na fila que apresentasse os documentos. Ninguém parecia estar a olhar para ele, pelo que percorreu o cais, saltou para a linha no outro extremo diante da locomotiva, acenando ao maquinista.

Correu pelo lado oposto do comboio até à terceira carruagem de passageiros, que estava vazia. Agachado, entrou, apressou-se corredor afora e instalou-se no terceiro banco, antes de se baixar e esperar.

Ouviu a mesa ser instalada à porta da carruagem. Quando o primeiro prisioneiro entrou, Emil fingiu estar a amarrar um atacador, antes de se endireitar. Quando olhou para o homem que se sentara ao seu lado, viu o prisioneiro a quem dera o pedaço de linguiça. O homem assentiu e desviou o olhar.

A suar à conta do calor e do risco que acabara de correr, Emil puxou o boné para baixo e fingiu estar a dormir, até que o comboio finalmente partiu, rumo a sul. Menos de trinta minutos depois, o comboio virou para oeste e reduziu a velocidade, até parar numa região de terras agrícolas. Emil conseguia ver um riacho a correr pelo meio de um campo exuberante e não pôde deixar de lembrar-se do vale verde de Adeline. Estaria ele, finalmente, perto? Ela já estaria lá?

Mas, então, um soldado soviético avançou, vindo do fundo da carruagem.

— Os documentos, outra vez! — gritou ele. — Mostrem-me os vossos documentos! Se querem passar para a zona britânica, têm de ter os documentos a postos. Já!

Capítulo Trinta e Cinco

24 de dezembro de 1946

Gutengermendorf, Alemanha Oriental ocupada pelos Sovietes

Adeline acordou às cinco da manhã da Véspera de Natal e levantou-se da cama, a sentir-se como se as suas pernas e os seus braços fossem de chumbo. Com a cabeça zozna e a latejar enquanto se vestia às escuras, saiu do quarto e agarrou no casaco e no saco de compras de lona.

Arrastou-se até à rua, seguindo para a estação, para apanhar o comboio das cinco e meia para Berlim. Queria ser a primeira na fila quando a intendência dos oficiais abrisse às sete. Depois, poderia voltar a tempo de preparar o almoço e a refeição da noite para o coronel Vasiliev e os seus oficiais, e ainda chegar a casa antes do anoitecer para comemorar a festividade com os rapazes.

À espera sozinha no cais, enquanto batia os pés para se manter quente, Adeline sentia-se alternadamente irritada e bastante, bastante triste. A princípio, tentou culpar a péssima qualidade das noites que vinha tendo ultimamente. Mas, depois de entrar no comboio e fechar os olhos, o verdadeiro motivo da sua depressão fez-se sentir.

Na Véspera de Natal anterior, depois de fazer frente ao capitão Kharkov com a faca de talhante na velha igreja, perguntara a si mesma quem seria se mais um ano passasse e ela desse por si deitada num banco duro e frio, sem saber nada de Emil.

Uma mulher pobre e solitária, pensou. É quem eu sou um ano depois. Uma mulher pobre e solitária, que não consegue encarar o facto de provavelmente ser uma viúva pobre e solitária agarrada a falsas esperanças. É o que a tenente Gerhardt dá a entender sempre que a encontro, não é?

O Emil morreu de alguma doença e eu sou obrigada a espiar toda a gente. Os meus companheiros de casa. Os meus vizinhos. O coronel e os seus homens.

Que tipo de vida é esta? E o Walt e o Will estão a transformar-se no quê? Estão a dizer-lhes na escola que devem espiar os amigos? E a mim também?

Tudo aquilo a deixava zangada, amarga. Perguntou a si mesma o que tinham sido aqueles últimos dois anos e nove meses. Eles tinham sobrevivido à *Longa Marcha* e ao último ano da guerra, apenas para acabarem cruelmente separados. Ela tentara ir o mais longe para oeste que conseguira, mas não fora o suficiente. Tentara viver a sua vida em silêncio, manter a sua fé no regresso de Emil, apenas para enfrentar violadores e agentes da Secreta que lhe diziam que a sua fé era tola e deslocada.

O que é que eu fiz para merecer isto?, perguntou Adeline a si mesma. *Por que motivo, em nome de Deus, estou a ser castigada desta maneira?*



Quando chegou à estação central, sabia que não estava a ser punida em nome de Deus. Estava a ser punida em nome do comunismo, em nome de Estaline, tal como fora punida em nome dele quando lhe tinham levado o pai quase duas décadas antes.

Enviado para Leste. Lançado ao vento e aos lobos. Para nunca mais ser visto.

Como o Emil.

Adeline sentiu algo mudar dentro de si e percebeu com tristeza que já não tinha força emocional para acrescentar um ponto de interrogação àquele último pensamento. Depois de beber chá e comer o *strudel* de um dos poucos vendedores já abertos na estação central de Berlim, avançou pelas ruas, em direção à intendência dos oficiais, subitamente com saudades da mãe, de Malia, e do seu irmão, Wilhelm.

O que é feito deles? Onde estão? Naquela vilazinha onde os deixei? Voltarei a vê-los ou a ter notícias deles? Ou desapareceram da minha vida? Para nunca mais serem vistos. Como...

Impediu-se de usar o nome do marido, mas viu Emil claramente na sua mente, como era da última vez que o vira, a ser levado pelos soldados e a gritar-lhe que fosse o mais para oeste quanto conseguisse, que ele depois a encontraria. Por mais que tentasse, não conseguiu evitar desfazer-se em lágrimas. Aquela fora, provavelmente, a última vez que o vira. Aquela era a imagem que a acompanharia até que fosse velha, cheia de rugas e morresse com a questão do destino de Emil ainda no coração. Alguma vez saberia o que fora feito dele?

Aquela pergunta embrenhou-a ainda mais no estado de espírito mais negro do qual tinha memória, num desespero tão absoluto que ela mal reparou no soldado familiar à porta da intendência.

— Preciso de chocolate para a minha amiga esta noite — disse-lhe ele. — E cigarros de uma marca qualquer.

— Chocolate e cigarros de uma marca qualquer vão valer-me uma visita da Polícia Secreta.

— Eu tinha de falar — disse ele. — Eu expliquei-te. Eles ameaçaram a minha irmã.

— Eles ameaçam sempre alguém, não é? — disse ela, e entrou.

Adeline percorreu rapidamente a loja, sabendo exatamente o que queria e porquê. Quando terminou, a voz na sua cabeça à qual chamava o seu «eu» seguro disse-lhe para ir até à caixa, pagar e ir-se embora. Mas deu por si zangada com aquela voz. Dera-lhe ouvidos durante anos. Era a mesma voz que lhe dizia que não merecia comer quando estava a morrer de fome, a mesma que a culpava pela morte do primeiro Walt; aquela que nunca se esquecia de lhe lembrar que era uma refugiada, alguém que ninguém queria; a voz que sussurrava que ela não era tão boa como as pessoas que a rodeavam; aquela que lhe dizia que não corresse riscos, que alinhasse, que se protegesse, que protegesse os rapazes; a voz que falava sempre por uma questão de receio.

Adeline ficou ali parada muito tempo, a olhar para o vazio, antes de perguntar finalmente aonde aquela voz a levaria. Estava mais segura do que quando se despedira da mãe? Além de um teto sobre a cabeça da sua família, de um lugar quente para dormirem e de um trabalho que os alimentava bem, ela sabia que a resposta era negativa. Enquanto ela estivesse ali, a viver sob o regime soviético, a ter de se dar com gente como a tenente Gerhardt, a resposta seria sempre negativa.

Lá no fundo das suas entranhas, Adeline sentiu a raiva alterar-se, transformar-se em desafio, e o desafio soube-lhe bem, tão bem que ela sacou de uma caneta. Acrescentou mais alguns artigos à lista, foi buscá-los e, depois, poisou-os no balcão juntamente com tudo o que o coronel Vasiliev encomendara. Acrescentou o seu dinheiro ao total e pagou.

Já lá fora, entregou uma barra de chocolate ao guarda.

— Se contares isto à tenente, nunca mais te compro nada. Feliz Natal.

— Não podes dizer isso agora.

— Mas disse, vê lá tu — disse ela, antes de seguir para a estação de comboios.



Oito horas depois, Adeline tirou um capão assado do forno da cozinha da messe formal dos oficiais soviéticos, à qual ela chamava a «sala branca», porque o coronel Vasiliev insistira em usar toalhas de mesa brancas para combinarem com as paredes e o chão. Transferiu a ave para um forno mais pequeno, para a manter quente, juntamente com várias tigelas de massa de ovo com cebola, acabada de fazer, bem como dois pães escuros russos, também eles acabados de sair do forno, com pequenas lâminas de alho tal como o coronel soviético gostava. Abriu o grande frasco de caviar e despejou o conteúdo num prato, acrescentando-lhe as bolachas de água e sal favoritas de Vasiliev e quatro tipos de queijo. Duas garrafas de vodka e três garrafas de vinho *Riesling* já se encontravam num alguidar na sala branca, envoltas em gelo.

Depois de pôr a longa mesa com uma toalha, guardanapos, talheres e cristais, Adeline tratou de deixar a cozinha a reluzir. Quando finalmente se despachou, decidiu não pensar nas coisas que estavam erradas na sua vida. Só por um dia, queria ir para casa e fazer de tudo para festejar com Walt e Will. E talvez aceitasse o convite de *Frau* Schmidt e voltasse a passar a consoada com o casal.

A pensar no quanto os rapazes ficariam animados com os presentes e a sentir-se muito melhor do que durante todo o dia, Adeline vestiu o casaco, calçou as luvas e pôs o cachecol, e saiu para o ar frio. O céu de inverno do entardecer adquirira um tom azul e rarefeito, que indicava a aproximação de temperaturas mais frias. Mal acabara de dobrar a esquina, quando o temido carro preto parou ao lado dela. A janela traseira já estava aberta.

— *Frau* Martel... — disse a tenente Gerhardt, como se fossem grandes amigas. — Que sorte a minha, encontrá-la. Por favor, entre. Estou certa de que tem muito para me contar, depois da sua maratona de compras para os festejos.



Adeline já esperava uma visita da Polícia Secreta. Era por isso que o seu saco de lona estava vazio. Fora por isso que deixara os seus presentes escondidos num armário da despensa do refeitório dos oficiais soviéticos. Ela entrou no

carro e fechou a porta. Continuaram estacionados, com o motor ligado, o mesmo motorista taciturno a fumar ao volante.

— O que é que tem no saco? — quis saber a tenente Gerhardt.

Adeline mostrou-lhe que o saco estava vazio e, em seguida, entregou-lhe o recibo de todos os artigos que comprara em Berlim.

A tenente Gerhardt examinou a lista, o seu maxilar ficando mais tenso.

— O coronel compra tudo isto?

— Não, havia aí outros pedidos de pelo menos seis dos oficiais — respondeu Adeline. — Todos pagaram com dinheiro seu. Boa vodca, principalmente.

— Quero os nomes deles. Diga-me quem é que comprou o quê.

Ela assim fez, acrescentando uma ou duas das suas compras à lista de cada um dos oficiais, e ficou à espera, enquanto Gerhardt rabiscava num caderno castanho antes de lhe perguntar:

— E que mais?

— Cozinhei, limpei e vim-me embora — respondeu ela. — Os oficiais não começarão a jantar senão daqui a uma hora.

A tenente Gerhardt continuou a tomar notas, sem olhar para ela, enquanto dizia:

— A Adeline é uma desilusão. Já lhe pedi várias vezes que ficasse e ouvisse as conversas à mesa.

— E é o que tenho feito — disse ela. — Tenho culpa se eles só sabem falar de mulheres, comida, bebida e do tempo que lhes falta para voltar para a Mãe Rússia?

A agente levantou a cabeça.

— Porque é que não ficou esta noite?

— É Natal...

— Esses brandos costumes vão deixar de ser reconhecidos pelo partido, Adeline.

— Acordei às três horas da manhã. Trabalhei que me fartei durante doze horas, tenente. Vou agora para casa, para estar com os meus filhos, e aqui vai um segredo que não terá de arrancar a outra pessoa: vou seguir brandos costumes não reconhecidos pelo partido esta noite e amanhã, durante a folga que o coronel Vasiliev me deu por motivos igualmente brandos.

Gerhardt poisou a caneta e olhou fixamente para ela durante um longo momento, antes de aproximar a cabeça da dela e murmurar:

— Não confunda o meu tom amistoso com fraqueza, Adeline. Aqui, eu sou o partido, e o partido nunca esquece. É assim que funciona.

Adeline sabia que deveria ficar calada, mas olhou fixamente para a agente da Secreta e disse:

— Acho que sei disso melhor do que a tenente. Passei a maior parte da minha vida sob o sistema soviético. A tenente está apenas a começar, o que quer dizer que o ficheiro que eles têm algures ainda é pequeno, mas vai engordando todos os dias, semana atrás de semana, mês atrás de mês, ano atrás de ano. Até que a tenente deixe de ser útil.

A agente recostou-se e olhou-a como se a reavaliasse.

— Não gosta de viver aqui, pois não, Adeline?

— Gosto do meu trabalho. Gosto de cozinhar. A escola é boa para os meus rapazes.

— Mas as coisas poderiam ser melhores para si, não poderiam?

Adeline sentiu-se incomodada, como se pressentisse alguma espécie de armadilha.

— Não tenho do que me queixar, tenente — disse ela.

O sorriso de Gerhardt era quase inexistente.

— Não penso assim. Acho que tem, e muito. Só que a Adeline é inteligente. Ninguém nunca a ouve verbalizar as suas queixas.

Adeline não disse nada.

A agente continuava a observá-la, a sorrir como se conseguisse ler-lhe os pensamentos.

— Um aviso, Adeline. A cada dia que passa, a fronteira com o Ocidente vai endurecendo.

Adeline franziu o cenho.

— Não percebi.

— Estão a ser construídas torres e vedações ao longo da fronteira. Eles agora têm cães de patrulha a postos e mais ainda estão a ser treinados. E, todos os dias, cada vez mais gente tenta fugir para o Ocidente sem autorização e acaba por ser abatida a tiro. Refugiados, principalmente.

— Não sei o que é que...

O sorriso de Gerhardt eclipsou-se.

— Pense duas vezes antes de se sentir tentada, Adeline. Digo isto para o seu próprio bem, assim como para o bem dos seus filhos.

— Continuo a não...

— Agora, é raro falar-me de *Frau* Schmidt.

Adeline sentia-se como se estivesse a ser empurrada em várias direções.

— O que é que há para contar? Ela é velha. O marido está doente. Vou fazer-lhe companhia de vez em quando.

— E os oficiais russos que vivem lá?

Ela percebeu que a tenente Gerhardt não se iria embora sem um osso para roer, pelo que lhe disse:

— Um deles, o capitão Kharkov, é um violador.

O queixo da agente recuou.

— Um violador?

— Tentou violar-me na última Véspera de Natal, na igreja onde eu costumava esconder-me nas noites de sábado e nos feriados. Consegui afugentá-lo com uma faca de talhante.

O sorrisinho da tenente Gerhardt regressou, enquanto ela abria o seu caderno, dizendo:

— Ainda bem, Adeline. Vou tomar nota disso.

Quando o carro da agente da Secreta se foi embora, deixando-a no passeio, Adeline fingiu seguir para casa, antes de dar meia-volta e regressar à cozinha para ir buscar os presentes, que guardou no saco de lona juntamente com um ou outro azeite que lhe agradou na despensa. Saiu pela segunda vez da casa dos oficiais soviéticos, sentindo-se mais do que um pouco rebelde e atrevida com a forma como lidara com a tenente Gerhardt e tirara comida aos russos.

Mas qual fora o motivo do alerta para o endurecimento das fronteiras? A agente da Secreta sabia que ela fora até à zona britânica de Berlim no ano anterior? Ou apenas vira no tom desafiador de Adeline uma prova de que ela se sentia suficientemente infeliz para fugir?

Fosse como fosse, não importava. Quando ela chegou a casa, a ideia de que havia gente a ser abatida todos os dias ao tentar atravessar a fronteira era suficiente para que ela nem sequer pensasse nisso.

A senhoria, *Frau* Holtz, estava mesmo de saída com um saco de viagem, a caminho de Berlim para uma visita a parentes com a sobrinha. Os soldados russos já tinham ido para a cidade.

— Parece que somos só nós no Natal, mamã — disse Walt.

— Podemos ir cortar uma árvore? — perguntou Will.

— O nosso quarto é muito pequeno para uma árvore. Mas não quero caras tristes. Fomos convidados para ir casa dos Schmidt, exatamente como no ano

passado.

Os rapazes bateram palmas. Walt disse:

— Vamos receber presentes como no ano passado?

— Talvez — respondeu ela, com um sorriso.

— Podemos ir andar de trenó? — quis saber Walt.

— De certeza.

— À noite?

— Não, não há lua esta noite. Há de estar escuro como breu. Mas vão buscar as vossas coisas e talvez possam andar de trenó antes que anoiteça.

Dez minutos depois, estavam vestidos com as suas roupas quentes e porta fora, com o saco de lona de Adeline cheio de comida e presentes. Foram pelo caminho mais longo e chegaram ao pátio dos Schmidt quando o sol já descia rumo ao horizonte enevoado, que projetava uma luz oblíqua por entre as árvores nuas. *Frau* Schmidt ficou encantada ao vê-los chegar e disse aos rapazes que podiam usar o trenó até ao anoitecer. Felizmente, o capitão Kharkov e os seus amigos já tinham partido fazia muito tempo. Adeline ficou com os filhos para a primeira corrida. Vê-los subir a colina no meio da neve deixava-lhe uma sensação tão agradável no fundo do peito. O que eles tinham crescido em apenas um ano: Walt tinha agora nove e Will, sete.

— Mamã! — chamou Will. — Viu como íamos depressa?

— Um recorde de velocidade! — gritou ela de volta. — Agora, vou ter com os Schmidt. Não se matem!

— Está bem! — respondeu-lhe Walt.

Adeline sorriu e deu alguns passos leves. Então, a realidade de estarem a passar mais um Natal sem Emil fez com que a sua animação caísse a pique, tal como já acontecera um milhar de vezes desde que ele fora levado. Arrastou-se até à porta da frente de *Frau* Schmidt, quase esmagada pela tristeza e pela melancolia, a sentir-se pior do que naquela manhã, quando a depressão lhe parecera uma mortalha que a envolvia. Parecia--lhe agora que as saudades de Emil lhe tinham sido cosidas ao corpo, quais fios de uma marioneta como ela vira em tempos. Queria parar e rezar pelo regresso seguro do marido, mas não sabia se tinha forças.

Finalmente, e mal conseguindo conter a dor que crescia dentro de si, Adeline estacou. Fechou os olhos e pediu a Deus que cuidasse da alma de Emil e lhe dissesse se ele estava morto, para que ela pudesse aprender a conviver com a

morte dele e com o amor perpétuo que sempre sentiria por ele, fosse o que fosse que a vida lhe trouxesse.

As lágrimas caíam-lhe pela cara, quando subiu os degraus e entrou na casa quente e acolhedora dos Schmidt. A árvore à espera da ajuda dos rapazes na decoração. Há semanas que *Herr* Schmidt não parecia tão bem e agora estava a acender a lareira.

Na cozinha, *Frau* Schmidt estava atarefada com o forno. Quando ouviu a porta fechar-se, voltou-se e disse:

— Adeline... Mas está tudo bem consigo?

— Estou a fazer para que esteja, Greta! — respondeu ela, antes de se desfazer em lágrimas.

Enquanto o marido se levantava preocupado, a mulher mais velha atravessou a cozinha e foi ter com ela.

— Minha querida, o que é que se passa?

— É sempre difícil nesta altura do ano, não saber — lamentou-se ela. — E aquela mulher malvada, a tenente Gerhardt, disse-me que o Emil foi colocado num campo onde a doença já matou quase toda a gente. Levaram-mo em março do ano passado e não faço ideia de se está vivo ou morto.

Frau Schmidt abraçou-a e disse:

— Nem consigo imaginar. Mas tem os seus filhos. Aconteça o que acontecer, terá sempre neles o espírito do seu marido.

Lembrando-se de que os seus amigos tinham perdido o filho na guerra, ela parou de chorar e recuou para olhar para a mulher mais velha, que tinha qualquer coisa de saudosos na sua expressão.

— Obrigada por me lembrar da sorte que tenho, Greta — disse ela.

Will entrou de rompante.

— Mamã, venha depressa. Tem de ver o céu. Está tão... Quero dizer, nem vai acreditar!

Ela hesitou, enxugando as lágrimas com a manga do casaco.

— Vá lá — disse-lhe *Frau* Schmidt. — Os seus filhos querem dar-lhe um presente no qual nem vai acreditar. Há alguma coisa melhor do que isso?

Adeline olhou para ela, sorriu e abanou a cabeça.

— Obrigada — disse ela de novo.

Abotoando o casaco e passando o lenço por cima da cabeça, saiu e deu com os filhos a olharem para cima, com uma expressão fascinada. Ela seguiu-lhes o olhar e arquejou.

O sol já praticamente se sumira abaixo do horizonte, mas a sua luz moribunda cobria de fogo cinco nuvens que se estendiam em longas e finas espirais, pintando-as com generosos vermelhos, dourados e roxos, como outras tantas fitas penduradas no céu acima, que giravam lentamente como se sopradas por um remoinho de brisa. A sorrir ao ver aquelas fitas de nuvem, Adeline sentiu os filhos aproximarem-se e abraçarem-lhe a cintura.

— Um Feliz Natal mandado pelo céu, mamã — disse Walt.

Adeline sentiu que as lágrimas corriam de novo e abraçou com força os seus dois filhos; ainda tinha os olhos postos no céu, quando ouviu a porta abrir-se e passos no alpendre.

— Vejam-me só aquilo! — disse *Frau* Schmidt.

— Não é incrível? — perguntou-lhe Adeline, com um sorriso.

— Peter! — chamou *Frau* Schmidt. — Vem ver, antes que desapareça!

O marido saiu, ainda a debater-se com o casaco, mas parou quando olhou para cima e viu as fitas. Ficou boquiaberto por um instante.

— Meu Deus, nunca vi nada assim.

As cores nas nuvens iam mudando a cada minuto que passava, tornando-se mais vermelhas e mais roxas do que douradas e, então, apenas roxas, antes de a escuridão se apoderar daquele presente dos céus e o transformar numa recordação que nunca seria esquecida.

— Gostou do seu presente? — perguntou Will, enquanto regressavam à casa da quinta.

— Um dos melhores presentes de sempre, obrigada — respondeu ela, envolvendo os dois filhos num abraço bem apertado.

Frau Schmidt já estava atarefada na cozinha quando entraram. E *Herr* Schmidt continuava com o seu casaco pesado e o chapéu de inverno, acorocado para acender o lume que começou a dançar no fogão, enquanto Adeline e os rapazes despiam as roupas de inverno.

— Isso há de saber mesmo bem daqui a uns quinze minutos — disse Walt.

— Eu gosto apenas de olhar para o fogo — disse Will.

— Toda a gente gosta — disse *Herr* Schmidt, fechando a porta do fogão e despenteando o cabelo de Will, antes de tirar o chapéu e o casaco. — O que me dizem de cantarmos umas canções de Natal?

Os dois pequenos bateram palmas e olharam para Adeline, que não estava propriamente com vontade de cantar. Não obstante, assentiu com a cabeça.

— É uma boa ideia.

— Peter! — chamou *Frau* Schmidt.

— Greta?

— Disseste que havia qualquer coisa no correio para a Adeline.

— Ahh... — disse ele, abanando o dedo como se tivesse acabado de se lembrar. — Guardei-o aqui, acho eu. — Meteu a mão no bolso interior do casaco e tirou de lá um envelope fino. — Não sei porque é que o mandaram para aqui. Há já quase um ano que não está cá.

Igualmente intrigada, Adeline pegou no envelope e viu o endereço datilografado com o seu nome, ao cuidado dos Schmidt, e um remetente: «IRC-DPC-Alfeld».

Os rapazes foram para a cozinha, onde *Frau* Schmidt estava a tirar biscoitos do forno.

— Onde é que fica Alfeld? — perguntou Adeline, enquanto virava o envelope, reparando que a aba estava parcialmente aberta ou fora mal refechada.

— Não faço ideia — disse *Herr* Schmidt. — Mas, também, a minha memória já não é o que era.

Introduzindo um dedo sob a aba levantada, Adeline rasgou-a e retirou uma única folha de papel, antes de a desdobrar. Começou a ler a carta datilografada. Enquanto o fazia, a sua mão livre começou a tremer e, depois, subiu trémula até aos lábios. Os olhos de Adeline turvaram-se antes que ela atirasse a cabeça para trás e erguesse as mãos, gritando num misto de incredulidade e pura alegria.

— Meu Deus, filhos, é uma carta da Cruz Vermelha Internacional! O papá está vivo e em liberdade! Está à nossa espera no Ocidente!

Os rapazes começaram a saltar para cima e para baixo, e a gritar com ela.

— Onde é que ele está? — perguntou Will aos gritos.

— Num campo de deslocados, num lugar chamado Alfeld! Na zona britânica!

Walt sossegou e, agora, parecia confuso.

— Como é que ele foi lá parar?

Ela olhou para a carta por entre lágrimas, que teve de enxugar para a reler.

— Não diz. Só diz que ele está à espera que lhe escrevamos.

Os Schmidt partilharam a felicidade dos três, que naquela noite era contagiante. Comeram, beberam e brindaram, antes de *Herr* Schmidt ir até ao piano e tocar uma melodia alegre que Adeline não reconheceu. Mas tinha qualquer coisa de sapateado que lhe lembrou a canção que um acordeonista tocara no seu

casamento, e como ela e Emil haviam dançado como se tivessem adormecido na Rússia e acordado no Paraíso.

Estendeu as mãos na direção dos filhos.

— O que é que estamos a fazer? — perguntou Walt, quando ela começou a puxar-lhe os braços para um lado e para o outro.

— Estamos a dançar — disse ela. — Vamos a dançar a noite inteira, porque o vosso pai está vivo!

QUINTA PARTE

O Último Vale Verde

Capítulo Trinta e Seis

13 de março de 1947

Gutengermendorf, Alemanha Oriental ocupada pelos Sovietes

Adeline fechou a porta entre a cozinha e a área de refeições dos alojamentos dos oficiais soviéticos, verificou as beterrabas-sacarinas que estava a estufar para fazer melaço e, em seguida, sacou da quarta carta que Emil lhe escrevera. Quando a abriu, tinha as mãos a tremerem, embora não com o choque e o espanto maravilhado que a haviam percorrido ao saber que ele estava vivo e num campo de deslocados cinquenta quilómetros a sul de Hanôver, na Alemanha, perto da cidade de Alfeld.

Adeline ficou entusiasmada ao receber aquela última carta, claro, mas também ansiosa ao ver que, mais uma vez, alguém abrira o envelope e lera o conteúdo antes dela. A tenente Gerhardt, sem dúvida. Na Véspera de Natal, a agente da Secreta já sabia que a Cruz Vermelha lhe escrevera. Fora por isso que Gerhardt a alertara a respeito de qualquer tentativa de ir para o Ocidente.

Desde aquela carta, a mulher fizera tudo para dar a entender que estava ao corrente de cada palavra trocada entre ela e Emil. A agente da Secreta sabia que ele fugira de Poltava, atravessara toda a Ucrânia, Polónia e Alemanha Oriental e, depois, se infiltrara na zona britânica com um grupo de soldados do exército que regressavam e com a inestimável ajuda de um deles, que gostava de linguiça e lhe cedera documentos para mostrar a um guarda da fronteira, antes da travessia final.

— O seu marido é um criminoso, um inimigo do Estado — dissera várias vezes a tenente Gerhardt. — E a Adeline também será uma criminosa e inimiga do Estado, se decidir fugir com os seus filhos para junto dele.

Gerhardt parecia gostar de dizer aquele género de coisas a Adeline, que sabia que a agente da Secreta estava a tentar provocar uma reação reveladora. Mas ela crescera com a noção de que, em circunstâncias como aquela, a melhor reação era não reagir ou uma oportuna mudança de assunto.

— Estou a tratar dos documentos para que possamos, os três, ir ter com ele legalmente — dizia ela, sempre que a tenente Gerhardt falava em Emil, nas suas cartas e na sua suspeita de que ela estava a preparar-se para tentar deixar a Alemanha Oriental ocupada pelos soviets.

— Eles matar-lhe-ão os filhos, se e quando tentar fugir — dissera Gerhardt, na última conversa de ambas.

Mas, até à data, as suspeitas da agente da Secreta não tinham passado disso mesmo. A tenente Gerhardt podia ter lido cada palavra trocada entre Adeline e Emil, mas não percebera que, naquelas cartas, eles não estavam apenas a declarar o seu amor e a descrever a vida e os anseios de cada um; eles estavam a usar um «código de espelho», que já haviam usado anteriormente sob o regime das autoridades comunistas. Tudo o que um deles tinha de fazer era referir um espelho ou um reflexo ou qualquer coisa prateada, como a superfície de um lago ou rio, e o outro ficava a saber que as frases seguintes queriam dizer exatamente o oposto. O recurso a verbos conjugados na primeira pessoa do presente indicava que a mentira parara, que aquilo que se seguia era a verdade.

Na sua primeira carta a Emil, Adeline escreveu:

Meu querido amor,

Não fazes ideia do quanto me alegrou receber a tua carta na Véspera de Natal. Os pequenos estavam tão felizes que não paravam de pular e de gritar a ple-nos pulmões! Vi-me ao espelho naquela noite e pensei no quanto gostaria que viesses ter connosco. A nossa vida é muito melhor do que era em Friedenstal. Somos felizes aqui. Ninguém escuta as nossas conversas como no antigamente. Penso em ti a toda a hora, enquanto trabalho na cozinha. O Walt está a estudar Geometria e o Will está a aprender a ler. Até que estejamos nos braços um do outro, amo-te de todo o coração. A tua Adeline



Agora, Adeline estava a ler a última resposta de Emil, que lhe deixou o estô-mago virado do avesso, tal era a adrenalina.

Minha querida Adeline,

Rezo para que estejas bem e feliz, e que os rapazes cresçam com forças e saúde. Existe uma lagoa prateada perto do campo e dou por mim muitas vezes a olhar para ela, a pensar se não deveria ficar aqui à espera, se deveria antes tentar ir ter contigo e com os pequenos. Agora, a fronteira já está praticamente fechada por completo. Ouvi dizer que a única maneira de os refugiados a atravessarem em qualquer das direções é a oficial. Ontem, junto à lagoa, dei por mim a pensar que, se a vida é como a descreves, será melhor que fiques aí e que eu vá para leste, ter contigo. Abranda os teus planos e espera que eu te bata à porta em breve ou que te ligue quando chegar à estação de comboios daí. Quero que saibas que te amo e que estou muito animado, à espera de te ver muito em breve. Abraça e beija os pequenos por mim. O teu marido que te adora, Emil.



Adeline poisou a carta na mesa e levou as mãos à cara. Se lera bem, Emil não estava a dizer-lhe para esperar que fosse ter com ela. Estava, isso sim, a dizer-lhe que ela, enquanto refugiada, tinha de encontrar uma forma de passar a fronteira o mais depressa possível, porque ainda havia lugares onde isso era possível. Mas ela não fazia ideia de onde a atravessar, onde ainda não houvesse vedações ou patrulhas ou cães ou torres de vigia, ou tudo isto, que ela e os seus dois filhos teriam de evitar a todo o custo.

As palavras de Emil muito tempo antes ecoaram-lhe na memória: *A dada altura, vais ter de decidir onde é que queres passar a vida — em escravidão ou em liberdade — e, se escolheres a liberdade, vais ter de correr pelo meio de uma terra de ninguém, com balas a zunirem à volta da tua cabeça para chegares lá. Não acho que haja maneira de o evitar. Se quisermos essa vida, vamos ter de correr o risco de morrer por ela.*

Olhou para o relógio da cozinha dos alojamentos dos oficiais soviéticos e viu que era quase meio-dia. O coronel Vasiliev e os seus homens iam passar a noite em Berlim. Assim que o melaço estivesse pronto e guardado nos dois frascos de vidro, a tarde era dela.

Depois de selar os frascos, deixou-os em cima da mesa e decidiu ir dar um passeio, para tentar organizar as ideias. Já com o casaco vestido, deambulou pela aldeia e deu por si a seguir a estrada que a levava à quinta dos Schmidt. Ain-

da não percorrera mais de cem metros, quando viu aproximar-se o carro da tenente Gerhardt.

Por um instante, pensou em embrenhar-se na floresta, para evitar a agente da Secreta, mas decidiu que seria a pior coisa que poderia fazer. Deixou-se ficar quieta, à espera de que o carro parasse ao lado dela. A janela abriu-se.

A tenente Gerhardt brindou-a com um sorriso superficial.

— Imaginava-a na cozinha, Adeline.

— Deram-me a tarde de folga.

— Sim, eu sei. Como é que correu a sua ida à intendência, ontem?

— Demorei-me mais do que contava porque eles alteraram o horário — respondeu Adeline, ao que lhe entregou a lista, bem como o recibo.

Gerhardt examinou a lista.

— Cigarros?

Adeline preparara-se para aquela pergunta:

— O coronel voltou a fumar.

— Hmm — disse a tenente Gerhardt, assentindo com a cabeça. — E aonde é que vai?

— Vim dar um passeio. Está o dia mais bonito que tivemos ultimamente.

— Não sei se diria o mesmo — comentou a agente, num tom duvidoso. — Venho de casa da sua amiga, *Frau* Schmidt. O marido piorou. Um derrame, diz o médico.

Adeline tentou não reagir, mas deu por si a torcer as mãos.

— Então, eu poderia ajudá-la. Posso ir, por favor?

— Ouvi dizer que o seu marido está a pensar em vir ter consigo?

— É o que ele tem em mente.

— Ele não tem medo de ser enviado para leste, se vier para cá?

Adeline não sabia o que responder, pelo que disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

— Tem mais medo de não nos ver, a mim e aos meus filhos.

— E deveria ter — disse a tenente Gerhardt, antes de fechar a janela.



O carro arrancou. Adeline ficou a olhar para ele, sentindo-se cada vez mais ansiosa. Desde que Emil a contactara, começara a fazer por estar na estação

quando chegava o comboio do meio-dia, para falar com alguns dos refugiados sem abrigo que encontrava e ver o que eles sabiam a respeito de alguma maneira de sair em segurança da zona soviética. Todavia, sempre que perguntava, as informações que recebia eram pouco consistentes. E sempre que corria o risco de perguntar a outra pessoa, arriscava-se também a ser denunciada a alguém como a tenente Gerhardt.

O Emil quer que eu fuja, mas não pode dizer-me como, pensou ela, antes de dar meia-volta e apressar-se estrada acima, a caminho da quinta. Estava a bater à porta poucos minutos depois. *Frau Schmidt* abriu, viu-a e sorriu, desolada.

— Já sabe? — perguntou-lhe ela.

— Do seu marido? Sim. Onde é que ele está?

— Lá em cima, com o médico — respondeu a mulher de idade, com uma lágrima a escorrer-lhe pelo rosto. — Ele não me reconhece, Adella.

Adeline abraçou *Frau Schmidt*, que lhe retribuiu o abraço com o dobro da intensidade. Quando se apartaram, a mulher do lavrador sentou-se à mesa, cruzou as mãos trémulas e disse:

— E ainda há pior. O partido considera que estamos demasiado velhos e, agora, demasiado doentes para amansar a terra. Como a Adeline tinha previsto, vão transferir-nos.

— Lamento imenso, Greta — disse ela, com o coração apertado.

O médico desceu as escadas. Olhou para Adeline, cumprimentou-a e, depois, falou com *Frau Schmidt* a respeito do estado do marido. Dera-lhe uma injeção e ele estava a dormir. Disse-lhe que não deveria tentar dar nada ao marido, a não ser água, até que ele voltasse no dia seguinte e, então, foi-se embora.

A idosa subiu para ver como estava o marido doente e, depois, voltou para a mesa, dizendo melancolicamente:

— Quem me dera que o tivéssemos feito na semana passada, antes de ele...

— Feito o quê? — perguntou Adeline, olhando para o relógio e vendo que tinha mais uma hora até os rapazes saírem da escola.

Frau Schmidt hesitou, antes de lhe responder:

— Tentar ir para o Ocidente. Temos parentes perto de Düsseldorf. Mas agora...

Adeline vacilou, mas acabou por lhe perguntar:

— O que é que a tenente Gerhardt pergunta a meu respeito?

— Ela quer saber se vai tentar partir e ir para o Ocidente.

— E o que é que a Greta lhe disse?

— Que está a seguir o devido processo de candidatura.

Sentindo alívio e também um arrepio de expectativa, Adeline estendeu o braço para cobrir com as suas as mãos ossudas de *Frau* Schmidt e olhou a amiga nos olhos.

— Pode dizer-me por onde iriam tentar fugir? E como?

Greta engoliu em seco e assentiu.

— Mas não faço ideia de se vai resultar, Adeline.



Cinco dias depois, a 18 de março de 1947, Adeline acordou às duas e meia da manhã e despertou os pequenos. Walt acordou meio zozzo, enquanto Will perguntava num gemido:

— Porque é que estamos a levantar-nos tão cedo, mamã?

— Pouco barulho — sussurrou ela. — Vamos ver o papá.

Will afastou a almofada da cabeça. Walt estava completamente desperto.

— A sério?

— É agora ou nunca — sussurrou ela de novo, e tocou-lhes nas bochechas.

— Vistam as vossas roupas quentes. Apertem bem os atacadores das botas. Vamos fazer uma longa caminhada. E, por favor, caladinhos como ratos quando sairmos. Não queremos acordar os vizinhos nem os cães deles.

— Mamã... — começou Will.

— Nem mais uma palavra, enquanto eu não disser! — sibilou ela. — Entendido?

Os dois rapazes encolheram-se, mas assentiram. Era raro verem a mãe assim.

— Muito bem. Esperem por mim lá fora. Fechem devagar a porta da frente.

Adeline deixou o quarto o mais silenciosamente que conseguiu, vestiu o casaco, calçou as botas e saiu pela porta da frente, deixando-a entreaberta. A temperatura estava acima de zero e o céu quase tão escuro como breu, com apenas uma nesga de uma lua minguante no céu, quando ela se dirigiu ao portão e o abriu, tendo tido o cuidado de lubrificar as dobradiças dois dias antes. Em seguida, foi até às grandes portas de correr do celeiro de tijolo. Também lhes lubrificara os rodízios, pelo que não teve problema em empurrá-las silenciosamente, para ir buscar a sua pequena carroça, na qual já tivera o cuidado de arrumar os seus pertences essenciais, envolvendo-os depois em dois cobertores.

Foi ter com os filhos ao alpendre e fez-lhes sinal para que a seguissem. Desceram a rua até ao outro lado da vila, onde ficava a pequena estação de comboios. O das três e um quarto para Berlim estava atrasado e praticamente vazio naquela manhã. O revisor reconheceu-a, quando comprou os bilhetes.

— Já no primeiro comboio e com os pequenos?

— Vamos passar o dia e a noite com a minha irmã e a minha mãe, em Falkenberg — disse ela, e olhou para os filhos de uma forma que lhes deu a saber que não deveriam corrigi-la.

— Chegarão lá antes das dez horas — disse ele. — Vai ter de comprar os bilhetes para Falkenberg em Berlim.

Quando o comboio começou a andar, Adeline percebeu que ele estava com vontade de ficar à conversa, mas ela agarrou num dos cobertores e poisou-o no colo dos três.

— Vamos ver se dormimos um pouco — disse ela aos pequenos, fechando os olhos sem mais demora.

Esperou que o revisor se afastasse, para os puxar para perto de si. Beijou cada um deles na cabeça, fechou de novo os olhos e imaginou-se a correr para os braços de Emil, imaginou todos eles a correrem para os braços de Emil, novamente uma família. Uma vez que viu isso claramente na sua mente, começou a orar repetidamente a Deus, para torná-lo real. Sentiu o cheiro de Emil e os grandes braços dele à sua volta. Ouviu-lhe a voz roufenha dizer o quanto a amava e que eles nunca, nunca haviam de separar-se. Repleta de emoções felizes, viu-se de novo nos braços dele, uma e outra e mais outra vez ainda. Durante a hora daquela viagem, enquanto os pequenos dormiam, continuou a ver-se no abraço de Emil e a agradecer a Deus por tornar aquilo real, por tê-los reunido depois de mais de dois anos de separação e saudade.



Ainda estava escuro como breu quando chegaram a Berlim às quatro e vinte e cinco daquela manhã. Ela abanou os rapazes para os acordar, dobrou o cobertor e devolveu-o à pequena carroça.

— Já chegámos, mamã? — perguntou Will, num resmungo.

— Falta mais comboio, uma caminhada e um outro comboio — respondeu-lhe ela, puxando a pequena carroça pelo cais até à estação central. Verificou os

horários e viu que a partida do comboio que queria estava prevista para as quatro e quarenta e cinco na linha mais distante.

— Vamos, rapazes, empurrem — disse ela. — Temos de nos apressar.

A estação estava surpreendentemente apinhada àquela hora da manhã. Avançaram pelo meio da multidão e viram dois soldados a fumarem e a rirem-se de alguma coisa, perto da entrada principal. Adeline ficou de olho neles, até que chegaram à linha pretendida, viraram costas aos soldados e seguiram à pressa para um comboio de dez carruagens.

A primeira estava apinhada. O mesmo se aplicava à segunda. Um revisor estava a fumar junto à terceira.

Tinha vinte e poucos anos, barba rala e acne. Virou-se mal-humorado assim que viu Adeline e os pequenos no cais, a empurrarem e a puxarem a carrocinha.

Fazendo um esgar, apontou com o cigarro para a carroça.

— Onde é que pensa que vai com isso? E é bom que tenha documentos, se vai para Wolfsburg.

— Oebisfelde — disse-lhe Adeline.

O homem encolheu o queixo, ao mesmo tempo que bufava e abanava a cabeça.

— Última paragem antes da zona britânica. A senhora não vai entrar no meu comboio. Eu sei o que está a fazer. Se eu a deixar entrar e não a denunciar, vou acabar numa lista de merda. E você não está a pôr em risco os seus filhos, ao tentar uma coisa deste género?

Adeline espreitou por cima do ombro e não viu ninguém.

— Não, se não formos apanhados — disse ela. — E você não vai acabar nessa lista. Juro.

— Porque é que eu haveria de arriscar?

Adeline introduziu a mão por baixo do segundo dos cobertores que estendera para acomodar os seus pertences no carrinho e tirou dois frascos de melaço.

— Fui eu que o fiz com beterrabas-sacarinas que eu mesma apanhei.

O revisor olhou para os frascos e riu-se.

— Nem um dos seus filhos entraria por conta disso.

Foi a vez de ela fazer um esgar, mas meteu de novo a mão debaixo do cobertor e tirou uma garrafa de uísque e um volume de cigarros turcos que lhe tinham custado metade do seu último salário na intendência dos oficiais soviéticos. Mostrou-lhe os dois.

— São seus, se nos deixar entrar, ajudar a guardar a nossa carrocinha no vagão da bagagem e ajudar a tirá-la em Oebisfelde. O uísque, agora. Os cigarros, quando nos formos embora.

O revisor mordeu o lábio por um segundo; depois, largou o cigarro e calcou-o com o tacão, antes de pegar na garrafa.

— Você e os seus pirralhos: levem a carroça até ali.



Cinco minutos depois, Adeline e os rapazes estavam no interior da sexta caruagem apinhada, sentados do lado oposto ao cais. Will e Walt estavam tão cansados que adormeceram encostados à mãe, assim que ela lhes estendeu o cobertor por cima. Ela queria fazer o mesmo, buscar refúgio da sua crescente ansiedade, obrigar a cabeça a abrandar. Mas não podia.

Adeline mantinha-se hipervigilante, atenta ao que as pessoas diziam à sua volta e a pensar se também elas estavam em fuga, ao encontro da liberdade.

O comboio começou a andar. Os pequenos remexeram-se durante o seu sono, encostados a ela, que teve de recorrer a tudo o que tinha para contrariar o medo que crescia dentro dela ao ritmo da velocidade do comboio. Quando passou para picar os bilhetes, o revisor já cheirava a uísque.

— Quanto tempo? — perguntou-lhe ela.

— Temos as linhas desimpedidas — respondeu ele. — Deve chegar lá por volta das seis menos cinco, pouco antes do nascer do sol, ainda a tempo de eles a verem e a abaterem a tiro, quando a virem fugir.

Foi-se embora, parecendo quase divertido. Adeline sentiu um sabor cáustico no fundo da boca, enquanto fazia as contas ao tempo que faltava até ao nascer do sol, que um livro que ela consultara nos alojamentos dos oficiais soviéticos dizia estar previsto para as 6h23. Subtraindo meia hora, o revisor tinha razão: deveriam chegar a Oebisfelde ao amanhecer. A cada passo que ela e os rapazes dessem depois de sair do comboio, a luz do dia aumentaria, juntamente com a hipótese de serem descobertos, de serem alvejados e pior.

Eu deveria ter vindo mais cedo! Deveria ter apanhado o comboio da meia-noite para Berlim!

Mas o comboio da meia-noite estaria mais cheio e a estação central também, de certeza. Teriam chegado a Oebisfelde por volta das três da manhã, com ape-

nas uma nesga de lua minguante. *Como é que veríamos o caminho? Como é que saberíamos que estávamos a seguir a direção certa?*

Ela não tinha lanterna e sentira receio de roubar uma nos alojamentos dos oficiais, e que a luz os traísse enquanto fugiam para a liberdade. Acabara por decidir que uma fuga noturna não valia o risco. Agora, porém, enquanto o comboio avançava para o amanhecer, estava arrependida.

Não, pensou, reprimindo a emoção. Tenho de acreditar que este é o momento certo e o caminho certo a seguir.

Fechou os olhos e estava a começar a passar pelas brasas, quando ouviu a pergunta do revisor a ecoar-lhe na mente: *Não está a pôr em risco os seus filhos?*

Despertou, alerta, tensa, o peito a arfar quando olhou para Will e, depois, para Walt, sentindo o coração palpar de receio por eles e por ela. Eles *estavam* a correr um risco, um risco terrível, todos eles. Estavam em perigo desde que tinham saído de casa com a carrocinha. Se fossem apanhados, os soviets poderiam separá-la dos pequenos. Poderiam mandá-la para leste, para um campo de trabalho, e Walt e Will para um orfanato. A cada quilómetro que passava no trajeto oeste-sudoeste de Berlim em direção a Oebisfelde, à fronteira e à zona britânica mais além, a ansiedade dela avançava do medo para o terror.

E se eu for abatida? E se forem os pequenos? E eu, não?

A mente de Adeline rodopiava e fê-la recuar no tempo mais de uma década, vendo-se como se estivesse no teto do seu apartamento em Pervomaïsk, onde segurara nos braços o primeiro Waldemar logo após ele morrer e ficara a saber o que era sentir algo ser-lhe arrancado do coração, uma agonia tão absoluta e devastadora que lhe dera vontade de se deitar e morrer ali mesmo.



No comboio, Adeline arquejou com a emoção dolorosa daquela recordação horrível.

— Mamã? — perguntou Will, trazendo-a de volta à realidade. — Sente-se bem?

— Sim, eu... — começou ela, o coração a bater com força e o estômago às voltas, quando olhou para o seu querido menino na carruagem pouco iluminada. — Porquê?

— A mamã gritou. Disse «Waldemar».

— O que foi? — perguntou Walt, semidesperto.

— Nada — sussurrou Adeline. — Voltem a dormir, vocês dois.

Enquanto eles voltavam a aninhar-se e aconchegar-se contra a mãe, ela fez por não pensar no suor frio que sentia na testa, nem na náusea que sentia no estômago, nem na fraqueza que lhe apertava o peito e tolhia as pernas, ao pensar que um deles pudesse morrer antes dela. *Não aguentaria uma coisa assim. Não consigo passar por isso de novo, Senhor. Não sou capaz.*

Percebeu que estava a sustentar a respiração e obrigou-se a inspirar uma e outra e mais outra vez. E, ao fazê-lo, por razões que nunca seria capaz de explicar devidamente, pensou em quatro linhas da terceira carta de Emil: *Lembras-te daquele cabo Gheorghe? O romeno com a cabeça amolgada e o hidromel? Voltei a vê-lo. Pedeu que disseses olá à Malia, se tiveres oportunidade.*

O cabo Gheorghe. Claro que ela se lembrava dele. Como poderia não se lembrar? Aqueles olhos hipnóticos e a maneira como falara sobre a Batalha de Estalinegrado, a descrição do seu despertar depois de ser atingido por um morteiro durante o ataque soviético inicial, como passara a ver mundo de forma diferente e como soubera sem qualquer margem de dúvida que sobreviveria para contar a história. Aquela crença inabalável parecia ter protegido o romeno, enquanto ele atravessava a batalha mais sangrenta alguma vez travada neste mundo.

Tenho de acreditar como ele, pensou Adeline. *Tenho de acreditar com cada fibra do meu ser, sem duvidar de que havemos de conseguir. Sem dúvidas.*

De repente, percebeu que, se realmente não tinha dúvidas, fossem elas de que espécie fossem, ficaria mais calma e tomaria melhores decisões na escuridão que se ia esgotando e na luz crescente que ela e os seus queridos filhos tinham pela frente.

Sem dúvidas, Adella. Tu já lá estás.

Fechou os olhos e repetiu as palavras uma e outra vez, enquanto se deixava adormecer, a pensar naquela visão do reencontro à qual se agarrara no comboio para Berlim, sentindo que os braços fortes de Emil a rodeavam, a protegiam, a seguravam contra o peito dele enquanto ela...

— Senhora... — disse o revisor, e abanou-lhe o ombro. — Acorde. Oebisfelde, próxima paragem. Temos de vos tirar daqui, os três e a vossa carroça, depressinha. Entendeu?

Capítulo Trinta e Sete

18 de março de 1947, 5h47

Oebisfelde, Alemanha Oriental ocupada pelos Sovietes

—Entendeu? — repetiu o revisor, irritado. — E quero os meus cigarros.

A garganta de Adeline começou a contrair-se e o coração disparou de novo. Os pensamentos a respeito da perda de outro filho voltaram. Tentavam paralisá-la.

Para com isso. Nada de dúvidas, Adeline. Tu já lá estás.

— Há de receber o volume assim que estivermos de partida — disse-lhe ela. — Rapazes, acordem. Vamos dar o nosso passeio.

— Um passeio? — O revisor quase resfolegou. — Minha senhora, quando tivesse de ser, eu correria como um louco. Os russos dispararam primeiro e...

— Pare — disse ela, enquanto os rapazes despertavam lentamente. — Por favor. Faça-o por eles.

— ‘Tá bem, ‘tá bem — disse ele, e dirigiu-se para o fundo da carruagem.

— Estou com sede e preciso de fazer chichi, mamã — disse Will.

— Eu, também — disse Walt.

Adeline estava a dobrar o cobertor e a aperceber-se de que se esquecera de levar água.

— Fazemos chichi quando nos apearmos e procuramos um pouco de água antes do próximo comboio — prometeu.

Will gemeu.

— E isso é quando?

Ela já se preparava para usar um tom mais agreste, mas conteve-se.

— Mais depressa do que imaginas.

O comboio abrandou. Ela espreitou para fora, tentando olhar para leste, tentando encontrar o amanhecer e finalmente detetando a sua pálida sugestão arroxeadada ao longe, num campo de cereais coberto por uma polegada de neve recente.

— Cá vamos nós — disse ela, encaminhando-os para o corredor e seguindo-os em direção à porta das traseiras. — Os Martel viajantes estão de partida para mais uma aventura.

— A mamã diz sempre isso — observou Will.

— Porque estamos sempre a viajar — disse Walt, com um ar condescendente.

Adeline olhou de novo lá para fora, registando as silhuetas dos telhados, antes de o comboio parar com um chiar e um silvo numa estação de dois andares, revestida a tijolo e com um único cais iluminado por lampiões a gás e pelo amanhecer.

— Toca a mexer, já — disse o revisor. — Depressinha.

Ela desceu e disse aos pequenos que ficassem no cais, antes de correr atrás do revisor, para lhe perguntar:

— Somos os únicos a descer aqui?

Chegaram ao vagão de bagagem; ele parou e respondeu:

— Os únicos suficientemente loucos para o fazer nesta viagem. A maioria apanha o comboio anterior para Oebisfelde e tenta no escuro.

— Mas disseram-me que havia árvores que nos esconderiam.

— Costumava haver árvores por entre as quais era possível uma pessoa esgueirar-se, para atravessar a fronteira sem ser vista — disse ele, enquanto tiravam a carroça. — Eles abateram-nas na semana passada e começaram a desenterrar os tocos. Está a tornar-se uma verdadeira terra de ninguém perto da fronteira.

Nada de dúvidas, Adeline. Já lá estás. Já estás nos braços do Emil.

— Obrigada pela informação — disse ela, entregando-lhe os cigarros. — E pela sua bondade.

Adeline estava à espera de alguma resposta sarcástica. Em vez disso, o revisor aceitou os cigarros, suspirou e disse:

— Boa sorte, minha senhora. E para os seus filhos. Alguém me disse que, se vir a torre medieval que há na vila, é porque foi longe de mais, e o mais provável é eles verem-na e deterem-na antes que possa tentar sequer começar a dirigir-se para a fronteira.

— É sempre bom saber — disse ela, e foi ter com os rapazes, levando a carrocinha atrás de si.

O revisor subiu para a primeira carruagem de passageiros. Quando Adeline chegou junto dos filhos, o comboio estava a sair, deixando-os sozinhos no cais,

com o horizonte oriental agora de um roxo-pálido rasgado por vermelhos sombrios.

Will começou a saltar de um lado para o outro e disse:

— Estou com sede e preciso de fazer chichi.

— Eu, também — disse o irmão.

— Não podem fazer aqui — disse ela. — Lá fora.

Atravessaram a estação vazia com a sua carrocinha. Adeline reparou que esta última parecia estranha, como se uma das rodas estivesse desalinhada e se arrastasse, quando saíram para os degraus cobertos de neve, dos quais se via o cruzamento de uma estrada que seguia para oeste paralela aos carris e outra que serpenteava para sul, entrando na vila para a qual *Frau* Schmidt lhe dissera que deveria ir.

«Eles irão mandá-la parar na fronteira, se tentar a estrada alcatroada junto aos carris ou a outra estrada, também alcatroada, no lado sul da vila», dissera-lhe Frau Schmidt. «Mas o Peter e eu ficámos a saber que, a meio caminho entre as duas estradas, há um beco diagonal à sua direita. Se o seguir, há de encontrar uma outra estrada, que corta para oeste pelo meio de terras agrícolas até à vila de Danndorf, a cerca de quatro ou cinco quilómetros.

»Pouco antes da fronteira propriamente dita, cerca de cento e cinquenta metros à sua esquerda, há de ver uma casa de dois andares, de onde os soldados soviéticos vigiam o caminho e a estrada alcatroada a sul. Mas o caminho passa pelo meio das árvores que protegem a fronteira ali perto. Se conseguir chegar a essas árvores sem ser vista e ficar escondida, eles só a verão atravessar quando for tarde de mais.»

Mas as árvores foram cortadas!



— Mamã! — sussurrou Will, a dançaricar. — Preciso tanto de fazer chichi como daquela vez que me obrigou a fazer chichi no frasco.

— Eu tenho de fazer chichi, mas não estou assim tão mal — disse o irmão.

— Vão — disse ela, apontando para a direita. — Ali, enquanto levo a carroça para baixo.

Os rapazes desceram os degraus a correr e trataram de desabotoar as respectivas braguilhas, junto a uns arbustos. Ela tentou descer a carroça pelos degraus,

mas não conseguiu controlá-la e deixou-a escorregar até à rua lamacenta, com quatro grandes baques seguidos de um estalar ominoso.

— O que é que foi aquilo, mamã? — perguntou-lhe Will, num sussurro.

Ela empurrou a carroça, sentiu-a rolar e respondeu:

— Não sei.

Will terminou e foi a correr ter com ela. Adeline olhou para leste, para o horizonte vermelho e roxo cada vez mais claro e sentiu de novo o pânico. Olhou para trás e viu Walt parado perto dos arbustos, a olhar à sua volta, como se tivessem todo o tempo do mundo.

— Vamos, Walt! — silvou ela.

— Ele é sempre assim — disse Will, enquanto o irmão se sobressaltava e corria direito a eles.

Adeline já quase conseguia distinguir as feições do filho mais velho na clareza da alvorada. Sabia que aquela oportunidade de uma liberdade fácil estava a esgotar-se, segundo a segundo.

— Vocês os dois, atrás da carroça — disse ela. — Depressa, vamos. E se virem uma torre velha à nossa frente, digam-me para parar.

Deram dois passos antes que o braço que segurava a roda dianteira direita da carroça se partisse e a roda caísse. Desequilibrada, a carroça por sua vez inclinou-se e caiu em cima dela. Adeline olhou para a roda partida, caída na lama.

— O que é que fazemos? — perguntou-lhe Will.

Adeline só queria chorar. Mas o nascer do sol estava a chegar. Ela tinha de agir, e depressa.

Dando a volta até ao lado oposto da carroça, viu que os braços das rodas dianteiras e traseiras estavam aparafusados em estruturas de suporte retangulares, cada uma delas constituída por barras de madeira. Os lados mais compridos do retângulo estavam aparafusados no fundo da carroça com cerca de quinze centímetros de distância entre eles. As barras de madeira mais curtas estavam aparafusadas às barras transversais.

Adeline reparou numa folga de talvez cinco centímetros entre as barras curtas e o fundo da carroça, e teve uma inspiração. Depois de encontrar uma pedra grande, usou-a para bater na calha lateral superior do lado esquerdo e, pouco depois, conseguir separá-la da carroça.

Bateu nos pregos, para que não a ferissem, e depois passou a calha pela abertura no suporte da roda dianteira, do lado esquerdo para o direito. Agora, a ca-

lha projetava-se uns bons trinta centímetros do fundo, em ambos os lados da carroça.

Adeline agarrou num pedaço de corda que usara para amarrar algumas das suas coisas, cortou-o em dois e usou as metades para amarrar a calha nos dois lados da carroça, um processo que lhe consumiu demasiado tempo. O sol estava a nascer, quando ela terminou. Por um momento, pensou em voltar, mas a ideia de estar nos braços de Emil não a deixou.

— Walt, vem para a frente e pega no cabo. Will, continuas a empurrar.

Dito isto, Adeline deu a volta para o lado direito, baixou-se para agarrar na calha, levantando-a juntamente com a frente da carroça, tornando-se assim a quarta roda. Teve de assumir uma posição incómoda, curvada, suportando a maior parte do peso com o meio e a zona inferior das costas, que começaram a protestar quase de imediato enquanto desciam a Bahnhofstrasse, a rua que se estendia a sul da estação ferroviária de Oebisfelde e seguia para oeste em direção à fronteira.

Passaram entre fiadas de casas mais pequenas, intercaladas entre grandes edifícios de tijolo e reboco. Adeline mal olhou para eles. O suor escorria-lhe da testa para os olhos, o que lhe dificultava a visão enquanto tentava levantar o pescoço para olhar em frente e para cada rua lateral com que se cruzavam, sempre atenta a tudo o que pudesse indicar a aproximação de uma patrulha.

— Cheira bem — disse Will, ao detetar no vento o aroma de pão acabado de fazer.

Algures ao longe, Adeline ouviu um som semelhante ao de madeira a bater em madeira, seguido de um som longo e rápido que a deixou sem fôlego. *Aqui-lo foi um tiro!*

Uma parte dela queria voltar para trás, mas ela não o fez.

Nada de dúvidas, Adeline. Já estás com o Emil.

Um quarteirão. Dois quarteirões. Três quarteirões. Tinha as costas e as mãos em brasa. Olhou para frente e para cima, tentando localizar a dita torre medieval, antes que fossem longe de mais e deixassem passar o tal aquele beco diagonal que ia dar ao caminho que seguia para oeste.

Mas... e as árvores?

Seguiram em frente, as restantes três rodas de madeira e estanho da pequena carroça a deslizarem na lama quando atravessaram uma rotunda no cruzamento de duas estradas. Continuaram para sul na Lessingstrasse, enquanto a clareza aumentava na vila. Por que razão não tinham encontrado mais ninguém?

— Mamã... — disse Will.

— Eu disse-te...

— A torre, mamã — disse por sua vez Walt.

Adeline avistou a torre medieval de Oebisfelde ao longe, alta, com um telhado pontiagudo e grandes janelas escancaradas no topo.

Poisou a calha e a frente da carroça, dando meia-volta e levantando-as de novo, antes de dizer:

— Voltamos para trás, rapazes!

Apressou-se a perdê-la de vista, rumo àquela rotunda. Antes de lá chegarem, avistou um beco à esquerda, que cortava na diagonal para noroeste. No extremo, ela conseguia ver onde as construções terminavam, seguidas de terreno baldio. *O tal caminho será por ali?*

Tanto quanto ela sabia, era. Bufava com o esforço, enquanto desviavam a pequena carroça para o beco e, depois, o percorriam em toda a sua extensão, passando pelas traseiras de casas, onde luzes brilhavam e crianças se riam e choravam.

Ao se aproximarem do final do beco, Will disse:

— Mamã? Tenho sede e aquela senhora está a tirar água.

Ele estava a apontar para a vaga figura de uma velha a puxar o balde de um poço, no quintal da última casa à direita. Adeline parou quando a mulher despejou a água do balde do poço para outro.

— Peço desculpa, minha senhora — disse Adeline. — Posso pedir-lhe um pouco de água para os meus filhos? Fizemos um longo caminho e eles estão com muita sede.

A velha olhou para eles e, depois, para a carrocinha.

— Não — disse ela. — Estou fartinha de ajudar.

Antes que Adeline pudesse sequer implorar-lhe, ela dera meia-volta, seguindo pelo lado da casa, e desaparecera nas sombras.



— Cá vamos nós de novo, rapazes — disse Adeline, e ergueu a carroça, enquanto o sol nascente começava a iluminar os prados cobertos de neve e campos por lavrar mais além.

— Mamã, tenho sede — queixou-se Will.

— Temos todos, Will — replicou ela. — Por favor, ajuda a mamã e não digas nada. Prometo que te dou água assim que puder.

Frau Schmidt dissera que havia um caminho de terra batida que ia de norte para sul e que eles teriam de cruzar para chegar ao caminho de quinta. Adeline já conseguia ver o tal caminho de terra batida, logo a seguir a um barracão aberto no quintal da velha, no interior do qual se via lenha empilhada. Passaram pelo barracão. Do outro lado do caminho norte-sul e um pouco mais à esquerda dela, Adeline avistou o caminho de dois sentidos que ia para oeste.

Dera o primeiro passo fora do beco em direção ao caminho, quando ouviu o som de cascos e guizos que anunciava a aproximação de um cavalo.

Olhou para a direita e viu um homem moreno, instalado numa carroça cheia de grandes bilhas de leite. Ele estava praticamente em cima deles e a acenar freneticamente para ela.

— Será que é cega? — gritou ele, apontando para as terras adiante. — Vem aí uma patrulha soviética! Voltem para trás e escondam-se!

Adeline não esperou para ver; apressou-se a dar novamente meia-volta e agarrar no canto dianteiro direito da carroça, agora no sentido contrário.

— Voltamos outra vez para trás!

Will e Walt conseguiam ver o medo na cara da mãe e puxaram até estarem de novo no beco. O homem passou com o cavalo e a carroça, indicando-lhe por meio de gestos que se escondesse no barracão da lenha da velha. Adeline arquejava com o esforço, enquanto puxavam a carroça para trás do barracão; então, ordenou aos filhos que se escondessem com ela lá dentro.

— Não se mexam! — disse ela, ofegante. — E nem um pio de nenhum dos dois!

Adeline conseguia ver-lhes na cara que tinham noção do perigo que corriam, mas não disseram nada quando lhes indicou que se acocorassem atrás da pilha de lenha, enquanto ela espreitava por cima.

O barracão era raquítico, com folgas entre a maioria das tábuas da parede traseira, que dava para o caminho de terra batida, para o caminho que seguia para oeste e também para as terras agrícolas. A princípio, ela não viu nada, mas então, irrompendo de um ponto baixo cerca de quinhentos metros a oeste da cidade, viu quatro soldados soviéticos com armas e baionetas: à sua frente, levavam um grupo de prisioneiros com as mãos atrás da cabeça, de regresso a Oebisfelde. Mais atrás, sensivelmente a um quilómetro, discerniu o telhado de uma casa da guarda com dois andares. A patrulha só podia vir de lá.

No espaço de minutos, eles estavam suficientemente perto para que Adeline visse que eram vinte prisioneiros, quinze homens e cinco mulheres, e ouvisse as admoestações dos soldados que, em russo, lhes chamavam traidores da nova ordem.

— Não se mexam — sussurrou ela aos filhos, e ficou ela própria imóvel, enquanto observava os prisioneiros a aproximarem-se tanto que conseguia ver-lhes o terror no rosto.

Estavam todos imundos. Eram vários os que sangravam, com ferimentos na cara e na cabeça. Adeline quase nem respirava quando a patrulha chegou ao fundo do caminho, a menos de vinte metros de distância. Os prisioneiros receberam ordens para virar à direita e marchar para sul, em direção à torre. A brisa arrastou consigo o cheiro azedo daquele grupo, antes que ela deixasse de o ver, depois de uma curva na estrada.

Durante dois segundos, ficou ali parada, ofegante, aliviada. Então, ouviu uma voz, não na sua cabeça, mas no coração, despertando-lhe uma emoção que entendia perfeitamente.

Esta é a tua oportunidade, Adella! Aproveita-a!

No ato mais corajoso da sua vida, Adeline saiu de trás da pilha de lenha, ajudou os rapazes a levantarem-se e disse-lhes:

— Vamos lá ver o vosso papá.



Adeline inclinou-se e, mais uma vez, pegou na calha e na parte dianteira da carroça. Juntos, arrastaram-na de volta para o beco e só então é que ela se endireitou e olhou para oeste, para lá dos campos, para lá da casa da guarda soviética, para uma distante linha de árvores, a três, talvez quatro quilómetros de distância. Só podia ser o outro lado da fronteira.

Mais uma vez, a zona lombar das suas costas parecia em brasa, enquanto empurravam a carroça pela estrada de terra batida até ao caminho que, em algumas partes, era flanqueado por muros de pedra. Quando já se tinham afastado uns cem metros da vila, Adeline endireitou-se o suficiente, para olhar para sul na direção da torre medieval, e viu alguém mover-se na janela aberta.

Engoliu em seco e teve de se controlar para não gritar aos rapazes que largassem a carroça e o que restava dos seus pertences e largassem a correr até à fron-

teira. Todavia, tendo crescido em grandes espaços abertos como aquele, ela sabia que um cavalo a correr dava nas vistas, ao passo que uma vaca a pastar raramente chamava a atenção. Tendo isto presente, manteve-os num ritmo lento, constante, enlouquecedor e extenuante.

O tempo arrastava-se, mas não demorou até que estivessem a duzentos metros da vila e, depois, a trezentos, quatrocentos. Quanto mais avançavam, mais lhe parecia que estavam a arrancar-lhe os braços pelas articulações. A zona lombar continuava a gritar e ela tinha de descansar a cada cem metros para suportar a dor.

Quinhentos metros a oeste da vila, quando estavam a sair daquele ponto baixo pelo qual a patrulha passara, ela tropeçou e sentiu como se lhe tivessem espetado alguma coisa afiada entre as omoplatas. Arquejou, largou a calha e quase foi engolida por uma agonia que reconheceu dos muitos e longos dias que passara curvada nos campos de cultivo. Ficou ali encolhida, a tremer.

— Mamã! — exclamou Walt. — A mamã está bem?

Adeline não conseguia falar, enquanto se forçava a endireitar-se e, depois, a puxar os ombros para trás e as omoplatas para baixo. Alguns segundos depois, sentiu a coluna deslocar-se com um estalo. A dor diminuiu, e ela ficou ali, ofegante, a enxugar o suor que lhe escorria pela testa e a empurrar a náusea que lhe subia à garganta.

— Mamã? — chamou Will.

Antes que pudesse responder, Adeline ouviu uma rajada de tiros vinda do local onde vira a patrulha pela última vez. O pânico começou a tomar conta dela. *Eles estão a fuzilar as pessoas que tentaram atravessar a fronteira ontem à noite? O que é que vão fazer connosco? Não seriam capazes de fuzilar os rapazes, pois não?*

Por um instante, ficou paralisada. *Continuamos? Ou voltamos para trás?*

Pareceu-lhe ouvir uma mulher gritar, antes de uma segunda salva de tiros.

— Eles não vão disparar contra nós, pois não, mamã? — perguntou Will.

Ela viu como o filho estava assustado, o que a deixou abalada.

— Não — respondeu, ciente do tom miado da sua voz. — Cá vamos nós e é agora.

Adeline respirou fundo duas vezes e, em seguida, agachou-se com cuidado para agarrar na calha. Levantou a extremidade dianteira mais alto do que antes, prendendo a calha na parte inferior das coxas, sem querer saber se a carroça estava desequilibrada à medida que iam avançando, até estarem a oitocentos me-

tros e, depois, a um quilómetro da vila. Agora, o sol estava mais alto. A neve começara a derreter em pleno.

A cada passo que davam, mais a casa de quinta de dois andares que fazia as vezes de guarita soviética se tornava visível a su-sudoeste. Quando já estavam a menos de quinhentos metros da casa, ela conseguiu ver os tocos do que fora a floresta que deveria protegê-los quando atravessassem a fronteira. Alguns dos tocos haviam sido arrancados e virados. Ela conseguia ver-lhes as raízes, que bloqueavam o caminho para lá do acesso à casa da guarda.

Volta para trás, Adeline!, gritou uma voz na cabeça dela. *Eles vão abater-te! Não abater os rapazes!*

Mas ela sabia que, se parassem agora, não teriam hipóteses de estar com Emil antes do pôr do sol, talvez nunca mais. Uma outra voz, mais forte e potente, começou a falar com ela.

Sem dúvidas agora. Tem fé, Adella. Passa pela casa da guarda da mesma maneira que o cabo Gheorghe atravessou a Batalha de Estalinegrado e sobreviveu ao Cotovelo do Don.

Um sorrisinho estranho começou a formar-se-lhe nos lábios. Para sua surpresa, a dor entre as omoplatas, na área lombar, nos ombros e nas ancas começou a diminuir à medida que se aproximavam.

Então, a voz receosa inflamou-se, quando ela se deu conta de que a casa da guarda não estava a cento e cinquenta metros a sul do caminho. Estava muito mais perto, não mais do que cinquenta metros à esquerda deles. No rés do chão, havia duas grandes janelas de vidro que davam para o acesso.

Eles vão ver-te, Adeline. Vão abater-te antes que encontres...

Ela parou para descansar e sacudir aquela sensação de desespero. Olhou diretamente para as janelas a menos de setenta e cinco metros e, visualizando o apicultor, sorriu.

Tem fé, ia pensando Adeline, uma e outra vez, até ficarem lado a lado com o acesso e os tocos revirados que bloqueavam o caminho. Sempre a sorrir, olhou para as janelas e viu dois soldados soviéticos na da esquerda. Estavam envolvidos nalguma espécie de discussão com um homem corpulento que usava um *Homburg*² e um sobretudo escuro. Um dos soldados olhou para eles. Ela sorriu e desviou os olhos da janela.

— Vamos à volta, rapazes — disse ela, tentando parecer confiante enquanto desviava a carroça para contornar as raízes. Foi então que viu que, depois dos

tocos, o caminho se dividia em dois

O da esquerda virava para sul, em direção à estrada melhorada. O da direita apresentava-se coberto de lama, cheio de sulcos e buracos em alguns sítios e, noutros, bloqueado por mais tocos arrancados. O da direita parecia desaparecer por completo perto do fim do campo de tocos.

Tem fé, pensou Adeline, olhando em frente e parecendo-lhe que era capaz de ver um caminho desimpedido através do campo de tocos, que atravessava a fronteira e se embrenhava entre árvores densas já no outro lado. Espreitou por cima do ombro para as janelas da casa da guarda, viu os três homens agora de frente para ela e para os rapazes, mas ainda a discutirem, com o homem do *Homburg* a esbracejar energicamente.

— Vamos até aonde, mamã? — perguntou Will.

Adeline sorriu, reposicionou as mãos na calha e respondeu:

— Até àquelas árvores ali ao fundo.

— Não é longe — disse Walt.

— Meio quilómetro. Não mais. Como ir da quinta de *Frau* Schmidt até à escola.

Olhou para trás uma terceira vez quando estavam a cem metros da casa da guarda e já não conseguiam ver as janelas inferiores, o que implicava que os homens também já não podiam vê-los, a ela e aos rapazes. O coração de Adeline parecia ganhar asas enquanto continuavam a deslocar a pequena carroça pelo meio dos sulcos e dos tocos, seguindo firmemente para oeste.

Está feito, disse ela a si mesma, enquanto percorriam mais cinquenta metros rumo à liberdade. *Já estamos nas árvores ali ao fundo. Já estamos no comboio para Alfeld. Já estamos com o Emil.*

Um disparo rasgou o ar frio da manhã, um estalo e um zunido que pareceu passar-lhes mesmo ao lado. Adeline sobressaltou-se, encolheu-se e, depois, virou-se no momento em que outro disparo se ouvia lá atrás, junto à casa da guarda. Ela não tinha como ver quem estava a disparar nem de onde.

Mas não havia dúvidas quanto ao homem do *Homburg* e do sobretudo preto, que agora vinha a correr pelo caminho direito a eles, acenando com o braço e a gritar:

— Parem! Parem!

Os olhos dela arregalaram-se. *Ele é da Polícia Secreta!*, pensou.

Agora convencida de que iriam ser apanhados ou abatidos, Adeline sentiu que a sua fé se transformava num terror abjeto, como se estivesse prestes a ser

queimada viva ou afogada diante dos seus próprios filhos. Agarrada à calha, atirou-se para a frente e gritou aos rapazes:

— Empurrem! Corram! Depressa!

Passados vinte segundos, parecia-lhe que os seus pulmões estavam prestes a explodir, os músculos das pernas mais parecendo que eram feitos de borracha. Por um momento, não conseguiu ver como passar pelo meio dos tocos.

— Meu Deus! — arquejou ela. — Ajuda-me! Por favor!

Deu mais alguns passos e viu um caminho através do labirinto. Arrastou a pequena carroça e os rapazes por ali afora, olhando para trás a trezentos metros das árvores, e vendo que o homem do *Homburg* abandonara o caminho e se metera pelo campo de tocos, onde ia ganhando terreno.

Ciente de que, àquela velocidade, ele iria acabar por apanhá-la, Adeline deu por si inundada por uma energia emocional que nunca sentira nem voltaria a sentir, uma mãe decidida a salvar os seus filhos, uma mulher desesperada por voltar a abraçar o seu marido, uma mulher alimentada pelo medo, pelo amor e pela oração.

Parecia que estava a ver tudo num túnel. As mãos doíam, os ombros gritavam e as costas pareciam prestes a partir-se em dois sítios. Mas as pernas tinham regressado e continuavam em movimento, enquanto ela gritava repetidamente aos filhos que continuassem, que não desistissem.

De repente, estavam quase lá. A menos de duzentos metros. Mesmo com o suor a arder-lhe nos olhos, Adeline conseguia ver onde o campo de tocos acabava numa linha de arbustos com algumas árvores espalhadas mais além, antes que a floresta propriamente dita começasse.

Uma arma fez-se ouvir. Ela era capaz de jurar que a bala lhes passara mesmo ao lado.

Resistindo à histeria, gritou:

— Mantenham-se rentes ao chão e não parem, rapazes! Mas continuem em frente!

Ouviu-se um outro tiro antes que outros três se lhe seguissem, numa sucessão lenta e deliberada, enquanto Adeline, Walt, e Will puxavam e empurravam a pequena carroça ao encontro daquela linha de vegetação, daquelas árvores dispersas, da floresta e da liberdade.

— Onde é que está aquele homem? — gritou ela.

— Cada vez mais perto, mamã! — gritou Walt, em resposta.

Adeline baixou a cabeça e usou aquelas palavras como o chicote que Emil usara nos cavalos durante a batalha de tanques, incitando-a durante os cem metros seguintes. Parecia-lhe uma eternidade até que pudesse ver o fim ao caos, ali mesmo à sua frente.

Numa questão de instantes, tinham saído do campo de tocos, seguiam aos tombos por um pequeno caminho e, depois, mergulhavam noutra que serpenteava para oeste pelo meio de erva parda e emaranhada, salgueiros e arbustos espinhosos, antes de entrarem na floresta densa. Já na orla, ela olhou para trás e viu o homem do *Homburg* ainda no campo de tocos, ainda atrás deles, talvez a cem metros.

— Só mais um pouco, rapazes! — pediu ela, embrenhando-se por entre as árvores.

A floresta era sombria e austera, com neve espalhada no solo e nos galhos das árvores. O caminho alargava-se mais à frente, readquirindo um aspeto mais frequentado. Serpenteava pelo meio de pinheiros e passava por um pequeno lago à direita. No outro lado do lago, havia um banco. De certeza que seria suficientemente longe.

Assim que chegou ao banco, Adeline olhou mais uma vez para trás e não viu ninguém a correr atrás deles no meio das árvores. Com os músculos das pernas e das costas em espasmos e contraturas, ela permitiu-se finalmente reduzir a velocidade, parar e largar a calha. Só então se deixou cair no banco e recebeu nos braços os seus filhos chorosos e apavorados. Só então é que ela se foi abaixo, a soluçar de alegria.

— Conseguimos! — choramingou ela, apertando-os com força e, depois, rindo-se histericamente. — Acreditámos e estamos livres, rapazes! Livres! E vamos ver o vosso pai antes que o sol se ponha!

No caminho, um galho quebrou-se.

² Nome de um chapéu formal masculino de feltro, com uma quebra no alto da copa e aba de orla revirada. (*N. do T.*)

Capítulo Trinta e Oito

Adeline virou a cabeça e viu o homem que os perseguira. Avançava direito a eles, a coxear, com o sobretudo aberto e enlameado, com o *Homburg* enlameado na mão enlameada, a cara suja de lama, corada e suada, enquanto abanava a cabeça.

Ela apertou os filhos ainda mais contra si, quando ele, sem fôlego, lhe perguntou num tom furioso:

— *Fräulein*, porque é que não parou quando lhe gritei que parasse? Olhe para a minha figura. Estou todo coberto de lama.

— Eles estavam a disparar contra nós — disse ela, friamente. — E o senhor não pode obrigar-nos a voltar.

— A disparar contra vocês? — perguntou ele, inclinando a cabeça. — Não posso obrigar-vos a voltar?

— Isso mesmo — disse ela, energicamente. — Mais depressa nos mata do que nos obriga a voltar.

Para sua surpresa, ele atirou a cabeça para trás e rebentou às gargalhadas.

— Ou seja, *não* tinham autorização para passar a fronteira?

Adeline não respondeu.

— Mas é claro que não tinham — disse ele, enquanto punha o chapéu enlameado na cabeça e batia palmas de alegria. — Faz ideia da sorte que a senhora e os seus filhos tiveram? Aquelas pessoas que foram apanhadas ontem à noite? Quatro delas eram infratores reincidentes; foram fuzilados em Oebisfelde, pouco depois de os guardas vos verem deixar a vila. Fizeram-no tão perto da patrulha que passou por vocês que os guardas assumiram que já tinham sido interpellados e autorizados a atravessar.

Ela olhou para o homem, incrédula.

— Mas eles dispararam contra nós na casa da guarda. O senhor veio atrás de nós.

Ele riu-se outra vez.

— Aqueles tiros eram os guardas a praticar tiro ao alvo. Não eram contra vocês. Até ficaram com pena, ao vê-la carregada com a carroça. Tanto que me mandaram atrás de si para a ajudar. — Ele sorriu. — O que ainda pretendo fazer. Para onde está a tentar ir?

Ela desatou a chorar ao ouvir aquilo, mas depressa se recompôs. Engoliu em seco, enxugou os olhos, largou os rapazes e levantou-se com as pernas trémulas.

— Uma vila chamada Alfeld?

— Não posso ajudá-la a fazer o trajeto todo, mas Danndorf e o apeadeiro do comboio não ficam longe.

De repente, Adeline estava a tremer da cabeça aos pés, mais cansada do que pensava alguma vez ter estado. Quando ele lhe disse que iria ser a quarta roda, ela assentiu com a cabeça em agradecimento e foi atrás dele e dos rapazes, rumo a Danndorf.

Quando chegaram, beberam de um fontanário e entraram num café-padaria, onde Adeline comprou pão. Quando o proprietário soube que tinham acabado de fugir da zona soviética, deu uns bolinhos aos pequenos e deixou-a usar o telefone para ligar para o campo de deslocados de Alfeld.

Foi informada de que Emil estava a trabalhar nos campos e deixou uma mensagem a dizer-lhe que tinham atravessado a fronteira e deveriam chegar em breve à estação de comboios de Alfeld. O bom samaritano limpou a lama das suas roupas e ajudou-a a levar a carrocinha avariada até ao apeadeiro local.

Quando finalmente deram por si no cais e ela estava a agradecer ao homem, Adeline apercebeu-se de que estivera tão preocupada com a fuga que nunca lhe pergantara o nome. Quando o fez, ele limitou-se a sorrir:

— O meu nome não interessa. A senhora e os seus filhos estão em segurança e onde deveriam estar.

Ela arrepiou-se ao ouvir aquilo e disse:

— Que Deus olhe por si.

— Depois de ouvir a sua história, eu diria que Ele olha bem por si, minha senhora, e pelos seus filhos e marido — disse ele, antes de se ir embora, a rir-se para consigo.

Adeline ficou a vê-lo afastar-se, com uma sensação de formigueiro, como se todo o seu corpo estivesse a ser acariciado com pontas de penas.

— Em que é que a mamã está a pensar? — quis saber Walt.

Ela sorriu e ficou com os olhos rasos de água, enquanto o samaritano desaparecia de vista.

— Estava a pensar na graça que é o amor de Deus e no quanto somos verdadeiramente abençoados por podermos contar com ela.



Alfeld, Alemanha Ocidental ocupada pelos Ingleses

Emil andava de um lado para o outro no cais da estação, sob a luz da tarde primaveril, sentindo-se tão nervoso como se sentira enquanto ganhava coragem para convidar Adeline para o primeiro encontro de ambos. Não parava de inspecionar o seu reflexo na janela da estação. Alimentara-se muito bem no campo de refugiados, mas não recuperara metade do peso que perdera durante a sua prisão e fuga.

Adeline ainda seria capaz de o reconhecer? E os rapazes?

Mas isso não era importante. Ele iria reconhecê-los. Seria capaz de os reconhecer mesmo que tivessem estado separados durante uma década. Tinha a certeza disso.

Emil voltou para o extremo do cais, a olhar para sul, tentando fazer com que um outro comboio se materializasse. Durante o que lhe pareceu uma eternidade, não viu nada a não ser os carris que desapareciam numa curva distante. Em anos anteriores, ele teria ficado mais ansioso, mais receoso de um desastre imaginário a cada minuto que passava.

Todavia, desde a sua fuga para o Ocidente, Emil nunca se sentira mais calmo ou mais seguro de si. Sobrevivera ao pior que a vida poderia pôr-lhe no caminho, e aquelas provações e o tempo que passara com o cabo Gheorghe haviam-no mudado, tornado mais forte, mais humilde e mais consciente do poder dos sonhos e da magia da vida que o rodeava. Apreciava cada nascer e cada pôr do sol, e agradecia ao Todo-Poderoso cada dádiva que recebia entre eles.

Também praticara visualizar-se mentalmente com Adeline e os rapazes, todos juntos, enquanto sentia no seu coração o quão intensamente aquilo haveria de ser bom. No campo de deslocados, dissera a todos os que quisessem ouvir que encontraria a sua família. E quando, de facto, encontrara Adeline e os rapazes por intermédio da Cruz Vermelha Internacional, tendo eles começado a comu-

nicar em código, afirmara abertamente, uma e outra vez, que a sua família não iria ficar no Leste. Não iriam continuar a viver sob o regime de Estaline.

Transferindo o seu peso de uma perna para a outra, Emil invocou tudo o que havia em si de força e de certeza, e proferiu um voto que repetira dez mil vezes no ano anterior.

— Eles estão a caminho do Ocidente — disse ele, com firmeza. — Estão a chegar à liberdade. Ninguém vai impedi-los. Nunca havemos de ser separados. Nunca mais.

Um apito fraco soou e, com ele, o coração de Emil disparou, os olhos encheram-se de lágrimas e o estômago agitou-se como pássaros em revoada. Ouviu o som do comboio aumentar, antes que a locomotiva aparecesse e acelerasse na sua direção. De repente, soube no seu coração que eles vinham no comboio e precisou de todo o seu autodomínio para não correr direito a ele.

A locomotiva desacelerou e passou por ele, seguida pela primeira carruagem de passageiros, e pela segunda e terceira. Ele examinou todos os rostos que olhavam para ele e não reconheceu nenhum deles quando o comboio parou, o vagão da bagagem mesmo à sua frente. As suas emoções começaram a afundar-se, mas Emil já estava a dizer a si mesmo que eles haviam de estar no comboio seguinte, quando a porta do vagão da bagagem se abriu. A pequena carroça estava mesmo ali, sem uma roda, mas não havia dúvida de que era a que ele fizera para os rapazes tanto tempo antes.

— Emil!

— Papá!

Ele girou sobre si mesmo e os sonhos e espíritos de esperança que haviam vivido nele durante mais de dois anos tornaram-se de novo reais e humanos. Adeline estava a saltar da primeira carruagem, com Walt e Will logo atrás. Correram ao encontro dos braços uns dos outros.

Emil abraçou Adeline com força quando as pernas de ambos tremeram e ambos acabaram de joelhos, abraçados e aos beijos. Os rapazes juntaram-se ao abraço e todos tremiam, soluçavam e explodiam com uma felicidade tão bela e pura que nenhum deles alguma vez se esqueceria daquele momento.

— Nunca voltaremos a separar-nos — disse Emil. — Prometo-vos.

— Nunca — disse Adeline.

— Nunca — disse Walt.

— Nunca mais — disse Will.

Ficaram abraçados uns aos outros, como se todos tivessem regressado do reino dos mortos, mal se apercebendo quando o revisor deixou a carrocinha junto a eles. Por fim, quando o comboio já começava a sair da estação, Adeline afastou a cabeça da curva do pescoço de Emil, pestanejando para se livrar das lágrimas e sorrindo fascinada, e olhou-o nos olhos e viu que eles ardiam com um amor intenso por ela, tal como ela sonhara.

Assoberbada, conseguiu dizer numa voz estrangulada:

— A nossa vida é um milagre, Emil!

— Um milagre atrás de outro — disse ele, e beijou-a como se fosse a primeira vez.

Capítulo Trinta e Nove

23 de setembro de 1951

A bordo do USS General R. M. Blatchford

Depois do pôr do sol, formara-se uma neblina que deixava a noite nublada tão escura quanto qualquer outra da qual Emil Martel conseguia recordar-se. Perto da meia-noite, instalou-se um frio húmido, daquele que se entranha nos ossos, mas ele recusava-se a deixar o convés do transporte de tropas, onde se encontrava perto da proa, a olhar para oeste, ávido por qualquer sinal de luz.

Mais cedo naquela noite, tinham sido muitos os outros viajantes no convés com Emil, todos em busca do primeiro vislumbre de uma nova vida. Mas, um a um, tinham voltado para as suas cabinas e, agora, apenas restavam uns quantos ainda de vigia.

Adeline aproximou-se por trás dele e abraçou-o pela cintura.

— Não queres vir para a cama? De qualquer maneira, eles dizem que não podemos sair senão pela manhã, e o meu estômago está outra vez às voltas.

— Eu quero ver isto — disse ele. — Quero que tu e os rapazes vejam também.

— Está bem — disse ela, aconchegando-se contra ele. — Então, vou esperar contigo e rezar para que o meu jantar fique onde está pela primeira vez desde que embarcámos neste navio.

— Isso seria uma verdadeira dádiva.

— Não duvides.



No que dizia respeito aos Martel, cada dia que se seguira à sua fuga do comunismo e ao seu reencontro no Ocidente fora mais um milagre e uma dádiva de Deus, pelos quais se sentiam constantemente gratos. Emil e Adeline não se haviam importado com o facto de todos terem vivido durante um curto espaço

de tempo em alojamentos acanhados no campo de deslocados. E não se importavam de trabalhar tanto nos campos quanto sob Estaline, enquanto os rapazes frequentavam a escola. A comida era infinitamente melhor e eles estavam novamente juntos, livres para fazer alguma coisa com a sua segunda oportunidade na vida.

Adeline contou ao marido tudo o que se passara com ela e os rapazes, depois de ele ter sido levado pelos milicianos polacos. Emil apresentou-lhe uma versão editada dos acontecimentos depois de ser detido. Descreveu a longa marcha até ao comboio que o levou para Poltava. Contou-lhe como era viver na cave do museu com outros dois mil homens e falou-lhe das doenças que tinham devastado os seus companheiros de prisão. Até lhe falou um pouco sobre o cabo Gheorghe e como ele fora parar a Poltava, e como tinham ficado ambos no destacamento dos mortos e feito planos para fugirem juntos, mas que o romeno acabara por ser transferido para um outro campo de prisioneiros de segurança mais elevada. E descreveu com pormenor como fugira e apanhara vários comboios, até chegar ao Ocidente.

Mas ele continuava a pensar que não deveria falar a Adeline sobre o massacre em Dubossary e, muito menos, que fora capaz de o confessar ao cabo romeno, mas não a ela. Não queria magoá-la nem fazer com que gostasse menos dele. Achava que ela já passara por demasiado.

Durante o verão de 1947, os Martel foram transferidos para alojamentos mais permanentes em Lütgenholzen, a sul de Hanôver e cerca de duzentos e cinquenta e cinco quilómetros a oeste de Berlim, onde Emil e Adeline continuaram a trabalhar nos campos, enquanto o mundo tentava encontrar um lar permanente para eles e para os milhões de outras pessoas deslocadas pela Segunda Guerra Mundial e suas consequências. Muitos refugiados estavam a ir para a América do Sul, Argentina incluída. Outros tinham em mente o Canadá e os Estados Unidos.

Os Martel queriam ir para a América do Norte, mas precisavam de um «patrocinador», um parente ou alguém que vivesse lá e estivesse disposto a dar um emprego a Emil e à sua família, um lugar onde viver durante um ano, enquanto organizavam a sua vida. Também tinham de mostrar que estavam de boa saúde. Adeline nunca se sentira melhor, à medida que se estabeleciam na sua nova vida. Walt e Will cresceram, ganharam peso e fizeram grandes progressos escolares naquele primeiro ano.

Mas Emil não estava bem de saúde. Sofria de dores abdominais e era frequente ficar gravemente doente, com vômitos e diarreia. Cada vez mais fraco, acabou por sucumbir à icterícia.

No verão de 1948, desmaiou nos campos e foi levado à pressa para um hospital, onde os médicos lhe descobriram ovos e larvas nas fezes. Fosse pelo esterco de porco que Emil espalhara nos campos ou pelo lixo e comida rançosa que algumas vezes tivera de comer durante a fuga do campo de prisioneiros, os médicos determinaram que ele estava infetado com uma ténia que lhe atacara o fígado, deixando-o às portas da morte. Levaram-no para a sala de operações e tiveram de entrar pelas costas e retirar duas costelas, para chegar ao fígado. Quando lá chegaram, os médicos ficaram horrorizados ao encontrar uma ténia do tamanho de uma bola de baseball e que envolvia um dos lóbulos.

Depois de lhe retirarem o parasita, deixaram a ferida aberta para drenar, e Emil pairou entre a vida e a morte durante dias. Adeline e os rapazes ficaram de vigília, mas nunca perderam a fé de que ele sobreviveria.



Quando finalmente recuperou a consciência, Emil estava fraco, mas feliz por estar vivo. Passado um dia, porém, tornou-se agitado e sombrio, nem parecia o mesmo que conseguira fugir para o Ocidente.

Uma semana depois, estava ele deitado na cama, com o tronco envolto em gaze, quando Adeline lhe perguntou o que estava a incomodá-lo. De alguma forma, Emil sabia que nunca teria paz se continuasse a esconder-lhe uma parte do seu passado.

— Só vou falar uma vez sobre isto — disse ele —, mas mereces saber. Lembra-te de quando voltámos para Friedenstal pela primeira vez, e eu agarrei na carroça e nos cavalos, e fui a Dubossary para trazer material para o telhado?

Adeline lembrava-se e sentiu um aperto no estômago.

— O que é que aconteceu?

Durante uma longa tarde em que os rapazes estavam na escola, Emil contou-lhe tudo: como fora impedido de sair da cidade pelo então capitão Haussmann; como Haussmann obrigara Emil e outros alemães étnicos a irem para uma ravina no meio do nada, onde membros da SS estavam a fuzilar judeus; e como ele implorara a Deus que não o fizesse ser parte daquilo; como Hauss-

mann lhe entregara uma *Luger* e o mandara provar a sua lealdade ao Reich, pelo que teria de abater um rapaz judeu e duas meninas mais novas; como ele se recusara a princípio; e como, então, Haussmann lhe apontara uma arma à cabeça; como ele mudara de ideias para poder voltar a ver a sua família; e como já se preparava para disparar, quando fora impedido pelo superior de Haussmann, que invocara a ordem de Himmler segundo a qual ninguém deveria ser forçado a matar judeus; e como, em vez disso, ele passara a noite a enterrar as centenas que ali tinham sido abatidas a tiro.

— Mas não te iludas, Adella — disse Emil. — Tomei a decisão de os matar antes que me detivessem. Não vi a mão de Deus naquela inesperada aparição do superior de Haussmann, senão quando estava a viver o meu pior momento em Poltava e o cabo Gheorghe me mostrou que tinha feito o que estava certo e que, embora tivesse decidido disparar, tinha sido impedido de o fazer.

Adeline ouvira tudo com um receio crescente do que Emil poderia ter feito, até que ele lhe descreveu toda a sequência dos acontecimentos. Ficar a saber como o romeno que sobrevivera a Estalinegrado salvara a mente e a alma de Emil no campo de prisioneiros apagara por completo esse mesmo receio.

— O cabo Gheorghe tinha razão — disse ela, apertando-lhe a mão. — Tu recusaste, Emil. Não sabias da ordem de Himmler e, mesmo assim, recusaste. Isso exigiu uma coragem incrível, meu amor. O tipo de coragem que a maioria dos homens não tem. Eu... eu tenho muito orgulho em ti, Emil, orgulho em ser tua mulher.

Emil sentiu os olhos a turvarem-se.

— E eu tenho orgulho em ser teu marido. Nunca conheci ninguém tão corajoso, generoso e bom como tu.

— Para.

— É verdade. Estamos todos juntos graças à *tua* coragem e à *tua* recusa de desistir.

Adeline sorriu e enxugou uma lágrima.

— Obrigada.

Ficaram vários minutos de mãos dadas, apenas a amarem-se, antes de Adeline dizer:

— Sabemos o que é feito do Haussmann?

Emil assentiu com a cabeça.

— Vi no jornal. Depois de deixarmos o campo de refugiados nos arredores de Lodz, ele foi transferido para uma unidade de combate. Sobreviveu à guerra,

foi preso e ia ser julgado em Nuremberga, como parte do caso *Einsatzgruppen*. Mas suicidou-se na sua cela, antes do início do julgamento.

— Cobarde.

— Sim. Mas nunca mais quero falar do Haussmann nem daquela noite em Dubossary. Pode ser?

Ela assentiu com a cabeça.

— E obrigada por me contares.



No convés de proa do *General R. M. Blatchford*, Emil e Adeline ouviram soar uma sirene no meio da escuridão e do nevoeiro. Passados poucos minutos, ouviram o toque de uma sineta.

— Estamos perto — disse Emil. — Temos de estar.

— Vou buscar os rapazes, enquanto o meu estômago ainda está sossegado — disse ela, beijando-o e afastando-se.

Emil continuou atento na proa, convencido de que já deveria estar a ver luzes. Mas, como nos três anos anteriores, tudo estava a acontecer muito mais devagar do que ele desejava.

Tinham finalmente encontrado um patrocinador no ano anterior, um dos tíos há muito perdidos de Adeline, que era dono de uma quinta e precisava de ajuda, porque o filho estava prestes a ser chamado para a tropa. Em troca de dois anos de trabalho de Emil, a família receberia alojamento, comida e uma pequena remuneração, que poderia usar para começar uma nova vida, uma vez cumprida a obrigação laboral. Com a questão do patrocinador resolvida, os Martel foram transferidos para norte, para mais um campo de deslocados, onde estudaram inglês, e a sua candidatura de imigração foi submetida ao processo irritantemente lento de verificação de identidades e passados.

Finalmente, nove dias antes de Emil dar por si à procura de luzes adiante da proa do navio, e depois de viverem como refugiados durante mais de sete anos, os Martel foram para Bremerhaven, embarcaram num transporte que levaria tropas de ocupação norte-americanas para a Europa e, por fim, zarparam para oeste. Durante a viagem de uma semana até à América, Adeline passou quase todos os dias enjoada. Não obstante, ela, Walt e Will fizeram grandes e duradouras amizades entre os outros alemães étnicos a bordo. Com a exceção da sua

família, Emil mantivera-se essencialmente à margem, passando todas as tardes no convés de proa, a ver o pôr do sol e a sonhar com a vida que estava por vir.

Emil não se via de novo como lavrador a tempo inteiro. Pelo menos, não durante muito tempo. Como o cabo Gheorghe dissera, lá no fundo, ele era um martelo, não um arado. Embora tivesse sido um prisioneiro em Poltava, gostara realmente de ver construções materializarem-se mesmo à frente dos seus olhos, da magia do sonho de um homem passada ao papel e tornada realidade graças ao trabalho e habilidade de uma equipa de homens trabalhadores. Ele decidira há muito tempo que acreditava pelo menos em parte do que o cabo Gheorghe lhe ensinara. O mundo, o Universo, era uma entidade única? Deus estava dentro dele? Ele estava dentro de Deus? Emil ainda se debatia com essas perguntas. Mas o romeno tinha razão numa coisa: tudo o que era preciso para ter uma vida boa era uma perspetiva animada e grata, um sonho genuíno e bem definido, e a vontade de ir atrás dele com a crença inabalável de que ele acabaria por se realizar.

Há anos que o sonho de Emil não era apenas sobreviver no Ocidente. Ele queria viver e prosperar, ganhar bom dinheiro por um bom dia de trabalho, proporcionar à sua mulher uma vida segura e confortável numa casa que fosse deles, e aos seus filhos a educação formal que ele nunca tivera, e a oportunidade de seguirem o seu próprio caminho quando estivessem prontos. Mais do que isso, secretamente, Emil gostaria de ter um carro. Apaixonara-se pelos automóveis, enquanto vivia na Alemanha, e gostava de se imaginar a conduzir para onde quisesse ir, tão livre quanto um homem poderia ser.



No convés do transporte de tropas, Adeline voltou com os rapazes, Walt agora quase com catorze anos e Will quase com doze, ambos enrolados em cobertores e rabugentos por terem sido acordados a meio da noite.

— Não consigo ver nada — disse Will.

— Estou cansado — disse Walt, com um bocejo. — Quero...

— Ali! — exclamou Emil, apontando por cima da proa onde surgira uma luz, fraca a princípio, mas agora mais forte, e depois mais outra, seguida por dezenas, enquanto a névoa rodopiava e se dissipava ligeiramente. As pessoas presentes no convés começaram a gritar e a bater palmas. Outras foram procu-

rar as suas famílias. Quando os rebocadores chegaram para orientar o navio através dos Verrazano Narrows, o convés de proa ficou apinhado com refugidos que celebravam cada vislumbre da cidade de Nova Iorque, por entre um nevoeiro que nunca parava de mudar.

O navio reduziu a velocidade ao entrar na Baía de Nova Iorque, parou por completo e largou ferros pouco depois da uma da manhã. O nevoeiro subira para os dez metros e eles conseguiam ver luzes em toda a costa em redor.

Emil estava prestes a dizer que não haviam de ver nada melhor naquela noite, quando a brisa aumentou e a névoa girou, dando lugar a uma abertura no céu a noroeste, revelando a tocha acesa e a mão da estátua.

As pessoas começaram a arquejar em redor dos Martel, porque a dita abertura não parava de aumentar a cada momento que passava, revelando o braço, a cara e depois a coroa da Liberdade. Foi então que Emil perdeu o controlo, se agarrou a Adeline e aos filhos, os apertou com força e começou a soluçar.

Enquanto todos à volta deles no convés gritavam de alegria ou se desfaziam em lágrimas ao confirmar a sua própria libertação, Emil disse com uma voz embargada:

— Consequimos! Consequimos!

— O teu sonho tornou-se realidade, Emil — disse Adeline, beijando-o. — Ali, mesmo à tua frente.

Entretanto, a neblina fora arrastada para leste, deixando ver a estátua em toda a sua glória. Emil olhou para ela, fascinado, sacudiu o punho e sussurrou:

— Liberdade. Tudo o que um homem poderia querer.

— Ainda nos falta encontrar o vale verde da mamã — disse Will.

— Isto já é suficiente — disse Adeline, também ela incapaz de tirar os olhos da estátua. — Não preciso do vale.

— Mas vamos para lá depois de amanhã, não vamos? — perguntou Walt.

— Apanhamos o comboio depois de amanhã — disse Emil, e beijou Adeline. — Depois, espera-nos uma viagem de três dias.

— Até ao belo vale verde? — perguntou Will.

— Só pode ser — disse Walt.



Quatro noites depois, quando o comboio parou na estação da pequena vila de Baker, no extremo oriental do Montana, uma tempestade anómala no co-

meço do outono estava a bombardear a região com neve. O tio perdido de Adeline estava à espera com o seu *Jeep*. A pequena carroça fora deixada para trás na Alemanha, em troca de um único caixote de madeira com os seus pertences, que eles amarraram no tejadilho, antes de partir em plena tempestade para a quinta onde iriam viver e trabalhar durante os dois anos seguintes.

A tempestade uivava quando chegaram à quinta e foram conduzidos a um barracão, onde se deixaram cair, exaustos. Quando Emil acordou ao amanhecer do dia seguinte, a tempestade passara, a temperatura estava a descer e o sol brilhava intensamente na paisagem mais desolada, estéril e coberta de neve que ele alguma vez vira.

— Estamos na Sibéria — murmurou ele, incrédulo. — O que é que eu fui fazer?

Durante o mês seguinte, enquanto os rapazes começavam a estudar na vila e ele ia aprendendo como é que a quinta funcionava, Emil convenceu-se de que cometera um erro gigantesco ao levar a família para a América, para o Montana e, em especial, para Baker. Essa convicção apenas aumentou à medida que o inverno se foi instalando e o custo associado à alimentação e ao alojamento de mais quatro bocas se tornou claro para os tios de Adeline, que se queixavam frequentemente da quantidade de comida que Will e Walt consumiam. Emil tentava trabalhar tanto quanto eles lhe permitiam e dizia a si mesmo que estariam fora daquela quinta no espaço de um ano.

Em fevereiro de 1952, no entanto, a sua frustração agravou-se. Os seus patrocinadores deixaram de lhe pagar o salário completo, dizendo que tinham de ficar com parte do dinheiro para garantir que todos tinham o que comer. Depois, o filho deles foi considerado inapto para o serviço militar no campo de recrutas e mandado para casa. No princípio de março, o tio de Adeline disse-lhe que não tinham trabalho e comida suficientes. Ela e a família tiveram de deixar a quinta e seguir o seu caminho. Adeline e Emil tinham de encontrar emprego, e depressa.

Ao invés de se insurgir contra a situação, em vez de ficar zangado e amargo com o azar que mais uma vez lhe batera à porta, Emil foi até Baker e ficou a saber que estava a ser construído o primeiro hospital da vila. Encontrou o capataz e falou com ele num inglês macarrónico, pedindo-lhe trabalho. O homem disse-lhe que o único trabalho que poderia oferecer-lhe era como servente e misturador de betão.

— Misturar betão? Isso, sei como se faz, dos tempos em que trabalhei na construção do hospital no campo de prisioneiros russo de onde fugi — disse Emil, a sorrir.

— Fugiu de um campo de prisioneiros russo?

— Sim. Conheço o cimento dessa altura.

— Então, está contratado.

Capítulo Quarenta

Os Martel alugaram uma casinha em Baker, da qual Emil podia ir a pé para o trabalho. Adeline encontrou trabalho, a limpar quartos no único motel da cidade, por cinquenta cêntimos à hora. Walt alterou oficialmente o seu nome de Waldemar para Walter e encontrou trabalho no talho e, no cinema, como projecionista, depois da escola. Will mudou de Wilhelm para William e passou a dizer que se chamava «Bill». Embalava mercearias na loja local e varria o chão do cinema.

Foram juntando o dinheiro que todos ganhavam, economizando até poderem comprar um pequeno lote em frente ao liceu e pagar as escavações e cofragens de uma cave em betão. Emil trabalhava no estaleiro do hospital e noutros projetos durante o dia e, com a ajuda de Bill, ia aplicando a betonilha nas fundações da casa durante o serão. Também instalaram a canalização, o sistema elétrico e um fogão a lenha na cave.

Os Martel passaram todo o inverno de 1952-1953 na cave, suportando noites de trinta e cinco graus negativos e grandes tempestades de neve. Mas era a cave deles, e Emil e Adeline não poderiam estar mais felizes. E pequenos milagres continuavam a acontecer à volta deles.

Por acaso, Walter referiu que o talhante costumava deitar fora a cabeça e os jarretes dos porcos, porque ninguém os queria. Adeline não queria acreditar e pediu-lhe que os levasse para casa. Cozinhou as cabeças, fez caldos e jarretes refogados na cave durante aquele inverno. Na brincadeira, Emil dizia que comiam tanto porco de graça que mais lhe parecia que tinham deixado a Ucrânia e ido parar ao paraíso dos porcos.

A única coisa que ainda faltava a Adeline era a mãe e a irmã, com quem mantinha uma correspondência intermitente e dificultada pelo encerramento da Cortina de Ferro. Tudo o que escreviam era lido por terceiros. Lydia estava adoentada e a vida de Malia resumia-se a cuidar dela.

Não sabiam nada dos pais nem da irmã de Emil, nada desde que Adeline os vira partir para apanhar o comboio de regresso a Friedenstal. Ele começou a pensar em Karoline e Johann, da mesma forma que passara a pensar no seu irmão mais velho, Reinhold: espíritos perdidos no vento.

Mas, no Natal de 1953, a casa estava pronta e eles estavam a comemorar o facto de também estar praticamente paga. Tinham igualmente um *Chevy Sedan* de 1947 estacionado à porta. Os patrões de Emil ficavam maravilhados com o esforço diário daquele homem em temperaturas agrestes, muitas vezes sem luvas enquanto misturava cimento ou ajudava a erguer uma nova parede.

Adeline continuava a limpar o motel e a fazer as suas maravilhas na cozinha. Também se tornou um membro ativo da igreja luterana local. Bill gostava mais de trabalhar com o pai do que de ir à escola, mas Walter sentia-se em casa numa sala de aula.

De facto, na primavera de 1956, pouco mais de quatro anos após a sua chegada à América com apenas uns rudimentos de inglês, Walter foi escolhido para o discurso de formatura do seu ano na Baker High School. Durante aqueles anos de estudo e a ver o seu pai trabalhar na construção, interessara-se por arquitetura. Walter candidatou-se a duas escolas e foi aceite em ambas.

Após a sua fuga ao controlo soviético, os Martel tinham jurado que nunca haviam de voltar a separar-se. Naquela primavera, por altura da Páscoa, Emil, Adeline e Walter meteram-se num comboio com destino à Universidade de Chicago. Queriam ver se seriam capazes de viver na «Windy City» enquanto Walter estudava numa das melhores escolas de arquitetura do mundo. Todavia, passado menos de um dia e meio no South Side de Chicago, todos eles se sentiram claustrofóbicos e decidiram unanimemente voltar para o Montana no comboio seguinte.



Cerca de um mês depois, em meados de maio, Emil e Adeline seguiam para oeste no seu carro a caminho de Bozeman, um lugar onde nunca tinham estado, para ver se encontravam lá uma casa. Walter ia para a Faculdade de Arquitetura da Montana State University e eles queriam manter a família unida. Tinham deixado Walter e Bill em Baker no dia anterior, porque os rapazes tinham exames finais e empregos aos quais não podiam faltar.

Enfrentaram o típico clima da primavera no Montana durante toda a viagem: chuva, depois granizo, depois períodos intensos de flocos de neve que cobriam o para-brisas e os obrigavam a abrandar, porque os carros começavam a derrapar e a sair da estrada.

— Lembras-te de todas as carroças que tivemos de tirar da lama na *Longa Marcha*? — perguntou Emil. — Quando estávamos a fugir do urso e correr com os lobos?

Adeline sorriu.

— Se fechar os olhos, consigo lembrar-me de tudo. A lama. O frio. As bombas. Os tanques. O bom e o mau.

— Felizmente, temos coisas muito melhores em que pensar na América.

— Graças ao bom Deus por isso.

Perto de Big Timber, o tempo começou a dar sinais de melhorar, com nuvens menos densas a correr pelo céu quais dedos vermelhos e temperamentais. Adeline achou-os hipnóticos. Quando estavam a chegar a Livingston, ela acabou por adormecer.

Talvez fossem aquelas nuvens no céu; talvez fosse a conversa de Emil a respeito da *Longa Marcha*, mas ela teve um sonho vívido com aquele dia em que haviam deixado Friedenstal, com a mãe e a irmã dela na carroça atrás e anos de incerteza e sofrimento pela frente. Will estava aninhado no colo dela, que ia sentido cada solavanco na estrada através do banco de madeira da carroça, quando Walt perguntara: «Para onde é que vamos, mamã?»



Uma buzina apitou suficientemente alto para acordar Adeline.

Um grande camião buzinou pela segunda vez e ultrapassou-os debaixo de chuva e granizo, numa estrada íngreme e sinuosa que mal conseguia ver-se pelo para-brisas.

— Emil?

— Estou bem.

Um relâmpago repentino revelou que estavam num desfiladeiro densamente arborizado no meio das montanhas. Ao clarão, seguiu-se quase de imediato uma explosão portentosa, tão sonora como os tanques dos quais eles se tinham

esquivado, enquanto fugiam dos exércitos de Estaline. O estoiro abanou o carro.

— Talvez devêssemos sair da estrada! — gritou Adeline.

— Não posso! — exclamou Emil. — Tenho carros atrás de mim e não tenho por onde sair!

A chuva parou de fustigar o carro por um momento e ela conseguiu ver um penhasco pálido que se destacava da floresta bem acima deles e se assemelhava à silhueta de um sapo. Duas voltas depois da rocha do sapo, a estrada tornou-se plana e a chuva recomeçou a cair.

— Bozeman a três quilómetros — disse ela, lendo a placa.

— Há uma saída mais à frente — disse Emil, antes que a chuva comesse a cair em bátegas e os limpa-para-brisas deixassem de funcionar.

Ele baixou o vidro da janela e esticou a cabeça para fora, franzindo os olhos para se proteger da chuva, enquanto travava e se metia pela saída, que os deixou numa estrada de gravilha que virava à esquerda por baixo da autoestrada. Ele parou debaixo do viaduto, tratou de ver o que se passava com os limpa-para-brisas e conseguiu pô-los a funcionar novamente.

De regresso ao carro, Emil seguiu em frente até a um «T» na estrada, com a intenção de fazer inversão de marcha. Viu uma placa com nomes de ranchos e setas a apontar nas duas direções. A placa inferior apontava para a direita e dizia «Montana State Ag Fields».

— Pronto — disse Emil. — Parece que, daqui, podemos ir diretamente para a escola.

Foram apanhados por mais uma bátega de água, enquanto seguiam por uma longa estrada de gravilha que se ia bifurcando em ângulos retos, mas continuava a seguir para oeste. A dada altura, conseguiram ver a autoestrada à direita, antes de entrarem numa ravina. A estrada tornava-se cada vez mais acidentada à medida que desciam e parecia desaparecer quase por completo ao subir pelo outro lado.

— Talvez devêssemos voltar para trás — disse Adeline.

— A placa diz que é mesmo à nossa frente — insistiu Emil, e decidiu acelerar.

Arrancaram pelo outro lado acima, derrapando na lama e saltando entre buracos e poças que deixaram o para-brisas coberto de respingos castanhos. A chuva continuava a cair quando chegaram ao topo e Adeline conseguiu ver, pelas janelas enlameadas, que estavam numa espécie de planalto com um quintal

à esquerda e uma cerca de arame farpado que cortava a estrada logo adiante com uma placa onde se podia ler «Sem Saída».

Emil não disse nada, limitando-se a meter a marcha-atrás, quando Adeline estendeu a mão e exclamou:

— Espera!

Pelas zonas mais limpas do para-brisas, ela estava a espreitar para os raios de sol que passavam pelas brechas da tempestade adiante do planalto. Como se se sentisse empurrada e a tremer da cabeça aos pés, Adeline abriu a porta do carro, saiu e olhou para oeste, sem fôlego ao ver o vale que se estendia diante e à volta dela numa centena de tons de verde.

Vários daqueles raios de sol em forma de colunas iluminavam campos agrícolas já cor de esmeralda com os rebentos do trigo da primavera. Outros raios iluminavam as sinuosas linhas cor de limão de choupos já com folhas, que acompanhavam os riachos que se estendiam pelo fundo do vale em direção à vila pecuária de Bozeman e a um rio chamado Gallatin, que ela conseguia ver cintilar à distância.

A porta de Emil abriu-se atrás dela, mas ela não se virou. Estava demasiado fascinada com as nuvens que se levantavam a cada segundo, revelando as seis portentosas cordilheiras montanhas que circundam Gallatin Valley, os seus contrafortes verde-esmeralda e verde-mar, com erva nova e flores silvestres em botão que subiam ao encontro de florestas de pinheiros e abetos cor de jade e verde-azeitona que, por sua vez, escalavam os flancos acidentados em direção a fragas impossíveis, recentemente cobertas pela neve, e que trespassavam o céu mais azul que ela já vira.

Emil aproximou-se e deixou-se ficar ao lado dela, enquanto um amor e uma alegria esmagadores lhe explodiam no coração e as lágrimas começavam a correr-lhe pelo rosto.

— É tão bonito — murmurou ela, sentindo-se humilde e impressionada. — Como se Deus o tivesse pintado para mim, Emil. Muito mais do que eu alguma vez poderia imaginar.

— Olha para trás.

Ela voltou-se para olhar para as colinas ondulantes e cobertas de erva, vendo agora o desfiladeiro pelo qual haviam passado. A tempestade estava agora em plena retirada, com nuvens retardatárias e aguaceiros dispersos que captavam o sol do meio-dia e projetavam um arco-íris enorme no extremo oriental do vale, ao qual rapidamente se juntou um segundo arco-íris num ângulo diferente e,

depois, um terceiro. Com arranques a quilómetros de distância, os seus arcos multicolores pareciam irromper das colinas verdejantes, voar, colidir e cintilar em vermelhos, azuis, roxos e dourados de uma intensidade pura e deslumbrante.

— Nunca vi nada como isto — disse Emil, enquanto passava o braço em volta do ombro da mulher.

Ela abraçou-lhe a cintura e encostou a cabeça contra o peito dele, vendo os arcos-íris pulsarem e irradiarem durante praticamente um minuto, antes de se desvanecerem em reflexos pálidos e coloridos e, depois, em recordações que nunca seriam esquecidas.

— Nunca havemos de sair daqui, Emil — jurou Adeline, olhando de novo para oeste, para o último vale verde da longa e improvável viagem da sua família.

— Só no dia em que morrermos — disse Emil, e abraçou-a com força.

Capítulo Quarenta e Um

A não ser para breves viagens ocasionais e depois de regressarem a Baker para encaixotar as suas coisas e vender a casa, Emil e Adeline Martel nunca saíram de Gallatin Valley, no Sudoeste do Montana. E daquela ocasião em diante, depois de todas as dificuldades e tragédias que haviam conhecido, quase tudo o que os Martel tocavam parecia transformar-se em ouro.

Antes de Walter e Bill começarem a estudar no outono, Emil comprara um terreno em Bozeman e começara a construir uma nova casa, a uma curta caminhada da universidade.

Tendo acabado de construir a sua habitação, identificou uma oportunidade, quando três pequenos lotes foram postos à venda, perto da Igreja da Reforma Holandesa, na zona norte e menos sofisticada da vila. Seguindo o raciocínio de que os velhos lavradores holandeses que viviam a oeste de Bozeman talvez quisessem uma casinha para a sua reforma perto do local onde prestavam culto, Emil assumiu o risco, comprou os três lotes e começou a construir a primeira casa, com a ajuda de Bill depois das aulas.

Estavam os dois a assentar as asnas no telhado, quando apareceu um lavrador holandês, que perguntou se a casa era para vender. Emil disse-lhe que sim. O homem quis saber o preço, não hesitou e deu a Emil uma nota de vinte dólares, para que não a vendesse enquanto a mulher dele não fosse vê-la. No dia seguinte, o lavrador e a mulher voltaram, fizeram várias perguntas e foram ao banco buscar um cheque que cobria o valor.

A Emil Martel & Son Construction nascera e faturara num único dia.



Quando não estava a trabalhar nas casas que o pai construía, Bill, então com dezasseis anos, tentou arranjar um emprego na construção do pavilhão multiusos da Montana State University. Quando os empreiteiros lhe disseram um

«não», foi-se embora, jurando a si mesmo que havia de construir projetos maiores do que qualquer um deles seria capaz de imaginar.

No ano seguinte, desistiu do liceu antes de concluir o ensino médio, foi trabalhar a tempo inteiro para o pai, casou-se com a sua namorada ainda adolescente, Lynell Lewis, e nunca mais olhou para trás. Os Martel não tardaram a dar por si tão atarefados e bem-sucedidos que puderam patrocinar a ida de Wilhelm, o irmão de Adeline, para os Estados Unidos, depois de descobrirem o nome dele numa lista de refugiados da Cruz Vermelha. Todavia, ela não conseguiu convencer Malia, mesmo depois de Lydia morrer em 1964.

Walter acabou a faculdade, casou-se com Deeann Kessler e trabalhou durante vários anos como arquiteto em Billings, até que, em 1967, Emil e Bill o convidaram a juntar-se à sua empresa em expansão. A Martel Construction cresceu a um ritmo ainda mais rápido, até quase ser atingida por uma catástrofe.

De regresso a casa depois de uma noite a preparar propostas de orçamento, Walter foi abalroado por um condutor embriagado, que não parara num sinal de «stop». Teve de ser desencarcerado e ficou em coma durante dois dias, com um ferimento na cabeça. Demoraria um ano a poder voltar a trabalhar a tempo inteiro.

Em fevereiro de 1971, Emil ficou surpreendido ao saber que o seu irmão mais velho, Reinhold, que fora recrutado para o exército alemão e desaparecera durante a guerra, estava vivo e em liberdade, depois de passar vinte e seis anos a cortar árvores, num *gulag* na Sibéria. Emil e Adeline compraram imediatamente passagens de avião e regressaram à Alemanha como cidadãos norte-americanos. Visitaram Reinhold, então com sessenta e cinco anos, na Alemanha Ocidental, onde ele reencontrara a família, que também conseguira acabar no lado certo da fronteira.

Sete anos depois, Emil e Adeline voltaram à Alemanha Ocidental, porque Reinhold descobrira Rese, tendo conseguido obter-lhe um visto de viagem de três meses. Eles estavam à espera quando ela chegou. Os dois irmãos ficaram tão emocionados ao vê-la que Adeline diria depois, a brincar, que quase fora necessário hospitalizá-los por excesso de felicidade. Então, Rese contara aos seus dois irmãos que o pai fora brutalmente espancado por milicianos polacos no caminho de regresso à Ucrânia, em junho de 1945. Johann não sobrevivera à viagem.

De regresso à sua casa na pequena vila agrícola de Friedenstal, agora com o nome soviético de Tryhrady, Karoline definhara e acabara por morrer no início da

década de 1960.

Rese disse-lhes que era feliz sob o regime comunista, mas Emil e Adeline não tardaram a descobrir que ela sucumbira à amargura e ao alcoolismo. Praticamente todo o tempo que esteve com eles, passou-o embriagada e recusou quando eles se ofereceram como patrocinadores da sua ida para a América, preferindo um regresso ao inferno que conhecia à mudança para um paraíso que lhe era estranho. Foi a última vez que Emil a viu. Rese morreu no princípio da década de 1980.

No voo de regresso aos Estados Unidos, Emil perguntou a si mesmo por que motivo algumas pessoas estavam dispostas a partir e a perseguir a liberdade a todo o custo, enquanto outras se contentavam em continuar na sua infelicidade. Aquilo levou-o a pensar no cabo Gheorghe e, mais uma vez, interrogou-se sobre o que teria acontecido ao romeno que contribuíra para lhe salvar vida em Poltava e que realmente o despertara para os milagres e oportunidades que surgiam por toda a parte em seu redor.

Em 1979, vinte e oito anos após a sua chegada ao porto de Nova Iorque, os irmãos Martel estavam em condições de propor ao pai a compra da sua parte na empresa e uma pensão para que ele pudesse reformar-se em grande.

— Reformar-me? O que é que eu iria fazer o dia inteiro? — perguntou Emil.

— Ir à pesca, papá — respondeu Bill. — Sempre gostou de pescar, e algumas das melhores pescarias do mundo estão mesmo aqui.

Emil gostava de pescar e estava cansado de pregar pregos sem luvas, a vinte graus abaixo de zero. Depois de ponderar a questão e de ter várias conversas com Adeline, aceitou a oferta dos filhos.

Com parte da quantia que os rapazes lhe pagaram no primeiro dia da sua reforma, Emil comprou um *Cadillac* dourado, no qual se passeou orgulhosamente por Bozeman e por Gallatin Valley, com canas de pesca na bagageira.

Viveu para ver a Martel Construction prosperar, para testemunhar o nascimento dos filhos dos seus filhos e para ver toda a sua família, incluindo Reinhold e a sua mulher, reunida em sua casa, a rir-se, a contar histórias, a beber o vinho que ele fazia na cave e a saborear os cozinhados de Adeline.

Walter trabalhou com Bill durante quinze anos, até que uma disputa com um sindicato em 1982 teve como desfecho um ataque com coquetéis *Molotov* a um dos atrelados da empresa. Para Walter, traumatizado pelos canhões dos tanques em criança e cansado da luta entre sindicatos e não-sindicalizados, aquilo foi a gota de água. Foi ter com o irmão, disse-lhe que estava farto e pediu-lhe

que comprasse a sua parte. Bill não gostou. Sentiu-se abandonado pelo irmão, mas conseguiu juntar o dinheiro. Durante os três anos seguintes, não houve qualquer contacto entre eles, o que muito incomodou Emil e Adeline, que rezavam para que eles fizessem as pazes.

Em 1985, Emil teve de ser submetido a uma cirurgia de ablação da vesícula biliar, normalmente uma provação de duas horas. Mas os cirurgiões encontraram complicações, em virtude da anterior operação para remover a ténia, e ele quase morreu durante a intervenção. Não obstante, quando Bill e Walter entraram juntos no seu quarto de hospital, logo depois de ele acordar, ele disse a Adeline que fora um dos seus dias mais felizes de sempre.

Em 1987, foi-lhe diagnosticado um cancro do pulmão em fase terminal, o que o fez refletir sobre a sua vida notável. Evidentemente, passara a acreditar que são raros os indivíduos que podem confiar apenas consigo próprios. A dada altura, a maioria das pessoas terá de enfrentar obstáculos ou situações que parecem impossíveis de superar, a menos que tenham a obstinada vontade de sonhar e aprender a humildade, a confiar num poder maior, enquanto fazem por tornar real a sua visão.

Fora-lhe dado a ver que que todas as coisas difíceis que tivera de fazer pareciam tê-lo preparado para a próxima coisa difícil. O encarceramento parecia-lhe agora ter sido uma das melhores coisas que lhe haviam acontecido, porque, depois da sua fuga, nunca mais vira a vida da mesma maneira. Cada momento, cada oportunidade que recebia depois de Poltava era uma dádiva — de Deus, do Todo-Poderoso, do Divino, da Inteligência Universal, ou do que quer que o cabo Gheorghe quisesse chamar-lhe — e ele dava graças por essas dádivas, fazendo por se sentir feliz e animado com praticamente tudo.

Pouco depois, com setenta e cinco anos, Emil morreu, um homem satisfeito e realizado, que vira a sua vida adulta começar sob uma opressão brutal e desenrolar-se em condições de pobreza e de fome, para terminar em liberdade, abençoada por uma abundância que excedia os seus sonhos mais desvairados.



Todas as manhãs, antes e depois da morte de Emil, Adeline levantava-se da cama em Bozeman e ajoelhava-se, agradecendo a Deus a milagrosa boa sorte de ambos. Terminava o seu dia da mesma forma. Pessoas que a conheciam há dé-

cadás diziam que ela era inabalavelmente alegre e grata por todas as bênçãos que recebera na vida.

Também estava decidida a nunca mais passar fome.

Adeline tinha uma grande horta no seu quintal, onde cultivava vegetais, que enlatava para o inverno, e couves enormes que usava para fazer chucrute. Emil construía-lhe uma cave, onde ela enterrava batatas e cebolas no inverno. Adorava a cozinha que os rapazes lhe haviam feito, que se tornou um ponto de encontro para a família e os amigos, onde todos eram bem-vindos e bem alimentados, especialmente os netos, que ela adorava.

Frequentava os serviços religiosos luteranos todos os domingos. Adorava ir arranjar o cabelo e as unhas num salão de estética. E porque nunca tivera uma boneca quando era pequena, Adeline juntou uma grande coleção, que era o seu orgulho.

Walter e a mulher foram à Europa em 1993 e tiveram oportunidade de visitar a irmã mais velha de Adeline, na antiga Alemanha Oriental. Malia vivera uma vida difícil, mas mantinha o seu otimismo divertido e perspectiva particular. Morreu dois anos depois, aos 87 anos, e foi enterrada ao lado da sua mãe, em Falkenberg.

Sensivelmente por aquela altura, Adeline foi entrevistada pelo *Bozeman Daily Chronicle*, por ocasião das comemorações do Quatro de Julho. No artigo, falou do que sofrera e da fome que passara na Ucrânia, das provações da *Longa Marcha*, da separação da família quando Emil fora enviado para Poltava, da fuga dele do comunismo, bem como da fuga dela e dos filhos, e da sua gratidão infinita para com o país que finalmente os acolhera.

— Deus abençoe os Estados Unidos da América — disse Adeline. — Só na América seria possível uma história como a nossa.

De facto, Adeline viveria para ver Bill alcançar o sucesso graças a um pequeno caixote de madeira vazio que ele mantinha junto à porta do seu escritório. O caixote guardara em tempos os últimos pertences dos Martel quando tinham partido para os Estados Unidos. Tal como a pequena carroça das suas recordações, o caixote era para Bill uma advertência constante do quanto a sua família era desesperadamente pobre quando tinham entrado no porto de Nova Iorque, e do quão longe eles tinham chegado desde então.

Ela viu Bill e os seus filhos transformarem a Martel Construction num empreendimento vibrante, com projetos residenciais e comerciais nos Estados Unidos e no estrangeiro. Também viu Bill e os seus netos retribuírem a sua boa

sorte, pagando parcialmente e construindo, entre outras coisas, um acrescento ao Montana State's Bobcat Stadium. Em sinal de agradecimento, a escola deu ao campo de futebol do estádio o nome de «Martel Field», em homenagem a Bill.

Nos seus últimos anos, Adeline tornou-se cada vez mais caseira, embora continuasse a receber os seus amigos e familiares na sua cozinha, onde lhes servia o seu famoso bolo de maçã. Se tivessem sorte, podiam ouvir fragmentos das suas angustiantes aventuras durante o trajeto que a levava ao último vale verde ou um dos seus frequentes comentários sobre a vida.

— Sabes, eu costumava pensar que a vida era uma coisa que me acontecia — disse ela a uma velha amiga, quando estava a começar a definhar. — Mas, agora, sei que a vida aconteceu por mim.

Estavam lá fora no jardim e ela sorria ao vê-lo tão viçoso e cheio de vida.

Retrospectivamente, Adeline dizia ser capaz de ver todo o incrível arco da sua viagem, como tudo o que lhe acontecera a ela e a Emil parecia realmente tê-los preparado para o desafio seguinte e mais difícil, ambos sempre a aprenderem e a adaptarem-se ao longo do caminho.

Mais de cinquenta anos tinham passado desde que ela e os rapazes haviam fugido da zona de ocupação soviética e reencontrado Emil, mas ela ainda se sentia maravilhada com os acontecimentos daquele dia.

— Se aquela velha nos tivesse dado água do seu poço, nunca teríamos sido alertados pelo homem da carroça do leite, para nos escondermos naquele barracão e, provavelmente, teríamos ido direito àquela patrulha soviética — disse ela. — E se não tivéssemos avançado para a fronteira quando o fizemos, tão perto da patrulha que passava com os prisioneiros, os soldados soviéticos na casa da guarda não teriam pensado que tínhamos os documentos em ordem para passar a fronteira e não teriam mandado aquele anjo em forma de homem coberto de lama, para nos ajudar a levar a carroça até à estação de comboios. Os guardas da fronteira ter-nos-iam mandado parar e quem sabe o que teria acontecido?

Depois de se maravilhar com esta história, a amiga pediu-lhe que descrevesse as coisas mais importantes que aprendera ao longo da sua longa e notável vida.

Adeline pensou um pouco antes de responder:

— Não fiques a remoer nas coisas más que te acontecem, querida. Tenta ver a beleza de cada crueldade. Isso liberta-te. Perdoa a mágoa, se quiseres curar um coração partido. Tenta ser grata por cada revés ou tragédia, porque, ao so-

breviver a cada um deles, tornas-te mais forte. Eu vejo a mão de Deus em tudo isso.

»Também vejo a mão Dele em cada passo certo e em cada passo errado que demos na nossa vida, todos eles de alguma forma levando-nos em frente, mas por vezes com voltas e mais voltas, como uma folha que nunca me esqueci de ter visto levada pelo vento no primeiro dia da *Longa Marcha*. Fomos levados como aquela folha, a dançar, a rodopiar e a rolar em direção a esta vida com a qual sonhávamos. E aqui estou eu, tantos anos depois, ainda a viver esse sonho. É mesmo um milagre, não é? E, agora, o único milagre que me resta é morrer e ser levada nos braços de Deus.»

Nove meses depois, a 5 de abril de 2006, cerca de duas semanas antes do seu nonagésimo primeiro aniversário, com Bill e Walter e as respetivas famílias reunidos à sua volta, Adeline Martel morreu como todas as grandes e sábias heroínas acabam por fazê-lo, a sua alma abandonando o corpo com o seu último suspiro, lançada ao vento cósmico, apenas para ser guiada pela graça, um espírito refugiado a voar rumo à salvação, ao seu Senhor e ao seu amado Emil, que esperava por ela num novo e permanente Éden.

Posfácio

Espero que o leitor se tenha sentido tão comovido, inspirado e transformado com a história dos Martel como eu, quando a ouvi pela primeira vez. Trabalhar nesta narrativa ao longo dos últimos dois anos foi uma das grandes honras da minha carreira, e hei de ficar sempre grato a todo o clã Martel por confiar em mim para trazer Emil e Adeline à vida.

Uma pergunta que ouço muitas vezes diz respeito ao quanto dos meus romances de ficção histórica se baseia em factos.

Sem pretender dissecar cada volta e reviravolta do enredo, no caso de *O Último Vale Verde*, posso dizer que Estaline de facto matou à fome mais de quatro milhões de ucranianos durante o Holodomor de 1932--1933. Estaline também prendeu e escravizou milhões de pessoas após a Segunda Guerra Mundial. Seguindo as ordens do ditador soviético, muitos dos alemães étnicos que partiram na *Longa Marcha* acabaram por ser enviados para campos de trabalho na Sibéria. Um número incontável desses prisioneiros nunca voltou.

Os historiadores acreditam que entre vinte e vinte e cinco mil alemães étnicos morreram na *Longa Marcha* entre a Ucrânia e a Hungria, e nos comboios que levaram os refugiados para norte, de Budapeste até Lodz, na Polónia, que ficou conhecida como a Ellis Island do Terceiro Reich.

A SS processou mais de trezentos e cinquenta mil alemães étnicos em Lodz, ao abrigo das leis de pureza e imigração elaboradas por Heinrich Himmler e aplicadas pela sua «Comissão do Reich para o Fortalecimento da Alemanha». A maioria desses refugiados recebeu roupas e casas que haviam pertencido a judeus.

De acordo com o Yad Vashem, o Memorial do Holocausto de Israel, cerca de dezoito mil judeus foram massacrados pelo *Einsatzkommando* 12 do *Einsatzgruppen* D da SS, em campos e ravinas nos arredores da cidade de Dubossary, em meados de setembro de 1941. Alemães étnicos que eram membros do

Selbstschutz, como a personagem de Nikolas, teriam participado nessa atrocidade e em dezenas de outras em toda a Ucrânia, após a invasão alemã.

Mais tarde na sua vida e após a morte de Emil, Adeline contou a uma das suas netas que várias semanas depois de terem regressado a Friedenstal em meados de agosto de 1941, Emil fizera uma viagem com os cavalos e a carroça, para comprar material para o telhado da casa que estava a construir. Segundo ela, Emil voltara dois dias depois do previsto e estava mais abalado do que ela alguma vez o vira, tendo-lhe contado que a SS o obrigara a enterrar judeus, recusando-se a voltar a falar sobre isso. Adeline nunca disse onde Emil fora buscar o material de construção, mas Dubossary era e é a grande cidade mais próxima da aldeia onde viviam.

Emil Haussmann era capitão do *Einsatzkommando* 12 do *Einsatzgruppen* D, por altura do massacre de Dubossary, e serviu sob as ordens do tenente-coronel Gustav Nosske, que mais tarde foi julgado em Nuremberga e preso pelos seus crimes de guerra. Haussmann foi promovido a major da SS, pelos seus esforços nos primeiros dias da *Solução Final* e do chamado *Holocausto por Balas* que teve lugar na Ucrânia e na Transnístria, após a invasão alemã em junho de 1941. Três anos depois, Haussmann fazia parte de uma equipa da SS, que acompanhou e protegeu os sangues puros da *Longa Marcha*. Suicidou-se antes do seu julgamento em Nuremberga.

Nos meses anteriores à invasão alemã da União Soviética, Heinrich Himmler presenciou o fuzilamento de prisioneiros políticos como teste para a implementação da *Solução Final*. Himmler terá ficado tão chocado que vomitou e, mais tarde, emitiu uma ordem para que ninguém fosse morto ou enviado para um campo de concentração, por se recusar a assassinar judeus. Ele queria verdadeiros crentes atrás das armas.

Durante os julgamentos de Nuremberga, vários criminosos de guerra nazis tentaram alegar que haviam sido forçados a participar no Holocausto, que não tinham tido escolha. Como parte dessa defesa, os seus advogados procuraram repetidamente provas de alguém que se tivesse recusado a matar judeus e, como tal, tivesse sido assassinado ou encarcerado durante o reinado de Hitler. Não foram bem-sucedidos.

Os historiadores acreditam que os soldados aliados ocidentais poderão ter violado até oitenta mil mulheres alemãs e alemãs étnicas durante a última parte da guerra e o seu rescaldo imediato. Segundo eles, os soldados soviéticos pode-

rão ter violado mais de um milhão de mulheres alemãs durante o mesmo período.

A partir de 1952, enquanto a Cortina de Ferro se fechava, e como parte de um esforço para impedir que os habitantes da Alemanha Oriental fugissem para o Ocidente, a fronteira em Oebisfelde, onde Adeline fugiu para liberdade, foi reforçada com a inclusão de torres de vigia, vedações, muros, valas antitanque e campos de minas. Após a queda da União Soviética e a reunificação da Alemanha, as fortificações foram demolidas e os campos que ela e os filhos atravessaram tinham sido suficientemente restaurados para que eu pudesse percorrer a pé grande parte do trajeto da fuga de Adeline e dos rapazes, embora o terreno e a vegetação tivessem sem dúvida mudado.



Em meados de maio, Gallatin Valley, no Sudoeste do Montana, é de facto uma paisagem pintada em tons de verde e um dos lugares mais bonitos do mundo. No extremo oriental do vale, onde vivo, é habitual formarem-se arcos-íris duplos e triplos, depois de tempestades de trovões e granizo nessa época do ano.

Bill Martel tem agora oitenta anos, está reformado, viúvo e ainda vive a meio-tempo em Bozeman, onde o conheci em novembro de 2017. Walter Martel tem oitenta e dois anos, também está reformado e ainda é casado. Ele e a mulher mudaram-se mais para oeste, para estarem perto dos seus filhos e netos. Vivem em Hamilton, Montana.

Em agosto de 2018, depois de refazer a maior parte da rota da *Longa Marcha* através da Moldávia, Roménia, Hungria e Polónia, os dois irmãos idosos e eu fomos à Ucrânia, onde fizemos dez horas de carro numa estrada péssima, até chegarmos a Friedenstal/Tryhrady, para visitar as ruínas da sua casa de infância. Ao ver o lugar exato onde a sua fuga para a liberdade começara, os dois homens voltaram atrás no tempo e comoveram-se com a incrível distância que haviam percorrido na sua vida.

Dois dias depois, para lhes poupar uma viagem de treze horas numa estrada ainda pior, fretei um avião para nos levar de Odessa a Poltava, para visitar o local do antigo campo de prisioneiros. Encontrámos a Câmara Municipal onde Emil se alimentara e o hospital que ele ajudara a reconstruir.

O Museu da Tradição Local de Poltava também lá estava, restaurado, mas fechado ao público quando tentámos entrar. Demos uma volta e encontrámos o diretor do museu, Oleksandr Suprunenko, que a princípio se recusou a deixar-nos entrar, em virtude de trabalhos de construção em curso. Então, ficou a saber que Emil fora prisioneiro ali, trabalhara no destacamento dos enterros e vendera lenha às cozinheiras, antes de fugir. O diretor riu-se, disse-nos que a mãe dele era uma dessas cozinheiras e levou-nos numa visita privada pelo museu.

Suprunenko mostrou-nos fotografias de prisioneiros magros e assombrados, a reconstruírem o museu. Levou-nos à cave e disse-nos que, em virtude do número de doenças e mortes, os soviets encerraram o campo de Poltava em meados de 1947, apenas alguns meses após a fuga de Emil. Os poucos sobreviventes foram enviados para outros campos a leste, alguns até para a Sibéria, antes que outros prisioneiros fossem trazidos e instalados noutra localidade para terminar a reconstrução da cidade.

Ao ouvirem aquilo no mesmo espaço onde o seu pai dormira antes e depois das suas viagens diárias com a carreta da morte, Bill e Walter desfizeram-se em lágrimas.

Disseram que Emil raramente falava do campo de prisioneiros, mas que não havia dúvida de que deixara Poltava um homem muito diferente daquele que ali chegara. Antes da sua prisão, Emil fizera poucas coisas dignas de nota, duvidava de Deus e acreditava que a melhor maneira de ele e a sua família sobreviverem aos comunistas e aos nazis passava por contar apenas consigo, passar despercebido e aparentar pouca ambição. Depois de Poltava, todavia, o pai deles tornara-se profundamente espiritual e ousado. Emil parecia ver milagres e oportunidades para onde quer que olhasse e corria riscos enormes, pelos quais seria recompensado durante o resto da sua vida.

— Algo ou alguém mudou o meu pai naquele campo — disse Bill. — O quê? Quem? Como? Não sei. Ele não era de muitas conversas. Mas de certeza que teve aliados no campo de prisioneiros. Um ou dois homens com quem pudesse conversar e em quem confiar. Acho que terá de descobrir uma maneira de explicar isso.

Eu já tinha uma noção do quê, quem e como, porque no mês anterior, em Barlad, na Roménia, entrevistara Gheorghe Voiculescu, de noventa e oito anos, cujas experiências e perspectivas de vida dariam forma às bases da personagem

do cabo Gheorghe. O Sr. Voiculescu era perspicaz, engraçado e, de facto, parecia brilhar e irradiar boa vontade enquanto conversávamos.

Ele lembrava-se claramente de conversar com e de ajudar alemães étnicos na *Longa Marcha* rumo ao Ocidente, na primavera de 1944. Antes disso, Voiculescu combatera em Estalinegrado na brutal batalha do Cotovelo do Don, onde fora ferido por estilhaços de uma bomba de morteiro. Disse-me que acordara da explosão e soubera com uma certeza absoluta que era um homem abençoado, que iria sobreviver à guerra e tornar-se apicultor. Voiculescu atravessou ileso o resto da batalha, com soldados e tanques soviéticos a passarem-lhe ao lado como se não o vissem, quando tantos à sua volta morreram.

No fim da guerra, Voiculescu fugiu de dois campos de prisioneiros soviéticos, antes de ser enviado para um outro de alta segurança no Mar de Azov. Foi libertado após quatro anos de trabalhos forçados. Aquando do seu regresso a Barlad, Voiculescu foi recebido como um herói, por ser um dos poucos sobreviventes do Cotovelo do Don. Em sinal de reconhecimento, foi promovido e aposentou-se do exército romeno com o posto de coronel.

Voiculescu trabalhou durante algum tempo numa fábrica após a sua libertação, mas usou grande parte do dinheiro que ganhou para finalmente realizar o seu sonho de se tornar apicultor, que era uma paixão de toda uma vida. Louvando constantemente as maravilhas do mel, da geleia real e das abelhas, sobreviveu a três mulheres e celebrou o seu centésimo aniversário em abril de 2020.

O verdadeiro cabo Gheorghe foi, sem dúvida, um dos indivíduos mais notáveis e iluminados que tive o privilégio de conhecer.



Duas manhãs depois de visitarmos o campo de prisioneiros e de nos interrogarmos a respeito da transformação de Emil, Walter e eu íamos deixar a Ucrânia, para ir de avião até à Alemanha e Polónia, e seguir a rota de fuga de Adeline, e Bill ia voltar para casa, no Montana.

Durante o pequeno-almoço no aeroporto, antes dos nossos voos, os irmãos Martel disseram-me, independentemente do que realmente tivesse acontecido ao pai em Poltava, eles sentiam que tinham fechado o círculo na sua própria vida, em paz com tudo o que haviam suportado, abençoados por tudo o que lhes fora dado, fascinados com o amor, a coragem e a determinação dos seus pais, e

profunda e infinitamente gratos pela longa e perigosa jornada que tinham feito quando pequenos, quando a sua família arriscara tudo e fugira com os lobos, em busca da liberdade.

Ali sentado com Bill e Walter no aeroporto de Kiev, emocionado e inspirado, e apenas alguns dias antes de começar a escrever a história de Emil e Adeline Martel, rabisquei no meu caderno as palavras que vou usar para concluir a sua história.

«Esta é uma história americana, uma história de imigrantes, uma história espiritual e universal. Que todos nos atrevamos a perseguir sonhos como estes, a experienciar uma tal graça e a viver uma vida tão miraculosa como a deles.»

*Mark Sullivan, Bozeman,
Montana, 21 de julho de 2020*

Fotos

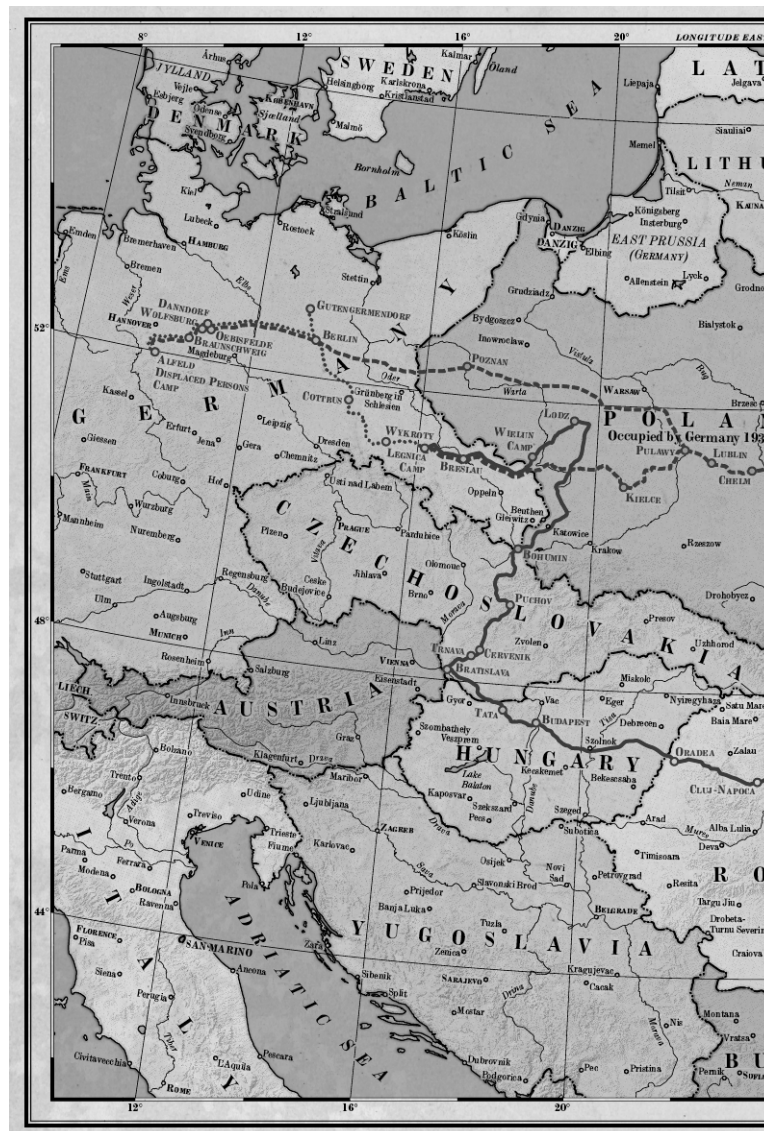


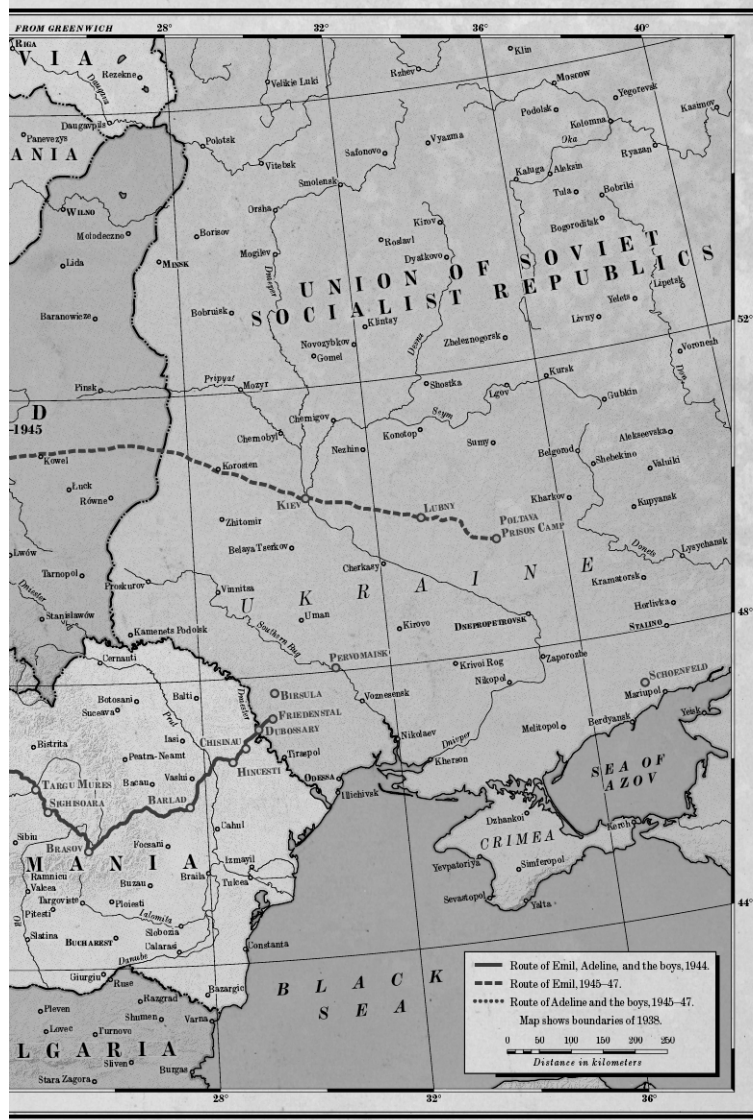
A família Martel, antes da invasão nazi, Pervomaisk, Ucrânia, março de 1941.



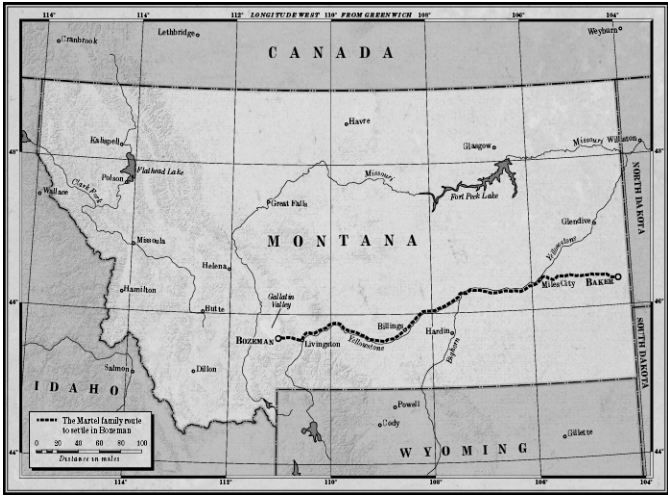
Os Martel, pouco depois do reencontro, Alfeld, Alemanha Ocidental, março de 1947.

Mapa Parcial da Europa





Mapa do Montana



Agradecimentos

Estou imensamente grato a várias pessoas que me ajudaram na pesquisa e na escrita de *O Último Vale Verde*.

Em primeiro lugar nesse grupo, Bill e Walter Martel, e respectivas famílias. Agradeço a todo o clã Martel, pela partilha das suas histórias de Emil e Adeline. Espero ter-lhes feito justiça.

Na Roménia e Moldávia, o meu guia extremamente engenhoso, Florin Burgui, foi capaz de descobrir umas quantas pessoas que sobreviveram ou testemunharam a *Longa Marcha* de refugiados alemães étnicos, na primavera de 1944. Entre essas pessoas, Victoria Chmara, de noventa e um anos; Nicolae Hurezeanu, de noventa e cinco; Ioan Muth, de noventa e cinco; Gheorghe Voiculescu, então com noventa e sete; Valea Uzului, de noventa e quatro; e Victor Caldarrar, de noventa e seis. Obrigado por partilharem as vossas memórias.

Também contei com o auxílio de Flavius Roaita, no Museu Nacional de História Romena, em Bucareste, Ottmar Trasca, do Instituto de História George Baritiu em Cluj-Napoca, na Roménia, e Ramf Dan, um historiador romeno que entrevistou mais de duzentos e cinquenta sobreviventes e testemunhas da retirada alemã da Ucrânia. Os historiadores Corneliu Stoica, Dorin Dobrincu e Lutz Connert ajudaram-me a compreender o apuro das pessoas enviadas para leste pelos soviets depois do fim da Segunda Guerra Mundial e daquelas que nunca mais voltaram.

Na Hungria, a historiadora Eva Kuierung permitiu-me uma perceção da passagem por Budapeste dos alemães étnicos refugiados, no seu trajeto até à Polónia. Na Ucrânia, o Dr. Sergey Yelizarov, especialista em colónias étnicas alemãs, levou-nos ao que restava da colónia de Friedenstal, e a Poltava, onde Oleksandr Suprunenko, do Museu da Tradição Local de Poltava, nos ajudou a entender as condições e os desafios do campo de prisioneiros durante o período em que Emil lá esteve detido.

Red Famine, o livro de Anne Applebaum sobre a fome que Estaline impôs à Ucrânia, deu-me uma boa ideia do que os Martel terão passado antes da guerra. Fui auxiliado na minha compreensão do Holocausto e do domínio soviético e alemão na Ucrânia pelas obras dos historiadores e escritores Wendy Lower, Gail Gligman, Alexander Dallin, Joshua Rubenstein, Ilya Altman, Eric C. Steinhardt, Diana Dumitru, Ray Brandon, Daniel Joseph Goldhagen, Gerald Reitlinger, Sefer Zikaron, Walter Koenig e Avigdor Shachen. Obrigado a todos.

Os escritos do Dr. Alfred de Zayas concederam-me uma compreensão mais profunda da expulsão dos alemães étnicos em toda a Europa Central e Oriental, entre 1944 e 1948. A pesquisa do Dr. Eric J. Schmaltz, da Northwestern Oklahoma State University, deu-me uma percepção da transferência de alemães étnicos para a região de Warthegau na Polónia, levada a cabo pela SS, e do seu doutrinação na Grande Alemanha de Hitler. Agradeço a orientação.

Silvia Lass-Adelmann foi a minha tradutora para a pesquisa nos Arquivos Políticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Alemanha, em Berlim, a respeito da *Longa Marcha*. Também contei com a ajuda de arquivistas do Arquivo Nacional da Roménia, em Bucareste, do Museu do Holocausto dos EUA, em Washington, DC, e do Yad Vashem, o Centro Mundial de Memória do Holocausto, em Jerusalém.

Sou abençoado por ter ido à O&O Academy na Índia, para aprender os princípios da filosofia espiritual da «Unicidade», dos meus incríveis mestres Krishnaji, Preethaji e Kumarji. Todos estes três sábios acabaram por influenciar a minha representação da personagem do soldado Kumar. A minha experiência na O&O também contribuiu para muitas outras partes deste livro e, em última análise, mudou a minha vida para melhor. Bênçãos para todos.

Obrigado aos meus leitores iniciais: Damian Slaterry, Connor Sullivan e Betsy Sullivan.

Sou grato a Danielle Marshall, minha editora na Lake Union Publishing, que acreditou inabalavelmente neste projeto desde o início, e a Mikyla Bruder, editora da Amazon Publishing, que também tem sido uma grande apoiante da história dos Martel. Agradeço também ao editor de desenvolvimento David Downing, à editora de texto Jane Steele e à editora de produção Nicole Burns-Ascue, por tornarem a história mais forte e a prosa mais firme.

Bênçãos também para a minha incrível equipa de publicidade — Ashley Vannicek, da Amazon Publishing, e Dana Kaye, Julia Borcherts e Hailey Dezort, da Kaye Publicity. Agradeço-vos por passarem a palavra!

E uma grande vénia dupla às minhas agentes literárias, Meg Ruley e Rebecca Scherer, pela leitura, releitura e releitura dos vários rascunhos de *O Último Vale Verde*. Os vossos olhos e a vossa sensibilidade fazem de mim um romancista melhor. Agradeço também a Jane Rotrosen, Sabrina Prestia e a todos os outros da Jane Rotrosen Literary Agency, por manterem vivo este meu sonho de escrever.

Contents

1. [Prefácio](#)
2. [primeira parte](#)
 1. [A Longa Marcha](#)
 1. [Capítulo Um](#)
 2. [Capítulo Dois](#)
 3. [Capítulo Três](#)
 4. [Capítulo Quatro](#)
 5. [Capítulo Cinco](#)
 6. [Capítulo Seis](#)
 7. [Capítulo Sete](#)
3. [segunda parte](#)
 1. [Os Sangues Puros](#)
 1. [Capítulo Oito](#)
 2. [Capítulo Nove](#)
 3. [Capítulo Dez](#)
 4. [Capítulo Onze](#)
 5. [Capítulo Doze](#)
 6. [Capítulo Treze](#)
 7. [Capítulo Catorze](#)
 8. [Capítulo Quinze](#)
 9. [Capítulo Dezasseis](#)
 10. [Capítulo Dezassete](#)
4. [terceira parte](#)
 1. [Lançados ao Vento e aos Lobos](#)
 1. [Capítulo Dezoito](#)
 2. [Capítulo Dezanove](#)
 3. [Capítulo Vinte](#)
 4. [Capítulo Vinte e Um](#)
 5. [Capítulo Vinte e Dois](#)
 6. [Capítulo Vinte e Três](#)
 7. [Capítulo Vinte e Quatro](#)
 8. [Capítulo Vinte e Cinco](#)

9. [Capítulo Vinte e Seis](#)
10. [Capítulo Vinte e Sete](#)
5. [quarta parte](#)
 1. [Um Conto De Dois Prisoneiros](#)
 1. [Capítulo Vinte e Oito](#)
 2. [Capítulo Vinte e Nove](#)
 3. [Capítulo Trinta](#)
 4. [Capítulo Trinta e Um](#)
 5. [Capítulo Trinta e Dois](#)
 6. [Capítulo Trinta e Três](#)
 7. [Capítulo Trinta e Quatro](#)
 8. [Capítulo Trinta e Cinco](#)
6. [quinta parte](#)
 1. [O Último Vale Verde](#)
 1. [Capítulo Trinta e Seis](#)
 2. [Capítulo Trinta e Sete](#)
 3. [Capítulo Trinta e Oito](#)
 4. [Capítulo Trinta e Nove](#)
 5. [Capítulo Quarenta](#)
 6. [Capítulo Quarenta e Um](#)
7. [Posfácio](#)
8. [Fotos](#)
9. [Mapa Parcial da Europa](#)
10. [Mapa do Montana](#)
11. [Agradecimentos](#)

Landmarks

1. [Cover](#)